HISTORIA

DA

LITTERATURA

BRASILEIRA

POR

SYLVIO ROMÉRO
da Academia Brasileira

2.ª Edição melhorada pelo auctor

TOMO PRIMEIRO

(1500-1830)

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, Rua do Ouvidor, 71

1902

A' memoria de minha mulher

D. Clarinda Diamantina de Araújo Roméro.

Sylvio Roméro

PROLOGO DA 2.ª EDIÇÃO

O facto de se haver, em poucos annos, esgotado a 1.ª edição d'esta obra é prova de não ter sido ella mal recebida pelo publico brasileiro, principalmente tratando-se de um livro de preço um tanto elevado.

Cumpre-me agradecer aos meus patricios este evidente signal de apreço, senão ao auctor, pelo menos ao seu escripto.

Varias objecções me foram propostas e entre ellas avultaram as seguintes: a indicação do anno de 1500 para abrir o *periodo* que chamei *de formação*, e a falta de capitulos relativos a Macedo, Alencar, Martins Penna, Varnhagen, Pereira da Silva, etc.

A primeira censura rebate-se facilmente, lembrando o que se acha escripto no capitulo 1.º do livro.

A segunda se refuta, ponderando que a obra não sahiu completa na 1.ª edição; pois ahi mesmo se promettia um terceiro volume, que deverá agora apparecer.

Releva, porém, accrescentar, no que diz respeito á questão dos *periodos litterarios* entre nós, que não me seria difficil substituir a divisão proposta no texto pela seguinte : *a*) *Periodo de formação*, de 1592, dacta supposta da 1.ª edição da *Prosopopéa*, de Bento Teixeira Pinto, a 1768, dacta da publicação das *Obras Poeticas*, de Claudio da Costa; *b*) *Periodo de desenvolvimento autonomico*, de 1768 a 1836, dacta da publicação dos *Suspiros Poeticos*, de Magalhães; *c*) de 1836 a 1875, anno do apparecimento dos *Ensaios de Philosophia e Critica*, de Tobias Barretto, sendo este o *Periodo de reacção romantica;* *d*) finalmente, *Periodo de reacção critico-naturalistica*, de 1875 a 1893, dacta dos *Broquéis*, de Cruz e Souza, ou 1900, anno da

publicação do 1.º volume do *Livro do Centenario do Brasil.* Poderia ainda ajuntar que, tanto esta nova divisão e classificação, como a que se lê no livro, não perderiam nada em ser substituidas pela seguinte : 1.º *Periodo classico*, de 1549, dacta da fundação do *Collegio da Bahia*, a 1836 anno dos *Suspiros Poeticos;* 2.º *Periodo Romantico* de 1836 a 1870, anno das primeiras reacções anti-romanticas; 3.º *Periodo das reacções anti-romanticas*, de 1870 a 1900 e annos posteriores, até a formação d'algum movimento nacional novo e original, que venha substituir as escolas actuaes.

Não é tudo; seria ainda possivel simplificar a divisão e dal-a em duas grandes épocas, a saber : 1.º *Periodo puramente classico* de 1592 a 1792, isto é, da *Prosopopéa ás Lyras*, de Gonzaga ; 2.º *Periodo de transformações ulteriores*, desde as *Lyras*, em 1792, quero dizer, desde o *proto-romantismo mineiro*, até hoje, até os *symbolistas.*

São, como se vê, quatro classificações e divisões diversas, o que importa affirmar não fazer o auctor grande cabedal da que propoz no texto do livro e d'estas que ahi ficam.

Na *memoria litteraria do* Livro do Centenario discuti as inventadas por F. Wolf e Fernandes Pinheiro, que se me antolham ainda inferiores ás lembradas por mim.

Outro assumpto. O presente livro sae n'esta edição escoimado de varias imperfeições que o andavam a afeiar na primeira tiragem.

Rio, 20 de julho de 1901.

Sylvio Roméro.

PROLOGO DA 1.ª EDIÇÃO

Este livro é um livro de amor, feito por um homem que sente ha perto de vinte annos sobre o coração o peso do odio que lhe tem sido votado em sua patria...

Não é phantasia; nem o auctor precisa de inventar soffrimentos, que lhe tenham sido infligidos, para passar por martyr. Bem longe d'isto. As calumnias, injurias e descomposturas, que lhe começaram a atirar desde que pela vez primeira, em principios de 1870, na *Crença* do Recife, publicou um artigo de critica, não deixaram mais de o visitar no correr dos muitos mezes e muitos annos, que desde então se têm seguido.

As luctas começadas em Pernambuco foram continuadas no Rio de Janeiro, e ao auctor parece escusado rememorar as violentas polemicas em que se tem achado involvido, pugnas nas quaes se bateu com todo o ardor das convicções arraigadas, recebendo sempre em paga o apôdo aviltante, ou a injustiça apta a lhe negar os titulos e as honras de seu trabalho.

Se o fim dos que escrevem, como pensava o velho Villemain, é agradar, ninguem mais ha falhado a esse fim do que o auctor. Elle tem consciencia de haver desagradado em toda a linha. Entretanto, não quer fazer suppôr que se tem na conta de um innocente, attacado sem motivo; não. A razão da bulha, da gritaria, dos insultos, sabe o auctor que foi elle quem a forneceu.

O arrojo nervoso de seu temperamento manifestou-se sempre em sua critica e a tornou desde o principio capaz de

rudemente chocar os spiritos mais desabusados. Todos os seus artigos, todos o seus livros deram ensejo a queixas e a resentimentos. Não é mister chegar até aos inimigos para o provar; o testemunho dos proprios amigos é sufficientissimo aqui.

Tobias Barretto, que não pécca por moderado, no *Contra a Hypocrisia*, disse que o *critico e o polemista faziam no auctor uma tal alliança que infallivelmente haviam de depennar quem lhe cahisse nas unhas.* Citou então a celebre fabula do individuo que tinha duas apaixonadas, uma que não gostava dos cabellos pretos e a outra que não gostava dos brancos, e pozeram-se a arrancal-os cada uma de seu lado ao amante, reduzindo-o á completa calvicie.

Assim, nos livros do auctor aquillo que o *critico* deixava, o *polemista* ia atirando fóra, sendo o resultado ficarem os pobres auctores completamente despidos...

Araripe Junior, no livro consagrado ao estudo de José de Alencar, falou n'essa *combatividade excessiva do escriptor que o levava a decapitar todos ou quasi todos os auctores que lhe cahiam nas mãos.*

João Ribeiro, na *Epoca*, e Medeiros e Albuquerque, na *Provincia de S. Paulo*, expressaram-se no mesmo sentido.

Araripe referia-se á *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, Tobias dava conta da *Philosophia no Brasil*, apparecida aquella em 1880 e esta em 1878. Taes livros obedeciam á intuição pessimista pelo auctor abraçada desde 1868 e 69 e manifestada na imprensa desde principios de 1870.

Entretanto, os annos se foram passando, a evolução do Brasil foi-se alargando, o Paraguay foi vencido, a escravidão recebeu golpe certeiro que a fez estrebuchar até vir agora morrer, em grande numero as ideias se foram agitando, o auctor em silencio começou a estudar em globo o seu paiz sob diversos aspectos, e comprehendeu que em 1888 devia estar modificado o pessimismo de vinte annos atraz.

Com relação a sua querida patria, o auctor tem passado por tres phases diversas : a primeira foi a do *optimismo* da meninice e da primeira juventude, idade em que toda a gente

lê nos livros das classes a famosa descripção do Brasil em Rocha Pitta e acredita em tudo aquillo como n'uma dogmatica infallivel; a segunda foi a do *pessimismo* radical e intratavel a que deu curso em seus primeiros livros; a terceira é a actual, a da *critica* imparcial, equidistante da paixão pessimista e da paixão optimista, que nos têm feito andar ás tontas.

O livro que se vai ler é a expressão natural e apropriada d'esta ultima phase, que parece ser a da madureza de todo espirito que sinceramente quizer prestar serviços a este paiz.

E esta transformação do dogmatismo pessimistico do auctor para uma intuição critica imparcial, ou que pelo menos lhe parece tal, foi-se operando gradualmente, á medida que avançava no estudo de nossa ethnographia, de nossa historia, de nosso *folk-lore*, de nossa litteratura.

Não, não é mais tempo de dizer que o Brasil e os brasileiros são o primeiro paiz e o primeiro povo do mundo, assombrosas patranhas em que nem mais as crianças acreditam; mas tambem não é mais tempo de declarar que o Brasil e os brasileiros são a vergonha e a lastima do mundo, peccaminoso brado de desalento que nem ao menos encontra mais os escravos para o repetirem...

Mais calma, e mais confiança, meus senhores; é bom adiar as paixões e dar entrada á imparcialidade.

Seguir-se-ha d'ahi que o auctor renega seus livros dos tempos da mocidade, dos saudosos dias em que luctava com toda a energia e toda a indomabilidade da paixão? Absolutamente não.

Esses livros são tambem seus filhos dilectos. Como verdade, como doutrina, como analyse, valem tanto quanto este; como reacção, como ataque, como polemica, valem mais do que este; como experiencia, como imparcialidade, como moderação, é que valem menos do que este.

Não ha motivos, pois, para os renegar. Esta lembrança só poderia occorrer á estravagante estolidez de acanhados espiritos. Minha obra estará em seu remate em contradicção com seu inicio? Necessariamente não; porque seus principios

dirigentes são os mesmos. Sua base philosophica, historica, ethnographica, esthetica e critica é sempre identica.

Deixar no caminho apenas um pouco de rudeza, de tom aggressivo, de violencia no ataque, e senhorar-se de mais serenidade e cordura, só a extravagantes parecerá contradicção.

Nem todos serão, talvez, capazes de chegar a este justo equilibrio. Todo aquele que o fôr, poderá dizer como Victor Hugo, respondendo ao celebre Marquez : « *J'ai grandi!* » Assim tambem responderia o auctor, se tivesse motivos para se gloriar.

Bem longe d'ahi. Sua obra é demasiado modesta em todas as suas phases para lhe fazer voltear a cabeça. Um pouco mais de paixão hontem, um pouco mais de imparcialidade hoje não são phenomenos proprios para exaltar um homem. E' cousa vulgarissima na historia e na litteratura. N'isto não ha merito algum particular e peregrino.

Deixem-se estas ponderações, que ahi ficam para arrolhar a bocca a certa critica escandalosa, e olhe-se para o paiz.

Já não é mais tempo de o representar na figura d'um *caboclinho*, mais ou menos boçal, que se dava por agente de 1822 e suppunha ter aqui supplantado o *reinol*...

O momento é muito mais serio ; no céu despontaram outros astros, nas consciencias outras aspirações, nos peitos outros impetos, nas frontes outras luctas.

O momento politico e social é grave, é gravissimo. Os problemas que nos assediam, a despeito de havermos arredado o trambolho da questão servil, são ainda muito serios, são da indole d'aquelles que decidem do futuro de um povo.

Quando alludo a problemas d'esta natureza, d'esses que assignalam epocas na vida das nações, não me refiro a certas theses de caracter terciario, simplices regulamentações internas, como casamento civil, registro civil, cimiterio secularisado, e quejandas, necessarias por certo ás populações acatholicas do paiz, mas só por si incapazes de constituir um programma de reformador serio.

Nossos problemas capitaes na actualidade se me afiguram

ser alguns reaes, outros levantados pela impaciencia e desorientação dos agitadores da opinião.

Uns e outros na hora actual são : pela face politica — federalismo, republica e organisação municipal ; pela face economica — o velho e temeroso problema da emancipação dos escravos está substituido por tres outros — o aproveitamento da força productora do proletariado, a organisação do trabalho em geral, a boa distribuição da propriedade territorial ; pelo lado social — colonisação estrangeira, grande naturalisação, reforma do ensino theorico e technico.

Todo homem que empunha uma penna no Brasil, deve ter uma vista assentada sobre taes assumptos, se elle não quer faltar aos seus deveres, se não quer embair o povo. Sem a pretenção de doutrinar e disciplinar a opinião, vou expender meu modo de pensar. Rapidamente, sem duvida. O Brasil é um paiz ainda em via de formação; nunca é demais esclarecer o seu futuro.

Foi o que fiz no pleito para a abolição da escravidão em fevereiro de 1881, ao iniciar-se a formidavel campanha, no artigo — *A questão do dia — a emancipação dos escravos*, inserto na *Revista Brasileira.* (1)

No momento em que traço estas linhas trôa por toda a parte o ruido das festas da abolição. A lei foi sanccionada pela Regente ha poucos dias, está-se no periodo dos festejos promovidos pela imprensa da capital.

Um phenomeno singular salienta-se já aos olhos do observador independante : cada um já vae puxando para si as glorias do feito e deixando os outros atirados na sombra...

Singular destino da raça negra no Brasil! Alimentou o branco, deu-lhe dinheiro durante quatro seculos e agora por ultimo dá fama aos gananciosos de nomeada facil, dá gloria aos espertos que não se pejam de declamar! Singular destino em verdade!

Hoje faz até acanhamento andar a gente nas ruas do Rio de Janeiro; a nós os obscuros, acanha-nos por certo hombrear

(1) Reproduzido nos *Ensaios de Critica parlamentar*, sob o titulo — *O Sr. J. Nabuco e a emancipação dos escravos.*

com tantas e tão illustres notabilidades, com essas centenas de herões que a abolição immortalisou!

Ao pobre acanha o fausto, o deslumbramento dos milionarios. E' já tanta gente a reclamar as honras do feito que o auctor permitte ao seu direito ir buscar tambem o seu quinhão.

Antes de traçar o quadro do estado actual de nossos problemas serios, o leitor não levará a mal que se lhe notem as phases diversas do emancipacionismo nacional.

E seja logo o meu primeiro asserto : a raça negra foi liberta, porque merecia sêl-o, e quem a libertou foi principalmente o povo brasileiro. Não foi S. Alteza a Regente, como dizem os monarchistas; não foi o Sr. João Alfredo, como dizem os pretendentes; não foi o Sr. Joaquim Nabuco, como dizem os liberaes; não foi o Sr. José do Patrocinio, como dizem os democratas; não foi o Sr. Dantas, como dizem os despeitados... Não, nada d'isto, a cousa vem um pouco de mais longe.

O feito que se acaba de realisar tem valor aos meus olhos justamente por ser uma obra na qual collaborou toda a nação. E' uma injustiça esquecer os serviços especialmente dos que se não podem mais defender. O emancipacionismo brasileiro tem já os cabellos brancos, vae por trezentos annos de idade.

No primeiro seculo da conquista e da colonisação notam-se já fortes protestos contra a escravidão. Taes protestos, que se referiam exclusivamente á raça indigena, repetiram-se no seculo seguinte ainda tendo por alvo o selvagem tupy. Mas já então a raça negra lavrava o seu primeiro e eloquentissimo brado de libertação. Este protesto foi duplo : de um lado ensinava ao branco a resistir ao hollandez invasor, e de outro lado, n'essa famosa *republica dos Palmares*, mostrava ao branco que seria livre quando definitivamente quizesse.

Estes ultimos factos passaram-se no seculo XVII na antiga capitania de Pernambuco. Então fez-se ouvir o decano dos poetas e abolicionistas brasileiros — Gregorio de Mattos, o grande satyrico. A marcha ascendente do pensamento liber-

tador não ficou ahi; no seculo seguinte os protestos continuaram e com tal insistencia, que tiveram bastante força para mover o animo de bronze de Pombal, que acabou definitivamente com a escravidão india, e bastante intensidade para echoar nos altos sertões mineiros, onde se foram aninhar nos cantos ardentes dos poetas da *Inconfidencia.*

Alvarenga Peixoto intentara empregar na revolução

« Os fortes braços feitos ao trabalho »

e esses braços eram os braços dos escravos, que seriam libertados pela nova republica.

No seculo XIX não houve um só decennio em que a emancipação dos captivos se não impozese como o maior dos problemas, a maxima aspiração do povo.

Falem os factos.

Em 1817 a revolução republicana de Pernambuco hasteava bem alto a grande ideia.

Em 1823 Bonifacio de Andrada agitava-a na *Constituinte.* Por esse mesmo tempo Antonio Ferreira França apresentava radical projecto a respeito.

Em 1826 o governo imperial compromettia-se a reprimir o trafico.

Em 1831 Diogo Feijó supprimia-o de uma vez na legislação e Odorico Mendes batia-se pela libertação. O mesmo fazia o velho Rebouças.

Em 1835, a revolução rio-grandesse inscrevia em sua bandeira a reforma salutar.

Os patriotas de 1848 alentavam iguaes designios.

Em 1850 Euzebio de Queiroz varria completamente dos mares os navios negreiros.

No decennio que se abre então a ideia avoluma-se e alastra o paiz inteiro. Fundam-se sociedades libertadoras, crêa-se o costume de festejar as grandes datas nacionaes e familiares alforriando escravos. A propaganda doutrinaria espadana por todos os lados.

E' quando apparecem as obras juridicas de Perdigão Malheiro e Teixeira de Freitas com intuitos abolicionistas.

E' quando o jornalista Alves Branco Muniz Barretto se agita. Em 1861 Tavares Bastos dá rebate desusado ao secular problema entre os liberaes. Rangel Pestana e Americo de Campos seguem-no de perto.

Mas o espirito pratico, o vidente, aquelle que teve a intuição prompta e real da questão foi Luiz Gama.

Desde 1863 ou 64 ou rumores das sociedades emancipadoras da Europa chegaram até aos ouvidos do imperador. E' o momento da intervenção do monarcha no pleito. Elle indica o asumpto ao estudo de S. Vicente e á apreciação politica de Zacarias de Góes.

Era o tempo da guerra com o Paraguay; a ebulição de todas as ideias era geral; a questão da emancipação dos captivos, posta no dominio de todos pelos publicistas, penetra nos corações pela acção dos poetas. Castro Alves dá então a nota geral. A victoria não podia estar longe; ella se avisinhava em verdade.

Em 1871 morria o poeta bahiano em julho, e de setembro em diante ninguem mais nascia escravo. Devia-se tão esplendido resultado, a quem? A todo o trabalho, a todo esforço accumulado da propaganda.

Rio Branco e seus companheiros, e o imperador que se poz ao lado d'elles, foram apenas os executores da vontade da maioria da nação. Ahi findou a acção governamental.

Mas já antes em 1866, a Ordem Benedictina libertára o ventre de suas escravas e em 1871 libertou todos os seus captivos.

Já antes a poesia se havia votado ao assumpto, e seria quasi impossivel enumerar os poetas que tiveram um brado de alento para os miseros captivos.

E' bastante lembrar os nomes de Trajano Galvão, Macedo Soares, Pedro de Calazans, José Bonifacio, Bittencourt Sampaio, Joaquim Serra, antes de Castro Alves, e os nomes de Elzeario Pinto, Celso de Magalhães, José Jorge e Mello Moraes Filho ao lado d'elle.

Já nem é preciso falar nos poetas recentes, todos abolicionistas.

O governo em 1871 tinha dado tudo por concluido; fazendo pacto com a morte, confiou-lhe o cuidado do futuro.

A nação é que não entendeu assim. Ao passo que a Lei de 28 de Setembro tinha toda a confiança na sua alliada, esperando que ella enchesse os tumulos de captivos, em compensação aos berços que se enchiam de livres, o povo comprehendeu que a morte é muito má companheira para o que quer que seja e mais ainda para resolver as questões sociaes.

O frenesi das libertações por impulso particular tomou proporções colossaes. Quasi não havia um só dia em que se não consignassem emancipações em qualquer numero. Era o festejo predilecto das familias brasileiras.

Assim correram as coisas até 1880. N'este intervallo os combatentes, os propagandistas da imprensa e da litteratura fizeram-se ouvir sempre mais ou menos intensamente. E' o tempo do moço Ferreira de Menezes e dos velhos Beaurepaire Rohan e José Maria do Amaral.

De 1880 em diante a montanha começou a baquear de uma vez, e o que fez rolar a primeira pedra do geral desmoronamento foi o Sr. Joaquim Nabuco, apresentando n'aquelle anno o seu projecto de um praso de dez annos para a extincção completa do captiveiro. Do parlamento passou logo a pugna para a imprensa; foram se formando as sociedades abolicionistas.

Os Srs. Vicente de Souza, João Clapp, José do Patrocinio, André Rebouças, Ennes de Souza e Nicolau Moreira tomaram a frente da propaganda intranzigente. Degladiavam-se tres partidos, ou antes tres soluções diversas : o *statu-quo*, patrocinado pelos Srs. Paulino de Souza e Andrade Figueira; a ideia de *um praso*, defendida pelo Sr. Joaquim Nabuco; a abolição immediata, sonho do Sr. José do Patrocinio e de seus amigos.

A discussão tomou desde o principio caracter incandescente.

Foi então que appareci e procurei encaminhar scientificamente o debate.

O artigo da *Revista Brasileira*, transcripto em todo imperio,

appareceu em fevereiro de 1881. Tive a inaudita ousadia de taxar de erroneas, atrazadas e perniciosas as tres soluções e a audacia ainda maior de apresentar uma quarta...

Ao *statu quo* mostrei o seu acanhamento, a sua inepcia diante do movimento economico e democratico do paiz.

A' solução por um *praso*, mostrei com a historia a sua inefficacia, a desorganisação que traria ao trabalho, a perturbação, o sobresalto perenne, que se lhe seguiriam.

A' abolição *immediata* mostrei o absurdo de querer de um jacto, repentinamente, retirar de um paiz a sua força productora, e a leviandade de querer brincar com os phenomenos economicos e sociaes, pretendendo *resolvel-os com musica*. Referia-me ás conferenciaes e *matinées*.

E' inenarravel a barulhada que levantou o meu escripto. Na imprensa e nas conferencias foi d'então em diante artigo obrigatorio atacar-me. Orador que o não fazia não merecia applausos.

Entretanto, durante oito annos nenhuma das tres soluções foi posta em execução. Nem o *statu quo*, nem o *praso*, nem o *immediatismo* serviram para nada.

A solução que preguei, a que dei o nome de *emancipação autonomica e popular*, foi a unica que se poz em pratica. Nada de deixar dependendo do governo geral uma questão de caracter social e economico, disse eu. E acrescentava que o individuo, a familia, o municipio, a provincia fossem libertando os seus escravos, os nossos *irmãos* de côr, ao que eram impellidos, alem de motivos moraes, pelo facto do escravo começar já então a ser um trambolho, uma desvantagem diante do trabalho livre.

Apesar de não terem sido estas ideias declamadas da tribuna das conferencias ou da Camara dos deputados, constituiram a solução que praticamente foi posta em execução pelos heroes populares da abolição no Ceará, Amazonas, Rio Grande do Sul, São Paulo, Bahia, Paraná, Pernambuco, Minas e Rio de Janeiro, durante oito annos. Foi a solução posta em pratica pelos homens do povo, os fautores mais valentes, os obreiros mais meritorios do abolicionismo, Nas-

cimento, João Cordeiro, João Ramos, Antonio Bento, Carlos de Lacerda e vinte outros.

E' de justiça dizer que sua acção era estimulada, encorajada pela voz de parlamentares como Amaro Bezerra, Antonio Pinto, José Marianno, Ruy Barboza e Frederico Borges, este ultimo um dos motores da libertação do Ceará.

Tal systema era só por si mais que sufficiente para concluir a obra encetada.

Não chegou mais depressa ao seu ultimo resultado por causa da reacção promovida pelo governo *soi-disant* liberal dos Lafayettes, dos Martinhos Campos, dos Saraivas e pela fraqueza inqualificavel do gabinete Dantas, que não soube fazer uma eleição e crear uma maioria.

A verdade, porém, é que na lucta pela abolição dos escravos, a acção governamental acompanhou mais ou menos a acção popular com medidas secundarias até 1871, e de então em diante recuou sempre, deixando o campo á iniciativa publica.

E a maior prova é que, se os recem-chegados do gabinete actual demorassem mais tres ou quatro mezes a apresentação de seu projecto, não encontrariam mais a quem libertar!... A abolição *progressiva*, *espontanea*, *popular* teria chegado ao ultimo representante da escravidão, o meu systema teria vencido em toda a parte.

Nem era uma novidade inaudita a solução apresentada; era apenas a illação logica do concurso das diversas raças no espectaculo de nossa historia, problema peculiar de ethnographia brasilica, base de todos os meus trabalhos de critica litteraria. Insisti n'isto desde 1870 e o fiz especialmente nos *Estudos sobre a poesia e os contos populares do Brasil.*

Após estas palavras em esclarecimento de factos proximos e em homenagem á abolição, que, seja dito em preito á verdade, pelo modo como aqui se fez, é um facto notavel, mas não é unico em seu genero, porque já antes de nós o tinham praticado diversos estados d'America, volverei vistas rapidas sobre as novas questões que vão provavelmente ser agora agitadas.

A questão da fórma de governo, em sentido de tornal-a

republícana, é de antiga dacta; vae tomar porém novo incremento com a excitação geral dos espiritos. Acho-a razoavel e acertada, impondo-lhe apenas uma condíção: não sonhemos a republica de pura fórma com suas manias igualitarias pelo modelo francez. Luctemos pela republica que funde a liberdade e o desenvolvimento cultural da nação.

A este problema prende-se muito de perto o da federação, que alguns intentam erroneamente fazer desde já com a monarchia. Creio que mais cedo ou mais tarde este anhelo politico será levado a effeito, porque elle tem alastrado amplamente partido liberal e republicano.

E' asumpto muito serio, e, pelo que toca ao futuro do povo brasileiro, bem mais consideravel do que a propria emancipação da escravatura.

Opponho-me a elle, como patriota e nacionalista.

Refiro-me á ideia de uma federação brasileira pelo modo porque a vão sonhando os exaltados do momento.

Sou sectario da republica *unitaria*, livre, autonoma, compativel com a boa e vasta descentralisação administrativa e economica e compativel tambem com a unidade politica, espiritual e ethnica do paiz.

Passar da monarchia centralisadora, dadas as condições do meio e do espirito nacional, para a federação pelo modelo norte-americano, é desconhecer o caracter dos povos ibero-latinos; é estimular o separatismo, que já vae lavrando assombroso; é caminhar para o desmembramento da patria brasileira.

Não nos illudamos com phrases e com rotulos: se fizerem uma federação *in nomine* capaz de garantir plenamente a unidade nacional, ficaremos em essencia com a republica unitaria.

Republica federal que garanta a *unidade*, ou republica unitaria, que garanta a *liberdade*, vem a sêr uma e a mesma cousa.

Mas ahi é que vai o perigo. A pretesto de reformas impensadas, não venhamos a desmantelar *a famosa peça de architectura politica* de que falava o velho Andrada e que elle ajudou a levantar.

E' mistér que a monarchia, emquanto viver, entre no caminho das reformas, e conceda mais franquias ás provincias.

A republica quando vier, e deve procurar vir quanto antes, fortaleça essas franquias; mas, só pelo culto da phrase, pela mania de macaquear os norte-americanos, não cheguemos a dissolver o Estado brasileiro, que só unido poderá valer alguma cousa.

Não nos embriaguemos com a victoria da emancipacão e não venhamos a perder a cabeça, pondo em pratica ideias e reformas imcompativeis com a nossa indole nacional.

A centralisação exaggerada e o federalismo exaggerado são ambos absolutamente maleficos para nós.

A ideia de federação assenta em dois falsos presuppostos : a crença erronea de nos convir o que convem aos anglo-americanos e a falsa theoria de suppôr que para lá nos levam as lições da historia.

Esta ultima deve sobretudo ser estirpada; porque o seu inverso é a verdade.

Desde os meiados e fins da idade media outra não tem sido a marcha, o rythmo do movimento nacional na Europa.

Sempre a força biologica na historia, isto é, a acção ethnica, representada pelo sangue e pela lingua, foi-se tornando o centro de attracção constituidor dos grandes fócos nacionaes. Assim foi por toda a parte.

Os antigos reinos e estados ibericos se transformaram na Hespanha; os antigos condados e reinos que occupavam o velho solo da Gallia produziram a França; a antiga heptarchia anglo-saxonica produziu a Inglaterra; as provincias unidas produziram a Hollanda. Esta força de integração ethnica foi sempre produzindo a sua acção, dissolvendo uns estados e fundando outros.

Em o seculo XIX deram-se tres exemplos inilludiveis do facto: a unidade dos povos allemães, a unidade da Italia, a quasi completa desaggregação da Turquia. Alli é a unidade de raça a força attractiva; aqui é ainda o factor ethnico que aggremia as populações slavas e as habilita a sacudirem o jugo turco.

São as lições da historica.

O Brasil possúe uma certa unidade ethnica que lhe tem

garantido a existencia até hoje. Mas esta unidade não deve ser perturbada com a ingestão systematica de elementos estrangeiros em privilegiada zona do paiz, nem deve ser posta em prova com um projecto perigoso de federação.

A sábia descentralisação republicana é sufficiente para garantir-nos a liberdade na unidade.

Este assumpto pediria um grande desenvolvimento; não é aqui o lugar proprio. (1) Vamos a outros.

A organisação municipal não é cousa que se decrete em quatro palavras, que tragam a mudança radical de nosso deploravel estado por esta face. Será antes necessario educar, disciplinar este povo para o *self government*.

Ao observador competente não escaparão a pouca aptidão e o nenhum gosto de nosso povo para a gestão directa e habil de seus negocios. Tal o motivo capital da pasmosa decadencia de todas as intituições populares, que foram transplantadas para o Brasil, onde ainda não se acclimaram, como sejam o *jury*, o *systema representativo*, as *camaras municipaes*, as *assembléas provinciaes*. E é a um povo assim psychologicamente organisado que se vae impôr o regimen dissolvente da federação?

Da boa harmonia das liberdades provincianas e da forte acção do governo republicano central é que dependerá o futuro politico do Brasil, repita-se á saciedade. E' preciso, pois, antes de tudo que governos, partidos, publicistas, escriptores, todos emfim que têm uma acção qualquer sobre o povo, o vão habilitando para dotar-se de uma boa organisação municipal.

Depois dos assumptos politicos seguem os sociaes, e entre estes avulta o da immigração e colonisação estrangeira, que, a meu ver, é mais um temeroso problema social do que economico.

Sobre elle acha-se n'este livro a minha opinião. Quero em primeiro logar que se aproveitem os elementos nacionaes.

Existem ahi milhares e milhares de patricios nossos que

(1) Mais tarde transigi com a federação, porem uma federação restricta com o parlamentarismo. Vide, *Parlementarismo e Présidencialismo na Republica do Brasil*.

devem ter a preferencia nos favores do governo para a colonisação. E' um meio de fixar e garantir o immenso proletariado brasileiro.

Quanto aos estrangeiros, deve-se fazer com elles o que intitulei a *colonisação integral*, isto é, que se vão espalhando por todo o paiz, especialmente o norte e o grande oeste. Nada de agglomeral-os ás dezenas e centenas de milhares de uma só raça nas quatro provincias do sul.

E porque não quererão elles occupar o resto do paiz? O plano é o mais liberal possivel: em vez de tres ou quatro provincias, damos-lhes vinte. O Brasil todo ahi está; espalhem-se, tenham o mesmo trabalho que tiveram outr'ora os portuguezes. Espalhem-se e misturem-se ás populações nacioanes. Não vejo motivos para não aceitarem este systema. Nada de privilegio de zonas; o clima do paiz é todo apto á colonisação.

A grande naturalisação se me antolha medida precipitada por emquanto n'um paiz, como o Brasil, sem um povo radical e valentemente constituido e organisado para luctar com as influencias estranhas. Isto virá mais tarde. Fortaleça-se primeiro a nação; não queiramos praticar n'um dia o que as nações européas levaram seculos a fazer.

A reforma do ensino a que me refiro é a da adopção do ideialismo que tem predominado no ensino de todos os gráos n'Allemanha, que estimula em subida escala as faculdades elevadas e inventivas, e, longe de ser um obstaculo para a pratica e á technica, bem pelo contrario as desenvolve grandemente. E' justamente o contrario do ensino rasteiro, materialisado e pretendidamente pratico, o qual atrophia a inventiva, a imaginação, e abaixa muito o nivel intellectual.

Pela face economica o estimulo principal será atirar fóra os velhos processos financeiros e abrir novas fontes de renda. Isto pertense aos governos e aos particulares.

O problema do aproveitamento do proletariado ex-escravo e do que já d'antes existia será, ao menos em parte, solvido n'um vasto systema de colonisação nacional.

Os colonos nacionaes deveriam systematicamente, se isso

fosse possivel, acompanhar de perto as levas de colonos estrangeiros para dois fins principaes : aprenderem com elles os novos methodos e as novas ideias de trabalho e mais facilmente cruzarem com elles para assimilal-os.

Sobre a organisação do trabalho, que inseri entre os desideratos nacionaes, aviso nitidamente que a não considero á maneira dos socialistas europeus. Nada. Refiro-me á exploração de novas industrias, ao ensaiamento de novos methodos nas antigas, tudo no sentido de dotarmo-nos de verdadeira autonomia economica.

A divisão progressiva das terras tem duas faces principaes: a das nacionaes e a das particulares. N'aquellas o governo fará bem em distribuil-as aos colonos, dando sempre a preferencia aos nossos patricios ; porque este é o direito d'elles. Nas outras, isto é, a reducção dos latifundios, não é cousa que se decrete ; irá se fazendo por si progressivamente. Pode ser auxiliada por medidas indirectas.

Taes as linhas capitaes da actualidade politica do paiz, tanto quanto a tenho podido comprenhender, tal a summa das ideias que, por este lado, tenho espalhado em todos os meus livros.

A critica acerba a elles feita, o esquecimento systematico a elles votado, a conspiração do silencio com que pretendem suffocal-os, dão-me o direito de relembrar meus trabalhos e apresentar meus titulos. E' o que vou agora fazer. Elles são pequenos, são talvez insignificantes ; mas gastaram-me forças e impossibilitaram-me para outra qualquer carreira. O leitor me perdoará, pois, este desabafo.

Minha critica não tem sido tão dissolvente, como aos inimigos aprouve assoalhar. Inspirei-me sempre no ideial de um Brasil autonomo, independente na politica e mais ainda na litteratura. D'esse pensamento inicial decorreram todas as minhas investidas no dominio das letras.

Primeiramente, para firmar-me bem no terreno, tratei de circunscrever e limitar o circulo de minha acção : un pouco de poesia apenas e o resto critica.

Em poesia, iniciei a reacção contra o romantismo em 1870, pregando a intuição nova de uma poesia alimentada do espi-

rito philosophico dos nossos dias. Minha obra em totalidade deveria constar de cantos inspirados pela *Natureza, Humanidade, America*, e *Sergipe.*

A *Natureza* e a *Humanidade* representariam o lyrismo em sentido geral; a *America* e *Sergipe* o lyrismo local, indigena, brasiliano. Tudo isto acha-se esboçado nos *Cantos do Fim do Seculo* e nos *Ultimos Arpejos*, livros não comprehendidos pela ignorancia da critica indigena, que um dia lhes fará justiça.

Em critica appliquei-me apenas á philosophia, á ethnographia, á politica e á litteratura propriamente dicta, tudo isto sob o ponto de vista de applicações ao Brasil.

A parte philosophica acha-se, por emquanto, principalmente na *Philosophia no Brasil*, onde analysei tudo o que no genero se havia escripto até 1876 entre nós. Defendi ahi as ideias do criticismo naturalista anglo-germanico, tanto quanto o comprehendi dentro do plano de minha competencia.

A parte ethnographica está nos *Estudos sobre a poesia e os cantos populares do Brasil* e mais especialmente nas criticas aos trabalhos dos Srs. Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Ladislau Netto e Theophilo Braga. De Couto de Magalhães bati o *aryanismo* de algumas populações americanas; de Barbosa Rodriguez refutei o *asiatismo turquestanico*, que se pretendia firmar nas decantadas *pedras verdes (muyrakitans)*; de Ladislau Netto o *mongolismo* e quejandas patranhas oriundas da audacia e da ignorancia; de Theophilo Braga a mania do *turanismo.*

Na politica em os *Ensaios de Critica Parlamentar* insisti nos vicios do parlementarismo, indicando a incompetencia da maioria dos nossos homens de governo, que não estudam as condições reaes do paiz e vivem a impingir-nos macaqueações impensadas.

A parte litteraria occupa o restante, que é a maior parte de minha obra. A *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, os *Estudos de Litteratura Comtemporanea*, esta *Historia da Litteratura* e outros escriptos *aliunde* esparsos representam-me as ideias, os intuitos por este lado.

A applicação ao Brasil é a preoccupação constante; as

considerações ethnographicas, a theoria do *mestiçamento*, já physico, já moral, servem de esteios geraes; o evolucionismo philosophico é a base fundamental.

Meu pensar sobre a evolução geral da historia está no artigo — *Interpretação philosophica dos factos historicos;* a opinão sobre a intuição da arte e da litteratura em geral no estudo intitulado *Sobre Emilio Zola.*

São estas as linhas directoras de minha acção na litteratura do paiz. Se me faltou o talento, resta-me em todo caso, a face moral da empreza ; a verdade e o patriotismo foram os meus guias.

Tal o sentido de certos ataques a influencias estrangeiras, que desejaria vêr annuladas de todo. Independencia litteraria, independencia scientifica, reforço da independencia politica do Brasil, eis o sonho de minha vida. Sejam elles a triplice empreza do futuro.

Tenhamos confiança !

Rio de Janeiro 18 e 19 de maio de 1888.

SYLVIO ROMÉRO.

HISTORIA
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

LIVRO I

FACTORES DA LITTERATURA BRASILEIRA

CAPITULO I

Trabalhos estrangeiros e nacionaes sobre a litteratura brasileira. Divisão d'esta. Espirito geral deste livro.

As patrias letras, entre outras muitas lacunas, mostram bem claramente a grande falha causada pela ausencia de trabalhos historicos. Se não existe uma historia universal escripta por um brasileiro, se a nossa propria historia politica, social e economica tem sido apenas esboçada e foi mister que estrangeiros nol-a ensinassem a escrever; no terreno da litteratura propriamente dita a pobreza nacional ostenta-se ainda maior.

O livro de Ferdinand Wolf, *Le Brésil littéraire* (1863), tem sido, e continúa a ser com razão, o oraculo de todos na materia; porque é unico em seu genero. O escriptor austriaco foi o primeiro a fazer um quadro mais ou menos inteiro de nossa litteratura, quadro pallido e incorrecto, é certo,

mas que se impõe, por estar no singular. E já lá vão bastantes annos que o livro foi publicado, e até bem pouco era o compendio official de nossos cursos!

Antes de Ferdinand Wolf ainda a estrangeiros coube a tarefa de traçar as primeiras noticias de nossas letras.

Bouterwek, na *Historia da litteratura portugueza* (1804), Sismondi, nas *Litteraturas do Meio-Dia da Europa* (1819), e Ferdinand Denis, no *Resumo da historia da litteratura de Portugal* (1825), foram os primeiros que falaram de nossos poetas e escriptores. (1)

Não é para sorprender, porque todos sabemos que foram elles os organizadores da historia da litteratura portugueza, da qual a nossa era considerada um appendice. Depois é que Almeida Garrett escreveu o seu *Bosquejo da historia da poesia e da lingua portugueza* (1826). (2)

A indigencia brasileira não é, pois, mais do que um prolongamento do velho pauperismo lusitano.

Os escriptores portuguezes deste seculo, Costa e Silva, Lopes de Mendonça, Innocencio da Silva, Latino Coelho, Luciano Cordeiro, Theophilo Braga, Camillo Castello Branco e outros, nos seus trabalhos sobre a litteratura de sua patria, são portadores de algumas noticias de nossa vida intellectual, tudo ainda como um accessorio do pensamento da antiga metropole.

A autores nacionaes só devemos alguns pequenos ensaios, parcas monographias, noções destacadas de uma ou outra época de nossa litteratura, ou analyse por acaso de algum escriptor predilecto.

Os principaes d'entre elles vêm a ser: Januario da Cunha Barboza — *Parnaso brasileiro* (1831); Abreu e Lima — *Bosquejo historico, politico e litterario do Brasil* (1835); Domingos de Magalhães — *Discurso sobre a historia da litteratura do Brasil* (1836); Noberto e Silva — *Bosquejo da historia da litteratura brasileira*, nas *Modulações poeticas* (1841) e mais

(1) Domingos de Magalhães, — *Opusculos historicos e litterarios*, pag. 245.

(2) Theoph. Braga, — *Manual da historia da litteratura portugueza*, pag. 453. Antes de Garrett, Barboza Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, trouxe algumas noticias de auctores brasileiros.

tarde alguns estudos na *Minerva Brasiliense* (1843), na *Revista Popular* (1861), e na *Brasilia bibliotheca de autores nacionaes* (1863); Pereira da Silva — *Parnaso brasileiro* (1843) e *Plutarco brasileiro* (1847), transformados depois em *Varões illustres do Brasil nos tempos coloniaes* (1858); Varnhagen — *Florilegio da poesia brasileira* (1851 e 53); Fernandes Pinheiro — *Discurso sobre a poesia em geral e em particular no Brasil*, na traducção de Job por Eloy Ottoni (1852), e tambem no *Curso elementar de litteratura nacional* (1862), e no *Resumo de historia litteraria* (1872); Antonio Joaquim de Mello — *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco* (1858); Sotero dos Reis — *Curso de litteratura portugueza e brasileira* (1866); Antonio Henriques Leal — *Pantheon maranhense* (1873); Joaquim Manoel de Macedo — *Anno biographico brasileiro* (1876); José Antonio de Freitas — *O Lyrismo brasileiro* (1877); J. S. — *Manual de litteratura ou estudos sobre a litteratura dos principaes povos da America e Europa* (1878); Lery dos Santos — *Pantheon fluminense* (1880); Sacramento Blake — *Diccionario bibliografico brasileiro* (1883); Ignotus — *Sessenta annos de jornalismo* (1883); Mello Moraes Filho — *Curso de litteratura nacional* (1881) e *Parnaso brasileiro* (1885); F. A. Pereira da Costa — *Diccionario biographico de pernambucanos celebres* (1882). — Contém tambem noticias litterarias — a *Revista do Instituto Historico*, os *Annaes da Bibliotheca Nacional*, os *Archivos do Muzêo Nacional* e as *Ephemerides nacionaes*, do Dr. Teixeira de Mello (1881). Juntem-se a tudo isto escriptos diversos de José de Alencar, Quintino Bocayuva, Machado de Assis, Franklin Tavora, Araripe Junior, Macedo Soares, Eunapio Deiró, José Verissimo, Clovis Bevilaqua, Arthur Orlando, Oliveira Lima, Livio de Castro, Medeiros e Albuquerque, Viveiros de Castro, Augusto Franco e outros.

O livro de Ferdinand Wolf, feito ás pressas, não tem vistas theoricas; é um producto artificial e diplomatico. O tom geral é dythirambico, e, entre outros, os exageros sobre o merecimento de seu principal inspirador, Gonçalves de Magalhães, provocam hoje o riso. As obras de Bouterwek, Sis

mondi, Ferdinand Denis e Garrett, escriptas especialmente sobre a litteratura portugueza, são muito lacunosas no que respeita ao Brasil.

Os escriptores portuguezes, atraz citados, acham-se no mesmissimo caso, e os brasileiros, comquanto mais conhecedores do assumpto, só quizeram escrever quadros isolados e só trataram de alguns typos destacados. E' inutil analysal-os agora; seus méritos e defeitos serão estudados no correr deste trabalho.

Exporei desde logo o espirito geral deste livro. Emprehendo declaro-o de principio, a historia litteraria nacional com uma ideia ministrada por estudos anteriores. Pode ser um mal; mas é necessario; são precisos tentamens destes para explicar o espectaculo da vida brasileira.

A historia do Brasil, como deve hoje ser comprenhendida, não é, conforme se julgava antigamente e era repetido pelos enthusiastas lusos, a historia exclusiva dos portuguezes na America. Não é tambem, como quiz de passagem suppôr o romanticismo, a historia dos tupis, ou, segundo o sonho de alguns representantes do africanismo entre nós, a dos negros em o Novo Mundo.

E' antes a historia da formação de um typo novo pela acção de cinco factores, formação sextiaria em que predomina a mestiçagem. Todo brasileiro é um mestiço, quando não no sangue, nas idéas. Os operarios deste facto inicial têm sido: o portuguez, o negro, o indio, o meio physico e a imitação estrangeira.

Tudo quanto ha contribuido para a differenciação nacional, deve ser estudado, e a medida do merito dos escriptores é este criterio novo.

Tanto mais um autor ou um politico tenha trabalhado para a determinação de nosso caracter nacional, quanto maior é o seu merecimento. Quem tiver sido um mero imitador portuguez, não teve acção, foi um typo negativo.

Faltam os elementos para fazer um quadro vivaz e palpitante da vida intima dos autores brasileiros. Os tempos passados são como mortos; falta a nota viva. O habito das *memo-*

rias e *correspondencias* não tem sido até hoje seguido no Brasil. Dahi uma lacuna. « Ha dois modos, disse muito bem Edmond Scherer, de escrever a historia litteraria : póde-se pender para as considerações geraes, referir os effeitos ás suas causas, distinguir, classificar. Mas póde-se tambem tomar por alvo reviver este mundo de poetas e escriptores do meio que tão grandes cousas produziu, procurar sorprender estes homens em sua vida de todo o dia, desenhar-lhes a physionomia, recolher as picantes anecdotas a seu respeito, e é forçoso declarar que esta segunda maneira de escrever a historia litteraria encerra muito attractivo. E' talvez mais realmente instructiva do que a primeira. Esta faz comprehender o encadeamento dos *factos*, a segunda faz conhecer os *homens*. E o que ha no mundo que nos interesse mais do que nossos caros similhantes, e entre estes mais do que aquelles cujas obras nos encantam ainda, passados duzentos ou trezentos annos? Quanto a mim, daria todas as philosophias da arte e da historia por simples bagatellas e pilherias litterarias ou anecdoticas, por um volume de Boswell ou de Saint-Simon. » (1)

Tudo isto é certo e eu daria tambem por uma historia *à la Saint-Simon* da litteratura brasileira quantos volumes pudesse escrever de vistas geraes sobre ella. Ha, porém, uma circumstancia que me vem justificar na escolha que faço do primeiro dos dois methodos descriptos por Scherer, e vem a ser : não existem documentos para se fazer a historia intima, pinturesca, viva e anecdotica dos escriptores do Brasil.

Accresce tambem que o encanto que se encontra neste ultimo genero de historia litteraria, proveniente de um conhecimento mais familiar do viver dos homens, não consiste especialmente no desvendamento de um ou outro segredo, na pratica de uma ou outra singularidade, na convivencia de uma outra anecdota. Tudo seria esteril, se não deixasse ao leitor meios de elevar-se a vistas mais amplas e concernentes á humanidade em geral.

O conhecimento que se busca, ao sorprender os actos mais

(1) Etudes critiques de Littérature, pag. 275. Paris, 1876.

intimos de um escriptor, deve sempre visar uma maior comprehensão de sua individualidade e das relações desta com o seu paiz e das deste com a humanidade.

Um conhecimento, que se não generaliza, fica improficuo e esteril, e, assim, a historia pinturesca deve levar á historia philosophica e naturalista.

Neste terreno buscará permanecer este livro, por mais lacunoso que elle possa vir a ser. Seu fito é encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do genio, do espirito, do caracter do povo brasileiro.

Para tanto é antes de tudo mister mostrar as relações de nossa vida intellectual com a historia politica, social e economica da nação; será preciso deixar vêr como o descobridor, o colonisador, o implantador da nova ordem de cousas, o portuguez em summa, foi-se transformando ao contacto do indio, do negro, da natureza americana, e como, ajudado por tudo isso e pelo concurso de idéas estrangeiras, se foi apparelhando o *brasileiro*, tal qual elle é desde já e ainda mais caracteristico se tornará no futuro.

Uma difficuldade secundaría se me antolha, ao pôr o pé á entrada deste terreno. E' sabido que muitos escriptores brasileiros dos tempos coloniaes transportaram-se em moços, ou em crianças, para a metropole e de lá não voltaram mais. Deve ser contemplado na historia da litteratura brasileira um Antonio José, por exemplo, que do Brasil só teve o nascimento? Por outro lado, portuguezes houve que, mudados para a America, aqui ficaram e se desenvolveram. Devem ser contados entre os nossos autores um José de Anchieta e um Antonio Gonzaga? Não trepido em os incluir no numero dos nossos; os primeiros porque beberam no berço esse *quid* indefinivel que imprime o cunho nacional, e porque suas obras, de torna viagem recebidas com sympathias, vieram aqui influir; os segundos, porque, transformados ao meio americano, viveram delle e para elle.

Mas não fica ahi : muitos escriptores portuguezes, especialmente autores de chronicas, que permaneceram mais ou menos limitadamente entre nós e escreveram obras sobre o

Brasil, deverão ser contemplados? E' o caso de Pero Vaz de Caminha, Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares, Simão de Vasconcellos, Simão Estacio da Silveira, outros. Assim como não devem ser considerados escriptores portuguezes alguns brasileiros que no reino residiram temporariamente, como Borges de Barros ou Porto-Alegre, tambem não se podem contemplar os portuguezes citados em o numero dos nossos autores. Seria um redondissimo absurdo, que nos levaria a contar tambem como brasileiros Hans-Staden, Thevet, João de Lery, Claudio Abbeville, Ivo de Evreux, Marcgraf, Laet, Piso, Lamartinière e muitos mais. Seriam tambem nossos, por tal methodo, Spix, Martius, Neuwied, Langsdorff, Saint-Hilaire, Castelneau, Hartt, George-Gardner, Vapoeus, Expylli, Jacques Arago, D'Assier, Agassiz e o proprio Darwin.

Só contemplarei, portanto, como nossos os nascidos no Brasil, quer tenham saído, quer não, e os filhos de Portugal, que no Brasil viveram longamente, luctaram e morreram por nós, como Anchieta e Gonzaga nos tempos coloniaes, e, como politicos, nos tempos modernos, Clemente Pereira e Limpo de Abreu. Todos estes tiveram do reino só o berço, sua vida foi brasileira e pelos brasileiros.

Em rapida excursão só me deterei ante os talentos de merito que sáem engradecidos do apparelho da critica e justificam-se á luz do methodo indicado.

Não tratar-se-ha de saber qual foi o primeiro brasileiro que escreveu uma poesia ou um livro, e outras tantas questões impertinentes e ociosas.

Nada se terá que vêr com alguns frades despreoccupados ou ociosos que mataram o tempo a escrever versos *latinos*, ou a publicar semsaborias em Roma. São homens que nunca viveram na consciencia da patria, não foram forças vivas ao seu serviço. Foram indifferentes na vida e sel-o-hão sempre na morte e no esquecimento. Não merecem uma justificativa e resurreição historica.

Pretendo escrever um trabalho *naturalista* sobre a historia da litteratura brasileira. Munido do criterio popular e ethnico para explicar o nosso caracter nacional, não esquecerei o criterio positivo e evolucionista da nova philosophia social,

quando tratar de notar as relações do Brasil com a humanidade em geral.

Nós os brasileiros não pesamos ainda muito, por certo, no todo da evolução universal do homem; ainda não demos um impulso nosso á direcção geral das idéas; mas um povo que se fórma não deve só pedir lições aos outros; deve procurar ser-lhes tambem um exemplo. Ver-se-ha em que consiste nossa pequenez e o que deveramos fazer para ser grandes.

Esta obra contém duas partes bem distinctas; no primeiro livro indicam-se os elementos de uma historia natural de nossas letras; estudam-se as condições de nosso *determinismo* litterario, as applicações da geologia e da biologia ás crêações do espirito.

Nos demais livros faz-se a traços largos o resumo historico das quatro grandes phases de nossa litteratura: *periodo de formação* (1500-1750); *periodo de desenvolvimento autonomico* (1750-1830), *periodo de transformação romantica* (1830-1870) e *periodo de reacção critica* (de 1870 em diante).

A primeira época inicia-se com a descoberta do paiz, passa pela invasão hollandeza, pelos *Palmares*, pelos *Emboabas* e *Mascates* e chega aos meiados do seculo XVIII. A segunda, com a descoberta das *minas*, mostra certo impulso autonomico do paiz dentro dos limites de suas forças e tradições ethnicas. A terceira, que principia com o romantismo politico de Constant no tempo de nossa independencia, accentúa-se mais a dactar da retirada do primeiro imperador, e, atravéz de muita imitação maximè de francezes, teve o merito de affastar-nos da esterilidade do *lusitanismo* litterario. A quarta phase é a da reacção critica e naturalista, em que buscamos de novo nossas tradições á luz das idéas realistas, procurando harmonisar umas com outras.

Tal é a divisão natural da historia litteraria brasileira.

Se é certo que as phases de uma litteratura não se determinam com a mesma segurança com que os velhos chronistas marcavam o nascimento e a morte dos reis — seus protectores, e se é verdade que as datas aqui indicadas não têm esse rigor mesquinho, servem bem para indicar os grandes marcos de nossa evolução mental. Os annos de 1500 e 1750, que

encerram o primeiro periodo, justificam-se, aquelle, porque dahi partiu o conhecimento do paiz; o outro, porque na ultima metade do seculo XVIII, alterando-se o nosso systema colonial e economico, preparou-se a grande *escola mineira*, talvez o periodo mais brilhante e original de nossa poesia.

A data de 1830, se não marca uma época litteraria no estreito sentido, designa-a no lato; porque determina a invasão completa do romantismo na politica e seu trasbordamento na litteratura.

Constant precedeu Lamartine na Europa e aqui; a evolução litteraria seguiu-se, como sempre, á politica.

Quanto a 1870, que abre a quarta e ultima phase, póde determinar-se que o romantismo começou a receber os primeiros e mais rudes golpes a datar desse tempo.

O positivismo philosophico francez, o naturalismo litterario da mesma procedencia, a critica realista allemã, o transformismo darwiniano e o evolucionismo de Spencer começaram a espalhar-se em alguns circulos academicos, e uma certa mutação foi-se operando na intuição corrente. Todos os annos crescia o numero dos combatentes; foram elles os primeiros que no Brasil promoveram a reacção seguida e forte contra o velho romantismo transcendental e metaphysico.

Cumpre declarar, por ultimo, que a divisão proposta não se guia exclusivamente pelos factos litterarios; porque para mim a expressão *litteratura* tem a amplitude que lhe dão os criticos e historiadores allemães. Comprehende todas as manifestações da intelligencia de um povo: — politica, economia, arte, creações populares, sciencias... e não, como era de costume suppor-se no Brasil, sómente as intituladas *bellas-lettras*, que afinal cifravam-ce quasi exclusivamente na *poesia!*...

CAPITULO II

Theorias da historia do Brasil

Todo e qualquer problema historico e litterario ha de ter no Brasil duas faces principaes : uma geral e outra particular, uma influenciada pelo momento europeo e outra pelo meio nacional, uma que deve attender ao que vai pelo grande mundo e outra que deve verificar o que póde ser applicado ao nosso paiz.

A litteratura no Brasil, a litteratura em toda a America, tem sido um processo de adaptação de ideias européas ás sociedades do continente. Esta adaptação nos tempos coloniaes foi mais ou menos inconsciente ; hoje tende a tornar-se comprehensiva e deliberadamente feita. Da imitação tumultuaria, do antigo servilismo mental, queremos passar á escolha, á selecção litteraria e scientifica. A darwinisação da critica é uma realidade tão grande quanto é a da biologia.

A poderosa lei da concurrencia vital por meio da selecção natural, a sáber, da adaptação e da hereditariedade, é appicavel ás litteraturas, e á critica incumbe comprova-la pela analyse dos factos.

A hereditariedade representa os elementos estaveis, estaticos, as energias das raças, os predicados fundamentaes dos povos ; é o lado nacional nas litteraturas. A adaptação exprime os elementos moveis, dynamicos, genericos, transmissiveis de povo a povo ; é a face geral, universal das litteraturas. São duas forças que se cruzam, ambas indispensaveis, ambas productos naturaes do meio physico e social.

Tal é a razão por que todo poeta, todo romancista, todo dramaturgo, todo critico, todo escriptor brasileiro de nossos dias tem a seu cargo um duplo problema e ha de preencher uma dupla funcção : deve saber do que vai pelo mundo culto, isto é, entre aquellas nações européas que

immediatamente influenciam a intelligencia nacional, e incumbe-lhe tambem não perder de mira que escreve para um povo que se fórma, que tem suas tendencias proprias, que póde tomar uma feição, um ascendente original. Uma e outra preoccupação são justificaveis e fundamentaes. Se é uma cousa ridicula a reclusão do pensamento nacional n'umas pretenções exclusivitas, se é lastimavel o espectaculo de alguns escriptores nossos, atrazados, alheios a tudo quanto vai de mais palpitante no mundo da intelligencia, não é menos desprezivel a figura do imitador, do copista servil e fatuo de toda e qualquer bagatella que os paquetes nos tragam de Portugal, ou de França, ou de qualquer outra parte...

Para que a adaptação de doutrinas e escolas européas ao nosso meio social e litterario seja fecunda e progressiva, é de instante necessidade conhecer bem o estado do pensamento do velho mundo e ter uma ideia nitida do passado e da actualidade nacional.

Eis o grande problema, eis o ponto central de todas as tentativas de reformas entre nós, e eis por onde eu quizera que começassem todos os portadores de novos ideaes para o Brasil, todos os transplandatores de novas philosophias, de novas politicas, de novas escolas litterarias.

E é o que não vejo, é o que ainda não se fez.

Não é mais do que ter lido por acaso Zola, ou Daudet, ou Rollinat, e atirar com elles á face do paiz, com se tudo estivesse feito!...

Deve-se começar por conhecer a fundo as diversas theorias da historia do Brasil, e, pelo estudo d'este problema, comprehender a successão das escolas litterarias entre nós.

Indicarei sómente os lados mais salientes do assumpto.

As principaes theorias da historia do Brasil são a de Martius, a de Buckle, a de Theophilo Braga, a de Oliveira Martins, a dos discipulos de Comte e a dos sectarios de Spencer. Ficam ahi enumeradas em sua ordem chronologica.

O celebre botanista bavaro Carlos Frederico Philippe de Martius preparou em 1843 uma dissertação sob o titulo —*Como se deve escrever a historia do Brasil*

N'esse pequeno trabalho, um dos mais interessantes que tenho lido de pennas estrangeiras sobre o Brasil, Martius abriga-se ao grande principio moderno das nacionalidades, colloca-se n'um ponto de vista ethnographico e indica em traços rapidos os diversos elementos do povo brasileiro. Os selvagens americanos e os seus costumes e suas aptidões psychologicas, os negros africanos e seus habitos, os portuguezes e suas vantagens de gente civilisada, tudo isto deve ser interpretado escrupulosamente; porque de tudo isto é que sahiu o povo brasileiro.

E' exacto; resta apenas que se diga como é que estes elementos actuaram uns sobre os outros e produziram o resultado presente.

Em uma palavra, a theoria de Martius é puramente descriptiva; ella indica os elementos; mas falta-lhe o nexo causal e isto seria o principal a esclarecer. E' uma concepção incompleta.

E como alguns já teem por vezes exaggerado a simplissima indicação de Martius, o mero conselho do natavel bavaro, aqui lhe reproduzo as proprias palavras para que bem claro se veja a distancia entre esse rapido roteiro e a doutrina d'este livro sobre o problema ethnographico brasileiro.

Escreveu Martius:

« Qualquer que se encarregar de escrever a historia do Brasil jamais deverá perder de vista quaes os elementos que ahi concorreram para o desenvolvimento do homem. São, porém, estes elementos de natureza muito diversa, tendo para a formação do homem convergido de um modo particular tres raças, a saber: a de côr de cobre ou americana, a branca ou caucasiana e, emfim, a preta ou ethiopica. Do encontro, da mescla, das relações mutuas e mudanças dessas tres raças, formou-se a actual população, cuja historia por isso mesmo tem um cunho muito particular. Póde-se dizer que a cada uma das raças humanas compete, segundo a sua indole innata, segundo as circumstancias debaixo das quaes ella vive e se desenvolve, um movimento historico caracteristico e particular. Portanto, vendo nós um povo novo nascer e desenvolver-se da reunião e contacto de tão differentes

raças humanas, podemos avançar que a sua historia se deve desenvolver segundo uma lei particular das forcas diagonaes. Cada uma das particularidades physicas e moraes, que distinguem as diversas raças, offerece a este respeito um motor especial ; e tanto maior será a sua influencia para o desenvolvimento commum, quanto maior fôr a energia, numero e dignidade da sociedade de cada uma dessas racas. Disso necessariamente se segue que o portuguez que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influiu naquelle desenvolvimento, o portuguez, que deu as condições e garantias moraes e physicas para um reino independente ; que o portuguez se apresenta como o mais poderoso e essencial motor. Mas tambem de certo seria um grande erro para todos os principios da historiographia-pragmatica, se se desprezassem as forças dos indigenas e dos negros importados, forças estas que igualmente concorreram para o desenvolvimento physico, moral e civil da totalidade da população. Tanto os indigenas como os negros reagiram sobre a raça predominante. »

A determinação precisa do que devemos, em nossa vida geral, aos tres factores principaes de nossas populações nem por sombra se acha nessas linhas do illustre autor da *Flora Brasiliensis*, que tambem e principalmente deixou em completo esquecimento o ponto fundamental do problema : — o *mestiço*, sobre o qual peculiarmente se deve insistir, estudando amplamente o especial quinhão de *cada factor* e definindo o caracter do *resultado*.

O afamado auctor da *Historia da Civilisação na Inglaterra*, apparecida em 1857, occupou-se do Brasil detidamente (1). H. T. Buckle, como é sabido, divide as civilisações em primitivas e modernas, predominando n'aquellas a acção das leis physicas sobre o homem, e n'estas sendo o inverso a verdade.

As civilisações antigas desenvolveram-se nos paizes onde as condições de vida eram faceis, nas peninsulas, á margem

(1) Vide *History of Civilization in England*, vol. I. pag. 101 a 107, edição de Londres de 1872.

dos grandes rios, onde eram abundantes o *calor e a humidade*. Só o Brasil para o philosopho inglez abre uma excepçã á regra; por causa dos ventos *alisios*, das *chuvas torrenciaes*, dos *miasmas*....... que tornam aqui a natureza superior ao homem!

D'ahi, para o escriptor britannico, umas tantas cousas, e, entre outras, a falta de uma civilisação primitiva brasileira e ainda hoje, segundo a sua expressão, o nosso *inveterado barbarismo*.

Esta doutrina, além de ser falsa na descripção geral do clima brasileiro, é em demasia exterior; é cosmologica de mais. Em sua pretenciosidade de explicar puramente pela physica do globo as civilisações primitivas e actuaes, é incompleta e esteril. Ainda quando a determinação das condições mesologicas do Brasil fosse exacta, e absolutamente não é, haveria uma distancia e não pequena a preencher: a acção do meio nas raças para aqui immigradas, levando-as a tomarem certa e determinada direcção, forçosa e fatalmente, e não outra qualquer. E' um circulo vicioso; explica-se o clima pela civilisação e a civilisação pelo clima. Ahi ha lacuna; atiram-nos phrases ao rosto, suppondo que nos enchem a cabeça de factos. No capitulo seguinte a theoria de Buckle será estudada miudamente.

Theophilo Braga, o conhecido professor portuguez, não teve por alvo consciente escrever uma theoria da historia do Brasil; fez uns reparos sobre a vida litteraria do paiz e nada mais. E' no prologo do *Parnaso portuguez moderno*, reproduzido ampliadamante nas *Questões de litteratura e arte portugueza*. (1 Braga acredita que o lyrismo da Europa meridional teve uma origem commum. Esta fonte geral foram populações *turanas*, descidas da alta Asia, divididas em dous grandes grupos, um que fez viagem pelo norte da Europa e outro que a fez através da Africa, vindo ambos convergir na Hespanha.

Na America deu-se uma similhante marcha de povos *tura-*

(1) *Questões de litteratura e arte portugueza*, de pag. 78 a 80. — O artigo é de 1877.

nianos. A brachycephalia do basco francez e a dolicocephalia do basco hespanhol provam o facto para a Europa. A supposta dolicocephalia das raças da America do Norte e a pretendida brachycephalia geral das da America Meridional demonstram o phenomeno para o novo continente. Tudo isto é muito vago e tambem muito aventuroso; são presumpções que nada têm de positivo, nada têm de provado; são divagações que se acham em desaccordo com factos demonstrados.

A hypothese de Theophilo Braga, tirada das ideias de Retzius, Beloguet, Pruner-Bey e Varnhagen, para ser acceita deveria justificar os seguintes factos :

a) O *monogenismo* das raças humanas e sua origem commum na Asia, o que não é nada facil no estado actual da sciencia e diante justamente dos trabalhos de Paulo Broca, que o escriptor portuguez chama sem razão em seu auxilio ; (1)

b) A *veracidade* da triada de Max-Müller de que os povos do mundo se dividem em *aryanos*, *semitas* e *turanos*, empreza difficil ante a linguistica das raças uralo-altaicas, polynesias, malaias, africanas e americanas ;

c) A *emigração dos turanos* para America ;

d) A *reducção* dos povos d'este continente a esse ramo unico;

e) A *ausencia* entre as tribus do Brasil d'aquelles conhecimentos *metalurgicos* e *astronomicos* que passam pelos caracteres mais notaveis da civilisação turana ;

f) Enfim demonstrar a identidade do desenvolvimento das raças americanas e asiaticas, um impossivel a olhos vistos.

Antes que se haja feito o que ahi se indica, tudo o que se disser sobre a velha these do *asiatismo* dos povos ameri-

(1) Vide nas *Memorias de Anthropologia* de Broca os admiraveis trabalhos sobre o *monogenismo* e *polygenismo* das raças humanas e sobre a *hybridação*. Vide especialmente a refutação das theorias de Retzius e Pruner-Bey sobre os primitivos habitantes da Europa e de Max-Müller sobre o *turanismo* das raças predecessoras dos aryanos e semitas. Vide ainda minha *Ethnographia Brasileira*.

canos é pintar n'agua, ou escrever na areia. E' a mais antiga de todas as theorias sobre a origem dos americanos e resente-se de influencia biblica.

« A America, diz o homem que melhor conheceu a pré-historia do Brasil — o dr. Lund, a America já era habitada em tempos em que os primeiros raios da historia não tinham ainda apontado no horisonte do velho mundo, e os povos que n'essa remotissima época habitavam n'ella eram da mesma raça d'aquelles que no tempo do descobrimento ahi habitavam.

Estes dous resultados na verdade pouco se harmonisam com as ideias geralmente adoptadas sobre a origem dos habitantes d'esta parte do mundo; pois que, quanto mais se vai afastando a época do seu primeiro povoamento, conservando ao mesmo tempo os seus antigos habitantes os seus caracteres nacionaes, tanto mais vai-se desvanecendo a ideia de uma origem secundaria ou derivada. » (1)

O sabio Lund prosegue, provando com as suas descobertas archeologicas, a differenciação cada vez mais crescente entre os povos brasileiros primitivos e as raças chamadas mongolicas, á medida que nos afastamos dos tempos modernos. E' a mesma intuição do grande Morton n'America do Norte.

Desapparecem assim o velho estribilho d'uma pretensa cultura dos povos do Brasil, que por immensas catastrophes retrogradaram, segundo se affirma, e a enfadonha these do mongolismo, *ces ridicules robinsonades*, como disse um sabio europeu.

O encontro d'um ou outro artefacto ceramico, mal estudado no valle do Amazonas, é um facto isolado, muito diverso do que se devia dar no resto do paiz; é antes de tudo um facto explicavel pela proximidade da civilisação do Perú, ou da America Central, ou das Antilhas.

Quanto distava a sobriedade do grande Lund da afoiteza leviana d'uns pretenciosos muito conhecidos, que andam ahi a dizer que os tupys eram os *carios*, ou os *normandos*,

(1) *Revista do Instituto Historico*, n. 23, de outubro de 1844.

ou os *phenicos*, ou os *mangóes*, ou os *turanos*, e não sei mais que povos que colonisaram a America.

E' possivel uma certa intermittencia na arte entre os povos amazonenses, phenomeno cem vezes repetido no curso da historia de todas as artes. Que prova isto ? O turanismo ? uma velha civilisação oriunda d'Asia ? Absolutamente não.

Os estudos scientificos sobre as raças americanas começam apenas no Brasil. Redusem-se por ora a pequenos trabalhos sobre craneologia, linguistica e archeologia artistica e industrial. Não existem muitos factos demonstrados, os materiaes são ainda limitadissimos; entretanto, já temos uma duzia de theorias para explicar a origem dos tupys-guaranys e dos americanos em geral.

Não quero contestar os conhecimentos praticos de nossos *savants* sobre alguns assumptos referentes aos selvagens; mas é tal a falta de senso critico, tal a incapacidade philosophica de alguns d'esses *savants*, que os seus escriptos merecem ir para o fogo. Appellam para os chins, para os japonezes, os tartaros, os carios, os egypcios, os phenicios, os normandos, os judeus, os turanos, para filiarem n'elles os pobres tupys... Querem unifomisar tudo, buscar para tudo um similar no velho mundo. Uma boa interpretação dos factos leval-osia por certo a conclusões diversas.

Acabariam com a mania de reduzir a um typo unico as raças americanas, e ao mesmo tempo veriam n'ellas um producto d'este solo; comprehenderiam melhor a semi-cultura antiga do valle do Amazonas, sua filiação na cultura identica dos indigenas das Antilhas, e tantos outros factos simples em si e obscurecidos por phantasiosos systemas. Uma das marchas migratorias dos antigos povos americanos que parecem mais esclarecidas actualmente, é a de uma corrente de norte, a sul, partindo das Antilhas, das costas da America Central e da actual republica de Venezuela, e chegando ao interior do Brasil, estacionando vastamente no valle do Amazonas. O estudo comparativo das antiguidades das Antilhas e da região amazonica demonstraria definitivamente o facto.

No valiosissimo escripto de Otis F. Mason, inserto no *Annual Report of the Smithsonian Institution*, do anno de

1876, sobre as antiguidades de Porto-Rico, immensos são os pontos de contacto entre os productos alli descriptos e aquelles que se encontram no Pará.

Despertam especial menção os amuletos representando animaes, figuras humanas, etc., fabricados de materias diversas, e especialmente d'uma pedra verde, semelhante ao *jade*, *of green jadelike material*, diz a dr. Mason. São as *muirakitans* do Amazonas. Dentro da propria America acham-se os elementos para a explicação do que se encontra ao norte do Brasil. Desprezemos d'uma vez as theorias que recordam o velho biblicismo que o Sr. Theophilo Braga anda nesta questão a defender erradamente.

Concedendo porém tudo, admittindo a identidade das origens do lyrismo portuguez e tupinambá, como quer o escriptor portuguez, que d'ahi se poderá inferir para a philosophia da historia brasileira?

Nada. A these do auctor açoriano é puramente litteraria e não visa uma explicação scientifica de nosso desenvolvimento social.

Oliveira Martins em seu livro — *O Brasil e as colonias portuguezas* — enxerga todo o interesse dramatico e philosophico da historia nacional na lucta entre os jesuitas e os indios d'um lado e os colonos portuguezes e os negros de outro. Um similhante dualismo é em grande parte de pura phantasia, e, no que tem de real, não passa d'um facto isolado, de pouco valor e duração, phenomeno cedo esvaecido, que não póde trazer em seu bojo, como um segredo de fada, toda a lattitude da futura evolução do Brasil. E' um simples incidente de jornada, alçado á categoria de principio geral e dirigente; é uma d'estas syntheses futeis com que alguns novellistas da historia gostam de nos presentear de vez em quando.

A theoria do positivismo religioso sobre a nossa historia é mais generica e comprehensiva. Falo em positivismo *religioso*, porque elle se me antolha o unico equilibrado, logico e inteiro. O comtismo é aquillo, ou não é nada.

O schisma de Littré foi esteril, illogico e anarchico.

O digno escriptor estava por certo no direito de ir com o

mestre até onde quizesse ou pudesse; o que não tinha era o direito de limitar-lhe as crenças e as conclusões da doutrina. Não sou positivista; acho o comtismo um systema atrazado e compressor, que faz uma figura apoucada ao lado do evolucionismo inglez e do naturalismo allemão. Se de Comte sahiram Littré e Laffitte, de Darwin destacaram-se Spencer e Hæckel, e não vacillo na escolha; mas julgo que a seita dos *orthodoxos* é superior á dos outros.

Comte não escreveu directamente sobre o Brasil; seus sectarios nacionaes — Teixeira Mendes e Annibal Falcão desenvolveram o que elles chamam a *theoria da patria brasileira*.(1)

Meu plano n'este rapido esboço não exige a exposição meuda das vistas contidas nos escriptos citados d'esses dous auctores. Basta-me resumir. A nação brasileira é uma patria colonial, pertencente ao grupo das patrias *occidentaes*. Logo ao sahir da lucta hollandeza, o Brasil reunia em si as condições d'uma patria: solo continuo, governo independente e tradições communs. O destino brasileiro póde formular-se assim: « o prolongamento americano da civilisação iberica, a que cada vez mais se assimilaráõ, até unificação total, os indios e os negros importados, ou os seus descendentes. »

Na guerra hollandeza venceu definitivamente o elemento iberico, representante da civilisação latina; d'est'arte o Brasil escapou á acção dissolvente da Reforma, do deismo, e está em melhores condições para adoptar a doutrina *regeneradora* do que os Estados-Unidos, por exemplo. E' isto em essencia.

O que é verdadeiro não é novo, e o novo não é verdadeiro. Que o Brasil é uma ex-colonia, que é do grupo das nações filiadas na civilisação occidental, e que tem as condições indispensaveis a uma nacionalidade, ou ellas sejam — solo continuo, governo e tradições communs, como quer Comte, recordações e esperanças communs e a vontade decidida de viver debaixo das mesmas leis e compartilhar os mesmos destinos, como ensina Renan, ou communhão de raça, de religião, de

(1) Vide de Teixeira Mendes. — *A patria brasileira*, Rio de Janeiro, 1881. De Annibal Falcão. — *Formula da civilisação brasileira*, no *Diario de Pernambuco*, nos 48 a 50 de 1883.

lingua e de territorio, como escreve Scherer, que ao Brasil cabe tudo isto, já todos o sabiam antes das demonstrações recentissimas. Que a guerra hollandeza foi um phenomeno notabilissimo ; que alli triumphou Portugal com a civilisação catholico-latina contra a Hollanda e a civilisação germanico-protestante, e que n'essa epopéa os colonos brasileiros viram-se quasi sós, desamparados da mãi-patria ; que na lucta entraram as tres raças ; que as duas chamadas inferiores devem ser incorporadas á nossa vida social, de tudo isto sabia-se no Brasil, desde que houve alguem que se lembrase de escrever-lhe a historia. Tudo isto é velho, velhissimo.

Mas a necessidade indeclinavel de haver na America representantes da civilisação iberica e a superioridade indiscutivel d'esta sobre a civilisação germanica, é o que não me parece de todo evidente.

A indispensabilidade d'esse dualismo historico, representante na Europa de duas tendencias oppostas, devendo necessariamente reproduzir-se na America, é muito symetrica de mais para não ser em grande parte de pura phantasia.

Era necessario para as patrias occidentaes que o portuguez vencesse no Brasil o hollandez *protestante* e que o inglez derrotasse nos Estados-Unidos o francez *catholico!*...

E' muito commodo. E a final, porque se não ha de dar o mesmo na Oceania em geral e notadamente na Australia, onde o elemento germanico quasi não encontra o seu competidor? São terras novas, habitadas por selvagens a desapparecerem a olhos vistos, que estão sendo colonisadas por europeus, representantes da civilisação occidental. Porque não se ha de repetir alli o dualismo salutar?

A theoria da historia d'um povo parece-me que deve ser ampla e comprehensiva; a ponto de fornecer uma explicação completa de sua marcha evolutiva. Deve apoderar-se de todos os factos, firmar-se sobre elles para esclarecer o segredo do passado e abrir largas perspectivas na direcção do futuro.

Seu fim não é só mostrar o que esse povo tem de commum com os outros ; sua obrigação é ao contrario exhibir os motivos das originalidades, das particularidades, das differenciações d'esse povo no meio de todos os outros. Não lhe cum-

pre só dizer, por exemplo, que o Brasil é o prolongamento da cultura portugueza a que se ligaram vermelhos e negros. Isto é muito descarnado e secco; resta ainda saber como estes elementos actuaram e actuarão uns sobre os outros e mostrar as causas de selecção historica que nos vão afastando de nossos antepassados ibericos e de nossos visinhos tambem filiados na velha cultura ibera. Se a theoria de Buckle é em demasia cosmographica, a de Martius demasiado ethnologica, a dos discipulos de Comte é em extremo social, sem attender a outros elementos indispensaveis.

A philosophia da historia d'um povo qualquer é o mais temeroso problema que possa occupar a intelligencia humana. São conhecidas as difficuldades quasi insuperaveis dos estudos sociologicos. Uma theoria da evolução historica do Brasil deveria elucidar entre nós a acção do meio physico, por todas as suas faces, com factos positivos e não por simples phrases feitas; estudar as qualidades ethnologicas das raças que nos constituiram; consignar as condições biologicas e economicas em que se acharam os povos para aqui immigrados nos primeiros tempos da conquista; determinar quaes os habitos antigos que se estiolaram por inuteis e irrealisaveis, como orgãos atrophiados por falta de funcção; acompanhar o advento das populações cruzadas e suas predisposições; descobrir assim as qualidades e tendencias recentes que foram despertando; descrever os novos incentivos de psychologia nacional que se iniciaram no organismo social e determinaram-lhe a marcha futura. De todas as theorias propostas a de Spencer é a que mais se aproxima do alvo por mais lacunosa que ainda seja. (1)

(1) Similhante interpretação biologico-psychologica da historia *á la Darwin* é adoptada na *Litteratura brasileira e a critica moderna*, nos *Estudos sobre a poesia popular do Brasil* e n'este livro.

CAPITULO III

A philosophia da historia de Buckle e o atraso do povo brasileiro

Para bem comprehender a posição presente do povo brasileiro e o seu desenvolvimento historico, á luz das idéas scientificas que reinam na actualidade, é mister lançar um olhar sobre a moderna concepção da historia, e insistir sobre a de Buckle especialmente. Este autor mais de perto nos toca a nós brasileiros, porquanto dos modernos reformadores da historia é o que mais se occupa com o Brasil, e terei, por necessidade, de apreciar as palavras duras, porém no fundo exactas, que escreveu a nosso respeito. Tanto mais é isto necessario, quanto embalde se procuraria em nossos historiadores, no tocante á philosophia da respectiva sciencia, outra cousa além de declamações mais ou menos inadmissiveis.

Geralmente se repete que o XIX seculo foi o seculo da historia, como o anterior fôra o da philosophia. Este dito que, desde o autor das *Cartas sobre a historia de França*, tem valido por verdadeiro, não passa talvez de uma dessas syntheses caprichosas com que se costumam caracterizar as épocas com perda para a verdade. Outros têm dito que aquelle foi o tempo das sciencias naturaes; alguns que foi o da critica... Mas o certo em tudo isto é que as tres caracteristicas se suppõem e se completam ; não é mais possivel a *historia* sem a *critica*, como não é admissivel esta sem as *sciencias naturaes*. Eis o grande facto firmado pelo seculo XIX nos seus ultimos annos : estabelecer os outr'ora ditos estudos moraes sobre bases experimentaes. O processo tem sido complicado e longo ; foi mister passar em revista o methodo de todas as sciencias e expulsar do seu conselho mais de uma pretendida sem validade em seus titulos. O desenvolvimento gra-

dativo de todos os factos observaveis, alçado á altura de principio dirigente, mostrou a necessidade de melhor estabelecer a genealogia scientifica ; a nova classificação, quaesquer que sejam ainda as dissonancias entre os philosophos, tem por base tal principio.

Em consequencia deste novo modo de vêr e de julgar é que a expulsão de algumas suppostas organizações scientificas tornou-se inevitavel. Está muito longe de ser perfeito o accôrdo neste ponto entre alguns dos maiores pensadores que contribuiram para o grande resultado.

Ao lado da nova classificação das sciencias que se desenvolve na ordem crescente da complexidade dos phenomenos e na decrescente de sua generalidade, poderia, a meu vêr, inscrever-se outra, não como classificação organica das sciencias, senão como uma notação historica de seu desenvolvimento, no que diz respeito ao gráu attingido de sua certeza. Não seria inexacto, por esta fórma, dizer que ellas têm sido *sciencias propriamente ditas*, *quasi sciencias* e *falsas sciencias*. Quem não collocaria entre as primeiras — a mathematica, a astronomia, a physica.........; em o numero das segundas — a psychologia, a historia, a economia politica.........; e no terceiro grupo — a metaphysica e a theologia classicas, desconcertadas irmãs da astrologia e de alchimia? Toda a ordem de estudos, tendo por objectivo o homem e a sociedade, tem ficado por emquanto na segunda classe, por não haver attingido aquelle gráu de certeza que constitue o brilho proprio das completas sciencias. A historia acha-se ahi ; e, por maiores que tenham sido os esforços de Buckle e seus continuadores, ella parece resignada a não deixar por ora o circulo de suas companheiras : as *quasi sciencias*.

O movimento romantico dos primeiros annos do seculo XIX trouxe a paixão pelo passado, e, desde a grande obra de Hallam sobre a idade media, appareceu na historia a tendencia pinturesca e representativa, contrabalançada pela que se intitulava philosophica. O certamen das duas escolas rivaes já pertence por sua vez á historia, que luta por adquirir novos principios e devassar novos horisontes.

Não padece duvida que os modernos reformadores já deram

um notavel passo que parece definitivo. Não é outro senão o grande resultado de que já falei : a applicação dos processos experimentaes ao estudo dos acontecimentos humanos. E' a ultima phase a que chegaram os trabalhos historicos ; mas isto ainda não lhes garante, quanto a mim, a segurança completa e inabalavel da sciencia, por mais que o digam alguns dos pensadores que, como Buckle, lhes querem attribuir este caracter.

Por mais firmes que pareçam os achados de Draper, Bagehot, Buckle, Lazarus e Marselli ; por mais inteirados que se mostrem dos methodos de Lyell, Wundt, Virchow, a historia em suas mãos não é ainda uma sciencia capaz de verificações certissimas e indubitaveis. Muito menos é tratada pelos pinturistas e philosophos da escola franceza. Ernesto Renan em artigo commemorativo de Aug. Thierry, inserto nos seus *Ensaios de moral e critica* publicados en 1859, ainda fala em phrases sonoras das scenas pinturescas do insigne historiador e das dissertações philosophicas de Guizot. Nesse tempo não lhe eram conhecidas as applicações novas da geologia e da physiologia aos factos humanos e elle ignorava as lacunas dos dois notaveis mestres.

Henry Thomas Buckle, morto em 1862, aos trinta e nove annos, depois de haver em 1857 publicado sua *Civilisação na Inglaterra*, ficou por muito tempo quasi totalmente desconhecido no Brasil.

Quando muito, alguns delle tinham noticia pela critica de Littré, sinão pela superficial e lacunosa *Historia da litteratura ingleza contemporanea* de Odysse Barot. Mui raros o teriam lido. Seu espirito foi influenciado pelos trabalhos de Comte addicionados aos de Whewell e Mill. Quételet com sua transformação mathematica da estatistica foi tambem de um peso decisivo para elle, bem como a geral corrente do tempo que o lançava no encalço das idéas de caracter demonstrado e scientifico. Sua obra, que não passou da *Introducção*, é geralmente considerada um notavel successo no dominio dos estudos historicos. O primeiro volume contem a philosophia do nobre pensador ; os outros dois trazem exemplificações praticas de maximo interesse tomadas aos annaes da França, Escossia,

Hespanha e da propria Inglaterra. E' naquelle que mais se revela o refermador amestrado. Detenhamo-nos ante elle.

Começando pelo problema da liberdade, estuda a questão das influencias a que cedem as acções humanas, taes como o influxo das leis physicas, o da religião, do governo, e da litteratura, e acaba por um esboço sobre a origem dos estudos historicos, seu estado na idade media e uma apreciação sobre a intelligencia ingleza até o seculo XVIII. Em tudo mostra uma erudição variada e um pensamento firme, revestidos por um estylo simples e fluente.

Buckle rebella-se contra o methodo dos metaphysicos na inquirição das leis do espirito humano e no modo de tratar a historia. Elle exclama um pouco rudemente : « as long as the human mind is only studied according to the narrow and contracted method of metaphysicians, we have every reason for thinking that the laws which regulate its movements will remain unknown ». (1). Estas palavras quando foram proferidas pelo illustre escriptor não revelavam ainda uma tão vulgar e commummente aceita verdade entre os mais proeminentes pensadores do mundo, como o manifestam hoje. Elle pois detalhou um pouco a sua demonstração. Sem desconhecer certa influencia dos processos metaphysicos sobre mui poucas das leis da *associação* e talvez sobre as modernas theorias da *visão* e do *tacto*, nota-lhes a diametral opposição em que se acham com os methodos historico e scientifico. O metaphysico estuda um só pensamento, e o historiador muitos ; as sciencias inductivas devem esmeuçar os factos e isolar cada um para melhor determinal-os, e pelo processo da vulgar philosophia é impraticavel o isolamento de um phenomeno espiritual, que, por outra parte, não se pode subtraír á influencia das circumstancias exteriores. Alem de que as duas grandes classes de metaphysicos, — os idealistas e os sensualistas, — chegam sobre as leis do espirito a contrarias affirmações, em sua sciencia o pensamento é o instrumento e ao mesmo tempo a materia sobre que elle se exerce. Isto produz um peculiar embaraço. E' a impossibilidade de for-

(1) Vol. 1• pag. 174

mar uma vista comprehensiva do todo dos phenomenos mentaes, porquanto, por mais extensiva que possa ser tal vista, excluirá sempre o estado do pensamento pelo qual ou no qual ella é formada. Não assim nas sciencias physicas que têm a seu serviço uma grande porção de methodos. (1) Tal defeito radical impede, a seus olhos, a psychologia de ser uma sciencia e de chegar a qualquer resultado aproveitavel.

Buckle exagerou. Imbuido das negativas conclusões de Comte sobre o estudo dos factos subjectivos, era concludente sue recusasse-lhe a nota de rigorismo scientifico; mas não que chegasse a desconhecer-lhe qualquer efficacia. Como se lhe afigurou que a historia podia ser erigida ao grau de sciencia, ella que é ainda mais complexa que a psychologia? Como saltar dos estudos biologicos, que tratam da vida em geral, para a historia, desprezando as leis dos factos intellectuaes, sensiveis e moraes? Não posso comprehender que se faça da sociologia uma sciencia quando não se admitte uma psycho-physica. A seriação das sciencias fica por tal modo truncada (2).

Desde agora cumpre notar um equivoco de Emilio Littré. Em sua critica, um pouco animada, contra o historiador inglez, elle declara occupar-se com a sua obra, porque o escriptor cedeu á influencia de Comte e della quiz, até certo ponto, separar-se ! Só por isso? Quando muito « — il ne fait pas fi du demi-positivisme; ce sont des acheminements... » (3)

E qual seria para Littré o inteiro positivismo?

Seria o do proprio Littré, que tambem se separou do mestre em mais de um ponto decisivo? Será o de P. Laffitte, o S. Pedro da escola, segundo Renan? (4).

Como quer que seja, o velho escriptor teve um certo gosto em andar apurando orthodoxias positivistas, maximè com os dignos pensadores da escola ingleza. Mill, Spencer, Buckle soffreram os seus golpes, nem sempre com muita razão.

Não ha maior cegueira de que esta de suppor o positivismo

(1) Pag. 159 e seguintes.
(2) Z. Moindron. — *De l'Ancienneté de l'Homme*, page 43; Bain, *Logica*
(3) *La Science*, page 521.
(4) Z. Moindron, *ibid*

uma doutrina compacta, cujos sectarios se acham accordes, pronunciando a ultima palavra da sciencia ! A celebre definição de Huxley — que a seita comtesca é um *catholicismo sem o elemento christão* — é verdadeira. Não poucos foram sem duvida os meritos e vantagens do systema ; este porém tem sido ultrapassado. Contribuiu para certos resultados ; mas, sacrificando a alguns prejuizos, tem desdenhado, por exemplo, algumas das fecundas verdades annunciadas por Darwin. Admira que alguns escriptores brasileiros proclamem a seu publico que são discipulos de Comte *in totum* e ao mesmo tempo do sabio inglez ultimo citado, isto é, que aceitam em cheio todas as conclusões dos dois mestres que totalmente se repellem em mais de um ponto de maximo interesse, como sobre a idéa da *vida* e a da *sociedade*.

Cumpre ser completamente despido de senso critico para dest'arte fornecer provas de que se não pode entender os systemas em seus resultados fundamentaes.

Poderiam ser ambos aceitos ; mas com reducções indispensaveis e vastissimas.

Continuemos.

Declarado por Buckle inefficaz para a historia o processo dos metaphysicos, é-o tambem o dos theologos. Ambos os methodos desconheceram a lei da normalidade natural dos factos humanos : o primeiro creando a doutrina do *livre-arbitrio*, e o outro fundando a da *predestinação*. — « The theory of predestination is founded on a theological hypothesis : that of free will on a metaphysical hypothesis. »

Destituida de todo o fundamento humano e racional, a predestinação dos acontecimentos não perdurou longamente nas tentativas de philosophia da historia até ao presente feitas. E' doutrina que não precisa de refutação. Por outro lado o dogma da liberdade completa de nossas acções e dos factos historicos é correspondente á doutrina do *acaso ;* não existe mais uma lei para a historia ; predomina o capricho dos agentes e a glorificação sobrehumana dos *heroes*, que dirigem o curso dos acontecimentos a seu bel-prazer.

Buckle insurge-se contra esta apreciação e chega a traçar a refutação de seu principal argumento, que se funda na iner-

rancia da consciencia. Sem muito trabalho foi-lhe facil mostrar o caracter relativo desta faculdade, sempre mudando de crenças e affirmações no curso evolucional da humanidade. Encarada tambem no individuo, diz-nos elle com a maior veracidade : « Conscionness is infallible as to the *fact* of its testemony ; but fallible as to the *truth.* » (1)

Abandonados os dois methodos insustentaveis, o historiador pretende substituil-os pelos processos fundamentaes das sciencias naturaes, dizendo que as acções humanas são determinadas sómente por seus proprios antecedentes e têm o caracter de uniformidade, produzindo os mesmos resultados sob as mesmas circumstancias, podendo ser perturbadas ou dirigidas pela acção dos meios. São estas as suas palavras : « Rejecting, then, the metaphysical dogma of free will, and the theological dogma of predestined events, we are driven to the conclusion that the actions of men, being determined solely by their antecedents, must have a character of uniformity, that is to say, must, under precisely the same circumstance, always issue in precisely the same results. And as all antecedents are either in the mind or out of it, we clearly see that all the variations in the results, in other words, all the changes of which history is full, all the vicissitudes of the human race, their progress or their decay, their happiness or their misery, must be the fruit of a double action ; an action of external phenomena upon the mind, and another action of the mind upon the phenomena. » (2).

O autor recorre a Quételet, que, com a transformação da estatistica pelo calculo das probabilidades, prova, de anno a anno, a repetição gradativa dos mesmos crimes, do emprego das mesmas armas para igual numero de assassinatos e de suicidios ; a repetição da celebração de igual somma de casamentos!... (3)

Não ha negar os factos esclarecidos pelo illustre calculista belga e comprovados pelos mais serios observadores.

(1) Vol. 1º pag. 15. nota.
(2) Vol. 1º pag. 20.
(3) Pag. 24 e seguintes.

As acções humanas são regidas por um complexo de leis que inconscientemente para nós atiram-nos no caminho da vida como uns quasi *actores*. Mas a historia, que não é uma cadeia de factos sempre novos e desharmonicos com seus antecedentes, como já se pretendeu, será certo que se repita? Os dados estatisticos não podem chegar até ahi; a marcha da historia é evolucional, e tanto basta para que não haja repetição, como não existe disparatada incoherencia. E' onde está porem o grande embaraço. Esta liberdade, que por alguns motivos a sciencia moderna acaba de reduzir a proporções pouco amplas, não deixa de existir ao menos em uma fórma tão apparente, que será sempre impossivel pesar a massa das circumstancias e o conjuncto dos moveis infinitos que, a um só tempo, dirigem a trama complicadissima dos acontecimentos humanos. (1) Buckle reconhece que as leis do pensamento reagem sobre a acção das leis physicas; e não irá ahi a confissão de um elemento autonomo até certo ponto, ainda que obscuro, e capaz de perturbar a uniformidade scientifica das investigações historicas? Parece que esta consideração restringe o caracter altamente scientifico da historia, ainda que dirigida por mãos como as de Buckle ou Littré. Por falar neste ultimo, não é fora de logar o reduzir um pouco as apparencias de verdade de uma sua proposição contra o autor da *Civilisação na Inglaterra*. Increpa-o por haver confundido as leis do espirito humano com as leis da historia. Diz elle : « Rien dans l'esprit humain ne montre qu'il doive y avoir une évolution historique. Cette évolution est un fait que l'on constate expérimentalement comme tous les autres faits; mais on ne la déduit pas de l'étude psychique. » (2) Eis o resultado a que se chega, quando se admitte uma historia — sciencia, e se despreza, como de todo inutil, uma psychologia scientifica! A distincção das duas categorias de leis é incomprehensivel, e sobretudo para um positivista. Para quem, como E. Littré, não concebe o

(1) Sobre a questão da liberdade, vejam-se as interessantes obras dos italianos Herzen e Ferri.

(2) *La Science*, pag. 495.

espirito humano em sua totalidade, sinão desenvolvido e representado na historia, que outras são as suas leis alem das desta ultima?

Certamente E. Littré, com toda a gravidade que o distinguia, não respeitou muito a memoria do seu celebrado mestre quando escreveu aquelle periodo.

O sabio inglez divide as leis que dirigem a historia em physicas e mentaes; estas ultimas subdivide-as em intellectuaes e moraes.

Agora é que se revela o lado mais original de sua obra; são os capitulos mais profundos. Começa pela apreciação das leis physicas.

As influencias desta ordem, a que a raça humana mais poderosamente cede, podem para elle ser classificadas em quatro categorias : clima, alimentação, solo e aspecto geral da natureza. Este ultimo merece-lhe maxima attenção. Diz-nos : « The last of these classes, or what I call the general Aspect of Nature, produces its principal results by exciting the imagination, and by suggesting those innumerable superstitions which are the great obstacles to advancing knowledge. And as in the infancy of a people the power of such superstitions is supreme, it has happened that the various Aspects of Nature have caused corresponding varieties in the popular character, and have imported to the national religion particularities which, under certain circunstances, it is impossible to efface. » (1)

Firmado especialmente em Mill, nega a distincção original das raças explicando-lhes as differenças posteriores pelas quatro leis que formulou. Não parece bem fundamentado o asserto. Não ha duvida que as diversidades de climas, solos, alimentos... contribuem para que perdurem as separações das raças; é preciso porem ir um pouco adiante e declarar que, sendo os climas e mais agentes physicos anteriores ás raças, a diversidade destas é já de si originaria e primordial, isto é, surgiu com ellas mesmas desde o seu primeiro apparecimento.

(1) Buckle, *ibid.*

Pela lei darwinica da transformação dos seres, entendida o mais latamente, as raças despontaram differentes em climas differentes tambem. Os climas depois disto só têm feito conservar e fortalecer as predisposições nativas.

O escriptor britannico divide a civilisação em dois grandes ramos, — a da Europa e a de fóra della; na primeira predomina o esforço do homem sobre a natureza ; na outra é o contrario o que se nota. Esta distincção é caprichosa. A civilisação só é antiga e moderna, oriental e occidental, da Europa ou extra-européa nos livros mediocres de philosophia da historia, que assignalam leis contradictorias para cada uma dellas. No vasto e completo conceito ella é uma só, que evolucionalmente se tem desenvolvido até nós.

Podem-se-lhe quando muito, e é até necessario, marcar phases successivas, como mais ou menos acertadamente o praticou Comte e outros muitos antes e depois d'elle.

Todos os tempos e todos os paizes devem ser estudados, porque todos hão contribuido para o geral progresso ; a lei da filiação tem seu maior complemento exactamente na historia. Se a civilisação está actualmente na Europa, não será verdade que lhe veiu da Asia e que já tem passado para a America? Obcecado pelas contradicções dos climas e aspectos da natureza, o notavel pensador chegou a erigir a sua distincção infundada em uma lei da cultura humana.

Neste ponto é excellente a refutação de Littré, que escreve com franqueza : « E' um erro, e não ha ahi base alguma para a philosophia da historia. Para que se podesse sociologicamente dividir a civilisação em européa e extra-européa fôra preciso que a civilisação da Europa fosse autochtonica. Ora, ella não o é. Foi nas bordas da Asia, nessa Grecia, metade européa e metade asiatica, que appareceu a civilisação da Europa destinada a tornar-se a civilisação universal ; porém o facho só alli se accendeu pela chamma communicada por nossos antepassados d'Asia e d'Africa. A proposição de Buckle só é verdadeira quando limitada a um periodo recente ; mas ainda assim ella foge e escorrega por outro lado, porquanto a civilisação saida da Europa implanta-se na America, na Aus-

tralia, começa a transformar a India, maravilha o Japão, todos os paizes onde, segundo o pretendido axioma, a natureza é mais poderosa que o homem. » (1)

Tudo perfeitamente achado, excepto a falsidade do axioma. E' verdade que o diversos climas, até os mais *agros*, são adequados ás differentes raças que produziram, sendo exacta até certo ponto a increpação feita por Littré ao principio que desdenha. Mas, tendo-se em vista a civilisação moderna, que é, como elle o reconhece, toda de implantação, não se deve desconhecer a justeza da lei que taxa de presumida. O facto da emigração de povos originarios de paizes diversos para climas totalmente estranhos garante-me nesta affirmação. Não deve ser esquecido que os aryanos, por exemplo, que se acham hoje espalhados por todas as latitudes do globo, encontraram climas mais favoraveis a seu desenvolvimento numas paragens do que noutras. Poder-se-ha dizer que as colonias européas estabelecidas ha quatro seculos na Asia, Africa, America e Oceania encontraram por toda a parte um clima que fosse igualmente favoravel ao seu florescimento? Será certo que a natureza de algumas regiões não lhes tem constituido bastantes embaraços, e n'algumas paragens quasi insuperaveis?

Buckle, passando a tratar da influencia das leis mentaes, dá maior quinhão ás *intellectuaes* do que ás *moraes*. Nisto nem sempre vae razão e profundeza.

Como se vê, é elle um experimentalista em largo sentido, pelo methodo e pela essencia das idéas. Reforçado o seu systema pelas novas concepções do darwinismo, a exemplo de Bagehot, é elle um bom systema da historia scientifica.

A explicação das civilisações antigas, vae buscal-a na physica das regiões onde se desenvolveram. Calor e humidade, fertilidade da terra e um vasto systema fluvial, eis as condições primordiaes para o desenvolvimento das civilisações primitivas. Prova-o com a India para a Asia, o Egypto para a Africa, o Mexico e o Perú para a America.

Mas como é que o Brasil, e este é ponto a que almejava

(1) *La Science*, pag. 493 e 94.

chegar, como é que o Brasil, possuindo em tão larga escala os dois factores, não foi a séde de uma civilisação antiga?

O escriptor britannico recorre, para explicar esta lacuna, a um certo agente destruidor, que impossibilitou a acção dos outros. Ouçamol-o detidamente :

« O agente a que eu alludo é o vento geral, — vento alisio, *(trade-wind)* admiravel phenomeno pelo qual todas as civilisações anteriores ás da Europa foram grande e perniciosamente influenciadas. Este vento abrange não menos de 56° de latitude : 28° ao norte do equador e 28° ao sul. Nesta larga estensão, que comprehende alguns dos mais ferteis paizes do mundo, o vento geral sopra durante todo o anno, ora do nordeste, ora do sudeste. As causas desta regularidade são agora bem conhecidas e sabe-se que dependem em parte do deslocamento do ar no equador, e em parte do movimento da terra : por isso o ar frio dos polos é constantemente impellido para o equador e produz assim os ventos do norte no hemispherio septentrional e os ventos do sul no meridional. Estes ventos são afastados do seu curso natural pelo movimento da terra quando se volve em seu eixo de oeste para leste. E como a rotação da terra é mais rapida no equador do que em qualquer outra parte, acontece que na vizinhança daquelle a velocidade é tão grande que compelle os movimentos da atmosphera dos polos, e forçando-os noutras direcções, dá origem a estas correntes orientaes, chamadas ventos geraes, — ventos alisios.

« O que porem agora nos interessa não é uma explicação dos ventos geraes, e sim uma explanação do modo como este grande phenomeno prende-se á historia da America do Sul. O vento geral, soprando na costa oriental da America do Sul e procedendo de leste, atravessa o oceano Atlantico e deixa pois a terra cheia de vapores accumulados em sua passagem. Estes vapores, tocando á praia em intervallos periodicos, são condensados em chuva ; e como seu progresso para oeste é obstado pela cadeia gigantesca dos Andes, que não podem passar, empregam toda sua humidade no Brasil, que por isso é muitas vezes alagado pelas mais destruidoras torrentes. Esta abundante copia de humidade, sendo ajudada pelo vasto

systema fluvial peculiar á parte oriental d'America, e acompanhada pelo calor, tem estimulado o solo a uma actividade sem igual em qualquer outra parte do mundo. O Brasil, que é quasi tão grande como toda a Europa, é coberto de uma vegetação de incrivel profusão. Tão viçoso e luxuriante é o seu crescimento que a natureza parece extravasar-se num brinco de vaidosa força. Uma grande parte desta immensa região é entrelaçada por densas e enredadas florestas, cujas magnificas arvores, florescendo com belleza sem rival, e marchetadas de mil côres, despedem seus productos com inexcedivel prodigalidade. Em suas franças aninham-se passaros de esplendida plumagem, que pousam em seus altos e escusos recessos. Por baixo, suas bases e troncos são embaraçados por mattos rasteiros, plantas trepadeiras, innumeras parasitas, tudo borbulhando de vida. Alli existem em demasia myriadas de insectos de todas as variedades, reptis de fórma estranha e singular, serpentes e lagartos listrados com fatal belleza; todos acham meios de existencia nesta vasta officina e armazem da natureza. E para que nada falte a esta terra de maravilhas, as florestas são cercadas por enormes prados, que, fumegando de calor e humidade, supprem com alimento manadas innumeraveis de gados silvestres, que pastam e engordam em suas hervas; as planicies proximas, ricas de outras fórmas de vida, são a morada predilecta dos animaes mais subtis e ferozes, que prêam uns aos outros, porem que parece nenhum poder humano ter esperanças de extirpar.

« Tal é a força e abundancia de vida por que é collocado o Brasil acima de todos os outros paizes do mundo.

« Entre esta pompa e esplendor da natureza porem nenhum logar foi deixado para o homem!... E' reduzido á insignificancia pela magestade que o cerca. As forças que se lhe oppoem são tão formidaveis que elle nunca foi apto a lhes fazer frente, nunca foi capaz de resistir á sua accumulada pressão. O Brasil todo, a despeito de suas innumeras vantagens apparentes, tem permanecido inteiramente inculto, vagando seus habitantes selvagens e improprios para resistir aos obstaculos que a generosidade da natureza poz em seu caminho. Os aborigenes, como todo o povo na infancia da

sociedade, foram adversos a emprezas, e, sendo desconhecedores das artes com que se removem os obstaculos physicos, nunca intentaram oppor-se ás difficuldades que obstaram ao seu progresso social.

Estas difficuldades entretanto são tão serias que durante cerca de quatro seculos os recursos da sciencia européa tem sido em vão empregados no intuito de afugental-as. Ao longo da costa do Brasil ha sido introduzida da Europa uma certa copia de cultura que os naturaes por seus proprios esforços nunca teriam alcançado. Tal cultura porem, em si mesma muito imperfeita, nunca penetrou nos recessos do paiz, e no interior até agora existe um estado de cousas similhante ao que dantes existia. O povo ignorante, e alem disto brutal, não praticando nenhuma restricção, e não reconhecendo lei alguma, continua a viver em seu antigo e *inveterado barbarismo.* Neste paiz as causas physicas são tão activas e produzem seu imperio em uma escala de tal magnitude, que tem sido até hoje impossivel escapar aos effeitos de sua acção combinada. Os progressos da agricultura são paralysados por florestas intransitaveis, e as colheitas são estragadas por innumeraveis insectos. As montanhas são por demais altas para serem escaladas; os rios por demais largos para ser vadeados ou cobertos com pontes; cada cousa foi ahi produzida para reprimir o pensamento humano e conter a sua crescente ambição. Dest'-arte as energias da natureza têm encadeado o espirito do homem. Nenhures é tão penoso o contraste entre a grandeza do mundo externo e a pequenez do interno. O pensamento intimidado por esta luta desigual não só tem sido incapaz de avançar, como sem o auxilio estrangeiro teria indubitavelmente recuado. Até ao presente, com todos os proventos, constantemente introduzidos da Europa, não existem signaes de progresso real; não obstante a frequencia de estabelecimentos coloniaes, menos de um quinto da terra é cultivado.

« Os habitos do povo são tão barbaros como dantes, e, quanto a seu numero, é muito digno de notar-se que o Brasil, a região onde mais que nas outras os recursos physicos são

mais poderosos, onde os animaes e vegetaes são mais abundantes, onde o solo é regado pelos mais nobres rios e a costa ornada pelos melhores portos, este immenso territorio, que é maior que doze vezes o tamanho da França, contem uma população que não excede a seis milhões de almas. (1) Estas considerações sufficientemente explicam porque é que em todo o Brasil não existem monumentos da mais imperfeita civilisação, nenhum signal de que o povo tenha, em periodo algum, saido por si mesmo do estado em que se achava quando o seu paiz foi descoberto. No Brasil o calor do clima foi acompanhado por uma irrigação dupla, proveniente, de um lado, do immenso systema fluvial proprio da costa oriental, e, de outro, da abundante humidade depositada pelos ventos geraes. Desta combinação resulta que a fertilidade sem igual, tão grande quanto podia interessar ao homem, derrocou os calculos deste, paralysando seu progresso por uma exuberancia, que, se fosse menos excessiva, o teria ajudado. » (2)

Esta memoravel passagem, que devia ser meditada por todos os brasileiros, é verdadeira em seu sentido geral; mas envolve mais de uma inexactidão.

E' certo que os primitivos habitantes do paiz não ultrapassaram os ultimos degraus da selvageria; é exacto ainda que a nossa actual civilisação é toda impregnada de barbarismo. Só os patriotas desajuizados poderão contestal-o. Buckle porem é pelo menos incompleto quando faz depender as civilisações antigas do calor e humidade, ou da fertilidade da terra e um vasto systema fluvial. A philosophia da historia, sempre que maneja um principio unico, expõe-se a equivocos. O principio invocado pelo autor inglez não é tão exacto e profundo como lhe pareceu, porquanto civilisações antigas existiram em regiões onde se não encontram taes requisitos. Basta ponderar o caso das civilisações da Syria, Phenicia, Grecia e Etruria, paizes tão differentes da India, Egypto, Mexico e Perú.

(1) O auctor escrevia em 1857.
(2) *History of Civilization in England*, vol. 1 pag. 101 a 107.

Ainda mais : regiões existem, dotadas das qualidades encomiadas, que não foram a sêde de civilisações antigas. A grande peninsula denominada Indo-China em sua quasi totalidade, a Australia e as regiões do Niger e do Congo são a prova.

Pelo que toca ao Brasil, favorecido em larga escala pelas condições exigidas, o agente perturbador, na phrase de Buckle, é o *trade-wind*, que faz o paiz periodicamente ser devastado pelas mais impetuosas torrentes.

Creio que vae aqui alguma dóse de engano.

Se alguma cousa periodica nota-se no clima do Brasil, não são devastadoras enchentes, e sim calamitosas e destruidoras sêccas! Toda a enorme região que se entende das margens do S. Francisco ás do Parnahyba e ainda alem é o theatro regular de tão desastroso phenomeno. Mais de um terço talvez do paiz fica assim flagellado em consequencia do calor ; onde pois as humidades acarretadas pelos ventos geraes?

O facto tem-se repetido dezenas de vezes nos ultimos quatro seculos, e ainda agora, sob os nossos olhos, tem sido aquella região devastada pela sêcca aterradora.

Não quero, nem posso com isto contestar a acção malefica dos ventos geraes; mas torno patente que a sua energia não é tão poderosa como suppoz o sabio inglez ; e a prova mais cabal é que o phenomeno inverso do produzido por taes ventos repete-se constantemente. Temos um mau clima não por excesso de chuvas, sim por excesso de sua falta. Pelo menos em grande parte do paiz é o que se nota.

Não ha duvida que, quando vêm as chuvas, são ás vezes torrenciaes, o que causa verdadeiro desequilibrio : ou completa sêcca, ou chuvas por demais abundantes. Isto porem não é sempre.

Se pois nosso clima é mais poderoso do que o homem, como é costume velho dizer-se, é mais pela terrivel arma das sêccas com que joga do que pelas enchentes com que nos castiga.

Outro equivoco de Buckle é quando fala de nossas maravilhas e de nossos empecilhos naturaes. Exagera umas para tambem avolumar os outros.

Os empecilhos são: as grandes matas que se não podem transitar, os rios que se não podem passar, as montanhas que se não podem transpor, e a abundancia dos animaes mais ferozes e damninhos, que ou devastam as plantações ou impedem o ingresso nos recessos do paiz!

O autor, que nunca visitou o Brasil, foi victima do maravilhoso no inventario dos obstaculos que a natureza nos oppõe.

E' um erro dizer-se que temos as mais soberbas e impenetraveis matas do mundo. Viajantes muito autorizados são accordes em attestar que o interior do paiz é todo *calvo*, só existindo florestas na pequena cinta dita das matas ou nas margens dos grandes rios. A maior porção do paiz não offerece tal obstaculo, se é que assim se pode considerar uma floresta.

O que se nos apresenta agora como um defeito, nossos romanticos, embriagados de prodigios, sempre nos apresentavam como uma excepcional vantagem!

« Os rios mais largos... » E' ainda uma abusão romantica. A maior parte dos que figuram em nossas cartas geographicas ou não existem realmente ou não merecem tal designação. Não passam de leitos seccos quasi todo o anno, e apenas cheios na epoca das chuvas. Quasi todos os rios do norte do Brasil se acham neste caso (1).

Restam o systema do Amazonas, o do S. Francisco e o do Prata.

Estes tres são verdadeiramente notaveis, e é por amor delles que se formou a extravagante idéa de que todos os rios do Brasil são *gigantescos*. Olhando-se de perto, desapparece um pouco a miragem. Quanto ao Prata, é obvio que nos não pertence, e dos seus principaes concorrentes só possuimos a parte superior e mais insignificante do curso, as cabeceiras, por assim dizer. E' o caso do Paraná, Paraguay e Uruguay.

Pelo que toca ao S. Francisco, que é só o grande rio que

(1) Vide varios relatorios enviados ao chefe da commissão para o levantamento da carta geral do paiz, o Sr. Beaurepaire Rohan. Sobre todos é digno de nota o do finado senador Thomaz Pompeu de S. Brasil.

podemos chamar exclusivamente nosso, o seu systema é relativamente limitado e abrange poucos confluentes.

O Amazonas é que é exactamente colossal, e ainda assim não se pode dizer com Buckle que seja mais um estorvo do que um auxiliar, além de que só aproveita directamente a um quinto talvez de nosso territorio e á parte mais despovoada.

E' a unica região do Brasil onde apparecem as chuvas destruidoras de que fala o inglez.

« As montanhas tão altas que se não podem galgar... » E esta? O paiz é pouco montanhoso e nossos picos mais altos são de quarta ou quinta ordem em face de seus congeneres do velho e novo mundo. Temos poucas serras e que se não distinguem muito por sua altura.

Não sei onde estejam o nosso Himalaya, os nossos Andes e os nossos Alpes, que aliás não vedaram, segundo o nosso autor, a civilisação das respectivas regiões.

O philosopho britannico illudiu-se com as narrações phantasticas dos viajantes, sedentos de maravilhas e despropositos.

Muitas das cadeias de montanhas que figuram em nossos mappas só existem no papel.

E, quando possuissemos altissimas montanhas, ellas não seriam um estorvo, como o não são por ahi algures.

O autor da *Historia da Civilisação na Inglaterra*, avido por dar os motivos de nosso atraso, os não determinou exactos.

Em um logar elle diz que os phenomenos, que mais terrivelmente podem impressionar a imaginação dos homens, desanimando-os, são os *volcões*, os *tremores de terra* e os *furacões*. Ora, nosso paiz tem sido isento de taes crises medonhas, e porque não o allegou a nosso favor?

« Os animaes mais gigantescos e ferozes... » Erro ainda. Nossa fauna nem é a mais rica, nem a mais terrivel do mundo. Nós não temos o elephante, o camello, o hyppopotamo, o leão, o tigre, o rhinoceronte, a zebra, a girafa, o bufalo, o gorilla, o chimpanzé, o condor e a aguia.

Nossos typos animaes mais temiveis, a *onça* e a *anta*, não supportam o parallelo com seus rivaes do antigo continente.

E' mister acabar de uma vez com estes inventos, favoraveis ou desfavoraveis, com que ha sido costume illudir-nos. Temos sido sempre victimas da exageração : os nossos rios, montanhas, matas, feras... são sempre os mais gigantescos do mundo, o que é uma vantagem, dizem os patriotas ; o que é um empecilho, diz Buckle ; o que é um erro, digo eu.

Referindo-se aos nossos proventos, o historiador apresenta a fertilidade da terra, *sem rival* em qualquer *outra parte*, porem que, sendo em demasia exagerada, transforma-se em prejuizo. Ainda aqui vae equivoco.

Primeiramente, ser a fertilidade, ainda que excessiva, um prejuizo é cousa que se não admitte facilmente. Depois, tal uberdade, tão extraordinaria, não existe.

Possuimos muitas terras ruins e incapazes de cultura ; contamos já muitas terras que os lavradores denominam *cançadas*, isto é, já quasi improprias de cultivo. Onde pois a fertilidade assombrosa e sem rival em todo o mundo ?

Aquelles que conhecem a nossa lavoura, que definha não porque as terras sejam ferteis de mais, sabem perfeitamente que os grandes agricultores de café e canna *vivem a botar matas a baixo* afim de ter terras virgens para novas plantações, por ficarem depressa as outras cançadas. Eu não contesto a fertilidade de sólo brasileiro; fôra um paradoxo. Con testo porém que a fertilidade seja um predicado do Brasil, como alguns querem ou seja maior aqui do que por todo alhures.

Tudo é relativo, e a uberdade de nosso solo tambem.

Quem não se lembra da celebre archi-grandeza do Brasil na descripção de Rocha Pitta ? (1)

Tudo aquillo foi tomado a serio, e, depois dos conhecidos versos de Gonçalves Dias, não existiram *patrioteiros*, terrivel casta de Lovelaces da patria, que não proclamassem, para desnortear-nos o criterio, que este paiz era o paraiso da terra.

(1) Historia da America Portugueza, *in principio*.

Buckle é verdadeiro na pintura que faz de nosso atraso, não na determinação dos seus factores.

Estes, a meu vêr, são primarios ou *naturaes*, secundarios ou *ethnicos* e terciarios ou *moraes*. Os principaes daquelles vêm a ser — o excessivo *calor*, ajudado pelas *seccas* na maior parte do paiz ; as *chuvas* torrenciaes no valle do Amazonas, além do intensissimo calor ; a falta de grandes *vias fluviaes* nas provincias entre o S. Francisco e o Parnahyba ; *as febres* de máu caracter reinantes na costa. O mais notavel dos secundarios é — a *incapacidade* relativa das tres raças que constituiram a população do paiz. Os ultimos — os factores historicos chamados *politica*, *legislação*, *usos*, *costumes*, que são effeitos que depois actúam tambem como causas.

Dado porém que Buckle fosse de todo exacto quanto ás causas que determinaram o atraso do Brasil primitivo, os motivos por elle apontados não deveriam, ante elle proprio, justificar o nosso abatimento actual, porquanto para esse autor as leis que regem a civilisação de hoje não são as mesmas que presidiram ao desenvolvimento das civilisações antigas. Até certo ponto é isto exacto, tanto que as vantagens do Mexico e do Perú, que, segundo o escriptor, foram a causa de sua grandeza passada, continúam alli a vigorar, o que não impede que um e outro estejam actualmente a par, sinão muito abaixo, do Brasil no tocante á civilisação. Alli houve decadencia, apezar das vantagens, e aqui progresso, máu grado os obstaculos. Como explicar tal anomalia ? E' que, quanto ao Brasil, o historiador inglez é, em parte, mais phantastico do que profundo ; é que só pelo clima, bom ou máu, não se explicam as civilisações hodiernas. São a prova as republicas do Prata, que possuem excellente clima, dôce e ameno, e que nos não excedem em cultura, por mais que alcem a cabeça e façam retumbar as phrases quichotescas.

Um paiz póde possuir um clima melhor que outro, e ser menos civilisado. Provam o caso a Hespanha e a Allemanha. E' que para explicar o andar e progresso da civilisação de hoje é mistér pesar as tres categorias de factores que deixei enumerados.

CAPITULO IV

O meio. — Physiologia do brasileiro

« Os climas quentes, diz Michel Lévy, estendem-se entre os trópicos, e desde os trópicos até os gráus 30 e 35 de latitude austral e boreal. » (1) Por esta classificação o Brasil fica todo contido na categoria dos climas quentes.

Entretanto, a configuração topographica e geologica do paiz não permitte que se o tome como um corpo bruto, confuso, indistincto, marcado por uma só caracteristica mesologica.

As palavras do hygienista francez abrem aqui margem para uma excepção. O Brasil offerece nada menos de duas zonas climatericas differentes, — a quente, que se estende da sua fronteira norte até o tropico de capricornio, e a fresca que comprehende as terras ao sul do tropico, a que se podem ligar os terrenos altos das antigas provincias immediamente proximas. E' um erro grosseiro confundir cousas tão distinctas. E' certo que a mór parte do paiz, o verdadeiro Brasil, está contido na zona torrida, que encerra quasi todas as terras baixas do littoral, de um clima quente e humido, e as altas dos sertões do norte, de clima quente e secco desde a fronteira septentrional até S. Paulo. Uma parte desta ultima, e as trez provincias meridionaes — Paraná, Santa-Catharina e Rio-Grande do Sul — ficam além do tropico e gozam de um clima suave. Sabe-se que a Serra do Mar nestas ultimas regiões aproxima-se do littoral, offerecendo para o interior uma vasta lombada de terrenos altos de um clima quasi europeu.

(1) Traité d'Hygiène, 1º vol., pag. 405.

Além disto as terras elevadas dos platós do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas, se não têm a frescura das regiões meridionaes, não se podem confundir com as terras quentes do centro e do littoral do norte. Constituem un clima temperado e ameno.

Estabelecida esta reducção, que faço ás palavras de Lévy, trate-se do Brasil como de um paiz tropical. Não existem estudos regulares sobre a mesologia brasileira.

Os trabalhos nacionaes e estrangeiros são quasi infructiferos neste ponto ; desde os idyllios de Simão de Vasconcellos e Rocha Pitta sobre a pureza e suavidade do céu e do ar deste supposto *paraiso terreal,* até as objurgatorias do inglez Buckle contra este *inferno do mundo*, quasi só se nos deparam declamações e futilidades, sempre contradictorias. Certos autores europeus, acostumados a tratar dos climas inhospitos das colonias que suas nações possuem na zona torrida da Africa, Asia e Oceania, falando do Brasil, são levados, sem mais exame, a applicar-lhe o que só é verdadeiro daquellas regiões. A zona tropical se lhes afigura constantemente o paiz dos furações, dos terremotos medonhos, dos cataclismos impossiveis, dos volcões que bombardeam o ar, do siroco, do simun, do chansin, dos temporaes homericos, do cahos em summa. Ora, pois ; nada disto tenho eu visto no Brasil ! A região tropical é na America muito mais suave do que no velho mundo.

Os nossos ventos alisios não nos atiram no despenhadeiro d'aguas, como a Buckle quiz parecer. Os geographos de gabinete expõem-se a illusões deste genero. O corpo do Brasil fórma uma especie de vasto triangulo irregular, comprehendendo zonas diversas, com duas grandes bacias hydrographicas : a do Amazonas e a do Paraná, com innumeros affluentes, que, com outras bacias secundarias, cortam o paiz, de norte a sul, ou de oeste a léste. A zona quente admitte uma divisão geral : a) as terras mais ou menos pantanosas das costas, as do grande valle do Amazonas e do Paraguay, onde reinam as molestias hepaticas e as febres palustres ; b) a região sertaneja, comprehendendo todo o interior norte do paiz, o theatro das sêcas. A região fresca tambem soffre uma

divisão : a) as tres provincias meridionaes, onde vagueia o *minuano* frio e rispido ; b) as terras altas das provincias intermedias, S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, região que não tem o calor e a uberdade do norte, nem a esterilidade relativa dos terrenos do extremo sul. As notas, todavia, predominantes no clima do paiz são, pois, o calor e a humidade, com todo o seu cortejo formado pelo impaludismo. Dahi um certo abatimento intellectual, uma superficialidade inquieta, uma irritabilidade, um nevrosismo, um hepatismo que se revela nas letras, — o que tudo não degenera em delirio ; porque o exterior do paiz é risonho, as montanhas reduzidas e poeticas e não collossaes e phantasticas como as da India, por exemplo. Seja dada a palavra a um especialista : « Os habitantes dos climas equatoriaes experimentam desde o nascer os effeitos do calor. Experimentam-nos sem interrupção até a morte ; sua organização, composta de elementos de uma hereditariedade especial, é a expressão mais verdadeira e completa do poder desse agente ; ella carrega o sello da acção solar como todos os productos da natureza que a cérca. O calor exalta os orgãos da peripheria e determina um movimento centrifugo : — exageração habitual das funcções exteriores, relaxamento das funcções centraes, tal o rithmo dos indigenas da zona torrida. O calor arido contráe, encrespa, irrita seus tecidos cutaneos ; o calor humido os distende pelo suor e muitas vezes pelas erupções ; num caso e noutro, os fluidos são levados para debaixo da pelle, que perde a côr e adquire um alto grau de sensibilidade ; os orgãos que sympathisam directamente com a pelle recebem um igual impulso, especialmente os sentidos e o aparelho genital. A sobrexcitação cutanea tem como consequencia a depressão vital das mucosas ; as forças digestivas languescem ; a elaboração do chylo é incompleta ; o sangue, fornecido além disso por uma alimentação pouco substancial, fica seroso e pouco estimulante ; levado aos pulmões, cuja actividade está diminuida, não se arterialisa tão completamente como nos climas frios, onde a respiração é mais energica.

« O Dr. Copeland notou que nos paizes quentes escapa-se uma porção menor de acido carbonico pelas vias respirato-

rias ; o carbono predomina, então, nos fluidos organicos, que não têm plasticidade, e vae fixar-se no pigmento, cuja formação tende a augmentar. A economia ficaria sobrecarregada desse principio contrario á vida se o não expulsasse em parte pela pelle e pelo figado, que se anima com uma actividade supplementar á do pulmão ; o carbono, que esta viscera não elimina sob a fórma de acido carbonico, o figado se encarrega de evacual-o debaixo da fórma de bilis, pelo tubo digestivo. Em todas as épocas da vida, desde o estado embryonario, observa-se este antagonismo entre o figado e o pulmão ; ligados por uma relação inversa de desenvolvimento e actividade, logo que um destes orgãos se enfraquece, o outro se exalta ; o clima nisto opéra como a idade e as molestias ; crêa idiosyncrasias especiaes e amortece as que dantes existiam.

« A transpiração cutanea, a secreção da bilis, a deposição mais copiosa do pigmento são o triplice trabalho, que domina a physiologia dos paizes quentes ; a pelle e o figado são os orgãos mais vivos e sobre elles se dirige mais frequentemente a imminencia morbida. Ahi a fórma mais ordinaria da saude não será, pois, o temperamento sanguineo que mostra uma chylificação e uma hematose perfeitas ; manifestam-se como typo mais generico os caracteres do predominio bilioso, os signaes de uma verdadeira saturação de carbono, combinados com os do temperamento lymphatico e os do nervoso.

« A constituição dos indigenas testemunha a influencia enervadora do clima : todos os observadores assignalam nelles o contraste da fraqueza radical, do relaxamento dos tecidos, da indolencia e da apathia, com a exaltação do systema nervoso, o fogo das paixões, os borbotões desordenados de actividade physica e moral. O enfraquecimento geral destas raças é tambem favorecido pela natureza do regimen alimenticio, pouco reparador no fundo, apezar dos condimentos incendiarios com que se esforçam para despertar a inercia de seus orgãos digestivos enfraquecidos pelos excessos venereos, que commettem pelo estimulo especial do clima, pelas desordens de toda a especie a que as levam sua luxuria natural, a ociosidade e o despudor dos costumes.

« A affecção dominante nestes climas na estação sêca, é

uma febre continua remittente, acompanhada de congestões rapidas que se operam, já no encephalo ou nas meninges, já no tubo digestivo e annexos. Com esta affecção coincidem as molestias locaes, febris ou apyreticas : o calor sêco dispõe para as hyperemias cerebraes, as meningites, as encephalites, as apoplexias. O brilho da reverberação solar provoca ophthalmias ; a pelle, séde de uma estimulação constante, se cobre de erupções diversas. Os apparelhos digestivo e biliar se irritam por seu lado, directamente ou por sympathia : as colites, as dysenterias, as hepatites, mostram-se em multidão, cercadas de febre violenta, ordinariamente de natureza palustre, que não custa a imprimir seu cunho particular em todas estas phlegmasias ; até as febres traumaticas revestem-se deste typo especial.

« A estação humida vem acabar, por sua acção dissolvente, a prostração da economia, gasta pela subrexcitação produzida pelos calores da estação precedente. As primeiras chuvas, que refrescam a terra resequida, fermentam a camada de detritos organicos que a cobrem ; logo depois a superficie do sólo se enche de lamas e humidades fetidas, e sobre toda a extensão da zona torrida operam-se emanações deleterias, maximè nas costas cobertas de mangues e pantanos, nos terrenos baixos e nas terras cobertas de mato ; apparecem então as endemias de febres intermittentes e remittentes, seguidas ou complicadas com hepatite, dysenteria, ou cholera-morbus ; as lesões locaes apresentam maior propensão para a a suppuração e a gangrena.

« Ao passo que a febre da estação sêca se faz notar pela perseverança da sobrexcitação inicial até o momento da catastrophe, a da estação humida começa por symptomas de abatimento, e acompanha-se de uma prostração que progride com a decomposição dos fluidos organicos ; por isso foi chamada febre biliosa putrida por muitos observadores dos paizes quentes. » (1)

E' a descripção mais ou menas exacta do Brasil. Temos uma população morbida, de vida curta, achacada e pesarosa em

(1) Lévy, *ibid.*, pag. 490 a 492.

sua mór parte. E que relação tem isto com a litteratura brasileira? Toda. E' o que explica a precocidade de nossos talentos, sua extenuação prompta, a facilidade que temos em aprender e a superficialidade de nossas faculdades inventivas.

O trabalho intellectual é no Brasil um martyrio; por isso pouco produzimos; cedo nos cançamos, envelhecemos e morremos depressa.

A nação precisa mais de um regimen dietetico acertado e caprichoso do que mesmo de um bom regimen politico. O brasileiro é um sêr desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador; mais lyrista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que de idéas scientificas e demonstradas. Não temos philosophia, nem sciencia, nem a grande poesia impessoal dos grandes genios europeus. Temos o palavreado da carolice, a mystica ridicula do beaterio enfermo e fanatico, de um lado, e de outro, os devaneios futeis da impiedade impertinente e facil; na poesia, o lyrismo subjectivista, morbido, inconsistente, vaporoso, nullo.

A nação não ama de frente a natureza, nem se une a ella pela sciencia, ou pela arte. Os moços quasi nunca têm uma inspiração sua, nacional, brasileira; não neutralizam a fraqueza original de nosso espirito pelo regimen saudavel da sciencia, pelo estudo serio e pela hygiene do corpo. Não conhecem os segredos do pensamento original e autonomico, nem procuram casar suas idéas aos arroubos de nossa natureza. Os litteratos preferem desconhecer o paiz e o povo, sequestrar-se d'alma nacional e viver enclaustrados nas cidades, entregues ao sonho polucional de umas scismas rachiticas; abandonados, segundo a phrase graphica de um escriptor europeu, a uma especie de extravasamento, de *onanismo* intellectual. O rapaz aos vinte annos, entre nós, quasi sempre está viciado e aos trinta é velho de corpo e de espirito.

E' a razão de toda essa galeria patria, merencoria e sombria de tisicos e hystericos, mortos antes dos trinta annos, onde estão Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Bernardino

Ribeiro, Castro Alves, Junqueira Freire, Macedo Junior, Dutra e Mello, Franco de Sá, e muitos e muitos outros, extenuados ao sol da patria, é certo; mas tambem desorientados pelas chimeras de uma educação misanthropica e prejudicial.

Todos estes moços são um máu exemplo para nós os de hoje; havemos mister de typos mais varonis, de lutadores mais valentes.

O grande prestigio da sciencia e industria modernas está no poder de neutralizar as influencias deprimentes do mundo exterior. Compenetremo-nos disto; lancemos mão de todos os seus recursos; tenhamos a educação do real, a hygiene experimental do espirito. Neste ponto parece que vamos retrogradando. A geração dos homens vigorosos vae se acabando, como se vão acabando as nossas matas; temos hoje em paga o beriberi, a febre amarella, e um descredito cada vez mais crescente aos olhos do estrangeiro.

A acção do meio physico em sociologia e na litteratura póde-se determinar pelo clima, pelo aspecto geologico e topographico do paiz, pela alimentação do povo. Quanto a esta, consistente entre nós, pela mór parte, em feculas e grãos, é pouco nutriente e incapaz de avigorar um povo sadio. Faz-se excepção talvez para os sertanejos das zonas pastoris do norte e do Rio Grande do Sul que, em regra, são vigorosos. Os habitantes das matas e das praias são de ordinario anemicos e enfraquecidos.

O clima está quasi nas condições da descripção de Michel Lévy, que ficou transcripta. Resta o aspecto geral da natureza. Se a acção das duas outras forças é mais poderosa, como agente estatico, a da ultima é uma lei de evolução, de renovamento, de adaptação cenogenetica. Por este lado, a physionomia geral do Brasil pode influir muito sobre a formação de nosso genio particular de nação.

Não temos monstruosidades naturaes; nem desertos como os da Africa e da Arabia, nem savanas e steppes, como as da Russia e da republica Argentina, nem montanhas phantasmagoricas como as do Indostão e do Thibet, nem volções como os do Mexico e Perú; nem o sol de fogo da Australia, nem o céu nublado do norte da Europa. O nosso céu é bril-

hante ; as tardes e as manhãs limpidas ; o todo do paiz é onduloso e colleado de montanhas accessiveis, as costas cheias de anfractuosidades amenas e suaves, onde não estruge um mar aterrador. Se não temos um golpho de Gasconha no oceano, não temos tambem o Sahara, nem o Himalaya em terra.

As noites são claras e tepidas. Tudo nos convida para as concepções naturalistas, calmas, serenas, sem nebulosidades. Oxalá a obra dos homens corrija a natureza no que ella aqui tem de máu e desenvolva os bons germens que ella aqui tanto nos prodigaliza !

Se a nossa litteratura, submettida a um exame serio, não justificar este lado bom de nosso meio, será que os agentes maleficos hão só nella influido. Creio, porém, que, por este lado, tudo não foi em pura perda para nós. O caracter pratico do portuguez, alliado a raças tropicaes, como a tupy e a africana, não produziu sómente entre nós typos enfermicos e desequilibratados ; produziu tambem homens validos, de uma lucidez de espirito, d'uma intuição prompta e segura, que constitue o melhor titulo de nossas populações em geral. O brasileiro, em regra, é abstemio ; não perdeu ainda os estimulos do serio e noto que elle deseja o progresso de sua patria. A litteratura não se tem limitado a chorar e maldizer ; de quando em vez tambem se tem ouvido o riso franco da jovialidade e a alegria enthusiastica das crenças firmes e expansivas.

Se o clima não creou as raças que constituem nossa população, composta de gentes para aqui immigradas, elle as póde modificar e modifica effectivamente. Hoje que este facto empirico está descoberto e estudado, cumpre-nos não caminhar ás cégas como hordas selvagens. A politica e a sciencia brasileiras têm ahi diante um problema a solver e a dirigir.

A acção do clima tem contribuido para nossa integração nacional ; na litteratura ella tem ajudado a effusão sentimental de nosso lyrismo, mais doce, suave e ardente do que o lyrismo herdado dos portuguezes.

Nossa linguagem é mais musical e eloquente ; nossa imaginação mais opulenta. Procuremos sair do lyrismo subjec-

tivista e affrontemos vastas concepções. Temos elementos que Portugal não possue : um paiz vasto e rico, de um clima mais variado do que o do reino, uma população mais abundante e composta de raças que lá não existem. Não precisamos de phantasiar theorias sobre o meio e o povo para nossa caracteristica.

Temos os factos reaes ; é só averigual-os.

O Brasil não é, não pode, não deve mais ser uma copia da antiga metropole.

E' mais que tempo de firmarmos definitivamente nossa completa independencia intellectual. Ha muito que o reino não nos póde mais ser um modelo.

Nesse trabalho lento de differenciação o clima é um alliado nosso. Este bello e esplendente céu da zona torrida, na phrase do velho Ivo d'Evreux, deve ser contado como um agente de transformações. As actuaes populações do paiz não vivem mais nelle como estrangeiras ; afizeram-se ao sólo ; prendem-se-lhe já por um sem numero de tradições, de habitos, de interesses ; a vida brasileira já tem um molde particular, seu, mais ou menos caracterizado. Quem sabe até onde um dia chegará entre nós a acção do clima? Só os seculos futuros podel-o-hão dizer.

Esse influxo determina-se empiramente pelos resultados contradictorios a que fracções de uma mesma raça chegaram em regiões diversas. Que distancia entre os aryanos da Italia e da Grecia e os da India ! Aqui o calor produziu todos estes terriveis effeitos eloquentemente assignalados por Hippolyto Taine :

« O sol da India é terrivel ; ninguem o póde supportar com a cabeça descoberta, excepto as populações indigenas de pelle escura. Figurae-vos, debaixo de um céu suffocante, uma raça estrangeira saída de um paiz temperado ou quasi frio. Os exercicios do corpo tornam-se intoleraveis ; o gosto pelo repouso e pela preguiça começa ; o estomago não tem mais necessidades ; os musculos amollecem-se ; os nervos tornam-se excitaveis ; a intelligencia sonhadora e contemplativa, e vereis formar-se o povo exquisito que os viajantes nos descrevem hoje : — uma sensibilidade feminina e estremecedora ;

uma delicadeza de percepção extraordinaria; uma alma situada lá nos confins da loucura, capaz de todos os furores, de todas as fraquezas e de todos os excessos, prompta a desconjunctar-se ao menor choque, vizinha da hallucinação, do extasis, da catalepsia; uma imaginação polulante, cujos sonhos monstruosos amoldam e torcem o homem como gigantes esmagam um verme. » (1)

Eis ahi a que ficou reduzida pelo clima da India a raça mais progressiva e intelligente da terra. Se o nosso céu não é tão déspota, não deixa de se-lo tambem até certo ponto. Conjuremos sempre por novas levas de immigrantes europeus a extenuação de nosso povo; conjuremol-a por meio de todos os grandes recursos da sciencia. E' esta a lição dos factos.

CAPITULO V

A nação brasileira como grupo ethnographico e producto historico

E' incontestavel a tendencia moderna para reduzir as chamadas sciencias moraes a uma prolação da historia natural. Depois que o homem deixou de ser o centro e a medida das cousas, depois que se lhe marcou o genuino logar na creação, o modo de tratar a historia e os outros ramos scientificos, que se lhe prendem, soffreu uma alteração radical.

A antiga maneira de fazer a critica litteraria fundada nas regras *eternas do bom gosto*, modificou-se de uma vez e foi obrigada a aceitar a *relatividade* de seus conceitos.

Desde Buckle e Gervinus, começou-se a estudar a acção dos differentes *meios* sobre os diversos povos; desde Taine e Renan, admittiu-se, além disso, o influxo divergente das *raças* nas creacões religiosas e artisticas (2).

(1) *Nouveaux essais de critique et d'histoire*, pag. 324.

(2) Renan e Taine tinham sido antecedidos pelo conde de Gobineau.

Antes destes escriptores essa intuição era existente; elles a tornaram classica e vulgar.

Começaram a apparecer então os exageros, e os dilettantes litterarios não tiraram mais da bocca as palavras *meio* e *raça!*... Sobre a antiga rhetorica fundou-se outra com seus termos mysticos e sagrados. Improvisaram-se theorias phantasiosas sobre povos de formação recente, e, entre outros, Portugal, por exemplo, teve sua *raça* peculiar nos *mosarabes* e seu *meio* absolutamente distincto do resto das Hespanhas pela visinhança do *mar*, que não é, por certo, uma excepção portugueza!...

Entretanto, os factos alli estão para impor-nos grande reserva : de um lado, a verdade inconcussa de que as velhas raças pre-historicas são quasi desconhecidas e que as raças historicas, como as dos aryanos, semitas e altaicos, desde a mais remota antiguidade, têm vivido no mais completo cruzamento e quasi fundidas. O criterio para a sua separação é quasi puramente linguistico, e a linguistica é um criterio bem fraco em ethnographia, especialmente entre os povos modernos e recentes, resultantes da fusão de muitas raças.

Por outro lado, o estudo da mesologia começa apenas a esboçar-se e ainda não se sabe totalmente como os *meios* modificam os povos. Tudo isto é certo e é-o tambem que estes, por sua parte, reagem contra aquelles. O meio não funda uma raça; póde modifical-a e nada mais. Deve-se, neste assumpto, contar com o *factor humano*, isto é, com uma força viva prestes a reagir contra todas as pressões por intermedio da cultura.

Não contesto a acção dos meios e das raças, que é um achado definitivo d'or'avante na sciencia. (1) Imponho-me sómente algum cuidado no manejo de meu assumpto : a litteratura patria.

O povo brasileiro é um grupo ethnico estreme e caracteristico, ou é uma determinada formação historica? Nem uma nem outra cousa, respondo resolutamente.

(1) Nem o podia fazer, quando fui dos primeiros a marcal-a em nossas letras na *Litteratura brasileira e a critica moderna* e n'outros escriptos.

Não é um grupo ethnico definitivo; porque é um resultado pouco determinado de tres raças diversas, que ainda acampam em parte separadas ao lado uma da outra.

Não é uma formação historica, um raça sociologica, repetindo a palavra de Laffite, porque ainda não temos uma feição caracteristica e original. Temos porém os elementos indispensaveis para tomar uma face ethnica e uma maior cohesão historica.

Quando se trata de caracterisar a nação brasileira, é claro que não deve ser no ar, phantasticamente, e sim em relação ao povo de que ella principalmente descende e diante daquelles que a cercam. Se o povo portuguez não se distingue ethnologicamente do hespanhol, nós temos elementos para separarmo-nos consideravelmente do nosso ascendente europeu e dos povos visinhos que nos cercam.

A raça aryana, reunindo-se aqui a duas outras totalmente diversas, contribuiu para a formação de uma *sub-raça* mestiça e crioula, distincta da européa. A introducção do elemento negro, não existente na mór para das republicas hespanholas, habilita-nos, por outro lado, a afastar-nos destas de um modo bem positivo.

As condições especiaes de nossa geographia vêm tambem em nosso auxilio. Não é tudo; uma circumstancia, por assim dizer pre-historica, e de que não se tem medido todo o alcance, apparece para auxiliar a caracteristica do povo brasileiro. A principal familia indigena, que occupava esta porção da America, não se confundia com qualquer outra. Os *brasilio-guaranys* povoavam justamente a mór porção d'esta parte do continente, onde se vieram estabelecer o negro e o portuguez.

Este facto concorre para separar-nos ainda mais das gentes hispano-americanas, que, além de não possuirem o elemento africano, tiveram um vasto cruzamento indigena de todo diverso do selvagem do Brasil. A' vista deste facto, deprehende-se por si mesmo que toda a margem esquerda do Paraguay e do Paraná é genuinamente brasileira pela origem primitiva de seus habitantes, e seria hoje uma parte

do Brasil, se o não tivesse obstado a fraqueza ou a inepcia dos governos portuguez e imperial.

O povo brasileiro, como hoje se nos apresenta, se não constitue uma só raça compacta e distincta, tem elementos para accentuar-se com força e tomar um ascendente original nos tempos futuros. Talvez tenhamos ainda de representar na America um grande destino cultur-historico.

Dentro dos limites de uma só familia humana, ramos varios podem offerecer tendencias e aptidões diversas. Os francezes, italianos e allemães pertencem ao mesmo grupo aryano, e que diversidade entre elles de manifestações espirituaes!... No Brasil a tendencia á differenciação póde ser ainda maior do que entre aquelles povos, se circumstancias anomalas e retardatarias não se vierem interpôr ao nosso desenvolvimento, como é muito para temer.

Concerrando o assumpto deste capitulo e respondendo á questão que elle contém, em poucas palavras, direi :

A estatistica mostra que o povo brasileiro compõe-se actualmente de brancos aryanos, indios tupis-guaranys, negros quasi todos do grupo bantú e mestiços destas tres raças, orçando os ultimos certamente por mais de metade da população. O seu numero tende a augmentar, ao passo que os indios e negros puros tendem a diminuir. Desapparecerão n'um futuro talvez não muito remoto, consumidos na lucta que lhes movem os outros ou desfigurados pelo cruzamento. O mestiço, que é a genuina formação historica brasileira, ficará só diante do branco quasi puro, com o qual se ha de, mais cedo ou mais tarde, confundir.

Não é phantasia : calculavam-se em tres milhões talvez os indios do Brasil ; hoje onde estão elles? Reduzidos a alguns milhares nos remotissimos sertões do interior.

Computavam-se tambem em alguns milhões os negros arrancados d'Africa pela cobiça dos brancos, e hoje chegam elles por certo apenas a uns dois milhões.

As pestes e as guerras fizeram aos indigenas o que os trabalhos forçados fizeram aos africanos. As selvas não estão mais povoadas de caboclos, para serem caçados pelas *ban-*

deiras; os portos d'Africa estão fechados aos navios *negreiros.*

A consequencia é facil de tirar : o branco, o autor inconsciente de tanta desgraça, tirou o que pôde de vermelhos e negros e atirou-os fóra como cousas inuteis. Foi sempre ajudado neste empenho pelo *mestiço*, seu filho e seu auxiliar, que acabará por supplantal-o, tomando-lhe a côr e a preponderancia.

Sabe-se que na mestiçagem a selecção natural, ao cabo de algumas gerações, faz prevalecer o typo da raça mais numerosa, e entre nós das raças puras a mais numerosa, pela immigração européa, tem sido, e tende ainda mais a sêl-o, a branca. E' conhecida, por isso, a proverbial tendencia do pardo, do mulato em geral, a fazer-se passar por branco, quando sua côr póde illudir.

Quasi não temos mais familias estrememente aryanas; os *brancos presumidos* abundam. Dentro de dois ou tres seculos a fusão ethnica estará talvez completa e o brasileiro mestiço bem caracterisado.

Os mananciaes negro e caboclo estam estancados, ao passo que a immigração portugueza continúa e a ella vieram juntar-se a italiana e a allemã. O futuro povo brasileiro será uma mescla africo-indiana e latino-germanica, se perdurar, como é provavel, a immigração allemã, ao lado da portugueza e italiana.

Ouçamos um homem pratico, o Dr. Hermann Rentschler : « Nos Estados Unidos, onde havia mais indios e negros do que no Brasil, a experiencia tem demonstrado que no decorrer do tempo o *indio* e o *negro* desappareceram em contacto com o branco (1). O Brasil não deve contar seriamente com os indios e negros como elementos de uma civilisação futura, ainda que estenda até elles os beneficios do ensino primario. As futuras gerações do Brasil, se fôr aproveitada a colonisação allemã, constituirão um povo mixto de brasileiros propriamente ditos, portuguezes e allemães. Os

(1) Sr. Rentschler illude-se em grande porte no que diz do desapparacimento do negro nos Estados-Unidos.

descendentes do novo povo mixto serão superiores a seus antecessores, portuguezes e allemães, como elemento de colonisação. Transportemo-nos, em espirito, ao futuro do Brasil : ahi veremos um *povo mixto*, mais apto e capaz do que seus progenitores para a cultura das terras ; porque serão habituados desde o nascimento ao clima e á vida do paiz. Uma *nacionalidade* não é um facto primeiro, que surja num dia certo de fundo tenebroso da historia. Segundo o pensar de um notavel ethnologo, é ao contrario o resultado de uma grande quantidade de combinações, de fusões, de eliminações e de associações, de toda a especie. Um vez formada, ella constitue um quadro imdestructivel que se impõe aos elementos novos que se lhe vêm juntar ; mas a unidade, nisto como no mais, é um termo e não um principio original. » (1)

Estes factos ficariam sem vigôr para a historia litteraria, se, ao lado do cruzamento physico, se não désse tambem o das idéas e sentimentos. A união neste solo de povos em tão variados estadios da intelligencia influiu na psychologia do povo brasileiro. Os negros para aqui transportados estavam, ao que supponho por factos, no momento primeiro do fetichismo, phase primordial da idade theologica.

Os indios achavam-se no periodo da astrolatria, momento mais adiantado do estado fetichista. (2)

Os portuguezes eram monotheistas, ultimo momento do theologismo ; mas tinham grandes residuos da época anterior — o polytheismo.

Dahi uma grande confusão no conjuncto das creanças e tradições brasileiras, que encerram elementos contraditorios de todas as phases do pensamento.

Somos um povo em via de formação ; não temos, pois, vastas e largas tradições nacionaes. Negros e indios pouco puderam fornecer, e os portuguezes já tinham, com a Renascença, esquecido em parte as tradições da idade média, quando o inconsciente das cousas os atirou ás nossas plagas. Dahi o estado fragmentario de nossa litteratura popular.

(1) *Contribuição para a psychologia comparada dos povos*; pag. 8.
(2) Vide minha — *Ethnographia Brasileira*.

CAPITULO VI

Raças que constituiram o povo brasileiro. — O mestiço

No estudo dos povos que formaram a actual nação brasileira o primeiro logar ha-de ser dado ao portuguez.

Não é que elle só por si, como suppuzeram sempre os rhetoricos das velhas crenças, tenha constituido o nosso presente estado e tenha sido o factor unico de nossa civilisação. Este modo de pensar arbitrario e incorrecto é um dos muitos erros que devo atacar de frente. O logar de honra deve ser dado ao portuguez; porque elle, sem ser o unico, é o principal agente de nossa cultura.

Não vejo que seja necessario, neste ponto, impertinentemente repetir sobre a ethnographia das populações da peninsula hispanica aquillo que sobre ella já, por muitas vezes, tem sido bem dito.

Bastam poucas palavras.

Aceitando a apparição do homem sobre a terra na época terciaria, no periodo do *éocene*, segundo os mais ousados anthropologistas, nada se sabe de positivo sobre os habitantes pré-historicos da péninsula iberica. Têm-se de admittir alli populações autocthones, que veriam prolongando-se pelos periodos geologicos seguintes — *miocene*, *pliocene*, *post-pliocene*.

Neste ultimo pisa-se um terreno mais solido, e factos mais averiguados se antolham ao observador. Passa-se ás idades da pedra lascada e polida, e chega-se á idade dos metaes. Então já muitas immigrações tinham por certo vindo sobrepôr-se aos primitivos autocthones, e entra-se plenamente na phase quasi historica dos povos precursores dos

semitas e aryanos, raças metallurgicas, impropriamente denominadas turanas e mais acertadamente uralo-altaicas. Os iberos, ao que se presume, pertencem a esta familia. Vieram depois os ligures, os phenicios, os celtas ; formaram-se os coltiberos ; chegaram os carthaginezes ; mais tarde os romanos ; e, finalmente, os suevos, os godos e os arabes.

A população da peninsula descende, como se vê, de uma origem variadissima, onde entraram os primitivos indigenas, os uralo-altaicos, os semitas e os aryanos. As quatro principaes raças humanas estão alli representadas. O portuguez é um resultado complicadissimo da historia ; desmembrado, além de tudo, da communhão hespanhola, tem sempre tendido a caracterizar-se á parte. A ousadia de seus marinheiros e o livro dos *Lusiadas* foram os mais valentes operarios nessa obra de cenogenese nacional. No seculo mais brilhante de sua historia, veiu até as nossas plagas tomar aos tupys esta vasta região, onde fundou uma nacionalidade, que deve ser no futuro a representante, até certo ponto, de suas tradições. Portugal offerece um espectaculo singular na historia : o seculo de sua florescencia foi tambem o seculo de seu desmoronamento. Duzentos annos lhe bastaram para crescer e fortificar-se ; em 1500 apresenta-se opulento, trabalha na evolução geral da humanidade ; dicta ahi a sua palavra ; recolhe-se e cáe. O Brasil não chegou a fruir as vantagens da grandeza de seus paes. Colonisado muito depois de descoberto, quando o seculo já ia em meio, este bello paiz assistiu bem cedo ao captiveiro da mãe patria. Francezes, inglezes, hollandezes e até hespanhóes disputaram-no. A colonia teve de sustentar grandes lutas para conservar-se fiel á metropole. Estes factos retardaram-lhe o desenvolvimento. (1) Qual era, entretanto, nesse tempo o estado intellectual de Portugal ? — Bem lisongeiro. Tal deve ser a resposta. Um paiz que tinha Gil Vicente, Camões, Christovão Falcão, João de Barros, Sá de Miranda e Ferreira, atravessava uma phase brilhante do pensamento. Os colonos portuguezes para aqui transportados vinham de posse de

(1) Vide *Découverte et colonisation du Brésil*, por A. Debidour.

uma cultura adiantada. Porque motivo, pois, não dirigiram a colonisação mais sabiamente, aproveitando os indios, adaptando-os a si ? Duas causas fornecem a explicação do phenomeno : a indole do caboclo, refractaria á cultura, e a impericia do governo da metropole. Sabe-se que de João 3º em diante a nação começou a perder os largos estimulos, o povo a definhar, o jesuitismo a expandir-se e a carolice desenfreíada a erguer o collo.

A Hespanha espreitava de longe e no momento azado poz a mão sobre a presa.

Não se trata aqui de escrever a historia exterior do Brasil, senão de indicar a traços rapidos as primeiras sementes do pensamento nacional.

Concebe-se facilmente que os portuguezes não vieram para este paiz no primeiro seculo de sua descoberta em vastas levas para om territorio exiguo; passarram-se em pequenas porções a estabelecer-se isoladamente num territorio vastissimo. Formaram-se por isso nucleos isolados, quasi incommunicaveis, á vista das difficuldades de relações existentes então no paiz.

São Vicente, S. Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão foram os principaes centros da população portugueza no Brasil durante mais de duzentos annos.

Dahi um certo caracter contradictorio entre esses nucleos, que não vieram a formar outras tantas populações distinctas em vida e tradições ; porque os colonisadores, oriundos de um paiz exiguo e centralisado, pensavam pelo mesmo molde, e, por um phenomeno singular, as principaes tribus selvagens brasileiras pertenciam a uma só raça e tinham a mesma intuição das cousas.

Os portuguezes, quanto ao seu regimen mental, estavam numa phase monotheica alimentada pelo catholicismo ; mas diluida, de um lado, por muitos resquicios fetichistas, e, de outro, pela confusão metaphysica. Era no tempo transitorio da *Renascença* e da *Reforma*, época de renovamento, de que o velho reino não pôde tirar largos proventos. O regimen theocratico, ajudado pelos jesuitas, amordaçara a nação, que

na America viu nos indios mais os hereges que deviam ser extirpados do que os braços que podiam ser aproveitados.

A consideração de ter o jesuita se alliado ao indio contra o portuguez e o negro, não tem valor contra factos mais geraes. O portuguez na America procedia de acôrdo com suas idéas, com sua intuição do mundo e da humanidade ; e um tal modo de pensar era em grande parte de formação fanatica e jesuitica. Se os padres da companhia, contradizendo-se, deixavam escravizar o negro e protegiam o indio, é que em seus calculos elles sonhavam um imperio exclusivamente seu, formado sobre o indigena. O inconsciente da historia venceu-os ; na lucta pela existencia o portuguez supplantou o caboclo e o jesuita. O negro serviu-lhe de arma e de apoio ; tal o seu grande titulo historico em o Novo-Mundo.

Ao portuguez devemos a colonisação por uma raça européa, seu sangue e suas idéas, que nos prendem ao grande grupo de povos da civilisação occidental. Pertencente, porém, ao gremio dos povos ibero-latinos, trouxe-nos tambem seus prejuizos de toda casta, politicos, sociaes, religiosos, economicos e tantos males chronicos que lavram n'alma daquelles povos.

Passemos aos indigenas. Existem já alguns trabalhos de valor sobre as populações selvagens brasileiras. Os escriptos de Frederico Hartt, Baptista Caetano, Ferreira Penna, Couto de Magalhães, José Verissimo, Baptista de Lacerda, Rodrigues Peixto e Barbosa Rodrigues, lançam alguma luz sobre o estado intellectual dos tupys-garanys. Serão aproveitados neste livro para o estudo de suas antiguidades, poesia, danças, musica e linguas. Sobre certas particularidades de seu viver de preferencia devem ser ouvidos os velhos chronistas, e entre todos o padre Ivo d'Evreux, o mais minucioso.

Eu acredito na origem polygenista do homem, defendida por Morton, Nott, Agassiz, Littré e Broca.

Parece-me um exagero, dictado por uma velha preoccupação orthodoxa, reduzir todas as raças humanas a uma só origem avita primitiva.

A unidade das especies vivas é um facto positivo, demons-

trado desde Lamarck; ellas porém não se desenvolveram n'um centro unico para dalli emigrarem; surgiram por transformações espontaneas em varios pontos do globo.

E' o que aconteceu com o homem; em mais de um ponto da terra o animal, seu precursor, chegou espontaneamente ao estado de produzil-o.

Parece-me que nesta questão Vogt e Broca interpretam melhor o verdadeiro sentido do transformismo do que Häckel.

As raças americanas são um producto do meio americano. Desde a época do megatherio o homem tem sempre existido nesta parte do mundo. As nações aqui encontradas no tempo da descoberta não se devem, todavia, confundir com os homens das cavernas.

No proprio seio do continente formaram-se raças diversas, de maior ou menor energia intellectual, que reagiram umas sobre as outras.

A desastrada hypothese do Sr. Barbosa Rodrigues, que os faz provir dos scandinavos, e a de Varnhagen que os derivava dos carios, são tão justificaveis, como as daquelles que os suppunham oriundos dos judeus, quando dispersos pelo mundo no seculo primeiro de Jesus. (1)

Inaceitavis são tambem as hypotheses que os fazem vir da Asia, da Oceania ou da Africa. A' bibliomania emperradamente orthodoxa deve-se esse impertinente esforço para procurar parentescos aos americanos entre os antigos descendentes de Japhet, Sem e Tur; aryanos, semitas e pretensos turanos têm sido chamados para ascendentes dos nossos indigenas.

Porque motivo o velho mundo havia de ter o privilegio de produzir tantas raças e o novo continente nenhuma? Os habitantes da Amarica vieram, como se diz da Europa ou da Asia, e os destas regiões d'onde vieram? A difficuldade remove-se; mas não é resolvida.

(1) Sobre as raças pré-historicas do Brasil vide as cartas de Lund, publicadas na *Revista do Instituto Historico* e os trabalhos craniologicos de Rodrigues Peixoto e Baptista de Lacerda impressos nos *Archivos do Museo Nacional* e os modernos trabalhos de von den Steinen e Ehrenreich.

Agassiz provou que as raças humanas distinguem-se entre si na mesma proporção, em que se distinguem a fauna e a flora de sete ou oito centros diversos do mundo. Estes *reinos de créação*, como elle os chamou, ou *reinos de apparição*, na phrase de Rialle, offerecem a singularidade de que os homens nelles originados aproximam-se dos anthropoides do respectivo *habitat* (1).

Os argumentos dos monogenistas contra o indigenismo dos povos americanos têm sido victoriosamente combatidos. Não é este o lugar de entrar em meudas considerações sobre os motivos que me levam a aceitar as conclusões da grande escola de Morton e Nott (2).

Basta-me ponderar que os dous novos argumentos dos adversarios são tambem improcedentes. O primeiro é tirado da ausencia n'America dos animaes anthropomorphos, gibbon, orango, gorilla, chimpanzê, considerados como os mais proximos parentes do homem, por descenderem de um antepassado commum. Este argumento é uma applicação imponderada, torcendo-se-lhe o sentido, da doutrina darwiniana ao problema da origem dos americanos. Sabe-se que, se interpretado n'um sentido por Häckel, o transformismo prende-se á theoria monogenista do homem, não é menos exacto que mais largamente interpretado n'esta questão por Broca, coaduna-se perfeitamente com a doutrina contraria — o polygenismo.

Além de tudo, o facto allegado não tem por si grande valor. Desvia-se perfeitamente o golpe, advertindo que jámais foi o homem considerado um filho, um descendente dos anthropomorphos. E' apenas considerado um parente collateral mais ou menos afastado. Se não é filho, tambem não é irmão ; é um primo em segundo ou terceiro gráu.

Sua existencia n'um ponto qualquer não implicaria necessariamente a apparição da parentela collateral.

Acresce tambem que o animal que Darwin suppõe ter sido

(1) *Types of Mankind* de Nott e Gliddon.

(2) Vide *Ethnographia Brasileira* e o opusculo *Os Cantos e Contos Populares do Brasil e o Sr. Theophilo Braga*, pelo autor.

o progenitor immédiato do homem, não foi ainda encontrado em parte alguma da terra, nem mesmo em estado fossil. Esta importante lacuna dá-se em todo o mundo e não sómente n'America. A consequencia, pois, tirada contra este continente é precipitada.

O outro argumento, desenvolvido pelo professor Henrique Fischer de Friburgo, e levianamente adoptado pelo phantasista Barbosa Rodriguez, foi victoriosamente batido por A. W. Meyer, mineralogista em Dresde. A doutrina fischeriana consiste em dizer que, não havendo n'America jazidas nativas de nephrite e jadeite, e encontrando-se objectos manufacturados d'essas duas pedras no Mundo-Novo, era concludente admittir que tinham sido trazidos pelos primitivos colonisadores asiaticos. Meyer combate com rigor taes conclusões e indica jazidas nativas d'aquelles materiaes na Europa, na Oceania, na propria America e não sómente na Asia, contra a opinião de seu collega de Friburgo (1).

Deixem-se as theorias aventurosas e estudem-se os americanos como um producto do continente.

O abbade Hervas classificára em quatro grandes troncos as raças da America do Sul : — *araucanios*, *guaranys*, *kechuas* e *karibes*. — A. d'Orbigny, em tres : *ando-peruvianos*, *pampeanos* e *brasilio-guaranys*. Baptista Caetano, aventando a idéa de uma reducção, parece todavia conformar-se provisoriamente com a divisão de d'Orbigny (2). Os indios de Brasil constituiam o grupo dos *brasilio-guaranys*, chamados tambem tupys, ou simplesmente guaranys. Havia, porém, algumas tribus que foram por Martius tiradas do grande tronço ; — *guaycurús*, *gês*, *gucks*, e outras (3). Baptista Caetano suppõe haver aqui exagero.

(1) A. W. Meyer, *Die Nephritfrage kein ethnologisches Problem*, 1883. Tendo eu, no *Paiz* ns. 23 e 24 de Outubro de 1884, divulgado no Brasil a doutrina de Meyer, em meu artigo *O Sr. Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite*, o illustre professor enviou-me mais os quatro opusculos seguintes : *Ein neuer Fundort von Nephrit in Asien*, 1883; *Ein zweiter Rohnephritfund in Steiermark*, 1883; *Rohjadeit aus der Schweiz*, 1884; *Ueber Nephrit und ahnlisches Material aus Alaska*, 1884.

(2) *Arte de Grammatica da lingua brasilica da nação Kiriri; Carta-prologo* por Baptista Caetano, pag. XII e seguintes.

(3) *Ibid.*, pag. XXII e seguintes.

« E' embalde, diz elle, que se pretende multiplicar a divisão das tribus americanas sem motivo plausivel, nem fundamento, quer nos caracteres ethnographicos, quer na linguagem. A uniformidade do typo americano permanece e subsiste em confronto com os outros typos, e as differenças que apresentam entre si os diversos povos são apenas variedades, e não são maiores que as que apresentam povos da mesma familia indo-européa entre si, e ainda mais os variegados povos asiaticos. As simples condições geographicas, como o pensaram Humboldt e Alcide d'Orbigny, são sufficientes para determinar as differenças que se suppõem consideraveis, e que bem examinadas não no são effectivamente; as simples condições geographidas, quando nada mais importem, acarretam differença no modo de viver e nos costumes, que paulatinamente influem na organisação e na indole da população. Pouco mais de tres seculos tem decorrido desde a descorbeta das terras de Santa Cruz, e entretanto o luso-americano de Pará ou do Ceará já se differença bastante do luso-americano da montanhosa provincia de Minas ou das terras proporcionalmente frias do Rio-Grande do Sul. » (1)

Dou como certa a hypothese do autocthonismo das raças americanas e aceito como provavel a classificação de d'Orbigny, quanto ás nações da America Meridional. No que toca aos indios do Brasil, acompanho a Baptista Caetano nas reducções que faz ás classificações de Martius. (2)

Qual era, porém, o estado intellectual e moral dos indios do Brasil? E' preciso consideral-os quanto ás suas industrias, suas crenças religiosas, suas idéas politicas e sociaes.

Estavam os indigenas brasileiros quasi todos no periodo da pedra polida, idade que se segue á da pedra lascada e é seguida pela dos metaes. O Dr. Couto de Magalhões suppõe que no Brasil não se encontram vestigios de utensilios e armas da idade da pedra lascada. Acredita que os nossos

(1) *Ibid.*, pag. XXIV.

(2) As classificações de Hervas, d'Orbigny, Martius e Baptista Caetano cedem presentemente o passo á classificação de von den Steinen : *Tupis, Caribas, Nu-Aruacks, Gucks.*

indios passaram por esta phase em alguma outra região, e, quando immigrados para o Brasil, achavam-se na idade superior. (1)

Sabe-se que as differentes raças não passam pelos mesmos estadios da intelligencia ao mesmo tempo; hoje, na phase da industria e da sciencia européa, ainda ha povos que empregam a pedra lascada, ou um pouco menos.

Pelo estudo geologico, porém, é certo ser bastante raro o caso de encontrar-se a pedra polida fóra dos terrenos recentes. (2) A ser exacto o que pensa o Dr. Couto de Magalhães, seria forçada a conclusão de que o homem terciario e o quaternario não existiram no Brasil, o que fere de frente as descobertas do Dr. Lund. Se, como pensava este sabio, o Brasil desde a época do *post-pliocene* e mesmo a datar da do *pliocene* era habitado, desde que a especie humana existe sobre a terra, ella existiu no Brasil.

Deveria ter aqui atravessado todas as phases de seu desenvolvimento, deveria ter usado da pedra lascada. Se esta não tem sido encontrada, é que os estudos neste sentido não têm, por certo, sido bem dirigidos.

Investigações bem acertadas poderão resolver o problema. Uma folha do Rio Grande do Sul publicou estas palavras que dão testemunho do homem geologico no Brasil e tambem da pedra lascada :

« Carlos de Koseritz recebeu do Dr. Rösch dois craneos antiquissimos, que o illustre engenheiro achou num sambaquy da provincia do Paraná e cuja antiguidade remonta a milhares de annos. São documentos interessantissimos do *homo americanus* em sua fórma primitiva.

« A extraordinaria espessura dos craneos, que attinge de 1 centimetro a 1 1/2, as proporções do angulo facial, a extraordinaria depressão nas temporas, que de lado a lado não passam da distancia de 10 centimetros, a immensa robustez e grossura das mandibulas, o pronunciado prognatismo,

(1) *O Selvagem*, pag. 23, 24 e 25 da 2.ª parte.

(2) Z. *Moindron, Ancienneté de l'homme*, pass. E' a regra geral, que só admite raras excepções.

tudo emfim prova que ahi temos restos authenticos do *homem pre-historico brasileiro*, o que aliás confirmam armas de *pedra lascada*, ou mal polida, assim como um dente de animal não classificado, mas evidentemente de raça extincta, que foram achados juntos aos craneos. » (1)

Achados destes poder-se-hão repetir quando estudos vastos forem iniciados, e então as pedras lascadas hão de apparecer, ao lado do homem contemporaneo do *megatherio*. Carlos de Koseritz, meu bom e saudoso amigo, em seus *Subsidios ethnologicos*, descreve muitos objectos de pedras lascadas pertencentes a sua collecção americana.

« O Dr. Lund, dizem Zaborowski e Moindron, explorou mais de oitocentas cavernas, e numa dellas encontrou ossadas de trinta individuos da especie humana, no mesmo gráu de decomposição dos ossos dos animaes fosseis que as acompanhavam.

« Era imposivel não concluir dahi ser o homem contemporaneo do *megatherio*, cuja idade na America do Sul corresponde á do mammuth na Europa. » (2)

Os sabios europeus, tendo em alta conta os trabalhos de Lund, tiraram delles as conculsões que o distincto dinamarquez só limitadamente se atreveu a tirar. Não só o homem geologico existiu no Brasil, como foi deste paiz que partiu uma das primeiras provas de tão notavel verdade scientifica.

Quanto ás armas de pedra, que o nossos indios usavam dellas sabemos desde o tempo de Ivo d'Evreux, que nos não diz se da lascada ou da polida. « Lá para o lado do oeste havia uma nação, de que nunca se falou, desconbecida por todos os tupinambás, moradora nos matos na distancia de mais de 400 ou 500 leguas da ilha, sem conhecer a vantagem dos machados e das foices, pois apenas se serviam dos *machados de pedra*, e assim viviam, etc. » (3).

Por este falar do bom padre, dir-se-ia que aquillo era um

(1) *Gazeta de Porto-Alegre* de 20 de junho de 1881.

(2) *De l'Ancienneté de l'homme*, I, pag. 78.

(3) Ivo d'Evreux, *Historia da Missão dos Padres Capuchinhos*, pag. 126. Trad. do Dr. C. Marques.

facto singular e que os tupinambás conheciam as foices e machados de ferro. Devemos observar, porém, que o capuchinho assim se expressava em 1614, e os povos com quem lidou, havia muitos annos, andavam em contacto com os europeus. Silices lascados foram achados em Mercedes, perto de Buenos-Ayres, segundo Joly (1). O que mais interessa consignar é que o tupy-guarany, tendo passado da pedra lascada, já empregava a polida.

A razão não milita tambem do lado do autor do *Selvagem*, quando dá o indio por completo agricultor, sem ter sido pastor. Quando se diz que um povo é pastor ou agricultor, não se quer dizer que elle não conheça um ou outro uso da industria proxima; dá-se-lhe o nome da industria predominante. Os nossos indios, segundo o testemunho de antigos e modernos, viviam e vivem ainda quasi exclusivamente da caça e da pesca; eram um povo caçador. Podemos lêr todo um volume de Gabriel Soares, ou de Ivo d'Evreux, mui pouco se nos depara sobre a agricultura dos selvagens. Da caça e da pesca encontram-se muitos esclarecimentos (2).

Como poderia, além de tudo, o guarany ter sido noutras paragens pastor, e não trazer comsigo os seus animaes domesticos para a nova patria? O periodo pastoril constitue uma phase importantissima na vida dos povos; crêa proventos que não mais se perdem; a passagem para um estadio superior não importa o esquecimento das aptidões adquiridas. Se nosso selvagem tivesse domesticado alhures animaes, tel-os-hiam trazido ao Brasil (3).

Os indios eram nomadas, caçadores; estavam no gráo de atrazo do homem geologico; difficilmente podiam ter sido agricultores. As tribus ainda hoje em estado puramente selvagem não têm outra agricultura, além do cultivo da mandioca em diminuta escala e ainda menos do milho talvez. Só algumas tribus sedentarias do littoral desenvolveram-se mais neste sentido, especialmente os extinctos tamoyos.

(1) *L'homme avant les Métaux*, pag. 151.
(2) Ivo d'Evreux, *ibid.* pag. 118.
(3) Vide minha *Ethnographia Brasileira*, no cap. sobre Couto de Magalhães,

Além das armas e instrumentos de pedra, além de suas industrias de caça e pesca, e do conhecimento de uma ou outra planta, possuiam nossos indigenas uma arte ceramica ainda na infancia (1). Talhas, panellas, pucaros e igaçabas constituiam-na.

Sob o ponto de vista religioso o caboclo tem sido diversamente apreciado. Ivo d'Evreux, noutros pontos bem informado, assim se exprime : « Estes selvagens sempre chamaram a Deus *Tupan*, nome que dão ao *trovão*, á maneira do que se pratica entre os homens, isto é, terem as obras primas o nome do autor. Note-se, porém, que este nome no singular não se applica aos relampagos e trovões, que rebentam e illuminam todas as partes, por cima da cabeça dos selvagens, aterrando-os, porque sabem e reconhecem que elles são formados pela poderosa mão d'*Aquelle* que habita nos céus. Por intermedio do interprete informei-me dos velhos do paiz se elle acreditavam que este *Tupan*, autor do trovão, era homem como elles. Responderam-me que não, porque, se fosse um homem como nós, seria um grande senhor, e como poderia elle correr tão depressa, do oriente para o occidente, quando *troveja* ao mesmo tempo sobre nós e nas quatro partes do mundo, tanto em França, como sobre nós? Demais se fosse *homem*, era necessario que outro *homem* o fizesse, porque todo homem procede de outro homem. Ainda mais : *Jeropary é o criado de Deus*, e nós não o vemos, ao passo que todo o homem se vê, e por isso não pensamos que *Tupan* seja um homem.

« Mas, repliquei eu : que pensaes que elle seja? Não sabemos, responderam ; porém pensamos *que existe em toda parte*, e que fez tudo *quanto existe*. Nossos *feiticeiros* ainda não falaram com *elle ;* pois apenas falam com os companheiros de *Jeropary*.

(1) Barboza Rodrigues, *Antiguidades do Amazonas* in *Ensaios de sciencia*.
Tenha-se, porém, muito cuidado com as exagerações d'este auctor, quando entra a desvairar sobre a hypothese *scandinava*, que não sei como elle conciliará com os emprestimos tomados recentemente a H. Fischer, que considera os nossos indios oriundos do Turkestan.

« Eis a crença de Deus, *sempre pela natureza* impressa nos espiritos dos selvagens, *que comtudo não o reconheciam por meio de preces e de supplicios*. Acreditavam naturalmente nos espiritos *bons* e *máus*. Chamam os bons espiritos ou anjos — *Apoiaúené* e os máus ou diabos — *Uoiupia*. Vou contar-vos o que pude colher de suas conversas por diversas vezes.

« Pensam que os anjos lhes trazem chuva em tempo proprio, que não fazem mal ás suas roças, que não os castigam, nem os atormentam, que *sobem ao céu para contar a Deus* o que se passa aqui na terra, que não causam medo nem á noite, nem nos bosques, que acompanham e protegem os francezes. Pensam que os diabos estão sob o dominio de *Jeropary*, que era criado de Deus, e que *por suas maldades Deus o desprezou*, não querendo mais vel-o, nem aos seus, pelo que aborrecia os homens e nada valia; que os diabos impedem a vinda das chuvas em tempo proprio, que os trazem em guerra com seus inimigos, que os maltratam, e lhes fazem medo, habitando ordinariamente em aldêas abandonadas, especialmente em logares onde têm sido sepultados os corpos de seus parentes. » (1)

Difficilmente se poderia encontrar um mais completo specimen de superfetação religiosa.

Eis ahi um capitulo inteiro de theologia catholica superposto ás crenças dos tupys. Alli está o Deus, todo poderoso, incomprehensivel, immenso, omnisciente, presente em toda a parte, creador do céu e da terra; alli apparecem os anjos, e tambem os demonios com *Satan* á frente. A ingenuidade do padre Ivo, porém, traíu-se quando disse que o Deus do indio era o *tupan*, e que *tupan* é trovão, e quando asseverou que o selvagem não lhe prestava nenhum culto!... Adestrado, o padre previne a objecção tirada da palavra empregada no singular ou no plural.

O estudo do regimen mental de uma raça não se determina senão á vista do complexo de suas crenças e de suas idéas. Na ordem das armas e dos utensilios o indio estava na idade

(1) *Ibid.* pags. 248-249.

de pedra; na esphera das industrias era caçador; nas idéas religiosas estava no periodo do theologismo puro, no segundo momento do fetichismo : — a astrolatria. Não podia ser monotheista. Tambem não era polytheista, como parece ensinar o Dr. Couto de Magalhães, quando lhe empresta uma mythologia de *Anangà*, *Curupira*, *Jeropary*, *Caapora*, *Caci-Cereré*, *Boitatà*, *Urutau*, *Rudà*, *Uirapurú*, *Boiacú*, etc., com *Tupan* á frente. (1)

Em 1874 tive ensejo de combater o celebrado ethnologo neste ponto e escrevi estas palavras : « Os selvagens de nosso paiz estavam no gráu de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra. Não podiam ter uma religião que reconhecesse um *Ser Supremo*. O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna, que assignala os differentes periodos das formações das mythologias, das religiões e da poesia. Umas tribus desgarradas pelos desertos e matas, e outras reunidas em pauperrimas palhoças, sem industria assignalavel, usando da pedra para utensilios, como o homem das cavernas, sem tradições, sem heróes, sem historia, não podiam possuir a noção do *Ser Supremo*, como não podiam ter uma verdadeira poesia. Estavam pouco além da época de puro naturalismo, em que o terror faz crer que as nuvens, os trovões (*tupan*), as tempestades, são seres ferozes que se devem respeitar. A grei cabocla, encarada por todas as faces por que póde sêr pela sciencia, á luz de idéas sãs e longe do influxo de caducos prejuízos, achava-se em um dos mais remotos degráus da escala da civilisação. Caçador, ainda hoje no seu descendente, nem siquer o indio estava além daquella segunda phase do periodo fetichico, a idade da *astrolatria*, de que fala Augusto Comte. Prova-o o seu culto do sol e da lua, *guaracy* e *jacy*, ainda um pouco indeciso, é verdade. E' licito dizer que já havia passado a época do mais fluctuante naturalismo. Demonstra-o o complexo de sua intuição do mundo, acorde com o dos povos ainda no mesmo estado, um dos mais reconditos da préhistoria, onde é dado penetrar.

(1) *O Selvagem*, 2.ª parte.

« Não cumpre só dizer, como fez o Dr. Couto de Magalhães, que o selvagem não era *monotheista ;* é mister mostrar o que elle foi. E' claro que não era ainda *polytheista*, como talvez supponha o illustre indianologo. » (1)

Tive grande prazer de vêr confirmadas por um homem competente, o Sr. José Verissimo, taes idéas aventadas, ha alguns annos, e que não deixaram de causar estranheza a mais de um leitor. (2)

Agora o estado social e politico do brasilio-guarany. Existem guias antigos e modernos. Entre estes Couto de Magalhães assignala varios typos da familia, variando do exclusivismo rigoroso dos *guatós* e *chambioás*, até o communismo das mulheres dos *Cayapós*. « O communismo das mulheres entre estes, diz o autor do *Selvagem*, consiste nisto : — a mulher, desde que attinge á idade em que lhe é permittido entrar em relação com o homem, concebe daquelle que lhe apraz. No periodo da gestação e amamentação é sustentada pelo pai do menino, o qual póde exercer igual cargo para com outras, que durante periodos identicos moram na mesma cabana. Desde que a mulher começa a trabalhar é livre de conceber do mesmo homem, ou póde procurar outro, passando para este o encargo da sustentação da prole anterior.

Notarei que entre os selvagens o menino começa a cuidar da propria subsistencia desde os dez annos, sendo comtudo auxiliado pelos parentes até que baste a si mesmo » (3).

Segundo este autor, os *guatós* e os *chambioás*, sem serem monogamos, são o mais exagerado typo dos direitos do homem sobre a mulher. Nessas tribus as mulheres não têm licença nem de olhar para um homem estranho ; são recatadissimas. Entre os *chambioás* existe a casta anomala e torpe dos homens destinados a *vidi-viduarum ;* são individuos que

(1) Vide do autor o opusculo *Ethnologia Selvagem*, pag. 36. Já em 1872 tinha-me expressado neste sentido no *Movimento,* do Recife.

(2) Vide o artigo *Religião dos Tupys-Guaranys*, na *Revista Brasileira*, do 1° de Julho de 1880.

(3) *Ibid.*, pag. 111 da 2ª parte.

em mais nada se occupam e são sustentados pela tribu (1). As adulteras são queimadas vivas.

O matrimonio precoce é impedido com as maiores cautelas. O casamento é aos vinte e cinco annos de idade, ou mais commummente aos trinta. A virgindade no homem é, quasi sempre, mantida até esta época (2).

Entre os testemunhos antigos destaca-se o do venerando Ivo d'Evreux. Não é possivel extractar aqui o infinito numero de noções que se me deparam na obra do padre francez.

Limito-me a rapidas indicações. Ivo d'Evreux consigna entre os indios do Maranhão a anthropophagia, a entrega das filhas e parentas aos hospedes, a punição do adulterio, a escravidão, o uso constante de guerras, danças, musica, o uso de fumar, de bebidas fermentadas, pinturas e incisões no corpo, o habito de ajudarem-se no trabalho, formando o que hoje chamamos *potirão*. Tinham chefes ou maioraes, que ordinariamente eram os mais distinctos na guerra.

Do notavel classico ouçamos um bello trecho, que pinta bem ao vivo o caracter e o espirito do selvagem :

« Indaguei e procurei saber muito o modo como se preparavam para a guerra, não me contentando só com as informações. Em primeiro lugar as mulheres e suas filhas preparam a farinha de munição, e em abundancia, por saberem naturalmente que um soldado bem nutrido vale por dois, que a fome é a cousa mais perigosa n'um exercito, por transformar os mais valentes em covardes e fracos, os quaes, em vez de atacarem o inimigo, buscam meios de viver.

« E' differente da usual esta farinha de munição, por ser mais bem cosida e misturada com cariman para durar mais tempo; embora menos saborosa, porém mais sã e fresca. Em segundo lugar empregam-se os homens em fazer canôas ou concertar as que já possuem proprias para este fim, porque é necessario que sejam compridas e largas para levarem muitas pessoas, suas armas e provisões, e comtudo são feitas de uma arvore, cortada bem perto da raiz, sem

(1) *Ibid.*, pag. 115.
(2) *Ibid.*

galhos e ramos, ficando apenas o tronco bem direito em toda a sua extensão, e então tiram-lhe a casca e racham-na, dando-lhe meio pé de largura e profundidade : n'este caso lançam-lhe fogo nessa fenda por meio de cavacos bem sêcos e vão queimando pouco a pouco o interior do tronco; raspam com uma chapa de aço e assim vão fazendo até que o tronco esteja todo cavado, deixando apenas duas pollegadas de espessura, e depois com alavancas dão-lhe fórma e largura. Estas canôas conduzem ás vezes 200 ou 300 pessoas com a suas competentes munições.

« São conduzidas por mancebos fortes e robustos, escolhidos de proposito, por meio de remos de pás, de tres pés cada um, que cortam as aguas a pique e não de travessia. Em terceiro lugar preparam as suas pennas de côres vermelhas, amarellas, verdes-gaio e violetas, que prendem aos cabellos com uma especie de colla ou grude.

« Enfeitam a testa com grandes pennas de aráras e outros passaros similhantes, de côres variadas, e dispostas á maneira de mitra, que amarram atrás da cabeça.

« Nos braços atam braceletes tambem de pennas de diversas côres, tecidos com fio de algodão, similhante á mitra de que acabamos de falar.

« Nos rins usam de uma roda de pennas da cauda de ema, presas por fios de algodão, tintos de vermelho, cruzando-se pelos hombros á maneira de suspensorios, de sorte que, ao vêl-os emplumados, dir-se-hia que são emas que têm pennas nestas tres partes do corpo. Quiz saber por intermedio do meu interprete porque traziam sobre os rins estas pennas de emas : — responderam-me que seus pais lhes deixaram este costume, para ensinar-lhes como deviam proceder na guerra, imitando a ema, pois ella quando se sente mais forte ataca atrevidamente o seu perseguidor, e quando mais fraca abre as suas azas, despede o vôo e arremessa com os pés arêa e pedras sobre seus inimigos ; assim devemos fazer, accrescentaram elles.

« Estou certo de que muitas pessoas se admirarão, não só do que acabo de dizer, mas tambem como é possivel buscarem estes selvagens meios de governarem-se entre a pra-

tica dos animaes......... Estes selvagens imitam com a maior perfeição possivel os passaros e animaes do seu paiz, os quaes elles exaltam nos cantos que recitam em suas festas. Porque nos passaros de sua terra predominam as côres verde-gaio, vermelha e amarella, elles gostam de pannos e vestidos destas tres côres. Porque as onças e os javalis são os animaes mais ferozes do mundo, elles arrancam os seus dentes, e os trazem nos labios e orelhas afim de parecerem mais terriveis. As pennas das armas são postas nas extremidades dos arcos e flechas. Assim preparados, bebem publicamente o vinho de *muay*, e dizem adeus aos que ficam. » (1)

Pelo que se acaba de lêr, bem se póde avaliar que o autor fala de tribus, que já tinham dos europeus aprendido o uso do aço e do ferro, e que possuiam uma tal ou qual agricultura, consistente na manipulação de sua planta sagrada — a mandioca. A industria predominante era, no entanto, a dos povos caçadores. O padre Ivo d'Evreux escrevia mais de um seculo dedois da descoberta ; esta circumstancia não deve ser esquecida.

Nem todas as tribus indigenas, além disso, tinham um igual desenvolvimento intellectual ; é licito admitir uma certa gradação por este lado.

Resta-me falar dos povos negros que entraram em nossa população. Eram quasi todos do grupo *bantú*. São gentes ainda no periodo do fetichismo, brutaes, submissas e robustas, as mais proprias para os arduos trabalhos de nossa lavoura rudimentar.

O negro é adaptavel ao meio americano ; é susceptivel de aprender ; não tem as desconfianças do indio ; póde viver ao lado do branco, alliar-se a elle. Temos hoje muitos pretos que sabem ler e escrever ; alguns formados em direito, medicina, ou engenharia ; alguns commerciantes e ricos ; outros jornalistas e oradores. Ao negro devemos muito mais do que ao indio ; elle entra em larga parte em todas as manifestações de nossa actividade. Cruzou muito mais com o branco.

(1) *Ibid.*, pag. 21 e seguintes do 1° *Tratado*.

O mestiço é o producto physiologico, ethnico e historico do Brasil ; é a fórma nova de nossa differenciação nacional.

Nossa psychologia popular é um producto desse estado inicial. Não quero dizer que constituiremos uma *nação de mulatos ;* pois que a fórma branca vae prevalecendo e prevalecerá; quero dizer apenas que o europeu alliou-se aqui a outras raças, e desta união saiu o genuino brasileiro, aquelle que não se confunde mais com o portuguez e sobre o qual repousa o nosso futuro.

Durante muitos e muitos annos reinou o vulgar preconceito sobre a immensa intelligencia e a enorme robustez das populações cruzadas. Suppunha-se que as gentes mestiçadas dispunham de vantagens excepcionaes e maravilhosas.

A observação das populações das colonias européas da America e da Oceania mostrou haver engano n'aquellas affirmativas gratuitas. Appareceu então uma tremenda reacção e chegou-se ao ponto de proclamar a completa hybridação das gentes cruzadas, isto é, sua fraqueza e esterilidade radical no fim de um certo numero de gerações.

Um estudo porém mais despreoccupado d'esta questão provou não existir na humanidade o phenomeno caracteristico do hybridismo. Ou se considere a humanidade um genere divido em diversas especies, ou uma especie dividida em differentes variedades, é sempre certo que estas cohabitam entre si e produzem uma descendencia fecunda, ainda que não tão valida como a das raças mãis (1).

Sobre a questão ethnica entre nós, minhas observações levam-me ás conclusões seguintes :

1.ª O povo brasileiro não corresponde a uma raça determinada e unica ;

2.ª E' um povo que representa uma fusão ; é um povo mestiçado ;

3.ª Pouco adianta por emquanto discutir se isto é um bem ou um mal ; é um facto e basta ;

4.ª A palavra *mestiçagem* aqui não exprime sómente os

(1) Broca, *Memorias de Anthropologia,* vol. III; nas memorias sobre a hybridação.

productos directos do branco e do negro e do indio; expressa em sentido lato todas as fusões das raças humanas e em todos os gráus no Brasil, comprehendendo tambem as dos diversos ramos da raça branca entre si;

5.ª Esta caracteristica é verdadeira no presente e no futuro, quer predomine sempre a actual mescla indio-africo-portugueza, quer venham a predominar, mais ou menos remotamente, os elementos italiano e germanico, trazidos por uma colonisação até hoje mal dirigida e peior localisada;

6.ª O elemento branco tende em todo o caso a predominar com a internação e o desapparecimento progressivo do indio, com a extincção do trafico dos africanos e com a immigração européa, que promete continuar;

7.ª Comparando-se o norte e o sul do paiz, nota-se já um certo desequilibrio, que vai tendo consequencias economicas e politicas: ao passo que o norte tem sido erroneamente afastado da immigração, vai esta superabundando no sul, introduzindo os novos elementos, facto que vai cavando entre as duas grandes regiões do paiz um vallo profundo, já de si preparado pela differença dos climas;

8.ª O meio de trazer o equilibrio seria destribuir a colonisação regularmente e cuidadosamente por todas as zonas do paiz, facilitando ás nossas populações a assimilação desses novos elementos;

9.ª Se o não fizerem, as tres provincias do extremo sul terão, em futuro não muito remoto, um tão grande excedente de população germanica, valida e poderosa, que a sua independencia será inevitavel;

10.ª Como quer que seja e em todo o caso, a população do Brasil será sempre o resultado da fusão de diversas camadas ethnicas.

CAPITULO VII

Tradições populares : cantos e contos anonymos. Alterações da lingua portugueza no Brasil

O complexo das tradições populares brasileiras é mais variado do que o das portuguezas; porquanto nós possuimos todas estas e mais as que nos foram legadas pelos indios e pelos negros.

Temos problemas ethnographicos e linguisticos que não existem em Portugal.

O primeiro trabalho a fazer neste terreno era, depois de colligir os materiaes, indicar o que pertence a cada uma das raças que constituiram o nosso povo, e, por ultimo, quaes são as producções recentes originadas dos mestiços e das populações actuaes (1).

Comecemos pela poesia anonyma.

Ahi os autores directos são os portuguezes ou seus descendentes brancos e mestiços ; não porque os indios e os negros não tivessem tambem uma poesia rudimentar ; mas porque, predominando a lingua portugueza, as canções tupys e africanas tinham de passar para esta lingua, afim de derramarem-se entre as populações novas.

Só improvisavam na lingua portugueza, como sua, os europeus e seus descendentes. Os negros e indios, reduzidos á escravidão, ficavam porém bilingues; falavam seu idioma nativo e o portuguez. Este phenomeno ainda hoje é vulgarissimo.

Os negros e indios bilingues sabiam naturalmente as can-

(1) Vide *Cantos Populares do Brasil* e *Contos Populares do Brasil* colligidos pelo autor. Nestes dois livros e nos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira* — procurei preencher esta velha lacuna de nossa litteratura.

ções originaes de sua raça e podiam communical-as aos seus descendentes na lingua adoptiva. Assim se explicam os phenomenos da justaposição de duas linguas n'um mesmo canto, e da existencia de certos cantos espalhados em nosso idioma, os quaes são de feição evidentemente tupy ou africana.

Ainda hoje com algum esforço seria possivel colligir poesias originaes em tupy e em africano.

Neste ultimo não vi ainda uma composição qualquer poetica, nem me consta que no Brasil alguem tenha colhido da bocca dos pretos da Costa as suas canções. Já não acontece o mesmo em relação aos indios; possuimos uma dusia de fragmentos, insignificantes em verdade, colligidos por Martius, Baena, Couto de Magalhães e Barbosa Rodrigues.

Em linguas africanas, pois, nós brasileiros não temos documentos para nossa poesia popular.

Em tupy temos muito poucos e em portuguez muitissimos.

Ouçamos os versos tupys.

Os seguintes foram colligidos por Spix e Martius :

« Nitio xa potar cunhang
Setuma sacai waá ;
Curumú ce maua mamane
Boia sacai majané.

« Nitio xa potar cunhang
Sakiva açu waá
Curumú ce monto-montoque
Tiririca majané.

« Scha mann rumaé curi
Tejerru iaschió.
Aiqué Caracara-i
Serapiró aramú curi.

« Scha mann rumaé curi
Ce nombôre caá puterpi
Aiqué Tatú memboça
Ce jutûma aramú curi. » (1)

(1) *Reise in Brasilien*, München, 1823; tom. III, pag. 1085.

Eis a traducção portugueza preparada por Norberto Silva (1) :

« Não quero mulher que tenha
As pernas bastante finas,
A medo que em mim se enrosquem
Como feras viperinas.

« Tambem não quero que tenha
O cabello assaz comprido,
Que em matos de tiririca
Achar-me-ia perdido.

« Quando me vires sem vida,
Ah ! não chores, não, por mim,
Deixa que o Caracara-i
Deplore meu triste fim.

« Quando me vires sem vida
Attira-me á selva escura,
Que o tatú ha de apressar-se
Em me dar a sepultura (2).

São estas as palavras cantadas na festa do *Sairé* no Pará como se lêem em Baena :

« Itá camuti pupé
Neiássucana pitanguê
Puranga ité.......

« E Jesus e Santa Maria. »

« Santa Maria caian puranga
Imembuira inauerá
Iuáté pupé.
Sicou curussá

(1) Na obra de Spix e Martius vem uma traducção allemã dos versos tupys; Eudardo Laemmert fez d'ella uma traducção portugueza *verbum ad verbum*. Sobre esta fez Norberto Silva suas quadrinhas.

(2) *Revista Popular*, tom. IV, pag. 217.

Uassú pupé,
Ianga turama
Rerassú.......

« E Jesus e Santa Maria. »

Traducção :

« Em uma pia de pedra foi baptisado o menino Deus » « Santa Maria é uma mulher bonita ; o seu filho é como ella ; no alto céu está n'uma cruz grande para guardar a nossa alma (1). »

O Dr. Couto de Magalhães colligiu estes versos :

A RUDA

« Rudá, Rudá,
Iuáka pinaié,
Amâna reçaiçu...
Iuáka pinaié,
Aiuetê Cunhã —
Puxiuéra oikó
Ne mumanuára ce recé
Quahá caarúca pupé. »

Versão : — « O' Rudá, vós que estaes nos céus e que amaes as chuvas... vós que estaes no céu... fazei com que elle (o amante) por mais mulheres que tenha as ache todas feias ; fazei com que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol se ausentar no occidente. »

A' LUA NOVA

« Cairé, cairé nú
Manuára danù çanù.
Eré ci, erú cika
Piape amu
O manuara ce recé
Quahá pituna pupé. »

(1) Ant. S. M. Baena, *Ensaio corographico sobre a provincia do Parà*, pag. 130.

Versão : — « Eia, oh minha mãi (a lua); fazei chegar esta noite no coração delle (do amante) a lembrança de mim. »

A' LUA CHEIA

« Catiti, Catiti
Iamára notiá
Notiá iamára
Epejú... *(fulano)*

« Emu manuára
Ce recé *(fulana)*
Cuçukúi xa ikó
Ixé anhû i pia póra. »

Traducção : — « Lua Nova, oh Lua Nova ! assoprae em fulano lembrança de mim ; eis-me aqui estou em vossa presença ; fazei com que eu tão sómente occupe o seu coração. » (1)

O Sr. Barbosa Rodrigues colheu estes :

« Beque bequiqui capipim otêgê,
Ochê urupunum râne egê,
Ochê urubê am aum egê ;
Beque mum ochê capicape nansum. »

Traducção : — « Vejam, meus amigos, que os serviços que temos agora com estes dentes nos foram deixados por nossos avós. »

Mais estes :

« Purgatorio porá etá
Uputare nemoessaua
Semué catu palhy,
Anhangá supeuara.

Upauana tecó puranga
Oike tecó pêssassu,
Ianeara tecó ressé
Um umá tecó puranga. »

(1) *O Selvagem*, pag. 140 e seguintes da 2.ª parte.

Traducção : — « Ensina-me, bom padre, rezas com que possamos salvar nossas almas do purgatorio. A vida santa acabou-se e por vontade do bom Deus começa outra, isto é, a vida do trabalho. »(1)

Além destes fragmentos poeticos, em lingua selvagem só conheço uma conçoneta colligida pelo Dr. Couto de Magalhães na republica Argentina, a qual não é aqui transcripta por não ser brasileira.(2)

Pelo caracter destas pequenas canções, recentemente colligidas, é bem claro que não são ellas um testemunho da genuina poesia primitiva do selvagem brasileiro. Foram colhidas mais de tres seculos depois da conquista e entre populações postas em cantacto com o branco.

Não creio que os tupys-guaranys tivessem uma verdadeira poesia. Esta começa na phase do polytheismo, ou, pelo menos, nas ultimas phases do fetichismo, e nossos indios não tinham chegado a tal gráu de cultura.

Sua poesia devia ser ainda muito indecisa. E' certo que Fernão Cardim, Ivo d'Evreux e Gabriel Soares falam a miudo das danças dos indios acompanhadas de cantos; estes porem deviam ser muito rudimentares e de mui pouco alento poetico.

Certamente não tinham ainda uma mythologia nem uma historia dramatisada com seus heróes. Não possuiam uma poesia cyclica, que, se existisse, deveria chamar a attenção de homens como José de Anchieta e Nobrega. Todavia, é de crêr que possuissem cousa melhor do que os fragmentos citados.

Dos negros, como disse, nada existe colligido; e elles ainda menos do que os indios eram senhores de uma poesia, no sentido que esta tem entre os povos, cujas mythologias são conhecidas.

(1) *Revista Brasileira*, 1.º de Julho de 1881, Tomo IX, pag. 44 e 58. Na sua *Poranduba Amazonense* o Sr. Barbasa Rodrigues insere varios outros cantos dos selvageus.

(2) Vide *Seoagem*, pag. 143, 2.ª parte. Não esquecer os que vêm, como disse, na *Poranduba Amazonense* do Sr. Barbosa Rodrigues.

Alguns de seus costumes passaram, por certo, ás nossas populações. Se pelo lado das tradições intellectuaes, em geral devemos talvez mais aos indios; os pretos levam-lhes decidida vantagem no facto do cruzamento e como factores economicos. Como contribuintes para a formação de nossa população e de nossa riqueza, deixam a perder de vista os selvagens.

A averiguação deste facto pertence mais á estatistica e á economia politica do que á historia litteraria. Nesta a acção do negro é muito apreciavel na formação do mestiço. Se não se conhece um só negro, genuinamente negro, livre de mescla, notavel em nossa historia, conhecem-se innumeros mestiços, que figuram entre os nossos primeiros homens. (1)

Pelo que toca á influencia dos pretos no espirito e no caracter litterario do povo brasileiro, ella ficará ainda por muito tempo tida no estado de contribuição anonyma. Neste ponto os seus rivaes indios e portuguezes tiveram vantagens, que os africanos nunca encontraram no Brasil.

Os portuguezes vinham de um paiz culto, possuidor de uma litteratura feita; vinham como donos da terra implantar aqui uma organização social ao seu modelo.

Os indios entravam em relações com os colonizadores, cuja attenção é natural que despertassem. Dahi um grande numero de obras relativas aos gentios brasileiros, considerados, desde logo, como um objecto de estudo. Os missionarios lhes aprendiam as linguas, e, entre outros, Anchieta compoz poesias, autos e outros trabalhos em tupi. O grosso da pequena população nas capitanias primitivas era de indios christianizados. O negro não; era arrancado de seu solo; ninguem ou quasi ninguem lhe estudava a lingua; impunha-se-lhe uma estranha; era escravizado com rigor e não se lhe dava tempo senão para trabalhar mais e mais, e esquecer suas tradições da infancia. D'ahi a quasi impossibilidade em que estamos hoje no Brasil para assignalar o que, pelo lado intellectual, lhe devemos.

(1) Ao findar do seculo XIX deu-se o caso de Cruz e Sousa.

A população negra actual do paiz é quasi em sua totalidade de crioulos, criados fóra das condições precisas para serem um documento de inquirição. Os negros da Costa, aliás agora em pequeno numero, estão tambem desviados de seu sentir africano.

Além disto, os estudos feitos no original, sobre a Africa, apenas começam em nossos dias e são mais referentes á geographia e á anthropologia géral e exterior do que á analyse das lendas, dos mythos, do pensamento africano em summa.

A falta de documentos não quer dizer que o negro não tenha influido intellectualmente no Brasil; por uma inducção geral e bem firmada devo concluir no sentido affirmativo.

A pobre raça escravizada não teve nunca o direito de entrar na historia; seu trabalho intellectual foi anonymo, bem como o seu trabalho physico. Ainda mesmo em factos altamente epicos, em phenomenos extraordinarios, como o do *Estado dos Palmares*, a historia é anonyma. Como se chamava o heróe negro, o ultimo *Zumbi*, que succumbiu á frente dos seus nos Palmares? Ninguem sabe.

E' de justiça conquistar um logar para o africano em nossa historia : não é o dominio exclusivo do africanismo que peço ; exijo apenas mais equidade na distribuição dos papeis em nossa luta de quatro seculos.

No conflicto das tres linguas no Brasil, tendendo a dos conquistadores a predominar, deixou-se comtudo saturar de elementos estranhos, tomados ás outras. E' assim que ainda existem versinhos cantados em portuguez e tupi, ou em portuguez e africano. São exemplo do primeiro caso os dois celebres fragmentos citados pelo Dr. Couto de Magalhães :

« Te mandei um passarinho,
Patuà miri pupé ;
Pintadinho de amarello
Iporanga ne iauè. »

« Vamos dar a despedida,
Mandú sararà
Como deu o passarinho
Mandú sararà

Bateu aza, e foi-se embora,
Mandú sararà
Deixou a penna no ninho
Mandú sararà. »

Em portuguez e africano temos estes que colligi em Pernambuco :

« Você gosta de mim,
Eu gosto de você ;
Se papae consentir,
Oh, meu bem,
Eu caso com você....
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga-ê

« Se me dá de vestir,
Se me dá de comer,
Se me paga a casa,
Oh, meu bem,
Eu moro com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga-é.

Na idade média viu-se o mesmo entre o latim e as linguas novo-latinas. A seguinte quadrinha, bem conhecida, é uma prova longinqua desse facto :

« *Tristis est anima mea,*
Com saudades de meu bem ;
Et quare conturbas me,
Eu não quero mais ninguem. » (1)

A musica dos negros é monotona : os seus instrumentos não passam do *marimbáo*, do *mutungo*, (uma cuia com ponteiros de ferro), do *tambaque* (especie de tambor) e do *pandeiro.*

A dança é uma serie de pulos, requebros e gatimanhos.

A musica dos indios era mais variada, e os seus instrumentos mais numerosos. — O *samba*, estou hoje convencido, é de origem indigena. Fernão Cardim, que escreveu en 1583,

(1) Velho da Silva, *Gabriella*, p. 28.

assim a elle se refere : « Fazem seus trocados e mudanças com tantos gatimanhos e tregeitos que é cousa ridicula ; de ordinario não se bolem de um lugar, mas estando quedos em roda fezem o mesmo com o corpo, mãos e pés ; não se lhes entende o que cantam; mas disseram-me os padres, que cantavam em trovas quantas façanhas e mortes tinham feito seus antepassados. » (1)

E' claramente a origem dos nossos *chibas* e *sambas* actuaes em que são eximias as populações do interior. Não os acho ridiculos, como suppoz Fernão Cardim ; são a musica e a dança na infancia e a infancia é ingenua e não ridicula. (2)

Os principaes instrumentos dos indios são : — o *mymby-tarará* (especie de buzina) ; o *pemy* (corneta) ; o *caruqué* (feito de um tronco de madeira leve ocado) ; o *mimé* (buzina) ; o *muré-muré* (feito de ossos) ; o *chicuta* (feito do espique do jupaty) ; o *mymby-chué* (feito de taboca), etc. (3).

No corpo de nossa poesia popular a acção do caboclo é mais sensivel nas composições a que se póde dar o nome de *Romances de Vaqueiros*, como — *Rabicho da Geralda*, *Boi Espacio*, *Boi Prata*, *Vacca do Burel*, etc.

A influencia africana parece estar num certo numero de chulas, como a *Moqueca* e outras, e nos versos de *Reisados*, *Cheganças*, *Congos*, *Tayéras*, etc. (4)

Os portuguezes contribuiram com os romances maritimos e cavalheirescos, e uma multidão de cantigas soltas, que todas têm suas equivalentes nas collecções européas. Entre os romances, ainda hoje se cantam no Brasil : — *D. Barão*, *D. Infanta*, *Noiva Roubada*, *Bernal Francez*, *D. Duarte e Donzilha*, *Náo Catharineta*, *D. Maria e D. Arico*, *Conde Alberto*, *D. Carlos de Montealbar*, *D. Branca*, *Iria a Fidalga*, *Pastorinha*, *O Cego*; e outros. (5)

Ao mestiço pertence a obra de transformação e algumas

1) Fernão Cardim. *Narrativa Epistolar*, pag. 35.

2 Sobre este asrumpto é digno de leitura o artigo doSr. Barbosa Rodrigues — *O Canto e a Dança Selvicola*, publicado na *Revista Brasileira*.

3) Dados bebidos no citado artigo do Sr. Barbosa Rodrigues.

(4) Vide os *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, pelo autor.

(5) Vide *Cantos Populares do Brasil* pelo autor.

canções originaes, que não encontram congeneres nas collecções portuguezas.

O complexo de nossa poesia popular póde-se dividir em quatro grandes categorias : — 1 *romances* e *xacaras* ; 2 — *reisados* e *cheganças* ; 3 — *orações* e *parlendas* ; — 4 *versos geraes* ou *quadrinhas*.

Os contos populares dividem-se em *portuguezes*, *americanos*, *africanos*, e alguns de origem *mestiça* e mais recente.

Indicar no corpo das tradições, contos, canções, costumes e linguagem do actual povo brasileiro, formado do concurso de tres raças, que ha quatro seculos se relacionam, mostrar o que pertence a cada um dos factores, quando muitos phenomenos já se acham baralhados, confundidos, amalgamados ; quando a assimilação de uns por outros é completa aqui, e incompleta alli, não é tão insignificante, como á primeira vista póde parecer. Quaes são na poesia os agentes creadores e quaes os transformadores ? O agente *transformador* por excellencia tem sido entre nós o mestiço, que por sua vez já é uma transformação ; elle porém tem por seu lado actuado tambem como creador. Os *creadores* são directos e indirectos e são as tres raças e o mestiço.

Mas será verdade, repito, que os tupys e os africanos tivessem uma viva poesia rudimentar, que haja passado ás nossas populações actuaes? Eu o creio, mas eis ahi uma grande difficuldade. Fala-se muito da poesia dos indios dos tres primeiros seculos da conquista ; mas mui poucos e insignificantes são, como já se viu, os fragmentos colligidos ; e quanto aos africanos nada se tem colhido. Demais, os hymnos lyricos e epicos, cantados pelo povo brasileiro, são, como disse, vasados nos moldes da lingua portugueza. Como marcar o veio negro e o vermelho em canções que affectam uma só fórma? As difficuldades abundam. Incontestavelmente o portuguez, é o agente mais robusto de nossa vida espiritual.

Devemos-lhe as crenças religiosas, as instituições civis e politicas, a lingua e o contacto com a civilisação européa. Na poesia popular a sua superioridade como contribuinte é, portanto, incontestavel.

Pertencem-lhe, como disse, todos os romances cavalhei-

rescos, e todos os que têm correspondentes nas collecções européas. São ainda obra sua a mór parte das canções soltas em quadrinhas, que em Sergipe têm o significativo nome de *versos geraes*.

As relações da raça superior com as duas inferiores tiveram dois aspectos principaes :

a) relações meramente externas, em que os portuguezes, como civilisados, não poderiam assaz modificar sua vida intellectual, que tendia a prevalecer, e só poderiam contrair um ou outro habito e empregar um ou outro utensilio na vida ordinaria ;

b) relações de sangue, tendentes a modificar as tres raças e a formar o mestiço.

No primeiro caso, comprehende-se desde logo que a acção dos indios e dos negros sobre o europeu nada tinha de profunda e radical ; no segundo a *transformação physiologica* produzia um typo novo, que, se não eclipsava o europeu, offuscava as duas raças inferiores. Na poesia popular portanto, depois do portuguez, é o mestico o principal productor. Aos selvagens e africanos, que não são autores directos, coube ahi mesmo, porém, uma acção mais ou menos efficaz.

Nos *romances de vaqueiros* ha influxo indiano, e nos versos de *reisados*, *cheganças*, *congos* e *tayeras* influencia africana, como affirmei.

Os *autores directos*, repita-se, que cantavam na lingua como *sua*, foram os portuguezes, seus descendentes brancos e os mestiços.

Quanto aos indios, e aos negros principalmente, verdadeiros pariás, forçados ao uso de uma lingua imposta, a sua acção foi indirecta ainda que real. Na formação da psychologia do actual brasileiro, a que iam transmittindo suas tendencias intellectuaes, com todas as suas crenças, anexins, lendas e phantasias, é que se nota o seu influxo.

A acção physiologica dos sangues negro e tupy no genuino brasileiro, explica-lhe a força da imaginação e o ardor do sentimento.

Não deve ahi haver vencidos e vencedores ; o *mestiço* congraçou as raças e a victoria deve assim ser de todas tres.

Pela lei da *adaptação*, ellas tendem a modificar-se nelle, que, por sua vez, pela lei da *concurrencia vital*, tendeu e tende ainda a integrar-se á parte, formando um typo novo em que ha de predominar a acção do branco.

Pertencem-lhe directamente em nossa poesia popular todas as cantigas que não encontram correspondentes nas collecções portuguezas, como todos os romances sertanejos, muitas xacaras e versos geraes de um sabor especial. Nestas creações mixtas dá-se cumulativamente a acção das tres raças; ao mestiço pertencem, como proprios, o langor lyrico e os calidos anhelos da paixão.

Nos contos e lendas é directa a acção das tres raças e a influencia do mestiço ainda muito insignificente, a não ser como agente transformador. Temos, já notei, contos de origem portugueza, americana, africana, mestiça (formação recente.)

E não é só nas canções e nas *historias* populares que se encerra tudo o que devemos ás tres raças que habitam no paiz. Aos portuguezes devemos as dadivas principaes de nossa civilisação lacunosa ; somos-lhes obrigados pelas idéas politicas e sociaes que nos regem ; ainda hoje sua velha legislação civil é a nossa. A ordem religiosa, a politica, a juridica e a social são entre nós obra européa.

E' inutil commentar a influencia da acção combinada destas instituções sobre o desenvolvimento de um povo.

Os indios não são credores só do influxo dos seus *areytos* ou *yeroquis* e de suas lendas. O uso de muitas plantas medicinaes, o emprego de muitas industrias rudimentares, a manipulação de muitas substancias comestiveis devemos aos selvagens. Muitos outros usos e costumes, e até crenças phantasticas, como a do *Caipora*, passaram ás nossas populações actuaes. E' verdade, que as lendas de *Sumé*, *Jeropary* e outras, conhecidas dos eruditos, perderam-se para a intelligencia popular.

A raça africana tem tido no Brasil uma influencia enorme, sómente inferior á da raça européa ; seu influxo penetrou em nossa vida intima e por elle moldou-se em grande parte nossa *psychologia* popular. E' facil comprehendel-o. A raça

africana entre nós, ainda que não dirigida por um impulso proprio, deve tambem ser contada como raça invasora, e esta circumstancia merece attenção.

O portuguez julgou-se fraco para repellir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso, — o negro da Africa.

Ao passo que o indio tornava-se improductivo, fugia, esphacelava-se e morria, durante mais de tres seculos foram chegando levas e levas de africanos robustos, ageis e domaveis, e foram fundando as fazendas e engenhos, as villas e as cidades, e permanecendo no seio das familias coloniaes.

O indio, em geral, foi um ente que se viu desequilibrado e feneceu ; o negro um auxiliar do branco que prosperou.

Acresce que o numero de africanos transportados ao Brasil, durante mais de trezentos annos, foi muito superior á população cabocla primitiva.

Computam-se em milhões, e toda essa gente valida e fecunda fez prosperar o paiz.

O proprio facto da escravidão serviu para ainda mais vincular os pretos aos brancos.

As escravas, e raro era o colono que não as tinha, viviam no seio das familias ao serviço domestico. Dahi o cruzamento natural ; appareciam os *mestiços* e novos laços se creavam.

Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o assucar, o café e todos esses generos chamados *coloniaes*, que a Europa consumia. Só pelos tres factos da escravidão, do cruzamento e do trabalho, é facil aquilatar a immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro. A escravidão, apezar de todos os seus vicios, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumes. Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e supportar em descanço as agruras do clima. Desenvolveu-se como força economica, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilisador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, que constitue a massa de nossa população, e em certo gráu a belleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis,

fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano.

O trabalho escravo foi todo o nosso passado.

O negro influenciou toda a nossa vida intima e muitos de nossos costumes nos foram por elle transmittidos.

Não foi provavelmente isto um grande bem ; mas é um facto irrecusavel. Muitos de nossos bailados, danças e musicas populares, uma litteratura inteira de canções ardentes, tem esta origem.

O indio, por seu lado, foi tambem mui cruamente tratado e é admiravel que, nestas condições, não tenhamos soffrido até aqui *guerras de raças*, além dos pequenos episodios dos *Emboabas*, *Palmares*, *Mascates* e *Balaios*.

De tudo que fica dito é facil tirar a conclusão. Dos tres povos que constituiram a actual população brasileira, o que um rastro mais profundo deixou foi por certo o portuguez ; segue-se-lhe o negro e depois o indigena. A' medida, porém, que acção directa das duas ultimas tende a diminuir, com a internação do selvagem e a extincção do trafico dos pretos, a influencia européa tende a crescer com a immigração e pela natural propensão para prevalecer o mais forte e o mais habil. O mestiço é a condição dessa victoria do branco, fortificando-lhe o sangue para habilital-o aos rigoros de nosso clima.

E' em sua fórma ainda grosseira uma transição necessaria e util, que caminha para approximar-se do typo superior.

Passemos a outra questão. As alterações da lingua portugueza na America são um objecto interessante de estudo. Não sei porque as questões linguisticas são ás vezes discutidas com a paixão das questões religiosas e politicas. E' assim que de parte a parte, portuguezes e brasileiros se têm maltratado, estudanto este assumpto. Entretanto, os factos são simples e não reclamam doestos. A lingua portugueza, cuja origem, fosse qual fosse, não vem aqui a proposito indagar, era falada por um pequeno povo da Europa. No seculo XVI,

africana entre nós, ainda que não dirigida por um impulso proprio, deve tambem ser contada como raça invasora, e esta circumstancia merece attenção.

O portuguez julgou-se fraco para repellir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso, — o negro da Africa.

Ao passo que o indio tornava-se improductivo, fugia, esphacelava-se e morria, durante mais de tres seculos foram chegando levas e levas de africanos robustos, ageis e domaveis, e foram fundando as fazendas e engenhos, as villas e as cidades, e permanecendo no seio das familias coloniaes.

O indio, em geral, foi um ente que se viu desequilibrado e feneceu ; o negro um auxiliar do branco que prosperou.

Acresce que o numero de africanos transportados ao Brasil, durante mais de trezentos annos, foi muito superior á população cabocla primitiva.

Computam-se em milhões, e toda essa gente valida e fecunda fez prosperar o paiz.

O proprio facto da escravidão serviu para ainda mais vincular os pretos aos brancos.

As escravas, e raro era o colono que não as tinha, viviam no seio das familias ao serviço domestico. Dahi o cruzamento natural ; appareciam os *mestiços* e novos laços se creavam.

Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o assucar, o café e todos esses generos chamados *coloniaes*, que a Europa consumia. Só pelos tres factos da escravidão, do cruzamento e do trabalho, é facil aquilatar a immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro. A escravidão, apezar de todos os seus vicios, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumes. Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e supportar em descanço as agruras do clima. Desenvolveu-se como força economica, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilisador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, que constitue a massa de nossa população, e em certo gráu a belleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis,

fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano.

O trabalho escravo foi todo o nosso passado.

O negro influenciou toda a nossa vida intima e muitos de nossos costumes nos foram por elle transmittidos.

Não foi provavelmente isto um grande bem ; mas é um facto irrecusavel. Muitos de nossos bailados, danças e musicas populares, uma litteratura inteira de canções ardentes, tem esta origem.

O indio, por seu lado, foi tambem mui cruamente tratado e é admiravel que, nestas condições, não tenhamos soffrido até aqui *guerras de raças*, além dos pequenos episodios dos *Emboabas*, *Palmares*, *Mascates* e *Balaios*.

De tudo que fica dito é facil tirar a conclusão. Dos tres povos que constituiram a actual população brasileira, o que um rastro mais profundo deixou foi por certo o portuguez ; segue-se-lhe o negro e depois o indigena. A' medida, porém, que acção directa das duas ultimas tende a diminuir, com a internação do selvagem e a extincção do trafico dos pretos, a influencia européa tende a crescer com a immigração e pela natural propensão para prevalecer o mais forte e o mais habil. O mestiço é a condição dessa victoria do branco, fortificando-lhe o sangue para habilital-o aos rigoros de nosso clima.

E' em sua fórma ainda grosseira uma transição necessaria e util, que caminha para approximar-se do typo superior.

Passemos a outra questão. As alterações da lingua portugueza na America são um objecto interessante de estudo. Não sei porque as questões linguisticas são ás vezes discutidas com a paixão das questões religiosas e politicas. E' assim que de parte a parte, portuguezes e brasileiros se têm maltratado, estudanto este assumpto. Entretanto, os factos são simples e não reclamam doestos. A lingua portugueza, cuja origem, fosse qual fosse, não vem aqui a proposito indagar, era falada por um pequeno povo da Europa. No seculo XVI,

africana entre nós, ainda que não dirigida por um impulso proprio, deve tambem ser contada como raça invasora, e esta circumstancia merece attenção.

O portuguez julgou-se fraco para repellir o selvagem e para o amanho das terras, e recorreu a um auxiliar poderoso, — o negro da Africa.

Ao passo que o indio tornava-se improductivo, fugia, esphacelava-se e morria, durante mais de tres seculos foram chegando levas e levas de africanos robustos, ageis e domaveis, e foram fundando as fazendas e engenhos, as villas e as cidades, e permanecendo no seio das familias coloniaes.

O indio, em geral, foi um ente que se viu desequilibrado e feneceu ; o negro um auxiliar do branco que prosperou.

Acresce que o numero de africanos transportados ao Brasil, durante mais de trezentos annos, foi muito superior á população cabocla primitiva.

Computam-se em milhões, e toda essa gente valida e fecunda fez prosperar o paiz.

O proprio facto da escravidão serviu para ainda mais vincular os pretos aos brancos.

As escravas, e raro era o colono que não as tinha, viviam no seio das familias ao serviço domestico. Dahi o cruzamento natural ; appareciam os *mestiços* e novos laços se creavam.

Os negros trabalhavam nas roças, produzindo o assucar, o café e todos esses generos chamados *coloniaes*, que a Europa consumia. Só pelos tres factos da escravidão, do cruzamento e do trabalho, é facil aquilatar a immensa influencia que os africanos tiveram na formação do povo brasileiro. A escravidão, apezar de todos os seus vicios, operou como factor social, modificando nossos habitos e costumes. Habilitou-nos por outro lado a arrotear as terras e supportar em descanço as agruras do clima. Desenvolveu-se como força economica, produzindo as nossas riquezas, e o negro foi assim um robusto agente civilisador. O cruzamento modificou as relações do senhor e do escravo, trouxe mais doçura aos costumes e produziu o mestiço, que constitue a massa de nossa população, e em certo gráu a belleza de nossa raça. Ainda hoje os mais lindos typos de nossas mulheres são essas moças ageis,

fortes, vividas, de tez de um doce amorenado, de olhos negros, cabellos bastos e pretos, sadias jovens, em cujas veias circulam, por certo já bem diluidas, muitas gottas de sangue africano.

O trabalho escravo foi todo o nosso passado.

O negro influenciou toda a nossa vida intima e muitos de nossos costumes nos foram por elle transmittidos.

Não foi provavelmente isto um grande bem ; mas é um facto irrecusavel. Muitos de nossos bailados, danças e musicas populares, uma litteratura inteira de canções ardentes, tem esta origem.

O indio, por seu lado, foi tambem mui cruamente tratado e é admiravel que, nestas condições, não tenhamos soffrido até aqui *guerras de raças*, além dos pequenos episodios dos *Emboabas*, *Palmares*, *Mascates* e *Balaios*.

De tudo que fica dito é facil tirar a conclusão. Dos tres povos que constituiram a actual população brasileira, o que um rastro mais profundo deixou foi por certo o portuguez ; segue-se-lhe o negro e depois o indigena. A' medida, porém, que acção directa das duas ultimas tende a diminuir, com a internação do selvagem e a extincção do trafico dos pretos, a influencia européa tende a crescer com a immigração e pela natural propensão para prevalecer o mais forte e o mais habil. O mestiço é a condição dessa victoria do branco, fortificando-lhe o sangue para habilital-o aos rigoros de nosso clima.

E' em sua fórma ainda grosseira uma transição necessaria e util, que caminha para approximar-se do typo superior.

Passemos a outra questão. As alterações da lingua portugueza na America são um objecto interessante de estudo. Não sei porque as questões linguisticas são ás vezes discutidas com a paixão das questões religiosas e politicas. E' assim que de parte a parte, portuguezes e brasileiros se têm maltratado, estudanto este assumpto. Entretanto, os factos são simples e não reclamam doestos. A lingua portugueza, cuja origem, fosse qual fosse, não vem aqui a proposito indagar, era falada por um pequeno povo da Europa. No seculo XVI,

descoberto o Brasil, passou ella com os colonos a este solo. A corrente bifurcou-se, portanto.

Como as linguas são organismos que se desenvolvem e transformam, esse facto foi-se dando no Brasil e em Portugal ao mesmo tempo, isto é, tanto aqui como lá a lingua se foi desenvolvendo, ou alterando, como quizerem.

Desde que a corrente se tinha bifurcado, cada um dos veios novos começou a modificar-se á parte, independente um do outro. A lingua não é hoje em Portugal a mesmissima de 1500 ; não é tambem no Brasil.

Acresce que, não sendo as modificações feitas de acôrdo entre os dois paizes, o que seria por natureza impossivel, o portuguez do Brasil differe hoje muito do de Portugal. E' isto um facto organico do desenvolvimento linguistico e não ha ahi motivo para magoas ou zombarias.

Neste assumpto ha as seguintes questões a propôr (1) : se o luso-brasileiro é um dialecto ; se temos dialectos particulares em algumas provincias ; se augmentamos o lexicon portuguez com termos *abaneengas ;* se o enriquecemos de termos africanos ; se o mesclamos de termos novos de origem secundaria; se alteramos a significação de algumas palavra portuguezas; se produzimos alterações phoneticas na lingua; se, finalmente, as produzimos syntacticas. Respondo : O luso-americano não constitue ainda um dialecto accentuado do portuguez europeu ; mas contém elementos que o hão de tornar cada vez mais distincto deste. Existe tambem em algumas provincias a tendencia para a formação de dialectos particulares, especialmente no Pará e em S. Paulo. O luso-brasileiro contém innumeras palavras tupys, como sejam : *aluá*, *cariman*, *tabatinga*, *jacá*, *giqui*, *moquem*, *moquear*, *combuca*, *tabaréo*, etc. Encerra um grandissimo numero de termos de origem africana, como : *batuque*, *cafuné*, *senzala*, *caximbo*, *maracatú*, *quiabo*, *munganga*, *xará*, *calunga*, *mocambo*, etc.

Possue certos termos populares que lhe são proprios, como:

(1) Tendo já tratado desenvolvidamente desta questão nos *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*, limitar-me-hei a poucas palavras agora.

penima, *espingolado*, *corteleiro*, *barbatão*, *munan*, *quiba*, *corrimboque*, *inhaca*, *quindim*, e outros.

Alterou o significado de algumas palavras portuguezas, exemplo : *faceira*, que é no Brasil mulher casquilha e em Portugal carne das faces do boi : *babado*, que no Brasil são folhos da saia e em Portugal não tem tal sentido : *muqueca* que no Brasil é um guizado de peixes e em Portugal é termo de agricultura : *canastra*, cesto de vime em Portugal, é no Brasil caixa não abaulada, etc.

As altarações de pronuncia são innumeras. Temos agora documentos para aprecial-as, sem que os portuguezes possam reclamar, e vêm a ser o novo *Diccionario Portuguez* de Caldas Aulette e melhor ainda o de Ad. Coelho. Por elles se vê, por exemplo, que em Portugal se diz : *murrere*, *curtare*, *murtifero*, etc. etc., e no Brasil a pronuncia é outra e bem diversa.

As alterações phoneticas são variadissimas (1).

As modificações syntacticas tambem já começam a caracterizar-se. As principaes versam sobre a collocação dos pronomes ; o emprego das preposições *a* e *em* ; o uso de diminutivos ; a tendencia dos portuguezes para confundirem o pronome relativo com o reciproco ; o emprego dos possessivos, a perda de alguns suffixos na linguagem do Brasil ; o quasi esquecimento do mais que perfeito simples e do futuro do indicativo ; o uso de verbos geraes acompanhados de substantivos ; a troca do presente do indicativo pelo imperfeito, etc.

Neste assumpto podem ser consultados os *Rascunhos sobre a grammatica da lingua portugueza* pelo Dr. Baptista Caetano, o celebre indianologo.

---

(1) Póde ser consultado neste ponto *O Idioma do Hodierno Portugal comparado com o do Brasil* do Dr. Paranhos da Silva. Póde-se tambem vêr *Estudos sobre a Poesia Popular no Brasil*, cap. 8.º, que trata do, assumpto largamente.

CAPITULO VIII

Relações economicas. As instituções politicas e sociaes da colonia, do imperio e do republica.

Não é hoje uma simples supposição, mas um facto firmado na historia, que o estado de riqueza ou pauperismo de um povo influe directamente na formação de sua litteratura. As nações sem descanço, occupadas exclusivamente em adquirir o indispensavel á vida, não podem ter uma cultura, que exige uma classe de individuos que estejam resguardados da obrigação penivel de conquistar o pão quotidiano. Por isto a civilisação antiga só appareceu em paizes favorecidos pela natureza, onde a producção da riqueza foi facil e prompta, e um certo bem estar pôde reinar nas classes superiores da sociedade.

O *primo vivere* é tão certo para os povos como para os individuos; o homem antes de ser um ente historico é um individuo biologico.

Entre nós esta lei geral da historia tem uma applicação rigorosa; porquanto, a despeito de nossa riqueza apparente, somos uma nação pobre em sua generalidade, onde a distribuição do dinheiro é viciosa, onde a posse das terras é anachronica. Aquelle anda nas mãos dos negociantes estrangeiros; estas sob o tacão de alguns senhores feudaes. A grande massa da população, espoliada por dois lados, arredada do commercio e da lavoura, neste paiz essencialmente agricola, como se costuma dizer, moureja por ahi abatida e faminta, não tendo outra industria em que trabalhe; pois que até os palitos e os páos de vassoura mandam-se vir do estrangeiro... Não é este o logar mais proprio para descobrir os andrajos da nação e mostrar os corpos enfraquecidos, que,

sem trabalho nem pão, são a grande fonte onde o fazendeiro vae buscar os servos, que chama *aggregados*, e o governo os seus *capangas*, os seus *votantes* e os seus *soldados!*...

Basta-me abrir a nossa historia de quatrocentos annos, malbaratados por aquelles que deviam dirigir a nação, e vêr que a quatro se podem reduzir os movimentos mais accentuados da litteratura do Brasil : a escola *bahiana* do seculo XVII, que se aureola com o nome de Gregorio de Mattos; a *mineira* do seculo XVIII, que se assigna com a firma de Gonzaga e Durão; a *fluminense* da primeira metade do XIX seculo, desenvolvida principalmente na côrte do imperio, sob a inspecção do governo, ora com fluminenses, como Gonçalves de Magalhães e Macedo, ora com provincianos, que eram attrahidos ao Instituto Historico para serem alli desnorteados e separados do paiz, como Gonçalves Dias e Porto-Alegre; e finalmente sobre estes movimentos isolados de uma ou outra provincia, o grande abalo *nacional*, que ahi vem marulhoso de todos os cantos, do Pará como do Rio-Grande do Sul, torrente ainda mal definida, hasteando todas as bandeiras, mas tendo um só alvo : — a mutação social.

Pois bem! Myope será quem não reconhecer por traz destes acontecimentos litterarios outros tantos momentos economicos do paiz : nos primeiros seculos da colonia o *assucar;* no seculo XVIII o *ouro;* mais tarde o *café;* e agora que todos estes productos estão desacreditados nos mercados europeus, onde não podem lutar com rivaes mais aperfeiçoados, nós, que não temos mais a Africa e o ventre das pretas para nos soccorrerem em nossa miseria, aproximamo-nos da grande crise economica, que ahi vem espumante e fatal!...

Mas continuemos as considerações litterarias em suas relações com a economia brasileira.

Lançando as vistas sobre o Brasil por este lado, vejo que possuimos hoje uma lavoura arruinada, um commercio quasi todo estrangeiro, uma pequena industria nos centros populosos, de que nem se deve falar, e em duas ou tres provincias a criação de gados. Quanto á primeira, fundada em grandes propriedades, que têm os nomes extravagantes de

fazendas e de *engenhos*, retalhou o paiz em vastos lotes, verdadeiros restos das antigas capitanias, onde algumas duzias de enfatuados bachás moviam ainda ha pouco sem piedade o *bacalháu* nos pobres negros e não raro o azorrague nos *aggregados*. Estes são uma especie de *bohemios*, sem domicilio certo ; pois que, ao menor capricho do senhor das terras, têm de pôr os trastes ás costas e mudar-se.

O aggregado não póde reunir peculio, é submisso como um servo da gleba ; uma grande quota de seus productos é para os fazendeiros e senhores de engenho. E' mui de vêr a arrogancia destes em suas relações com os proletarios. Assim, pois, não temos a pequena lavoura organisada. A grande, rotineira e pervertida, é uma extorsão cruel feita aos proletarios ruraes.

Latifundia perdiderunt Italiam, disse Plinio ; as *fazendas* e os *engenhos* estão perdendo o Brasil, é o brado que sáe, com razão, de todos os lados. O commercio é em parte uma pirataria em grosso, movida contra os pobres agricultores, individados e perdidos.

O grande é quasi todo estrangeiro e o pequeno quasi absolutamente portuguez, isto é, ainda infelizmente estrangeiro. A pequena industria, exercida nas cidades e villas pelos nacionaes, é quasi insignificante.

As *fazendas* e *estancias* pastoris estão no mesmissimo caso das fazendas de café e dos engenhos de assucar. Que resta, pois, para o grosso da população? O pauperismo completo, ou os empregos publicos, isto é, uma forma bastarda ainda de pauperismo... Neste meio os filhos daquelles que podem, negociantes ou agricultores, vão para os estudos, alinhavam os preparatorios, fazem um curso de medicina, direito, ou engenharia, e, ou vão engrossar as fileiras dos empregados publicos, ou agitar-se nas aventuras temerosas de uma politica relapsa e torpe ; ou, estes são poucos, pelo exercicio de sua profissão conseguem fazer alguma cousa na vida. No meio de tudo isto, quem entre nós escreve e quem entre nós lê? Não são, de certo, os lavradores, os negociantes, os criadores, os industriaes, os politicos, nem os administradores.

Sómente as classes academicas e alguns empregados publicos sahidos dessas classes. E' a regra geral.

A mais completa indifferença pelo que é producto intellectual brasileiro aqui reina. Os poucos que têm a molestia das letras e se esforçam por aviventar o pensamento nacional ao contacto das grandes idéas do mundo culto, sem afogar esta nacionalidade nascente num pelago de imitações sem criterio, esses não são ouvidos pelo geral do publico, occupado em bater palmas ao ultimo folhetim ou aos ultimos versinhos chegados de Lisboa ou de Pariz...

As raizes deste desarranjo pasmoso vão perder-se no solo empedernido dos tempos coloniaes e imperiaes.

O imperio continúou, sob um falso constitucionalismo, o velho absolutismo e a antiga myopia da metropole. Que os norte-americanos continuem a trilhar as sendas da intelligencia ingleza, é cousa que deve ser applaudida; porque a Inglaterra *sabe pensar;* que o Brasil continúe a copiar Portugal, é uma triste herança da historia, que todo bom patriota deve modificar e corrigir.

Durante mais de tres seculos foi a Brasil governado por prepostos de um governo absoluto. Retalhado a principio em capitanias, mal divididas e mal determinadas, que foram entregues a alguns aventureiros e aulicos, o que nos fez ter tambem nossa idade feudal, passou depois ao dominio directo da corôa, que tratou de segregal-o do mundo e exploral-o. Num e noutro systema o indio era considerado uma fera, que devia ser caçada; o negro uma machina, que se devia estupidificar para produzir, o peão portuguez, o colono, um ente de sangue bastardo, distante do sangue azul, escravo dos fidalgos e de El-Rei, *Nosso Senhor!...* Nestas condições, as populações que se iam formando no paiz traziam a marca da origem : — a submissão.

Nada de franquias e privilegios municipaes. A instrucção era nulla; a imprensa prohibida; as communicações com o estrangeiro vedadas. A Inquisição florescia e os conventos abundavam; o jesuita machinava a formação de um vasto Paraguay. As questões de justiça estavam em grande parte nas mãos des governadores e eram, em alçada superior, deci-

didas na metropole. No exercito, o filho do paiz não subia aos altos postos; reinava o regimen dos privilegios e exclusões.

O povo não tinha vida autonomica, nem tinha iniciativa; a justiça lhe era ministrada como um favor do monarcha. As sesmarias territoriaes eram concedidas aos portuguezes, que tambem monopolizavam o commercio. Na ordem puramente intellectual, a educação era jesuitica; desenvolvia-se a memoria, com prejuizo do raciocinio. A escravidão no seio das familias veiu consolidar este complicado systema de abatimento, de alheação da vida independente. Desde o principio, toda a população dividiu-se em duas grandes classes: — senhores e escravos. Aquelles eram os portuguezes, ou seus descendentes; os outros — os negros e os indios! Os mestiços destas duas classes, quando livres, eram tratados com rigor; porque se tinha em larga escala o preconceito da côr... As decadas foram passando; e o tempo foi robustecendo esta obra da injustiça e da extorsão. Dahi saiu o imperio do Brasil, paiz de senhores, de grandes, de magnatas; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra! E como Portugal foi sempre uma feitoria ingleza, nas relações exteriores nós o somos tambem, e nas internas governa-nos ainda o europeu com todos os seus abusos, com todos os seus prejuizos. A nossa Independencia, sendo um facto historico de alcance quasi nullo, não tendo havido aqui uma revolução que afogasse os velhos preconceitos, não nos abriu uma phase de autonomia e liberalismo. A republica nada tem melhorado n'este sentido por emquanto.

De alguns tempos a esta parte, começou-se a vêr entre a evolução normal das sociedades e os movimentos revolucionarios uma antinomia que de facto não existe; a revolução é um dos processos indispensaveis á marcha das nações. Se nós a tivessemos feito, não estariamos hoje quasi nas mesmas condições do regimen colonial, anterior a 1822. A grande pobreza das classes populares, a falta de instrucção e todos os abusos de uma organização civil e social defeituosa, devem ser contados entre os empecilhos ao desenvolvimento de nossa litteratura.

As academias são poucas e de creação recente. Ainda hoje ha muita difficuldade para a acquisição de cultura neste paiz; os cursos, além de raros, são espalhados a grandes distancias da mór parte dos Estados. Os livros são caros; a carreira das letras não traz vantagens; a vida intellectual não offerece attractivos; não ha editores nem leitores para obras nacionaes; por isso quasi ninguem escreve, para não ser esmagado pala concurrencia estranha.

O meio social não é estimulante; o abandono nos comprime; a vida brasileira é dura e prosaica. Reina ahi a monotonia e a submissão, ou esta seja dos aggregados aos fazendeiros, dos votantes aos chamados chefes de partido; dos deputados aos ministros; dos ministros ao chefe do Estado; do chefe do Estado aos governos estrangeiros; ou seja do commercio nacional aos capitalistas inglezes; dos lavradores ao commercio; do povo aos politicos e dos politicos ás conveniencias; ou seja de certos jornalistas aos governos; dos litteratos aos máos livros francezes, sempre e sempre é a submissão... Ousados impetos, tumultuosos arrancos de juvenilidade e força raras vezes têm saido do seio do povo brasileiro, na esphera politica e na litteraria. Poucos se me deparam no curso de nossa historia.

O phenomeno é explicavel: povo educado, como um rebanho molle e automatico, sob a vergasta do poder absoluto, vibrada pelos governadores, vice-reis, capitães-móres e pelos padres da companhia; povo flagellado por todas as extorsões, -- nunca fomos, nem somos ainda uma nação culta, livre e original.

O moderno constitucionalismo é uma comedia vulgar, corrupta e sandia, que nos envergonha a nossos proprios olhos, quer no imperio, quer na republica.

O leitor perdoará esta linguagem. Este livro, não quero que seja uma chronica recheada de fastos anecdoticos; quero que seja um protesto, um grito de alarma de *são brasileirismo*, um brado de enthusiasmo para um futuro melhor. Todo escriptor nacional na hora presente está carregado do imperioso dever de dizer toda a verdade a nosso povo, ainda que pelo rigor tenha de desagradar geralmente. Não ha

muito um esperançoso escriptor estrangeiro, aliás nosso amigo, escreveu isto : « a situação funccional da população brasileira póde ser expressa em uma só palavra : o Brasil não tem povo! » (1)

E' duro; mas é a verdade.

Envergonhemo-nos disto e reajamos. Façamol-o pelo trabalho, por todas as ousadias para a luz; lutemos, conquistemos o nosso logar; rechacemos todas as antigualhas podres e todas as innovações insensatas; sejamos fortes e calmos. Instruamo-nos e travemos a grande luta de nossa regeneração social, economica e litteraria. Já é tempo de olharmos para traz, lançar as vistas sobre o caminho percorrido ha quatrocentos annos e conhecermos que pouco, bem pouco, temos feito como nação culta.

Tomemos todos os encargos que os seculos nos legaram e apparelhemo-nos para solvel-os.

Trabalhemos tambem para a humanidade. A questão não é só de produzir café; ha tambem certas necessidades moraes que é crime preterir.

As relações economicas e sociaes da colonia e do imperio ainda se acham de pé; é tempo de destruil-as e abrir uma nova phase á vida e ao pensamento nacional.

Dando incremento ás classes productoras, preparando um maior numero de cidadãos aptos á vida dos tempos modernos, iremos formando o nosso povo, que será então capaz de resistir ás classes parasitas que têm em suas mãos os nossos destinos...

---

(1) Vide L. Couty, *l'Esclavage au Brésil*, pag. 87.

CAPITULO IX

Psychologia nacional. Prejuisos de educação. Imitação do estrangeiro.

O celebre Alexandre Herculano, em seu declinio intellectual, deu a certas idéas e factos novos, firmados pela sciencia moderna, o nome de *gongorismo scientifico.*

Um positivista brasileiro, crente orthodoxo, repetiu com jubilo o dito do autor da *Historia de Portugal :* « Declaro com franqueza que adopto de todo a denominação que Herculano applicou uma vez *ás producções da anarchia scientifica de nosso tempo*, a todas estas sciencias novas que se denominam *anthropologia*, *ethnographia*, *pré-historia*, *sciencia das religiões*... Elle chamou toda esta *mixordia inconherente e palavrosa* um *gongorismo scientifico.* O dito é feliz e merece ser conservado. » (1)

Quanto a nós todos, gongoricos incorrigiveis, perdidos na anarchia mental, ás opposições systematicas de Comte contra a psychologia, a logica, a economia politica, a medicina, a anatomia que vai além dos tecidos, e a astronomia que ultrapassa nosso systema planetario ...temos a juntar a de seus discipulos orthodoxos contra a critica religiosa, a pré-historia, a anthropologia, a ethnographia... Lubbock, Broca, Vogt... com a sua anthropologia ; Baur, Strauss, Ewald... com a sua sciencia das religiões, quebraram inutilmente a cabeça num *fratras incoherent et verbeux...*

Mas emquanto a luz diurna da verdade definitiva não espancar todas as toleimas da anarchia mental ; emquanto a paz universal dos espiritos não fizer repousar a humanidade

(1) *Luis de Camoens*, por Miguel Lemos, pag. VI.

na immobilisação ineffavel da philisophia e da religião supremas, seja permittido ainda lêr algumas paginas verbosas de alguns gongoricos atrazados e suppòr possivel uma ethnologia, ou psychologia dos povos *(Volkerpsychologie)* e nesse sentido falar de uma psychologia do povo brasileiro.

Vem a ser o complexo de tendencias e intuições do espirito nacional ; alguma cousa que o individuo só por si não explica, que só o povo em sua amplitude generica deixa notar claramente. Assim como ha um espirito da época, *(Zeitgeist)*, que domina um momento dado da historia, ha um espirito commum *(Algeist)*, que determina a corrente geral das opiniões de um povo.

Pelo que toca á nação brasileira, os documentos não se acham colligidos, nem utilisados de fórma alguma. Os nossos costumes publicos e particulares, nossa vida de familia, nossas tendencias litterarias, artisticas e religiosas, todas as ramificações, emfim, da actividade popular, não têm sido objecto de um estudo particular e aturado. Nós desconhecemo-nos a nós mesmos.

Não se pode talvez dizer que o brasileiro, tomado individualmente, seja descuidoso de si proprio ; considerado porém em geral, como typo sociologico, o povo brasileiro é apathico, sem iniciativa, desanimado. Parece-me ser este um dos primeiros factos a consignar em nossa psychologia nacional. E' assignalavel a propensão que temos para esperar, nas relações internas, a iniciativa do poder, e, no que é referente á vida intellectual, para imitar desordenadamente tudo quanto é estrangeiro, *silicet*, francez.

Para o fim, que me proponho, basta-me consignar estes dois phenomenos, filhos primogenitos de nossa educação lacunosa : o poder como centro de tudo, o estrangeirismo como instigador do pensamento.

A nação brasileira não tem pois em rigor uma fórma propria, uma individualidade caracteristica, nem politica, nem intellectual. Todas as nossas escolas, numa e noutra esphera não têm feito mais em geral do que glosar, em clave baixa, as idéas tomadas á Europa, ás vezes em segunda ou terceira mão.

Esta linguagem não agrada : *veritas odium parit*, sabe-se desde Cicero. Uma outra forte abusão do povo brasileiro é esta justamente : a reluctancia que temos em ouvir a verdade a nosso respeito, diga-se de passagem.

Quando se fala na politica ingleza, allemã, franceza, italiana, americana, ou numa litteratura destes povos, sabe-se o que se quer dizer.

No Brasil não é assim. Temos uma litetratura incolor ; os nossos mais ousados talentos dão-se por bem pagos quando imitam mais ou menos regularmente algum modelo estranho.

Neste ponto as provas são tantas, que ha apenas difficuldade na escolha. Recorde o leitor os nossos ultimos movimentos litterarios. As quatro derradeiras escolas poeticas desabrochadas no paiz foram a *hugoana*, a *realista*, a *parnasiava*, a *decadista*. A primeira trae-se por seu proprio nome ; a segunda, quer na feição sanatica do *baudelairismo*, quer na epicureana do *zolaismo*, não é mais do que uma imitação mais ou menos pronunciada das tendencias que esses systemas indicam; o mesmo no que se refere ás duas ultimas.

Na philosophia e sciencias é a mesmissima cousa. O povo brasileiro não pertence ao numero das nações inventivas ; tem sido, como o portuguez, organicamente incapaz de produzir por si.

Tanto quanto se deve aos povos fracos aconselhar que busquem exemplo nas grandes nações crêadoras, eu avisára os brasileiros das vantagens que lhes podem advir da lição das gentes anglo-germanicas, corrigindo as debilidades latinas.

Tocando em factos directos, basta não esquecer que ás robustas gentes do norte, tendo hoje á sua frente inglezes e allemães, está reservado o papel historico, já vinte vezes cumprido, de tonificar de sangue e idéas os povos latinos, celticos e ibericos do meio-dia.

Fechado o cyclo da antiguidade, decahido o imperio romano, ás raças germanicas coube a herança e a tarefa de preparar a idade média, crêar as nações novas e abrir a era moderna.

D'est'arte a Inglaterra, a França, Portugal, Hespanha e Italia são outras tantas creações em que o genio germanico

veiu dar viço ao elemento latino. Preparando este novos destroços com o *romanismo religioso*, foi ainda a Reforma, obra d'aquellas gentes, que veiu abalar de novo as consciencias á busca de idéas mais sãs.

Mas é sobre tudo nas letras e sciencias que o grande influxo inventivo daquelles povos se faz sentir.

Além das novas intuições iniciadas pelo romantismo, dalli partiu, em tempos anteriores, o renascimento das mathematicas e da astronomia pela escola de João de Gemund, Purbach, Nicolau Pfyirt, Copernico e Kepler. Dalli vieram o calculo infinitesimal e integral de Leibnitz e Newton, a hypothese cosmogonica dos gazes de Kant, que Laplace pôz em calculo, a therno-dynamica de Meyer e Joule e a analyse spectral de Bunsen e Kirchoff, duas concepções que dominam a physica moderna, a theoria cellular de Schwann e Virchow, a intuição evolutiva do mundo, desenvolvida por Oken e Häckel, a psycho-physica de Weber e Fechner, sem falar em creações scientificas, como a linguistica, a critica religiosa, a mythographia, e nos immensos trabalhos de erudição historica, archeologica e ethnographica, não esquecendo a renovação da biologia por Darwin, a da philosophia por Spencer.

Importa por certo definir, a traços largos, em varias espheras essa intuição anglo-germanica em relação ao Brasil.

Vejamos rapidamente a ordem litteraria, philosophica e politica.

Em litteratura, ha a distinguir o que diz respeito á poesia, romance, etc., e o que se refere á critica litteraria propriamente dita.

A poesia é como a linguagem ; ambas partem da natureza ; mas ambas são organismos que se desenvolvem, que evoluem por sua conta. « A poesia, diz Rodolpho von Gottschall, funda-se na natureza e na verdade, as quaes não são, entretanto, seu objecto, seu alvo determinado. Este consiste em tirar d'ellas o bello, o que importa dizer que a obra d'arte se deve desenvolver como um organismo independente. »

A poesia deve ter a intuição de seu tempo ; não tem por fim fazer sciencia nem photographar a realidade crua ; ella não é hoje, não dever ser, pelo menos, condemnada á affec-

tação dos *classicos*, com seus deuses ; dos *romanticos*, com seus anjos, ou dos *realistas*, com suas prostitutas ; ella deve tambem lutar pelas idéas, sem despir a sua fórma fulgurante e lyrica.

Em critica litteraria, deve dominar a idéa capital de uma revisão franca dos titulos dos nossos escriptores, juizo que não deve trepidar ante o rigor e nem ter medo da algazarra publica, por mais desabrida que se ostente.

Neste terreno tem-se feito já alguma cousa. Um dos problemas que se conseguiu modificar em seu sentido obsoleto foi o do nacionalismo litterario. Era um velha teima a de procurar um cetro *nativismo* fluctuante e incorrecto, que nem mesmo sabia o que visava.

O conceito desse nativismo atravessou duas phases, que não devem mais ser confundidas, como o tem sido commummente.

Na primeira tinha velleidades ethnicas e andava á procura de uma raça que nos caracterizasse e, por via de regra, dizia mal das outras. Ora era o portuguez, ora o negro, ora o caboclo. Este predominou. Convencidos mais tarde os nativistas do que havia de artificial nessas tentativas, abandonaram a idéa de *raça* e apegaram-se á de *classes* fundadas nas grandes divisões geographicas do paiz.

Ficaram neste ponto.

Não era mais o *caboclo*, ou o *negro*, ou o *luso* (1) ; passou-se ao *sertanejo*, ao *matuto*, ao *caipira*, ao *praieiro*, etc. Tudo isto, porém, externamente.

Talhavam-se vestes e enroupava-se esta gente e nada mais. Entretanto, o Brasil não é nada disto ; porque é mais do que tudo isto. Aquelles são typos reaes, é certo ; mas particulares, isolados, e não enchem toda a galeria patria. Ha um espirito geral que os comprehende, que os domina ; é o espirito popular, subjectivo á nação, que não se póde fabricar, que deve ser espontaneo. O caracter nacional não está em se falar em *maracás e tangapemas*, tão pouco está em se lembrar o *chiba*, o *bumba meu boi*, o *samba*, etc. Deve estar no sentimento original, no sentir especial do brasileiro.

(1) O negro foi sempre aliás pouco aquinhoado.

O nacionalismo não ha-de, pois, ser uma these objectiva de litteratura, a caçada de um titulo; deve-se antes estudar o nosso povo actual em suas origens, em suas producções anonymas, definindo a sua intimidade emocional, a sua visualidade artistica.

Deve-se proceder ao estudo de nossa poesia e crenças populares, com a convicção do valor dessa contribuição ethnologica, desse subsidio anonymo para a comprehensão do espirito da nação.

Em philosophia não se ha-de suppor toda a sciencia humana contida nos livros do *espiritualismo*, do *eclectismo* ou do *positivismo* francezes...

E' mister beber em outras fontes. Na sciencia experimental existe esse realismo transformista, esta intuição evolucionista do mundo, em que o homem não reina como senhor com o seu anthropomorphismo pretencioso.

Na synthese philosophica deve-se banir todo dogmatismo, toda formula com pretenções a absoluta. Chamada a tratar dos mais geraes problemas que não têm podido até aqui ser o objecto de uma sciencia particular, a philosophia, se tem por obrigação não desprezar o ensino das sciencias, não deve, por outro lado, sair do terreno de uma synthese provisoria, de um ponto de vista critico, objectivo; não pode ter a velleidade de impôr uma formula definitiva e muito menos a de constituir-se uma religião.

A concepção da sociedade precisa sair fóra de todos os velhos processos politicos, imprestaveis e gastos.

A philosophia politica e social não se funda na idéa da autoridade; não quer a *dictadura* em nome do rei, nem em nome de um monopolio da sciencia, como pretende certo opportunismo incongruente ; funda-se antes na idéa da luta. Ha uma selecção social, como existe uma natural. Este transfarmismo a Darwin tem duas faces, a adaptação normal, hereditaria, conservadora, e a adaptação cenogenetica, em que o mais forte devora o mais fraco, *a adaptação revolucionaria*. Esses dois processos são indispensaveis : evolução e revolução, a natureza e a consciencia.

Eis ahi, a traços rapidos a propaganda que eu faria se ti-

vesse qualidades tribunicias. Em todo caso, nas paginas deste livro, consignadas ficam as linhas geraes de um programma.

E' ainda uma das idéas mais queridas da intuição anglo-germanica a guerra á centralização do pensamento nacional, a opposição á imitação do *parizismo.*

O Brasil é o Rio de Janeiro !... dizemos, macaqueando inconsideradamente a phrase — *a França é Pariz!...*

Não cançarei de bradar contra similhante absurdo. Não sómente ha tendencias diversas na litteratura das provincias ao norte e ao sul como as ha especialmente das provincias para a capital e taes differenças devem ser mantidas.

Nunca houve quem dissesse : a Allemanha é Berlim... os Estados-Unidos são Whashington... A Inglaterra é Londres... Häckel disse bem : « contra a centralização da sciencia allemã, que seria especialmente perigosa na capital do imperio, seremos garantidos pela aptidão á differenciação e ao individualismo de nosso espirito nacional. » Entre nós sempre se tendeu para a centralisação em tudo.

Eu estou muito longe de aceitar a superioridade intellectual das nossas provincias meridionaes sobre as do norte, e vice-versa ; mas dou como provada e existencia de certas differenças caracteristicas que não devem passar despercebidas aos novellistas e autores de estudos de costumes.

Ha dois livros, dois dos melhores romances escriptos no Brasil, que podem ser tomados como prova do que deixo dito : *As memorias de um sargento de milicias* de Manoel de Almeida e *Um estudo de temperamento* de Celso de Magalhães. São dois escriptores mortos na flôr dos annos ; um nunca saíu do Rio de Janeiro e o outro do norte do Brasil. Pódem servir de base para um estudo comparativo. Cotejem-se as scenas, o estylo, as descripções de um e outro. Vejam-se em ambos as dissonancias do meio e conhecer-se-ha que tenho razão. Apreciarei, entretanto, as objecções oppostas. Reduzem-se a duas : que se quer proclamar a preferencia do norte ; que não temos ainda uma litteratura e muito menos duas... A primeira cae por si mesma; porquanto não se trata de superioridades, como a má fé finge crêr. A outra argumentação é tambem inconsistente.

Ahi anda confusão entre um phenomeno historico e um phenomeno critico. O Brasil tem de certo uma litteratura ; porque tem tradições suas e tem possuido homens de talento que sobre ellas produziram obras d'arte.

Não foi inutilmente que appareceram Mattos, Durão, Basilio, Gonçalves Dias, A. de Azevedo, Martins Penna, Agrario de Menezes, Alencar, Macedo, Varella, Tobias Barretto, Manoel de Almeida e Celso de Magalhães. Estes nomes pertencem á historia ; não é possivel passar sobre elles uma esponja para satisfazer caprichos. E' uma questão diversa, que pertence á critica e não á historia, saber se essa litteratura é pobre ou opulenta, original ou não. Julgo-a pobre ; mas é sempre uma litteratura.

Não levemos a nossa fraqueza ao ponto de pôrmo-nos a repetir as extravagancias e os caprichos de alguns auctoritarios estrangeiros.

Militam a favor da these que defendo factos de ordem physica e moral.

O aspecto do solo e o clima são diversos no sul e norte do paiz.

Depois de Gervinus e Buckle todos conhecem a enorme influencia destas condições sobre a vida de um povo e a organização dos poetas e artistas.

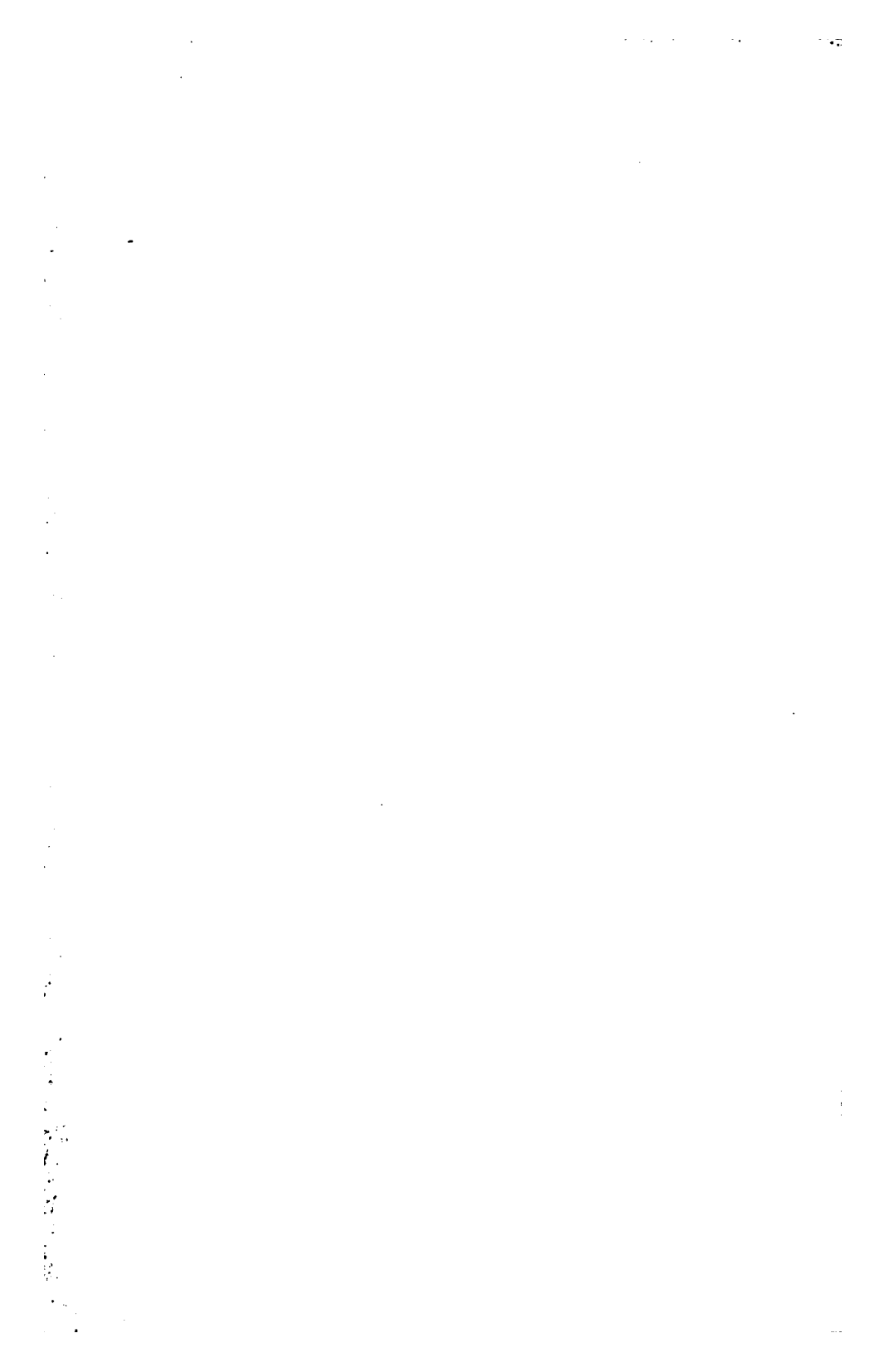
Os costumes divergem consideravelmente. A linguagem apresenta tambem dessimilhanças.

O primeiro facto, o de ordem physica, é assignalado por Martius na sua descripção botanica do Brasil ; o segundo por Baptista Caetano nos seus estudos linguisticos.

Se não é possivel confundir as populações do norte com as do sul em pequenos paizes europeus ; se é exacta a differença entre o Algarve e o Minho, a Provença e a Normandia, a Suabia e o Mecklenburgo, o Piemonte e Napoles, a Escocia e a Inglaterra, as Asturias e a Andaluzia, em pequenos Estados da Europa, porque se hão de confundir o Pará, Pernambuco ou o Ceará com S. Paulo, Rio Grande ou Paraná?! A vida historica nestas regiões, tão distantes uma das outras, não tem sido sempre a mesma. Ficava muito bem a um imperialismo ferrenho comprimir toda e qualquer franquia

provinciana que se erguesse no paiz; era a grande solidão geral para sobre ella levantar-se o espectro da côrte superficial e presumpçosa, bradando aos quatro ventos : — *o Brasil é o Rio de Janeiro...!*

A grandeza futura do Brasil virá do desenvolvimento autonomico de suas provincias, hoje Estados. Os bons impulsos originaes que nelles apparecerem devem ser secundados, applaudidos.

Não sonhemos um Brasil uniforme, monotono, pesado, indistincto, nullificado, entregue á dictadura de um centro regulador das idéas. Do concurso das diversas aptidões dos Estados é que deve sahir o nosso progresso. A grande alma nacional, apezar de muito batida de infortunios, não caiu ainda na immobilidade chineza. Continuáe, continuáe, poetas e romancistas, estudae os costumes provincianos; reproduzi nos vossos cantos e nas vossas novellas o bom sentir do povo, quer do norte, quer do sul; marcae as differenças e os laços existentes entre estas gentes irmãs, que são o braço e o coração do Brasil. Não é de vossos estudos, interessantes ao observador e ao psychologo, que nos póde vir o mal. Que seria melhor : uma patria uniforme, morta, gelada, ou vivace e multipla em suas manifestações? Dahi não vem perigo. Não se chama isto dividir a litteratura nacional em duas; é apenas affirmar a unidade na multiplicidade. Dest'arte, quando falam nas dissonancias existentes entre as populações da *langue d'oil*, e as da *langue d'oc*, em *trouvères* e *troubadours*, os criticos não dividem a antiga litteratura franceza em duas. No Brasil os Estados do norte e os do sul têm a plena consciencia do facto assignalado; e não se lhes dá disso; porque sabem ser um bem e conhecem nas suas proprias tradições, de lado a lado, recursos para as producções litterarias. Tenhamos, sim, muito cuidado com as pretenções compressoras da Capital; estejamos álerta contra o *parizismo* e contra a almejada *dictatura scientifica* de um centro regulador das idéas... E' uma nova formula do jesuitismo!

LIVRO II

PRIMEIRA ÉPOCA OU PERIODO DE FORMAÇÃO

(1500-1750)

CAPITULO I

Estado do paiz em fins do seculo XVI. Poetas e chronistas n'esse tempo.

Na historia da litteratura brasileira não se tem a apreciar o espectaculo de um povo que, emergindo da selvageria, atravessa as varias phases do pensamento, até chegar ao ponto de ser um participe da cultura dos tempos modernos. No quadro das relações dos povos occidentaes o Brasil é um conviva de hontem; elle porém entrou para a historia em plena luz. No seculo das grandes navegações e descobertas, no tempo de Erasmo, Luthero, Miguel Angelo e Camões, a um navegante europeu se deparou esta porção do continente.

Portuguez era aquelle navegante, que tomou conta da nova terra descoberta para a sua nação. Desde logo começaram colonos a passar-se para a nova provincia transatlantica. Esses colonos, a que se juntavam padres, soldados, capitães, empregados, governadores, saíam de um paiz culto, que attingira a plenitude de sua força, e entrava francamente na execução do seu destino historico.

O paiz descoberto não era ermo, deshabitado, como uma

ilha esteril perdida no seio do oceano; era povoado por muitos milhares de seres pertencentes a uma das grandes divisões da familia humana. Estas gentes eram selvagens. A ellas vieram mais tarde ligar-se alguns milhões de individuos de uma raça ainda inferior : os africanos. Nestas condições, é evidente que os homens mais fortes, porque mais cultos, tinham de abrir caminho por meio de nossas selvas e indicar as normas de viagem. Se uma nova ordem de cousas se tinha de fundar nestas regiões, ao portuguez havia de caber a preponderancia. Elle porém não era o unico, tinha concurrentes : e aqui começa o interesse dramatico de nossa historia, interesse ethnologico mais e mais crescente, e cujos ultimos resultados estamos ainda bem longe de prevêr mesmo depois de passados quatrocentos annos.

O portuguez era sem duvida o mais forte; mas, posto em contacto com tupys e africanos, debaixo de um clima, num meio diverso do seu, elle diluiu-se, por assim dizer, tomou outras feições, transformou-se, concretizando-se num producto novo, o povo brasileiro, que, se se diversifica do negro e do indio, tambem é bem diverso delle europeu. E' essa grande obra de evolução ethnica e sociologica que se vae vêr passar, de modo rapido, diante dos olhos no curso da historia de nossas letras.

Durante o primeiro seculo da descoberta e conquista do paiz não existiu entre nós uma litteratura no sentido especial que se dá a este termo.

Necessidades materiaes de primeira ordem absorveram totalmente a exigua população crioula formada naquelle tempo.

Em compensação foi corrida toda a longa costa do paiz e grande parte do interior; fundaram-se as principaes cidades que ainda hoje possuimos e lançaram-se as bases da grande divisão de nossas provincias, agora Estados.

Todo o progresso ulterior do Brasil tem consistido nos ultimos tres seculos em proseguir no plano traçado a largas linhas naquelle tempo.

Pela leitura dos chronistas da época, especialmente Gandavo, Cardim, Gabriel Soares e José de Anchieta, conhe-

cem-se as primeiras relações dos portuguezes com os indios e os negros, os costumes de uns e outros, e o estado geral das mais antigas povoações.

Os principaes centros populosos já eram então Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e S. Paulo. A educação publica estava a cargo dos jesuitas. As primeiras populações mestiças de brancos e indios e de brancos e negros começavam bem cedo a tomar uma feição diversa da dos progenitores. Entre o indio arredio e sempre prestes á vida errante, o portuguez prompto para enriquecer explorando os outros, e o negro captivo, formavam-se os crioulos sedentarios, activos, ageis e mais ou menos dados aos prazeres. Intelligentes e vivos, alguns destes, já nesse tempo, sahiam das escolas levando o amor da poesia e das bellas-letras. Fundadas as principaes cidades e povoações, estabelecidas as principaes culturas do solo, um certo lazer era praticavel; o luxo não era mais um impossivel.

Dê-se a palavra a Fernão Cardim; e que elle descreva o estado geral das populações por elle visitadas de 1583-1590.

Eis o que diz da Bahia :

« A Bahia é cidade de El-Rei, e a côrte do Brasil; nella residem os Srs. bispo, governador, ouvidor-geral, outros officiaes e justiças de Sua Magestade. Dista da equinocial treze gráus ; não está muito bem situada ; mas por ser sobre o mar é de vista aprazivel para a terra e para o mar.

« E' terra farta de mantimentos; tem trinta e seis engenhos; nelles se faz o melhor assucar de toda a casta, tem muitas madeiras; terá a cidade com seu termo passante de *tres* mil visinhos portuguezes, *oito* mil indios christãos e tres a *quatro* mil escravos de Guiné. Tem seu cabido de conegos, vigario-geral, provisor, com dez ou doze freguezias por fóra, não falando em muitas igrejas e capellas, que alguns senhores *ricos* têm em suas fazendas. Os padres têm aqui collegio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com bôa capella, livraria e alguns tres cubiculos; os mais delles têm as janellas para o mar; o edificio é todo de pedra e cal d'ostra, que é tão bôa como a de pedra de Portugal. »

Eis o que escreve de Pernambuco :

« Tem uma formosa igreja matriz de tres naves, com muitas capellas ao redor; acabada ficará uma bôa obra; tem seu vigario, com dois ou tres clerigos, afóra outros muitos que estão nas fazendas dos portuguezes, que elles sustentam á sua custa, dando-lhes mesa todo o anno, e quarenta ou cincoenta mil réis de ordenado, afóra outras aventagens. Tem passante de dois mil visinhos entre villa e termo, com muita escravaria de Guiné, que serão perto de *dois mil* escravos; os *indios* da terra são já *poucos*. A terra é toda muito chã, o serviço das fazendas é por terra em carros; a fertilidade dos canaviaes não se póde contar; tem sessenta e seis engenhos, que cada um é uma bôa povoação; lavram-se alguns annos duzentas mil arrobas de assucar, e os engenhos não podem esgotar a canna, porque em um anno se faz de vez para moer, e por esta causa a não podem vencer, pelo que moem canna de tres e quatro annos; e com virem cada anno quarenta navios ou mais a Pernambuco, não podem levar todo o assucar; é terra de muitas creações. A gente é honrada : ha homens muito grossos de quarenta, cincoenta, e oitenta mil cruzados de seu : alguns devem muito pelas grandes perdas que têm com escravaria de Guiné, que lhes morrem muitos, e pelas demasias e gastos grandes que têm em seu tratamento. Vestem-se as mulheres e filhas de toda a sorte de veludos, demascos e outras sêdas; e nisto têm grandes excessos : as mulheres são muito senhoras e não muito devotas. Tambem frequentam as missas, pregações, confissões, etc. Os homens são tão briosos que compram ginetes de duzentos e trezentos cruzados, e alguns têm tres e quatro cavallos de preço. São mui dados a festas. Casando uma moça honrada com um vianez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo cramesim, outros de verde, e outros de damasco e sêdas de varias côres, e os guiões e sellas dos cavallos eram das mesmas sêdas de que iam vestidos. Aquelle dia correram touros, jogaram cannas, pato, argolinha, e vieram dar vista ao collegio para vêr o padre visitador; e por esta festa se póde julgar o que farão nas mais, que são communs e ordinarias. São sobre tudo dados a banquetes, que de ordinario andam comendo um

dia dez ou doze senhores de engenhos juntos, e revesando-se desta maneira gastam quanto têm, e de ordinario bebem cada anno dez mil cruzados de vinhos de Portugal : e alguns annos beberam oitenta mil cruzados dados em rol. Emfim em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa. A villa está bem situada em logar eminente (Olinda) de grande vista para o mar e para a terra; tem boa casaria de pedra e cal, tijolo e telha. Os padres lêem uma lição de casos, outra de latim, e escola de lêr, e escrever, pregar, confessar, e com os indios e negros de Guiné se faz muito fruto; dos portuguezes são mui amados. »

De Ilhéos — diz :

« Os Ilhéos distam da Bahia trinta leguas; é capitania de senhorio, de Francisco Giraldes, é villa intitulada de S. Jorge, terá cincoenta vizinhos com seu vigario : tem tres engenhos de assucar, é terra abastada de mantimentos. »

De Porto Seguro :

« A capitania de Porto Seguro é do duque de Aveiro; dista da Bahia sessenta leguas; a villa está situada entre dois rios caudaes em um monte alto, mas tão chão e largo que pudera ter grande cidade; terá quarenta vizinhos com seu vigario; a gente é pobre, por estar a terra já gastada, e estão apertados dos Guaymurés. »

Fala o padre Fernão Cardim de algumas aldeias de indios catechisados que visitou, sendo sempre grandes o enthusiasmo e festas dos caboclos : « Em todas estas aldeias ha escola de lêr e escrever, aonde os padres ensinam os meninos indios; e a alguns mais habeis tambem ensinam a contar, cantar e tanger; tudo tomam bem e ha já muitos que tangem frautas, violas, cravo, e officiam missas em canto d'orgão, cousa que os pais estimam muito. Estes meninos falam portuguez, cantam a doutrina pela rua e encommendam as almas do purgatorio. »

Do Espirito Santo escreve :

« E' rica de gado e algodões; tem seis engenhos de assucar e muitas madeiras de cedros e páus de balsamo, que são arvores altissimas. A villa é de N. S. da Victoria; terá mais

de cento e cincoenta vizinhos com seu vigario. Está mal situada em uma ilha cercada de grandes montes e serras. »

Eis a chegada ao Rio de Janeiro :

« Fomos recebidos do padre Ignacio Tholosa, reitor, e mais padres e do Sr. governador, que com os principaes da terra veiu logo á praia com muita alegria, e os da fortaleza tambem a mostraram com a salva de sua artilharia. Neste collegio timevos o Natal com um presepio muito devoto, que fazia esquecer os de Portugal. O irmão Bernabé fez a lapa e ás noites nos alegrava com seu birimbau.

« Uma das oitavas á tarde se fez uma celebre festa. O Sr. governador com os mais portuguezes fizeram um lustroso alardo de arcabuzaria, e assim juntos com seus tambores, pifaros, e bandeiras foram á praia.

« O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcamos numa grande barca bem embandeirada e enramada ; nella se armou um altar e alcatifou a tolda com um pallio por cima ; acudiram algumas vinte canoas bem esquipadas, algumas dellas pintadas, outras empennadas e os remos de varias côres.

« Entre ellas vinha Martim Affonso, commendador de Christo, indio antigo *Abaété* e *Moçacara*, isto é, grande cavalleiro e valente, que ajudou muito os portuguezes na tomada deste Rio. Houve no mar grande festa de escaramuça naval, tambores, pifaros e frautas, com grande grita dos indios ; e os portuguezes da terra com sua arcabuzaria e tambem os da fortaleza dispararam algumas peças de artilharia grossa. Com esta festa andamos barlaventeando um pouco á vela e a santa reliquia (de S. Sebastião) ia no altar dentro de uma rica charola, com grande apparato de velas accezas, musica de canto d'orgão, etc.

« Desembarcando viemos em procissão até a Misericordia, que está junto da praia, com a reliquia debaixo do pallio : as varas levavam os da camara, cidadãos principaes, antigos, e conquistadores daquella terra. Estava um theatro á porta da Misericordia com uma tolda de uma vella, e a santa reliquia ao poz sobre um rico altar em quanto se representou um

devoto dialogo do martyrio do santo, com choros e varias figuras muito ricamente vestidas; e foi asseteado um moço atado a um páu. Causou este espectaculo muitas lagrimas de devoção e alegria a toda a cidade por representar muito ao vivo o martyrio do santo, nem faltou mulher que viesse á festa; por onde acabado o dialogo, por a nossa igreja ser pequena lhes preguei no mesmo theatro dos milagres e mercês, que tinham recebido deste glorioso martyr na tomada deste Rio; a qual acabada, deu o padre visitador a beijar a riliquia a todo o povo e depois continuamos com a procissão e dança até nossa igreja. Era para vêr uma dança de meninos indios, o mais velho seria de oito annos, todos núsinhos, pintados de certas côres apraziveis com seus cascaveis nos pés, e braços, pernas, cinta e cabeças, com varias invenções de diademas de pennas, collares e braceletes; parece-me que se os viram nesse reino, que andaram todo o dia atraz elles. Foi a mais aprazivel dança que destes meninos cá vi; chegados á igreja, foi a santa reliquia collocada no sacrario para consolação dos moradores que assim o pediram. Têm os padres duas aldêas de indios, uma dellas de S. Lourenço, uma legua da cidade por mar, e a outra de S. Bernabé, sete leguas tambem por mar; terão ambas tres mil indios christãos. Foi o padre visitador á de S. de Lourenço, a onde residem os padres, e dia dos Reis lhes disse missa cantada, officiada pelos indios em canto d'orgão com suas frautas.

« A cidade está situada em um monte de boa vista para o mar, e dentro da barra tem uma bahia que bem parece que a pintou o supremo pintor e architecto do mundo, Deus Nosso Senhor, e assim é cousa formosissima e a mais aprazivel que ha em todo o Brasil, nem lhe chega a vista do Mendego e Tejo; é tão capaz que terá vinte leguas em roda, cheia pelo meio de muitas ilhas frescas de grandes arvoredos, e não impedem a umas as outras, que é o que lhe dá graça; tem a barra meia legua da cidade, e no meio della uma lagea de sessenta braças de comprido, e bem larga que a devide pelo meio, e por ambas as partes tem canal bastante para nàus da India; nesta lagea manda El-Rei fazer a fortaleza, e ficará cousa inexpugnavel, nem se lhe poderá

esconder um barco; a cidade tem cento e cincoenta vizinhos com seu vigario, e muita *escravaria da terra.* » (1)

Identicas descripções faz este classico da capitania de S. Vicente, hoje Estado de S. Paulo. Não as repetirei aqui.

Eis ahi um retrato das condições então do paiz, suas principaes povoações, seus costumes. As tres raças já se achavam entrelaçadas; o *indio* ainda predominava em numero em alguns pontos; começava a escacear n'outros. O *negro* escravo principiava a avultar, o *portuguez* ia creando a nova ordem de cousas.

Passando a tratar dos mais antigos typos da nossa litteratura, não me demorarei em analisar — Gandavo, Gabriel Soares e outros, que são estrangeiros, como Lery, ou Thevet. Estes chronistas passaram pelo paiz e não se *abrasileiraram.* Como fonte de informações dou preferencia a Cardim.

O mais antigo vulto de nossa historia intellectual é o padre José de Anchieta. A critica mesquinha, que tem presidido á organisação de nossas chronicas litterarias, o tem excluido do seu quadro. Anchieta é geralmente considerado um portuguez, um estrangeiro, de certa influencia religiosa, e nada mais. Na historia civil elle apparece mais ou menos, conforme a maior ou menor dóse de carolice do escriptor.

Encáro as cousas por um prisma diverso. Anchieta foi um insular, um quasi indigena das Canarias, um apaixonado, um hysterico, que, até certo ponto, se abrasileirou.

Alma arrebatada e poetica, elle não era homem de recuar; encarava o seu ideal com enthusiasmo. Um dia entrou para a companhia de Jesus e foi o mais perfeito modelo do jesuita no bom sentido da palavra.

Um dia partio para o Brasil e fez-se um dos nossos, isto é, um amigo desta terra, um devotado aos selvagens, um agente, um factor de nossa civilisação. Não poderei escondel-o, Anchieta é a meus olhos um vulto altamente sympathico. Chegado ao Brasil aos vinte annos de idade, aqui viveu quasi meio seculo, e nunca mais lhe passou pela mente voltar para

(1) *Narrativa epistolar,* passim,

a Europa; dedicou-se fortemente, fanaticamente á catechese dos seus *brasis;* viveu para elles; para elles escreveu grammaticas, lexicons, comedias, hymnos; por amor delles soffreu. Entre seus queridos indios morreu.

No estudo desta individualidade, tão nobremente accentuada, não se tem a colher idéas novas, principios originaes por ella espalhados. Foi um missionario e nada mais; foi um jesuita, e um filho de Loyola não tem, não pode ter idéas suas; é um ente que se annulla para melhor devotar-se. *Perinde ac cadaver* vae, prega sua doutrina e tem cumprido o seu mandato. Anchieta só tem uma idéa : servir a sua ordem; só tem uma missão : fazer o que ella lhe ordena. Num homem destes, por maior que seja a força impulsiva, a acção automatica quasi offusca a independencia do pensamento. Nelle tem-se a apreciar sómente o exemplo; mas sem desejos de seguil-o. A nós outros os filhos do seculo XIX, habituados á rebeldia do pensamento, estes exemplos de homens que se sujeitam cegamente a uma ordem superior, podem servir de especimens ou amostras da candidez das almas : mas não são muito para prender-nos.

Prefere-se um Luthero que protesta a um Anchieta que obedece. E, todavia, o typo ameno e poetico do missionario não perde o valor aos olhos da critica. Homem de paixão, alma ardente e lyrica, atira-se ao serviço de seu Deus; a vontade é nelle um principio de obediencia, alguma cousa de heroico, de selvagem, que acha prazer em seguir uma regra, uma norma, como quem tira a prova de um calculo arithmetico, exacto e perfeitissimo. A paz de sua alma é perfeita, a alegria intima intensissima.

Anchieta nasceu na ilha de Teneriffe no anno de 1533; seu pae era hespanhol, sua mãe uma indigena canarina. Em 1547 partiu para Coimbra, onde fez brilhantes estudos.

Em 1550, entrou para a companhia de Jesus, e tres annos mais tarde partiu para o Brasil, onde aportou aos 13 de julho de 1553 na Bahia. Mais tarde, seguindo para o sul, soffreu um pavoroso naufragio nos Abrolhos; a custo elle e companheiros tomaram a praia de Caravellas.

Pouco depois foi enviado por Nobrega para a capitania de

São Vicente, onde fundou o celebre cellegio de Piratininga. O genero duro de vida que ali passou com seus companheiros poz em prova o seu genio religioso. Desenvolveu a maxima actividade então na catechese dos indios. Mais tarde, despeitados os tamoyos com os portuguezes, foi Piratininga atacada, e Anchieta praticou prodigios de valor. Resolvendo, depois, reduzir aquelles indios a amigos, foi ter com elles ás suas tabas, onde ficou tres mezes de refem, emquanto Nobrega contratava a paz com os portuguezes. Ali concebeu o seu poema latino consagrado á Virgem.

Assistiu á fundação da cidade do Rio de Janeiro. Em 1569 foi nomeado reitor do collegio de São Vicente; em 78 foi á Bahia na qualidade de provincial de companhia de Jesus no Brasil. Em 85 renunciou o cargo, passando-se para o Rio de Janeiro e mais tarde para o Espirito Santo, onde fundou varias aldeias de indios. Retirado de uma vez á aldeia de *Reritigbà* (Benevente), cançado e doente, escreveu as biographias dos seus companheiros de lides sob o titulo de *Brasilica Societatis Historia et vita clarorum Patrum qui in Brasilia vixerunt*. Falleceu aos 9 de junho de 1597 (1).

Taes são os traços geraes da vida do celebre *Apostolo do Novo Mundo*.

Apreciado pelo lado litterario, Anchieta não foi propriamente um escriptor; em seu temperamento nervoso, posto que bondoso e meigo, predominava a vontade; era um homem de acção.

Inspirados e escriptos os seus trabalhos pela necessidade da predica e da conversão dos gentios, ainda hoje, comtudo, são interessantes ao linguista, ao historiador e ao litterato. Ao primeiro, porque entre elles nos veiu uma grammatica tupy e algumas poesias e autos escriptos nessa lingua, que podem servir de base para o estudo do americanismo; ao historiador, porque as *Annuas* e *Cartas* são um rico manan-

(1) Vid. *Annaes da Biblioheca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. 1º pag. 45 e seguintes. Esboço biographico devido á penna do Dr. Teixeira de Mello.

E' uma incuria injustificavel de quem disso se devera occupar, não termos uma edição completa e perfeita dos escriptos do padre Anchieta.

cial de informações sobre o primeiro seculo da colonisação do Brasil; ao litterato, porquanto contém versos portuguezes e bellos especimens de poesia latina. Anchieta escreveu nas quatro linguas: portugueza, hespanhola, tupy e latina (1).

Qualquer que seja o juizo que a critica venha a formar, um dia, sobre os trabalhos grammaticaes e lexicographicos de José de Anchieta, qualquer que possa vir a ser esse juizo sobre as suas producções poeticas e dramaticas, quer me parecer que o melhor patrimonio que elle nos legou, como escriptor, são as suas despretenciosas cartas.

Conheço as principaes por ultimo publicadas. O estylo é singelo e sobrio, não tem artificios; o padre fala com a simplicidade de um coração honesto.

Leia-se a descripção das ocupações e trabalhos da Companhia por elle feita:

« Para se entenderem as occupações e trabalhos dos da Companhia no Brasil, apontar-se-ão brevemente as povoações de Portuguezes e Indios que nelle ha, a todas as quaes os nossos acodem.

Na capitania de Pernambuco, além da villa principal chamada Olinda, ha outra que se chama Igaraçú, que dista della cinco leguas, onde está uma egreja de S. Cosme e Damião de grande devoção e se fazem nella muitos milagres pelos merecimentos destes Santos Martyres. Dahi a duas leguas está a ilha de Itamaraca com sua villa e egreja.

Item na dita capitania de Pernambuco ha muitas fazendas e alguns 60 ou mais engenhos de assucar a tres, quatro, cinco e oito leguas por terra, cada um dos quaes é uma boa povoação com muita gente branca, Negros de Guiné e Indios da terra. A todos estes acodem os da Companhia com pregações, doutrinas e confissões, passando as grandes calmas daquella terra.

(1) Seus escriptos publicados são: o *Poema á Virgem* na obra do padre Simão de Vasconcellos, a *Arte da Grammatica da lingoa mais usada na costa do Brasil*, algumas *Annuas* na *Revista do Instituto Historico*, algumas *cartas* nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, algumas poesias e autos no. *Curso de Litteratura Brasileira*, e no *Parnaso Brasileiro*—do Dr. Mello Moraes Filho. Ultimamente na *Revista do Instituto Historico de S. Paulo*, na do da Bahia e na do Rio de Janeiro têm apparecido varios escriptos de Anchieta. Mas a mais notavel d'essas contribuições é a dos *Materiaes e Achêgas para a Historia e Geographia Brasil*—I. por Capistrano de Abreu.

Na Bahia, além da cidade, ha nove freguezias e alguns 40 engenhos a 4, 8 e 12 leguas por mar e por terra, cheias de Portuguezes, Indios da terra e Negros de Guiné, a que os Padres acodem com seus ministerios, porque, ainda que têm curas, não sabem a lingua da terra nem se matam muito por acudir aos de Guiné, nem são para poder pregar aos Portuguezes. E isto além das aldeias dos Indios, de que têm particular cuidado os nossos em que sempre residem. Quatorze leguas da cidade para o norte se fez uma ermida da Conceição de Nossa Senhora, na fazenda de um homem dos antigos e principaes da terra mui perfeita e de muita devoção. Está em um alto sobre o mar, onde se vê dos navegantes, e através pelo sertão tem a aldeia dos Indios, chamada Santo Antonio.

Na capitania dos Ilheos ha alguns engenhos e fazendas a duas e mais leguas por mar e por terra, com Indios da terra e Portuguezes, aos quaes continuamente acodem os nossos.

Na de Porto Seguro, ha duas villas de Portuguezes quatro leguas uma da outra, e duas aldeias de Indios da doutrina a cinco leguas, de que os nossos têm particular cuidado, e outras sete ou oito aldeiasinhas a quatro, cinco e seis leguas por terra e dous ou tres engenhos de assucar junto dellas, ás quaes acodem de quando em quando, e de Porto Seguro ao rio das Caravellas ha 20 leguas por mar, onde está outra povoação de Portuguezes que tambem os Padres visitam.

Na capitania do Espirito Santo ha duas villas de Portuguezes perto uma da outra meia legua por mar. Em uma dellas, que està na barra e chamam Villa Velha por ser a primeira que alli se fez, está n'um monte mui alto e em um penedo grande uma ermida de abobada que se chama Nossa Senhora da Penna, que se vê longe do mar e é grande refrigerio e devoção dos navegantes e quasi todos vèm a ella em romaria, cumprindo as promessas que fazem nas tormentas, sentindo particular ajuda na Virgem Nossa Senhora, e diz-se nella missa muitas vezes. Esta ermida edificou-a um Castelhano com ordens sacras chamado fr. Pedro, frade dos Capuchos, que cá veiu com licença de seu Superior, homem de vida exemplar, o qual veiu ao Brasil com zelo da salvação das almas e com elle andava pelas aldêas da Bahia em companhia dos Padres. Desejando de baptisar alguns desamparados e como não sabia lettras nem a lingua, porque este seu zelo não fosse, *non sine scientia*, baptisando alguns adultos sem o apparelho necessario, admoestado dos Padres, lhês pediu em escripto algum apparelho na lingua da terra para poder

baptisar alguns que achasse sem remedio e os Padres não pudessem acudir e assim remediava muitos innocentes e alguns adultos. Com este mesmo zelo se foi á capitania do Esprito Santo onde fez o mesmo algum tempo, confessando-se com os Padres e commungando a miudo, até que começou e acabou esta ermida de Nossa Senhora com ajuda dos devotos moradores, e ao pé della fez uma casinha pequenina á honra de S. Francisco, na qual morreu com mostras de muita santidade.

Ha mais nesta capitania quatro ou cinco engenhos a tres e quatro leguas, por mar e por terra, com Indios. Ha ao longo da costa, 8 leguas para o Sul e outras 8 para o Norte, quatro ou cinco aldeias de Indios que os nossos visitam por mar e ás vezes por terra, onde ha conversão e se baptizam e casam ordinariamente. Além destas tem duas aldeias muito populosas de Indios, algumas tres leguas da villa por agua com suas egrejas, as quaes ha muitos annos que sustentam e têm nellas residencia, e onde se tem ganhado e ganham muitas almas e sempre do certão vêm Indios á fama dellas a morar com seus parentes e fazer-se christãos.

No Rio de Janeiro está a cidade e muitas fazendas pela bahia dentro que deve de ser de algumas 20 leguas em roda. Além della têm os Padres duas aldeias de Indios, uma defronte da cidade em que têm residencia desde o principio da povoação do Rio, e outra dahi cinco leguas por terra e por mar que se visita a miudo.

Na capitania de S. Vicente, dentro da ilha que é a que primeiro se povoou, ha duas villas de Portuguezes, duas leguas uma da outra, por terra, e ha tres ou quatro engenhos de assucar e muitas fazendas pelo reconcavo daquella bahia e tres ou quatro leguas por mar. Item, em frente tem a ilha de Guaibe, no cabo da qual, para o Norte, tem uma barra com as fortalezas da Bertioga quatro e seis leguas das villas, e da parte do Sul, que é a outra barra, tem o forte que agora se fez por Diogo Florez, general, com gente de guarnição, e dentro da mesma ilha estão moradores com a egreja de S. Amaro.

Ao longo da praia, na terra firme, nove ou dez leguas da villa de S. Vicente para o Sul, tem uma villa chamada Itanhaen de Portuguezes e junto della, da outra banda do rio como uma legua, tem duas aldeias pequenas de Indios christãos. Nesta villa tem uma egreja de pedra e cal, na qual, quando se reedificou, o Administrador deitou a primeira pedra com toda a solemnidade : é da Conceição de Nossa Senhora, onde de toda a capitania vão em romaria e a ter novenas, e fazem-se nella milagres.

Para o certão, caminho do Noroeste, além de umas altissimas serras que estão sobre o mar, tem a villa de Piratininga ou de S. Paulo, 14 ou 15 leguas da villa de S. Vicente, tres por mar e as mais por terra, por uns dos mais trabalhosos caminhos que creio ha em muita parte do mundo. Este campo é mui fertil de mantimentos, criações de vaccas, porcos, cavallos, aves, etc. Dá-se nella muito vinho, marmellos e outras fructas da Hespanha e trigo e cevada, posto que os homens não curam de o semear pela facilidade e bondade do mantimento da terra que chamam mandioca.

Esta villa antigamente era da invocação de S. André e estava tres leguas mais para o mar, na borda e entrada do campo, e no anno de 60 por mandado do governador Men de Sá se mudou a Piratininga, porque não tinham cura e sómente dos Padres da Companhia era visitada e sacramentada, assim os Portuguezes como os Indios seus escravos, como nem ainda agora têm outro cura sinão os da Companhia, que lhe ministram todos os sacramentos por caridade; onde temos casa e egreja da conversão de S. Paulo, porque em tal dia se disse a primeira vez missa naquella terra numa pobre casinha, e em Piratininga, como acima se disse, se começou de proposito a conversão do Brasil, sendo esta a primeira egreja que se vez entre o gentio.

Junto desta villa, ao principio havia 12 aldeias, não muito grandes, de Indios, a uma, duas e tres leguas por agua e por terra, as quaes eram continuamente visitadas pelos Padres e se ganharam muitas almas pelo baptismo e outros sacramentos. Agora estão quasi juntas todos em duas: uma está uma legua da villa, outra duas, cada uma das quaes tem egreja e é visitada dos nossos como acima se disse. As fazendas dos Portuguezes tambem estão da mesma maneira espalhadas a duas e tres leguas e acodem os domingos e dias santos á missa.

Em todas as capitanias ha Casas de Misericordia, que servem de hospitaes, edificadas e sustentadas pelos moradores da terra com muita devoção, em que se dão muitas esmolas, assim em vida como em morte, e se casam muitas orphãs, curam os enfermos de toda a sorte e fazem outras obras pias, conforme a seu instituto e a possibilidade de cada uma e anda o regimento dellas nos principaes da terra. Ha tambem muitas confrarias em que se esmeram muito e trabalham de as levar adiante com muito cuidado e devoção.

A todas estas capitanias desta maneira divididas acodem sempre os nossos com seus ministerios e quanto aos Portuguezes elles

levam *pondus diei et œstus* nas prégações, confissões, doutrinas, etc., porque tirando a Bahia e Pernambuco (posto que tambem nestas a maior parte das confissões e prégações é dos Padres) em todas as mais quasi nunca ha prégação sinão da Companhia e quasi toda a gente se confessa com ella e são notados os que com a Companhia se não confessam, de maneira que não têm os curas mais que fazer que dizer suas missas, baptisar crianças e dar o sacramento da Eucharistia e Extrema Uncção, e enterrar e ainda nisto muitas vezes são relevados pelos nossos por elles não poderem acudir.

Quanto aos escravos dos Portuguezes, Indios da terra, desde que o Brasil é povoado nunca se disse missa nem por cura nem por mandado de Bispo algum por respeito delles,, antes em partes onde não ha casas da Companhia nunca a ouvem, nunca por cura foram confessados porque lhe não sabem a lingua, sinão algum agora nestes tempos que ha já algum mestiço sacerdote.

Nos baptisados que se faziam, como não levavam nenhum apparelho nem conhecimento das cousas da Fé, nem arrependimento de peccados, não sómente não recebiam graça, mas muitas vezes nem caracter pela grande ignorancia delles que não sabiam o que recebiam e dos que lh'o davam sem lh'o dar a entender, e desta maneira viviam e vivem ainda agora muitos em perpetuas trevas sem terem mais que nomes de christãos, de maneira que assim se haviam com elles e ainda agora se hão, como que não fossem suas ovelhas; nem os Bispos fazem muito caso disso, pois com os Indios livres visto está que se não faz diligencia nenhuma no que toca a sua salvação, quasi como de gente que não tem alma racional nem foi creada e redimida para a Gloria.

Toda esta carga tomou a Companhia a seus hombros, porque, desde que entrou no Brasil, logo ordenou que se dissesse cada domingo missa particular para os escravos e isto continuou até agora em toda a costa, doutrinando-os cada dia, instruindo-os para o Baptismo, casando-os e confessando-os, nem se sabe em toda a terra chamar outrem para lhes acudir sinão os nossos.

Os perigos e trabalhos que nisto se passam, pela diversidade dos logares a que acodem, se pódem conjecturar: perigos de cobras, de que ha grandissima cópia nesta terra, de diversas especies, que ordinariamente matam com sua peçonha, de que frequentissimamente quasi por milagre são livrados e alguns mordidos sem perigar; perigos de onças ou tigres, que tambem são muitos pelos desertos e matos por onde é necessario caminhar;

perigos de inimigos de que algumas vezes por providencia divina têm escapado; tormentas por mar e naufragios, passagens de rios caudalosos, tudo isto é ordinario; calmas muitas vezes excessivas que parece chegar um homem a ponto de morte, de que vêm a passar gravissimas enfermidades; frio principalmente na capitania de S. Vicente, no campo, onde já por vezes se acharam Indios mortos de frio e assim acontecia muitas vezes, ao menos aos principios, a maior parte da noite não poder dormir de frio nos mattos por falta de roupa e de fogo, porque nem calça nem sapato havia, e assim andavam as pernas queimadas das geadas e chuvas muitas e mui grossas e continuas, e com isto grandes enchentes de rios e muitas vezes se passam aguas muito frias por longo espaço pela cinta e ás vezes pelos peitos; e todo o dia com chuva muito grossa e fria gastando depois grande parte da noite em enxugar a roupa ao fogo, sem haver outra que mudar. E comtudo, nada disto se estima e muitas vezes por acudir a baptisar ou confessar um escravo de um Portuguez se andam seis e sete leguas a pé, e ás vezes sem comer; fomes, sedes *et alia hujusmodi;* e finalmente, a nadadisto se negam os nossos, mas sem differença de tempos, noites nem dias, lhes acodem e muitas vezes sem ser chamados os andam a buscar pelas fazendas de seus senhores, onde estão desemparados. E quando ha doenças geraes, como houve cá muitas vezes de bexigas, priorizes, tabardilho, camaras de sangue, etc., não ha descansar, e nisto se gasta cá a vida dos nossos, com que se tem ganhado em todo o Brasil muitas almas ao Senhor.

Acompanharam algumas vezes nas guerras justas os governadores e capitães onde remedeam as almas dos Portuguezes e dos escravos Indios, baptisando e confessando, e além disso por seu meio se têm alcançadas victorias mui notaveis estando os Portuguezes em evidentes perigos de ser destruidos, como se viu na guerra que fez Antonio Salema ao Cabo Frio, onde na primeira aldeia que era fortissima e da melhor gente que havia em toda a terra que estava alli junta, estavam já em grande tribulação e o Indio principal della, ouvindo e conhecendo as palavras de um nosso Padre, se entregou a si e a toda a aldeia e dalli se sujeitou todo o Cabo Frio sem trabalho.

O mesmo foi na capitania do Espirito Santo: estando quasi todos os moradores sobre uma forte aldeia dahi 30 leguas, já desconfiados e em perigo de se perder, pelas palavras de outro nosso Padre se entregou aquella aldeia e outras. E assim aconteceu n'outras em S. Vicente, pois no Rio de Janeiro, temen-

do-se os Portuguezes que estava o sertão alevantado, acorreram-se aos Padres e assim pelo bem commum foi lá mandado um Padre lingua muito doente que havia muitos annos que lançava sangue pela boca e entrou muitas leguas pelo sertão, passando aquellas serras que são as maiores que ha no Brasil e esteve lá seis mezes e pacificou o sertão e trouxe comsigo algumas 600 almas de Indios, passando grandissimos trabalhos e perigos, dos quaes Indios se fez uma das aldeias do Rio e são já quasi todos christãos.

O que os nossos têm feito e fazem na conversão dos Indios livres ver-se-ha por outra informação, que com esta vai, que trata isso particularmente, dos quaes Indios têm feito muitos capazes do Santissimo Sacramento, que recebem com muita devoção, — capazes, digo, quanto ao conhecimento deste altissimo mysterio, que, quanto á vida, não tenho duvida que excede á maior parte dos Portuguezes do Brasil, porque muito menos peccados commettem que elles, e os peiores nesta parte são os que com elles têm mais trato e isto se lhe pega de sua conversação e exemplo. Naquella mesma informação se verão os inconvenientes que houve e ha para sua conversão e poucas ajudas e as causas da sua diminuição: della mesmo se póde colligir o numero de christãos que são feitos e mortos, posto que, além dos proprios das aldeias, se tem feito outra grande multidão delles em missões e continuas visitas, como acima se tem tocado, e bem creio que chegarão a cem mil. » (1)

Durante quasi meio seculo o illustre *Apostolo do Novo-Mundo* foi o grande instructor das populações brasileiras nos primeiros tempos da conquista. Só por este facto, tinha direito de figurar na historia litteraria do paiz, ainda que não houvesse escripto uma só palavra.

Se se considerar, porém, que os primeiros autos e mysterios representados nesta parte da America são devidos á sua penna; que elle escreveu poesias e outros trabalhos, ainda mais firme se o tem de collocar em seu logar. E o moço padre era o mais proprio para levar ao cabo a tarefa que lhe coube na historia. Filho de uma descendente dessas raças cruzadas das Canarias, aquelle insular, não tendo o orgulho

(1) *Informações e Fragmentos Historicos do Padre Joseph de Anchieta*, in *Materiaes e Achêgas para a Historia e Geographia do Brasil*, Nº I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1886; pag. 16 e seg^tes^.

nativo do portuguez ou do hespanhol de sangue puro, era naturalmente levado a sympathisar com as gentes selvagens, com os pobres fetichistas negros e indios, em quem a vaidade européa não podia habituar-se a vêr entes humanos.

Bafejado, além disso, desde a mais tenra infancia, pelo sopro popular da poesia anonyma, que nas ilhas Canarias e nos Açôres, em seu tempo, medrava fortemente; imbuido dessa melancolia, desse mysticismo poetico, tão proprio ao meio insulano, bem se comprehende a razão por que de todos os missionarios jesuitas, foi elle dos poucos que escreveram poesias e comprehenderam as canções dos tupys. O culteranismo de sua educação não pôde estiolar completamente suas qualidades nativas. Não é nos versos latinos que deve ser estudado; é antes em suas cartas, e em suas poesias portuguezas, ou ainda nas tupys. Nestas deve sentir-se vivo o bafejo popular.

Tem-se ahi diante um typo que deve ser estudado imparcialmente, detidamente pela face litteraria. (1)

Não sendo o fito deste livro a pretenção de ser uma historia exhaustiva da litteratura brasileira, tendo só por alvo

(1) Como se vê, a ideia capital deste capitulo é a designação de um logar para José de Anchieta em nossa historia litteraria. Depois de terem sahido estas paginas na *Revista Brasileira* de 15 de novembro de 1881, o Dr. Mello Moraes Filho publicou em 1882 na 2.ª edição de sua anthologia—*Curso de Litteratura Brasileira*—algumas poesias de Anchieta, e outras mais tarde em 1885 — na chrestomathia — *Parnaso Brasileiro.*

Aventou tambem a ideia, a meu vêr bastante exagerada, de dever ser considerado o jesuita canarim o genuino crêador da poesia e da litteratura nacionaes. Considero Anchieta um ponto de partida, um simples precursor, e não aceito a ideia do Dr. Mello Moraes Filho pelas razões seguintes:

1.ª—A litteratura não é uma obra individual; não tem um crêador, tem apenas typos representativos e nada mais;

2.ª—No caso vertente, e esta razão é capital, haveria o absurdo da creação da litteratura—antes da existencia do povo;

3.ª—O padre não teve intuitos litterarios, porem sómente designios de religião e de catechese;

4.ª—Para verdadeiro crêador, no sentido nacionalista, faltava-lhe o mysterioso impulso do nascimento, unico que sabe dar completamente a nota patria;

5.ª—Escreveu principalmente em tres linguas que não são a nossa;

6.ª—Não foi só elle o jesuita de seu tempo que escreveu autos e poesias; outros o fizeram e, entre elles, o padre Navarro, denominado—o *Orphêo Brasilico;*

7.ª—Os versos do canarim passaram despercebidos durante os ultimos

formular uma theoria geral de nossa intuição litteraria, bem se comprehenderá que nelle não se agitem uns quantos problemas impertinentes, taes como : qual o primeiro, ou os primeiros brasileiros que escreveram uma obra qualquer, e outros similhantes. Obrigado a tratar somente dos espiritos autonomicos e instigadores do pensamento nacional, nada tenho a falar sobre alguns enfastiados que, se diz, escreveram aqui no primeiro seculo alguns versos latinos, ou cousas de laia similhante, que se perderam. São quasi todos typos mortos, estereis, inuteis. Suffocados pelo culteranismo jesuitico, desprendidos da consciencia nacional, para cuja determinação nada contribuiram, passaram a vida a versejar semsaborias e não têm o direito de figurar na historia.

A mór parte dos autores que escreveram da litteratura brasileira do seculo XVI desfaz-se em hymnos festivos aos grandes serviços dos jesuitas nessa esphera. Uma observação mais despreoccupada dos factos attenúa bastante aquelle enthusiasmo. Em primeiro logar, dos padres da companhia, naquelle tempo vindos para o Brasil, poucos foram verdadeiramente notaveis por suas qualidades individuaes. Demais, a influencia jesuitica, se teve valor para o facto geral da conversão de algumas centenas de indios, e para o estabelecimento dos europeus, não foi de todo feliz na formação intellectual e esthetica da nova nacionalidade. O seu *humanismo pesado* e abstracto, suas formulas casuisticas e vãs, a pobreza da sua intuição artistica, bem cedo começaram a influir no espirito das populações crioulas. Por isso, pela exiguidade do tempo e pelas preoccupações materiaes, que

tres seculos; não foram publicados, não influiram sobre o espirito nacional; são hoje apenas uma descoberta tardia da erudição;

8.ª—E', certamente, um equivoco querer tirar do cosmopolitismo abstracto, da intuição generalisante e universalista de um jesuita a ideia particularista do nacionalismo litterario;

9.ª—Os versos publicados agora e os existentes na Bibliotheca do *Instituto Historico*, enviados de Roma por Franklin de Massena, são sob o ponto de vista litterario, de valor muito problematico para sobre elles levantar-se a theoria que combato.

Por taes motivos é justo conservar-se o padre em seu logar, sem ser necessario exagerar-lhe as proporções.

E' o que faço n'este livro.

absorviam toda a vitalidade dos brasileiros de então, é que não tivemos naquelle seculo uma só producção litteraria, que mereça ser lembrada, além das de Anchieta. Só depois de esvaecido o sonho jesuitico da formação entre nós de uma nação theocratica, e, principalmente, só depois de um maior desenvolvimento economico, é que as letras tomaram mais forte incremento.

A opinião de alguns, quanto ao despertar da consciencia nacional, influindo na litteratura, depois da expulsão dos hollandezes, é puramente arbitraria. Salta aos olhos de todos que a conquista de Pernambuco pelos hollandezes, e a consequente expulsão destes, constituem um facto notavel, é certo, porem restricto a uma pequena porção do paiz, e que só poderia influenciar uma diminuta parte da população, e não ao paiz em geral. Além disso, o movimento litterario do seculo XVII é todo da Bahia. Pernambuco com quasi nada contribuiu.

A expulsão dos hollandezes foi sem duvida um facto consideravel sob o ponto de vista politico e da fortuna ulterior do Brasil. Inspirada, porém, por motivos economicos, religiosos e ethnicos, foi antes um resultado do movimento autonomico do paiz do que uma causa dessa evolução.

A restauração de Pernambuco serve apenas para provar que as populações brasileiras já tinham uma certa consciencia de seu valor, e que ellas poderiam por si libertar-se de um jugo estrangeiro, sem o auxilio da metropole.

Vamos adiante.

Na segunda metade do seculo XVI existiu em Pernambuco um homem, que é, depois de José de Anchieta, o mais antigo poeta brasileiro. Falo de BENTO TEIXEIRA PINTO. A este autor attribuira-se por muito tempo a — *Relação do Naufragio de Jorge de Albuquerque* — e o — *Dialogo das grandezas do Brasil;* mas sem fundamento nenhum historico A *Prosopopéa*, publicada em 2.ª edição em 1601 em Lisboa, é que incontestavelmente lhe pertence. E' um reduzido poemeto laudatorio, dirigido ao referido Jorge de Albuquerque Coelho, governador de Pernambuco. Como especimens — aqui

transcrevo os dois pedaços que me parecem melhores. E' este o principio da *Narração* :

« A lampada do sol tinha encoberto
Ao mundo sua luz serena e pura,
E a irmã dos tres nomes descoberto
A sua terga e circular figura ;
Lá do portal de Dite, sempre aberto,
Tinha chegado com a noite escura
Morpheu, que, com subtis e lentos passos,
Atar vem dos mortaes os membros lassos.

« Tudo estava quieto e socegado,
Só com as flores Zephiro brincava,
E da vária fineza namorado,
De quando em quando o respirar firmava,
Até que sua dor, d'amor tocado,
Por entre folha e folha declarava ;
As doces aves nos pendentes ninhos
Cobriam com as azas seus filhinhos.

« As luzentes estrellas scintillavam,
E no estanhado mar resplandeciam,
Que, dado que no céu fixas estavam,
Estar no licor falso pareciam ;
Este passo os sentidos preparavam
A'quelles que de amor puro viviam,
Que estando de seu centro e fim ausentes,
Com alma e com vontade estão presentes.

« Quando ao longo da praia, cuja areia
E' de marinhas aves estampada,
E de encrespadas conchas mil se arreia,
Assim de cor azul, como rozada ;
Do mar cortando a prateiada veia,
Vinha Tritão em colla duplicada...
Não lhe vi na cabeça casca posta
(Como Camões descreve) de lagosta... etc. »

Veja-se tambem a descripção do porto do *Recife* :

« Para a parte do sul, onde a pequena
Ursa se vê de guardas rodeada,
Onde o céu luminoso mais serena
Tem sua influição e temperada ;

Junto da nova Luzitania ordena
A natureza mãi bem attentada,
Um porto tão quieto e tão seguro,
Que para as curvas náos serve de muro.

« E' este porto tal, por estar posta
Uma cinta de pedra inculta e viva,
Ao longo da soberta e larga costa,
Onde quebra Neptuno a furia esquiva.
Entre a praia e a pedra descomposta
O estanhado elemento se deriva
Com tanta mansidão, que uma fateixa
Basta ter á fatal Argos anneixa.

« Em o meio desta obra alpestre e dura
Uma boca rompeu o mar inchado,
Que na lingua dos barbaros escura
Paranambuco — de todos é chamado:
De — *Paraná*, — que é mar, — *puca*, rotura;
Feita com furia desse mar salgado,
Que, sem no derivar commetter mingua,
Cova do mar se chama em nossa lingua.

« Para a entrada da barra, á parte esquerda,
Está uma lagem grande e espaçosa,
Que de piratas fôra total perda,
Se uma torre tivera sumptuosa.
Mas quem por seus serviços bons não herda,
Desgosta de fazer cousa lustrosa;
Que a condição do rei, que não é franco,
O vassalo — faz ser nas obras manco... » (1)

O primeiro fragmento não deixa de ter uns longes de lyrismo, e o final do segundo encerra uma certa dóse de humor satyrico, — uma censura aos reis descuidados e inuteis, cousas que se folga de encontrar no mais antigo poeta nascido no Brasil.

Estudado o seculo XVI nos chronistas do tempo, descobre-se desde logo a dupla tendencia de nossa litteratura, a saber: a descripção da natureza e a do selvagem. Anchieta, entre

(1) Edição de 1873 do Rio de Janeiro. Crê-se que a 1ª edição foi de 1593.

outros, em suas *cartas* é abundante em exemplos do genero. O proprio Teixeira Pinto procura em seu rapido poemeto ensejo para intercalar a descripção do Recife e indicar palavras selvagens. No seculo XVII a tendencia cresce e no XVIII torna-se de todo predominante.

A creação attribuida ao seculo XIX não foi, pois, uma obra original, não passando de uma prolação historica. O nosso *nativismo* tem quatrocentos annos de existencia. Em grande parte puramente exterior, maximé nos primeiros tempos, o nacionalismo tem sido util como agente de differenciação, como força que tende a penetrar mais e mais no espirito publico. A principio encerrado no *caboclismo*, tem vindo a desenvolver-se, preparando uma vasta e complexa intuição de nosso caracter popular, que tem, como já longamente mostrei, outros elementos além do selvagem.

A civilisação immigrada não encontrou outra mais forte para a aniquilar ou desviar do seu curso; mas os subsidios tupys e negros se lhe aggregaram, modificando-a bastante.

A civilisação brasileira não é um producto indigena, original, espontaneo deste sólo, é certo; mas é a civilisação européa modificada, transfigurada na America. Wolf illudiu-se quando lastimou que os nossos indios não possuissem uma civilisação capaz de resistir á assimilação européa, ou capaz de lhe communicar novos elementos. A lucta teria sido tenaz e prolongada; a fusão difficil ou impossivel no primeiro caso, e no segundo seria ainda mais baralhado e confuso o resultado.

CAPITULO II

Escola bahiana. Chronistas, oradores e poetas do seculo XVII.

O seculo XVII é no Brasil o momento critico, é a phase do perigo, como o seculo antecedente fôra o momento da iniciação e da esperança. Nações estrangeiras e poderosas

investem contra a nova colonia ; é travada a lucta contra hollandezes em Pernambuco e francezes no Maranhão, e se a expulsão destes é facil, a daquelles é altamente embaraçosa. Vencidos uns e outros, a colonisação progride para o norte, invadindo o valle do Amazonas. No interior os paulistas alargam tambem a esphera de seus descobrimentos ; o paiz, ao fechar do seculo, está plenamente constituido.

Na lucta contra os estrangeiros acrysola-se o sentimento nacional. Em todos estes factos as tres raças apparecem quasi no mesmo pé de igualdade. O entrelaçamento é perfeito, o *brasileiro* é já uma realidade. E' o tempo de Vidal de Negreiros, de Calabar, de Amador Bueno, dos Palmares e de Gregorio de Mattos.........

A riqueza desenvolve-se grandemente por quasi todo o norte ; a Bahia é ainda o centro, onde vão ter os raios do immenso perimetro.

O movimento da intelligencia é mais animado do que na época anterior ; a acção das letras é já um pouco variada. Não se apreciam somente uns dois typos isolados : — Anchieta e Bento Teixeira. Novos athletas apparecem e a orbita se alarga : vêem-se poetas, oradores et chronistas.

O interesse dramatico desse tempo está, porém, na luta de duas forças antagonicas, que sem se combaterem directamente uma a outra, trabalhando em espheras oppostas, podem ser consideradas como diametralmente inimigas, ainda que se julgassem alliadas e amigas.

Quero falar do padre Antonio Vieira e do poeta Gregorio de Mattos. Aquelle é um portuguez que viveu no Brasil, o outro um brasileiro que residiu em Portugal ; um symbolisa o genio portuguez com toda a sua arrogancia na acção e vacuidade nas idéas, com todos os seus pezadelos juristicos e theologicos ; o outro é a mais perfeita encarnação do espirito brasileiro, com sua facecia facil e prompta, seu desprendimento de formulas, seu desapego aos grandes, seu riso ironico, sua superficialidade maleavel, seu genio não capaz de produzir novas doutrinas, mas apto para desconfiar das pretenções do pedantismo europeu. Vieira é o jesuita, o producto de uma sociedade e de uma religião gastas. Gre-

gorio é o discipulo de padres que começa por debical-os, escarnecer d'elles e duvidar de sua santidade e sabedoria. Vieira é uma especie de tribuno de roupeta que se illude e illude os outros com as proprias phrases. Mattos é um pandego, um precursor dos *bohemios*, amante de *mulatas*, desbragado, inconveniente, que tem a coragem de atacar bispos e governadores.........

Mas não se antecipem os factos ; veja-se o rebutalho do seculo : os chronistas e prégadores. Logo ao limiar do tempo os seus chronistas brasileiros chamam a attenção. Os principaes vêm a ser : *Vicente do Salvador*, *Manoel de Moraes*, *Diogo Gomes Carneiro* e *Frei Christovão da Madre de Deus Luz*.

Estes homens não exerceram influencia séria em seu tempo. Seus escriptos, excepto os do ultimo, não foram publicados em tempo ; os do primeiro só recentemente apparecerám.

VICENTE DO SALVADOR merece menção, por ter sido o mais antigo autor de uma historia desta parte da America, sob o titulo de *Historia da Custodia do Brasil*.

Suppunha-se perdida esta obra que ultimamente foi, por um livreiro, doada em manuscripto á Bibliotheca Nacional em cujos Annaes veio, ha pouco, publicada.

« A *Historia* de Fr. Vicente do Salvador, escreve Capistrano de Abreu, precede de um seculo a de Rocha Pitta, e é a primeira escripta por brasileiro. Póde-se até dizer que é a primeira historia do Brasil que se escreveu, pois que, embora se intitule *Historia* o livro de Gandavo, de historico elle quasi nada tem além do titulo. A obra de Fr. Vicente do Salvador abarca um periodo de cento e vinte e sete annos (1500-1627) e divide-se em cinco livros.

« O primeiro e o segundo adiantam muito pouco a Gandavo e Gabriel Soares, em quem elle parece ter-se inspirado. Depois dos descobrimentos feitos no seculo XIX, o seu interesse é nenhum. Entretanto, traz um elemento novo na questão do Caramurú, e serve para provar que, antes de Simão de Vasconcellos, a lenda não estava formada nem mesmo na Bahia, d'onde Fr. Vicente era natural e onde escreveu.

Os trez ultimos livros, em compensação, póde-se dizer que são inteiramente novos. A conquista da Parahyba é descripta quasi tão minuciosamente como no *Summario das Armadas*, impresso na *Revista* do Instituto ; a do Rio-Grande do Norte, as duas expedições de Pero Coelho ao Ceará, o governo de Diogo Botelho e D. Diogo de Menezes ; emfim os tempos que precedem immediatamente á guerra hollandeza não podem de hoje em diante ser estudados sem o livro de Fr. Vicente. » (1)

Isto pelo que diz respeito ao seu interesse historico; quanto, porem, ao valor litterario de Frei Vicente do Salvador, basta ponderar que, alem de ter sido elle o primeiro filho do paiz que se dedicou ao genero referido, foi o primeiro prosador do paiz e n'um estylo muito agradavel a ler e, por vezes, muito pittoresco. Usa, não raro, de expressões populares que dão muita graça á sua narrativa. Eis aqui um exemplo no cap. em que trata do nome do Brasil :

« O dia em que o capitão-mór Pedro Alvares Cabral levantou a cruz, que no capitulo atraz dissemos, era a 3 de Maio, quando se celebra a Invenção da Santa Cruz, em que Christo Nosso Redemptor morreu por nós, e por esta causa poz nome á terra que havia descoberta de Santa Cruz, e por este nome foi conhecida muitos annos. Porém, como o Demonio com o signal da Cruz perdeu todo o dominio que tinha sobre os homens, receiando perder tambem o muito que tinha em a dita terra, trabalhou que se esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, por causa de um pau assim chamado, de cór abrazada e vermelha, com que tingem pannos, do qual ha muito nesta terra, como que importava mais o nome de um pau com que tingem pannos, que o daquelle Divino Pau que deu tinta e virtude a todos os Sacramentos da Egreja e sobre que ella foi edificada, e ficou tão firme e bem fundada como sabemos.

E por ventura por isto, ainda que ao nome de Brasil ajuntaram o de estado, e lhe chaman Estado do Brasil, ficou elle tão pouco estavel, que, com não haver hoje cem annos, quando isto escrevo, que se começou a povoar, já se hão despovoado alguns logares, e sendo a terra tão grande e fertil, como adiante veremos, nem por isso vai em augmento, antes em diminuição.

(1) *Gazeta de Noticias* de 19 de novembro de 1881.

Disto dão alguns a culpa aos Reis de Portugal, outros aos Povoadores: aos Reis pelo pouco caso que hão feito deste tão grande Estado, que nem o titulo quizeram delle, pois intitulando se senhores de Guiné por uma caravelinha que la vai e vem, como disse o Rei de Congo, do Brasil não se quiseram intitular. Nem depois da morte de el-rei D. João Terceiro, que o mandou povoar e soube estimal-o, houve outro que delle curasse, senão para colher suas rendas e direitos.

E deste mesmo modo se hão os Povoadores, os quaes, por mais arraigados que na terra estejam e mais ricos que sejam, tudo pertendem levar a Portugal, e, se as fazendas e bens que possuem souberam falar, tambem lhes houveram de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes a primeira cousa que ensinam é: *Pagagaio real, pera Portugal*, porque tudo querem para lá. E isto não têm só os que de lá vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros usam da terra, não como senhores, mas como usufructuarios, só para a desfructarem e a deixarem destruida. Donde nasce tambem que nenhum homem nesta terra é republico, nem zela ou tracta do bem commum, senão cada um do bem particular.

Não notei eu isto tanto quanto o vi notar a um Bispo de Tucuman, da ordem de Sam Domingos, que por algumas destas terras passou pera a Corte: era frade canonista, homem de bom entendimento e prudencia e assi ia muito rico. Notava as cousas e via que mandava comprar um frangão, quatro ovos, ou um peixe pera comer e nada lhe traziam, porque não se achava na praça, nem no açougue; e se mandava pedir as ditas cousas e outras muitas a casas particulares, lh'as mandavam; então disse o Bispo: *verdadeiramente que nesta terra andam as cousas trocadas, porque toda ella não é Republica, sendo-o cada casa.* E assi é que estando as casas dos ricos (ainda que seja á custa alheia, pois muitos devem quanto têm) providas de todo o necessario, porque têm escravos, pescadores e caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite, que compram por junto; nas villas muitas vezes se não acha isto de venda. Pois o que é fontes, pontes, caminhos e outras cousas publicas é uma piedade, porque atendo-se uns aos outros nem um as faz, ainda que bebam a agua suja e se molhem os pés ao passar dos rios ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem de não tractarem do que ha de ficar, sinão do que hão de levar para o Reino.

Estas são as razões por que alguns com muita dizem que não

permanece o Brasil, nem vai em crescimento; e a estas se pode ajuntar a que atraz tocamos de lhe havarem chamado Estado do Brasil tirando-lhe o de Santa Cruz com que podera ser estado e ter estabilidade e firmeza. » (1)

Se Bento Feixeira Pinto figura na historia litteraria brasileira, por ter sido o primeiro a escrever um poemeto n'esta parte da America, mais direito tem a destacar-se n'ella a frade bahiano, como o nosso primeiro classico, e classico em o bom sentido; pois, sendo um seiscentista, não tem os defeitos communs a grande numero de prosadores d'aquelle tempo.

O padre MANOEL DE MORAES, natural de S. Paulo, passa por ter sido um espirito culto e agitadiço a ponto de ser expulso da companhia de Jesús. « Fizera-se calvinista e se casara com *mulheres* desta seita, pelo que já fôra queimado em estatua na inquisição de Lisboa, no acto de 16 de abril de 1642 : apresentando-se arrependido aos restauradores de Pernambuco, e sendo por estes recommendando á côrte, foi condemnado a habito perpetuo, sem remissão com fogos, e suspenso para sempre das ordens, no acto de 15 de dezembro de 1649, em que sahiram condemnados por judaismo mais cinco moradores de Pernambuco (2). » Foi auctor de uma historia do Brasil que se suppõe perdida. ,

DIOGO GOMES CARNEIRO, morto em 1676, em Lisboa, foi chronista geral do Brasil e deixou alguns fragmentos litterarios e historicos ineditos.

FREI CHRISTOVÃO DA MADRE DE DEUS LUZ, nascido em 1650, no Rio de Janeiro, escreveu um *Cuidado contra tempo*, e um *Cartorio da Provincia da Immaculada Conceição do Brasil*, livros nos quaes se nos deparam algumas informações para a historia do paiz. Taes obras, por sua natureza, nada influiram para a formação da intuição brasileira em litteratura.

Passo aos pregadores.

Os principaes são : *Eusobio de Mattos* e *Antonio de Sá*, (3) que foram companheiros de Vieira, que é um discipulo, co-

(1) *Historia do Brasil de Frei Vicente do Salvador*, in *Materiaes e Achêgas para a Historia e Geographia do Brasil*, nº II, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1888, pag. v e seg.

(2) Varnhagen, *Historia geral do Brasil*.

(3) Varnhagen aponta mais: Fr. Roberto de Jesus, Fr. Manoel da Madre

mo elles, da escola da Bahia, onde viveu muitos annos no principio e no fim de sua agitada carreira. O gongorismo predominava então e não póde haver lugar em que elle faça mais ruido do que n'um pulpito. O sermão é um genero convencional e dá-se bem com os trocadilhos. « O sermão é um genero falso. Entendo por genero falso aquelle no qual não se póde pensar, nem falar com propriedade.

« Tudo é falso no sermão, a começar pelo texto. Este texto é enunciado em latim ; é alguma passagem de uma antiga traducção das Escripturas hebraicas e gregas, traducção feita na lingua, por seu genio, mais impropria para reproduzir os originaes; traducção, além do mais, que formiga de contrasensos e onde eu desafio a quem quer que seja para comprehender um livro qualquer dos prophetas, ou uma epistola dos apostolos. O texto, porém, não passa de um pretexto. O pregador não o explica, não o commenta, tira d'elle, mais ou menos arbitrariamente, um motivo sobre o qual tocará variações. Que se diria de um advogado, de um deputado que abordasse o assumpto por tão apartados caminhos ? Ainda não é tudo.

« Depois do texto vem a divisão.

« Sempre pedantesca, é quasi sempre forçada e escolastica.

« A melhor prova de que o sermão é um genero falso é a rhetorica a que é condemnado. A rhetorica vem a ser a forma que ultrapassa o fundo, a expressão destinada, não a produzir a emoção, mas a estimulal-a, a necessidade de convencer-se a si proprio forçando a voz, de animar-se exagerando os gestos, de chegar á emoção pela emphase.

« E' conhecido o dito : Tu te irritas, logo não tens razão ; direi ao pregador : Tu declamas, logo estás em terreno falso !

« Ora, qual é o sermonista que não declama ? (1) »

Note-se que tudo isto foi dito a proposito de Bossuet. Que

de Deus, padre Sebastião do Valle, Fr. José Pereira de Sant'Anna, padre Angelo dos Reis, além dos escriptores ecclesiasticos—Luiz Botelho do Rosario, José de Oliveira Serpa e Valentim Mendes. *Floril*—I—XVIII.

(1) *Etudes Critiques de Littérature*, pag. 241, por Edmond Scherer.

se poderá dizer dos seus contemporaneos da Bahia, Mattos *et le reste ?*

E' verdade que Bossuet pregava em Paris, diante da côrte de *le Roi soleil*, e os nossos declamavam numa pequena cidade colonial, diante de alguns governadores ignorantes e de algumas centenas de beatas, cuja maioria deveria ser de pretas, caboclas e mulatas velhas.

A differença é immensa ; mas se a Bahia não era Pariz, tambem nosso Euzebio de Mattos não era Bossuet... A observação de Scherer ataca o genero pela base.

EUSEBIO DE MATTOS nasceu na Bahia em 1629 ; professou na Ordem de Jesus em 1644. Exerceu a oratoria sagrada e fez fracos versos religiosos.

Saiu brigado da Companhia de Jesus e fez-se carmelita.

Vieira sentiu o facto e lhe são attribuidas aquellas celebres palavras typicas : « *pois muito mal fizeram os jesuitas, que tarde se criarão para a companhia outros Mattos.* » Frei Euzebio morreu em 1692. Foi um homem illustre por suas virtudes ; o talento não foi dos maiores.

O padre ANTONIO DE SÁ nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1620 ; entrou para a companhia em 1639, morreu em 1678. Nos trocadilhos excede a Mattos. Ambos têm sermões impressos. Abstenho-me de citar trechos.

O movimento levado a effeito na Bahia na segunda metade do seculo XVII não deixa de ter sua grandeza.

Imaginemo-nos em espirito transportados á florescente capital da colonia. Os hollandezes tinham-na atacado anteriormente ; mas haviam sido repellidos.

A população era abastada em regra geral ; o reconcavo tinha ricos engenhos ; o commercio florescia. O governador tinha uma especie de côrte, apta a chamar a attenção dos curiosos. O luxo era geral ; pois que a machina o — *escravo* superabundava ; o gentio tinha sido repellido para longe e por esse lado não vinha perigo ; o colono portuguez estava em terra propria ; atirava-se ao commercio furiosamente. Emquanto não podia constituir familia, seu fraco, seu pendor pelas *pretas* não tinha correctivos. Dahi essa molleza de costumes, que Gregorio Guerra esteriotypou tão cruamente.

Os clerigos, e principalmente os jesuitas, eram illustrados. O Collegio e o Seminario fulgiam. Os espectaculos publicos eram raros.

Dahi esse fervilhar para os templos a ouvir os sermões, esse correr para o Carmo, o Collegio, a Sé, a Misericordia, uns por devoção, outros para vêr as *morenas*, varios por habito... Em todo o caso, não deixa de ser notavel o tempo que reuniu em um só ponto homens como Vieira, Euzebio de Mattos, Antonio de Sá, Gregorio de Mattos, Botelho de Oliveira, Rocha Pitta e tantos outros oradores e poetas.

Passemos a estes ultimos. Nada ha a dizer sobre *Domingos Barbosa*, *Martinho de Mesquita*, seu irmão *Salvador de Mesquita*, *Bernardo Vieira Ravasco*, seu filho *Gonçalo Ravasco*, *José Borges de Barros*, *Grasson Tinoco*, e outros poetas mediocres e esquecidos d'aquelle tempo.

Seus escriptos se perderam todos, ou quasi todos. Nós os brasileiros temos uma tendencia irresistivel a formular catalogos ;dahi estas listas de nomes proprios sem significação, que enchem nossos trabalhos litterario-historicos.

Todo o movimento litterario do Brasil no seculo XVII deve girar em torno do nome de GREGORIO DE MATTOS GUERRA. O do seculo anterior deve circular em torno de José de Anchieta. Resta saber qual destes dois illustres mortos, foi o creador da litteratura brasileira. Para responder a esta questão, cumpre, antes de tudo, indicar o que se deva entender por litteratura nacional. Se por ella se professa a simples descripção da natureza do paiz, então o seu fundador foi Pero Vaz de Caminha, o piloto, o primeiro que escreveu sobre o Brasil. Se vem a ser a descripção dos selvagens e de seus costumes, então foram muitos, Thevet, Lery, Gandavo, Gabriel Soares, Cardim e alguns mais. Se são os cantos rudes dos indios, neste caso foram elles, os selvagens, os fundadores della. Se é a descripção dos costumes dos negros, os seus cantos, suas lendas, nesta hypothese, os seus fundadores foram os primeiros pretos que desembarcaram d'Africa. Se é a persistencia do elemento portuguez, nestas circumstancias, deverão ser contados, como fundadores da

litteratura brasileira, todos os colonos emperrados, todos os governadores e todos os reis da metropole, que mais se esforçaram por comprimir a colonia, suffocando-lhe os impulsos autonomicos e originaes, e nesta carreira, deverão ser considerados os mais notaveis fundadores da litteratura patria, o carrasco que precipitou da forca a *Tiradentes* e o soldado que atirou certeiro ao coração do *Padre Roma...*

Mas tudo isto é falso, falsissimo.

A litteratura brasileira, como todas as litteraturas do mundo, deve ser a expressão positiva do estado emocional e intellectual, das ideias e dos sentimentos de um povo. Ora, nosso povo não é o indio, não é o negro, não é o portuguez; é antes a somma de todas estas parcellas atiradas ao cadinho do Novo Mundo.

São as gerações crioulas, que, deixadas de parte as nostalgias dos progenitores, esqueceram-se d'ellas para amar este paiz e trabalhar na formação de uma patria nova.

Esta patria nova não é a *oca* do indio perdida no deserto, a *palhoça* do negro esquecida nos arêaes da Africa, ou o *casal* do portuguez que ficou pelas encostas do Alemtejo... A *nova patria* é o Brasil, quero dizer, a terra e a sociedade de um povo livre e progressivo. Com esta luz, bem se comprehende que Anchieta não podia ser o fundador de nossa litteratura.

Elle não tinha a *loucura da terra*, com que se fundam as obras neste mundo; tinha a *mania do céu;* não viveu bastante, ou não viveu em tempo; em que pudesse vêr que os seus queridos *indios* não eram tudo; em que pudesse vêr que os seus *portuguezes* não eram tambem tudo; em que pudesse apreciar o advento do elemento novo, do genuino brasileiro — o *mestiço*, o filho do paiz.

Quando falo no mestiço não quero me referir sómente ao mestiço physiologico — o *mulato;* — refiro-me a todos os filhos da colonia, todos os crioulos, que o eram n'um sentido lato; porquanto, ainda que nascescem de raças puras, o eram no sentido moral. Eu me explico. Tomem os leitores uma fazenda, um engenho do primeiro seculo, e apreciem as circumstancias desta especie de mestiçagem moral. Está-se no

reconcavo da Bahia, no anno de 1590, n'um engenho de assucar. O proprietario é um portuguez rico; tem seus prejuizos de *raça*, quer ter uma descendencia *limpa*, e por isso contraíu matrimonio com a filha de um mercante abastado da praça, portuguez como elle.

Vai-lhe saindo a prole alourada, mostrando ao travez da cutis macia os fios distinctos do *sangue azul*. Mas o nosso homem é rico, e sêl-o no Brasil, maximè n'aquelles bons tempos, era possuir algumas duzias de escravos, e elle os tinha, não só da *terra*, como de *Guiné*. Como era natural, estes ultimos tambem procreavam! Ora, o *meio* tem suas exigencias atrozes; o resultado vinha a ser que os filhos do *senhor de engenho* eram de certo limpos de tez; mas, gostando muito de ir ás senzalas a conversar e brincar com os moleques, as pretas e as caboclas velhas, sahiam no fim de contas uns *portuguezitos*, é verdade, mas uns taes, que distavam dos pais, como a agua do vinho, pela intuição e pela face moral. Sabiam as lendas do *Caipóra*, do *Çacy Cereré*, da *Iàra*, do *Zumbi*, e uma multidão de outras cousas, que sorrateiramente, e sem o querer, as pretas e indias lhes iam inoculando nos tenros espiritos.

Por outro lado, os filhos dos *escravos*, os filhos dos pretos e os dos indios, perdiam tambem o uso de sua lingua nativa e falavam a lingua da *casa grande*, a lingua do senhor; eram christianisados e aprendiam umas tantas cousas, que só os brancos sabiam... Eis ahi o que eu chamo um caso de mestiçagem moral.

Não se fale já na mestiçagem physica. Imaginem-se centenas e milhares de mancebos portuguezes nos dois primeiros seculos da conquista, rapazes que não tinham ainda constituido familia, fortes e sadios, atirados no harem brasileiro de bellas pretas e caboclas faceis, e comprehender-se-ha que a fusão das raças era inevitavel. Se a litteratura brasileira devesse ser uma tal ou qual descripção do selvagem, Anchieta a teria fundado; ella, porém, é mais do que isto, e só um filho do Brasil, e em seculo mais avançado, a poderia fundar. Anchieta deve, por certo, ser contemplado em nossa historia litteraria como um *precursor*, como disse; não como um

fundador, um crêador. Uma litteratura, além de tudo, nunca tem um fundador; tem orgãos de manifestação, mais ou menos aperfeiçoados, e não passa disto. Uma escola é que póde ter um chefe, um creador.

Uma litteratura tem uma base, tem elementos e tem orgãos. A *base* da nossa é o sentimento do brasileiro, como nação á parte, como producto ethnico determinado; os *elementos* são as tradições das tres raças sem predominio de uma sobre as outras; os *orgãos* são os nossos mais notaveis talentos, todos aquelles que sentiram como brasileiros.

Anchieta, repito, é um simples precursor. (1)

Se a alguem no Brasil se pudesse conferir o titulo de fundador da nossa litteratura, esse deveria ser Gregorio de Mattos Guerra. Foi filho do paiz; teve mais talento poetico do que Anchieta; foi mais do povo; foi mais desabusado; mais mundano, produziu mais e n'um sentido mais nacional. O que me prende no estudo desta individualidade, é a ausencia de artificio litterario; o poeta não vai por um caminho e o homem por outro; a vida do individuo ajusta-se á obra do poeta. Estava, além disto, em perfeita harmonia com o seu meio.

Vejamos a biographia, commentario natural de suas obras.

Gregorio de Mattos nasceu na Bahia a 7 de abril de 1623. (2) Baptisou-se a 15 do mesmo mez com o nome de João, que o prelado D. Pedro da Silva Sampaio mudou em Gregorio. Os pais de Gregorio eram abastados, possuiam fazendas e cêrca de cento e trinta *escravos;* viviam largamente. Feitos os pri-

(1) A ideia combatida aqui sobre o padre Anchieta é, como disse em nota ao capitulo anterior, do Dr. Mello Moraes Filho. No estudo do jesuita canarim é preciso discriminar o que pertence a este escriptor brasileiro d'aquillo que me cabe particularmente. Ao Dr. Mello Moraes deve-se a publicação de alguns versos portuguezes e tupys de Anchieta, e a ideia de ser este o creador, o fundador de nossa litteratura. A mim pertence-me a prioridade em incluir o padre em nossa historia litteraria, em relacional-o assim com a vida espiritual brasileira, dando-lhe direitos que lhe eram contestados, sem exagerar-lhe as proporções, sem levantal-o tão alto como o faz o auctor do *Parnaso Brasileiro.*

(2) Varnhagen dá por engano 1633.

meiros estudos, seguiu o poeta para Coimbra, onde se formou em direito.

Desde então fez nome como lyrista e satyrico. Já nesse tempo dizia delle Belchior da Cunha Brochado : « Anda aqui um estudante brasileiro tão refinado na satyra, que com suas imagens e seus tropos parece que baila Momo ás cançonetas de Apollo. » Doutorado, partiu Gregorio Guerra para Lisboa, onde exerceu a advocacia. Foi ali tambem Juiz do Crime e Curador de Orphãos. Mereceu grande fama como jurista. Chamou a attenção de Pedro II; com promessa de um logar na Supplicação, quiz o monarcha envial-o ao Rio de Janeiro a *devassar dos crimes* de Salvador Corrêa de Sá e Benevides. O poeta rejeitou. Mais tarde decaiu das graças do soberano e retirou-se para o Brasil. Fez viagem com Thomaz Pinto Brandão, tambem poeta, e com D. Gaspar Barata, primeiro arcebispo da Bahia, que o levou comsigo, conferindo-lhe os cargos de vigario-geral com ordens menores e de thesoureiro-mór com murça de conego. Nesse tempo passara-se tambem para a Bahia o padre Vieira.

Pouco depois Gregorio malquistou-se com os seus collegas da egreja e foi deposto dos cargos. Ficando em pobreza, casou-se então por amor com D. Maria de Povos, bella viuva sem fortuna.

Inimisado geralmente com os presumpçosos da Bahia, retirou-se para o reconcavo, a viver em casa de amigos.

Ainda, assim, foi villãmente degredado para Angola pelo governador D. João de Alencastre. Em Loanda fez-se advogado ; tendo prestado serviços ao governador d'ali, foi-lhe permittido voltar a Pernambuco, onde foi mais feliz do que na Bahia. Morreu em 1696, com setenta e tres annos de idade.

São estes os traços geraes de sua vida ; faltam ahi as notas principaes : o seu caracter honrado e sua alegria expansiva e saudavel. E' o que indicarei, acompanhado o seu biographo, o licenciado Manoel Pereira Rebello.

Tendo o nosso poeta escripto uma satyra á Sé da Bahia, onde se liam estes versos :

A nossa Sé da Bahia,
Com ser um mappa de festas,
E' um presepe de bestas,
Se não fôr estrebaria:
Varias bestas cada dia
Vejo que o sino congrega:
Caveira mula gallega,
Deão burrinha bastarda,
Pereira mula de albarda,
Que tudo da Sé carrega —

pareceu a certo conego que não ia incluido, onde o seu nome se não mostrava, e promptamente lhe veiu agradecer com palavras humildes; mas o desabusado lhe respondeu : « Não, senhor padre, lá vai nas *bestas*... »

Estando já muito atrazado o poeta, nem por isso fez jámais caso de dinheiro, tanto que, conta o biographo, vendeu, necessitado, por tres mil cruzados uma sorte de terras, e, recebendo em um sacco aquelle dinheiro, o mandou vasar no canto da casa, d'onde se distribuia para os gastos sem regra nem vigilancia.

Mais outra anecdota :

Pleiteava alguem o cabedal que havia dado com sua filha em dote a outro, o qual depois de adornar a defunta esposa com palma e capella, publicava que havia fallecido *intacta*. Gregorio defendia por parte do autor e arrazoou o feito com estes versinhos :

« Gaita de folles não quiz tanger,
Olhe o diabo o que foi fazer... »

O advogado contrario exultou, accusando de ridicularia indecente este arrozoado, que afinal deu ganho de causa á questão.

Ainda mais :

Um frade foi ter com o poeta, pedindo embargos para um seu *sobrinho*, sentenciado á morte por haver furtado a naveta de sua sacristia. Mas, desenganado de que não podia ser como queria, muito instou o religioso por saber ao menos a razão da difficuldade. « E' (disse o poeta) que neste ins-

tante se foi d'aqui Maria de S. Bento muito agastada e fez aquella cruz na porta em como não torna mais entrar por ella. » « Eu a vou buscar (tornou o religioso), se nisso está o valer-me Vm. » E logo foi representar á *mulata* quanta necessidade tinha de leval- a a quebrar o seu juramento. Accedendo ella, Gregorio a repelliu por sua vez de casa, mas nos autos do sobrinho do religioso poz os seguintes embargos :

« A naveta, de que se trata,
Era de latão, e não de prata. »

Uma vez, um estupido juiz de Igaraçú, em Pernambuco, fez um auto criminal contra um sujeito, porque o tratou de *vós*. Gregorio de Mattos, defendendo o réo, confessou o facto, que considerava innocente e arrazoou desta forma :

« Se tratam a Deus por tu,
E chamam a el-rei por vós,
Como chamaremos nós
Ao juiz de Igaraçú ?
— Tu é vós e vós é tu... »

Gregorio, por sua vida patusca e satyrica, era em extremo descuidoso da familia, a quem, demais, desgostava com as innumeras inimisades que sobre si attraía. A sua mulher, por isso, não o podendo mais supportar, largou-lhe a casa e recolheu-se á de um tio que tinha. Este, achando o passo errado, empenhou-se com o poeta para receber de novo a mulher. A isto lhe respondeu elle :

« Só se vier presa e acompanhada por um capitão do mato como negra fugida. E todos os filhos que tiver chamar-se-hão Gonçalos ; pois a minha casa é uma casa de Gonçalo ».

E assim se cumpriu para a volta da pobre Maria de Povos.

O poeta nunca deixou seu genio folgasão e pilherico, sua atrabilis mordaz, o prazer pela musica, em que era delicioso cantor de modinhas e tocador de viola ; nunca o abandonou tambem o gosto de viver com a plebe e entre as classes puramente populares. Em Pernambuco ainda continuou no mesmissimo genero de vida da Bahia. E como o governador daquella capitania lhe prohibisse fazer satyras, uma vez,

picadas de ciumes, se encontraram duas mulatas junto à porta do poeta, e, renovando as paixões, se descompuzeram valentemente.

Passaram da lingua a vias de facto, e atracadas cairam por terra em comica posição.

Gregorio, que vae chegando á janella e vê o espectaculo, entra a gritar : « *Aqui d'El-Rei contra o Sr. Caetano de Mello!...* » Perguntaram-lhe os circumstantes que mal lhe havia feito o governador : « que maior mal que o de prohibir-me fazer versos, quando se me offerecem similhantes assumptos?!... » respondeu elle.

Em suas excursões pelos engenhos de Pernambuco, o poeta, que se tinha tornado uma especie de menestrel ambulante, prompto para versejar e cantar, em conversa com um proprietario, se queixava de sua má estrella, que o fazia infeliz. « Sr. doutor (responde esse antepassado da actual aristocracia assucareira de Pernambuco), nós mesmos somos os autores de nossa fortuna e cada um colhe o que semea. » « Não ha duvida, retruca o Gregorio, mas é de si desgraçado aquelle contra quem se conjura a malicia, que de tudo lhe fazem um crime : por exemplo, por alli vem um boi (e aponta para um do engenho) ; elle tem um só corno, como estamos vendo ; mas se eu lhe chamar boi *de um corno*, Deus me livre da indignação de seu dono... »

O fidalgo desconversou.

Muitas outras pilherias analogas ainda hoje correm na tradição por conta de Gregorio de Mattos, que foi um Bocage do seculo XVII.

Estas que aqui ficam lembradas são relatadas quasi *ipsis verbis* pelo seu biographo e admirador citado. Não se infira dahi que o nosso Guerra fosse um homem sem dignidade ; ao contrario, elle tinha grande inteireza de caracter, tinha coragem contra os grandes ; era um homem simples e resoluto. Odiava apenas a fatuidade de seu tempo ; foi o censor de sua época.

Estudemol-o mais de perto em suas producções.

A *faculté maîtresse* em Gregorio de Mattos é a da satyra ;

mas tambem é elle um bom lyrista. O *momento* predominante em sua evolução é o da estada na Bahia depois da volta de Lisboa.

O lyrismo do poeta bahiano é um lyrismo simples, espontaneo no fundo, um pouco alterado pelo *cultismo* amaneirado da época.

O elemento subjectivista é pouco accentuado.

A critica mesquinha de nossos rhetoricos tem sempre considerado o nosso Guerra como um insolente, um filho do despeito, vomitando improperios sobre todos.

Este juizo é erroneo.

O poeta era um homem impressionavel pelas bellezas do mundo e da sociedade; tinha em si o germen das effusões amenas, doces, virginaes.

Elle teve notas verdadeiramente lyricas : o *Retrato de D. Brites*, os *Trabalhos da vida humana*, a *Morte de uma senhora*, *Declarações de amôr*, e outras, são bellos exemplos do genero. (1)

Ouçamos alguns trechos. No *Retrato de D. Brites* ha estrophes como esta :

« Ver o aljofar nevado que desata
A aurora sobre a gala do rosal,
Vêr em rasgos de nacar tecer prata,
E perolas em conchas de coral
Vêr diamantes em golpes de escarlata,
Em pingos de rubim puro crystal,
E' vêr os vossos dentes de marfim
Por entre os bellos labios de carmin. »

Nos *Trabalhos da vida humana* ha versos assim :

« Emquanto presa vos vistes
No botão onde morastes,
Bem que a vida não lograstes,
De esperança vos vestistes!
Mas depois que flôr abristes,

(1) Vem colligidas no *Florilegio*, de Varnhagen.

Tão depressa fenecestes,
Que quasi a presumir destes,
Se se póde presumir,
Que para a morte sentir,
Sómente viver quizestes!

Fazendo da pompa alarde
Abre a rosa mais louçã;
E o que é gala na manhã,
Em luto se torna á tarde;
Pois a vida mais covarde,
Se a mais fragil duração
Renascestes, porque não
Terei de crer fundamento,
Que foi vosso luzimento
Da vossa sombra occasião? »

Ha nos versos á *Morte de uma senhora* notas d'estas :

« Morreste, nympha bella,
Na florente idade;
Nasceste para flor,
Como flôr acabaste!

Viu-te a alva no berço,
A vespera no jaspe;
Mimo foste da aurora,
E lastima da tarde.

O nacar e os alvores
Da tua mocidade,
Foram senão mantilhas,
Mortalha a teus donaires, »

Eis aqui um bom soneto descriptivo de uma tempestade :

« Na confusão do mais horrendo dia,
Painel da noite, em tempestade brava,
De fogo e ar o ser se embaraçava,
Da terra e ar o ser se confundia.

Bramava o mar, o vento embravecia,
A noite em dia, emfim, se equivocava,
E com estrondo horrivel se assombrava
A terra; e se abalava e estremecia.

Desde os altos aos concavos rochedos,
Desde o centro aos mais altos obeliscos,
Houve temor nas nuvens e penedos.

Pois dava o céu, ameaçando riscos,
Com assombros, com pasmos e com medos,
Relampagos, trovões, raios, coriscos. »

Todos estes topicos são amostras de bello lyrismo; nem ha outro poeta que se avantage por esta face no seculo XVII, d'entre os da lingua portugueza, a Gregorio de Mattos.

Mas é pelo lado humoristico e satyrico que o bahiano foi um factor nacional.

Ahi dá elle entrada a certos termos puramente *brasileiros* e emprega um torneio de linguagem inteiramente popular.

Apreciam-se, lendo as suas satyras escriptas no Brasil, quatro factos caracteristicos : — a differenciação já crescente da *maneira brasileira* de manejar a lingua; a tendencia de ridicularisarem-se entre si, que pronunciadamente animava as tres raças formadoras de nossa população; n'esta a consciencia já clara de ser ella alguma cousa de novo, que não deveria ser sempre a *anima vilis* das explorações européas, e, finalmente, o descontentamento que lavrava já contra os governos pezados e asperos da metropole (1).

Seria necessario transportar para estas paginas todos os versos satyricos do poeta, se me quizesse fartar de colher as

(1) Não esquecer que isto sahiu publicado na *Revista Brasileira* em dezembro de 1881. A ideia critica de Gregorio de Mattos ser considerado como subsidio linguistico, já antes no artigo — *A litteratura brasileira, suas relações com a portugueza, o neo-realismo*, — eu a tinha determinado n'estes termos : « Gregorio de Mattos *é o documento* por onde podemos apreciar as primeiras modificações soffridas pela lingua portugueza na America... » (Vide *Revista Brasileira* de 15 de novembro de 1879.) Tive grande satisfação em vêr esta opinião critica adoptada e confirmada pelo Sr. Alfredo do Valle Cabral quasi nas mesmas palavras : « E' elle o escriptor que nos dá ideia mais exacta do modo de falar e escrever no Brasil no seculo XVII... *E o unico documento* d'aquelle seculo que possuimos n'este genero de estudo. » (Vide nas *Obras Poeticas de Gregorio de Mattos Guerra*, Rio de Janeiro, 1882, o estudo preliminar sobre o poeta, pag. XLVII.)

provas abundantes d'estes factos (1). Ha ainda uma outra observação a fazer : ao passo que o cultismo do seculo XVII, produzia por toda a parte uma poesia affectada e falsa, imitação bastarda da greco-romana, determinando uma litteratura inteira de adulações aos reis e aos padres, Gregorio era um acerrimo inimigo, tanto de governadores e juizes déspotas, como de bispos e conegos aparvalhados.

Foi especialmente abundante em censurar as presumpções das tres raças no Brasil. Admirava-se da esperteza do *burguez reinol* que vinha á colonia enriquecer por meios illicitos :

« Pode haver maior milagre,
Ouça bem quem tem ouvidos,
Do que chegar um *Reinol*,
Por Lisboa, ou pelo Minho,
Ou degredado por crimes,
Ou por moço ao pae fugido,
Ou por não ter que comer
No logar onde é nascido :

E saltando no meu caes,
Descalço, rôto e despido,
Sem trazer mais cabedal
Que piolhos e assobios, etc. »

Contra o *negrismo* e o *pardismo* altaneiros dizia :

« Não sei para que é nascer
Neste Brasil impestado
Um homem branco e honrado
    Sem *outra raça*.
Terra tão grosseira e crassa,
Que a ninguem se tem respeito,
Salvo se mostra algum geito
    De ser *mulato*, etc. »

(1) Envio o leitor para as *Obras Poeticas de Gregorio de Mattos* publicadas pelo Sr. Alfredo do Valle Cabral; Rio de Janeiro, 1882; 1º vol. : — *Satyras*. Quando esta historia foi publicada as duas primeiras vezes, quer na *Revista Brazileira*, quer depois em tiragem separada, existiam apenas publicados tres ou quatro fasciculos do 1º vol. das obras de Gregorio de Mattos. Actualmente existe o 1º vol. completo acompanhado do estudo do poeta pelo editor.

Ha outras ainda mais expressivas, como os *Milagres do Brasil*, de que cito estes versos :

« ... *ser mulato*,
Ter sangue de carrapato,
Seu estoraque de Congo,
Cheirar-lhe a roupa a mondongo,
E' cifra de perfeição,
Milagres do Brasil são. »

Não é tudo ; a pretendida fidalguia *indiana* era tão escarnecida como as basofias do *reinol* e do *preto*, o que evidentissimo se torna n'este bello soneto :

« Um calção de *pindoba* a meia zorra,
Camisa de *urucú*, mantéo de *arara*,
Em logar de cotó, *arco e taquara*,
Pennacho de *guards*, em vez de gorra ;

Furado o beiço, sem temer que morra
O pai que lhe envarou com uma *titára*,
Sendo a mãe a que a pedra lhe applicara
Por reprimir-lhe o sangue, que não corra ;

Alarve sem razão, bruto sem fé,
Sem mais lei que a do gosto, e quando erra
De Fauno se tornou em *Abaeté*....

« Não sei como acabou, nem em que guerra ;
Só sei que deste *Adão de Maçapé*
Uns fidalgos procedem desta terra... »

Mais outro de igual merito :

« Ha coisa como vêr um *payayá*
Mui presado de ser *caramurú*,
Descendente do sangue de *tatú*,
Cujo torpe idioma é *copebá* !...

A linha feminina é *cariná*,
Moqueca, *petitinga*, *carimú*,
Mingau de *puba*, *vinho de cajú*,
Pisado num pilão de Pirajá ;

A masculina é um *aricobé*,
Cuja filha Cobé c'um branco Pahy
Dormiu no promontorio de Pacé :

O branco era um marâu que veiu aqui ;
Ella era uma India de Maré,
Copébá, Aricobé, Cobé, Pahy... »

Não se poderia ridicularisar mais a *monomania* d'aquelles que, ainda hoje, teimam em julgar-se fidalgos, por descenderem dos indios...

Aqui não ha *nobres*, nem brancos, nem pretos, nem vermelhos, nem alaranjados.....

O contrario é desconhecer o que foi a colonisação do Brasil.

Gregorio Guerra é o genuino iniciador de nossa poesia lyrica e de nossa intuição ethnica. O seu *brasileiro* não era o caboclo, nem o negro, nem o portuguez ; era já o filho do paiz, capaz de ridicularisar as pretenções separatistas das tres raças.

A acção de Mattos foi poderosa sobre seus contemponeos, que o admiravam, que o consideravam um grande sabedor do direito e um grande poeta. Elle não passou despercebido pelo norte do Brasil ; o proprio Vieira dizia : « mais se deve ás satyras de Mattos do que aos sermões de Vieira..... » E de certo.

O que eu amo em Gregorio não é ter sido elle o precursor dos *bohemios ;* quero falar de certa classe de romanticos, que julgaram, ou ainda julgam, que as condições de um bom poeta é ser um ébrio, ou um canalha de força... Não é isto; não consta que o Dr. Guerra fosse bebedo e desprezivel. O que eu nelle aprecio é o desprendimento do espirito e a rectidão do caracter, além do grande talento. Os brasileiros amantes de suas glorias devem festejar os centenarios d'este poeta, que foi um batalhador social, um tribuno do bom senso e da pilheria.

Nada tenho a dizer sobre seu irmão Eusebio na qualidade de poeta. Foi mediocre.

Resta vêr, n'este seculo, MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA.

Nascido na Bahia em 1636, estudou direito em Coimbra. Voltando á patria, fez-se advogado. Publicou um livro de poesias em 1705; morreu velho em 1711. N'esse tempo os lyristas brasileiros não tinham ainda aprendido o segredo de morrer aos *vinte annos*...

Os *vinte annos* não eram ainda uma phrase, uma metaphora poetica, tanto que, a respeito dos que morreram com vinte e cinco e mais, é sempre da boa pragmatica dizer que morreram com *vinte primaveras*... Em torno do nome d'esse escriptor mediocre formou-se a lenda de haver sido o primeiro a introduzir em seus alambicados versos o sentimento nacional e as scenas brasileiras. Quanto ao sentimento, parece-me que Botelho não foi portador de sentimento algum na poesia; quanto ás scenas brasileiras, foram ellas bem mal aproveitadas e desfiguradas pelos seus trocadilhos, gongorismos e emphases.

Leia-se este celebre fragmento da *Ilha da Maré* :

« Tenho explicado as fructas e os legumes,
Que dão a Portugal muitos ciumes;
Tenho recopilado
O que o Brasil contém para invejar.
E para preferir a toda a terra,
Em si perfeitos quatro *AA* encerra.
Tem o primeiro *A* nos arvoredos
Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo *A* nos ares puros,
Na temperie agradaveis e seguros;
Tem o terceiro *A* nas aguas frias
Que refrescam o peito, e são sadias;
O quarto *A* no assucar deleitoso,
Que é do mundo o regalo mais mimoso.
São, pois, os quatro *AA* por singulares
Arvoredos, *assucar*, *agoas*, *ares*... »

Isto é de uma semsaboria privilegiada; não tem rivaes.

A tendencia nacional de voltarmo-nos, na poesia, para a natureza americana é anterior a Botelho.

Foi um impulso espontaneo entre nós desde Pero Vaz de Caminha. E' impossivel escrever sobre o Brasil sem apparecer

esta nota. Porem não cumpre só descrever uma paisagem americana para se dizer : sou *americano*... Qualquer estrangeiro poderá fazer o mesmo.

Ser brasileiro não é descrever o *Pão de Assucar*, a *Tijuca*, a *Ilha da Maré*, ou a cachoeira de *Paulo Affonso*. Scenas d'estas ninguem as descreveu melhor do que Dranmor, poeta allemão, que residiu entre nós. Ser brasileiro é sel-o no amago do espirito, com todos os nossos defeitos e todas as nossas virtudes. E' ter em si um que indefinivel mas real, que é só nosso, que ninguem mais tem. Este caracter nacional não está ainda bem determinado, por causa de uma de suas tendencias — a imitação, que é justamente um de seus elementos; mas um tal que obsta que elle se determine claramente. Nas creações populares é onde se pode hoje bem divisar o caracter nacional. Quanto a Botelho, seu nacionalismo não era subjectivo, era exterior; a penna queria pintar o Brasil; mas a alma era do cultismo hespanhol ou portuguez.

CAPITULO III

Poetas e escriptores da primeira metade do seculo XVIII.

O seculo XVIII não é um grande seculo sómente na Europa; é-o tambem na America. E' a phase da preparação das colonias para a vida livre, é o tempo das primeiras tentativas de libertação no continente, é o tempo da independencia dos Estados Unidos.

No Brasil é uma época historica importantissima, que reclama o mais aturado estudo, especialmente em sua segunda metade.

Os cincoenta annos primeiros são de um valor mais exiguo, o que não lhes tira o alto alcance social.

Depois dos episodios dos Emboabas e dos Mascates, a trama economica, social e politica se complica, o quadro litterario se avoluma. Além de chronistas, pregadores e poetas, despertam attenção estadistas e historiadores. Entre as formas litterarias o theatro mais se desenvolve do que nos tempos passados. Formam-se tradições intellectuaes, fundam-se sociedades litterarias, o gongorismo impera ainda, mas entra em diluição e preparam-se elementos novos. Na primeira metade d'este seculo tem-se a estudar a acção de quatro individualidades robustas, quatro forças postas ao nosso serviço. Vêm a ser os dous irmãos Gusmões, Rocha Pitta e Antonio José, a saber : a politica, as invenções, a historia e o theatro. Mas proceda-se com methodo, ponham-se as cousas em seus logares.

N'este tempo tem-se que ver as academias formadas no paiz, os poetas mediocres que versejaram na Bahia, os poetas de merito que trabalharam por um impulso mais nobre, os versejadores latinos, os dramatistas, os historiadores e finalmente os estadistas e inventores. E' um meio de pôr ordem aos factos intellectuaes, que andam baralhados e confusos nas chronicas litterarias.

Desde logo patentêa-se a variedade do quadro.

Começa a especialisação das capacidades e dos productos intellectuales, a divisão do trabalho. Sente-se já ahi a alma de um povo que principia a trabalhar, e vai tendo orgãos diversos para as diversas funcções de sua actividade.

A creação de academias litterarias no seculo XVIII na Bahia e no Rio de Janeiro, phenomeno tão mal apreciado por alguns criticos, é, entretanto, um facto altamente significativo. Indica só por si a grande cohesão de que já gosava o paiz, o lazer que tinham as altas classes para o cultivo das letras, o gosto reinamente pela poesia e as cousas do espirito.

Os arguciosos de hoje desdenham do facto, por julgaremno através de algumas amostras de versos deploraveis que chegaram até nós sahidos da sociedade dos *Esquecidos* fundada na Bahia em 1724. Realmente taes fragmentos são altamente compromettedores do talento e do gosto dos es-

criptores do tempo. O facto porém deve ser tomado no seu sentido geral, ne seu espirito intimo.

A academia dos *Esquecidos* da Bahia, a dos *Felizes* do Rio, e mais tarde a dos *Selectos*, (Rio) a dos *Renascidos* (Bahia) e a *Arcadia Ultramarina* (Rio) são denunciadoras de muita vivacidade intellectual, muito desejo de aprender e trabalhar, por parte dos colonos brasileiros.

E se é certo que os seus escriptos não podem ser citados como prova de alto aproveitamento, o que então se praticava na metropole não era de muito melhor quilate, e isto é o principal.

A litteratura do reino era então doentia e decadente. Na segunda metade do seculo levamos-lhe até vantagem.

Os principaes poetas da época, de que se trata, quasi todos pertencentes á referida academia dos *Esquecidos*, foram : *João Brito de Lima*, *Gonçalo da França*, *João de Mello*, *Canelo de Noronha*, *Manoel José Cherém*, *J. Pires de Carvalho*, *João Borges de Barros*, *José de Oliveira Serpa*, *Fr. Henrique de Souza*, *Manoel R. Corrêa de Lacerda* e *Jeronymo Sodré Pereira*. A estes se devem juntar *João Mendes da Silva*, pai de Antonio José, e *Fr. Francisco Xavier de Santa Thereza*. Eis ahi mais um catalogo de nomes, que deviam estar de todo esquecidos, nomes que é preciso lembrar para que não se creia que se lhes ignora a existencia.

Os escriptos desta gente quasi todos se perderam, e os que de alguns chegaram até nós, são tão insignificantes, tão chôxos, tãos imprestaveis, que só o gosto de encher papel poderá justificar qualquer despeza de considerações a seu respeito. E' tarefa que deixo de boa mente a qualquer homem-traça que por ahi deseje desencavar do pó das bibliothecas velhos manuscriptos e regalar com elles este tempo de curiosos enfastadios.

Quem quizer que o faça, certo de que pouco adiantará para a historia das letras brasileiras. A vida de um povo tem sempre em cada época meia duzia de espiritos capitaes, homens representativos, que a symbolisam e dão-lhe um sentido. Todos os mais são trambolhos de que a historia deve ser escoimada, por amor ao methodo e á clareza.

O sestro de *alistamentos de escriptores* de Pereira da Silva, Varnhagen, Norberto Silva e outros, defeito que passou a Wolf, é inutil. Nada adianta; nada esclarece. E' preciso que nos resignemos a esquecer alguns nomes para apegar-nos com todo o cuidado a salvar outros. Salvem-se os nomes meritorios e os mais fiquem no limbo dos olvidàdos.

Sejam o pasto dos devoradores de catalogos e bibliographias. Pudéra catar aqui e acolá alguns dados e noções que restam d'aquelles auctores citados, e reproduzir agora alguns versos d'elles. Mas para que? Qual o interesse real d'ahi provindo? Que se lucra assim para a comprehensão da civilisação e do espirito brasileiro?

Nada. Não ha ali um só nome que mereça uma rehabilitação aos olhos dà posteridade. São todos elles a mediocridade praticando versos. Ou, se não, quem puder, que os rehabilite. Só descubro um meio de justificar aquelles poetas bahianos, é a decadencia da litteratura da metropole, litteratura estragada por um classicismo anemico.

Tal estado dos espiritos devia reflectir-se na colonia. Entretanto a poesia popular era então abundante na Bahia como tudo me leva a crêr, fundado em inducções bem conduzidas. Porque motivo foram aquelles poetas amaneirados surdos ás notas vibrantes e mellifluas da poesia e das lendas anonymas?

Varnhagen fala vagamente em oiteiros poeticos existentes n'esse tempo na antiga capital do Brasil. Estes não representavam por certo a genuina poesia popular.

O nosso historiador se refere evidentemente ao *oiteiro classico*, então vulgar em Portugal, séstro que reinou na Bahia até o seculo XIX.

Não falo disto. A antiga capital da colonia foi sempre a terra das festas e da bôa *cosinha*, dos *baptisados* faustosos e das bôas *moquecas;* a terra privilegiada das *yáyás* dengosas e dos *pernosticos* apimentados.

Não é, pois, áquella especie de *oiteiros* mornos e affectados de que fala o historiador, e onde se distinguiram Brito de Lima *et le reste*, que me refiro; quero falar da verdadeira poesia popular, que foi sempre muito abundante na Bahia

mesma. Ainda hoje é aquella provincia a terra do violão e da *modinha*, da viola e do *bahiano* lascivo. Pois bem ; pelo estudo que se póde fazer de nossa poesia popular, não tanto d'aquillo que n'ella é uma importação da metropole, mas d'aquellas creações que são perfeitamente brasileiras, chega-se á conclusão de que estas creações não podem se ter originado no primeiro seculo da conquista. Era então muito cedo. Não o foram, por uma razão inversa, no seculo XIX. Era muito tarde. Restam os dous seculos intermedios e tudo leva a crêr que a maior effervescencia foi de 1650 a 1750 ou um pouco mais, no periodo que abrange a lucta dos *Palmares*, dos *Mascates*, dos *Emboabas*, a descoberta e o povoamento dos sertões, das minas de ouro, o estabelecimento das fazendas pastoris nas provincias da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Ceará e Maranhão, o progresso da colonisação do Pará, etc. N'esse periodo de mais de um seculo é que se fez a maior acquisição de sangue indigena na formação de nossas populações do interior, originando-se d'ahi as classes pastoris dos sertões, os *vaqueiros*, creadores de um cyclo inteiro de poesias anonymas.

Tambem n'esse periodo maior foi o trafico dos africanos e mais crescido o numero dos mestiços d'essa origem. A riqueza, por outro lado, avultou. Havia um bem estar geral ; ainda não se pensava em independencia ; mas a população era alegre e expansiva. O povo cantava e folgava. Todas as nossas festas, denominadas de *Natal e Reis*, eram então brilhantissimas, o que se explica ainda mais pela falta de outras na colonia.

A Bahia era uma terra de desenvoltura popular. Só, entretanto, os homens do officio, os poetas, eram uns imitadores servis dos portuguezes e hespanhoes. Por isto a historia lhes volta as costas. O poeta póde e deve estudar as litteraturas estrangeiras ; mas só com uma condição : — não esquecer jámais o seu paiz !......... Se o esquece, está perdido ; fica desclassificado. As outras nações não o acolhem, porque lá têm os representantes de seus sentimentos, a quem devem dar attenção ; a patria o abandona, porque elle a não soube amar. E' o caso d'aquelles que deixei citados.

Passemos adiante.

Nada existe a estudar nos versos latinos de PRUDENCIO DO AMARAL e de FRANCISCO DE ALMEIDA. Uma idéa, todavia, deve ser notada : n'estes, como em alguns dos outros poetas lembrados, ha a continuação do pensamento iniciado entre nós desde o seculo XVI, — certa tendencia para tratar de assumptos nacionaes.

Este pensamento capital toma corpo e avoluma-se no espirito de FR. MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA, o melhor poeta do tempo, depois de Antonio José. Fr. Manoel de Santa Maria, nascido em 1704, é autor do poema *Eustachidos* e da *Descripção da Ilha de Itaparica*, sua terra.

O *nativismo*, n'esse tempo, continúa a ser bastante exterior ; os poetas não conhecem bem as lendas, as tradições, o sentir, a vida intima do povo; não são o reflexo da psychologia das massas. O nacionalismo proségue tendo os dous elementos capitaes : um pouco dos indios e um pouco da natureza. Em Fr. Itaparica predomina o segundo. Ouçam-lhe um fragmento :

« Os *coqueiros compridos e vistosos*
Estão em recta serie ali plantados,
Criam *cocos* galhardos e formosos,
E por maiores são mais estimados ;
Produzem-se nas praias copiosos,
E por isso os d'aqui mais procurados,
Cedem na vastidão á *bananeira*,
A qual cresce e produz d'esta maneira :

« De uma lança ao tamanho se levanta,
Estupeo e roliço o tronco tendo,
As lizas folhas têm grandeza tanta,
Que atè mais de onze palmos vão crescendo ;
Da raiz se lhe erige nova planta,
Que está o parto futuro promettendo
E assim que o fructo lhe sazona e cresce,
Como das plantas vibora, fenece...

« Os *limões doces* muito apetecidos
Estão virgineas tetas imitando,
E quando se vêem crespos e crescidos,
Vão as mãos curiosas incitando ;

Em arvores copadas, que estendidos
Os galhos têm, e as ramas arrastando,
Se produzem as *cidras* amarellas,
Sendo tão presumidas, como bellas.

« Os *melões* excellentes e odorosos
Fazem dos proprios ramos galerias ;
Tambem estende os seus muito viçosos
A pevidosa e doce *melancia ;*
Os *figos* de côr roxa graciosos
Pouco se logram, salvo se á porfia
Se defendem de que com os biquinhos,
Os vão picando os leves passarinhos.

« No *ananaz* se vê como formada
Uma corôa de espinhos graciosa,
A superficie tendo matisada
Da côr que Citherea deu á rosa ;
E sustentando a corôa levantada
Junto com a vestidura decorosa,
Está mostrando tanta gravidade,
Que as fructas lhe tributam magestade,

« Os *araçds* diversos e silvestres,
Uns são pequenos, outros são maiores ;
Oytis, *cajds*, *pitangas*, por agrestes
Estimadas não são dos moradores.
Aos *maracujds* chamar quero celestes,
Porque contém no gosto taes primores,
Que, se os antigos na Asia os encontraram,
Que era o nectar de Jove imaginaram. »

Não é inutilmente feita essa longa transcripção. Por ella aprecia-se o sentido do *nativismo* do tempo.

Ha ali uma certa dóse de classismo alliada a umas tintas de lyrismo americano. As fructas européas, acclimadas no Brasil, são descriptas a par das indigenas ; não se faz selecção. Umas justapoem-se ás outras, como n'um quadro natural. Era então este o estado dos espiritos ; o Brasil era uma obra dos portuguezes ; mas tinha elementos seus.

Faltavam homens de genio que déssem um corpo a esses elementos fluctuantes e esparsos.

Ninguem passeia impunemente debaixo das larangeiras, dizia Gœthe, referindo-se ás impressões recebidas por elle na Italia. Quando poderemos nós dizer : ninguem fita impunemente o céu brasileiro? Quando teremos genios que crystalizem em obras immortaes o mundo de primores que offerece acqui a natureza? O nosso Itaparica quasi se não elevou do idyllio a Delille.

Destaque-se agora o maior vulto d'esse tempo, o judeu ANTONIO JOSÉ DA SILVA.

Este illustre fluminense é a antithese perfeita de José de Anchieta; nascido no Brasil, retirou-se menino para Portugal e lá o fizeram morrer.

Deverá ser contemplado na historia brasileira? Creio que sim; por tres razões principaes: o nascimento, a familia, que sendo tambem fluminense, inoculou-lhe n'alma o sentimento nacional, e, finalmente, a natureza de seu lyrismo, que é brasileiro.

Antonio José nasceu na cidade do Rio de Janeiro, aos 8 de maio de 1705; era filho do advogado João Mendes da Silva e de sua mulher Lourença Coutinho. Em 1713 foi a familia remettida para Lisboa pelo Santo Officio, que accusava Lourença Coutinho de *christã nova*... Ali a pobre senhora soffreu os tratos da Inquisição; João Mendes estabeleceu-se como advogado. O futuro auctor do *Alecrim e a mangerona* estudou canones em Coimbra. Aos 8 de agosto de 1726, estando já formado e de volta em Lisboa, foi mettido nos calabouços da Inquisição por crime de *judaismo*. Submettido a castigos, a exames de doutrina e mais usanças do tremendo tribunal, tal foi o panico apoderado do joven advogado, que confessou-se culpado, fez delações e abjurou do judaismo! Os tratos da polé foram-lhe tão rudes, que o deixaram por muito tempo impossibilitado de escrever!

No decennio de 1727 a 1737, o poeta viveu socegado; o Santo Officio deixou-o respirar. N'este curto espaço de annos é que escreveu as comedias que fizeram as delicias do Bairro Alto de Lisboa. Em 1734 casou-se o *judeu* com D. Leonor Maria de Carvalho, de quem teve uma filha. Em outubro de 1737 viu-se de repente mettido de novo nos antros da

Inquisição, por denuncia de uma misera preta de Cabo-Verde, que o poeta havia castigado. A escravidão representou nisto o seu papel : serviu de delatora do senhor e aviltou-se ainda mais na infamia da captiva...

A misera morreu de susto no carcere, onde entrára para soffrer um interrogatorio. Vigiado, espionado na prisão, foi o poeta, a pretexto de *jejuar judaicamente*, relaxado aos 11 de março de 1739 ; aos 16 de outubro d'esse anno fez-se-lhe a intimação da sentença e aos 19 soffreu o supplicio da fogueira... (1) E assim cumpriu-se mais um tremendo crime em nome da ignorancia e do fanatismo.

Antonio José é um dos nossos escriptores que têm sido melhor estudados no paiz e no estrangeiro. E' um notavel auctor de comedias, farças, *zarzuelas* ou *vaudevilles*. As principaes, são : *Variedades de Protheo*, *Amphitrião*, *D. Quixote*, *Esopaida ou Encantos de Medéa*, *Phaetonte*, *Labyrintho de Creta*, e, sobre todas, as celeberrimas *Guerras do alecrim e da mangerona*.

Os seus criticos principaes entre os escriptores mais recentes, são : Varnhagen, Wolf, Theophilo Braga e Machado de Assis. O primeiro escreveu desenvolvidamente a biographia do desditoso fluminense, a mais bem traçada de seu *Florilegio ;* mas não fez analyse. Apenas consigna o facto de ter o poeta estudado as obras de Metastasio, Molière e Ratrou.

O historiador tem razão n'este ponto.

Ferdinand Wolf estuda com grande habilidade o caracter dramatico do poeta, gabando, sobretudo, o seu *chiste vigoroso*, *suas idéas picantes*, e sua *habilidade na invenção dos enredos*. Ha porém um facto predominante na analyse do illustre viennense, isto é, o sabor popular das comedias do judeu :

« Elle emprega com feliz exito as locuções, os proverbios e as pilherias do povo ; por isso têm as suas peças tambem grande valor linguistico. Sobre modo é para admirar-se este tom popular, esta liberdade e independencia de Antonio José; pois justamente em seu tempo os poetas da peninsula iberica

(1) Vide — Varnhagen — *Florilegio*, Pereira da Silva — *Varões Illustres*.

principiavam a deixar seu caracter nacional sob a pressão do pseudo-classicismo francez. » (1)

Esta observação de Wolf é profunda e exactissima. E' justamente o sopro popular que salva Antonio José do olvido; é porque os seus *vaudevilles*, suas comedias falam a lingua franca e desabrida do povo, que ellas ainda hoje despertam interesse.

Theophilo Braga, repetindo Wolf, julga o poeta em relação ao seu tempo; não havia opinião publica de que o theatro fosse um orgão natural; d'ahi o caracter faustoso e artificial das representações scenicas; o poeta, porém, em suas obras, producto hybrido das operas italianas e da baixa comedia portugueza, « introduziu um interesse novo, a linguagem chula, a graçola pesada, o equivoco sujo, e todas as locuções pejorativas do idioma portuguez; lisongearam uma sociedade sem dignidade e por isso essas comedias se sustentaram durante todo o seculo na scena. » (2)

Tudo isto é bem verdade. Machado de Assis insistiu particularmente sobre as imitações de Molière, feitas pelo poeta. (3)

Tudo isto é exacto, é exactissimo; ha apenas uma lacuna a preencher n'esses autores: o caracter brasileiro de Antonio José ou o seu grande talento lyrico, o que é o mesmo. O lyrismo era a face brilhante do genio do poeta e foi por essa pronunciada tendencia que elle comprehendeu a poesia do povo, que elle agradou ás platéas, e teve esses longes de vaga melancholia mesmo no meio das mais ruidosas scenas das farças.

Pelo lyrismo é que foi um herdeiro de Gil Vicente e de Camões. Essas notas estavam então mudas em Portugal, foi preciso que um brasileiro as despertasse de novo, levando-as d'aqui, como uma recordação da infancia, como uma herança de familia.

Não foi propriamente a faculdade de dizer pilherias que

(1) *Le Brésil Littéraire*, pag. 38.
(2) *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, pag. 444.
(3) *Revista Brasileira*, Tomo I, pag. 225 e seguintes.

relacionou com o povo a individualidade de Antonio José. Foi essa faculdade adjunta a uma outra mais nobre, mais poderosa, que se expandia nas brilhantes arias de suas comedias, e essa era a fonte do lyrismo naturalista, popular. Se o poeta tivesse vivido no Brasil, onde o theatro era nullo, onde não teria tomado o seu talento essa direcção um pouco forçada, haveria sido um dos nossos maiores lyristas do seculo XVIII e um dos mais nacionaes dos nossos poetas.

Infelizmente a Inquisição torceu-lhe o desenvolvimento do talento e cêdo cortou-lhe a vida. Poucas são por desgraça as amostras daquella qualidade primaria d'esse illustre compatriota.

O poeta tem expressões de uma intuição admiravel de lyrista, como estas;

« Em ti mesma considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo está meu mal,
E comtigo está meu bem...
Deixa, pois, que triste viva
Quem alegre busca a morte,
E verás que d'essa sorte
Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convém !

. . . .

« Na onda repetida
Do zephiro impellida
Talvez a dura penha
Amante não desdenha
Seu liquido crystal.
Se, pois, a clara espuma
Tropheu de um monte alcança,
Bem póde haver mudança,
Na instancia dos carinhos
Do genio seu fatal.

. . . .

« Sem remedio a teus rigores,
Impaciente, louco, amante,
Delirante,
Com gemidos e clamores,
De ti aos ceus me hei de queixar.
A minh'alma vaga, errante,
Não te assustes quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha-de sempre acompanhar, etc. »

Como estes, andam outros muitos trechos de valor entresachados em suas operas. Por ahi é que o poeta é um dos nossos, um brasileiro.

Muda a scena portugueza, morta no reino a poesia lyrica, a um filho da colonia cabia a tarefa historica de indicar de que lado é que podia vir a luz, donde rompia o sol.

Desde Antonio José começa a crescer o numero de brasileiros illustres, que vão figurar nas mais altas posições da metropole. E' um facto significativo.

Devem-se ouvir, finalmente, uns fragmentos de uma das mais bellas composições poeticas da lingua portugueza n'esse tempo, a *Glosa ao soneto de Camões — Alma minha.* Isto é o lyrismo camoneano e de Christovão Falcão emigrado para a America e aqui transfigurado :

« Que importa que separe a fera morte
Os extremos que amor ligou na vida,
Se quanto mais violenta intima o corte
Vive a alma no affecto mais unida ;
E posto te imagine, oh triste sorte !
Nos horrores de um tumulo escondida,
Nunca do peito meu te dividiste,
Alma minha gentil, que te partiste...

« Se no regio pensil flôr animada
Purpuras arrastava a galhardia,
Por isso na belleza inesperada
A duração ephemera existia :
Se está na formosura vinculada,
Esta da morte occulta sympathia,
Que muito te ausentasses levemente
Tão cedo d'esta vida descontente ?

« Como flor acabou quem roza era,
Porém nessa fragrancia transitoria
Não quiz ser flor na humana primavera,
Por viver seraphim na excelsa gloria :
Já que o desejo meu te considera,
Gozando n'esse empyreo alta victoria,
Apezar da saudosa dor vehemente
Repousa la no ceu eternamente...

« N'essa patria de raios luminosa,
D'onde immortal se adora a luz immensa ;
Alegre viverás, alma ditosa,
Sem limite jámais na gloria extensa,
Que eu infeliz em ancia luctuosa
Farei no meu gemido a dor intensa ;
Eterno gosa tu o bem que viste,
E viva eu cá na terra sempre triste, » etc.

E mais e mais se accende o estro do poeta nas estrophes seguintes.

E' uma bella poesia. Mais é como escriptor comico que é mais conhecido o judêo. Por uma e outra face é muito de sentir que a *occulta sympathia da morte* o arrebatasse tão cedo da arena do combate. Em todo o caso, este brasileiro foi uma especie de rapaz garrulo e travesso, que fez rir a Portugal, o *velho aborrido e triste.*

Era a alma americana, ainda cheia de todas as illusões da infancia, que ria pela bocca do poeta. Elle tinha, entretanto, o ardor das paixões e a melancholia das almas ardentes ; era brasileiro e era judêo... — Elle o disse :

« Nos altares de um peito o amor ardia,
Nos ardores de uma alma o amor se achava,
E este extremo, que em luzes se accendia,
Era fragoa de amor que se abrazava...

Como poeta comico, a sua nota predominante é, a meu ver, o ridiculo attirado a uma sociedade burgueza gasta e corrupta, com seus amores faceis, seu afferro ás riquezas mal adqueridas, seus vicios elegantes, sua seriedade carnavalesca. Ainda ahi elle foi a expressão do povo contra a aris-

tocracia inchada e fôfa; foi o rir da plebe com toda a sua grosseria, mas tambem com toda a sua sinceridade. E' por onde o poeta salva-se aos olhos de todos os que têm ainda um pouco de energia para protestar, e um pouco de nojo para vomitar em cima das asquerosidades sociaes, que nos assoberbam...

Veja-se outro.

Sebastião da Rocha Pitta, nascido em 1660, na Bahia, e formado em direito canonico pela universidade de Coimbra, foi um rico proprietario dado ás letras. Escreveu novellas mediocres e máos versos. Era socio da academia dos *Esquecidos*.

Mais tarde resolveu-se a escrever a historia do Brasil e para isso não se poupou a sacrificios.

Transportou-se a Lisboa para estudar os archivos. Em 1730 publicou ali sua obra. E' a celebrada *Historia da America Portugueza desde o seu descobrimento até o anno de* 1724.

De volta ao seu engenho, Pitta morreu em 1738. Não se lhe devem applicar os processos e os rigores da critica hodierna; fôra uma injustiça. Pretender que um brasileiro do começo do seculo XVIII escrevesse uma historia de um paiz novo, de duzentos annos de existencia, sem vida autonomica, sem physionomia ainda bem accentuada, sem bons archivos publicos, pretendel-o fôra exigir o impossivel. A critica historica era então pouco avultada na Europa; em Portugal era nulla.

O livro de Rocha Pitta deve antes ser tomado por uma novella historica, recheada de descripções, fabulas e divagações do que como uma historia em rigoroso sentido. Quanto posso julgar do caracter do senhor de engenho da Cachoeira, pelo seu livro e por sua biographia, parece-me ter sido elle um velho amoravel, o mais antigo representante de certa classe de *formados*, que se tornam *fazendeiros*, especie de gente inoffensiva, que se retira para a roça, onde guardando claras reminiscencias daquillo que estudara nas academias, olha seinpre com certa superioridade para os *aggregados* e com certo acanhamento para os homens pura-

mente de letras. Para o *fazendeiro* em taes condições, se elle tem o gosto da leitura, esta é para seu espirito um desenfado e ao mesmo tempo a fonte que fornece uma bôa provisão de exemplos, de anologias, de anecdotas... para a *palestra*...

D'ahi o pronunciado gosto para as leituras de historia, para as novellas, e para as obras apologeticas. D'ahi certo ar de oraculo que assume o solitario, quando abre a bocca para derramar sobre os ouvintes absortos a profusão de casos, de contos, de apropositos, que enthezoura na memoria. Amigo das letras, porém mais amigo ainda de sua fortuna ; devotado, a seu modo, á gloria, porém ainda mais á sua familia, se o fazendeiro nestas condições se faz politico e vem ao parlamento, o que não é raro, fornece aos olhos do publico o singular amalgama de ingenuidade e estreiteza de vistas, de devotamento e egoismo, de coragem pilherica e de nullidade real.

O deputado, o roceiro letrado tem emperramentos n'alma, é conservador, é assustadiço contra os desejos progressivos de seu tempo, e desafoga-se em praguejamentos, inoffensivos quando envoltos em anecdotas, ridiculos quando encapados em raiva. Modernamente o senador Martinho Campos foi o mais perfeito typo d'este genero.

A nota predominante no autor da *Historia da America Portugueza* é o patriotismo ; elle amava este paiz ; o seu livro é uma especie de hymno patriotico.

Como poesia resente-se de um grandissimo defeito : uma forma insupportavel pelas antitheses, amplificações, luxo de tropos inchados e de prolixidades intoleraveis. Assim me exprimindo, sei que pecco por singularidade ; porquanto a maneira de escrever do autor bahiano tem sido geralmente exaltada. De seu livro disse Varnhagen « que se recommenda pela riqueza das descripções e elevação do estylo, que ás vezes são taes, que mais parecem de um poema em prosa... » — Não é de espantar que assim falasse o finado Visconde de Porto Seguro, que se prestou bons serviços ás nossas letras, por desencavar dos archivos europêos varios documentos valiosos para nossa historia, foi sempre um máo apreciador

em materia de estylo. Ainda nos regalava com a *prosa poetica*, irman digna da *poesia prosaica*, segundo Scherer.

No livro do historiador bahiano o que hoje interessa é o seu alcance moral. Apparecido n'um tempo em que se começava a dissipar a lenda da inferioridade originaria do brasileiro diante do portuguez, a obra de Pitta, por seus idyllios sobre a natureza physica d'esta porção da America, seu enthusiasmo por nossos feitos, foi como uma especie de tela em que se acharam debuxados o nosso valor, nossas acções e nossas esperanças. Sem ter bebido em fontes amplas e salubres, sem ter avigorado pela critica a sua narrativa, o autor bahiano, prestou a sua patria o immenso serviço de retratal-a n'um esbôço em certo sentido exacto e util para o seu tempo.

Um escriptor nosso, Capistrano de Abreu, traçou de Pitta uma figura, que é bem fiel ao original. Por isso aqui insiro desse retrato os traços seguintes :

« O desejo de produzir effeito ramifica-se por toda a *Historia da America Portugueza*. Desde o começo a auctor prende a fundação do imperio lusitano a Tubal, e a sua ampliação a Luso e Lysias.

A proposito de D. Sebastião, enumera todos os reis de Portugal.

Aproveita-se da guerra hollandeza para descrever os Paizes Baixos e traçar a sua historia desde Balduino, conde de Flandres. Para provar que conhece a historia da Igreja, dá a lista dos santos e heresiarchas do seculo XIV. Aqui compara a apparição de Ourique com as graças concedidas a Clodoveo, rei de França, a Constantino, imperador de Roma, a Garcia, rei de Navarra, a Tiberio, imperador de Constantinopla. Ali diz as especies de triumphos entre os Romanos ; confronta com os *Palmares* as guerras servis e o rapto das Sabinas. Origem da polvora, genealogias, horoscopos, theologia, tudo desfila por suas paginas, antes para mostrar o saber do auctor do que para esclarecer o assumpto. Este sestro de mostrar saber, que era geral entre todos os que escreveram no Brasil, tanto que muitos livros foram escriptos em latim, italiano, portuguez e castelhano, complicava-se em Rocha Pitta

de uma circumstancia especial : elle fôra nomeadio socio da Academia de Historia, recentemente fundada em Lisbôa......

Em falta de espirito critico, que em commum com os seus contemporaneos, Pitta não possuia, elle trouxe para a sua historia as inspirações de um forte patriotismo.

Amava a sua patria como artista, pois era um espirito de tendencias muito artisticas o de nosso auctor, principalmente quando não se punha nas pontas dos pés para parecer maior, ou engrossava a voz para falar mais alto....... Elle amava tambem a patria como homem, e o facto de se entregar ás pesquizas dos seus annaes, o prova bastante. Mas a idéa de independencia não lhe sorria ; quando tratava de qualquer symptoma separatista, a sua sympathia nunca estava com os brasileiros. Desejava vêr o Brasil unido a Portugal, collaborando na mesma faina, sendo o mais brilhante engaste de sua corôa, gozando talvez de direitos iguaes, mas de nenhum modo autonomico.

Nem póde conceber-se que outros fossem seus senimentos. Rocha Pitta era rico ; de Portugal recebera grandes distincções ; lá residira por algum tempo ; era um *saciado*. » (1)

Não se lhe deve querer grande mal pelos dous vicios capitaes que lhe nota o critico : o desejo de mostrar saber e o lusismo.

Do primeiro, todos nós somos em excesso achacados. Ainda hoje, para tratar de qualquer bagatella, contamos a historia do mundo desde a sua origem, e revolvemos todas as sciencias, sempre superficialmente é certo. Ainda hoje temos muito quem deixe a sua lingua para escrever especialmente em francez......... A segunda molestia consumiu a muita gente ainda um seculo depois de Rocha Pitta e ainda agora ha quem lastime do fundo d'alma a nefanda politica que não soube conservar unidos dous povos, que o deviam ficar eternamente.........

Em todo aso, Pitta era mais do que um patriota ; era um *chauvinista*. A elle se deve a celeberrima descripção do Brasil, velha canção que tomamos a serio, e embriaga-nos

(1) *Gazeta de Noticias*, de 23 de março de 1880.

ainda hoje com um orgulho descomedido. Aqui é transcripta como exemplo do estylo do escriptor e amostra do *nativismo* do tempo :

« Do Novo-Mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com as suas navegações, Hercules Lybico com as suas columnas, nem Hercules Thebano com as suas emprezas, é a melhor porção o Brasil : vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo e os seus mares o ambar mais selecto ; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza, se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo, apura a arte, brotando as suas cannas exprimido nectar, e dando a suas fructas sazonada ambrozia, de que foram mentida sombra o licor e a vianda, que a seus falsos déuses attribuiu a culta gentilidade.

Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madruga mais bella a aurora; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos mais brilhantes ; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres ; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros ; as aguas ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras ; é emfim o Brasil terreal Paraiso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios ; domina salutifero clima ; influem benignos astros, e respiram auras suavissimas, que o fazem fertil, e povoado de innumeraveis habitadores, posto que por ficar debaixo da torrida zona o desacreditassem e dessem por inhabitavel Aristoteles, Cicero e Plinio, e com gentios os padres da igreja Santo Agostinho e Beda, que a terem experiencia d'este feliz orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, onde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dê as azas, e a sua grandeza me dilate a esphera.

Jaz o opulento imperio do Brasil no hemispherio antartico,

debaixo da zona torrida, correndo do meio d'ella (em que começa) para a parte austral ao tropico de Capricornio, d'onde entra na zona temperada meridional grandissimo espaço. E' de fórma triangular ; principia pela banda do norte no immenso rio das Amazonas, e termina pela do sul, no dilatadissimo rio da Prata ; para o Levante o banham as aguas do oceano Atlantico ; para o occidente lhe ficam os reinos de Congo e Angola, e tem por antipodas os habitadores da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca.

Na sua longitude grandissima contam os cosmographos mil e cincoenta leguas de costa, as mais formosas que cursam os navegantes ; pois em toda ella, e em qualquer tempo estão as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos, e vestidos de roupas, e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis caudalosos rios, que em copiosas e diafanas correntes precipitam crystaes nas suas ribeiras ou levam tributo aos seus mares, em que ha grandes enseadas, muitos e continuados portos capacissimos dos maiores baixéis, e das mais numerosas armadas.

A sua latitude pelo interior da terra é larguissima : mais de quatrocentas leguas se acham já cultivadas com as nossas provações, sendo muitas as que estão por descobrir. Este famoso continente é tão digno das suspensões humanas, pelas distancias que comprehende, pelas riquezas que contem, como pelas perspectivas que mostra; porque até em algumas partes, em que por aspero parece impenetravel, aquella mesma rudeza, que o representa horrivel, o faz admiravel.

A formosa voriedade de suas fórmas na desconcertada proporção dos montes, na conforme desunião das praias, compoem uma tão igual harmonia de objectos, que não sabem os olhos aonde melhor possam empregar a vista. — Com inventos notaveis sahiu a natureza na composição do Brasil ; já em altas continuadas serranias, já em successivos dilatados valles; as maiores proporções d'elle fez fertilissimo, algumas inuteis ; umas de arvoredos núas, expôz ás luzes do sol, outras cubertas de expessas mattas, occultou aos seus raios ; umas creou com disposições, em que as influencias dos astros acham qualidades proporcionadas á composição dos mix-

tos, outras deixou menos capazes dos beneficios das estrellas. Formou dilatadissimos campos : uns partidos brandamente por arroios pequenos, outros utilmente tyranisados por caudolosos rios.

Fez portentozas lagôas, umas doces e outras salgadas, navegaveis de embarcações e abundantes de peixes : estupendas grutas, asperos domicilios de féras ; densos bosques, confusas congregações de caças, sendo tambem d'este genero abundantissimo este terreno ; no qual a natureza por varias partes depositou os seus maiores thesouros de finos metaes e pedras preciosas, e deixou em todo elle o retrato mais vivo e o mais constante testemunho d'aquella estupenda e agradavel variedade, que a faz mais bella. » (1)

Ahi está Rocha Pitta inteiro ; é elle e seu tempo ; são suas idéas e é o estylo da época.

E, todavia, não se lhe póde recusar um certo vigor de descripção e, de longe em longe, algumas expressões bem felizes.

N'esse ponto, nas enumerações das grandezas naturaes do Brasil, o velho historiador ainda não foi ultrapassado. Foi ahi um precursor de nossos romanticos, os quaes não têm feito mais do que glosar a sua classica descripção. Aquelle fragmento é typico ; por isso o transcrevei integralmente.

Este capitulo deve ser encerrado pela contemplação de dous notaveis brasileiros : os illustres irmãos Gusmões.

O mais velho — BARTHOLOMEU DE GUSMÃO — nasceu em Santos em 1685. Transportado para a Europa, foi ali o inventor dos balões aerostaticos antes dos Mongolphiers. Seu invento não se vulgarisou, por causa da profunda inepcia dos basbaques de seu tempo, que o ridicularisaram, appellidando-o de *Padre voador*, etc..... Uns o tacharam de louco e outros de ter pacto com o *diabo*.

A poetagem do tempo cahiu-lhe em cima, distinguindo-se entre todos o mediocre Pinto Brandão, de que ninguem hoje mais se lembraria, se o proprio Gusmão não lhe conferisse

(1) *Historia da America Portugueza*, edição da Bahia, de 1878; capitulo I, pags. 2 a 7.

até certo ponto a immortalidade. Em 1709 praticou o padre Bartholomeu Lourenço — o seu invento, fazendo experiencias em Lisboa diante da côrte.

Pinto debicou-o em decimas e sonetos. Eis aqui um specimen :

« Bartholomeu Lourenço é hoje o alvo
Dos discursos da Côrte, e as inferencias
Resolvem ter do demo intelligencias,
E que estas o fizeram pôr em salvo, etc.

« Credito dará Lisboa —
Ao que agora não deu,
Pois o tal Bartholomeu
De que voou, fama vôa, etc. » (1)

Bartholomeu de Gusmão é indubitavelmente o auctor dos aerostatos. O illustre paulistano morreu ingloriamente em Toledo em 1724. (2)

ALEXANDRE DE GUSMÃO, nascido em Santos em 1695, fez-se notavel como homem de Estado.

Foi no faustoso reinado de D. João V, o rei beato e languoroso, que os illustres brasileiros, Pitta, Antonio José, Bartholomeu e Alexandre de Gusmão se desenvolveram. Pitta especialmente de 1720 a 1738, Bartholomeu de 1710 a 1724, Antonio José de 1726 a 1739 ; Alexandre de 1730 a 1750. Foram, pois, contemporaneos em Lisboa estes notaveis espiritos e alguns d'elles, senão todos, conheceram-se entre si.

No mundo do pensamento e da politica os brasileiros figuravam ; Alexandre foi secretario de Estado.

Nesta qualidade opinou que o quinto do ouro fosse substituido por uma capitação fixa sobre o numero de escravos empregados nas lavras, para evitarem-se as fraudes ; traba-

(1) Vid. *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. I, fasciculo 1°.

(2) Vid. *Da vida e feitos de Alexandre e de Bartholomeu de Gusmão* pelo Visconde de S. Leopoldo, Rio de Janeiro, 1841; e a *Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação brasileira a invenção do Aerostatos*, por Francisco Freire de Carvalho. Tudo na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

lhou na confecção do tratado de limites com a Hespanha em 1750 ; fez esforços para a colonisação de Santa Catharina e do Rio Grande, e outros fatos notaveis. E' o auctor de muitos opusculos e memorias de assumpto politico e economico. Escreveu tambem algumas poesias. Morreu em 1753 em Lisboa.

Não sou, não quero ser o que se chama um *chauvinista*. Não o desejo ser; porque entendo que, ao compararmo-nos com o grande mundo culto, muito pouco somos. E' preciso que em familia nos censuremos duramente para correcção nossa. Em face, porém, da velha metropole devemos sustentar os nossos creditos.

Desde agora claro se torna, que a acção do governo da monarchia para administrar a colonia é já tão complicada, tão vasta, que elle ha mister do auxilio e dos conselhos de brasileiros, isto é, de especialistas para o conduzirem na empreza.

Este é o papel de Alexandre de Gusmão na historia; é um nosso auxiliar directamente n'aquillo que fez a nosso favor, e indirectamente pela acção moral que exerceu sobre a côrte.

Cada brasileiro, que se tornava illustre, era um laço mais que se rompia entre nós e o velho reino ; era a força autonoma da colonia que se tonificava.

Tal o traço mais vivo da physionomia dos Gusmões. (1)

(1) Vide, no *Brasil Historico*, a *Carta de Alexandre de Gusmão a Antonio Pedro de Vasconcellos*, em defeza do tractado de limites de 1750 que este havia atacado : 2.ª serie — 1867, T. 2º.

LIVRO III

SEGUNDA ÉPOCA OU PERIODO DE DESENVOLVIMENTO AUTONOMICO

(1750-1830)

CAPITULO I.

Escola mineira : Poesia epica.

E' agora o momento decisivo de nossa historia : é o ponto culminante ; é a phase da preparação do pensamento autonomico e da emancipação politica.

Qualquer que seja o destino futuro do Brasil, quaesquer que venham a ser os accidentes de sua jornada através dos seculos não será menos certo que ás gerações, que, nos oitenta annos de 1750 a 1830, pelejaram a nossa causa, devemos os melhores titulos que possuimos.

Eu não sei qual será o accôrdo possivel entre as duas maneiras oppostas de encarar a historia, aquella que faz predominar a acção do exterior sobre o homem, e aquella que dá a vantagem á acção moral, ao factor humano sobre o meio. Parece-me haver em ambas ainda um residuo de metaphysica e de *parti pris*.

Não resta a menor duvida que a historia deve ser encarada

como um problema de biologia; mas a biologia ahi se transforma em psychologia e esta em sociologia ; ha um jogo de acções e reacções do mundo objectivo sobre o subjectivo e vice-versa; ha uma multidão de causas mobeis e variaveis capazes de desorientar o espirito mais observador.

Para contrabalançar as influencias hereditarias da raça, por exemplo, existem as influencias transmittidas pela educação, pela seleção artistica da cultura. Com relação ao Brasil, parece-me que se illudiria, quem procurasse vêr em sua historia somente a acção do meio physico e a acção de nossas raças chamadas inferiores ; porquanto a cultura fornecida pelos portuguezes a estas ultimas, com ser um elemento puramente moral, não deixa de ser um factor, e justamente o mais importante de nossa vida de nação. Em taes condicões a nossa philosophia historica, portanto, consistirá em marcar a lei do fluxo e refluxo d'estas causas e influencias diversas, acção e reacção de umas sobre outras, a justaposição do elemento moral sobre o elemento mesologico e ethnico. Essa lei de psychologia nacional não é outra sinão a lei geral da transformação das especies, a lei da adaptação e da selecção natural sustentada por uma raça que emigrou para um meio diverso do seu *habitat* anterior.

Mas isto é ainda muito vago ; resta saber até que ponto esta raça se modificou e até que ponto se modificaram aquellas com que se poz em contacto. E' impossivel marcar o limite maximo do primeiro facto. E' evidente que o luso-brasileiro é differente do seu ascendente europeu ; mas, por outro lado nesse terreno as differenças nunca são radicaes nos tempos modernos, attenta a actual tendencia humana para o nivelamento cosmopolitico.

Quanto ao segundo problema, a transformação dos povos com que o portuguez se poz em contacto, dous factos parecem firmados definitivamente : a desapparição progressiva, postoque lenta, das duas raças inferiores e a sua integração em um producto novo pela mestiçagem. Em rigor, não ha a perda daquellas duas raças ; ha a transformação dellas. O desapparecimento das duas fórmas é resgatado por uma producção nova. Mas, como se viu, o portuguez não ficou

incolume á acção modificadora do meio ; elle tambem se transformou.

O espectaculo de nossa historia, pois, é o da modificação de tres povos para a formação de um povo novo ; é um espectaculo de transformação de forças ethnicas e de aptidões de tres culturas diversas, de tres almas que se fundem.

A sua lei póde ser formulada por esta synthese : — *No Brasil a tendencia separatista dos tres povos diversos foi se tornando em tendencia centralisadora ; a principio pela acção do mais forte, levada a effeito pela escravidão ; mais tarde pelo advento de gerações novas e crioulas, presas por interesses communs, como, por exemplo, a necessidade de defeza contra as aggressões estrangeiras, e hoje em dia pela consciencia clara de sermos um povo que deve ficar unido para não tornar-se a presa do caudilhismo americano.*

Por outros termos : *Postos em contacto tres povos no Brasil, as tendencias perturbadoras e anarchicas de cada um estiolaram-se por falta de exercicio, condição esta imposta pela força ; créaram-se, depois, necessidades novas, que acharam um orgão natural no mestiço, representante do trabalho lento da transformação ethnica, consciente, elle proprio, de ser o dono e o senhor de uma patria nova, que lhe cumpre defender.*

A historia da litteratura brasileira não passa, no fundo, da descripção dos esforços diversos do nosso povo para produzir e pensar por si ; não é mais do que a narração das soluções diversas por elle dadas a esse estado emocional ; não é mais, em uma palavra, do que a solução vasta do problema do nacionalismo.

Quer se queira, quer não, esse é o problema principal de nossas letras e dominará toda a sua historia.

O nosso defeito passageiro nessa esphera tem consistido em confundirmos um problema de critica e de historia com uma these de esthetica litteraria. Ao critico e ao historiador é que compete indagar das condições de nosso nacionalismo. Os poetas não se devem metter nisso. Do poeta só uma cousa se póde exigir : é que tenha talento. Quanto ao mais, deve sempre escrever sem se preoccupar se é nacional ou não ;

porque, se procurar sel-o á força, falsificará desde logo a sua intuição. Não é nacional quem o quer ; é nacional aquelle que a natureza o faz, ainda que o não procure ostensivamente.

Exemplos para esclarecer : Gonçalves Dias é mais brasileiro quando deixa ver o seu sentimento directo, sem affectação, como na poesia *Os seus olhos*, do que quando se faz erudito e escreve o *Y-Juca-Pirama*. Tobias Barretto é o mais quando mostra todo o seu calor, toda a turbulencia de sua imaginação nos *Vôos e Quedas* ou no *Genio da Humanidade* ou nos *Voluntarios Pernambucanos* do que nos *Tabaréos*.

N'um caso o nacionalismo é mais subjectivo, está mais nas idéas ; no outro é mais exterior, está mais nos factos.

Veja-se bem : não é que os assumptos indianos, africanos, sertanejos, matutos, tabaréos, regatões, etc., devam ser banidos de nossa poesia. Não ; na poesia ha logar para cem systemas e duzentos estylos.

O que desejo é que o nacionalismo esteja mais no fundo d'alma do que na escolha do assumpto.

Gœthe é mais allemão no *Faust* do que em *Hermann e Dorothéa* ; mais no *Divan* do que em *Gœtz de Berlinchingen*. Em uma palavra, um caracter nacional não se procura, não se inventa, não se escolhe ; nasce espontaneamente, bebe-se com o leite da vida, respira-se no ar da patria.

E nós temos esse caracter nacional. Eu não o saberei talvez definir com precisão ; mas elle existe e não me engano onde quer que o encontre.

Não se deprehenda d'ahi, repito, que desejo a eliminação dos assumptos nacionaes. Insisto nesse ponto para ser bem comprehendido.

O que eu desejo é que o nacionalismo passe do anhelo vago para o facto subjectivo, que elle appareça espontaneo. O poeta póde mostrar-se brasileiro tanto no manejo de um assumpto geral, universal, quanto no trato de assumptos nacionaes. Pelo que toca a estes, porém, querer, por uma exageração negativa, eliminal-os, fôra o mesmo que exigir do francez que não fale mais de suas *scenas parizienses* ; do allemão que não mais se occupe com as suas *lendas nacionaes*, com seus *costumes da Floresta Negra* ; do inglez

que deixe de lado o caracter de seu povo, suas *lendas bretans*, *saxonicas* e *escocezas*; do russo que não se lembre mais dos seus *steppes* e do seu *nihilismo*; do hespanhol que não fite mais os olhos nas *andaluzas*...

E não seria isto uma bem singular exigencia (1)?!...

(1) Sobre a questão do *nacionalismo litterario*, já por mim estudada nos *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil* e na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna* cheguei a estas conclusões :

1.ª Qualquer que seja a razão da differença das raças, é certo que esta differença existe e sobre ella se fundam a linguistica, a mythographia, a sciencia pas religiões, a anthropologia e a propria historia;

2.ª Tal diversidade manifesta-se tambem nas litteraturas e, por isso, a determinação do caracter nacional nas letras não é um capricho; senão a comprovação de um facto;

3.ª Um caracter nacional, porém, não se inventa; nasce espontaneamente e como tal se manifesta na litteratura, ainda contra a vontade dos escriptores e sem que seja adrede procurado;

4.ª Entre nós o *nacionalismo* tem sido em parte exterior e tem atravessado duas phases distinctas : a de uma *raça* predilecta, representada especialmente pelo *caboclo*, e depois a de *classes*, ou categorias particulares da população, como o *sertanejo*, o *matuto*, o *tabaréo*, etc.;

5.ª Hoje se deve comprehender que não é propriamente na escolha desses assumptos, aliás legitimos, que está o caracter nacional;

6.ª Este póde e deve apparecer ainda nos assumptos geraes; pois nós tambem devemos pugnar pelas conquistas da civilisação, levando para a lucta nossas qualidades nativas, boas ou más;

7ª. Na collisão porém entre a copia servil do *francesismo* ou de um *estrangeirismo* qualquer, no fundo e na forma, e a escolha de assumptos puramente *locaes e brasileiros*, estes são mil vezes preferiveis; pois, ao menos externamente, revelam que são nossos, somente nossos;

8.ª As qualidades intrinsecas do povo brasileiro são ainda difficeis de determinar, attenta a nossa ainda pequena cohesão historica e ethnologica; os primeiros lineamentos dellas, porém, já começam a apparecer;

9.ª Essas qualidades do caracter ethnico são a base e a força de nosso nacionalismo litterario; incumbe á critica preparar a genuina interpretação de nossa historia, de nossas tradições de todas as procedencias e fortificar o sentimento dos poetas, novellistas e dramaturgos pelo conhecimento exacto do passado nacional;

10.ª Nesta averiguação deve a critica proceder com a maior imparcialidade, despindo-se dos prejuizos sociaes; indicar o que pertence a cada uma de nossas origens, sem o predominio de uma sobre outra, mostrando qual o valor da contribuição de todas ellas e como o verdadeiro caracter nacional é o resultado final da acção de todas;

11.ª Pelo estudo até agora feito dessas contribuições, entendo que ellas devem ser encaradas por duas faces : a da *historia* e a da *actualidade*. Naquella o factor mais forte foi o *portuguez*; occupa o segundo lugar o *africano* e o terceiro o *indio*: nesta o primeiro vem a ser o *branco* filho do paiz e seu parente o *mestiço*; o segundo o *negro*, filho tambem da terra, e o terceiro em pequena escala o *caboclo* actual, recolhido ao alto interior;

Estas idéas preliminares vêm-me a proposito do estudo da grande epoca que se vae agora atravessar.

O nosso nacionalismo no seculo XVI era ainda muito superficial.

Quasi nullo, consistia apenas na descripção da natureza

12.ª Em futuro mais ou menos remoto estas duas formas inferiores desapparecerão, ficando os brancos em face dos *mestiços* mais ou menos variados, que os excederão consideravelmente em numero, e que, cada vez mais depurados com o auxilio destes mesmos brancos, acabarão por igualar-se-lhes, tomando-lhes, a côr e confundindo-se com elles. São estas as conclusões dos factos.

Alguns auctores, ainda sob o dominio de certos preconceitos, negam todo e qualquer valor intellectual, ethnologico e social ao *mestiço*. Isto por duas razões capitaes : 1ª os nossos maiores talentos, como José Bonifacio, Silva Lisboa, Alexandre Rodrigues Ferreira, Arruda Camara, etc. ; foram *brancos*; 2ª o mestiço é um *hybrido*, é fraco e tem a esterilidade de todo e qualquer outro congenere animal. Illudem-se. Em primeiro lugar não é a *superioridade* intellectual do *mestiço* sobre o *branco* que se quer provar neste livro. O que se quer tornar patente é que o branco para supportar a lucta pela existencia no meio brasileiro, para adaptar-se á sua nova patria teve de reforçar-se com o sangue das raças tropicaes. Dahi o cruzamento e dahi o mestiço, que, como producto de uma adaptação, já é por si mais proprio para o meio, e, se é inferior ao branco pela intelligencia, é-lhe superior como agente de differenciação, como elemento para a formação de um typo *nacional*. José Bonifacio poderia ter mais talento do que Gonçalves Dias, é possivel que tivesse, do que aliás duvido; mas com certéza não era mais *brasileiro*, mais *nacional* do que o grande poeta maranhense. Afinal é o branco que virá a prevalecer; porque elle é que nos trouxe a civilisação; mas para assegurar esta mesma victoria, para formar uma nacionalidade forte neste meio, elle teve de diluir-se na *mestiçagem*, teve de alterar a pureza de seu sangue, se é que neste seculo que determinou a origem humilde da pobre humanidade, ainda tenhamos necessidade de falar em *pureza de sangue*, e outras velhas phrases mysticas e vazias. Quanto a chamar o mestiço de *hybrido*, é um desses immensos lapsos em que ás vezes cahem até os grandes talentos. E' formar um conceito contra os factos a respeito da ideia de *especie*, dando-lhe um valor que não tem, é alçar á categoria de *especies* inteiramente distinctas as variedades da familia humana; é affirmar nesta a existencia de hybridos contra a observação quasi unanime de todos os tempos e contra o ensino de todas as sciencias anthropologicas; é, finalmente, ainda dar importancia ao velho argumento da hybridação contra o transformismo das especies, cançado reducto que já voou pelos ares. Todas as variedades humanas são entre si fecundaveis, e os descendentes desses cruzamentos são-no igualmente. Se jamais existiu povo intelligente e progressivo sobre a terra, esse povo foi a nação grega. Basta lêr-se a prodigiosa obra historica de Ernesto Curtius sobre aquella nacionalidade para ter-se a prova do immenso affluxo de sangue altaico e semitico que se mesclou á seiva daquelles adoradores de Apollo. Mas ouçamos o grande Hæckel : « A noção de *especie* não tem mais valor physiologico. A este respeito devemos notar particularmente que a

e do selvagem. Póde-se vêl-o nos chronistas, especialmente em Anchieta na sua celebre carta em que descreve nossas plantas, animaes, etc. No seculo XVII, esse nacionalismo é mais activo, affirma-se nos factos de um lado com a espada nos Guararapes, e, de outro, com a penna nas satyras de Mattos. Ahi já não entra só a natureza e o caboclo ; entram todos. Na primeira metade do seculo XVIII elle já quer invadir a politica em Alexandre de Gusmão; mas ainda é bastante exterior em Frei Itaparica. Mais tarde é, no tempo de que se trata, a alma inteira da nação, que se desfaz em jubilo diante de nossas tradições.

Ahi já não apparecem isolados a natureza e o caboclo. Apparecem a historia com todas as suas luctas, o passado com todos os seus feitos ; indios, brancos, negros, sólo, natureza, lendas, aspirações, a vida, o povo em summa... Claudio, Basilio, Durão e Gonzaga, são os primeiros espiritos poeticos de seu tempo na lingua portugueza, como Hippolyto da Costa, Cayrú, José Bonifacio, Conceição Velloso, Arruda Camara, Azeredo Coutinho — são os seus mais illustres pensadores. Não é exaggero ; dous dos mais encomiados escriptores portuguezes modernos o reconhecem. Theophilo Braga, depois de dizer que os nossos auctores chegaram a influir na poesia portugueza, accrescenta : « quando o seculo se apresenta exhausto de vigor moral e de talento é da colonia, que se agita na aspiração da sua independencia, que lhe vem a seiva das naturezas creadoras. » (1) Oliveira Martins

propria questão da geração dos *bastardos*, ultimo refugio de todos os defensores da constancia da *especie*, perdeu hoje toda significação. Numerosas e seguras experiencias ensinaram-nos, primeiro, que duas *boas especies* differentes cohabitam e podem produzir *bastardos fecundos*. Em segundo logar, é tambem um facto não menos certo, que os descendentes de uma só e mesma *especie* que, segundo o dogma da antiga escola, deveriam sempre ter uniões fecundas, ou não cohabitam, ou só procrêam bastardos infecundos. » *Provas do Transformismo*, pag. 30 da traducção franceza.)

Nas raças humanas, além de tudo, não existe o phenomeno caracteristico e provado do hybridismo. Deixemo-nos de exageros pró ou contra as populações cruzadas ; nem são tão maravilhosas, como alguns as pintam nem tão fracas e debeis, como outros as querem representar. Um meio termo é a verdade.

(1) *Manual da Historia da Litteratura Portugueza*, pag. 143 da 1.ª edição.

escreve : « A maxima prova da constituição organica do Brasil no seculo XVIII é a sua fecundidade intellectual, que progride no principio de nossa era. Brasileiros eram na maxima parte os sabios e litteratos portuguezes de então. » (1) Esta é a verdadeira comprehensão da historia, testemunho tanto mais insuspeito, quanto sabemos qual a ogeriza que nos votam patrioticamente Camillo Castello Branco e seus muitos sequazes.

O desenvolvimento da colonia foi quasi em tudo um facto conquistado a esforços nossos contra a vontade expressa do governo portuguez. Ainda em fins do seculo XVIII sua indisposição contra o desenvolvimento do Brasil era notoria. A typographia de Izidoro da Fonseca, estabelecida no Rio de Janeiro, foi queimada por ordem da metropole. O alvará de 5 de janeiro de 1785 extinguiu as fabricas de manipular o ouro e a prata, e as de manufacturar a sêda e o algodão, estabelecidas n'esta terra.

Ainda em 1809 o governo prohibiu que se annunciassem livros sem a sua licença. (2)

« O Brasil, escreveo o velho Mello Moraes, sentia nos tempos coloniaes a maior oppressão e veixame possiveis, porque até dotava as filhas dos reis, quando se casavam, a titulo de donativo voluntario, e todos eram obrigados a cobrir-se de luto pesado, quando qualquer pessoa da familia real perecia, vindo da metropole a indicação do estofo que se devia usar, sem excepção dos proprios mendigos. O brasileiro não passava de frade, soldado, marinheiro ou agricultor. Na milicia não passava de tenente, porque n'esse posto não se dava patente. Os fidalgos e os magistrados pobres eram mandados para o Brasil afim de enriquecer com os casamentos vantajosos, ou por meio de extorsões.

As artes e as sciencias eram prohibidas, como era prohibida a entrada de livros que pudessem instruir os talentos brasileiros. » (3)

(1) *O Brasil e as Colonias*, pag. 106.
(2) Vide-Moreira de Azevedo — *Apontamentos Historicos*; pags. 14 e seguintes.
(3) Mello Moraes (pai) *A Independencia do Imperio do Brasil*, pag. 63.

Nosso progresso foi, pois, conquistado quasi sempre a esforços nossos, amassado com as nossas lagrimas e com o nosso sangue. O Brasil desenvolveu-se por si. Invadido o interior pelos paulistas, descobertas as minas de ouro, rechaçados os estrangeiros da costa, fundadas as villas dos sertões, o progresso surgiu ; a nação estava feita. Alguns brasileiros tinham viajado a Europa; muitos tinham estudado em Coimbra. De volta á patria, espalhavam ahi as luzes. A idéa de independencia foi amadurecendo e em 1789 a *Inconfidencia* bruxoleou no céu de Minas. Até hoje temos tido dous methodos contradictorios de julgar nossas revoluções precursoras da independencia ou posteriores a ella. A Inconfidencia, e os movimentos de 17, 24, 48, etc., são cantados em dythirambos pelos espiritos exaltados ou são estigmatizados pelos reaccionarios. Além disto, aquelles que só reconhecem uma revolução quando n'ella o ferro e o fogo fazem a sua obra e o sangue jorra em borbotões, negam que no Brasil se tenham dado revoluções...

A verdade não é esta, nem aquelles são os methodos imparciaes da historia. Uma revolução justifica-se pela pureza de seus fins, e n'este sentido, a Inconfidencia e todas as mais merecem as nossas sympathias. A revolução mineira foi um desejo, um anhelo de poetas, abençoados sonhadores que tiveram ancias de crear para si uma patria livre, que tiveram a coragem de soffrer e morrer por ella... Quanto distavam elles dos poetas bajuladores que degradavam nas *Arcadias* portuguezas a dignidade humana!...

O seculo XVIII no seu final é altamente importante por dous factos capitaes que o dominam : a agitação politica que se affirma na revolução franceza e a agitação litteraria e scientifica que se resolve no romantismo allemão, precursor do romantismo inglez e francez, e na critica de Lessing, de Wolf, de Herder, de Kant, de Winkelmann, os grandes guias do pensamento germanico.

No Brasil as duas tendencias apparecem desde logo : a politica se mostra na *Inconfidencia* e a romantica no *Caramurú* e no *Uruguay*.

Nós não tinhamos uma antiguidade, nem uma idade

média. A primeira foi posta na vida indigena anterior á descoberta, e a segunda no primeiro seculo da conquista. O selvagem rude symbolisa aquella; Diogo — o Caramurú, pio e cavalheiresco, symbolisa esta. Ha alguma cousa de facticio em tudo isto; mas ha tambem alguma cousa de real. Foi o momento mais notavel da existencia do Brasil e é esta a razão porque Bazilio e Durão estão ainda hoje entre os nossos melhores poetas.

Collocados ao meio da phase colonial e da phase livre do paiz, elles têm a consciencia de nossos destinos e presidem ao alvorecer de nossa vida de nação. Um mostra a morte do jesuita e do indio, indica que um povo livre sobre elles devia apparecer; o outro aponta a marcha da colonisação, a formação de uma nova ordem de cousas, a origem de nossas provincias, e tem a consciencia de uma nova patria.

Os poetas lyricos, Gonzaga, Claudio e os Alvarengas, caminham no mesmo terreno e possúem a mesma convicção. Tem-se dito muitas vezes que a litteratura brasileira d'esse tempo era uma imitação da portugueza, que os nossos poetas deixavam nossa natureza para decantar a da Europa.

Erro manifesto... A litteratura portugueza era então quasi nulla; nossos poetas nada tinham ali a imitar. Ao contrario, todos elles, epicos e lyricos, Durão ou Caldas Barbosa, eram genuinamente brasileiros. Uma ou outra referencia isolada á Europa não constituia a regra. Esta ideia nociva, que combato resolutamente, é oriunda dos falsos criticos que para exaltar o nosso tempo carregam a mão sobre a grande epoca de Basilio. O absurdo é patente.

E' como se alguem dissesse erroneamente que imitamos hoje a litteratura portugueza sómente porque alguns folhetinistas plagiam Ramalho Ortigão, alguns poetas copiam Guerra Junqueiro e alguns novellistas macaqueam Eça de Queiroz. E' um facto isolado sem alcance serio.

A historia litteraria é uma das manifestações da historia social; as letras não são um luxo, senão uma necessidade organica da vida das nações.

Falem os factos. A capital do Brasil tinha sido transferida para o Rio de Janeiro.

Nos meiados e fins do seculo XVIII fundaram-se n'esta cidade, ad instar da Bahia, algumas sociedades litterarias. A mais antiga foi a *Academia dos Felizes* (1736); depois appareceu a dos *Selectos* (1752) mais tarde a *Sociedade Litteraria* (1786). (1) Na Bahia houve a *Academia dos Esquecidos* e depois a dos *Renascidos*, como já se viu.

De todas as sociedades litterarias da colonia — a mais celebre hoje é a *Arcadia Ultramarina*, cuja dacta de creação é desconhecida. Alguns a collocam no anno de 1780, outros em 1783. O certo é que em 1768 já Claudio se dizia *Arcade Ultramarino* (2). D'ella faziam parte, ao que se presume: *José Marianno da Conceição Velloso*, *Manoel de Arruda Camara*, *Domingos Caldas Barbosa*, *Antonio Cordovil*, *Baltazar da Silva Lisboa*, *José Ferreira Cardoso*, *João Pereira da Silva*, *Ignacio da Andrade Souto Maior*, *Domingos Vidal Barboza*, *Basilio da Gama*, *Alvarenga Peixoto*, *Marianno José Pereira da Fonseca*, *Santa Rita Durão*, *Gonzaga*, *Silva Alvarenga*, *Claudio Manuel da Costa* e outros.

Por maior que seja o pessimismo que se queira professar sobre os acontecimentos e os homens do Brasil, é força confessar que alguns d'esses nomes são verdadeiramente meritorios.

A sociedade litteraria, que talvez seja a mesma supposta *Arcadia Ultramarina*, foi creada no tempo e sob a protecção do Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza, um fidalgo portuguez, que parecia gostar de litteratura.

O Conde de Rezende, um despota terrivel, em 1794 dissolveu a sociedade e mandou encarcerar alguns membros d'ella residentes no Rio de Janeiro. (3)

Os melhores poetas do tempo constituem a celebre *escola mineira*, mais opulenta e significativa do que a escola bahiana do seculo XVII. São elles os melhores representantes do lyrismo e da epopéa no Brasil nos tempos coloniaes.

A riqueza era geral em Minas; o ouro superabundava.

(1) Antes fôra a Sociedade Scientifica.
(2) Vide Norberto e Silva, *Obras Poeticas de Silva Avarenga I*, pag. 110.
(3) Norberto Silva, idem, ibid. Moreira de Azevedo. Idem, ibid.

D'ahi a florescencia das povoações novas e o bem estar das classes mais elevadas da capitania.

No fim do seculo a colheita começara a escacear; mas o movimento já estava iniciado e chegava a seu termo.

Vejamos os principaes d'aquelles poetas e escriptores. Comece-se pelos epicos, que são o menor numero, tendo o especial cuidado de lêl-os em suas proprias obras; porque as transcripções feitas pelos criticos e historiadores são, n'elles ainda mais do que n'outros, muito improprias para fornecer uma ideia exacta do seu merito e dos seus defeitos.

Basilio, Durão, Claudio e Francisco Cardoso são os poetas epicos d'este periodo. Os dous ultimos, um com o *Villa Rica* e outro com seu poema sobre Tripoli, não merecem attenção demorada.

Cardoso foi um versejador em latim e Claudio é notavel sómente como lyrista.

José Basilio da Gama nasceu em S. José do Rio das Mortes em Minas em 1740. Estudou humanidades no Rio de Janeiro no collegio dos jesuitas, em cuja ordem foi noviço. Expulsos os padres da companhia, Basilio continuou seus estudos no Seminario de S. José. Passou-se depois a Portugal e d'ahi a Roma, onde foi professor n'um Seminario, e em cuja Arcadia foi admittido com o nome de *Termindo Sipilio*. De volta ao Rio de Janeiro, denunciado como jesuita, foi preso e remettido para Lisbôa, d'onde teria de sahir degredado para Angola.

Escreveu, então, uns versos encommiasticos a uma filha do Marquez de Pombal, cuja protecção implorava.

Foi perdoado e mais tarde elevado a nobre; depois nomeado official de secretaria.

Foi eleito socio da Academia de Lisboa; gozou largamente da protecção de Pombal; com a queda d'este, porem, soffreu perseguições da parte dos jesuitas.

Querem alguns que tenha vindo pelos annos de 1780, pouco mais ou menos, ao Rio de Janeiro, onde fundara a Arcadia Ultramarina. E' isto de todo incerto; esta sociedade já dantes

existia, se é que jamais com tal nome existiu, e nada ha de positivo sobre a terceira estada de Basilio no Rio de Janeiro (1). O certo é que o poeta falleceu em Lisboa aos 31 de julho de 1785 (2).

Basilio escreveu o *Quitubia*, a *Declamação Tragica*, o *Uruguay* e algumas peças lyricas.

Como lyrico é inferior a Gonzaga e a Claudio. A sua obra capital é o poemeto o *Uruguay* publicado em 1769. (3)

O poema epico é hoje uma fórma litteraria condemnada. Na evolução das letras e das artes ha phenomenos d'estes; ha fórmas que desapparecem; ha outras novas que surgem. Alem d'esta razão geral contra nossos poemas epicos, existe outra especial e igualmente peremptoria : o Brasil é uma nação de hontem; não tem um passado mythico ou se quer um passado heroico; é uma nação de formação recente e burgueza; não tem elementos para a epopéa. E' por isso que todos os nossos poemas são simplesmente massantes, prosaicos, impossiveis. *A Independencia do Brasil*, a *Confederação dos Tamoyos*, o *Colombo*, os *Tymbiras*, os *Filhos de Tupan*, a *Assumpção da Virgem*, o *Villa Rica*, e outros são productos mortos, inuteis. Nossos poetas são por essencia lyristas; não têm, não podem ter vôos para a epopéa. D'esse naufragio geral salvam-se apenas o *Uruguay* e o *Caramurú*. O que os protege é o seu tempo; appareceram a proposito; nem muito cedo nem muito tarde. Não era mais nos primeiros tempos da conquista quando ainda não tinhamos uma historia, não era tambem nos tempos recentes, em meio de nossa vida mercantil e prosaica. Era no seculo XVIII, quando a colonia sentia já a sua força, sem as suas desillusões.

Eis porque o *Uruguay* e o *Caramurú* serão sempre lidos, cada vez mais lidos pelos brasileiros; é que representam um certo passado para o qual já nos voltamos com orgulho.

Pela comprehensão historica e pelo assumpto, o *Uruguay*

(1) Vid. — *Obras Poeticas de S. Alvarenga*, pag. 49, 1° vol.

(2) F. Wolf — pag. 53; Varnhagen, I, pag. 397.

(3) Basilio escrevia *Uraguay*.

é inferior ao *Caramurú;* excede-o porém pelo estylo, pelo brilho da fórma.

O *Uruguay* exprime a opposição ao jesuita, a condemnação de seus methodos, de sua politica, de sua educação. Refere-se a esse celebre incidente historico de nossos limites no sul com as antigas possessões hespanholas.

O enredo é magro; uma certa vivacidade de fórma imprime-lhe o cunho de obra duravel. E' o estro lyrico dos brasileiros applicado ao poema.

Basilio era um *trigueiro* filho de Minas; tinha em meio do classismo pôdre da Europa occidental o sentimento americano. Os seus indios são vencidos pelos portuguezes como uma especie de preito á verdade historica; mas occupam a melhor parte do poema e são descriptos com particular attenção. Ha um momento em que o velho genio indigena borbulha de colera e exprime o seu odio aos europêos. E' quando diz Cacambo :

« Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós ! Ah ! não debalde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço immenso d'aguas !... »

O fim ostensivo do poema era atacar os jesuitas; o seu resultado inconsciente, descoberto agora pela critica, foi dar plena entrada ao indigena na poesia, fazel-o luctar ahi face a face com o europêo, mostral-o em seus costumes, suas tradições, seu genio; apresental-o como gente espoliada pela *perfidia de Europa.* A expressão não é minha, é de Basilio. (1) Uma vez postas as cousas n'este terreno, uma vez que ainda no fim da segunda metade do seculo XVIII havia indios capazes de embargar o passo aos europêos, uma consequencia sahia por si mesma dos factos e sahia das paginas do poema : os portuguezes não eram tudo na America; os aborigenes não tinham sido exterminados; sob a fórma exterior de nossa civilisação européa ahi estava latente o velho amago indigena...

(1) *Uruguay*, pag. 25; edição do Rio de Janeiro de 1855.

O defeito capital de Basilio, n'esse ponto, foi o defeito capital de seu tempo em historia. O seculo XVIII não conheceu de modo nitido o grande principio das raças, das nacionalidades, um dos mais importantes da critica no seculo XIX. Por isso Basilio não insistiu conscientemente n'este sentido; nem elle conhecia as condições ethnicas do Brasil.

Se occupou-se com os indios, foi mais por effeito de uma tradição da poesia brasileira, ou por effeito de uma intuição divinatoria. Esta falta, porém, que se nota no livro, como poema de uma raça, sob o ponto de vista indiano, realça-lhe o valor sob o ponto de vista *brasileiro*. Sim; Basilio não era *caboclo* e não podia ser exclusivamente o cantor de um povo que não era o seu. E' este o eterno embaraço com que lutam os nossos poetas, que se occupam do *indio* ou do *negro*. Aquelles, que o têm emprehendido, são *brancos*, ou são *mestiços* em que predomina o sangue branco. D'ahi um certo desequilibrio inicial e organico. D'ahi não conhecerem a fundo o seu assumpto, nem se apaixonarem completamente por elle. D'ahi serem seus productos mais ou menos frios, mais ou menos *eruditos*. Gonçalves Dias era um *mestiço* de sangue branco e indio; não quiz comprehender que a genuina vida nacional do brasileiro não é a do caboclo estreme, nem a do portuguez puro.

Por isso elle nos fornece o espectaculo de uma personalidade dupla. De um lado tem poesias de um *portuguezismo* affectado, como as *Sextilhas de Frei Antão*, e de outro cantos de um *indianismo* tambem affectado, como o *Y-Juca-Pirama*. Não ha ahi a alma do *brasileiro actual* senão n'uma ou n'outra composição rapida. Mello Moraes Filho é um homem *branco;* quando se occupa do *negro* é com o ar de *senhor*, que faz uma *emola;* não é convicto; é como *erudito*. E' o que fez Basilio; os seus indios não são tomados ao vivo; são affectados e adornados epicamente. Os seus portuguezes tambem. E' que o ex-jesuita, como Gonçalves Dias, como Mello Moraes, não se tinha convencido que o brasileiro tem sim muito que ver com o indio, com o negro, com o portuguez com todos elles; mas por isso mesmo não deve dar a preferencia a um sobre os outros.

Todavia, o poemeto de Basilio tem valor ethnologico; porque ao menos não mostra o portuguez só, ou o indio só; mostra-os em face um do outro. Falta ahi o negro; mas ao menos ha dous dos elementos. Ou não nos mettamos a descrever costumes populares, ou, se o quizermos fazer, sejamos completos

O melhor é deixar estes problemas aos historiadores, não embaraçar com elles, como disse, a região da arte. Tome-se um exemplo : todos sabem que a actual população franceza procede de tres grandes troncos : gaulezes, romanos e germanicos; são tres ramos da familia indo-européa. Sabe-se mais que ali domina ethnologicamente o elemento gaulez.

Supponha-se, porém, que os poetas e romancistas francezes se dividissem, tomando cada um partido por uma these ethnica particular, e entrassem, uns a descrever os francos e seus costumes, outros os celtas, outros os romanos; a litteratura franceza seria uma cousa hybrida e intoleravel.

E' que o nacionalismo, como já ponderei, não se prova exteriormente por meio de descripções; o nacionalismo sente-se, exprime-se pelo espirito. Quem não vê em Rabelais, em Paul Louis Courier, em Proudhon e em Beaumarchais as scintillações e as inconstancias do espirito gaulez? Dos gaulezes disse Catão : *Pleraque Gallia duas res industriosissime persequitur, rem militarem et argute loqui.* Esta phrase pinta mais o genio do povo do que todo o poema de Brizeux — *Les Bretons.*

Entretanto, que differença entre Brizeux e Gonçalves de Magalhães, por exemplo! O illustre auctor do *Têlen Arvor* era de facto um celta, um bretão, conhecia a fundo os costumes de seu povo actual e de seus antepassados historicos.

Escrevia correctamente o dialecto armorico, tinha a paixão de sua raça, e, por isso, são verdadeiras estas palavras : « *Tous les événements* de cette épopée familière semblaient être autant d'événements qui m'étaient propres; j'étais entré dans cette vie synthétique, et mêlant à ces jouissances réelles les jouissances de l'artiste, j'essayais sur les grèves, par les landes, sous les bois, dans les montagnes, de mouler sur tant

de sites et de scènes diverses la forme ondoyante de mon poème (*Les Bretons*), et de *faire jaillir un vers sain, loyal, né du sol.* »

Poderia dizer o mesmo de sua *Confederação dos Tamoyos* o illustre Magalhães, elle que nada tinha de commum com os indios?

O *Uruguay* salva-se por ser um fragmento mais epico-lyrico do que puramente epico, salva-se, repito, pela fórma que faz de Basilio o genuino precursor do romantismo nacional; salva-se porque em fins do seculo XVIII era preciso ir, desde logo, mostrando ao lusitano que elle não estava só nesta America, que as raças escravisadas haviam um dia de quebrar o jugo. Por isto o *Uruguay* e o *Caramurú* são como preparadores da nossa Independencia. Mas, depois de feita esta, a insistencia exclusiva de vibrar a corda *indiana* era, por sua vez, um absurdo.

Basilio era um typo de mineiro fleugmatico, anecdotico, desconfiado e corajoso. Franzino de corpo, era provavelmente um *mestiço* de sangue portuguez e indio. Se o sangue africano lhe correu nas veias, ainda que muí diluido, é hoje impossivel averigual-o. Teve espirito bastante para guerrear os jesuitas.

Sua admiração por Pombal foi sincera; depois de decahido o ministro, Basilio ainda continuou a estimal-o.

O mineiro não foi um adulador, era homem de bem. Amava o Brasil e isto se conhece pelas relações que entretinha com os escriptores brasileiros, Claudio, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga e outros.

Os versos de Basilio testemunham n'elle um grande exaltamento, forte imaginação. Ha por todo o poema versos de muita belleza, como depois poucos foram escriptos no Brasil. A descripção da enchente do Uruguay, a do incendio dos campos, as proesas e morte de Cepé, o episodio de Lyndoia, e outras scenas são dos mais bellos fragmentos da poesia nacional.

Ha por todo o poemeto uma grande porção de versos magnificos, fortes, rutilos, pittorescos.

Se fala de uma aguia que dispede o vôo, diz :

« E vai vêr de mais perto o ar vasio,
O espaço azul, onde não chega o raio. »

Referindo-se aos acampamentos :

« O leve tecto e as movediças casas
E a praça e as ruas da cidade errante. »

Tratando de combatentes :

« Erguem nuvens de pó por todo o campo
Com o tropel dos magnanimos cavallos. »

Referindo-se ao exercito acampado em lugar alagado sobre arvores :

« A tendas levantei primeiro aos troncos,
Depois aos altos ramos ; pouco a pouco
Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos. »

Se pinta uma investida á espada, tem versos assim :

« Disparou-lhe a pistola, e fez-lhe a um tempo
Com o reflexo do sol luzir a espada ! »

Se os indios fogem, dirá :

« De sob os pés lhes desparece a terra... »

Se o caboclo acorda espavorido de um sonho e atira-se ao rio a nado, para levar por diante um plano, lêem-se estes versos :

« Acorda o indio valoroso, e salta
Longe da curva rêde sem demora :
O arco e as settas arrebata e fere
O chão com o pé; quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar com a morte. »

Fala tambem em :

« Os tremulos ribeiros, claras fontes,
E os lagos crystalinos, onde molha
A leves azas o lascivo vento.... »

Nada como aquelle celebre verso, que exprime a mocidade e a belleza de Lyndoia, realçadas pela pallidez da morte :

« Tanto era bella no seu rosto a morte ! »

E' o mais romantico e mimoso de todos os versos escriptos por brasileiros. José Basilio era por certo um poeta ; possuia a phrase apropriada a seu assumpto, tinha o rythmo, tinha a amplitude e o contorno dos periodos, possuia a metrificação espontanea, natural.

Os defeitos de seu poema são por outro lado muitos : uma acção insignificante e desconnexa ; certa desharmonia entre a fórma e o fundo, sendo este ultrapassado por aquella.

No poema ha fragmentos que são pura prosa metrificada. E' um exemplo o pedaço que vai, logo na segunda pagina, desde os versos : *Já dos olhos o véu tinha rasgado A enganada Madrid e ao Novo-Mundo*, até a *Os tardos bois que hão de soffrer o jugo No pesado exercicio das carretas.*

O poemeto de Basilio ficará, porém, entre nós como o modelo do genero, a synthese perfeita da poesia *luso-indiana.*

Passemos ao auctor do *Caramurú* — José de Santa Rita Durão. Mais velho e morto antes de Basilio, apparece depois no quadro litterario, por ter publicado mais tarde o seu poema.

O *Caramurú* appareceu em 1781. E' o poema mais brasileiro que possuimos ; pela apreciação do problema ethnico, pela comprehenção do elemento historico, e pelo justo equilibrio concedido ao colonio portuguez entre os caboclos, é superior ao *Uruguay.*

O *elemento negro* apparece contemplado em Henrique Dias e seus ethiopes. O temperamento catholico do brasileiro actual, o caracter aventureiro do portuguez, nosso amôr á França symbolisado na viagem de Diogo a Pariz, o caboclo, suas lendas, costumes, suas tribus, nossas plantas, animaes, nossas familias coloniaes, nossas luctas com os estrangeiros, tudo apparece n'essa pequena *Iliada.* Durão não tinha grandes recursos de estylo ; sua lingua é pobre, sua expressão pouco animada ; o colorido é pallido. Em compensação ha ali amplitude de quadros, variedade de scenas ; os episodios abundam.

O poema é falso no seu intento principal e em sua contextura; é prosaico em algumas passagens.

Apezar de todos estes defeitos, o *Caramurú* nos agrada, nos prende.

Tal é o sopro do patriotismo, são tão bem pintadas algumas de nossas scenas naturaes e alguns de nossos factos historicos, que o livro é tão perduravel, quanto o fôr a actual nação brasileira.

Tem-se censurado muito a Durão a escolha de um assumpto pouco epico; a censura parece infundada. O poema de uma nação nova, de um povo infantil de nossos dias, devia ser mesmo algum tanto novellesco e romantico.

Durão fez bem em desenrollar a acção de seu poema no primeiro seculo da conquista e fazel-a girar na Bahia, o antigo centro brasileiro, por excellencia.

O valor do *Caramurú*, como producto nacional, está em ser uma especie de resumo da vida historica do Brasil nos tres seculos em que fomos colonia; está em fazer assistir á fundação da nossa mais antiga cidade, a velha capital, e acompanhar o crescimento da nação até quasi os nossos dias, tudo como um phenomeno natural, como um producto do sólo e das tres raças. Por este lado o quadro, por exemplo, de nossas antigas provincias é excellente, como é a descripção de nossas riquezas naturaes, como é a narração da lucta contra os hollandezes. O poema tem, além disto, bellos specimens de poesia. O episodio de *Moema* é d'este genero.

O auctor tem altas e bôas idéas. Elle canta *Portugal renascido no Brasil*, mas canta tambem *o povo do Brasil convulso.* (1)

Não é outra hoje a idéa capital da critica : o Brasil é uma prolação de Portugal; mas uma tal a que se ligaram outros elementos e áquelles que desdenham d'esses elementos, responde o poeta com estes versos, que são profundos :

« Nós que zombamos d'este povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo,
Dos antigos heróes dentro ás imagens,
Não acharemos mais que outros *selvagens.* »

(1) C. I. estrophes VII e VIII.

Isto é exactissimo ; a sciencia moderna o confirma. Tinha tambem uma certa intuição da poesia popular :

« A antiga tradição nunca interrupta
Em *cantigas* que o povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprendem
E que dos pais e mãis cantando o aprendem. »

Ou estes :

« Conserva-se n'um povo o antigo rito,
Se não altera o rito do estrangeiro ;
E sempre algum vestigio fica escripto
Por tradição do seculo primeiro. »

Um critico moderno, um anthropologista de nossos dias não diria melhor.

D'este genero ha muitas amostras em Durão.

Na pintura do genio do selvagen elle é exacto e simples. Sirva de exemplo a seguinte estrophe :

« O bom Sergipe, aos mais confederado,
Comsigo conduzia os Pitaguares,
Que havendo pouco d'antes triumphado,
Têm do dente inimigo amplos collares ;
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valorosas dez milhares,
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque. »

Durão já presentia nossa monomania pela França n'aquelle seu verso :

« Tome o Brasil a França por madrinha (1). »

O *Caramurú* é livro que deve ser lido em sua totalidade para se lhe prender bem o sentido.

O poeta é apreciavel quanto á fórma pela simplicidade : se não vai á perfeição, foge quasi sempre do trivial.

Eis um especimen de seu estylo :

(1) Pag. 193 da edição de 1878 de Rio de Janeiro.

« Era o invasor nocturno um chefe errante,
Terror do sertão vasto e da marinha,
Principe dos Caetés, nação possante,
Que do grão Jeraraca o nome tinha;
Este de Paraguaçú perdido amante,
Com ciúmes da donzella, ardendo vinha;
Impeto que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume e accende as brazas.

« Dormindo stava Paraguaçú formosa,
Onde um claro ribeiro á sombra corre;
Languida está, como ella, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buscando a frescura deleitosa,
Do um grão maracujá que ali descorre,
Recostava-se a bella sobre um posto,
Que, encobrindo-lhe o mais, descobre o resto.

« Respira tão tranquilla, tão serena,
E em languor tão suave adormecida
Como quem, livre de temor ou pena,
Repousa, dando pausa á doce vida:
Ali passar a ardente sésta ordena
O bravo Jeraraca, a quem convida
A frescura do sitio, a sombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada. »

Tinha-se censurado, entre os romanticos, a Durão ter usado da oitava rima, e muito se gabava a Basilio por ter escripto o seu poema em versos brancos. Hoje é o contrario que acontece; leva-se a bem a oitava rima do *Caramurú* e censuram-se os versos soltos do *Uruguay*.

Confesso que não comprehendo estas criticas e elogios contradictorios.

Tanto a oitava rima, como o verso solto são apreciaveis, uma vez que sejam bons, que sejam bem feitos, que sejam poeticos. O abuso immoderado dos alexandrinos, o metro mais aspero e contrario ao genio de nossa lingua, tem trazido da parte de alguns poetas recentes uma forte guerra ao verso branco, um dos mais opulentos e bellos do idioma portuguez. E' um dos triumphos ridiculos do francezismo entre nós.

José de Santa Rita Durão nasceu em Catta-Preta, antigo arrayal pertencente á diocese de Marianna, em Minas-Geraes, no anno de 1737. Fez os primeiros estudos no collegio jesuitico do Rio de Janeiro e passou-se a Coimbra, onde formou-se em theologia em 1756. Por esse tempo entrou para a ordem dos Agostinhos. Mais tarde teve de abandonar Portugal, suppõe-se que por haver cahido no desagrado do bispo D. João da Cunha, de seu irmão Fr. Carlos da Cunha e de outros sectarios das ideias de Pombal contra os jesuitas. O poeta foi preso em Hespanha, como espião. Feita a paz entre Hespanha e Portugal, seguiu, em 1763, pra Roma, onde viveu doze annos. Voltando ao reino, tirou uma cadeira de theologia na Universidade de Coimbra, onde recitou em 1778 a oração de sapiencia.

Ja para o fim da vida é que compoz o *Caramurú*, dictado ás pressas a seu criado Bernardo e a seu confrade José Agostinho de Macedo, e apparecido, como disse, em 1781. O poeta falleceu aos 24 de janeiro de 1784 em Lisboa.

Não me despeço de Durão e Basilio sem repellir um erro nocivo de Fernando Wolf sobre ambos.

Acha este escriptor que, por não ser então independente o Brasil, aquelles poetas não deram em suas obras o primeiro plano aos indigenas, e que só mais tarde Domingos de Magalhães e Gonçalves Dias, herdeiros e continuadores dos dous primeiros, poderam preencher esta lacuna. (1)

Primeiramente, é inexacto que Magalhães e Dias tenham preenchido cousa alguma n'este sentido ; elles que são posteriores a Basilio e Durão, não deram tambem aos indigenas o primeiro logar. Depois, ainda que o tivessem planejado, seria em pura perda, seria um attentado contra a historia : o indio não é entre nós o vencedor, o primeiro logar não lhe póde pertencer. Se o *lusismo exclusivo* é um absurdo, o *indianismo absoluto* não o é menos.

Ainda mais ; não sei o que vem aqui fazer a Independencia politica da colonia, como um estimulo á these do predomido caboclo. Se a conquista portugueza no Brasil tivesse

(1) Wolf, pag. 60. Cap. 6°.

sido alguma cousa de analogo á conquista dos arabes nas Hespanhas; se, depois de algum tempo submettidas, as populações subjugadas levantassem a cabeça e expulsassem os estrangeiros, então seria de justiça que os tupys tomassem para si o primeiro plano; nem seria mister que os poetas de outra raça pela mór parte e falando uma lingua estrangeira lh'o viessem dar; elles o tomariam por si; como tomaram por si na peninsula iberica as populações romano-godas. O contrario é desconhecer o que seja o Brasil e a sua litteratura; o indio é um elemento secundario, ultrapassado em quasi todo o paiz pelo portuguez, pelo negro e pelo mestiço.

Pouco tenho a dizer sobre o *Villa Rica* de CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Em outro lugar deste livro terei de deter-me ante o vulto sympathico d'essa illustre victima da *Inconfidencia*. Como lyrista, Claudio é um dos melhores poetas da pleiada dos *mineiros*.

Seu poema épico é chato, prosaico, duro, inutil.

Descubro nelle um merito : — tratar de um assumpto *brasileiro ;* mas brasileiro no sentido historico e positivo, o producto deste meio e dos povos que para estas plagas convergiram.

Claudio, descendente dos antigos *bandeirantes*, dos antigos paulistas, faz intervir na acção este elemento genuinamente nacional. A opposição não é ahi entre o portuguez e o tupy ; é entre o portuguez e o *paulista*, entre o *emboaba* e o brasileiro. Ahi mesmo, porém, patentêa-se a fraqueza da concepção epica de Claudio.

Elle não soube tirar partido dos factos praticados pelos paulistas. A descoberta dos sertões pelas bandeiras, toda a historia de suas aventuras, não acha um echo senão fraco e longinquo nas paginas do poema. Limito-me a trascrever aqui um trecho. E' o começo do canto 6.° : .

> « Dos mesmos deuses o poder superno
> Não se atrevera a combater os montes
> E as serras qu'em distinctos horizontes
> Murando vão pelos remotos lados
> Mares e lagos, com que ao sul marcados
> Seus limites estão : a fórma e o nome

Variam serra e rio ; e sem que tome
Firmeza alguma o prolongado vulto
Sempre o principio te ha de ser occulto,
Quando chegues ao fim do rio ou serra.
Levados do fervor, que o peito encerra,
Vês os *Paulistas*, animosa gente,
Que ao rei procuram do metal luzente
Co'as proprias mãos enriquecer o erario.
Arzão é este, é este o temerario,
Que dar caça aos sertões tentou primeiro.
Vê qual despreza o nobre aventureiro
Os laços e as traições, que lhe prepara
Do cruento *Gentio* a fome avara. »

Depois de assignalar alguns dos principaes *bandeirantes*, conclue :

« Oh grandes sempre, oh ! immortaes *Paulistas* !... »

Os paulistas tiveram a luctar contra o *Gentio* e contra os *Emboabas* e seus escravos *Cafres*. Claudio refere-se a estes no verso 116 do 5° canto, e n'outros pontos do livro.

Como poesia a obra é quasi nulla. De José Francisco Cardoso nada tenho a dizer. E' o mais esquecido dos escriptores brasileiros e este esquecimento é justo.

CAPITULO II

Escola mineira. — Poesia comico-satyrica.

O ultimo decennio do seculo XVIII foi de profunda agitação na Europa e na America. O Brasil resentiu-se deste estado geral dos povos occidentaes.

A independencia affirmava-se nos espiritos, e, á medida que ella crescia, a desconfiança do governo da metropole tornava-se em extremo susceptivel.

Reinava então em Portugal D. Maria I, quero dizer, todos os nobres impulsos de Pombal tinham desapparecido ; a velha metropole atravessava a phase mesquinha de sua historia, que vae de 1777 a 1820, ou um pouco além.

A desconfiança contra as idéas liberaes espalhadas no mundo pela revolução franceza assumia nas pessoas que compunham o governo portuguez e em seus immediatos prepostos proporções assustadoras e morbidas. Onde quer que se congregassem alguns homens de intelligencia, ahi acreditava-se tramada uma revolução..... E' assim que tivemos nada menos de tres pronunciamentos revolucionarios no ultimo decennio do seculo XVIII, todos tres castigados com a força, o desterro e as prisões... O mais notavel dos tres é a *Inconfidencia* de Minas, simples anhelo de patriotas, a que a cruêza de um governo estulto deu proporções colossaes na historia pelo rigor dos castigos infligidos aos auctores do auspicioso drama.

Ninguem deve diminuir de um millimetro o merito das victimas da *Conjuração mineira*. A *Inconfidencia* não foi por certo um grande movimento ; mas foi uma grande aspiração, nobre aspiração expiada no cadafalso e no desterro.

Ha entre nós uma escola, eivada de certo lusitanismo teimoso, cuja divisa é dizer mal de todas as agitações dos brasileiros.

Esta gente, quando escreve a nossa historia, toma-se de enthusiasmo por todos os feitos praticados pela metropole e seus governos na colonia, e vomita o fel de suas coleras quando se lhe depara entre nós algum facto como a conjuração de Tiradentes, a revolução de 1817, e outros...

De uma cousa se esquece este lusismo posthumo, surgido do meio dos historiadores do segundo reinado, de uma cousa se esquece e vem a ser : se nada houve naquelle tempo em Minas, se tudo aquillo foi um sonho, um delirio passageiro, o governo da metropole foi mil vezes despota, inventando uma conjuração para ter o gosto de afogal-a em sangue, e ainda mais radiantes surgem aos olhos da posteridade as figuras das victimas innocentes. Não é esta a verdade da historia, os conjurados não tinham ainda lançado mão das armas ; sorpren-

didos em seu pensamento, não havia este tomado corpo em altos feitos para a libertação da patria; mas na sua mente o plano estava assentado; a *libertas quæ sera tamen* tornar-se-hia uma realidade.

Claudio, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Silva Xavier, Rezende Costa, Freire de Andrade, e outros conjurados não precisam na historia da justificação negativa da innocencia; elles foram culpados do grande crime de desejarem a libertação do Brasil!

Mas vamos aos factos. Findo o governo do conde de Cavalleiros em Minas, succedeu-lhe Luiz da Cunha Menezes. (1) E' este o celebre *Fanfarrão Minezio* das *Cartas Chilenas*. Chama-se assim uma especie de pamphleto em estylo heroi-comico, segundo os gostos do tempo, contra o desastrado governador.

As *Cartas* não têm grande valor litterario e poetico; ainda uma vez affirma-se n'ellas a incapacidade brasileira para o poema. O talento lyrico dos nossos poetas dá-se mal nas composições de outra indole, como a epopéa ou o poema comico e satyrico.

Se o *Colombo*, a *Confederação dos Tamoyos*, os *Filhos de Tupan* e outros nada exprimem no seu genero, o *Desertor das Letras*, a *Festa de Baldo*, o *Poema do Frade*, a *Republica dos Tolos* nada valem como productos humoristicos.

De todos estes apenas salvam-se pelo interesse historico as *Cartas Chilenas*. O sentimento ali é real; os factos são veridicos; eis porque as epistolas de Critillo deixam-se lêr ao passo que o *Desertor* é quasi intoleravel. As *Cartas* são de 1786.

Mais tarde, em 1788, com a chegada do novo governador, o marquez de Barbacena, tratando-se da cobrança do quinto do ouro, em que Minas andava atrazada, o desgosto lavrou mais forte entre o povo e appareceu a má vontade d'aquelles sertanejos contra a metropole.

A denuncia dada por Joaquim Silverio dos Reis foi o signal da reacção; começaram as prisões logo em 1789. Claudio foi

(1) Cavalleiros foi governador de Minas de 1780 a 1783; Luiz da Cunha Menezes, de 1783 a 1788.

talvez assassinado na cadêa no anno seguinte ; os outros conjurados foram processados no Rio de Janeiro. Tira-Dentes subiu á forca em 1792 ; Gonzaga, Alvarenga Peixoto e outros foram degredados para a Africa.

Além d'esta perseguição movida em Minas contra brasileiros illustres, no Rio de Janeiro o conde de Rezende, tomado de monomania reaccionaria, movia processos asperos e grandes perseguições contra os membros da Sociedade Litteraria, — Silva Alvarenga, Marianno da Fonseca, João Marques Pinto, Jacintho José da Silva e outros em 1795. Foi então o intrigante um tal José Bernardo da Silveira Frade.

Figurou como juiz n'estes processos e já antes figurara no da *Inconfidencia* o celebrado autor do *Hissope* Antonio Diniz da Cruz e Silva. (1)

A outra guerra contra brasileiros teve lugar na Bahia em 1798. O padre José da Fonseca Neves denunciou como revolucionarios Cypriano José Barata de Almeida e Marcellino Antonio de Souza. Aos 12 de agosto d'aquelle anno appareceram papeis sediciosos pelas ruas. O governador Fernando José de Portugal mandou prender e devassar os conjurados. No dia 8 de novembro de 1799, subiram á forca João de Deus do Nascimento, Manoel Faustino dos Santos Lyra, Luiz Pires, Luiz Gonçalves das Virgens e Luiz Dantas. Outros foram degredados para a Africa. (2)

Voltemos ás *Cartas Chilenas*.

A primeira questão que se apresenta tratando-se d'ellas, é a de saber quem as escreveu.

Villa-Rica era então no Brasil um especie de Weimar. Pequena cidade de provincia, reunia em si e a um só tempo homens como Claudio Manoel da Costa, Thomaz Antonio Gonzaga, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, Luiz Vieira da Silva, José Alves Maciel, Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, Francisco Gre-

(1) Vide *Obras Poeticas*, de Silva Alvarenga, pags. 54 e seguintes, notas de Norberto Silva.

(2) Accioli, *Memorias Historicas da Bahia;* Mello Moraes (pai), *A Indendencia do Brasil.*

gorio Pires Monteiro, as maiores illustrações brasileiras da época, residentes na colonia.

Qual d'estes foi o autor das *Cartas Chilenas?* Varnhagen as attribuiu primeiro a Alvarenga Peixoto e mais tarde a Claudio.

Luiz Francisco da Veiga as julga producção de Gonzaga.

Pereira da Silva as attribue aos tres de combinação. Pelo estudo apurado que fiz das *Cartas* e dos escriptos dos poetas do tempo, acho a questão quasi decidida com relação aos indigitados.

Gonzaga não tinha a veia comica, nem a satyrica; o seu lyrismo languido não dava para escrever satyras politicas. Claudio achava-se nas mesmas condições.

Fóra do lyrismo melancholico, elle nada produzia que estivesse acima de prosa metrificada como o *Villa-Rica.*

As *Cartas Chilenas* são mui provavelmente de ALVARENGA PEIXOTO.

Tenho em prol d'esta hypothese tres ordens de argumentos: a natureza do estylo de Peixoto, sua indole psychologica e sua posição.

Quanto a esta ultima, não resta duvida que era elle dos tres poetas o que a tinha mais independente. Gonzaga era empregado na magistratura, Claudio um advogado pobre, e Peixoto, depois de ter sido magistrado, era coronel de milicias e proprietario de boas lavras de ouro. Dos tres poetas o ultimo foi o que tomou parte mais activa e enthusiastica na conjuração. Quanto á natureza do seu espirito, era ainda dos tres o de mais açodamento e arrojo, o de talento de feição mais objectiva, e por isso mais expansiva. Era o que tinha a veia comica. Prova-o de sobejo a pequena poesia *Conselhos a meus Filhos*. Pelo que toca ao estylo e habitos de poetar, Varnhagen descobriu com razão o sestro que tinha Alvarenga de chamar as pessoas reinantes sempre de *augustos* e de comparar os homens aos *leões*.

— Tudo isto é certo; mas ainda é pouco. Ha um pensamento predilecto de Peixoto consistente em comparar os paes aos filhos, ora para mostrar antithese entre elles, ora para lhes indicar as similhanças. Este pensamento repete-se á sa-

ciedade nas *Cartas*, tratando-se de homens ou de animaes. Exemplos :

« Parece, Dorotheo, que algumas vezes
A sabia natureza se descuida.
Devera, doce amigo, sim devera
Regular os nataes conforme os genios :
Quem tivesse *as virtudes de fidalgo*,
Nascesse de fidalgo ; e quem tivesse
Os vicios de villão, *nascesse embora*,
Se devesse nascer, de *algum lacaio ;*
Como as pombas, que *geram* fracas pombas,
Como os tigres que *geram* tigres bravos. » (1)

Mais outro :

« As letras, a justiça, a temperança,
Não são, não são morgados que fizesse
A sabia natureza para andarem
Por successão nos filhos dos fidalgos.
Do cavallo andaluz é sim provavel
Nascer tambem um potro de esperança,
Que tenha frente aberta, largos peitos,
Que tenha alegres olhos, e compridos ;
Que seja emfim de mãos e pés calçados ;
Porém de um bom ginete tambem póde
Um catralvo *nascer*, *nascer* um zarco. » (2)

Ainda mais :

« . . . Apenas *nasce*
Aos cabos algum filho, logo á pressa
Lhe assenta o chefe de cadete a praça.
Venturoso costume que promete
Produzir de cordeiros tigres bravos ! » (3)

Mais :

« Pois ás vezes *nascem as mochilas*
Com brios de fidalgos ; outras vezes
Os nobres com espiritos humildes,
Só dignos de animarem vis lacaios.

(1) *Carta* 1ª pag. 44 e 46, edição de 1863, Rio de Janeiro.
(2) Pag. 61.
(3) Pag. 159.

O nosso Fanfarrão, prezado amigo,
Nos dá mui bôa prova : não se nega
Que tenha *illustre sangue*, mas não dizem
Com seu *illustre sangue* as suas obras. » (1)

Eis aqui outro :

« ... Ah, doce amigo,
Quem bandalho *nasceu*, inda que suba
Ao posto de Major, morreu bandalho ;
Que o *tronco que dá fructo* azedo ou doce,
Procede da semente, e qualidade
Da negra terra, *em que foi gerado.* » (2)

Ainda um:

« Agora dirás tu : *Nasceu fidalgo*,
E as grandes personagens não se occupam
Em baixos exercicios. Nada dizes.
Tonante, Dorotheo, é pai dos deuses :
Nasceu-lhe o seu Vulcano e nasceu feio. » (3)

O mesmo pensamento nodificado :

« Préza o *bravo leão aos leões bravos ;*
A *fraca pomba préza ás pombas fracas*,
E o homem, apezar do raciocinio,
Que a verdade lhe mostra, estima aos homens
Que têm iguaes paixões e os mesmos vicios. » (4)

Passando ás obras authenticas de Alvarenga Peixoto, encontra-se o mesmo pensamento repetidas vezes. No canto genethliaco ao governador D. Rodrigo de Menezes lê-se :

« Bem que *venha a semente á terra estranha*,
Quando *produz*, *com igual força gera*,

(1) Pag. 183.
(2) Pag. 203 e 204.
(3) Pag. 212.
(4) Pag. 190.

Nem do forte *leão* fóra de Hespanha,
A fereza nos *filhos degenera:*
O que o estio n'umas terra ganha,
Nas outras vence a fresca primavera,
A raça dos heroes da mesma sorte
Produz no sul o que produz no norte. »

Ainda mais :

« Assim confio o teu destino seja
Servindo a patria, e augmentando o Estado,
Zelando a honra da Romana Igreja,
Exemplo illustre de teus pais herdado. »

N'uma ode á *D. Maria I :*

« Sombra illustre e famosa
Do grande fundador do luso imperio,
Eterna paz eternamente goza.
N'um e n'outro hemispherio
Tu vês os teus augustos descendentes
Dar as leis pela voz do ministerio. »

No fragmento de ode appenso ao processo da Conjuração :

Segue dos *teus maiores,*
« Illustre ramo, as *solidas pisadas ;*
Espalha novas flôres
Sobre as suas acções grandes e honradas ;
Abre tua mão da gloria o templo,
Mas move o braço pelo seu exemplo.
A *herdada nobreza*
« Augmenta, mas não dá *merecimento ;*
Dos heroes a grandeza
Deve-se ao braço, deve-se ao talento... etc. »

No *soneto* a sua filha *Maria Iphigenia* ;

« A mão *que te gerou teus passos guia,*
Despreza offertas de uma vã belleza,
E sacrifica as honras e riqueza,
A's santas leis do Filho de Maria. »

No soneto ao *Marquez de Lavradio* :

« Honradas sombras dos *maiores nossos*,
Que estendestes a lusa monarchia,
Do torrado equador á zona fria,
Por incultos sertões, por mares grossos ;

Sahi a ver *os successores vossos*
Revestidos de gala e de alegria,
E nos prazeres do mais faustoso dia
Dai vigor novo aos carcomidos ossos.

Lá vem o grande Affonso a testa erguendo
A ver Carvalho, em cujos fortes braços
Crescem os *netos, que lhe vão nascendo.*

E o suspirado Almeida rompe os laços
Da fria morte, o *neto invicto vendo*
Seguir tão perto de Carvalho os passos. »

Na pleiada dos poetas solteirões de Minas, Alvarenga Peixoto era o *casado ;* vivia ao conchego feliz da familia. D'ahi aquella imagem que se lhe impõe. Tudo me leva a attribuir-lhe as *Cartas Chilenas.*

Ellas são o *Libello do Povo* do seculo XVIII; com uma differença, porem, em favor daquelle tempo...

Critillo morreu no desterro e *Timandro*, depois da mudança, morreu senador e grande do imperio...

O pamphleto do seculo XVIII é um producto espontaneo de seu meio.

A poesia brasileira dos seculos coloniaes tomava lições aos poetas portuguezes, hespanhóes e italianos, que as tomavam aos francezes. Era o tempo do classismo e todos sabem que o classismo systematisou a imitação. Entretanto, nos fins do seculo XVIII tivemos algumas producções originaes e neste numero entram os versos de *Critillo.* O estylo é simples, aligero, popular; o ridiculo brota singelo ao tom de conversa familiar.

Ha um motivo superior, geral, humano, que faz vibrar a satyra ; a justiça e a equidade ultrajadas.

Por isso, se o *Fanfarrão*, na construcção de um edificio, faz trabalhar cruelmente os sentenciados, o poeta exclama :

« Ora, pois, louco Chefe, vai seguindo
A tua pretenção : trabalha, esforça
Por fazer immortal a tua fama ;
Levanta um edificio em tudo grande ;
Um soberbo edificio, que desperte
A dura emulação da propria Roma.
Em cima das janellas e das portas
Põe sabias inscripções, põe grandes bustos ;
Que eu lhes porei por baixo os tristes nomes
Dos pobres innocentes que gemeram
Ao peso dos grilhões ; porei os ossos
Daquelles, que os seus dias acabaram
Sem Christo e sem remedios, no trabalho...
E nós, indigno Chefe, e nós veremos,
A quaes d'estes padrões não gasta o tempo »

A ideia aqui é forte e a satyra vinga o effeito almejado.

Havia, além d'isto, um motivo particular, nosso, brasileiro, contra o governador e sua gente ; era o brado da raça opprimida contra os antigos conquistadores, uma queixa contra essa flagrante injustiça da natureza e da historia, que condemna certas raças á impotencia, como povos inferiores......

A consciencia humana protesta n'estes versos :

« Aqui os Européos se divertiam
Em andarem á caça dos Gentios,
Como á caça das féras pelos mattos.
Havia tal que dava aos seos cachorros,
Por diario sustento, humana carne ;
Querendo desculpar tão grave culpa
Com dizer que os Gentios, bem que tenham
A nossa similhança, emquanto aos corpos,
Não eram como nós, emquanto as almas.
Que muito pois que Deus levante o braço,
E puna os decendentes de uns tyrannos,
Que, sem razão alguma e por capricho,
Espalharam na terta tanto sangue ? »

Em Villa-Rica havia então, ao que parece, uma certa dissolução de costumes, que o poeta estygmatisou.

Eis o que se dava no passeio ás margens do corrego que banha a cidade :

« A tão formoso sitio tudo acode,
Ou seja de um ou seja de outro sexo,
Ou seja de uma ou seja de outra classe.
Aqui lascivo amante, sem rebuço,
A' torpe concubina offerta o braço ;
Ali mancebo ousado assiste e fala
A' simples filha que seus pais recatam.
A ligeira mulata em trages de homem
Dança o quente lundú e o vil batuque.
E aos cantos do passeio inda se fazem
Acções mais feias, que a modestia occulta. »

Eis uma scena do mesmo genero passada em *Palacio :*

« Apenas, Dorothéo, a noite chega,
Ninguem andar já póde sem cautela
Nos sujos corredores de Palacio...
Uns batem com os peitos n'outros peitos ;
Outros quebram as testas n'outras testas ;
Qual leva um encontrão que o vira em roda ;
E qual, por defender a cara, fura
Com os dedos que estende incautos olhos ;
Aqui se quebra a porta e ninguem fala ;
Ali range a cancella, e sôa a chave ;
Este anda de mansinho ; aquelle corre ;
Um grita que o pisaram ; outro inquire
— Quem é ? a um velho que lhe não responde.
Não temas, Dorothéo, que não é nada ;
Não são ladrões que offendam, são donzellas
Que buscam aos devotos que costumam
Fazer, de quando em quando, a sua esmola...
Chegam-se emfim as horas em que o somno,
Estende na Cidade as negras azas
Em cima dos viventes espremendo
Viçosas dormideiras. Tudo fica
Em profundo silencio ; só a casa,
A casa aonde habita o grande Chefe

Parece, Dorothéo, que vem abaixo
Fingindo a moça que lavanta a saia,
E voando nas pontas dos dedinhos,
Prega no machacaz de quem mais gosta
A lasciva embigada, abrindo os braços...
Então o machacaz torcendo o corpo,
Pondo uma mão na testa, outra na ilharga,
Ou dando alguns estalos com os dedos,
Seguindo das violas o compasso,
Lhe diz : — *eu pago*, *eu pago !...* e de repente
Sobre a torpe michela atira o salto...
Oh ! dança venturosa ! Tu entravas
Nas humildes choupanas, onde as negras,
Aonde as vis mulatas, apertando
Por baixo do bandulho a larga cinta,
Te honravam c'os marotos e brejeiros,
Bantendo sobre o chão o pé descalço. —
Agora já consegues ter entrada
Nas casas mais honestas e palacios !
Ah ! tu, famoso Chefe, dás o exemplo .
Tu já, tu já batucas, escondido
Debaixo dos teus tectos, com a moça
Que furtou ao senhor o teu Riberio !...... » (1)

Por ahi se vê o desregramento da vida que levava, ao que parece, o despotico e leviano Cunha Menezes. Censuravel é elle, não, porque gotasse de vêr as danças brasileiras, que nada têm de indecentes, sendo singelas, espontaneas, naturaes, como é o meneio dos leques das nossas palmeiras ao sopro das brisas meridionaes; não por isso, e sim por outros motivos que me não cabe averiguar.

A população mineira do tempo de Critillo era em geral séria, activa e conservadora ; atravessava, porém, a época do depauperamento das minas. A sociedade da capital habituara-se talvez aos prazeres, ás aventuras romanescas, aos amores occultos.

D'ahi um borboletear constante de *pastoras* em torno dos seus *pastores*. Imperava então o idyllio a Theocrito e aquella

(1) Pags. 183 e seguintes.

geração de escriptores não ficou de todo perdida e estragada por duas razões capitaes : uma natureza verdadeiramente gigantesca e virgem, que, por mais refractarios que fossem os poetas, sempre n'elles havia de influir, e, por outro lado, os abusos dos governos da capitania, que excitaram a reacção de que foram victimas aquelles homens, engrandecendo-os assim aos olhos da historia.

Villa-Rica, era, guardadas as proporções, como as pequenas côrtes ducaes da Europa com os seus deboches, aliás proprios á sociedade do seculo XVIII.

Critillo levanta um pouco o véu d'aquella mysteriosa vida. Eis o que elle diz das conversações da *ponte :*

« Aqui, meu bom amigo, aqui se passam
As horas em conversa deleitosa :

Um conta que o ministro á meia-noite
Entrára no quintal de certa dama,
Diz outro que se expôz uma criança,
A' porta de Floricio, e já lhe assigna
O pai e mais a mãi ; aquelle augmenta
A bulha que *Dirceu* com Lauro teve
Por ciúmes crueis da sua *amasia*...... » (1)

De quem era a *amasia*, de Lauro ou de *Dirceu ?* De um ou de outro ; e, em todo o caso, vê-se bem que *Dirceu* não se limitava em Villa-Rica aos amores idéaes de *Marilia.*

A historia intima da escola mineira está ainda por escrever ; nem eu tenho documentos bastantes para o tentar. *O processo de Tira-Dentes*, impresso no *Brasil historico* do Dr. Mello Moraes, lança luz sobre os destroços d'aquella sociedade de poetas e não sobre sua vida particular e psychologica dos bons tempos, os tempos aureos da amizade de Claudio e Gonzaga, tão ligados entre si quanto Silva Alvarenga o foi a Basilio da Gama, bellas amostras de intimidade entre grandes talentos, phenomeno raro no curso de nossas letras.

Outro poema heroi-comico d'essa época é o *Desertor das*

(1) Pags. 80 e 81.

Letras de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, *Alcindo Palmireno* na Arcadia. Mais adiante ter-se-ha de avistar este lyrista mimoso, amante de *Glaura*. Por agora basta-me dizer que o *Desertor* é uma composição insipida. Foi publicado em Coimbra em 1774.

Só encontro n'elle um fragmento que deve ser citado, por dar uma idéa dos livros da *litteratura de cordel*, então em voga.

Eil-o :

« Geme infeliz a carunchosa estante
Com o pezo de indulgentes *Casuistas*,
Dianas, *Bonacinas*, *Tamburinos*,
Mojas, *Sanches*, *Molinas* e *Larzagas*,
Criminosa moral que surdo ataque
Fez nos muros da igreja horrivel brecha ;
Moral que tudo encerra e tudo inspira,
Menos o puro amor que a Deus se deve.
Apparecei, famosa *Academia*
De humildes e ignorantes, *Eva e Ave*,
Baculo pastoral, e *Flos sanctorum*,
E vós, oh *Theoremas predicaveis*,
Não tomeis o lugar, que é bem devido
Ao *Kees*, ao *Bom Ferreira*, ao *Baldo*, ao *Pegas*,
Grão mestre de forenses subterfugios.
Aqui Tiburcio vê o amado *Aranha*,
O *Reis*, o bom *Suppico* e os dous *Soares ;*
De um lado o *Sol nascido no occidente*
E a *Mystica cidade*, d'outro lado
Cedem ao pó e á roedora traça.
Por cima o *Lavatorio da consciencia*,
Peregrino da America, os *Segredos*
Da natureza, a *Fenix Renascida*,
Lenitivos da dor, e os *Olhos d'agua ;*
Por baixo está de *Sam Patricio a cova :*
A *Imperatriz Porcina*, e quantos *Autos*
A miseria escreveu do Limoeiro
Para entreter os cegos e os rapazes. »

O *Peregrino da America* era, como se vê, um dos livros populares no Brasil e mesmo em Portugal durante o seculo

XVIII e começos do XIX. E' seu auctor Nuno Marques Pereira, que, para discorrer sobre os *mandamentos da lei Deus*, procura a fórma de uma narração dada por um viajante que faz o percurso da Bahia a S. Paulo. O livro é esteril e sopcrifero. (1)

Não é este o logar em que se deva fazer a analyse dos dous Alvarengas, o autor das *Cartas Chilenas* e o autor do *Desertor das Letras*, na sua qualidade de lyristas.

Silva Alvarenga tem mais no genero que nos occupa a satyra *Aos Vicios* e uma *Epistola* a Basilio da Gama em versos alexandrinos, rimados dous a dous, ao gosto moderno; mas alexandrinos errados quasi todos, formando versos de quatorze syllabas, duros e insupportaveis.

ANTONIO MENDES BORDALLO, nascido no Rio de Janeiro em 1750, formado em Coimbra em 1771, fallecido em Lisboa em 1806, tem direito a um logar entre os poetas satyricos da epoca. Sua satyra aos *Abusos da Magistratura* não é de todo sem prestino. Estes versos são soffriveis :

« Porém um sabio professor antigo
De calumnias, de meios odiosos ;
Habil consulto, que de cór sabia,
Folha por folha, Sanches e Molina
Me falou d'esta sorte ha poucos dias :
— Rapaz sem tino, falto de experiencia,
Francez da moda, louco rematado :
Queres reformas, amas novidades,
Sem pezar suas tristes consequencias ?
De tres mil bons e maos advogados,
D'outros tantos fleis e requerentes,
De mais de cinco mil procuradores,
Que vivem n'esta côrte, do que chamas
Ladroeiras, calumnias e trapaças,
Dize, reformador, o que seria ?
Mette o teu modernismo n'algibeira,
Os teus e meus avós assim viveram,
Esses costumes, que detestas tanto,
Têm o sêllo da prisca antiguidade. »

(1) Vide meus *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, Cap. 9º.

E' sempre a velha rotina, atacando o progresso em nome dos máos habitos adquiridos ; é o *mesoneismo* de todos os tempos.

João Pereira da Silva é inferior a todos os precedentes poetas satyricos. E' filho do Rio de Janeiro, onde nasceu em 1743, e onde falleceu em 1818. E' um typo apagado e sem o menor interesse.

Joaquim José da Silva, conhecido por *sapateiro Silva* não é um poeta satyrico ; tambem não é um poeta comico, ou o que hoje chamamos um humorista. Era um improvisador em estylo agreste, mas não possuindo a profunda vivacidade, nem a doce melancholia do povo.

Silva tinha do povo sómente o lado da farça, do burlesco ; alguma cousa do que se póde chamar o canalhismo em poesia.

E' a pilheria grossa, pesada das baixas classes, mas tambem de longe em longe alguma cousa do viço das producções populares. Silva era um glosador de *motes*, um jogral, um improvisador de banquetes, que divertia os figurões de seu tempo.

O seu estylo era este :

« — Se vós tendes um baijú
Com seus babados de chita,
Eu tenho agora a marmita
Semi — rubra de urucù.
Se tendes de gorgotú
Um macaquinho amarello,
Eu nas casas do *Castello*,
Como é publico e notorio,
Por baixo do consistorio,
Tenho um galante chinello.

Se vós tendes de cambraia
Camisa fina e bordada,
Eu tenho a minha rendada
Que veio da Marambaia :
Se de setim tens a saia,
Eu só tenho os calções meus ;

Se com esses trastes teus
De mim toda te desunes,
Eu tenho os pannos de Tunis,
Com que vou a S. Matheus.

Se tendes sapato justo,
Pondes as mãos nas ilhargas,
Eu tenho as botas mui largas,
Com que passeio sem custo.
Se tendes de raios susto
Eu caço da vella a escôta;
Se tendes no frasco a gôta
Como mestra das crioulas,
Eu por baixo da ceroulas
Tenho a minha fralda rôta.

Se tendes novo capote
Mais chibante do que o velho,
Eu tenho um torto chavelho,
Que me faz vezes de pote.
Se a cavallo andaes de trote,
Eu do chão não me levanto,
Não me assusto, nem me espanto;
Serei sempre pé de boi;
Ora ahi está como foi:
— *Ninguem me bote quebranto...*

D'esta poesia semi-popular, temos innumeras amostras no Brasil. E' sempre um poucochinho melhor em toda a sua rudeza do que as imitações servis que ahi se fazem sem criterio!

Nem todos os poetas n'este capitulo comprehendidos pertencem á escola mineira. Alvarenga Peixoto, nascido no Rio de Janeiro, é daquella pleiada, por ter vivido o melhor de seu tempo em Minas. Silva Alvarenga habitou no Rio de Janeiro; mas nasceu em Villa Rica. E' do quadro.

Na satyra tambem distinguiu-se o padre José Gomes da Costa Gadelha, nacido em Pernambuco em 1743, ordenado em 1768. Foi capellão de navio e morreu no mar. Deixou os

Suspiros da Aletria e a *Marujada* (1). Esta ultima é uma descripção do máo passadio de bordo. Não deixa de ter alguma graça.

O estylo é este :

« Sobe a negra caldeirada
De manhan n'um prato-grosso,
Já por café baptisada ;
Grita a sordida manada :
— O' lá ! venham para o almôço.

« Um chega' ao xarope honrado,
Dizendo : Bravo ! Excellente !
Fica o outro recostado,
Porque já tem almoçado
Bolaxa com aguardente.

« Em quanto vae refecendo
O café, ferve a patrulha,
Mil mentiras revolvendo,
De quando em quando mettendo
Por entre o pasto uma pulha. » etc.

Ignora-se a dacta do fallecimento do padre Gadelha. E' espirito de ordem quaternaria no desenvolvimento de nossa poesia

A' poesia satyrica á moda do tempo sacrificou tambem FRANCISCO DE MELLO FRANCO, que se fez notavel por suas idéas liberaes e pelos soffrimentos que por ellas experimentou. E' auctor do *Reino da Estupidez*, em que mette á troça a ignorancia togada da Universidade de Coimbra. Mello Franco já não é lido. Tinha pouco talento poetico ; é um representante mais ou menos completo da pilheria um pouco pesada e pêrra do espirito portuguez. O poeta, que viveu por largo tempo no reino, ás vezes em lugar do espirito agarrava a tolice. Seu merito consistiu em ter bastante bom senso para ser inimigo do charlatanismo universitario e burguez da época. Franco

(1) Vide *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernanbuco*, por A. J. de Mello, 1° vol. pag. 73 e seguintes.

veiu ao mundo em 1757 e falleceu em 1823. Foi notavel como medico e cultor da historia natural.

A quem se colloca em um ponto de vista evolucionista para analysar o movimento classico e o romantico entre nós, despindo-se dos preconceitos do tempo, preoccupando-se sempre com as notas vivas, com os documentos humanos, muita cousa convencional e falsa se antolha no curso de nossa historia litteraria. São as monomanias de escola, os amaneirados da moda e todas as affectações que deturpam a evolução espontanea dos talentos.

O verme roedor que carcome e estiola um movimento litterario é sempre o convencional, o theatral, o falso. Logo que na seiva de uma corrente litteraria penetra o virus da affectação, o movimento definha e tende a morrer. Foi assim que acabou a litteratura cavalheiresca da idade média, o classicismo provocado pela Renascença, o romantismo, todos os systemas litterarios e artisticos, brotados nos ultimos seculos na Europa. Actualmente devemos voltar ás impressões espontaneas da natureza e da vida; tenhámos o prazer do mundo como elle é, e fujamos das affectações que matam.

Deve-se receiar que o naturalismo hodierno venha a murchar cedo no Brasil, porque em muitos de seus productos já se descobre o amaneirado, a mentira, a falsidade. A' uma geração de *doentes* por *affectação* quer succeder outra de *sadios* tambem por *affectação* e por *calculo*..... (1)

Não é esta a verdade da natureza. A obra d'arte só resiste ao tempo, quando é um documento de um momento historico, quando reproduz a verdade humana.

E' por isso que de todos os poemas brasileiros do seculo XVIII, sómente o *Caramurú*, o *Uruguay* e as *Cartas Chilenas* são um fragmento da vida nacional, são e serão lidos por nós.

Para um seculo inteiro é pouco..... E' bom vêr se fomos mais felizes com os lyristas.

(1) Não esquecer que este vol. d'esta historia foi escripto nos annos de 1881-1882. Corrigindo-o agora (1901) para esta 2ª edição não lhe tiro, todavia, o tom geral do tempo em que foi escripto.

CAPITULO III

Escola mineira. Poesia lyrica

Póde-se dividir, n'um sentido lato, a historia da litteratura entre os povos occidentaes em cinco periodos : a era do polytheismo pagão comprehendendo a antiguidade greco-romana ; a era medieval em que se executa a dissolução do elemento antigo e a integração do monotheismo catholico ; o movimento da Renascença que imita a antiguidade ; o romantismo que imita a idade media, finalmente, a segunda metade do seculo XIX, em que impera a investigação scientifina na historia e em a natureza, sem as preocupações imitadoras dos tempos immediatamente proximos.

A phase historica que se atravessa n'este capitulo, no estudo da litteratura brasileira, pertence ao terceiro momento, o do Renascimento e da imitação da antiguidade. O Brasil entrou para a historia nesse periodo ; as phases anteriores lhe faltaram ; elle era adestricto a seguir o impulso de seu tempo. Quem censura pois os nossos poetas do seculo XVIII por usarem das ficções da poesia classica, mostra não ter senso. O mesmo se dava em toda a Europa e em toda a America.

Uma circumstancia, que nem sempre é bem aquilatada, deve impor-se á consideração. O Brasil levou durante os tres seculos de seu captiveiro colonial privado em absoluto de imprensa e de institutos de instrucção. Excepção aberta de poucas escolas primarias, de rarissimos collegios de humanidades,, dirigidos pelos jesuitas, e de dous ou tres seminarios, nenhum outro estabelecimento litterario e scientifico existia nesta vasta região.

Todas as nossas academias são do seculo XIX. Admira que

no tempo a que me refiro tantos homens de merito apparecessem na esphera das letras.

Em toda e qualquer phase historica ha sempre, n'um paiz dado, duas correntes litterarias : — uma de imitação, affectada, estranha á vida do povo, erudita, pesada, pretenciosa ; é a dos espiritos gastos, estereis, inuteis ; outra nacional, alimentada pela tradição popular, pelo conhecimento da patria et de sua historia, vívida, séria ; é a dos espiritos que em si resumen as ellas qualidades de seu povo, de sua raça.

Pois bem ; nunca talvez o Brasil teve uma tão esplendida pleiada de representantes da segunda especie em sua litteratura como no tempo de Claudio. Foram esses illustres obreiros que fundaram a qualidade distinctiva de nossas letras : o lyrismo. Quando a litteratura franceza esterilisava-se nas semsaborias de J. B. Rousseau, e a portugueza nos ouriços espinhentos das producções de Francisco Manoel do Nascimento, nós escreviamos os melhores fragmentos lyricos da lingua de Camões.

Nesse tempo — ainda não havia rei em Israel, a imitação lazarenta do estrangeiro não era ainda a regra geral ; os assumptos nacionaes eram os mais escolhidos.

No poema, na satyra, no lyrismo a vida popular desbrochava as flores da poesia brasileira.

Foi uma antecipação do romantismo, tomado este no sentido lato da verdadeira e brilhante poesia do seculo XIX.

Os grandes abalos nacionaes são sempre uteis para o avigoramento da consciencia publica. Depois das lutas contra hollandezes e francezes no seculo XVII, tinhamos nos primeiros annos do seculo XVIII desmantelado nova incursão de francezes no Rio e durante muitos annos lutado com os hespanhoes no sul. A vida historica dos brasileiros estava determinada ; seu quinhão entre os representantes na America da civilisação ibero-latina estava assegurado.

O Brasil já não era um immenso perimetro de costas descobertas e colonisadas pelos portuguezes ; era tambem o enorme corpo, onde se acham os altos taboleiros, as origens dos grandes rios, os terrenos auriferos, os uberrimos ser-

tões que deviam ser o celeiro do paiz. A obra da descoberta e conquista da zona desses sertões já não correu mais por conta do *emboaba;* foi obra de seu descendente mestiço, do filho da terra, do brasileiro, do *caypira.*

Os elementos economicos se desenvolveram; o povo constituiu-se, a litteratura irrompeu; a poesia adejou nas almas, o *lyrismo* foi a sua expressão.

De ordinario toma-se esta palavra no sentido de poesia pessoal, subjectiva, intima, e, por via de regra, sentimental, doentia. Não é nesta accepção que a emprego aqui. O lyrismo é a poesia na sua expressão mais lata, mais real; é o opposto, de um lado, ás grandes construcções epicas que não estão mais na indole dos tempos actuaes, e de outro, a tudo quanto é falso, indigesto, mentido.

O lyrismo pode ser objectivo ou subjectivo, alegre ou triste, idealista ou realista, materialista ou espiritualista, segundo as qualidades preponderantes do poeta. Elle, porém, é sempre aligero, mimoso, tenue, qual um incenso exhalado pelo coração, pelas expansões das almas profundas.

De resto, não ha lyrismo sem o brilho da fórma e sem o sentimento da natureza e da vida.

De todas as manifestações litterarias a mais avantajada no Brasil é essa de que falo. Para explicar este phenomeno, ha duas theorías principaes. Uns querem que essa fórma da poesia seja no Brasil uma resurreição das antigas *serranilhas* populares, conservadas na colonia muito tempo depois de esquecidas na metropole.

Seu brilho, portanto, provém de um elemento popular e este elemento é de origem portugueza. Esta doutrina foi ensinada por Theophilo Braga. Mais tarde modificou-se e foi expressa por elle mesmo deste modo: o lyrismo na Europa, e especialmente na peninsula iberica, foi um producto das populações *turanas.* Conservado em suas fórmas populares através da cultura dos povos semiticos e aryanos que senhorearam a peninsula, foi transportado para o Brasil; ahi chegado encontrou a maior das fortunas, pondo-se em contacto com o lyrismo dos tupys, que eram tambem *turanos.* O ele-

mento *turano* da America reforçou, pois, o seu irmão da Europa, e d'ahi a robustez de seu descendente *brasileiro.*

A outra theoria consiste em appellar para a natureza ; esta é opulenta no Brasil ; logo nossa poesia tambem deveria sel-o. Esta ultima explicação é esteril e nulla. A natureza é em geral um factor sociologico ; mas é, por si só, incapaz de dar o motivo do facto que nos occupa. Apezar de tantas maravilhas naturaes, nunca tivemos um lyrista como Gœthe, ou Victor Hugo, ou Musset.

A doutrina de Theophilo Braga, seguida por J. A. de Freitas, é na sua fórma primitiva parte da verdade ; mas não é toda a verdade. E' certo que a velha poesia tradicional das *serranilhas* passou ao Brasil e aqui se conservou. Serve isto sómente para explicar os encontros e similhanças entre o lyrismo portuguez e o brasileiro. E as dissimilhanças que é que as explicará? Na sua segunda fórmula, a do *turanismo*, a theoria complica-se com tres hypotheses vaporosas : existencia de uma raça *turana* caracterisada ; seu *privilegio* na producção do lyrismo, e finalmente o *turanismo* dos indios do Brasil.

E' tudo falso. A reducção dos povos extra-aryanos e semiticos a um grupo unico está hoje desapprovada pela anthropologia e pela linguistica. Conservando-se, porém, o nome de *turanos* para os da familia *uralo-altaica*, raças metallurgicas, os nossos indios, que não conheciam o uso dos metaes, não pertencem ao gremio. A primeira e a terceira hypotheses são nullas. A segunda, que faz do lyrismo uma producção *turana* ensinada aos aryanos e semitas, é uma phantasia romantica. Tão longe quanto tem sido possivel levar a investigação no dominio das origens aryanas e semiticas, tem-se encontrado sempre estes povos já de posse de seus hymnos tradicionaes, antes de se pôrem em contacto com os turanos, suppostos ou verdadeiros. (1)

O phenomeno de nosso lyrismo, a meu vêr, explica-se por

(1) Não esquecer que fui o primeiro a bater o *turanismo* de Th. Braga, no Brasil. Fil-o na *Litteratura Brasileira e a Critica Moderna*, nos *Estudos sobre a Poesia Popular Brasileira*, nos *Lucros e Prdas*, n'este livro, e principalmente em *Uma Espertesa.*

meios naturaes. Dous são os factos a justificar : as relações e similhanças do lyrismo brasileiro com o portuguez e a sua exuberancia. As similhanças não se fazem sentir sómente na poesia ; sentem-se em tudo o mais. Na poesia a feição geral devia resentir-se d'esse parentesco, desde que a lingua portugueza, predominando sobre as outras, lhe imprimia os seus moldes metricos.

Pelo que toca á seiva nova e luxuriante do nosso lyrismo, cujos meritos não se devem em extremo encarecer, é que outro factor poderoso ahi funcciona : a excitação, o calor dos mestiços, gentes alegres e enthusiastas.

Os quatro agentes principaes de nossa producção nacional : sólo, europeus, negros e indios, ahi entram com o seu melhor.

O facto justifica-se naturalmente, sem que o *turanismo* o obscureça com as suas sombras.

Em resumo : é certo que o lyrismo europeu passou á America ; é certo tambem que elle se tornou depois mais vivido aqui do que na velha patria; não porque os suppostos turanos da Europa encontrassem novo apoio nos seus pretendidos irmãos de raça n'este continente ; sim porque o velho e extenuado elemento lusitano foi mettido n'um cadinho novo com outros elementos e formaram todos uma creação ethnica e social nova. Ora, a cada povo novo corresponde tambem uma phase nova na poesia.

Por isso ha um quer que seja que é nosso no *Uruguay*, no *Caramurú*, nas *Cartas Chilenas*, nos *madrigaes* de Silva Alvarenga, nos *sonetos* de Claudio, nas *lyras* de Gonzaga, nas *cantigas* de Caldas Barbosa.

Elles e Gregorio de Mattos são os creadores de nossa poesia.

Vejamos um a um estes lyristas.

Claudio Manoel da Costa nasceu aos 6 de junho de 1729 no sitio da Vargem de Itacolomy, freguesia de Marianna, a 12 kilometros da cidade. Foi baptisado aos 26 do mesmo mez e anno na capella de N. S. da Conceição do dito sitio. Era filho legitimo do portuguez João Gonçalves da Costa e D. Thereza Ribeira de Alvarenga, brasileira, filha de paulistas. Estudou humanidades no Collegio dos jesuitas do Rio de

Janeiro, seguindo para Portugal, onde se matriculou na Universidade de Coimbra em 1749, graduando-se em canones aos 19 de abril de 1753. Voltou ao Brasil em 1754. Foi nomeado secretario do governo de Minas pelo conde de Bobadella por provisão de 15 de junho de 1762, desempenhando essa funcção até agosto de 1765. Aos 9 de abril de 1769 foi nomeado pelo conde de Valladares juiz das demarcações de sesmarias do termo de Villa-Rica. Crê-se que exercêra esse cargo até 1773. D'este ultimo anno até 1789, dacta de sua morte, exerceu a advocacia, profissão a que sempre voltava ao deixar os funcções officiaes. (1)

N'esse tempo pozera-se em execução o imposto da *capitação* com rigor, exigindo-se contas atrazadas; a producção do ouro escaceara e o imposto tornava-se pesadissimo.

A capitania sentia-se empobrecida; d'ahi o desgosto e a tentativa de levantamento.

As idéas de independencia despontaram nas cabeças pensadoras e Claudio achou-se envolvido na conspiração. Mettido em prisão foi assassinado no carcere em 1789. Alguns dizem que se suicidára. O governo do tempo fez-se o echo d'esta ultima versão, o que é um motivo para não ser acceita. Em pontos d'estes os governos são sempre inclinados a mentir. De uma fórma ou de outra, Claudio foi uma victima do despotismo colonial.

Alguns historiadores aulicos são levados a desprezar a *Inconfidencia*. Firmam-se para isto nas respostas timidas dadas pelos conjurados nas inquirições a que foram sujeitos! A razão é futil e deve-se antes acceitar a responsabilidade historica d'essas illustres victimas do patriotismo. A sentença que julgou e condemnou os *Inconfidentes*, assignada por Vasconcellos, Gomes Ribeiro, *Cruz e Silva*, Veiga, Figueiredo, Guerreiro, Monteiro e Gaioso — aos 8 de abril de 1792, no topico referente a Claudio diz : — « Mostra-se quanto ao réo Claudio Manuel da Costa, que supposto não assistisse nem figurasse nos conventiculos, que se fizeram

(1) Vide *Revista Brasileira*, tomo II, 1895, Rio de Janeiro; pag. 65 a 73, artigo do D[r] Ramiz Galvão sobre Claudio Manoel da Costa, onde se acham corrigidos os erros correntes da biographia do poeta.

em casa do réo Francisco de Paula e em casa do réo Domingos de Abreu, comtudo soube e teve individual noticia e certeza de que estava ajustado entre os chefes da conjuração fazer-se o motim e levante, e *então estabelecer-se uma republica, independente n'aquella capitania de Minas*, proferindo o seu voto n'esta materia nas torpes e execrandas conferencias, que teve com o réo Alvarenga e padre Carlos Corrêa de Toledo, tanto na propria casa, como na casa do réo Thomaz Antonio Gonzaga : consta a fl. 7 do appenso n. 5 e fl. 11 do appenso n. 4 da devassa d'esta cidade, e confessa o réo no appenso n. 4 da devassa de Minas, em cujas conferencias se tratava do modo de executar a sedição e levante, e dos meios do estabelecimento da republica, chegando ao ponto do réo votar sobre a bandeira e armas de que ella devia usar : consta do appenso n. 4 á fl. 11, appenso n. 5 á fl. 7 da devassa d'esta cidade, e appenso n. 4 da devassa de Minas, constituindo-se pelas dictas infames conferencias tambem chefe da conjuração, para quem os mais chefes conjurados deixavam a factura das leis para a nova republica : consta á fl. 2, appenso n. 23 e testemunha fl. 98 v. da devassa de Minas ; e tanto se reconheceu este réo criminoso de lesa magestade da primeira cabeça, que horrorisado com o temor do castigo que merecia pela qualidade do delicto, que, logo depois das primeiras perguntas que lhe foram feitas, foi achado morto no carcere, em que estava afogado com uma liga... » (1)

Por estas razões — « *ao réo Claudio Manoel da Costa, que se matou no carcere, declaram infame a sua memoria e infames seus filhos e netos, tendo-os, e os seus bens por confiscados.* » (2)

A conjuração mineira não passou do preambulo de um drama mutilado, e Claudio não foi, por certo, dos mais fervorosos comparsas d'aquelles preludios.

Elle era timido, recatado, melancholico, ainda que apparentasse essa bonhomia mineira, que se manifesta em pilherias e chufas inoffensivas. Este poeta não tinha os arrebata-

(1) *Brasil Historico*, 1867, 2ª série, T. II, pag. 45.
(2) *Brasil Historico*, pag. 107, T. II 2ª serie.

mentos de Alvarenga Peixoto, a credulidade do vigario Toledo, nem as illusões de Gonzaga; era velho, experimentado, desilludido.

Em nada teve a iniciativa; foi levado pela corrente. Alvarenga Peixoto era um minerador abastado, feliz, enthusiasta; seu lar vivia em festa; Gonzaga era um amante romantico, alegre, inflammavel; Claudio era um advogado sem distracções, merencorio; seu lar não era festivo; o amor lhe tinha sido aspero e ingrato.

E' um homem que se deixa estimar pela doce melancholia de seus versos, pelo seu fim tragico, por suas desventuras; mas que não enthusiasma, não arrebata, não se faz admirar. N'elle não era o talento que sobrepujava; era a boa alma, o coração affavel.

Veja-se o homem através do poeta. Além da obra posthuma o poema *Villa-Rica*, de que já falei, Claudio deixou publicados os trabalhos seguintes: *Munusculo metrico*, 1751; *Epicedio*, 1753; *Labyrintho de amor*, 1753; *Numeros Armonicos*, 1753; e o livro sob o titulo *Obras de Claudio Manoel da Costa, arcade ultramarino, chamado Glauceste Saturnio*, 1768. Todos estes escriptos são hoje rarissimos. (1)

E' tarefa para os bibliographos fornecer esclarecimentos sobre elles; quanto ao leitor que apenas deseje conhecer o homem e o poeta basta-lhe percorrer o ultimo d'esses livros. Ahi se acha completa a alma de Claudio.

E' bastante lêr os *sonetos*; mas é préciso lêl-os por inteiro no original. As transcripções dos criticos são deficientes.

Tem-se dicto que Claudio desdenhava os assumptos brasileiros e suspirava pela vida de Portugal. O facto é que elle escreveu sobre a historia da capitania de Minas, e que no *Villa-Rica* occupou-se de assumpto patrio...

O certo é ainda que, até nos assumptos mais geraes e vagos de seus versos, era elle um brasileiro na maneira de sentir e dizer.

A accusação origina-se de uma passagem que se lê em suas *Obras* no *Prologo ao Leitor* E' esta:

(1) Vide *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. II, pag. 223.

« Não permittiu o céo, que alguns influxos, que devi ás aguas do Mondego, se prosperassem por muito tempo; e destinado a buscar a patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aqui entre a grosseria dos seus genios, que menos pudera eu fazer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia! Que menos do que abandonar as fingidas nymphas destes rios, e no centro delles adorar a preciosidade daquelles metaes, que têm attrahido a este clima os corações de toda a Europa!

« Não são estas as venturosas praias da Arcadia; onde o som das aguas inspirava a harmonia dos versos. Turva e feia a corrente destes ribeiros, primeiro que inspire as ideias do um poeta deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhe tem pervertido as côres! A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço... »

Deve-se, porém, advertir que o poeta accrescenta : « mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a *maior paixão.* »

Aquelle trecho, citado como corpo de delicto contra Claudio, não comporta as illações que delle querem tirar.

Essa especie de ironia do poeta era uma censura á ignorancia de seu paiz e de seu tempo; mas não era uma prova de desamor. E, demais, o mineiro tinha rasão n'um sentido geral; é incontestavel que a vida em nossos sertões é aspera e prosaica; tudo conduz ao abandono dos grandes estimulos intellectuaes. Antes a franqueza do velho patriota do que a nostalgia pedantesca de alguns que, vivendo fartamente na Europa, fingem-se uns *peregrinos*, uns *desterrados* no meio das expansões aristocraticas de seu tedio provado á patria...

Claudio era rude e não dissimulava a *grosseria de seus conterraneos.*

A nota predominante em nosso Inconfidente, como poeta, é a melancholia; elle é da raça dos Lamartines. Seu verso é doce; seu lyrismo subjectivista. No soneto é, certo, dos melhores escriptores de nossa lingua; tem talvez mais verdade e naturalidade do que Bocage. Eis umas amostras :

« Não se passa, meu bem, na noite e dia
Uma hora só que a misera lembrança
Te não tenha presente na mudança
Que fez, para meu mal, minha alegria.

Mil imagens debuxa a phantasia,
Com que mais me atormenta e mais me cansa.....
Pois se tão longe estou de uma esperança,
Que allivio póde dar-me esta porfia!

Tyranno foi commigo o fado ingrato,
Que crendo, em te roubar, pouca victoria
Me deixou para sempre o teu retrato......

Eu me alegrára da passada gloria,
Se quando me faltou teu doce trato,
Me faltára tambem d'elle a memoria! »

Isto é significativo; ao amante infeliz é incommoda a lembrança do objecto amado, que o persegue como uma obsessão. Mas o poeta ainda póde ter esperanças e anceia por ver os bellos olhos de sua querida :

« Estes os olhos são da minha amada :
Que bellos, que gentis e que formosos!
Não são para os mortaes tão preciosos
Os doces fructos da estação dourada......

Por elles a alegria derramada,
Tornam-se os campos de prazer gostosos;
Em zephyros suaves e mimosos
Toda esta região se vê banhada......

Vinde, olhos bellos, e emfim trazendo
Do rosto de meu bem as prendas bellas,
Dai allivio ao mal que estou gemendo......

Mas, oh delirio meu, que me atropellas!
Os olhos, que cuidei que estava vendo,
Eram, quem crêra tal! duas estrellas...... »

Mas logo e poeta exasperado brada :

« Leve pois a fortuna os seus favores;
Eu os desprezo já; porque é loucura
Comprar a tanto preço as minhas dores;

Se quer que me não queixe a sorte escura,
Ou saiba ser mais firme nos rigores,
Ou saiba ser constante na brandura...... »

As alegrias do poeta tinham fugido : a vida lhe era de magoas :

« Memorias do presente e do passado
Fazem guerra cruel dentro em meu peito,
E bem que ao soffrimento ando já feito,
Mais que nunca desperta hoje o cuidado!...... »

Afinal vem a hora do rompimento e da separação, o poeta obedece aos factos, mas o desprazer é evidente :

« Adeus, idolo bello, adeus querido,
Ingrato bem... adeus! Em paz te fica,
E essa victoria misera publica
Que tens barbaramente conseguido......

Eu parto, eu sigo o norte aborrecido
De meu fado infeliz... Agora, rica
De despojos, a teu desdém applica
O rouco accento de um mortal gemido.

E se acaso alguma hora menos dura
Lembrando-te de um triste, consultares
A série vil da sua desventura,

Na immensa confusão de seus pezares
Acharás que ardeu simples, ardeu pura
A victima de uma alma em teus altares...... »

Claudio é, ao que supponho, o mais subjectivista de todos os nossos poetas classicos e pode ser considerado o predecessor do *byronismo* de nossos romanticos.

Suas descripções da natureza exterior são pallidas, o mundo do pensamento e da sensibilidade é que elle descreve com habilidade.

E' por isso que não foi, e nunca será um poeta popular, é injustamente pouco lido. Para este povo meridional, e só impressionavel ás fortes descripções, aos grandes quadros da vida exterior, as magoas do poeta mineiro passam desperce-

bidas como o marulho das lymphas tenues ao lado dos nossos grandes rios.

E, todavia, Claudio foi um poeta e da mais alta linhagem; sua linguagem é correcta e fluida, seu estylo simples, o verso espontaneo.

O defeito capital é n'elle uma certa monotonia que reçuma de suas queixas constantes.

Só teve uma ideia; é o poeta do amor inditoso; tudo quanto escreveu são variações sobre este mesmo thema.

Como lyrista, ao velho gosto, sua despedida a *Nise* é, no genero, uma das composições mais perfeitas da lingua portugueza.

E' monotonà, mas é sentida.

Este soneto exprime o homem :

« Quando cheios de gosto e de alegria
Estes campos diviso florescentes,
Então me vêm as lagrimas ardentes
Com mais ancia, mais dôr, mais agonia...

Aquelle mesmo objecto que desvia
Do humano peito as magoas inclementes
Esse mesmo em imagens differentes
Toda a minha tristeza desafia.

Se das flores a bella contextura
Esmalta o campo na melhor fragrancia,
Para dar uma ideia de ventura;

Como, oh céos, para os vêr terei constancia,
Se cada flor me lembra a formosura
Da bella causadora da minha ancia?... »

Claudio era uma natureza morbida, foi um representante d'essa molestia moderna, tão accentuada nos seculos XVIII e XIX — a melancholia.

Pouco pensador e profundo, arredado dos grandes centros do pensamento, não poderia ser um Rousseau, nem escreveria como Gœthe o *Werther;* alma pouco agitada pelos desregramentos de uma imaginação ardente, não foi tambem um Edgar-Poë.

Claudio é da familia dos Mauricios de Guérin, sem as suavidades e as destrezas do estylo moderno.

E' um lyrista ao gosto de Christovão Falcão; n'elle sente-se a alma brasileira com todos os seus desalentos, com todas as suas magoas, mas tambem com todas as suas audacias.

Por detraz do poeta, como um prolongamento sympathico de sua personalidade, assoma a figura do patriota, do inconfidente.

A nacionalidade brasileira affirma-se n'esse velho mentor dos poetas mineiros. O amigo de Gonzaga é, pelo menos, um exemplo para todos os que amam este paiz, um exemplo como patriota e um exemplo como lyrista.

IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO é superior a Claudio no vigor da imaginação.

D'elle poucos escriptos restam. Além das *Cartas Chilenas*, provavelmente suas, existe um pequeno numero de poesias, ultimamente colleccionadas. (1)

Alvarenga nasceu no Rio de Janeiro em 1744. No collegio dos jesuitas fez a sua instrucção preparatoria ; formou-se em leis em Coimbra em 1769.

No collegio dos jesuitas foi condiscipulo de Basilio da Gama e em Coimbra de Gonzaga e Silva Alvarenga.

Em 1776 tornou ao Brasil.

No Rio de Janeiro, sob o governo do Marquez do Lavradio, havia um pequeno theatro, e para elle A. Peixoto escreveu um drama em versos *Eneas no Lacio* e a traducção da *Merope* de Maffei, hoje perdidos. Pouco depois seguiu como magistrado para a comarca do Rio das Mortes em Minas, onde casou-se em 1778 com D. Barbara Heliodora Guilhermina da Silveira, descendente de uma familia de paulistas, estabelecidos em S. João de El-Rei. Abandonou Alvarenga a magistratura e attirou-se á mineração ; chegou a ser abastado, viveu alegre, feliz no seio da familia.

Sua mulher era uma dama de intelligencia e de espirito e sua filha Maria Iphigenia um typo meigo de belleza e de

(1) *Obras Poeticas de Ignacio José de Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro 1865; edição de J. Norberto de S. Silva.

candura. D. Rodrigo de Menezes conferio ao poeta a patente de coronel do regimento de cavalleria do Rio Verde. Sua influencia na capitania chegou a ser notavel. Relacionado com as principaes pessoas de Villa Rica, tomou parte activissima nos aprestos da conjuração mineira. Foi elle que propoz a *Libertas quæ sera tamen* para distico da bandeira republicana. Foi preso no dia 20 de maio de 1789 ; transportado para o Rio de Janeiro, foi recolhido ás masmorras da fortaleza da Ilha das Cobras.

Mettido em interrogatorios revelou um certa fraqueza do animo... (1)

Foi condemnado á morte, pena commutada em degredo para Dande e mais tarde para Ambaca n'Africa, onde falleceu em 1793, alquebrado e envelhecido precocemente.

Leiamos o topico da sentença que o condemnou : « Mostra-se, quanto ao réo Ignacio José de Alvarenga, coronel do primeiro regimento auxiliar da campanha do Rio Verde, ser um dos chefes da conjuração, assistindo em todos os conventiculos que se fizeram em casa do réo Francisco de Paula, nos quaes insistia em que se cortasse a cabeça do governador de Minas, e se encarregou de apromptar para o levante gente da campanha do Rio-Verde... e confessou o réo que quando em um dos conventiculos se lhe encarregou que aprompasse gente da campanha do Rio-Verde, elle recommendava aos mais socios que fossem bons cavalleiros.

Mostra-se mais que tendo o réo conferido com o réo Claudio Manoel da Costa sobre a fórma da bandeira e armas que devia ter a nova republica, expoz depois o seu voto em um dos conventiculos, dizendo que devia ser um genio quebrando as cadeias e a letra *Libertas quæ sera tamen;* consta á fl. e confessa o réo dizendo que elle e todos que ali estavam presentes acharam a letra muito bonita, sendo este réo um dos que mostrava mais empenho e interesse em que tivesse effeito a rebellião, resolvendo as duvidas que se propunham, como fez a José Alves Maciel, dizendo-lhe este que

(1) Vide *Obras Poeticas*, de Ignacio José de Alvarenga Peixoto, noticia por J. N. de Souza Silva, pags 50 e seguintes.

havia pouca gente para a defeza da nova republica, respondeu *que se desse liberdade aos escravos crioulos e mulatos*; e ao conego Luiz Vieira, dizendo-lhe que o levante não podia subsistir sem a apprehensão dos quintos e a união desta cidade, (Rio) respondeu que não era necessario, que bastava metter-se em Minas sal, polvora e ferro para dois annos; consta á fl. fomentando o réu a sublevação e animando os conjurados pela utilidade que figurava lhes resultaria do estabelecimento da republica, como declara José Ayres Gomes á fl. 6 v. da devassa d'esta cidade, dizendo o réu por formaes palavras : — homem, elle não seria máu que fosse republica, e essa nova capitania com duzentos escravos e as lavras que lá tenho... — e ficou sem completar a oração : mas no que disse bem explicou o seu animo. » Por isso : « condemnam aos réus... Ignacio José de Alvarenga... a que com baraço e pregão sejam conduzidos pelas ruas publicas ao lugar da forca, e n'ella morram morte natural para sempre, e depois de mortos lhes serão cortadas as suas cabeças e pregadas em postes altos até que o tempo as consumma..... a do réu Ignacio José de Alvarenga no lugar mais publico da villa de S. João d'El-Rei até que o tempo a consumma; declaram a este réu infame e infames seus filhos e netos e os seus bens confiscados para o fisco e camara real. » (1)

Com este golpe Maria Iphigenia morreu de vergonha e desalento e Barbara Heliodora enlouqueceu!...

Alvarenga Peixoto era homem ardente, imaginoso; tinha o dom da palavra; era orador e poeta sem esforço; seu talento era objectivista; as grandes scenas do mundo o exaltavam e inspiravam-lhe fortes imagens.

Elle tem phrases de grande belleza lyrica; brusco e arrebatado, de genio folgazão e turbulento, possuia bellezas de expressão.

Ouçamol-o :

« Eu vi a linda Estella, e namorado
Fiz logo eterno voto de querel-a;
Mas vi depois a Nize, e é tão bella,
Que merece igualmente o meu cuidado...

(1) Vide *Brasil Historico* e *Obras Poeticas*, de Alvarenga Peixoto.

A qual escolherei, se neste estado
Não posso distinguir Nize d'Estella ?
Se Nize vir aqui, morro por ella,
Se Estella agora vir, fico abrazado.

Mas, oh ! que aquella me despreza amante,
Pois sabe que estou preso em outros braços,
E esta não me quer, por inconstante...

Vem, Cupido, soltar-me d'estes laços,
Ou faz de dous semblantes um semblante,
Ou divide o meu peito em dous pedaços !... »

Isto pinta a natureza do talento do poeta e tambem o seu genio inflammavel ; mas pouco profundo.

Ainda mais :

« Não cedas, coração ; pois n'esta empreza
O brio só domina ; o cego mando
Do ingrato amor seguir não deves, quando
Já não pódes amar sem vil baixeza.

Rompa-se o forte laço, que é fraqueza
Ceder a Amor, o brio deslustrando ;
Vença-te o brio pelo amor cortando,
Que é honra, que é valor, que é fortaleza.

Foge de vêr Alléa ; mais se a vires
Porque não venhas outra vez a amal-a,
Apaga o fogo, assim que a presentires.

E se inda assim o teu valôr se abala,
Não lh'o mostres o rosto ; oh ! não suspires !
Calado geme, soffre, morre, estala !...

A idéa é firme, e a fórma mais ou menos bem acabada.

Alvarenga tem duas notas principaes como poeta : o doce sentimento da familia e a grande intuição da independencia do Brasil. O primeiro exhala-se nos versos feitos na prisão remettidos á sua mulher, a segunda transpira de muitas de suas composições. Comprehendeu a posição ethnica dos brasileiros e o nosso futuro ; teve um brado de alento para os miseros escravos.

E' por isso que o *Canto genethliaco* é uma como revelação ;

ali está o poeta com todos os seus enthusiasmos e todas as suas illusões. Contrapõe a Portugal o Brasil rude, é certo; mas rico e cheio de porvir; o sentimento n'essa poesia é real; o espirito brasileiro a alenta; é a terra americana affirmando as suas prerogativas.

O governador de Minas, o portuguez D. Rodrigo de Menezes, teve um filho no Brasil; é a este que o poeta dirigiu os seus versos, falando mais da patria do que do seu *heróe*.

Eis um trecho:

« Esses partidos morros e escalvados
Que enchem de horror a vista delicada
Em soberbos palacios levantados
Desde os primeiros annos empregada,
Negros e extensos bosques tão fechados,
Que até ao mesmo sol negam a entrada,
E do agreste paiz habitadores
Barbaros homens de diversas côres;

« Isto, que Europa barbaria chama,
Do seio de delicias tão diverso,
Quão differente é para quem ama
Os ternos laços do seu patrio berço!
O pastor louro, que meu peito inflamma,
Dará novos alentos ao meu verso,
Para mostrar de nosso heróe na bocca
Como em grandezas tanto horror se troca.

« Aquellas serras, na apparencia feias,
Dirás por certo — Oh! quanto são formosas!
Ellas conservam nas occultas veias
A força das potencias magestosas;
Têm as ricas entranhas todas cheias
De prata, ouro e pedras preciosas;
Aquellas brutas, escalvadas serras
Fazem as pazes, dão calôr ás guerras.

« Aquellas morros negros e fechados,
Que occupam quasi a região dos ares,
São os que em edificios respeitados
Repartem raios pelos crespos mares.

Os corynthios palacios levantados,
Doricos templos, jonicos altares,
São obras feitas d'esses lenhos duros,
Filhos d'estes sertões feios e escuros.

« A c'rôa d'ouro, que na tésta brilha,
E o scetro, que empunha na mão justa
Do augusto José a heroica filha,
Nossa rainha soberana augusta,
E Lisbôa de Europa maravilha,
Cuja riqueza a todo o mundo assusta,
Estas terras a fazem respeitada,
Barbara terra, mas abençoada !...

« *Esses homens de varios accidentes,*
Pardos e pretos, tintos e tostados,
São os escravos duros e valentes,
Aos penosos serviços costumados :
Elles mudam aos rios as correntes,
Rasgam as serras, tendo sempre armados
Da pesada alavanca e duro malho
Os fortes braços feitos ao trabalho... »

Eram estes *fortes braços feitos ao trabalho* que Peixoto pretendia empregar na revolução ; elle cogitava na libertação dos captivos, generoso pensamento, digno irmão de outro não menos gereroso, a libertação da patria.

A poesia do mallogrado inconfidente não era convencional, elle não era um charlatão, um vadio, um debochado dos botequins ; era um homem positivo, adestrado no trabalho, avtivo, emprehendedor. Não era um parasita da sociedade, um d'esses ociosos de corpo e de espirito que se amollentam nas capitaes ; era um industrial, tinha as expansões do trabalho em lucta aberta com a natureza.

A poesia n'um homem d'estes se, pela fórma, póde resentir-se das preoccupações da escola, do amaneirado do tempo, é, no fundo, um acto de força e de seriedade.

O brasileirismo de Peixoto era activo, militante. O coronel não contemplava a patria só nos versos por um desfastio pedantesco ; elle a contemplava tambem no seu desenvolvimento politico e social, e bem provou que a lyra do poeta

poderia ser substituida pela espada do guerreiro, se os acontecimentos o houvessem consentido...

Não insistirei sobre os defeitos de Alvarenga Peixoto; são os defeitos mesmos de sua época e de sua escola : certa affectação e ao mesmo tempo certa aridez da fórma; alguma cousa de convencional e de sediço.

Seu nome n'Arcadia é incerto; alguns crêem que fosse *Eureste Phenicio*, outros *Alceu.*

Thomaz Antonio Gonzaga é o mais celebre dos poetas mineiros. Dizem que nasceu em Portugal; o que não é de todo incontroverso; mas seus pais eram brasileiros, sua infancia passou-se na Bahia; sua idade adulta e viril em Minas; elle é pois um dos nossos pela vida e pelo destino.

E' uma das mais completas incarnações do lyrismo amoroso no Brasil.

Não tinha grandes recursos de fórma, nem audacias de pensamento; mas tinha suavidade na expressão, clareza nas idéas, e o seu sentimento era real.

Tem sido um dos poetas mais lidos de nossa lingua. Não era um genio de primeira ordem; se o fosse teria dado um impulso novo á arte e á litteratura; não tinha a estatura de um Gœthe, um Schiller, um Walter-Scott, um Byron, seus contemporaneos, ou immediatamente posteriores.

O defeito capital do lyrismo mineiro do seculo XVIII é certa falta de variedade e esta mácula nota-se tambem em Gonzaga. Seus versos são queixas a sua *Marilia* derramadas por um volume inteiro.

O poeta nasceu no anno de 1744. Passou a infancia na Bahia; matriculou-se em Coimbra na faculdade de direito recebendo o gráu de bacharel em 1763. Exerceu alguns cargos em Portugal e foi mais tarde nomeado ouvidor de Villa-Rica em Minas. Ahi apaixonou-se por Maria Joaquina Dorothéa de Seixas, a celebre *Marilia de Dirceu.* Este ultimo era o nome arcade do poeta.

As condições d'este amor não são bem conhecidas. O poeta e a sua amante não deixaram uma correspondencia confidencial; as *Lyras* são um bem fraco documento para uma analyse rigorosa por este lado.

Em todo caso, parece averiguado que Gonzaga chegára a Minas antes do anno de 1782, e em 1789, quando devia seguir para a Bahia, como desembargador, sendo já um homem de quarenta e cinco annos, ainda estava solteiro.

Complicado o poeta na Inconfidencia, mettido em ferros, condemnado, degredado, louco e morto em 1807, *Marilia* deixou-se viver até 1854, até á idade de oitenta e quatro annos!...

Esta observação já foi feita e com justiça.

Depois de condemnado, o poeta quiz ainda casar-se; *Marilia* não quiz, teve medo do desterro!...

D. Dorothéa de Seixas não era da raça de Barbara Heliodora ou de Frederica, a divina amante de Gœthe. E este era um homem calculado e frio e Gonzaga sinceramente apaixonado!.....

O poeta talvez praticasse algumas indiscreções em Villa Rica.

Um trecho das *Cartas Chilenas* o trahe um pouco e nas proprias lyras o olhar exercitado vai descobrir um rastro de outros amores de pequena monta :

« Eu sei, Marilia,
Que outra pastora
A' toda hora
Em toda parte
Céga namora
Ao teu pastor.
Ha sempre fumo
Aonde ha fogo...... » (1)

Maria Dorothéa enfadava-se com isto, e o poeta fazia-lhe novos protestos de amor constante e unico. (2)

Não sei até que ponto é verdadeiro o dicto de Gœthe : « se tua dôr te incommoda, faze d'ella um poema. » Não ha duvida

(1) 1ª parte L. XVI. Edição de 1884 — de J. N. de Souza Silva.

(2) No processo da Inconfidencia fala-se vagamente da *familia* de Gonzaga, e tambem que o marquez de Barbacena se oppunha ao casamento do poeta!... Qual a razão!?... *Marilia* viveu mais tarde em alliança com um dos Queirogas de Minas de quem teve filhos e existem netos.

que um sentimento real deve sempre inspirar as composições de um poeta; mas é certo tambem que o tomar-se o expediente de fazer versos, quando a lucta é profunda e a catastrophe immensa, é uma como falsificação do sentimento. O propriro auctor do *Faust* é d'isto um exemplo; elle nunca se deixava subjugar de todo, sempre reagia, e, com serenidade impassivel, cortava as situações mais tragicas. A poesia era para elle uma occasião de estudo e ás vezes uma panacéa.

E' este o maior defeito de seu genio, defeito notado e com razão.

Se, no meio das grandes luctas d'alma, a poesia irrompe espontanea, ella é sagrada e imponente; se é procurada como calmante é ridicula e frivola. Por isso, quando a prostração é positiva e inilludivel, o poetar parece uma profanação.

Ha certas crises, certos momentos tragicos d'alma humana em que a poesia não deve entrar; a arte só é possivel com certa liberdade e onde esta falta, ou deve faltar, a poesia é uma hospeda importuna que nos vem perturbar na realidade de nosso sentimento.

Não comprehendo a dor de um homem, que vendo sahir o feretro de sua mãi, de sua esposa, de sua filha, por exemplo, vai sentar-se á mesa a escrever versos... Poderá escrevel-os, talvez mais tarde, quando a acuidade da dor transformar-se nas suaves ternuras da saudade.

Ha talvez alguma cousa de artificioso nas *Lyras* de Dirceu escriptas no carcere. E' certo, porém, que o poeta quebrou a sua penna, quando a cousa tornou-se de veras seria, quando a sentença condemnatoria lhe foi lida. No degredo elle não poetou mais. A bestialidade do soffrimento crestou-lhe todas as expansões e mais tarde annuviou-lhe a razão.

Analyzando as producções de Gonzaga, vê-se que elle não teve genio para quebrar as cadeias que o prendiam ao genero pastoril, o mais prosaico, o mais grosseiro de todos os systemas poeticos.

Gonzaga era, porém, um verdadeiro talento; porque atravez d'aquellas roupagens arcadicas deixa notar as bellezas de um lyrismo franco e até as verdades de um realismo perfeito.

Elle tem algumas composições que poderiam ser assi-

gnadas por qualquer dos mais extremados realistas contemporaneos. Esta circunstancia, que sou o primeiro a notar, demonstra-se facilmente. A *Lyra* XIX da 1.ª parte é um exemplo :

« Um pouco meditemos
Na regular belleza,
Que em tudo quanto vive nos descobre
A sabia natureza...

« Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa.
E o lambe, emquanto chupa a lisa teta.
Attende mais, ó cara,
Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
E salte em cima della.

« Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,
E os seus assim sustenta ;
Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo vulto,
Que junto delles pisa !

» Que gosto não terá a esposa amante,
Quando der ao filhinho o peito brando
E reflectir então no seu semblante !
Quando, Marilia, quando
Disser comsigo : « E' esta
De teu querido pai a mesma barba,
A mesma bocca e testa. »

« Que gosto não terá a mãi que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho !
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecel-a !

« Que prazer não terão os paes ao verem
Com as mãis um dos filhos abraçados ;
Jogar outros a luta, outros correrem
Nos cordeiros montados !
Que, estado de ventura !
Que até n'aquillo que de pezo serve,
Suspira amor doçura !... »

Isto é de um naturalismo completo e perfeito ; é a pintura da vida.

Os realistas de hoje têm, quem tal diria? um antecessor no classico e pastoril Dirceu.

Outros muitos topicos, especialmente as *Lyras* XXIV, e XXVI da primeira parte são provas do facto. Na ultima o poeta pinta uma scena do trabalho *escravo :*

« Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra .

« Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batêa.

« Não verás derrubar as virgens matas,
Queimar as capoeiras inda novas,
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos nas covas.,

« Não verás enrolar negros pacotes
Das sêccas folhas do cheiroso fumo ;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da dôce canna o summo... »

Vê-se que o lyrista quasi romantico, o amoroso sonhador conhecia o seu meio ; a natureza e a sociedade não lhe eram estranhas. A poesia citada é puramente brasileira.

Quando certos poetas de confeitaria, estragados ao attrito da vida sensual e mesquinha das cidades, restos esquecidos de um romantismo caduco, levando á quintessencia a nulli-

dade da inspiração, olvidam a vida nacional, para passear pelo Oriente, mas um Oriente que lhes chega á vista pelas estafadas descripções de Julio Verne, quando tal gente anda a babujar a poesia com umas *levantinas* enfermas, sediças, aleijadas, quando se vê toda esta vacuidade, é que se avalia a força do talento de Gonzaga!

Elle tinha o sentimento das cousas, o sentimento da vida ; não possuia a falsa eloquencia dos poetas pretenciosos ; tinha a simplicidade dos poetas verdadeiros.

Sem a mania estupida do *levantismo*, que atormenta alguns pedantes de hoje, Dirceu em cinco estrophes pinta o *Templo do amor* ao gosto oriental :

« Entrei n'outro grande templo ;
Que perspectiva tão grata !
Tudo quanto n'elle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebata.

« E' de marmore e de jaspe
O soberbo frontispicio ;
E' todo por dentro de ouro
E a um tão rico thezouro
Inda excede o artificio.

« As janellas não se adornam
De sedas de finas côres ;
Em logar dos cortinados,
Estão presos, enlaçados
Festões de mimosas flôres :

« Em torno da sala augusta
Ardem dourados brazeiros,
Queimam resinas que estalam,
E postas em fumo exhalam
De Panchaya os gratos cheiros.

« Ao pé do throno os seus genios
Alegres hymnos entoam,
Dançam as graças formosas,
E aqui as horas gostosas,
Em vez de correrem, voam... » (1)

(1) *Lyra* XXXVII-1ª Parte ; edição de 1884.

As *Lyras* da segunda parte são uma especie de autopsychologia dos soffrimentos do poeta. Por ellas se marca a natureza do talento de Gonzaga diametralmente opposto ao de seu amigo Claudio. As *Obras* deste são composições da mocidade ; publicou-as o poeta aos trinta e nove annos de idade. Depois pouco mais escreveu, além do *Villa Rica.* Envolvido em processo e preso, Claudio não teria mais forças para escrever qualquer cousa. Era o desalento em pessoa ; vivia no mundo da subjectividade ; perturbado este, elle ficava destroçado. O talento de Gonzaga era de natureza objectiva ; no carcere, pungido pelo sentimento, sempre em meio da descripção de seus pezares, vem uma scena da natureza mitigar-lhe as penas e modificar o escuro do quadro.

Lêam-se, entre outras, as bellissimas *Lyras* IV, V, VI, e VII.

A principio o poeta, firmado no seu direito, não perdeu a esperança da liberdade :

« Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoulas na floresta ;
Julgou o justo céu que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

« Ah ! minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem, que ja perdi, alcanço e provo,
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo ;
Romper a nuvem que os meos olhos cerra,
Amar no céu a Jove e a ti na terra...

« Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas e com cestos os peixinhos :
Nós iremos caçar nas manhans frias
Com a vara envisgada os passarinhos ;
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira ;

Entre as falsas historias que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira;
Pasmados te ouvirão; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto... »

Por estes bellos versos, escriptores na prisão, bem se divisa a natureza do genio do poeta; era um talento lyrico, alegre, naturalista, um homem expansivo, algum tanto sensual, capaz de amar loucamente, enthusiasta pelo espirito de sua querida; mas sobre tudo pelo seu *regaço*, por suas *faces*, louco por provar as *delicias*, que o fariam renascer um homem novo... Assim não o quiz o governo colonial; Gonzaga foi condemnado a degredo, pena commutada em desterro por dez annos para Moçambique, onde falleceu louco.

A sentença diz a seu respeito : « Mostra-se, quanto ao réo Thomaz Antonio Gonzaga, que, por todos os mais réos conteúdos nessas devassas, era geralmente respeitado por chefe da conjuração, como o mais capaz de dirigil-a e de se encarregar do estabelecimento da nova republica : e supposto que esta voz geral, que corria entre os conjurados, nascesse principalmente das asseverações dos réos Carlos Correia de Toledo e do alferes Tira-Dentes, e ambos negassem nos appensos n. 1 e n. 5 que o réo entrasse na conjuração ou assistisse em algum dos conventiculos, que se fizeram em casa dos réos Francisco de Paula e Domingos de Abreu, accrescentando o padre Carlos Correia que dizia aos socios da conjuração que este réo entrava nella para os animar, sabendo que entrava na acção um homem de luzes e talento capaz de os dirigir; e o réo Tira-Dentes, que não negaria o que soubesse deste réo para o eximir da culpa, sendo seu inimigo por causa de uma queixa que delle faz ao governador Luiz da Cunha Menezes, e igual retractação fizesse o réo Ignacio José de Alvarenga na accareação do appenso n. 1 a fl. 14, pois tendo declarado no appenso n. 4 que este réo estivera em um dos conventiculos que se fizera em casa do réo Francisco de Paula, e que nelle o encarregaram da factura das leis para o governo da nova republica, na dita accareação não sustentou o que tinha declarado, dizendo que

bem podia enganar-se; e todos os mais réos sustentam com firmeza que nunca este réo assistira nem entrara em algum dos ditos abominaveis conventiculos; comtudo não póde o réo considerar-se livre de culpa pelos fortes indicios que contra elle resultam, porquanto;

Mostra-se que sendo a base do levante ajustado entre os réos o lançamento da derrama, pelo descontentamento que suppunham que causaria no povo, este réo foi um acerrimo perseguidor do intendente procurador da fazenda, para que requeresse a dita derrama, parecendo-lhe talvez que não bastaria para inquietar o povo o lançamento pela divida de um anno, instava ao mesmo intendente para que a requeresse por toda a divida dos annos atrazados, e ainda que d'esta mesma instancia queira o réo formar a sua principal defeza, dizendo que instava ao dito intendente para que requeresse a derrama por toda a divida, porque então seria evidente que ella não poderia pagar-se, e a junta da fazenda daria conta á dita Senhora, como diz no appenso n. 7 de fl....., comtudo d'esta mesma razão se conhece a cavilação do animo d'este réo, pois para se saber que a divida toda era tão avultada que o povo não podia pagal-a, e dar a junta de fazenda conta á dita Senhora, não era necessario que o intendente requeresse a derrama; porém do requerimento do dito intendente é que verosimilmente esperavam os réos que principiasse logo a inquietação no povo; pelo menos os conjurados reputavam as instancias que o réo fazia, para que o intendente requeresse o lançamento da derrama, por uma deligencia primordial que o réo fazia para ter logar a rebellião; — jura a testemunha de fl... da devassa de Minas.

Mostra-se mais dos appensos n. 4 e 8, que, jantando o réo um dia em casa do réo Claudio Manoel da Costa, com o conego Luiz Vieira, o intendente e o réo Alvarenga, foram todos depois do jantar para uma varanda, excepto o intendente que ficou passeando em uma sala immediata, e principiando na dita varanda, entre os réos, a pratica sobre a rebellião, advertiu o réu Alvarenga que se não continuasse a falar na materia, porque poderia perceber o dito intendente; mas não houve duvida em principiar a pratica, nem tambem

a havía em continual-a, na presença d'este réo, signal evidente de que estavam os réos certos que a pratica nem era nova para o réo, nem temiam que elle os denunciasse, assim como se temeram e acautelaram do intendente tendo o mesmo réo já dado a mesma prova de que sabia o que estava ajustado entre os conjurados, quando, em sua propria casa, estando presente o réo Alvarenga, perguntou o conego Luiz Vieira pelo levante, e o réo lhe respondeu que a occasião se tinha perdido pela suspensão do lançamento da derrama, e não lhe fazendo novidade que houvesse idéa de se fazer levante, deu bem a conhecer na dita resposta que não só sabia do dito levante mas tambem que elle estava ajustado para a occasião em que se lançasse a derrama.

Ultimamente mostra-se pelo appenso n. 4 da devassa d'esta cidade, das perguntas feitas ao réo Alvarenga, e pelo appenso n. 4 da devassa de Minas, das perguntas feitas ao réo Claudio Manoel da Costa, que muitas vezes falaram com o réo sobre o levante, o que elle se não atreveu a negar nas perguntas que se lhe fizeram, confessando que algumas vezes poderia falar e ter ouvido falar alguns réos hypotheticamente sobre o levante, sendo incrivel que um homem lettrado e de instrucção e talento, deixasse de advertir que o animo com que se proferem as palavras é occulto aos homens, que similhante pratica não poderia deixar de ser criminosa, especialmente na occasião em que o réo suppunha que o povo se desgostaria com a derrama, que ainda quando o réo falasse hypotheticamente, o que é inaveriguavel, esse seria um dos modos de aconselhar aos conjurados, porque dos embaraços ou meios, que o réo hypotheticamente ponderasse para o levante, podiam resultar luzes para que elle se executasse por quem tivesse esse animo, que o réo sabia que não faltaria em muitos se se lançasse a derrama. » (1)

Pelos futeis motivos expostos neste aranzel foi Gonzaga por toda a vida degredado para as Pedras, presidio em Angola!... A pena foi mais tarde reduzida a dez annos para Moçambique, como se viu.

(1) *Brasil Historico*, 2ª Serie, 1867 tome 2º, pags 46 et 47.

Gonzaga nos depoimentos de seus collegas de infortunio foi mais ou menos poupado, e elle proprio negou até a ultima que tivesse tomado parte na conjuração; assim o declarou aos juizes e em suas poesias a *Marilia*. Por taes motivos Varnhagen é levado a crer que elle fosse estranho á *Inconfidencia*.

Não é esta a verdade que sahe dos factos; o insigne poeta não precisa dessa justificativa posthuma, falsa e insidiosa. Não ha razões serias para arredar de sua fronte a aureola de patriota sanctificado pelo soffrimento.

Sim; o poeta teve o sonho revolucionario; este grande titulo deve religiosamente ser-lhe conservado pela historia. Não se busquem para elle rehabilitações fallaciosas, inspiradas por meras adulações monarchicas.

Dirceu quiz o levante, quiz a republica, quiz a independencia. E' por isso que elle tem sido e continuará a ser um dos guias immortaes do povo brasileiro.

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA é dos poetas do seu tempo o mais delicioso, talvez, pelo mimo da fórma, pela suavidade da expressão, Era um *mestiço*, e o mais ardente dos nossos lyricos dos seculos XVIII.

Não sei se abuso, declarando que o amante de *Glaura* era *mestiço*. A presumpção européa foi sempre muito altaneira no Brasil, e por esse motivo até os mais illustres representantes da raça cruzada entre nós, os mais notaveis *mestiços*, dão-se por descontentes quando se lhes toca nesse ponto. Não vejo, porém, ahi motivos para desprazer. Quem sabe que a anthropologia prova exhuberantemente a não existencia de raças humanas puras; quem sabe que o cruzamento de todas as raças é um facto averiguado por toda a parte; quem especialmente sabe que a população portugueza, maximé nos ultimos quatro seculos, tem recebido uma grande mescla de sangue *colonial* da Africa, Asia e America; quem sabe, por fim, que um accidente exterior não tem a menor importancia deprimente, não deve levar a mal a consignação de um facto physiologico, que é um consideravel feito em tão larga escala preparado pela historia nos continentes novos. A mestiçagem é talvez uma necessidade na lucta contra o clima e é certa-

mente a immensa maioria entre nós. E' verdade dizer-se que o Brasil é uma nação de mestiços. Alvarenga, Natividade Saldanha, Caldas Barbosa, José Mauricio, Gonçalves Dias, Antonio Rebouças, Torres-Homem, Dias da Cruz, Jequitinhonha, Nascimento Feitosa, Tobias Barreto e outros illustres mortos não passaram isolados. No Brasil não são muitos os brancos puros; d'ahi o nosso dictado : saúde e *geração* não são cousas que se devam muito apurar...

Existe, porém, ainda em grande escala o séstro da *branquidade*, expressão feliz do povo para designar essa mania.

E muito commum entre nós o branco supposto. Para esta illusão inventou-se a doutrina do *morenismo ;* diz-se — é um homem *moreno* para não se dizer — é um *mestiço*..... (1)

O numero d'estes é por certo superior e muito ao numero dos brancos, negros e caboclos puros reunidos.

Convencido, pois, de que não faço injuria, sempre que se me deparar no curso d'esta historia um exemplar da raça cruzada do Brasil, terei a franqueza de consignar o facto. Esse phenomeno physiologico é indispensavel para a comprehensão psychologica, dos typos litterarios. A physiologia é a chave da psychologia, e a critica, que aproveita os elementos geologicos e mesologicos em geral, que recorre a todos os elementos historicos do meio social, que esmerilha as menores circumstancias biographicas, a critica tem por obrigação não recusar aquellas sciencias.

Silva Alvarenga nasceu em Vila-Rica em 1749. Desde criança revelou o decidido talento para a musica, proprio de sua raça, vindo a ser excellente tocador de flauta e rabeca. Sendo destituido de recursos, a espensas de amigos de sua familia veio ao Rio de Janeiro estudar no collegio dos jesuitas. Findos os preparatorios, embarcou para Coimbra, onde chegou em 1771. Reformando Pombal a universidade em 1772, Alvarenga saudou-o em uma ode ; o ministro, que protegia

(1) Uso deste termo por ser o mais lato para exprimir o facto que deixo consignado. A palavra comprehende todos os exemplares do cruzamento das raças humanas no Brasil. Os termos *mulato*, *pardo*, *cafuz*, *mameluco*, *caboré*, *cabra*, etc., além de isolados, são grosseiros e semi-barbaros. Insisto sempre n'esta ordem de considerações para dissipar todas as duvidas.

Basilio da Gama e Alvarenga Peixoto, foi tambem seu protector.

Formou-se o poeta em canones em 1776. Foi amicissimo de Basilio da Gama, a quem deveu bôas relações em Lisbôa e a quem dedicou as bellas poesias : *O Templo de Neptuno* e *A Gruta Americana*. Partiu para o Brasil em 1777 ; estabeleceu-se Rio de Janeiro como advogado. Vinha precedido pela fama de grande poeta e grande illustração.

Cultivou as melhores relações na capital do vice-reino, distinguindo-se entre todas as do marquez de Lavradio e de Luiz de Vasconcellos e Souza, que o nomeou lente de rhetorica. Alvarenga fez parte da nebulosa *Arcadia Ultramarina* sob o nome de *Alcindo Palmireno*, da sociedade scientifica, e depois da litteraria. Succedendo a Luiz de Vasconcellos e Souza o conde de Rezende, que governou de 1790 a 1801, medidas rigorosas foram tomadas contra os litteratos fluminenses. Foi dissolvida a sua sociedade, a pretexto de ser um club revolucionario.

Alvarenga, espirito satyrico e liberal, amava as doutrinas *encyclopedistas*. Para substituir a sociedade, elle creou uma sociedade secreta de caracter politico. Tinha o poeta por figadal inimigo a um tal Fr. Raymundo que, peitando para isto a José Bernardo da Silveira Frade, denunciou do poeta e seus companheiros ao despotico vice-rei. Em 1794 foram presos, entre outros, Alvarenga, o Dr. Mariano José Pereira da Fonseca, João Marques Pinto e o Dr. Jacintho José da Silva.

Alvarenga foi posto a ferros nas masmorras da fortaleza da Conceição. Seus bens foram confiscados.

O poeta foi mettido em monstruoso processo, dirigido por Antonio Diniz da Cruz e Silva, o autor do *Hyssope!* Conspiração era o seu crime, elle intentava fundar a *republica!* D'ahi o rigor excessivo dos juizes. Alvarenga esteve preso quasi trez annos em carcere privado; delle sahiu alquebrado, mysantropo, quasi perdido. Falleceu a 1 de novembro de 1814. (1)

Escreveu versos satyricos e lyricos. N'aquelles já o estudou

(1) Vide nas *Obras Poeticas* de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga a *Noticia* por J. Norberto de Souza Silva.

este livro. Nos ultimos é que seu talento foi verdadeiramente apreciavel. N'este genero escreveu sonetos, odes, canções, idyllios, além dos celebres rondós e madrigaes, publicados em 1801, sob o titulo *Glaura*, anagramma do nome da amante do poeta, que lhe foi roubada pela morte.

Os criticos de Alvarenga insistem em dous pontos capitaes, quando o estudam : seu parallelo com Gonzaga, e o brasileirismo de seus versos. O primeiro facto é mal determinado e falta-lhe uma base séria.

Não devem ser equiparados os talentos de dous poetas de natureza tão differente. Alvarenga é o poeta da palavra, da fórma, da musica, do rythmo. Natureza meridional, amigo dos tropos sonoros, delicia-se nas cambiantes dos sons, no susurro das rimas. As delicadezas da arte vêm-lhe pelo ouvido ; a natureza é para elle um marulho languido, que perde-se longe, bem longe no infinito. Gonzaga é o poeta das imagens exteriores, das fórmas opulentas, dos quadros deslumbrantes : a poesia vem-lhe pela vista. Nos versos de Alvarenga ha sempre os gemidos, os sussurros da lympha, os marulhos das folhas e das brisas, os sons da lyra, o canto das aves ; em Gonzaga apparecem as flôres, os mares, as nuvens, as estrellas, as auroras, e tudo isto ainda é pouco para fornecer as côres com que o poeta possa retratar a *Marilia* (1).

O brasileirismo de Alvarenga é um facto melhor averiguado pela critica.

Releva determinar o caracter deste nacionalismo. O poeta não descreveu o brasileiro, descreveu a terra brasileira. Não foi o homem que o impressionou aqui ; foi a natureza.

O lyrista teve uma profunda paixão amorosa por uma bella fluminense. Quasi todos os seus versos são dirigidos á sua amada ; é uma poesia intima, pessoal, auto-psychologica ; são confissões ao gosto do romantismo de 1820 a 1850.

Alvarenga é assim um dos iniciadores inconscientes do romantismo brasileiro, não tanto por esse lado da poesia intima, como pela côr natural de seus quadros.

Muitas das scenas de seus versos passam-se entre as man-

(1) Vide — *Lyra* VIII da 1ª parte.

gueiras, os cajueiros, os coqueiros, os beija-flores, nas bellas tardes americanas, aos reflexos dourados do sol brasilico.

Elle deixou-se apoderar d'esse pantheismo, d'esse monismo universal em que tudo vive e ama. O seu amor é apenas um caso particular no meio do trasbordamento geral :

« Que saudoso logar !... Em roda as flores
Nascem por entre a relva ; estes pinheiros,
Parecem suspirar tambem de amores...

« O zephyro respira ; o sol formoso
Vai dos troncos as sombras apartando,
Que já se inclina o carro luminoso...

« O rouxinol te está desafiando :
Querem-te ouvir os verdes arvoredos,
Que o vento faz mover de quando em quando,
E a musa que de amor sabe os segredos...

« Risonhas flores, que um estreito laço
Formais de vossos ramos na floresta,
Sei que *Glaura* vos ama... pela sesta
Deixai-vos desfolhar no seu regaço... »

Em tudo isto transpira a doçura, a tranquillidade, o enleio da sensualidade meridional.

O poeta passeia a sua phantasia pelas scenas da natureza e em tudo encontra um motivo demais para enternecer a sua querida.

Ora é assim :

« N'um rochedo vi dois ninhos ;
Já são teus esses penhores ;
E entre conchas, entre flores
Os pombinhos has-de achar.
Murcharão os dons mais bellos
Da suave primavera,
Se não vens, oh dura, oh fera,
Teus cabellos enlaçar... »

Ou por esta forma :

« Neste bosque alegre e rindo
Sou amante afortunado ;
E desejo ser mudado
No mais lindo beija-flor.
Todo o corpo n'um instante
Se atenùa, exhala e perde...
E' já de ouro, prata e verde
A brilhante e nova côr.
E n'um vôo, feliz ave !...
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor. »

Ou por esta maneira :

« Deu-me prado florescente
Goivos, murta, rosa e lyrio ;
Venho, oh nympha, em meu delirio
Tua fronte coroar...
Sem rumor com susto chego...
Gela o sangue... já não pulsa,
Nem se atreve a mão convulsa
Teu socego perturbar.
Mas as lagrimas poderam
Illudir o meu receio,
E cahindo no teu seio
Te fizeram despertar... »

E' este o estylo dos rondós ; a nota lyrica é ahi suave e limpida.

Os madrigaes são dos mais bellos da lingua portugueza. O lyrismo aligero reveste-se de todas as fórmas e exhala-se nas dilicias de uma alma apaixonada.

Ora o poeta pede a uma fonte que fale de sua saudade a sua namorada :

« Suave fonte pura,
Que desces murmurando sobre a arêa,
Eu sei que a linda Glaura se recrea
Vendo em ti de seus olhos a ternura ;
Ella já te procura ;

Ah! como vem formosa e sem desgosto!
Não lhe pintes o rosto:
Pinta, oh! clara fonte, por piedade
Meu terno amor, minha infeliz saudade! »

Em oito versos pinta d'este modo o seu ardor apaixonado:

« Nymphas e bellas graças,
O amor se occulta e não sabeis aonde:
As vossas ameaças
Elle ouve, espreita, ri-se e não responde.
Mas, ah cruel! e agora me traspassas?
Nymphas e bellas graças,
O amor se occulta, eu já vos mostro aonde:
Neste peito, ai de mim! o amor se esconde! »

Mais adiante refere-se a sua lyra:

« Adeus, oh doce lyra;
Ficarás neste ramo pendurada.
Ao vento que suspira,
Responda a tua voz triste e cançada.
Já foste dedicada
Ao puro amor, ás graças melindrosas:
Ellas gemem saudosas:
E o misero pastor chorando espira.
Adeus, oh doce lyra,
Fiel e desgraçada;
Ficarás neste ramo pendurada!... »

Eis aqui uma nota essencialmente brasileira:

« Não desprezes, oh Glaura, entre estas flores,
Com que os prados matisa a bella Flora,
O jambo que os amores
Colherão ao surgir a branca aurora.
A dryade suspira, geme e chora
Afflicta e desgraçada.
Ella foi despojada... os ais lhe escuto...
Verás neste tributo,
Que por sorte feliz nasceu primeiro,
Ou fructo que roubou da rosa o cheiro,
Ou rosa transformada em doce fructo... »

Mais outra delicadissima :

« Se eu conseguisse um dia ser mudado
Em verde beija-flor, oh que ventura !
Desprezara a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias, oh Glaura, em novos giros,
Exhalar mil suspiros,
Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa. »

Finalmente outra não menos interessante :

« Oh ! garça voadora,
Se além do golpho inclinas-os teus giros,
Ah leva os meus suspiros
A' mais gentil pastora destes montes!
Não temas que te enganes; prados, fontes,
Tudo se ri com ella...
Não é, não é tão bella,
Quando surge no céu purpurea aurora ;
Oh ! garça voadora,
Se além do golpho inclinas os teus giros,
Ah ! leva por piedade os meus suspiros. »

Tirem-se d'estes fragmentos as cançadas imagens da velha escola classica e n'elles estarão bellos specimens da eterna poesia.

Alvarenga tinha um intuição prompta, e suas ideias se deixavam estampar nitidamente. No seu poemeto *As Artes*, por um d'esses arrojos do bom senso, nos fala das sciencias formulando uma quasi classificação positivista. Começando pelas sciencias exactas e pela astronomia, passa á physica, á chimica, á historia natural, á cyrurgia e medicina (*biologia*) e depois á geographia e historia, (*sociologia*). Acaba por um conclusão *moral*.

Ouçamos esta admiravel intuição de poeta :

Vejo grave matrona metidando
Com os olhos no céu ; a mão *exacta*
Dos planetas descreve o *movimento ;*

Por *justas leis calcula*, pesa e mede
Forças, *massas*, *espaços* infinitos...

. . . .

A par d'esta, outra deusa move os passos
Da firme *experiencia* sustentada,
Ella conhece as causas e os effeitos ;
Ella exerce, ella augmenta e diminue
Da natureza as forças ; á luz pura
Atravez do crystal separa os raios
E mostra aquellas primitivas cores
Que formam a belleza do universo.
Por suas leis os differentes corpos
Se ajustam e *se movem*......

. . . .

E tu, que com poder quasi divino
Imitas portentosa, rica e bella
As producções da sabia natureza,
Vem, ensina aos mortaes como a materia,
De *mil diversos modos combinada*,
Fórma infinitos mil corpos diversos,
Uns que respiram, *outros que vegetam*.

. . . .

Ah ! vem, oh bella,
Irman da natureza enfraquecida,
Que provida conservas, que renovas
Da humana *vida* a preciosa fonte...
Estende, estende, oh deusa, a mão benigna
A' fraca humanidade ! E tu, que podes
Unir os rotos lacerados membros,
Que afugentas a morte e que conheces,
Todos os *laços da estructura humana*,
Entorna o doce balsamo da *vida*
Sobre os tristes mortaes...

. . . .

Já reconheço
Outra formosa nympha, que descreve
Toda a extensão da terra, o mar, os rios...
Com' ella vem bellissima donzella
Que com grave eloquencia *narra os factos*
Que o mundo vio desde a primeira idade :
Ella nos mostra em quadros differentes
Os tempos, as nações e a varia sorte

De imperios elevados e abatidos,
As allianças, a implacavel guerra,
O *progresso* das artes e a ruina... »

Guardando mais ou menos a ordem hierarchica, o poeta fala das sciencias. Alvarenga era muito estudioso e altamente instruido para o Brasil de seu tempo. Como professor, foi um fermento de progresso; muitos dos homens, que figuraram na época da nossa independencia, foram seus discipulos.

Recapitulemos em poucas palavras as ideias esparsas sobre estes quatro vultos da escola mineira.

A critica litteraria deve jogar hoje pelo menos com seis elementos, que não entraram chronologicamente para a sciencia na mesma ordem que nella devem guardar logicamente. O elemento *mesologico* em que insistiram de modo especial Herder, Gervinus e Buckle; os elementos *physiologico e ethnico* em que insistiram Taine e Renan; os factores *psychologicos* em que primou Sainte-Beuve; os factores *historicos* em que se expandiam Villemain e Macaulay, constituem a *charpante* da critica. Mas tudo isto ainda é pouco.

Póde-se bem conhecer o meio physico em que se desenvolveu um poeta ou um pensador, sua raça e seu temperamento physiologico, seu caracter e suas inclinações, conhecer bem as influencias sociaes e historicas que o cercaram e nelle influiram, e, todavia, não se saber o que fez esse homem, o que elle tirou de si, o que produzio, como combinou os agentes que nelle actuaram, e, para tudo dizer n'uma palavra, em que e como *adiantou* a evolução nacional ou humana, litteraria ou scientifica.

O que fica, como producto *vivo* e adjunto ao patrimonio commum por este homem, eis a palavra final da critica. Nessa determinação é admiravel a sagacidade de Edmond Scherer. Pois bem, que ainda hoje *vive* e *resta* de Claudio, de Peixoto, de Gonzaga, de Alvarenga?

Pouco!... E' o que se pode responder. Um exemplo na ordem politica e social, e na litteraria algumas notas lyricas. Nada mais. Aquelle mais ou menos empanado no seu brilho

pelas tergiversações de mêdo; estas mais ou menos obscurecidas pelas ficções e allegorias de um classicismo ossificado e inerte.

Aquelles quatro homens não foram quatro pensadores, quatro cabeças geniaes, que abrissem novos e largos horisontes á intelligencia e á vida nacional.

Vivendo, porém, n'uma épocha de transição, longe dos grandes centros do pensamento, entre populações mais ou menos grosseiras, amordaçados pelo despotismo colonial, privados de ler livros *perigosos*, sem um publico adequado, sem imprensa, sem as fecundas luctas das ideias, elles conceberam a independencia politica e litteraria d'este paiz!...

Por isso são eternamente credores da gratidão do povo brasileiro. Não deixaram theorias novas : mas n'esta terra quem as deixou até hoje?

Soffreram pela patria, cantaram-na em seus versos, e não é impunemente que se sahe de um carcere para entrar na historia.

Seu maior elogio está nos seus padecimentos.

Antes de emprehender o estudo da eloquencia sagrada, das bellas artes, das sciencias naturaes, das sciencias historicas e do movimento politico do Brasil, nos trinta annos que lhe antecederam a independencia, é mister passar em revista alguns poetas secundarios que se prendem mais ou menos á escola mineira. Os principaes são : *Domingos Caldas Barbosa*, *Domingos Vidal Barbosa*, *Bartholomeu Antonio Cordovil*, *e Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha.*

O mais significativo destes é incontestavelmente DOMINGOS CALDAS BARBOSA, o celebre improvisador de modinhas. Caldas Barbosa era um *mestiço* de primeira mão, um filho de branco e negra; seu pai era portuguez e sua mãi africana. Se na mestiçagem ha varios gráos, como é sabido, Barboza occupou ahi um dos primeiros logares; era um mestiço escuro, acobreado; n'elle não predominava o sangue branco; havia equilibrio. Ao facto da côr attribuiu Varnhagen o supposto caracter submisso de Caldas Barbosa.

Não póde haver maior injustiça e erro mais grave.

Primeiramente, o poeta não era submisso ; era apenas amoravel, alegre, expansivo e divertido. A sua ligação ao conde de Pombeiro é um caso particular dos muitos casos analogos na litteratura dos tempos do classicismo. Raro era o poeta que não tinha o seu Mecenas, o seu protector ; Gregorio de Mattos com toda a sua atrabilis teve mais de um.

Além disto, se alguma cousa existe no mestiço, que se possa considerar a nota predominante de seu caracter, é a rudeza, a independencia, o orgulho, a tendencia ao desrespeito, a falta do senso da veneração.

Sob a sua epiderme mais ou menos accentuada mais depressa descansará a alma de um soberbo, de um orgulhoso do que a de um baixo, de um servil.

O mestiço junta a essa qualidade primordial de seu temperamento uma outra igualmente apreciavel e que lhe serve de contrapezo : é a expansabilidade, a alegria, que ás vezes propende para uma pronunciada veia comica e satyrica.

D'ahi a sua juvenilidade constante, o seu pendor para as artes, especialmente para a musica. Raro é o mestiço bem caracterisado no Brasil que não seja musico ou pintor, especialmente a primeira das duas cousas.

Alguns têm sido excellentes componistas; n'elles ha um sopro de originalidade puramente brasileira. Silva Alvarenga e Caldas Barbosa foram excellentes musicos e poetas, e ainda agora os melhores componistas nacionaes Henrique de Mesquita e Carlos Gomes são mestiços como o fôra tambem o celebre Padre José Mauricio.

Caldas Barbosa, nascido no Rio de Janeiro em 1740, fez os seus estudos os collegio dos jesuitas. Fez rapidos progressos nas letras e revelou desde logo a suas qualidades de repentista, mettendo a ridiculo as pretenções e injustiças dos portuguezes. Foi por isso recrutado e remettido para a colonia do Sacramento, onde demorou-se até 1762. Voltando ao Rio, obteve baixa e passou-se para Portugal, onde depois de algumas difficuldades obteve a protecção dos dous irmãos Vasconcellos, o conde de Pombeiro e o Marquez de Castello Melhor. Caldas recebeu ordens sacras em Lisboa e foi capellão da *Casa da Supplicação*. Teve relações de amizade

com os poetas de seu tempo, especialmente os da *Nova-Arcadia*, por elle crêada. Foi, porém, maltratado por Bocage e Filinto Elysio. *Lereno*, tal o seu nome *arcade*, era um poeta singelo, espontaneo, um lyrista ao gosto popular. Tinha, por certo, os defeitos de seu tempo ; mas ha tres faces por onde se póde notar a differença entre elle e os poetas que o cercavam : a simplicidade de seus versos, mui longe da rhetorica inchada de Bocage e Agostinho de Macedo ; a ausencia nelle de immoralidades em que brilharam tão tristemente esses dous, e a falta da mordacidade com que ainda estes e outros deram-se em espectaculo.

Era um talento aberto ás boas impressões, uma alma simples, pouco apta ás villezas da sociedade em que viveu.

N'outro meio teria sido um grande poeta. Não fazia caso que lhe chamassem mulato; diante do padre Souza Caldas improvisou esta quadrinha :

« Tu és Caldas, eu sou Caldas ;
Tu és rico, e eu sou pobre ;
Tu és o Caldas de prata ;
Eu sou o Caldas de cobre. » (1)

O poeta teve a consagração da popularidade. Não falo d'essa que adquiriu em Lisbôa, assistindo a festas e improvisando na *viola*. Refiro-me á uma popularidade mais vasta e mais justa.

Quasi todas as *cantigas* de Lereno correm de bocca em bocca nas classes plebéas truncadas ou ampliadas.

Formam um material de que o povo se apoderou, modelando-o a seu sabor. Tenho d'esse facto uma prova directa.

Quando em algumas provincias do norte colligi grande cópia de canções populares, repetidas vezes, colhi cantigas de Caldas Barbosa, como anonymas, repetidas por analphabetos.

Foi depois preciso compulsar as obras do poeta para expungir da collecção anonyma os versos que lhe pertenciam. E' o maior elogio que, sob o ponto de vista ethnographico, se lhe póde fazer.

(1) Vide Varnhagen, I, pag. XLVIII, que traz outra versão.

Caldas não foi certamente um poeta de genio, que, apoderando-se dos elementos esparsos na intuição popular erigisse com elles, dando-lhes a feição de uma personalidade vigorosa, uma obra artistica e eterna. Não tinha pulso para tanto. Como homem do povo, elle poetava como o povo, no seu estylo, ao seu modo.

A critica diante de um homem d'estes não deve analysarlhe as producções; cumpre-lhe antes procurar ouvir fóra dos grandes centros populosos, especialmente fóra do Rio de Janeiro, a menos nacional de todas as capitaes do mundo, ouvir n'uma villa do interior, ao som do violão, ao descambar das tardes tropicaes, uma dulcissima voz de moçoila languida e inflammavel, cálida e apaixonada, cantar despretenciosa e doidamente qualquer d'estas bagatelas :

« Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim gostas de me matar;
Morro, e por dar-te mais gosto,
Vou morrendo de vagar...

Tenho ensinado a meus olhos
Dos segredos a lição;
Sabem dizer em segredo
A dôr do meu coração...

Caldas Barbosa morreu aos 9 de novembro de 1800; seus versos foram publicados sob o titulo — *Viola de Lereno : collecção das suas cantigas offerecidas aos seus amigos.* (1) Devem ser lidos como antidoto á depravação palavrosa que de tempos a tempos invade o nosso mundo poetico.

DOMINGOS VIDAL BARBOSA nasceu na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Caminho do Matto, em 1751. Formou-se em medicina em Bordéos. Ahi inbuiu-se de idéas liberaes, e teve conhecimento dos planos politicos dos estudantes brasileiros para a libertação da patria.

(1) A ultima edição é de Lisbôa, 1825, na Impressão de João Nunes Esteves.

Vidal Barbosa na Europa foi companheiro de José Joaquim da Maia, José Marianno Leal e José Pereira Ribeiro.

Em França tivera conhecimento dos planos revolucionarios de Maia (1). De volta a patria, estabeleceu-se em Minas, onde se viu accidentalmente envolvido na conjuração de 1789. No processo não manifestou grande inteireza de caracter.

Foi condemnado á morte, pena commutada em degredo por tres annos para a ilha de S. Thiago de Cabo-Verde, onde aportára em principios de janeiro de 1793. Oito mezes depois falleceu (2).

Vidal Barbosa parece não haver tido grande valor litterario; não restam composições suas por onde se o podesse aquilatar. A ode a *Affonso de Albuquerque*, que alguns lhe attribuiram, é mais provavelmente de Silva Alvarenga (3).

A ode dirigida a Luiz de Vasconcellos e Souza, que lhe é tambem attribuida, não tem merecimento. Vidal Barbosa apparece na historia pela circumstancia fortuita que o involveu na Inconfidencia.

Bartholomeu Antonio Cordovil acha-se nas mesmas condições; era filho de Goyaz; escreveu algumas odes e dythirambos de um classismo enfezado; não é hoje lido; nada influiu na evolução nacional. Viveu a decantar um tal *Tristão* desenchabida e impertinentemente.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha é mais significativo. Delle nos restam uns pequenos dramas em verso em que dá entrada aos indios brasileiros e em que mostra algum caracter nacional. O vôo é curto, mas o poeta tinha o presentimento da independencia brasileira. Tenreiro era natural de Barcellos na provincia do Pará, comarca do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas, vindo ao mundo a 4 de setembro de 1769. Fez a sua educação na sua terra. Exerceu varios cargos publicos. Suas obras perderam-se quasi todas. Como lyrista Aranha tem algum merecimento.

(1) Vide Norberto Silva — *Historia da Conjuração Mineira, passim.*
2 *Idem, ibid.*
Vem nas *Obras* d'este poeta, pag 243, do 1º vol

E' o classismo um pouco aligeirado pela natureza tropical; mas é sempre o falso classismo. Eis uma amostra :

« Passarinho que logras docemente
Os prazeres da amavel innocencia,
Livre de que a culpada consciencia
Te afflija, como afflige ao deliquente ;

Facil sustento, e sempre mui decente
Vestido te fornece a Providencia,
Sem futuros prever, tua existencia
E' feliz limitando-se ao presente.

Não assim, ai de mim ! porque soffrendo
A fome, a sede, o frio, a enfermidade,
Sinto tambem do crime o peso horrendo...

Dos homens me rodêa a iniquidade,
A calumnia me opprime, e ao fim tremendo,
Me assusta uma espantosa eternidade... »

O poeta não era estranho á poesia subjectiva; era capaz de descrever o seu estado emocional; era tambem capaz de desenhar um facto moral.

E' disto uma prova o celebre soneto feito á parda Maria Barbara, mulher de um soldado, cruelmente assassinada, porque preferiu a morte á mancha de adultera :

« Se acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante...

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco feio ao corvo altivolante :

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata desta sorte;
Porém que allivio busque a dôr amara.

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte. » (1)

E' bello isto; porque é verdadeiro; é o facto moral nú e exposto sem atavios aos olhos das almas honestas.

De *Manoel Joaquim Ribeiro*, *Joaquim José Lisbôa*, Padre *Manoel de Souza Magalhães*, *José Ignacio da Silva Costa*, Padre *Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas*, *Joaquim Ignacio de Seixas Brandão* e *Luiz Paulino Pinto da França*, nada ha a dizer sob o ponto de vista evolutivo, progressivo de nossa litteratura. Foram versejadores. Neste numero está o padre *Silverio da Paraopeba*, applaudido com pouco criterio.

Foram o rebutalho do tempo, dando passagem a typos mais significativos, que serão estudados nos capitulos subsequentes.

No grande e agitado periodo que vai de 1750 a 1830, época da elaboração autonomica de nosso paiz, os esforços culminam-se na ideia da independencia. A preponderencia do indio e já um mytho do passado; approxima-se o tempo de acabar tambem a preponderancia portugueza. O negro será por ultimo e mais tarde, com a libertação dos escrevos, posto á margem.

De todos os factos relatados até agora neste livro aquelle que paira sobre os outros, como a synthese de todos elles, é a aspiração do povo brasileiro á sua emancipação politica, pensamento que se avoluma desde os fins do seculo XVIII.

Foi o tempo da elaboração de nosso ideial messianico. Por isso ainda hoje não percorremos na esphera da realidade toda a trajectoria traçada então á nossa marcha evolutiva.

Quando Portugal, no tempo de Maria 1ª, dormitava no emperramento e na immobilidade, tentando levantar nas fronteiras uma barreira que lhe obstasse a entrada das ideias revolucionarias, os estudantes brasileiros agitavam-se em Pariz e sua palavra passando os mares ia echoar em nossos sertões. A conservadora Minas abalava-se, os poetas estremeciam, o futuro incandecia-se nas almas.

A França, com as suas turbulencias então para a vida e

(1) *Obras de Bento Fenreiro Aranha*, Lisboa, 1899. pag. 38

para a liberdade, era a nossa iniciadora. Vira-se o mesmo nos Estados-Unidos. A America estava cançada do jugo.

Tresentos annos erão já demais para a exploração que desejava protrahir-se por toda a eternidade. A impaciencia chegou, a independencia era um corollario da obra dos seculos. As difficuldades erão muitas; mas o povo estava ainda no tempo das crenças inabalaveis, das audacias magestosas.

Cada povo tem o seu dia em que a consciencia se lhe aviventa, em que elle lê claro no seu destino. A obra póde ser prematura; mas a sua hora chegará. A ideia da independencia no Brasil nasceu com o pensamento da republica. Esta foi a fórma de governo sonhada em 1789, esta seria a fórma de governo que o futoro nos havia de trazer. (1)

Desde os fins do seculo XVIII o pensamento portuguez deixou de ser o nosso mestre : fomos nos habituando a interessar-nos pelo que ia pelo mundo.

Achamo-nos pequenos e nos envergonhamos; achamo-nos captivos e quizemos reagir. Eramos os servos de Portugal; julgamos a posição humilhante e pozemos a mão aos laços que nos prendiam. Hoje os aggravos estão quasi esquecidos; o povo portuguez é o povo irmão com que sympathizamos sem desejos absolutamente de o copiar.

A corrente historica bifurcou-se : o caminho de nossa viagem é outro. Desde o grande tempo da Inconfidencia que a distancia vai se alongando mais e mais; as linhas dirigentes de nosso porvir partem d'alli, e não temos mais do que seguir por ellas.

Bem como a poesia, a politica tem tambem seu ideial. Este vem a ser a sêde que nunca se estanca, as ancias de grandeza que nunca se calam, o aureo porvir que nunca se toca.

Na vida das nações, é nesses momentos imponentes, em que o povos se sentem batidos pelo sopro dos altos destinos, que o ideial desponta ao longe qual uma miragem, que lhes indica a senda das grandes aspirações.

A Inconfidencia foi para nós, foi em nosso horizonte de nação, que se deve arrojar aos nobres commettimentos, o

(1) Verificou-se esta prophecia em 1889. Não esquecer que este capitulo tinha sido escripto em 1881.

phanal propicio da grande jornada atraz de todas as luctas que nobilitam, de todas as tentativas que alentam. Aquella pleiada de poetas, aquelle punhado de sonhadores presentiu, no vago de suas crenças, todas as vastas ideias que este povo deve esforçar-se por levar a effeito. E o ideial ainda nos paira bem alto, como um ponto quasi inattingivel, depois de um seculo de avanços para a civilisação.

Independencia da patria, emancipação dos escravos, unidade federal, vida autonomica e democratica, prosperidade material, alento scientifico, todos os grandes problemas, que já realisamos ou que hoje em dia nos assoberbam, desde a fórma republicana no governo até a liberdade nas relações da familia, tudo foi antevisto n'aquelle devaneiar de heróes. A Inconfidencia não chegou a ser uma realidade pratica; mas é uma realidade doutrinaria. Não se manchou no terreno dos factos; mas ahi está a tremular, ha cem annos, como a suprema realidade no mundo de nossas aspirações.

Era necessario que a santa utopia fosse desdenhada pelos myopes do tempo, era mister que o sangue uberrimo dos heróes marcasse os fócos brilhantes em que a alma d'este povo deve revigorar-se para avançar.

A Conjuração mineira não teve o que se póde chamar a grosseria de um facto consummado; é, antes, a mais esplendida miragem que no céu da historia brasileira alenta e enthusiasma. Abençoados os poetas, os corações ardentes, que a idéaram; abençoado o martyr que a immortalisou de sobre os degráus do cadafalso...

No meio de uma agitação politica mesquinha, grosseira e sem nobres impulsos, e, não sei se o diga, no meio de uma litteratura sem profundos incentivos, aqui d'entre os gemidos dos opprimidos, que pedem liberdade, dos proletarios, que pedem trabalho, dos moços que pedem luz, do povo, que pede gloria, deixai-nos fitar o sol da Inconfidencia; deixai-nos chorar com Claudio, amar com Dirceu, soffrer com Alvarenga; deixai-nos ouvir, em sua queda para o futuro, o rolar da cabeça do Tira-Dantes, acordando em todos os peitos, capazes de audacias, os echos da emancipação, os tons immensos do patriotismo...

E que algum dia, como o supremo corollario das grandes luctas, possamos galgar a altura que á nossa marcha assignalaram esses distinctos combatentes, que já não podemos encarar sem a vertigem da mais acrysolada admiração! (1)

CAPITULO IV

Oradores sagrados. Poesia religiosa e patriotica

Nos ultimos annos do seculo XVIII e nos primeiros do XIX existiu no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, uma pleiada de oradores sagrados. N'este ponto, ainda mais talvez do que n'outros, a historia litteraria entre nós não tem feito mais do que elogiar descomedidamente as figuras proeminentes d'aquelles certamens oratorios. Entretanto, ficamos todos sem saber o que representaram no desenvolvimento intellectual da nação os oradores sacros, que fizeram as delicias da côrte de João VI e de Pedro I. E' o que se vae tornar saliente.

Os nomes de São Carlos, Sampaio, Mont'Alverne e outros não estão hoje de todo esquecidos pelo povo brasileiro; porque estes homens preencheram uma dupla funcção no seu tempo : ajudaram a modificação nacional da lingua e concorreram para a accentuação das idéas de independencia. São estes os titulos que lhes garantem um lugar na historia. Os velhos chronistas portuguezes e nacionaes que escreveram no Brasil estavam esquecidos. Só a poesia era cultivada pelos talentos patrios. A prosa apenas começava a ensaiar-se em Jaboatam, Silva Lisbôa, seu irmão Balthazar

(1) Depois, bem depois, de escriptas e publicadas, pela primeira vez estas palavras (*Revista Brasileira*, 1881) é que no Brasil se fez a emancipação dos escravos e se proclamou a republica.

e poucos mais. Era, porém, a prosa dura e aspera, applicada a materias áridas, prosa despida de qualquer adorno artistico.

Os sermonistas tiveram mais ousadias poeticas, mais fogo, mais vida; as peças oratorias eram escriptas para ser recitadas, mas eram-no com verdadeiro enthusiasmo. O povo, que nada lia, era ávido por ouvir os oradores mais famosos. A emulação os estimulava, os accendia em fortes impetos. Tinham de falar diante do rei e sentiam a vaidade de sobrepujar os oradores de Lisbôa.

Não havia divertimentos publicos como hoje; o theatro era nullo; as festas de igreja eram concorridissimas.

Depois de tres seculos de emigrada para o Brasil, a lingua portugueza estava bastante alterada na pronunciação e no meneio da phrase na bocca do povo; mas ainda não tinha esse *brasileirismo* da linguagem uma consagração litteraria. Os pregadores deram-lh'a diante dos régios ouvidos de João VI. Por outro lado, todos aquelles padres e frades illustres eram grandemente patriotas, e entre outros, Sampaio e Cunha Barbosa foram figuras proeminentes na obra da nossa emancipação. Já antes o conego Luiz Vieira, orador mineiro, tomára parte na malograda Inconfidencia.

O objecto d'este capitulo é um dos mais ingratos na nossa historia litteraria; a natureza do assumpto, completamente fóra da corrente hodierna das idêas, a falta de documentos, pois que os sermões de quasi todos os mais famosos prégadores desappareceram, tudo isto difficulta a marcha narrativa dos acontecimentos intellectuaes.

Por uma grande ventura nossa, alguns d'estes homens eram poetas, e aquelle que não deixou sermões, deixou poesias e póde por ellas ser apreciado. E' o caso, por exemplo, de Souza Caldas. Mont'Alverne, não escrevendo versos, deixou em compensação quatro volumes de sermões.

As principaes figuras, que vão passar diante de nós, são: *Antonio Pereira de Souza Caldas*, *Fr. Francisco de São Carlos*, *Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio*, *Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca*, *Januario da Cunha Barbosa*, *Fr. Francisco de Mont'Alverne*, o *vigario Francisco*

Ferreira Barreto e *Fr. Bastos Baraúna*. A estes prendem-se pela poesia sacra, *José Eloy Ottoni*, e pela poesia patriotica, *José da Natividade Saldanha*. De *Joaquim Marinho Falcão Padilha*, *João Paulo de Muribeca*, *Martinho de Albuquerque e Mello*, *Santa Ursula Rodovalho*, *Fr. Antonio de Sampaio*, *Fr. Bernardino de Senna* e outros pouco haveria que dizer.

« A historia de toda e qualquer nação, diz Mommsen, é um vasto systema de incorporação. » (1)

E' isto exacto ; mas a historia litteraria é, em certo sentido, um systema de eliminação. Entre os povos principiantes, que não têm muitos escriptores, que não contam vultos litterarios de grande altura, todo e qualquer individuo que escreve algumas paginas é registrado com cuidado. Mas, quando o numero dos inscriptos se avoluma, é preciso eliminar os mediocres de toda a marca. Attendendo a este salutar preceito, devia riscar quasi todos os nomes que acima ficaram consignados. Só ainda um resto de attenção tradicional os retêm no logar em que os deixo lembrados. Muitos d'estes padres e frades foram sem grande merito, e nenhum d'elles é realmente superior.

Vamos vêr.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS, (1762-1814), foi um homem de grandes virtudes, porem não um grande homem. Como orador quasi nada hoje sabe-se d'elle, porque nada deixou no genero. Apesar de ter viajado em França e Italia, o seu talento, como poeta, não se elevou além de um mysticismo calmo e confiante, mas pouco profundo. A celebrada ode ao *Homem Selvagem*, que lhe valeu alguns mezes de prisão por ordem inquisitorial, é mediocre. E' uma pallida inspiração de Rousseau ; não tem fundo philosophico e tambem não tem lyrismo. E' árida.

Souza Caldas entregou-se a um philosophismo religioso, viveu a decantar a *Creação*, a *Immortalidade da Alma*, e a traduzir os *Psalmos de David;* mas tudo isto com pouca vida, poucas bellezas de estylo, poucos encantos lyricos. Dista grandamente de Silva Alvarenga e de Gonzaga.

(1) *Historia Romana,* p. 90, do 1° volume.

Como nota sentida e individual nada produziu que se levante acima d'este soneto :

« Oito annos apenas eu contava
Quando á furia do mar, abandonando
A vida, em fragil lenho e demandando
Novos climas, da patria me ausentava.

Desde então á tristeza começava
O tenro peito a ir acostumando ;
E mais tyranna sorte adivinhando
Em lagrimas o pai e a mãi deixava.

Entre ferros, pobreza, enfermidade
Eu vejo, oh céus ! que dôr, que iniqua sorte !
O começo da mais risonha idade.

A velhice cruel, oh ! dura morte !
Que faz temer tão triste mocidade
Para poupar-me descarrega o córte »

Estes versos exprimem o talento e o systema poetico do padre Caldas. Preocupações mysticas, desprezo do mundo, eis a sua nota capital. Poucos recursos de fórma, certa dureza de expressão, raros recursos lyricos, eis o complemento de sua maneira de poetar. E' uma especie de Filinto Elysio brasileiro. Hoje não é quasi lido ; é quasi estrangeiro para nós. A traducção dos *Psalmos* não foi feita sobre o original, é falha de critica ; apenas um modelo de linguagem *classica*, o que importa dizer, antipathica aos ouvidos brasileiros. Eis um dos melhores especimens : a traducção do Psalmo XIII :

Diz comsigo murmurando
O mortal desatinado :
« Não ha Deus ! » e desbocado,
Precipita-se no mal.
Corrompidos os humanos,
Seus caminhos enlodaram,
E dos vicios esgotaram
Todo o calix infernal.

Já não ha quem da virtude
Siga o solitario passo :

E em vão, Deus, no vasto espaço
D'este mundo, o procurou.
Mediu com os olhos a terra,
A buscar um homem justo ;
« Ah ! clamou : o crime injusto
Tudo, tudo dominou.

« Vãs, inuteis se tornaram,
« Encaminham-se ás escuras,
« Estas bellas creaturas
« Que formei co'a minha mão :
« Nunca, nunca esses malvados,
« Que de crimes se repassam,
« Que o meu povo despedaçam
« Tanto mal conhecerão. »

— Que ha de ser, se não quizeram
Invocar o Deus eterno ;
E, do peito seu no interno,
Fabricaram outro fim ?
Imprudentes ! não temeram
A vingança do Deus vivo,
E estremecem, sem motivo,
A um phantastico motim.

— O Senhor emfim dissipa
Todos quantos, loucamente,
Se esmeraram tão sómente
O mundo a satisfazer.
Desprezados, confundidos
Não verão a claridade
Da sempiterna verdade,
Que só póde o peito encher.

Oxalá que bem depressa
Raie o dia afortunado,
Em que o Deus annunciado
Israel ha de salvar !
De Jacob a clara estirpe,
De alegria trasbordando,
Se verá ditosa, quando
O Senhor a libertar. (1)

(1) *Poesias*, do Padre Souza Caldas, 1º vol., pag. 38, Lisbôa 1820.

Sob o ponto de vista nacional porque distingui os nossos oradores e poetas sacros, — alteração da lingua e pendor para a independencia, — Caldas é mudo. Sua residencia demorada em Portugal e sua morte em 1814 explicam o facto. Se Caldas entretanto não continuou as boas tradições da escola mineira, se teve um lyrismo pallido, como conhecedor da lingua e como metrificador é um modelo no velho sentido da palavra. Em sua mocidade, elle foi até certo ponto imbuido das ideias philosophicas francezas dos fins do seculo XVIII. Mas a sua natureza tímida e mansueta afastou-o bem cedo d'ellas e o confinou nas puras tradições catholicas. Por esta face é um predecessor dos romanticos.

FREI FRANCISCO DE SÃO CARLOS. Este franciscano me parece um pouco mais significativo. Nunca saiu do Brasil. O que foi, deveu á sua terra. Dizem que o rei, logo que chegou de Lisbôa e que o ouvira pregar pela primeira vez, ficára admirado e o mandára chamar. « E's portuguez? » perguntára-lhe o monarcha. « Brasileiro, senhor ; e nunca saí do Brasil. » O rei maravilhou-se.

São Carlos nasceu no Rio de Janeiro aos 13 de agosto de 1763. Esteve em S. Paulo de 1790 a 1796 ; falleceu aos 6 de maio de 1829. Restam d'elle uns tres ou quatro sermões e o poema epico-lyrico — *A Assumpção da Virgem.* Como orador, era um pouco declamatorio, mas tinha bastante pompa de linguagem. Os seus discursos mais celebres são a oração funebre da rainha D. Maria I, e a oração de graças pelo nascimento da princeza da Beira. D'esta transcreverei um trecho relativo ao Brasil e á sua capital. O patriota fala por traz das amplificações do rhetorico : « Grande Deus! o vaso de argilla vil não é capaz de perguntar ao oleiro porque o destinou a um uso de contumelia ; nem o insecto desprezivel, que se revolve pelo pó da terra, poderá entrar nos vossos conselhos adoraveis; sim, eu adoro as razões ineffaveis de vossos decretos inaccessiveis. Mas quando eu vejo, Senhor, esta parte do globo sepultada ha seis mil annos nas trevas e sombras da morte, e de repente habitada pelo mais religioso

principe do velho mundo, quando eu contemplo os meios que o transportaram a este hemispherio, os grossos mares que atravessou com sua augusta familia; os muitos perigos de que se viu são e salvo; e a terrivel explosão do meio-dia da Europa, que o impelliu a tão duro sacrificio, então, Deus meu, quasi vislumbro por entre as densas trevas do porvir grandes coisas a este terreno, e que nas vossas mãos bemfazejas se preparam novas misericordias ao meu paiz.

« E' aqui, meus senhores, que eu quizera vêr em espirito os destinos da minha patria. E poderia dizer d'ella com o seu monarcha, o que um romano dizia de si mesmo, que onde estava Sertorio, estava Roma? Será ella tambem pelas vantagens de seu posto a nova Tyro, rainha dos mares, que estenderá seu senhorio de um pôlo a outro pólo? Será a capital d'esse Quinto Imperio tão encarecido, tão suspirado pelos povos da terra? Virão a ella embaixadores do Egypto, como no tempo de Salomão, a implorar a amizade de seu soberano e uma princeza do Austro lhe trará ricos presentes e enigmas por tentar o renome de sua sabedoria? Enviará seus baixeis enfunados exportando o superfluo de seus generos e importando-lhe o ouro das nações? Será tambem o berço de novos Gamas, de outros Castros, de outros Magalhães? Terá tambem seu Homero, seu Virgilio, quero dizer, seu Camões? Será emfim a patria do heroismo, o asylo das artes e das sciencias? » (1) E' o estylo do tempo na sermonatica do Brasil e de Portugal. Amplificações, pretextos biblicos e um pronunciado tom declamatorio. São Carlos, porém, como poeta tinha ás vezes bellas phrases, imagens dôces e vivas.

Na poesia, este notavel franciscano possuia certo calor, certa animação, que transparece através das agruras do assumpto abstracto e suprasensivel de seu poema. Por isto as melhores passagens d'este são, por certo, como já se tem dito, aquellas em que elle introduz scenas brasileiras no 3.° e 6.° cantos. O poema é duro para ser lido em seu todo, é preciso catar aqui e acolá. Certa tendencia objectiva e descriptiva orna-lhe os melhores trechos.

(1) Apud Ramiz Galvão, *O pulpito no Brasil*, p. 142.

Ouçamos um fragmento :

« Negros picos e fragas se avistaram
Que ao longe os céus serenos topetaram ;
D'onde, se despenhando crepitantes
Alveos de varias lymphas escumantes,
Vinham dormir nas fraldas e campinas
Sobre leitos de areias crystallinas.
Tanques bordados do tapiz de Flora,
Dôce attractivo do cantor da aurora ;
Prateados peixinhos agitando
As caudas, pelo fundo estão brincando.
Pelos prados floriferos serpeiam
Humectando o matiz de que se arreiam,
Perennes aguas, fontes peregrinas,
Quaes liquidas riquezas argentinas,
Rolando vêm com ellas pelo fundo
Folhetas d'ouro ; e tudo quanto o mundo
Em preço tem : o rigido diamante,
O rubi, que da braza é similhante,
A amethysta, a crysolita, a turqueza,
Lapidadas da propria natureza. » (1)

São, como se vê, preparações para um lyrismo mais amplo. São Carlos não é para ser desprezado ; ainda hoje póde ser lido como um dos documentos do portuguez-brasileiro no começo do XIX seculo. E' este o seu melhor titulo. Alguns criticos nacionaes têm comparado a *Assumpção* á *Messiada*, ao *Paraiso Perdido* e á *Divina Comedia*..... E' simplesmente uma enorme leviandade. O poema de Klopstock symbolisa o pietismo allemão do seculo XVIII, a epopéa de Milton o puritanismo protestante, a obra de Dante a catholicidade turva e turbulenta do seculo XIV, e o livro de São Carlos é apenas uma descripção das lendas sobre a morte da Virgem, descripção abstracta, entresachada de trechos lyricos. O parallelo é impossivel e extravagante. São Carlos foi um homem amoravel e intelligente ; mas não tinha grande cultura, nem era verdadeiramente um poeta notavel.

Toda esta galeria de poetas e oradores sagrados encerra espiritos d'aquelles dos quaes poder-se-hia dizer mal ; mas

(1) *A Assumpção*, p. 75, edição de 1862, do Rio de Janeiro.

não se deve. Considerados em si, não mostram grande valor; comparados aos seus contemporaneos brasileiros ostentam-se notaveis. Não é possivel passar-lhes por cima a esponja e atiral-os ao olvido; por outro lado, não se deve gastar com elles muito papel e muito tempo.

Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio, (1778-1830,) Foi um orador que se distinguiu dos seus companheiros por uma certa energia de phrase. D'elle nos restam poucos especimens oratorios publicados.

E' impossivel fazer por elles a psychologia litteraria do illustre franciscano. O sermão é um genero que não deixa grandes entradas á individualidade, tem um molde certo, doutrinas preestabelecidas; é um genero de ornato e convenção. Todavia, ouça-se um fragmento de Sampaio, e seja um em que fala do Brasil. Pedro I restabelecera-se de uma molestia, e, por occasião de um *Te-Deum* de graças, disse o orador :

« Contai, contai, senhores, com a desgraça do Brasil, com a queda do nosso systema constitucional, com a espoliação de vossas riquezas, com a perda de vossa segurança, com a vergonha dos ferros do mais atroz despotismo, com os flagellos da anarchia, com a humilhação da nossa independencia, com o eclipse, emfim, do Brasil, se perdemos o imperador. Que triumpho para os partidos de opposição contra o systema monarchico constitucional! Veriamos reproduzida n'este imperio a sorte infeliz da Macedonia depois da morte d'aquelle que levou suas armas em triumpho sobre as ruinas dos imperios da grande Asia. A historia das nações nos mostra que bem raros são os principes zelosos da prosperidade dos povos; nos mostra mais que quando as revoluções chegam a suffocar o poder supremo, poder de moderação para segurança do equilibrio nacional, os povos experimentam males incalculaveis; e depois de exhauridas as forças de sua paciencia, não duvidam entregar os pulsos a quem os submetter debaixo do jugo da escravidão, com promessa de poupar seu sangue..... » (1)

(1) Apud Ramiz Galvão. *O pulpito no Brasil*, pag. 161.

N'este gosto continúa o frade orador; são palavras de um homem ingenuo, illudido sobre os meritos politicos de Pedro I, mas são palavras de um espirito liberal.

Agora surge-me de frente a figura mais accentuada de

Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, (1779-1825.) O frade pernambucano, poeta e orador, politico e jornalista, foi um suppliciado do primeiro reinado.

Qualquer que seja o juizo que se possa formar da revolução de 1824 em Pernambuco, e esse juizo não entra no plano d'este livro, não occulto a sympathia que me merece o nome de fr. Caneca.

Gósto d'este frade ousado e intelligente, decidido e enthusiasta, que se deixou sacrificar n'uma revolta mal projectada. Não era um doutrinario, ou um organisador; não era tambem um conspirador de todos os instantes; não era um Danton, nem um Mazzini; era um caracter capaz de sacrificar-se por um partido. Depois dos tres rhetoricos que já vimos, será grato ao leitor avistar-se agora com um *homem*.

Caneca é a mais nitida encarnação do espirito revolucionario do começo do seculo XIX no Brasil. Existem hoje elementos para conhecel-o a fundo. D'elle restam cartas, poesias, artigos politicos, polemicas, sermões e um interessante *Itinerario ao Ceará*, quando fez o seu exodo revolucionario até os altos sertões d'aquella provincia, depois da tomada do Recife em 1824.

Era um homem simples, intelligente, decidido e maniaco pela liberdade brasileira.

Implicado no movimento revolucionario de 1817, foi preso, posto a ferros, mettido no porão de um navio e enviado para a Bahia, onde jazeu encarcerado alguns annos. De volta ao Recife, pouco depois foi o director da revolução de 24: Pedro I havia dissolvido a constituinte e offerecido á nação o seu projecto de constituição. Aos desgostos accumulados em Pernambuco, veio juntar-se mais este. Caneca prégou a resistencia e d'ahi a lucta. Teve, porém, a fraqueza de tomar por chefe o inepto Paes de Andrade. Chamado pela camara da capital a dar o seu voto sobre o projecto constitucional, o

carmelita expressou-se contra elle e seu parecer correu impresso.

Desde então, sempre e sempre pregou a resistencia. Fundou um jornal politico, o *Typhis Pernambucano*, que deve ser lido como um repositorio de ideias e juizos sobre os acontecimentos e sobre os homens de 1824. Pedro I, os Andradas, Silva Lisboa, o padre Moniz Tavares, são juldados desapiedadamente, mas com um fundo de justiça admiravel. Dos sermões e das poesias de Caneca, restam poucas amostras, que perdem todo o interesse diante de seus escriptos politicos.

A nota predominante de seu temperamento moral era o patriotismo. Imbuido das ideias liberaes espalhadas no mundo pelos publicistas francezes do fim do seculo XVIII, o nosso republicano era um homem de boa fé, honesto e sem tergiversações. Ia direito á sua propaganda, levado pelo desinteresse e pelo enthusiasmo. Era amigo de Cypriano Barata, de Filgueiras, de Tristão Araripe, dos republicanos do seu tempo; era o mais sincero e ousado de todos elles. Nada de artificios litterarios nos seus escriptos; é grosseiro naturalmente, por indole, na polemica; é singelo, tambem por indole, no *Itinerario ao Ceará*. Como revelação de um caracter, este pequeno escripto vale mais do que os quatro volumes de sermões de Mont'-Alverne. A liberdade da sua provincia ou do Brasil, foi o tormento de Caneca e a sua constante preoccupação.

A patria roubou-lhe todo o coração e a ella dedicou-se o moço frade. Tinha um inimigo innato, perpetuo : era o portuguez, o *marinheiro*, como sempre escrevia. Sonhava um Brasil autonomo, confederado, republicano, livre para sempre da influencia lusitana. Por estas ideias foi fuzilado aos 13 de janeiro de 1825.

Não lhe farei agora lamurias por tal genero de morte. E'-lhe um titulo de mais. E' patente que naquelle tempo os homens sabiam o que queriam, tinham a coragem das suas convicções, eram capazes de morrer por ellas. A questão que levou Caneca ao suplicio, era, no fundo, uma questão de forma mais do que de doutrina: queria uma constituição

fabricada por uma assembléa e não outorgada por um principe. Pregou por isso a revolta e sonhou com a republica. Mais tarde, nem nas mais palpitantes questões sociaes e politicas, serão entre nós capazes de suscitar um protesto os mais acerbos vilipendios, praticados pelos governos.

Por isso, como uma aura de outros tempos, ouça-se ainda agora o protesto de Caneca d'encontro ás machinações, ás ousadias matreiras do 1° Pedro. Chamado a jurar o projecto de constituição offerecido pelo imperador, disse, entre outras cousas, o seguinte :

«... Uma *Constituição* não é outra cousa, que a acta do pacto social, que fazem entre si os homens, quando se ajuntam e associam para viverem em reunião ou sociedade. Esta acta, portanto, deve conter a materia sobre que se pactuou, apresentando as relações em que ficam os que governam e os governados ; pois que sem governo não póde existir sociedade.

« Estas relações, a que se dão os nomes de direitos e deveres, devem ser taes, que defendam e sustentem a vida dos cidadãos, a sua liberdade, a sua propriedade, e dirijam todos os negocios sociaes, a conservação, bem-estar e vida commoda dos socios, segundo as *circumstancias do seu caracter, seus costumes, usos e qualidades de seu territorio, etc. Projecto* de constituição é o rascunho d'esta acta, que ainda se ha de tirar a limpo, ou apontamentos das materias que hão de ser ventiladas no pacto, ou, usando de uma metaphora, é o esboço na pintura, isto é, a primeira delineação, nem perfilada, nem acabada. Portanto, o *projecto* offerecido por S. M. nada mais é que o apontamento das materias sobre o que S. M. vai contractar comnosco. Vejamos, portanto, se a materia ahi lembrada, suas divisões e as relações d'estas são compativeis com as nossas circumstancias de independencia, liberdade, integridade do nosso territorio, melhoramento moral e physico, e segura felicidade. Sendo a nossa primeira e principal questão, em que temos empenhado os nossos esforços, brio e honra, a *emancipação e independencia de Portugal*, esta não se acha garantida no *projecto* com aquella determinação e dignidade necessaria ; porque : 1° no *projecto* não se determina positiva e exclusivamente o territorio do imperio, como é de razão, e o tem feito sabiamente as constituições mais bem formadas da Europa e America ; e com isto se deixa uma fisga, para se *aspirar á união com Portugal ;* o que não só trabalham por conseguir os *despotas da Santa-Alliança* e o rei de Portugal, como o manifestam os periodicos mais

apreciaveis da mesma Europa e as *negociações do ministerio portuguez com o do Rio de Janeiro*, e a correspondencia d'aquelle rei com o *nosso imperador*, com o que S. M. tem dado fortes indicios de estar d'accordo, não só pela dissolução arbitraria e despotica da soberana assembléa constituinte, e prohibição da outra que nos havia promettido, mas tambem, além de muitas outras cousas, porque se retirou da capital do imperio para não solemnisar o dia 3 de maio, anniversario da installação da assembléa, que por decreto era dia de grande gala ; e no dia 13, dia dos annos do rei de Portugal, S. M. deu beija-mão no paço e foi á ilha das Enxadas, onde se achavam as tropas portuguezas, vindas de Montevidéo, estando arvorada com o maior escandalo a bandeira portugueza ; 2° porquanto ainda que no 1° artigo se diga, que a nação brasileira não admitte com outra qualquer laço algum de união ou federação, que se opponha á sua independencia, comtudo esta expressão é para illudir-nos ; pois que o executivo, pela sua oitava attribuição (art. 102) póde ceder ou trocar o territorio do imperio ou de possessões, a que o imperio tenha direito, e isto independentemente da assembléa geral ; 3° porque jurando o imperador a integridade e indivisibilidade do imperio, não jura a sua independencia. Ao depois, é este juramento contradictorio com esta oitava attribuição, porque se S. M. jura a indivisibilidade do imperio, como póde ceder ou trocar o seu territorio? So se isto se deve entender de ceder o territorio do imperio todo por inteiro e passar-nos então a todos, com familias e haveres, ou para os desertos da Tartaria ou para os d'Africa, ou, afinal, para os Botocudos, entregando as nossas cidades e villas ao que com elle contractar. O art. 2° não póde ser mais prejudicial á liberdade politica do Brasil ; porque permittindo que as provincias actuaes soffram novas subdivisões, as reduz ao imperio da China, como já lembrou e conheceu igual machiavelismo no projecto dos Andradas o deputado Barata ; enfraquece as provincias, introduzindo rivalidades, augmentando os interesses dos ambiciosos para melhor poder subjugal-as umas por outras ; e esta desunião tanto mais se manifesta pelo art. 83, em que se prohibe aos conselhos provinciaes de poderem propor e deliberar sobre projectos de quaesquer ajustes de umas para outras provincias, o que nada menos é que estabelecer a *desligação das provincias entre si* e fazel-as todas dependentes do governo executivo, e reduzir a mesma nação a diversas hordas de povos desligados e indifferentes entre si, para melhor poder em ultima analyse estabelecer-se o despotismo asiatico.

« O poder moderador *de nova invenção machiavelica* é a chave mestra da opposição da nação brasileira e o garrote mais forte da

liberdade dos povos. Por elle, o imperador póde dissolver a camara dos deputados, que é a representante do povo, ficando sempre no goso dos seus direitos o senado, que é o representante dos apaniguados do imperador. Esta monstruosa desigualdade das duas camaras, além de se oppor de frente ao systema constitucional, que deve chegar o mais possivel á igualdade civil, dá ao imperador, que já tem da sua parte o senado, o poder de mudar a seu bel-prazer os deputados, que elle entender que se oppõem aos seus interesses pessoaes, e fazer escolher outros de sua facção, ficando o povo indefezo nos attentados do imperador contra seus direitos, e realmente escravo, debaixo porém das fórmas da lei, que é o cumulo da desgraça, como tudo agora está succedendo na França, cujo rei em dezembro passado dissolveu a camara dos deputados, e mandando-se eleger outros, foram ordens do ministerio para os departamentos afim de que os prefeitos fizessem elleger taes e taes pessoas para deputados, declarando-se-lhes logo, que quando o governo empregava a qualquer, era na esperança de que este marchará por onde lhe mostrassem a estrada. Demais, eu não concebo como é possivel que a camara dos deputados possa dar motivos para ser dissolvida, sem jámais poder dal-os a dos senadores. A qualidade de ser a dos deputados temporaria e vitalicia a dos senadores, não só é uma desigualdade, que se refunde toda em augmentar os interesses do imperador, como é o meio de crear no Brasil, *que felizmente não a tem, a classe da nobreza oppressora dos povos*, a qual só se tem attendido n'aquelles povos, que foram constituidos depois de já terem entre si seus duques, seus condes, seus marquezes, etc. E este é o mesmo fim da attribuição undecima do poder executivo, que na minha opinião é o braço esquerdo do despotismo, sendo o direito o ministerio organisado da maneira que se vê no *projecto*. Podem os ministros d'Estado propôr leis, (art. 53°) assistir á sua discussão, votar, sendo senadores e deputados (art. 54°). Qual será a cousa, portanto, que deixarão elles de conseguir na assembléa geral? Podem ser senadores e ministros, (art. 30°) exercitando ambos os empregos de senadores e ministros e o mesmo se diz dos conselheiros, (art. 32°) ao mesmo tempo que o deputado, sendo escolhido para ministro, não póde conservar um e outro emprego; isto alem de ser um estatuto sem o equilibrio, que deve haver entre os mandados e o mandante, é um absurdo em politica, que aquelles que fazem ou influem na factura das leis sejam os mesmos que as executem, e não se póde apresentar uma prova mais authentica da falta de liberdade do projecto, do que esta.

. . . .

« A suspensão da sancção imperial a qualquer lei formada pela assembléa geral por duas legislaturas (art. 65º) é inteiramente ruinosa á felicidade da nação, que póde muito bem depender de uma lei, que não deva admittir uma dilação pelo menos de oito annos, muito principalmente quando vêmos, para poder passar a lei como sanccionada, pela dilação do tempo, é indispensavelmente necessario, que as duas legislaturas seguintes insistam a eito sobre a mesma lei (art. 65º). A oitava attribuição do poder executivo, que é de fazer tratados de alliança defensiva e offensiva, levando-os depois de concluidos ao conhecimento da assembléa geral, é de muito perigo para a nação, pois que ella não interfere com o seu conhecimento e consentimento em negocio de tanta importancia, muito principalmente quando se vê que o mesmo executivo julga necessaria a approvação prévia da assembléa geral, para execução dos breves, letras pontificias, decretos de concilios, quando envolverem disposição geral (art. 14º).

« A attribuição privativa do executivo de empregar como bem lhe parecer conveniente á segurança e defeza do imperio a força armada de mar e terra (art. 148º) é a corôa do despotismo e a fonte caudal da oppressão da nação e o meio de que se valeram todos os despotas para escravisar a Asia e a Europa, como nos conta a historia antiga e moderna.

« Pelos artigos 55º, 56º, 57º, 58º e 59º, a camara dos deputados está quasi escrava da dos senadores, e o remedio que se applica, em caso de discordia, me parece palliativo, obscuro e impraticavel.

« Os conselhos das provincias são uns méros phantasmas para illudir os povos ; porque devendo levar suas decisões á assembléa geral e ao executivo conjunctamente, isto bem nenhum póde produzir ás provincias ; pois que o arranjo, attribuições e manejo da assembléa geral faz tudo em ultimo resultado depender da vontade e arbitrio do imperador, que arteiramente avoca tudo a si, e de tudo dispõe a seu contento e póde opprimir a nação do modo mais prejudicial, debaixo das fórmas da lei. Depois tira-se aos conselhos o poder de projectar sobre a execução das leis, attribuição esta, que parece de summa necessidade ao conselho; pois que este mais que nenhum outro, deve de estar ao facto das circumstancias do logar, etc., da sua provincia, conhecimentos indispensaveis para a commoda e fructuosa applicação das leis... E' principio conhecido pelas luzes do presente seculo, e até confessado por S. M. que a soberania, isto é, aquelle poder, sobre o qual não ha outro, reside na nação essencialmente e d'este principio nasce como primaria consequencia, que a mesma nação é quem

se constitue, isto é, quem escolhe a fórma do governo, que distribue esta summa auctoridade nas partes que bem lhe parece, e com as relações que julga mais adequadas ao seu augmento, segurança da sua liberdade politica e sua felicidade; logo é sem questão que a mesma nação, ou pessoa de sua commissão, é quem deve esboçar a sua constituição, purifical-a das imperfeições, e, afinal, estatuil-a; portanto, como S. M. não é nação, não tem soberania, nem commissão da nação brasileira para arranjar esboços de uma constituição e apresental-os, não vem este projecto de fonte legitima, e por isso se deve rejeitar por *excepção de incompetencia.* Muito principalmente quando vemos que estava a representação nacional usando da sua soberania em constituir a nação, e S. M. pelo mais extraordinario despotismo e de uma maneira a mais hostil dissolveu a soberana assembléa, e se arrogou o direito de projectar constituições... Em S. M. não ha attribuição alguma, d'onde se possa deduzir o poder de nos dar constituição e mandal-a jurar, porquanto o titulo de *imperador com que o Brasil extemporaneamente o condecorou*, não foi mais que uma declaração antecipada de que elle seria o chefe do poder executivo no systema constitucional, que proclamamos, com um certo poder provisorio, que se fazia indispensavel para preparar a nação para o effeito de se constituir como mesmo S. M. confessou no dia 3 de maio, na abertura da assemblea soberana, o qual poder provisorio cessou com a abertura da assembléa, e as attribuições que elle teria, ainda haviam de ser declaradas pela mesma assembléa; é por isso que S. M. a dissolveu: *as suas attribuições são tudo aquillo que lhe adquirirem as suas armas e lhe cederem a fraqueza e o medo dos povos...* E' por todas estas razões, que eu sou de voto, que se não adopte e muito menos jure o projecto de que se trata, por ser interamente máo, pois não garante a independencia do Brasil, ameaça a sua integridade, opprime a liberdade dos povos, ataca a soberania da nação e nos arrasta ao maior dos crimes contra a divindade, qual o perjurio, e nos é apresentado da maneira mais coactiva e tyrannica. » (1)

Estão ahi as idéas de Caneca, seu estylo, seu caracter, suas ousadias e illusões patrioticas. Transcrevi essas paginas como o programma e o ponto de partida de uma revolta, que sem trazer resultados praticos, offereceu ensejo apropriado

(1) *Obras Politicas e Litterarias de Frei Caneca.* Recife, 1875, 1º vol., pag. 41 e seguintes.

para revelar-se o animo apoucado, traiçoeiro e despotico do homem que o *Brasil extemporaneamente condecorou com o titulo de imperador*... As suas vilezas de 24 prepararam-lhe a expulsão em 31, e, n'este sentido, bem haja a morte dos patriotas pernambucanos. E' impossivel falar de Caneca sem lembrar o nome de seu colloborador de revolta —

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA, um notavel poeta brasileiro do primeiro quartel do seculo XIX.

Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco em 1796, formado em direito em Coimbra em 1823, voltando ao Brasil, tomou parte na revolução que proclamara a *Republica do Equador*. Foi secretario do presidente Paes de Andrade. Depois da tomada do Recife fugiu para a Inglaterra, mais tarde passou-se á França, aos Estados-Unidos e finalmente a Venezuela. Morreu em Caracas, ao que se presume, em 1830. Apezar de ser um contemporaneo de W. Scott, Th. Moore, Shelley, Byron, Gœthe, é um classico; mas é-o com força e brilho. Era um accentuado mestiço de sangue branco e negro.

Viveu vida atribulada, morreu moço no exilio, não tendo tempo e lazeres para avigorar o seu talento. N'elle as notas principaes eram a lyrica e a patriotica. A primeira apparecia, porém, de longe em longe, e offuscada por preoccupações melancolicas. N'estes poucos momentos elle deixava entrever o arrebatamento ,a turbulencia sensualista do mestiço. Se visita a *Quinta das Lagrimas* em Coimbra, e vai falar da morte de Ignez de Castro, ouve-a primeiro em suspirosos espamos nos braços de seu amante :

« A sombra d'este cedro venerando
Momentos mil gosaste encantadores...
Aqui mesmo sentado entre os verdores
Te achou mil vezes Pedro suspirando...

Parece-me que estou inda escutando
Teus suspiros, teus ais, e teus clamores...
Parece-me que a *fonte dos Amores*
Inda está de queixosa murmurando !...

Aqui viveu Ignez!... E reclinada
A borda d'esta fonte clara e pura,
Foi, que horrivel memoria! traspassada!

Mortaes, gemei de mágua e de ternura;
N'esta rara belleza, não manchada,
Foi culpa amor, foi crime a formosura... »

As primeiras estrophes denunciam o lyrismo meridional; depois vem a scena da morte.

O poeta tinha, como disse, umas preoccupações morbidas que lhe empanaram o lyrismo. Eis aqui uma prova : dirige-se á sua amante; começa em tom sereno que dá esperanças de uma gradação, até mostrar uma bella scena de doce sensualidade; mas o resultado é outro, apresenta um esqueleto!...

« Os teus olhos gentis, encantadores,
Tua loira madeixa delicada,
Tua bocca por Venus invejada,
Onde habitam mil candidos amores;

Os teus braços, prisão dos amadores,
Os teus globos de neve congelada...
Serão tornados breve á cinza!... a nada!...
Aos teus amantes causarão horrores!

Céos! e hei de eu amar uma belleza
Que á cinza reduzida brevemente
Ha de servir de horror á natureza!

Ah! mandai-me uma luz resplandecente,
Que minh'alma illumine, e com pureza,
Só ame um Deus, que vive eternamente. »

Ha aqui um desvio, um desmantelo morbido; o poeta era melancolico e taciturno. No exilio entregou-se á embriaguez, essa precursora da morte; na patria andava desconfiado por causa de sua côr e de sua origem. Era um triste :

« Noite, noite sombria, cujo manto
Rouba aos olhos mortaes a luz phebeia,
E em cuja escuridão medonha e feia
Magua inspira do mocho o triste canto;

Tu avessa ao prazer, socia do pranto,
Que rompe do mortal a fragil teia,
Consola um infeliz, que amor anceia,
E a quem magoa é prazer, pezar encanto.

Vem, compassiva noite, e com ternura
Recolhe os ais de uma alma que suspira,
Opprimida de angustia e desventura.

Recebe os ais de um triste, que delira ;
De um triste, que embrenhado na espessura
Suspirando saudoso, arqueja, expira... »

Mas isto não é falso ; não é a mentira romantica do byronismo. O pernambucano era um homem estudioso, serio e activo. Sua alma profundamente poetica precisava de um desabafo ; atirou-se á revolta e expandiu-se a decantar os velhos heróes da patria. No exilio tinha fundas saudades de sua amante e da sua terra :

« Se no seio da patria carinhosa,
Onde sempre é fagueira a sorte dura,
Inda lembras, e lembras com ternura,
Os meigos dias da união ditosa ;

Se entre os doces encantos de que gosa
Teu peito divinal, tua alma pura,
Suspiras por um triste e sem ventura,
Que vive em solidão cruel, penosa ;

Se lamentas com magua a minha sorte,
Recebe estes meus ais, oh minha amante,
Talvez nuncios fleis da minha morte.

E se mais nos não virmos, e eu distante
Soffrer da parca dura o ferreo córte :
Amou-me, dize então, morreu constante. »

Este poeta era homem de talento e de coração; era um resto d'aquelles espiritos activos que tivemos e que nos prepararam a emancipação politica. Em Portugal, como estudante de 1819 a 23 ,em vez de occupar-se em seus cantos dos rebu-

talhados assumptos da poesia reinol, decantou as velhas glorias da historia pernambucana. Por este lado elle é singular em seu tempo e merece um posto especial na littératura. Em seus hymnos patrioticos ha uma vida, um calor, um enthusiasmo, que só cincoenta annos mais tarde acharam um equivalente na alma do poeta dos *Voluntarios Pernambucanos*. Recommendo-os á leitura de todos aquelles que amam o Brasil. Leiam-se as odes a *Vidal de Negreiros*, a *Camarão*, a *Henrique Dias* e a *Francisco Rebello*. (1) Citarei apenas um soneto aos revolucionarios de 1817, versos escriptos pelo poeta quando ainda muito moço :

« Filhos da patria, jovens brasileiros,
Que as bandeiras seguis do marcio nume,
Lembrem-vos Guararapes e esse cume,
Onde brilharam Dias e Negreiros.

Lembrem-vos esses golpes tão certeiros
Que ás mais cultas nações deram ciume ;
Seu exemplo segui, segui seu lume,
Filhos da patria, jovens brasileiros.

Esses, que alvejam campos, niveos ossos
Dando a vida por vós constante e forte,
Inda se presam de chamar-se nossos ;

Ao fiel cidadão prospéra a sorte :
Sejam iguaes aos seus feitos os vossos,
Imitai vossos pais até na morte. »

Para tudo dizer sem rodeios, Saldanha tinha uma grande intelligencia, cheia de enthusiasmos pela patria e repleta de desalentos por sua posição e por sua origem ; era quasi negro e filho de um padre. Os preconceitos de seu tempo fizeram-no soffrer por isso e por suas idéas liberaes.

Não é para sorprender que então assim procedessem os seus patricios, quando muitos annos mais tarde, o aristocrata Adolpho de Varnhagen ,falando d'elle, em todo o repertorio

(1) Vid. *Poesias de Natividade Saldanha*, Recife, 1875.

de critico, achou sómente estas palavras para lhe consagrar : « Foi um *pardo de grande talento ;* distinguiu-se em Coimbra, onde estudava. Era filho de Pernambuco e de principios *ultra-republicanos...* » E n'isto esgotou-se a facundia do visconde de Porto-Seguro. Deixemol-o atraz e prosigamos.

O padre JANUARIO DA CUNHA BARBOSA (1780-1846) não é tão notavel como Caneca e Natividade Saldanha ; mas é uma figura de valor. Orador e poeta, politico e litterato, foi um homem activo, uma mediocridade cheia. Como orador não tinha ousadias ; como poeta repetia a centesima edição do classicismo inerte. Na politica trabalhou para a nossa emancipação ; na litteratura biographou alguns escriptores patrios ; estes ultimos são os seus melhores titulos.

De tudo o que escreveu, apenas raramente lê-se hoje o *Parnaso Brasileiro.*

O *Nictheroy*, os *Garympeiros* e a *Rusga da Praia-Grande* estão esquecidos, e tudo o mais que escreveu em revistas e jornaes.

Cunha Barbosa é uma d'aquellas celebridades politicas ou liiterarias da época do primeiro imperador em torno das quaes formou-se uma lenda, cuja densidade deve ser desfeita á luz da critica. Era mais um homem activo e destro do que um homem de grande talento e sciencia. Tinha a paixão das exibições, por isso creou associações, como o *Instituto Historico*, e escreveu em quasi todos os jornaes do tempo. No fundo não passava de um humanista rhetorico ; a vulgaridade foi uma nota não rara em seus escriptos. Presta-se-lhe hoje attenção, porque o seu bom senso levou-o a collaborar na obra de nossa independencia. E' este o facto capital de sua vida. Retirando-se do Rio de Janeiro aquella sombra de rei que se chamou João VI, lavrava já entre nós fortemente o sentimento da emancipação, e o conego Januario creou, de parceria com Joaquim Gonçalves Ledo, o *Reverbero Constitucional*, advogando a causa da liberdade. Era isto em 1821 ; mais tarde partiu Cunha Barbosa para Minas, a congraçar para a independencia as populações arredias e desconfiadas d'aquelles sertões. De volta ao Rio foi deportado para a Europa por José

Bonifacio. Tornou ao Brasil em dezembro de 1823. Desde então até á morte, foi o conego Januario um auxiliar dos ministerios no *Diario do Governo*, foi o homem da ordem, das associações litterarias, do Conservatorio ,do Instituto Historico, um homem util, d'essa utilidade quasi negativa do legalismo pacato. A's vezes tinha suas rebeldias contra alguns que lhe não agradavam. Por causa de uma d'ellas é que o general Abreu e Lima infligiu-lhe uma formidavel surra litteraria a que Januario pouco sobreviveu.

Se n'uma litteratura ha duas classes de obreiros, aquelles que produzem em qualquer esphera, na poesia ou na critica, na historia ou na philosophia, e aquelles que propalam o que os outros fizeram, que reunem os trabalhos alheios esparsos, que estimulam, que advertem, se n'uma litteratura ha essas duas classes de obreiros, o conego Januario foi um nitido exemplar da segunda especie.

Se como orador e poeta elle é fatigante, o serviço que prestou aos estudos historicos e litterarios no Brasil merece-nos ainda hoje algum apreço.

Não fundou escola nem imprimiu uma direcção sua a alguma das espheras do pensamento nacional; mas foi um trabalhador activo, um propagandista a seu modo.

Como sermonista seu estylo era este : « Suas vistas, que eram tão curtas como seus pensamentos, já não se limitam ás praias do lago que o vira nascer; seu coração endurecido pela ignorancia de uma grosseira occupação, abranda-se, abre-se a um attractivo mais nobre, muito mais sublime; seu espirito como que quebra as prisões que o ligaram á terra, como que se dilata para conseguir o alcance das grandes verdades que então se communicavam ; elle sacode resoluto o peso de seus erros aggravado consideravelmente pelo peso de seus annos; segue com seguro passo a Jesus-Christo e desde então é um novo homem, é um apostolo, é o principe dos apostolos. » (1) Isto refere-se a S. Pedro. Na poesia o vôo não é tambem alevantado. O celebrado poemeto *Nictheroy* é uma mistura de ficções classicas e de cousas do Brasil, terrivel á

(1) Apud Ramiz Galvão, *O pulpito no Brasil*, pag. 173.

leitura. Versos corpulentos e duros atordoam desde o principio :

« Nos braços maternaes, nascido apenas,
Jazia Nicteroy, saturnea prole,
Quando Mimas, seu pae, gigante enorme,
Que ao céo com mão soberta arremessára
A flammigera Lemnos, arrancada
Dos mares no furor de guerra impia,
Tingiu de sangue as aguas, salpicando
Do seu cerebro o Ossa, o Olympfo e o Othrys,
Ferido pelo ferro, com que Marte
Vingou de Jove a injuria em morte acerba. »

N'este gosto, n'este abalroamento de prosa metrificada, atira-se á gente o *Nictheroy* como um flagello. E' um dos mais insipidos productos da lyra brasileira. Na satyra e no humorismo o padre poeta não era mais feliz : grosseiro e pouco espirituoso espraiava-se nos *Garympeiros* por esta fórma :

« Da noite o carro d'ebano passára
Da terceira vigilia os fuscos marcos,
E já quasi de todo se acabára
Das entranhas a musica nos charcos,
Quando immunda alimaria, a Capivara,
Qu'impesta as ruas Lavradio e Arcos,
Procura retouçar em cova quente,
Sorvendo um bom copazio de aguardente.

Já na porca tarima resupino
Rumina novos planos de trapaça ;
O genio seu requinta-se ladino
Aquecido em vapores de cachaça.
A pouco e pouco o somno do malino
As ideias lhe afraca, e lh'embaraça,
Até que fatigado dorme e ronca,
Como fera em caverna escura e bronca.

Então em triste sonho lhe apparece
O *Xavier Ferreira* em carne e pêllo,
Cavalgando-lhe o peito, que esmoreça,
A' carga de medonho pesadêlo.

Gritar não pode, a lingua se entorpece,
Convulso treme, eriça-se o cabello;
E o velhote de capote e carapuça
Indignado sobre elle se debruça.

De verde e grossa lã co'a luva esfrega
As trombas deste infame Porco-Espinho
E viscosos escarros lhe pespega
Na testa, olhos, ventas e focinho;
Depois, sem o largar, á furia o entrega
D'espectros, que correndo em murmurinho,
Uns lhe dão chimbalaos e piparotes,
No ventre saltam-lhe outros aos pinotes. »(1)

Basta! o velho Januario era um Juvenal caturra; golpes destes pouco attingiriam a Bernardo de Vasconcellos, contra quem fôra escripto o poema.

Como biographo Barbosa era mais sensato; era simples e deixava-se lêr com agrado. Vejamos como elle, o liberal, o advogado da nossa emancipação politica, avista-se com o velho inconfidente — Claudio: « O seu estro poetico, sem nunca esfriar em meio dos fastidiosos trabalhos da sua occupação principal, deixou-se vêr sempre sublime em muitas composições portuguezas, italianas e latinas, que ainda nos restam impressas ou manusciptas, para eternos monumentos da sua gloria litteraria. Claudio Manoel foi um philosopho de vastissima erudição, tanto na litteratura antiga, como na moderna. Encontraram-se em seus manuscriptos citações de Voltaire, Rousseau e outros auctores, apenas no Brasil conhecidos n'aquelle tempo pelos seus nomes e sempre perseguidos pelos que nem ao menos delles haviam lido uma só linha, tal era o prejuizo que então reinava! Mas as suas sombras servem de realçar a gloria de nossos litteratos, que ainda um injusto indifferentismo deixa sepultados em vergonhoso esquecimento. Claudio Manoel foi talvez o primeiro brasileiro, que em Minas leu e citou doutrinas de Adam Smith, bedidas na sua obra sobre

(1) *Os Garympeiros*, poema heroi-comico; Rio de Janeiro. Typ. de R. Ogier e C^a. — 1837, 8° — Canto II, *in princ.*

a *Riqueza dos Nações*, e esta circumstancia não é de pequena monta em época de tanta obscuridade e perigosa pela novidade dos conhecimentos que não se queriam propagados no Brasil. » (1)

Estas palavras, se honram aquelle a quem foram dirigidas, exaltam tambem o padre liberal e tolerante que as escreveu. E' por seu patriotismo, seus serviços á independencia, seu enthusiasmo pelos progressos intellectuaes do Brasil que Januario da Cunha Barbosa será sempre lembrado.

Não era só no Rio de Janeiro que os oradores do pulpito abundavam. No Recife havia igual effervescencia e, entre outros, o vigario *Francisco Ferreira Barreto* era apontado como verdadeira notabilidade. Na Bahia, ainda mais forte era o ruido em torno dos nomes de *Feri Bernardino de Senna*, *Frei Antonio de Sampaio*, e *Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos Baraúna*. Sempre a Bahia tem sido uma ubertosa *pepinière* de padres e frades talentosos desde os tempos de Euzebio de Mattos até aos nossos, em que alli se distinguiram os dois irmãos *Frei Raymundo Nonato* e *Frei José*, *Itaparica*, *Arsenio da Natividade*, *Junqueira Freire*, *Frei Carneiro* e muitos outros. Na época que nos occupa, *Bernardino de Senna* e *Antonio de Sampaio* tiveram mais fama do que merito real. O mesmo não se póde dizer de

FRANCISCO XAVIER DE SANTA RITA BASTOS BARAÚNA. Especie de Bocage de burel, genio vivaz, turbulento e insaciavel, o frade bahiano atirou-se aos desregramentos de costumes, proprios de seu tempo em Portugal e Brasil. Foi um talento inutilisado pela crapula e libertinagem, envolto hoje n'uma camada de lendas picarescas.

Foi orador e poeta ao gosto de sua época, improvisador brilhantissimo. Restam d'elle um ou dous sermões impressos e raras poesias, denunciadoras de um talento possante. Foi talvez um homem desviado de suas inclinações naturaes, um condemnado do claustro, um suppliciado do meio em

(1) *Parnaso Brasileiro*; Rio de Janeiro; 1831.

que vegetou. Este vigoroso soneto parece denunciar-lhe as dôres occultas :

« Se um homem houver, homem tão forte,
Que possa vêr, em sua casa entrando,
Malfeitores crueis, assassinando
A cara filha, a candida corsorte ;

Se um tal homem houver, que sem transporte
Veja o céo rubros raios vomitando,
O mar pelos rochedos atrepando,
A terra inteira a bracejar com a morte ;

Appareça esse heroe, assim disposto,
Que lhe quero mostrar por dentro o peito,
E quero lhe não mude a côr do rosto !

Ha de cahir em lagrimas desfeito,
Vendo o meu coração pelo desgosto
Em mil roturas e pedaços feito... »

Quem isto escreveu era um poeta e bem merece um logar, que sempre lhe tem sido negado, em nossa historia litteraria. A biographia de Frei Bastos, que foi quasi uma notabilidade das ruas em seu tempo, nunca foi escripta, é hoje bastante obscura e anda envolta em narrativas phantasticas. Não tenho elementos para desfazer as sombras e desenhar ao vivo o perfil do poeta e do orador. Só vi d'elle um sermão impresso em Lisboa, e este é fraco. Das poesias poucas mais li além do soneto que deixo archivado. Bastos morreu em 1846 na Bahia.

No Recife em torno do nome do vigario

FRANCISCO FERREIRA BARRETO girou até ha pouco a lenda de ter sido elle um gigante da palavra e um poeta maviosissimo. Era a voz da fama, firmada em narrativas oraes.

As producções do padre nunca tinham sido publicadas, e esta lacuna só foi preenchida muito tarde pelo commendador Antonio Joaquim de Mello, que em 1874 editou dous volumes de sermões e poesias do celebrado sacerdote. Foi uma prova terrivel por que passou a nomeada do festejado orador. Viu-se bem claramente que Ferreira Barreto não

era o prodigio de que tanto se orgulhavam os pernambucanos. Como individualidade politica é inferior a Caneca, e é excedido por Natividade Saldanha como poeta. Póde soffrer o parallelo com os oradores rhetoricos e palavrosos do Rio de Janeiro; mas foi um espirito de pouca envergadura. Nascido em 1790, fez os seus estudos no Recife; indifferente ás agitaçõs do seu tempo, não tomou parte nas revoluções de 17 e 24. Deputado á Constituinte, não deu de si copia na assembléa. Réaccionario, foi partidario do grupo absolutista dos *Columnas* e mais tarde dos *Caramurús*. Atacado por isso no tempo da Regencia, embarcou para Lisboa, onde fez versos encomiasticos a D. Miguel. De volta ao Brasil, conservou-se arredio da politica, sendo, porém, algumas vezes deputado á assembléa de Pernambuco. Fallaceu em 1851. Era um pouco declamatorio no sermão; não tinha grandes recursos de fórma e o pensamento era pouco variado. Tinha a placidez innocente dos espiritos pacatos; foi sempre um classico emperrado em pleno movimento romantico. Tinha a immobilidade dos espiritos tenazes, sem as larguezas de uma vasta intuição.

Era um rhetorico seguro e convicto. Ouçamol-o n'um topico em que zurze Napoleão I, como era de bom estylo em todos os discursos dirigidos então por nossos prégadores ás pessoas da familia de nossos monarchas. Na oração funebre da primeira imperatriz do Brasil, disse o vigario Barreto :

« Appareceu n'estes dias um homem, que encheu o universo de terror e completou o catalogo dos crimes. Similhante a Tiberio, igual a Caligula, novo Catilina, segundo Verres, temerario como Cesar e ambitioso como Galba, elle uniu as conquistas de Alexandre com todas as atrocidades de Nero. A natureza cançada de produzir tyrannos fez um intervallo de seculos entre o ultimo e elle. Mahometano no Egypto, catholico na Italia, schismatico na Russia, tolerante na França, teve todas as religiões; porque nunca teve alguma. Aventureiro e planista ao mesmo tempo, elevou-se desde a poeira de Ajaccio até ao throno de São Luiz. Soldado e depois general, consul e logo soberano, elle nutriu a chi-

mera de chegar um dia ao imperio universal. Sua politica tenebrosa dictou um codigo de sangue e legislou para todas as nações. A morte, obediente á sua voz, marchou debaixo de suas bandeiras, desde o Nilo até ao Danubio, desde o cume dos Alpes até aos campos de Arapiles. Rompeu todas as convenções, aniquillou todos os tratados, subverteu todos os costumes, destruiu todas as leis, escravisou todos os povos, abalou todos os thronos, espalhou o sangue em borbotões, prostituiu a virtude, depoz os reis, e a terra emmudeceu diante d'elle. Escravo da gloria, e mais escravo das paixões, cruel, violento, perjuro, assassino, vingativo, soberbo, elle se dizia philosopho e até se chamou omnipotente. Poucos terão tantos crimes, nenhum teve ainda tanto orgulho ! »

Eis aqui o quadro sombrio e apocalyptico que fez o padre Barreto do primeiro Bonaparte. Não serei eu que a este defendeirei contra o enthusiasta de D. Miguel...

Mas tudo aquillo perde o seu effeito diante da conclusão do sermonista ; aquillo era uma cousa providencial :

« Napoleão, senhores, este monstro foi o instrumento fatal da colera do Eterno. As nações no meio de uma alluvião de flagellos pagaram uma alluvião de crimes ; e os soberanos penetrados de susto conheceram que um braço invisivel pesava sobre elles, que os fulminava e que os punia. »

Logo, então, o homem fica justificado. E' esta muitas vezes a logica dos sermões.

Na poesia o vigario Barreto era um classico sem vôos e ardidezas de pensamento. Produziu alguns sonetos e hymnos religiosos, além de outras pequenas composições.

E' de uma leitura fatigante e pouco compensadora. E' inutil fazer citações e tentar analyses; é um poeta de ordem terciaria, sem vigor e sem profundezas de sentimento.

Só uma vez produziu umas notas suaves e lyricas : foi na glosa á celebre quadrinha de Pedra-Branca :

« Vem cá, minha companheira,
Vem, triste e mimosa flor!
Se tens da saudade o nome,
Da saudade eu tenho a dôr. »

A glosa foi feita em Lisboa quando o poeta emigrára para o reino ; é a seguinte :

« Saudade, a celeste mão
Que de roxo te vestiu,
De luto agora cobriu
O meu triste coração ;
Tu és copia da afflicção,
Eu a imagem verdadeira :
Socia de amôr, vem ligeira ;
Nós somos fieis transumptos...
Saudade, acabemos juntos ;
Vem cá, minha companheira !

« Na patria vivi contente,
Como tu no ramo bronco ;
Como tu fóra do tronco,
Murcho, emfim, da patria ausente :
Eu te imito de presente,
No mal, na angustia, na côr ;
Tu, que exprimes minha dôr,
Tu, que do ramo cahiste,
Vem ornar um peito triste,
Vem, triste e mimosa flôr !

« O bafejo da agonia
Envenenou-te a existencia ;
Explicas a dor d'ausencia
Na cor funesta e sombria ;
Negro horror, melancolia
Te cerca, te apraz, te some :
E's o mal que me consome !
Se tu pintas o delirio !
Se tens a cor do martyrio !
Se tens da saudade o nome !

« Mas quanto distamos, quanto
Linda flor, ó flor mimosa !
Tu finges magua extremosa,
Eu de magua a voz levanto ;
Tu arremedas o pranto,

Eu chóro e gemo de horror
Tu pintas o que é languor,
Mas eu sinto a realidade!
Tu dizes o que é saudade,
Da saudade eu tenho a dor... » (1)

O vigario Barreto não tinha a alma ardente de Frei Caneca; era, porém, um caracter seguro, um homem honoradissimo, um sacerdote de peregrinas virtudes; não era um poeta de grande vôo; era capaz, entretanto, de tirar de sua lyra vozes suaves e ternas nos seus momentos felizes, quando estava realmente possuido do assumpto.

E fecharei esta galeria de oradores, fazendo surgir a figura do mais celebre de todos: —

FREI FRANCISCO DE MONT'ALVERNE. Era um homem alto, de fronte espaçosa, de vulto athletico, de voz forte e sonora; tinha grande imaginação, cuja força estava mais no poder de enroupar bem os pensamentos do que em produzil-os amplos e fecundos. Nascido nos fins do seculo XVIII (1784), educado pelo velho methodo dos humanistas do Rio de Janeiro, esteve, comtudo, acima de seus contemporaneos pelo brilho da dicção. Sua linguagem não tem o especial sainete do lusismo classico; é *abrasileirada* e incorrecta a nosso modo. Castilho achou-a defeituosa, pelas mesmas razões por que acho que deve ser elogiada.

O illustre frade era em extremo orgulhoso. Não o escondeu em seus escriptos e a tradição o mostra ainda hoje.

Suppunha-se um grande orador e um philosopho profundo; n'este ultimo ponto enganava-se ingenuamente. Attribuia á força do pensamento o que não passava do brilho da imaginação. O documento que deixou de sua capacidade philosophica é simplesmente mediocre.

Como prégador teve merecimento; não todo aquellle que

(1) *Obras Religiosas e Profanas* do vigario Francisco Ferreira Barreto; 2º vol., pag., 139. Nas *Novas Poesias offerecidas ás Senhoras Brasileiras* por um Bahiano (Pedra Branca) esta poesia vem assignada por M. B. L. Entretanto vem incluida nas *Obras* do vigario Barreto pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello, amigo do poeta e perfeitamente informado de tudo que lhe dizia respeito.

os nossos *chauvinistas* propalam inconscientemente, mas de todos os nossos sermonistas é o unico que póde ainda hoje ser lido sem enfado. Certo brilho de fórma, o talento objectivista de traçar quadros, a cadencia dos periodos o fazem appacerer isolado no meio dos seus congeneres. Foi o ultimo e o maior d'elles. Professou em 1802; exerceu varios cargos de sua ordem; atirou-se á eloquentia em 1816; cégou aos cincoenta e dous annos, em 1836. Passou dezoito annos recolhido ao silencio e aos setenta (1854) subiu de novo ao pulpito a rogos do imperador D. Pedro 2º.

O fradre orador era um perfeito artista dramatico, e nessa resurreição oratoria foi insigne, dizem, no manejo de seus recursos. Conta-se que o nosso actor, o celebre João Caetano, ia sempre ouvil-o para aprender a declamar. São accordes em dizer os que o conheceram que se não póde fazer idéa do que elle foi só pela leitura dos sermões.

Era preciso apreciar, ouvindo-o, aquelle actor do pulpito. Em todo o caso, o que deve ficar assentado é que este velho, que aos setenta annos produziu talvez o melhor de seus discursos, esse homem que surgia de repente no meio de uma geração que o desconhecia, era o representante de toda uma classe de espiritos que com elle desappareceu. Era a velha cultura, a velha intuição monastica que produizia no Brasil o seu ultimo hymno.

Nada ha aprender nos quatro volumes dos discuros de Mont'Alverne, como nada ha a aproveitar no seu livro de philosophia. Quasi ninguem hoje os lê; o fradre orador não abrio novos horisontes ao pensamento nacional; é uma figura de decoração, um illustre exemplo do talento improductivo.

Teve merito como artista da palavra; mas não teve genio; não personalisou uma tendencia humana, ou sequer uma necessidade nacional. « Le génie, disse um outro artista, o grande Gounod, le génie, c'est toujours la *personnalité* sans doute; *mais s'oubliant elle-même* et s'élevant ainsi jusqu'á l'expression de l'Humanité tout entière, c'est-à-dire jusqu'á la plus haute *impersonnalité.* »

Não se deve applicar esta bitola a Mont'Alverne; mas não

é certo que elle não symbolisa uma tendancia, não direi humana, mas apenas brasileira?

Mont'Alverne teve a medriocridade, a molestia chronica de todo o sermonista, de todo o glosador de velhos themas convencionaes e gastos, como a religião pelo seu lado exterior.

Elle se tinha, como já disse, em mui grande conta e não o escondia : « O paiz tem altamente declarado que *eu fui uma d'estas glorias* de que elle ainda hoje se ufana. Lançado na grande carreira da eloquencia em 1816, como prégador regio, oito annos depois que n'ella entraram S. Carlos e Sampaio, monsenhor Netto e o conego Januario da Cunha Barbosa, tive de luctar com esses gigantes da oratoria, que tantos louros tinham ganhado e que forcejavam por levar de vencida todos os seus dignos rivaes. O paiz sabe quaes foram os meus successos n'este combate desigual ; elle apreciou meus esforços e designou o lugar a que eu tinha direito entre os meus contemporaneos, *e pertence á posteridade sanccionar este juizo.* Arrastado por a energia do meu caracter, desejando cingir *todas as corôas*, abandonei-me com igual ardor *á eloquencia, á philosophia, á theologia*, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente, nos principaes conventos da minha ordem e no seminario de S. José n'esta côrte. »

Estas palavras são a manifestação de uma molestia querida aos romanticos : a vaidade. Chateaubriand, Byron, Victor Hugo, Lamartine, Garrett e Herculano, entre outros, a possuiram em estado agudissimo.

Entre nós é de vulgar noticia o orgulho feminil de Varnhagen, Porto-Alegre, Magalhães e outros corypheus romanticos. Mont'Alverne foi atacado da epidemia reinante. (1)

Entretanto, apesar de lhe ser irrecusavel grande merecimento como sermonista, elle continúa a descer no conceito publico. Qual a razão? E' que o frade orador só produziu *phrases* e a humanidade não se dirige com palavriados. Precisamos de idéas, de verdades, de vistas novas, e o orador não as tinha.

A medida que elle desce, outros contemporaneos seus

(1) Leia-se o *prefacio* de suas *Obras Oratorias*, Rio de Janeiro, 1852.

sobem, como Hippolyto da Costa, Azeredo Coutinho e alguns mais. Mont'Alverne não era um pensador, não era um grande espirito representativo de seu tempo.

Quando digo que elle possuia imaginação e brilho de fórma, consigno um juizo todo relativo e que deve ser entendido habilmente. Não se tem em frente um orador de primeira grandeza, mesmo na ordem religiosa, como São Paulo, Luthero ou Bossuet; está-se em face de um vulto de segunda categoria, um rhetorico de talento e nada mais.

Como prova citarei o seu celebradissimo exordio no sermão de São Pedro de Alcantara, prégado a rogos do 2º imperador. A peça é bella; mas, em rigor, nada encerra de extraordinarimente admiravel :

« Já não é dado ignorar a causa d'este impeto divino que arremessou atravéz de mil azares esses homens escolhidos para mudar a face da terra. E' inutil fingir desconhecer a origem dessas façanhas singulares, de que justamente se ensoberbece a bella filha do céo. Expiações cruentas preludiavam esta regeneração, que os seculos esperavam com extrema anciedade. Holocaustos espontaneos ensaiavam esta renuncia de si mesmo, estas quebras do egoismo, a que estava ligada a purificação da especie humana ; mas todos esses rasgos de dedicação, todos esses brios da magnimidade ficaram muito longe das provas a que eram chamados os representantes do novo progresso racional.

« Repellidos por tantos revezes, desanimados em tantas derrotas os mais experimentados contendores cederam a arena, que elles haviam coberto de ruinas.

« Convinham outros meios, eram mister empenhos de outra ordem. — Louros ainda não estimados, uma aureola de que ainda não havia noticia, premios ainda não concedidos podiam só reanimar a constancia d'esses mantenedores que deviam achar-se a braços com todas as difficuldades, vencer todos os obstaculos, dominar todos os preconceitos, e desfazer todos os prejuizos. Só um diadema em que se prendia a immortalidade com todos os seus fulgores e toda a magia d'uma felicidade interminavel, era digna de compensar tantos suores e coroar tantas fadigas. Todos os annaes deram conhecimento deste abalo com que o mundo foi sacudido, e pôz em desuso as idéas recebidas. As agapes dos confessores condemnavam esses festins marcados com o estigma da atrocidade, e com os excessos da intemperança ; batalhões de virgens mandadas á morte, por

conservar sua pureza cobriam de confusão essas mulheres, que não tinham pejo de assistir em completa nudez ás ceias voluptuosas de Tigelino nas alamedas de seus jardins illuminados ; e a matança do lago Fucino para satisfazer os caprichos d'um despota que recebia os ultimos emboras da magestade do Povo-Rei, era contrastada por esses milhões de homens amontoados nos amphitheatros, consumidos nas fogueiras, e despedaçados nos cavalletes afim de justificar que a hora da salvação tinha chegado, e que a humanidade estava regenerada. Cada seculo apresentava peripecias ainda não apreciadas. As flagellações realisavam as scenas do martyrio ; a penitencia vinha sentar-se no logar das perseguições, e as virtudes pacificas substituiam os surtos da heroicidade. Um só homem recopilou todos esses meritos, e obteve as mais ardentes ovações. Os arroubos da abnegação evangelica, o espirito de reforma, a ostentação da omnipotencia divina bastam para dal-o a conhecer. Os anjos o chamaram Pedro, o logar do seu nascimento accrescentou-lhe o appellido de Alcantara... — Não, não poderei terminar o quadro, que acabei de bosquejar : compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligenecia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do santuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como reproduzir esses transportes, esse enlêvo com que realcei as festas da religião e da patria ? *E' tarde ! é muito tarde !* Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho n'este pulpito, que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degráos desci só e silencioso para esconder-me no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos de tribulações, devorados de pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as strophes dos seus cantos nas quebradas das suas montanhas pittorescas ; não escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravam seus alaudes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão ; e quando os homens que deleitavam-se com o perfume de seu estylo e a belleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a repetição dessas epopéas em que perpetuavam a memoria de seus antepassados, e as maravilhas do Todo-Poderoso, elles cobriam suas faces humedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento da tempestade. — Religião divina, mysteriosa e encontadora, tu, que dirigeste meus passos na vereda escabrosa da eloquencia ; tu, a

quem devo todas as minhas inspirações ; tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flôr ; se das silvas que a enlaçam reverdecerem algumas folhas ; se um adorno renascer d'estas vergonteas já sêccas ; deposita-a nas mãos do Imperador, para que a suspenda como um tropheu, sobre o altar do grande homem, a que elle deve o seu nome, e o Brasil a protecção mais decidida... » (1)

Este bello trecho mostra quão superior aos seus rivaes era o orador franciscano.

Resta apreciar Mont'Alverne como pensador.

Por seu professorado, mais do que por seu livro, grangeou o nosso frade a fama de grande philosopho. Em 1848 foi, n'uma sociedade litteraria, solemnemente proclamado, diz um de seus biographos, *genuino representante da philosophia do espirito humano no Brasil.*

Este titulo, um pouco extravagante, era a confissão geral ; aos louros de orador Mont'-Alverne junctava os de philosopho. Elle proprio, segundo o testemunho de seus coêvos, sentia que muito pesava o seu merecimento de pensador. O orgulho, por essa crença, teve entrada em seu coração. A gloria de pregador, elle a não desejava mais do que a de philosopho e theologo. Jà se viu o que diz, falando de suas luctas de eloquencia ao lado de seus rivaes :

« Arrastado por a energia de meu caracter, desejando cingir *todas as corôas*, abandonei-me com igual ardor á eloquencia, á *philosophia* e á *theologia*, cujas cadeiras professei, algumas vezes simultaneamente... » (2)

Este pedaço vale uma psychologia; manifesta á toda luz o estado mental de seu auctor. Essa juncção, que lhe pareceu tão natural, e tambem aos seus contemporaneos, da eloquencia com a philosophia e a theologia, é hoje uma exacta extravagancia ; é inacceitavel. Que as duas ultimas muito se combatem é actualmente uma dessas verdades de facto que ninguem, a não ser um desses encarcerados da ignorancia, ousa mais contestar. Amigas apparentes, e depois

(1) *Panegyrico de S. Pedro de Alcantara* ; Rio de Janeiro, 1855, appenso, ás *Obras Oratorias;* Rio de Janeiro, 1852.

(2) Prefacio das *Obras Oratorias.*

terriveis rivaes, hoje uma d'ellas é em grande parte uma ruina sobre a qual a outra passa impavida.

A philosophia e a eloquencia igualmente se repugnam; tada a historia de ambas só dous homens mostra em que esse consorcio foi posivel : Fichte e Cousin. Mas Fichte foi um grande orador longe de seu mistér de ideias, em circumstancias mais do que anormaes, na hora suprema das agonias da patria. O patriota offuscara o pensador. Diante de seu paiz vencido, humilhado, rudemente retalhado, bem se comprehende a metamorphose : d'um philosopho um Tyrtêo!

Quanto a Victor Cousin, elle foi grande orador, porque nada menos foi do que um philosopho. Foi um espirito desnorteado, um *litterato* que errara o seu caminho (1). O orador deve ser um homem de imaginação, de uma linguagem prompta, vehemente e ruidosa, deve ser dotado em larga escala da faculdade de synthetisar os factos e reproduzil-os com brilho. São qualidades oppostas ás do philosopho, cujo espirito ha de ser prescrutador e analysta, cujas forças mentaes devem, o mais possivel, approximal-o da realidade sem ruido e sem fulgor. Fr. Mont'Alverne, entretanto, suppunha aquella juncção natural e indispensavel á sua gloria. O digno franciscano illudiu-se em demasia ; se algum sussuro causou em torno de sua cadeira, o deveu, sem duvida, á eloquencia e não á segurança de seu pensamento e de sua cultura. A publicação de seu livro, longe de aproveitar, foi-lhe grandemente prejudicial.

Mont'Alverne morreu em 1858 aos setenta e quatro annos. mas cegou em 1836 aos cincoenta e dous. N'esta ultima idade já devia ter elle attingido, desde muito, o maximo gráo de tenção e profundeza de seu pensar. D'ahi por diante só fez decahir. Deve ser julgado até esse tempo, e, quanto ao mais, convem deixar o velho pregador dormir tranquillo sobre os louros de sua facundia. O seu livro foi meditado e escripto no periodo indicado de progresso e entra, por tanto, no quadro

(1) Sobre o caracter superficial e meramente *litterario* da philosophia de Cousin vejam-se os bellos artigos de E. Renan nos seus *Essais de Morale et de Critique*, e de H. Taine nos *Philosophes français du XIX^me^ Siècle*.

de minha analyse. Este brasileiro tem sido apregoado, em seu paiz, um homem de *genio*. Tal juizo é simplesmente um absurdo; a sciencia de hoje não admitte mais essa categoria de individuos no velho sentido que se ligava áquelle predicado. O genio era uma entidade humana bastante parecida com os genios da poesia e da fabula; desprendido da realidade e das circumstancias exteriores, escapava á pressão do meio physico e social; era um *espirito* a mover-se *livre* n'um mundo á parte. Estas ideias caducaram; rimo-nos hoje d'ellas; a humanidade procede por *evolução;* tudo em sua marcha se acha concatenado e sujeito á lei do desdobramento. Lyell refutou a theoria revolucionaria em geologia, Darwin a baniu da biologia e Comte e Spencer da historia.

O genio, no velho sentido, desappareceu como uma chimera; todavia, ainda é costume assim appellidar á intelligencia ultra-fecunda, capaz de elevar-se ácima dos prejuizos correntes e abrir uma éra nova e novos destinos á humanidade. O distincto franciscano distava immenso d'essa altura; prova-o o seu pobre *Compendio*, onde elle se manifesta escravo submisso das vulgaridades e ridicularias da philosophia de seu tempo entre nós. Digo entre nós, por já ter ella então na Europa produzido alguns d'aquelles grandes monumentos que são a gloria do espirito humano no seculo XIX. Ja Hegel, Herbart, para não falar de outros, n'Alemanha; Hamilton na Inglaterra; Quetelet e o proprio Comte na Belgica e França; Romagnosi na Italia... haviam revirado o terreno das velhas ideias em todos os sentidos.

Mont'Alverne não entreviu, não presentiu, ao menos, taes successos, para permanecer um discipulo subalterno de Condillac por via de seus mais infimos sectarios : Genuense e Ponelle!...

Ahi mesmo, porém, elle foi acanhado e esteril; o patrimonio recebido, elle o não augmentou de um ceitil. Esta sentença é verdadeira, e não é difficil proval-a. Depois de Lamarck, Oken, Saint-Hilaire, Broussais, Cuvier, Rostan..., em todos os mais interessantes ramos das sciencias naturaes, já terem praticado verdadeiros prodigios, ao lado dos grandes philosophos ácima lembrados, um nome como o de Cousin,

era, então, capaz de hallucinar o franciscano orador!... Estas palavras são suas :

« Vê-se, pois, que o meu systema é o sensualismo; mas depois do apparecimento do ideialismo, o sensualismo não se pode manter seguro nos seus dominios exclusivos. Todavia, ambos estes systemas offereciam erros que os seus sectarios se lançavam em rosto mutuamente. *Um d'estes genios, nascidos para revelar os prodigios da razão humana, se levantou como um Deus, no meio do cahos, em que se crusavam, e combatiam todos os elementos philosophicos, empregando a extensão de sua vista, e sublime comprehensão, reconstruiu a philosophia, apresentando as verdades, de que o espirito humano esteve sempre de posse.* Os systemas exclusivos foram proscriptos por M. Victor Cousin. O sensualismo e o idealismo, a escola de Locke e a philosophia escosseza deram-se as mãos; e a razão pura de Kant sentando-se no lugar da reflexão de Locke, offereceu os verdadeiros elementos do espirito humano, as legitimas fontes das ideias, e resolveu os mais difficeis problemas da psychologia, que dividiam o mundo philosophico. Felizmente, para mim, a theoria das forças e da actividade da alma, das sensações, da attenção, baseando-se no elemento ideialista, apartaram-me bastante da escola sensualista. Mas a theoria da reflexão e da origem das ideias offerece o lado vulneravel do sensualismo. E' o que demonstrou M. Cousin na sua analyse ou ensaio sobre o *Entendimento Humano* de Locke, e em outras obras. O systema sublime de M. Cousin apenas é conhecido no Brasil, e por desgraça, seus trabalhos philosophicos ainda não estão completos, e nem impressas, ou conhecidas aqui as suas obras posteriores. Eu forcejarei entretanto por aproveitar o que elle tem feito e *restaurar* com elle o systema philosophico. » (1)

Virchow fala algures de pregadores que, para saudar aquillo que elles julgam uma novidade, ostentam um luxo incommodo de palavrões; se mais um exemplo fôra preciso para confirmar-lhe o dito, ahi estava este longo inventario

(1) *Compendio de Philosophia,* pag. 90. nota.

das excellencias de Cousin que deixei transcripto. Esta passagem foi pensada em 1833; o electismo nasceu e morreu sem que houvesse recebido o menor influxo de vida provindo de Mont'Alverne?... A philosophia não foi *restaurada* por um espirito da tempera de Jouffroy, e como sel-o-hia pelo nosso compatriota, que se ostenta, no pedaço ácima griphado, nada mais do que um rhetorico verboso para quem Cousin foi um genio que se levantou como um *Deus* no meio do cahos dos elementos philosophicos?... E tudo isto para que? Para revelar as verdades de que o espirito humano esteve sempre de *posse!*

Parece uma ironia; mas o nosso orador era serio e falava convencido; o seu criterio de philosopho é que era demasiado franzino. Um homem, dito de enorme intelligencia, que foi testemunha dos grandes acontecimentos e mutações historicas, que assignalaram os ultimos annos do seculo XVIII e os primeiros do XIX, no velho e novo mundo, vir-nos, depois da revolução de Julho e da evolução do hegelianismo dar tão frageis provas de seu modo de julgar, nada menos foi do que aquillo porque o quizeram fazer passar; nada menos foi do que um philosopho creador e original.

Vir, depois, repito, de Lamarck, Bichat, Broussais, Saint-Hilaire, já nos tempos em que os trabalhos de Rostan e Lelut, sobre a pathologia physica e mental, os de Quetelet, sobre a physica social, e os primeiros de Comte, sobre a politica positiva, iam apparecendo, ostentar-se tão inanido de ideias é cousa que pouco sabe honrar. Eu não esqueço que o pretendido pensador brasileiro era um sacerdote; isto, porém, o não inhibia de revelar-se mais profundo e investido de outras armas. Michelet disse uma vez de Littré que elle era um grande lexicographo, um notavel grammatico, um distincto physiologo, mas não um philosopho e um historiador. E que se dirá do insigne franciscano, cujas qualidades oratorias, aliás não extraordinarias, eram um impecilio para o desenvolvimento normal de suas faculdades de observação?

No seu tempo, ao lado da reacção catholica contra os principios revolucionarios, realissimo era o movimento antimetaphysico, mais profundo e mais significativo, ainda que

menos ruidoso. Mont'Alverne, não se alistou em nenhum dos lados dos combatentes. O escriptor italiano Nicolá Marselli nol-o diz : « E' veramente curioso l'osservare che quando si discorre del movimento intellectuale nella Francia e nell'Italia, dopo il 1815, si ponga sovente in rilievo la scuola che spiegó la bandiera neo-cattolica, neo-guelfa in opposizione al radicalismo rivoluzionario, e non si tenga nel dovuto conto una reazione anti-metafisica. Questa, con minore splendore ma con piú soliditá di dottrina, svolgevasi parallelamente e sordamente apparecchiava la demolizione di ben piú alti personaggi che non fossero gl'idoli terreni della scuola cattolica. Ho voluto notare ció a mortificazione di coloro che ebbero l'ingenuitá de credere che dopo il 1815 lo spirito europeo potesse tornare, fosse tornato al medio-evo, e non si accorsero né dei principii rivoluzionari passati nel corpo dei novelli guelfi, né di questa reazione fisica e positiva che nel campo degli studii morali manifestossi nel torno del 1830. » (1) O que se dava na França e na Italia, passava-se tambem na Allemanha e na Inglaterra. Não digo que o escriptor nacional tomasse parte na reacção anti-theologica e anti-metaphysica ; era muito exigir d'elle. Entrasse, ao menos, na pugna neo-catholica conhecedor do terreno, e manejando principios mais seguros.

Assim me exprimindo, pareço acreditar que o celebre orador é ainda hoje festejado como philosopho; actualmente ninguem mais o lê e raros se lembram d'elle por este lado. Na lucta pela vida o *Compendio* do franciscano foi atirado á margem, senão devorado pelo esquecimento, e o pensamento nacional passou-lhe adiante.

Não devo fazer uma analyse miuda do fraco livrinho, fôra chicanar com a antigualha; basta-me indicar seu espirito dominante, suas tendencias vitaes. Seu auctor pertence a essa geração que, joven e robusta no tempo de D. João VI, entre nós, tomou parte nos acontecimentos da Independencia, e figurou nos tempos do primeiro reinado. E' um coêvo de Cayrú, de José Bonifacio, de S. Leopoldo, de

(1) *La Scienza della Storia*, vol. 1°, pag. 320.

S. Carlos e tantos outros que ainda não passaram pelo crysol da critica imparcial e competente. Então o ensino philosophico era uma amalgama de Storkenau e Genuense, esses nomes desconhecidos na historia do ensino publico dos povos cultos!... Uns restos estropiados de Locke e Condillac, reduzidos a figuras minimas pelos discipulos e commentadores, e algumas laudas enganadoras, brilhantes pelo estylo e frageis pela analyse, de Laromiguière, tal o seu conteúdo.

Tudo isto decorado, não para prescrutar o enygma do homem e do universo; sim para limar a argucia e secundar a loquella. Depois, mais alguma vulgarisação das obras de Maine de Biran, que não teve contradictores por não ter quem o lêsse, segundo diz Taine, e de Victor Cousin, que sacrificava o pensamento por amor da *phrase*, como nol-o declara Renan, trouxe a propensão e finalmente a queda completa para o eclectismo francez. A esta phase pertencem Mont'Alverne e os seus continuadores : Eduardo França e Domingos de Magalhães. Tão pobre, tão insalubre foi o alimento que lhe forneceu a cultura de sua patria, em seu tempo ; tão ingratas as influencias a que teve de ceder, que a critica sente-se com impulsos de o absolver.

Abra-se o *Compendio* para melhor se lhe apreciar a tempera ; não seja aberto a esmo ; seja no ponto em que o philosopho julgava-se mais seguro. Já se viu que elle suppunha ter uma theoria especial sobre as *forças* e a *actividade* d'alma, graças a qual apartara-se alguma cousa do sensualismo que lhe ensinaram. E' onde deve ser apreciado.

Chamo a attenção do leitor para o estylo barbaro e as tergiversações de pensamento que se lhe deparam na lauda que vou copiar. Respondendo a uma objecção contra o systema do influxo physico de Euler sobre a união d'alma com o corpo, diz : « Esta machina maravilhosa, á qual está unida minha alma foi feita para ella ; porque é esta machina, que põe em valor todas as suas faculdades. A grande composição da machina não apresenta, pois, uma opposição real com a simplicidade da minha alma, porque se fosse real a opposição, como as duas substancias poderiam unir-se, e reciprocamente obrar uma sobre a outra? Eu supponho, como se

vê, que a impossibilidade do influxo physico não é demonstrada, eu julgo ter boas provas para mostral-o ; é o que passarei já a fazel-o. A machina só obra por seu movimento, este movimento anima todas as suas peças. Eu ignoro a natureza inteira do movimento ; mas sei em geral, que elle é uma força que se applica ao corpo, por a qual o corpo obra. Não é, logo, a materia da machina o seu verdadeiro agente ; é a força que a anima. Uma força physica, porém, qualquer que ella seja, é em si indeterminada, e não poderia dar-se por si mesma alguma determinação particular ; para que ella produza certos effeitos, convem ser applicada a um sujeito por uma certa maneira, em uma certa ordem, segundo certas proporções, e uma certa direcção. O sujeito a quem se applica a força, que eu considero, é o cerebro ; e é a sua organisação, que regula as determinações particulares da força, e a faz convergir para um certo alvo. Este alvo ou este fim é excitar na alma as sensações ou percepções correspondentes ás modificações da força que as faz nascer. Esta força é necessariamente um ser simples, porque a ideia que tenho d'esta força não pode ser decomposta em outras ideias. Eu não posso decompôr esta força, assim como não posso decompôr o sentimento que tenho de meu *eu*. A força de que se tracta parece-me sempre uma, simples, immaterial. Eu ignoro profundamente como esta força se applica á machina organisada, á que minha alma está immediatamente presente ; mas eu tenho a mais perfeita certeza que esta força applica-se, e obra nella ; e eu contemplo seus maravilhosos effeitos. . . Eu não conheço a natureza intima da minha alma, assim como não conheço a de qualquer outro ser ; mas eu tenho as melhores provas de que minha alma é um ser absolutamente simples, e dotado de uma actividade que lhe é essencial. Minha alma é, pois, uma força, e esta força é susceptivel de uma multidão de modificações diversas. Ella é tão indeterminada em si, como qualquer outra força, não pode dar-se por si mesma determinações particulares, assim como não o pode a força que anima a materia. Esta força, que constitue o meu *eu*, recebe, pois, suas determinações do corpo organisado, a que ella está unida, ou, para falar mais exac-

tamente, a alma recebe estas determinações da força que anima este corpo, e esta recebe as suas determinações das forças inherentes aos corpos ambientes. . . . .
Eu estou certo que o corpo não se move por si mesmo, o movimento não decorre, pois, immediatamente da natureza propria do corpo ; elle deriva, pois, de alguma cousa exterior ao corpo, e se esta cousa fosse tambem materia, onde encontraria eu a causa do movimento? » (1) Certamente tudo o que ahi ficou transcripto parece muito longe de ter sido escripto por um genio.

A través de toda essa repetição de palavras e de consequencias esdruxulas, eis um rico especimen de philosophia hybrida, inconsistente e banal, incapaz de agradar a qualquer dos partidos que têm dominado o campo da sciencia. Não satisfaz á philosophia catholica, porque, sem o querer, reduz a alma humana a uma força, como outra qualquer, exactamente quàl o faria um máo discipulo do philosopho de *Kraft und Stoff*, que, ao envez do mestre, acreditasse na pluralidade das forças ; não convem á sciencia, porque os contrasensos ali formigam ás dezenas. Faz do movimento um *quid* immaterial separado corpo e a que é junto não sei por quem ; anima todos os seres de forças igualmente immateriaes, isto é, aviventa a natureza pelo mesmo modo porque o faria um polytheista.

Sua doctrina lembra certa epoca da historia da sciencia em que todos os phenomenos inexplicaveis eram oriundos de forças. « Cada um dos phenomenos cosmicos era, em falta de cousa memor, attribuido a uma *força*, palavra vaga, que se liga tanto á escolastica, quando á mecanica e que occultava no fundo a ignorancia dos physicos sobre as causas reaes dos factos que observavam. O peso, o calorico, a electricidade, etc., eram outras tantas forças. Quando havia embaraço para explicar um phenomeno, inventava-se uma nova força ; força de contacto, força de presença, força catalitica e não sei quantas mais... » (2).

(1) Pag. 153.
(2) Adolphe d'Assier, *Essai de Philosophie positive au XIX^me Siècle.* Première partie, pag. 3.

Mont'Alverne curvou-se submisso a este expediente sediço e inaproveitavel.

Vejamos, por fim, o poeta sacro

JOSÉ ELOY OTTONI (1764-1851). — Este velho poeta não tem sido convenientemente julgado pela critica do paiz. Tanto mais exaltam Pedra-Branca e Paranaguá, quanto menos prezam o traductor de Job.

Eloy Ottoni, que falleceu na avançada idade de oitenta e sete annos em pleno seculo XIX, é uma physionomia litteraria que deve ser estudada acuradamente. E' um continuador da velha escóla mineira tendo quasi tanta suavidade romantica quanta os seus antigos companheiros. Sua importancia litteraria deprehende-se das incertezas e azares de sua vida. Descendente de italianos audazes e emprehendedores, Eloy é filho dos sertões de Minas, da cidade do Serro. N'aquellas paragens o futuro lyrista víu-se estimulado por tres grandes forças : o impulso poetico natural n'aquellas populações, o estudo da latinidade grandemente desenvolvido acolá, e, finalmente, a natureza que alli é penetrada *par ce bain de lumière, par ces odeurs de végétations naissantes, par le vif courant de puberté printanière dont l'atmosphère est imprégnée*, como diria Eugenio Fromentin.

Eloy era despreoccupado e de tendencias erraticas. Depois de estudar o que estava ao seu alcance em Minas, partiu para a Italia, onde reforçou a sua educação e começou os seus trabalhos litterarios. Em Minas e na Italia retemperaram-se as duas tendencias essenciaes a seu espirito : o lyrismo voluptuoso, e umas fortes propensões religiosas que lhe adormeciam n'alma. Da primeira d'estas inclinações provieram-lhe as producções lyricas, e da ultima a traducção poetica do *Livro de Job*. De Italia partiu o poeta para Lisboa e depois para o Brasil. Acolheu-se a Minas Novas, onde o encontraram os successos da *Inconfidencia*, e onde leccionou latim. Retirou-se de novo para Portugal, onde assistiu ás luctas das *Arcadias* e levou vida de *bohemio* á bocagiana. Foi o tempo de suas effusões lyricas. Tornou mais tarde ao

Brasil, vivendo a principio na Bahia e posteriormente no Rio de Janeiro, onde falleceu.

Fez versos patrioticos sobre as aspirações dos brasileiros, traduziu os *Proverbios de Salomão* e o *Livro de Job ;* deixou poesias pessoaes e lyricas. Estas são as suas melhores producções. A tendencia religiosa accentuou-se mais no fim da vida como molestia da velhice.

Como lyrista, Eloy Ottoni teve um talento verdadeiramente appreciavel. Certa intensidade voluptuosa, um sentimento vago e penentrante de um extasis amoroso em toda a natureza, uma effusão de vida que de tudo se lhe communica, o amor sempre e por toda a parte, eis o seu estado emocional e psychologico. Alguma cousa que lembra o romantismo pantheistico da escóla allemã, guardadas as distancias indispensaveis. O mineiro era um crente, não era um revolucionario ; não comprehendeu bem o seu tempo ; não deu impulsos ao seu povo ; mas foi poeta ; porque sentiu algumas das eternas bellesas do mundo, e, por este lado, tinha alguma cousa de pagão. E' hoje impossivel, ou pelo menos muito difficil, reconstruir a historia dos seus amores com certas damas portuguezas do seu tempo. Seria cousa interessante para a historia do nosso lyrismo. Faltam memorias e cartas intimas. O poeta deve ainda, e talvez sempre, ser julgado secca e unicamente por seus escriptos publicados, e são bem poucos. Tenho á vista sómente um punhado de versos lyricos, além dos *Proverbios* e de *Job* traduzidos do latim da Vulgata.

O poeta reconhece a seiva, a vida amorosa que circula em toda a natureza :

« Não zombe o sabio de me ouvir, attenda,
Escute o sabio a voz da Natureza :
As plantas vivem, porque as plantas amam.
Ao tronco unidas, quando os olmos brotam,
Brotam as verdes, trepadeiras heras.
Não curva os braços verdejantes, ergue
Soberba o collo, demandando as nuvens,
A palmeira recebe, acolhe, afaga
Suspiros ternos que a saudade envia
No bafo meigo do amador distante.
Se o fido esposo, que de longe exhala

O succo ethereo, que vegeta e nutre,
Cedendo á força malfazeja expira ;
A esposa, logo que a exhalar começa
Do fluido exhausto o deprimido alento,
Sequiosa pergunta, affavel pede
Noticia ao vento, que lhe nega e foge.
Não vae a esposa, quando o esposo acaba,
Perdendo a força nutritiva, perde
O vigor da união, que a enlaça e prende ;
E do esposo chorando a perda infausta,
Convulsa treme, solitaria morre... »

Os romanticos brasileiros nada de melhor escreveram n'este sentido. E' uma nota que soffre grandes variações na lyra d'este poeta. Se lhe apparecem ainda algumas velhas imagens da cançada poesia classica, perdem-se ellas entre muitas outras viçosas e puramente novas. Elle é, como os principaes poetas mineiros, um predecessor do lyrismo romantico ; é um sectario da antiga intuição camoneana da lyrica. Se decanta umas nupcias em Lisboa, ouve-se :

« Da innocencia e da candura
Scintilla o foco brilhante ;
Arde a tocha fulgurante ;
Que symbolisa hymeneo :
Acodem risos de Venus,
Em grupo graças e amores,
Da terra abrolham as flôres,
Gotteja orvalho do céo !

« Recostado o rio ameno,
Que fecunda estas campinas,
Vae retratando as boninas
Sobre o liquido crystal ;
Dos augustos ascendentes
Falta o doce, patrio abrigo !
De oliveira tronco antigo,
Falta o leito nupcial !

« Aos ardores com que o sol
Finge a cor da zona ardente,
Suppre o animo innocente
Do moço branco e gentil :

Banha o lucido cruzeiro
Novo gráu de claridade,
Aos effeitos da saudade
Suppre a gloria do Brasil.

« Eis a esposa... Como é pura !
Entre as virgens como é bella !
Eis o heroe, que é digno della !
Já brilha a estrella do sul:
Ao vêr o rosto suave,
Que mitiga á Iberia o pranto,
Desdobra Thetis o manto,
Bordado d'oiro e de azul.

« E mais bella do que o ramo,
Que jámais as flores perde,
Aonde insecto auri-verde
Brilha junto ao caracol:
E mais gentil do que o cedro,
Quando a casca o germe empola,
Mais innocente que a rola,
Quando geme ao pôr do sol.

. . . .

« Na belleza do Universo
Formam as leis da harmonia
Simplicidade, alegria
Que nascem do coração:
As nupcias da natureza
O mar e a terra assistiram,
Todos os entes sentiram,
As leis geraes da attracção

« Assim na infancia primeira
Que o pintor do Eden cantava,
Por entre flôres raiava
A innocencia do jardim:
Como um arroio abundante
O mel e o leite corria,
O geino da paz tecia
Festões de murta e jasmin. » (1)

(1) Apud Varnhagen, *Florilegio* III.

O que transpira agradavelmente d'estes versos é esse consorcio inconsciente que o poeta faz das effusões da natureza e das emoções da alma humana. Era uma nota quasi perdida e que Eloy Ottoni nos restituiu.

No meio das suas desordens de eterno pobretão, o poeta se obstinava em amar :

« Que eu toque a meta do desprezo altivo,
Que eu banhe as faces de amargoso pranto,
Tu pódes conseguir ; porém não pódes
Prohibir-me de amar ; não pódes tanto !
O peso não me opprime :
De orgulhosa vingança
Se me desprezas, digam se te adoro
Os ais que arranco, as lagrimas que chóro. »

Os versos patrioticos são fracos ; falta-lhes o calor communicativo, a furia revolucionaria dos grandes combatentes da liberdade. As traducções revelam talento e habilidade lyrica ; da velha poesia biblica são as melhores que possuimos. Especialmente a do livro de Job é um trabalho de grande merecimento, como poesia. Eloy Ottoni ignorava radicalmente os modernos trabalhos dos orientalistas sobre as crenças dos semitas e não estava no caso de comprehender como critico o poema idumeu. Apesar de prolongar a vida até 1851, época em que já a critica biblica estava muito adiantada, Ottoni é desculpavel por essa lacuna, attendendo-se ao tempo em que fez a sua educação e sobretudo ao meio em que viveu. Se hoje, depois de tantos annos, poucos são os brasileiros que conhecem a critica religiosa, não se deve censurar o velho Ottoni pela sua ignorancia. O poeta servio-se do latim da Vulgata, traduziu bem e com grandes bellezas de forma. A tradução dos *Proverbios* é em quadras octosyllabas ; é monotona. A de *Job* é em tercetos hendecasyllabos, e é melhor. (2)

(1) Dos *Proverbios* ha a edição da Bahia de 1815 e a do Rio do Janeiro de 1841 ; de *Job* a do Rio de Janeiro de 1852.

CAPITULO V

Bellas-Artes

Não é facil empreza escrever o que quer que seja sobre o desenvolvimento das bellas-artes no Brasil.

Nós nunca tivemos um publico que se interessasse profundamente pelas conquistas da intelligencia; não possuimos tradições e verdadeiras escolas evolucionaes na litteratura e na arte. Por isso nossas producções apparecem sporadicas, quasi sem nexo, sem o liame tradicional, sem a seiva de um germen que se desenvolve. Pelo que toca á poesia, a mais expansiva das artes, a mais communicativa de todas, a historia não é muda e é possivel reconstruir o passado brasileiro nesse dominio. O mesmo não se dá com a musica, a pintura, a architectura, etc. A rasão é simples : a poesia demanda uma menor aprendizagem, menos esforço e é mais facil de propagar-se. Pode-se affirmar que de todas as fórmas litterarias é aquella que nunca faltou ao Brasil. As artes propriamente ditas são d'uma evolução muito mais penosa. A architectura entre nós nos tres seculos coloniaes teve uma vida quasi negativa. Restam, como documentos, as igrejas, os conventos, as construcções officiaes... Pertencem todos á época da decadencia da arte portugueza, sob a influencia jesuitica, tempo do estacionamento da nação. Abre uma excepção a época hollandeza no Recife; mas esta curta florescencia foi estrangeira e rapida; não deixou raizes; não foi uma effusão do genio nacional. O desenvolvimento da sciencia e da arte hollandeza no Recife, por meio de Piso, Marccgrav e do pintor Post, é um phenomeno isolado que não deixou tradições no paiz, infelizmente para nós. A Hollanda estava na phase brilhantissima de seu desenvolvimento artistico, e nós deixamo-nos ficar fóra dessa corrente. Nos tempos coloniaes não tivemos uma escola nacional de architectos. Na pintura, esculptura e musica fomos mais felizes.

A Bahia e o Rio de Janeiro, a antiga e a nova capital, foram os dous centros mais ferteis para as artes em todos os tempos no Brasil.

Comecemos pela Bahia. Na pintura desenvolveu-se ali José Joaquim da Rocha. Era mineiro, e a elle se devem as cupulas das igrejas da Conceição da Praia, de Nossa Senhora da Palma, de S. Pedro Velho ,do Rosario da Baixa dos Sapateiros, da Ordem Terceira de S. Domingos, e os paineis de todas ellas. Teve por discipulos os mineiros Antonio Pinto e Antonio Dias, que foram auctores das cupulas e tectos das igrejas do Sacramento da rua dos Passos, de Nossa Senhora da Ajuda, da Conceição do Boqueirão ,da Saude e Gloria. Foram ainda discipulos de José Joaquim da Rocha os pintores Lopes, Marques, Nunes da Motta, Verissimo, Souza Coutinho, José Theophilo de Jesus e Antonio Joaquim Franco Vellasco. A Verissimo se deve o tecto da Igreja dos religiosos da Lapa; a Souza Coutinho o panno de boca do theatro S. João no tempo do conde dos Arcos, representando a figura da America Portugueza.

Ao mestiço Theophilo de Jesus devem-se as cupulas das igrejas dos Terceiros do Carmo, do Senhor dos Perdões, do Mosteiro de S. Bento e outros muitos trabalhos, entre os quaes se destacam uma figura de Mercurio e um painel dos quatro Evangelistas. Foram tambem notaveis pintores Bento José Rufino Capinan, Joaquim Tourinho e Olympio Pereira da Motta. Na esculptura appareceram o mestiço Chagas, auctor do grupo das Dôres, S. João e a Magdalena, de um Menino Deus da igreja do Carmo, e mais algumas notaveis producções. Foram cultivadores da mesma arte José de Abreu, Felix Pereira, Manoel Ignacio da Costa, Bento Sabino dos Reis e Feliciano de Aguiar. (1)

Evidentemente na Bahia houve um certo movimento na pintura e esculptura em fins do seculo XVIII e começos do XIX que merece toda a attenção.

Ha ahi materia para investigações vastas e proveitosas. Fôra muito para desejar que um artista erudito preenchesse

(1) Vide o *Brasil Social e Politico* do dr. Mello Moraes (pai).

a grande lacuna que existe em nossa litteratura : — a historia das artes no Brasil. Seria necessario percorrer o auctor de similhante livro as principaes de nossas cidades, os mais notaveis centros de nossa vida mental, e colligir os elementos para essa obra interessante. A viagem não seria attrahente e largamente compensadora, como a de Eug. Fromentin através da Belgica e da Hollanda, nem o livro daria conta de tão sorprendentes monumentos como o delicioso volume *Les maîtres d'autrefois*, do celebrado pintor e romancista francez ; mas não deixaria de ter valor.

Passemos ao Rio de Janeiro. Aqui Fr. Ricardo do Pilar pintou os quadros do tecto e paredes da igreja de S. Bento e o painel de S. Salvador do altar-mór da sacristia do convento d'aquela ordem. Josè de Oliveira decorou a casa d'armas da fortaleza da Conceição, a sala das audiencias do antigo paço imperial, e o tecto da capella-mór da igreja dos Carmelitas; pintou tambem o tecto da igreja dos Terceiros de S. Francisco, obra afamada em seu tempo. João Fancisco Muzzi desenvolveu-se habilmente na scenographia. João de Souza foi o colorista dos quadros do claustro dos Carmelitas. O mestiço Manoel da Cunha foi auctor de uma descida da cruz, do tecto da capella do Senhor dos Passos na Cathedral, do Santo André da igreja do Castello, de um retrato do conde de Bobadella e de outros trabalhos. Leandro Joaquim pintou quasi todos os quadros da igreja do Castello e a Santa Cecilia da igreja do Parto. Raymundo da Costa distinguiu-se como pintor e esculptor; foi quem fez os dous presepes do Livramento e de Santa Thereza ; foi o auctor do S. Sebastião do Castello, da Ceia do altar-mór da Sé, e da Conceição da sacristia da igreja do Hospicio. José Léandro, notavel retratista, decorou o tecto da varanda da acclamação de D. João VI ; pintou os quadros da Cathedral, entre os quaes se distingue o do altar-mór que représenta a familia real. Manoel Dias professou desenho com grande talento e creou a aula do *nú.* (1) E' hoje quasi impossivel fazer a critica de todas estas

(1) Vide os artigos de M. d'Araujo Porto-Alegre na *Revista do Instituto Historico,* tom. III, anno de 1841, pag. 527, e tom. XIX, anno de 1856, pag. 349.

obras de uma arte nascente; muitas desappareceram e outras acham-se estragradas ou soffreram retoques semi-barbaros.

A VALENTIM DA FONSECA E SILVA, pintor e esculptor, deveu-se toda a pintura mural, outr'ora existente no convento dos Carmelitas. Foram obra sua as estatuas dos pavilhões do Passeio Publico e os quadros ellipticos do pavilhão esquerdo. Não menos notavel como estucador e paizagista era então FRANCISCO PEDRO DO AMARAL.

ADRIANO DOS PASSCS, entalhador e marmorista, tinha officina afamada na rua do Senhor dos Passos; fabricava urnas muito elegantes.A que elle fez para os restos de fr.Sampaio, era obra de summa perfeição.

FR. FRANCISCO SOLANO, religioso franciscano, além de perito em trabalhos de ceramica, pois fabricava jarros, imitando porcelana, como os teve o convento de Santo Antonio, era optimo desenhista e foi quem fez todas as figuras da *Flora Fluminensis* de fr. Velloso.

Mestre XAVIER DAS CONCHAS, fluminense ,era eximio em trabalhos de pennas, escamas, conchas, etc. Deixou alguns quadros de relevos no genero. Foi o auctor da cascata do Passeio Publico.

Finalmente, SIMPLICIO RODRIGUES DE SÁ foi retratista de nota. O retrato de D. Pedro I em 1824 é o mais perfeito que existe. (1)

Passemos á musica.

Fomos n'ella quasi tão prodigos como no poesia. Ha uma musica que se póde chamar brasileira. Apparece hoje quasi toda anonyma. Não ha uma provincia do Brasil que, desde os mais remotos tempos, não contasse um certo numero de musicos notabilissimos, cujas producções foram sempre apreciadissimas. Não sendo publicadas, desappareceram sem deixar a lembrança dos nomes de seus auctores. Julgo

(1) Vide Macedo — *Um passeio pelo Rio de Janeiro*, passim. e Moreira de Azevedo-*O Rio de Janeiro*, passim.

pelo que se passou em Sergipe, minha patria. E' enorme o numero de modinhas, de quadrilhas, de marchas, de musicas sacras, de phantasias, todas de um sabor especial, expressões imperterritas de um espontaneo genio artistico de subido valor. Entretanto, correm anonymas e vão desapparecendo.

De seus auctores fala-se vagamente do violoncellista MARCELLO SANTA-FÉ, do rabequista JOAQUIM BAÊTA, de JOSÉ DA ANNUNCIAÇÃO e pouquissimos outros, que todos tiveram em seu tempo, entre aquellas populações, grandissimo renome. D'elles nada hoje se sabe e nada se saberá, porque os pobres artistas nunca imprimiram suas obras, nem jámais isto lhes passou pela cabeça. E assim em todas as provincias. Dos antigos musicos brasileiros talvez venham a salvar-se no futuro só os nomes de fr. ANTONIO DE SANTO ELIAS e do padre JOSÉ MAURICIO NUNES GAROIA. Frei Antonio era chamado pelo padre José Mauricio *o rei dos organistas*, porque tocava admiravelmente o instrumento em que o seu rival era mestre consummado. Frei Antonio escreveu *matinas* e *missas*. *As matinas da Resurreição* passam por sua obra-prima.

O padre JOSÉ MAURICIO teve celebridade immensa no tempo de D. João VI. São tradicionaes suas luctas com o famoso Marcos Portugal. Era mestiço esse eximio instrumentista e compositor de enorme talento. Existem ainda muitas producções suas ineditas, enthusiasticamente elogiadas por quantos as ouviram. (1)

Não tenho documentos completos para escrever a historia das artes em nosso paiz nos tempos coloniaes; lembro apenas a necessidade de tental-a quem estiver em condições de leval-a a bom termo. Será, talvez, possivel, quanto á musica, colher algumas producções dos ultimos cem anno archivadas nas

(1) Sobre a musica no Brasil, vide na *Nictheroy — Revista Brasiliense*, um artigo de Porto-Alegre; sobre o padre José Mauricio, a sua *Biographia* pelo mesmo Porto-Alegre na *Revista do Instituto Historico*, tom. XIX, 1856; os *Estudos Criticos* do Sr. V. de Taunay, 2º vol.; e um desenvolvido estudo na moderna *Revista Brasileira* pelo mesmo visconde de Taunay, grande admirador do celebre musico, do qual conseguiu finalmente publicar a *Missa de Requiem*, verdadeira maravilha.

igrejas, ou em collecções de amadores no Rio e nas capitaes dos Estados.

Com a musica se dá o mesmo que acontece á poesia popular, podem-se fazer colheitas por onde se reconstrua o genio artistico do povo.

No estado actual de meus estudos sobre o Brasil resigno-me a deixar este livro soffrendo da grande lacuna de um mutismo quasi completo, quanto ás artes, até perto dos dias actuaes. Oxalá alguem o corrija, e quanto antes, n'este ponto.

Apenas posso adiantar que nos fins do seculo XVIII e principios do XIX em Minas, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Maranhão, estavam os principaes centros musicaes do Brasil. No Rio de Janeiro distinguiram-se os componistas padre MANOEL DA SILVA ROSA e PEDRO TEIXEIRA, além dos já citados Frei Antonio de Santo Elias e padre José Mauricio Nunes Garcia. Despontava o genio de FRANCISCO MANOEL. Como cantores notavam-se o baixo JOÃO DOS REIS e os tenores CANDIDO IGNACIO DA SILVA e GABRIEL.

N'esse tempo fulgiam os compositores estrangeiros Neukomm, Masciote e Marcos Portugal, e os cantores Fasciote, Tanni e Maggianarini. Em 1816 fôra contractada na Europa uma colonia de artistas que vieram ao Brasil fundar a Academia de Bellas-Artes. Os principaes d'esses artistas foram Neukomm, João Baptista Debret, Nicolau Taunay, Grandjean de Montigny, Pradier e Marcos Ferrez. Comquanto só em 1825 fosse levada a effeito a fundação da Academia, a idéa de sua creação foi de João VI e isto o honra. Os tempos d'este principe no Rio de Janeiro não estão ainda bem estudados, nem tirada a limpo completmente a figura do filho de Maria I. A retirada do monarcha para a America, seu decidido amor ao Brasil alienaram-lhe de todo as sympathias dos historiadores portuguezes, que não cansam de profligal-o. Da parte dos escriptores brasileiros nota-se pronunciada tendencia em justifical-o.

Tudo isto é inutil. João VI não merece odios nem amores exagerados. Era um mediocre consummado, proprio para debater-se ingloriamente no meio artificial e fertil de intri-

gas em que se achou envolvido. Fugia da lucta, das posições definidas, tinha paixões cansadas e mornas; escondia-se, annullava-se atraz das mascaragens cortezãs e tinha medo dos mexericos da rainha Carlota.

De resto, e é o que me convem agora lembrar, tinha amor á eloquencia do pulpito e era doido por musica de igreja. D'ahi a florescencia especial que estas duas artes experimentaram em seu tempo no Rio de Janeiro.

Isto era fundamentalmente artificial e murchou cedo. A despeito de seu talento, o padre José Mauricio, por exemplo, não deixou escóla, não actuou como poderosa força em nosso desenvolvimento artistico. Elle proprio e seus companheiros estão hoje quasi completamente olvidados pelo povo e pela massa dos litteratos do Brasil. Verdade é que este signal nada prova entre nós, porque prova de mais...

Não sei qual é, qual tenha sido no Brasil aquelle de nossos homens illustres de que o nosso povo se reccorde com amor, aquelle que não tenha sido esquecido.

Nas provincias, já em tempos mais proximos, ha noticia, como musicos notaveis, de FRANCISCO DE OLIVEIRA COUTINHO, em Santa Catharina; de JOSÈ PEREIRA REBOUÇAS, DAMIÃO BARBOSA DE ARAUJO e MUSSURUNGA, na Bahia; de PEDRO TEIXEIRA e CANTUARIA, em Pernambuco; de SERGIO MARINHO e FRANCISCO COLÁS, pae de Francisco Libanio Colás, no Maranhão. (1) Em minas ANTONIO JOSÉ DA SILVA, o *Aleijadinho*, tinha-se tornado illustre na esculptura desde os fins do seculo XVIII.

(1) Ultimamente apparaceram uns *Estudos* sobre Bellas-Artes do Sr. Felix Ferreira. — São despidos de merecimento sob o ponto de vista critico e historico. Mais tarde surgiu o interessante livro de Gonzaga Duque. — *A Arte Brasileira* que terei de aproveitar no 3 vol.. d'esta historia, quando tivér de estudar os artistas da segunda metade do seculo XIX.

CAPITULO VI

Scienciaes naturaes

Um povo que nada produz na ordem das idéas é um povo esteril e inutil para a humanidade. Na ordem das idéas as mais importantes são as scientificas, e por isso o povo que nada fundou nas sciencias pouco tem o direito de viver na historia. O Brasil nada de notavel, de saliente tem produzido até agora no terreno de que falo : quero dizer, não existem doutrinas, theorias ou grandes factos novos que entrassem para o patrimonio geral da humanidade levados pelos brasileiros.

Não quer isto significar que não tenhamos possuido alguns espiritos altamente cultos, nutridos de bons principios, e capazes de bem desempenhar o seu papel. Principalmente, na fecunda época que estudo agora, o Brasil contou a pleiada de sabios, que ficaram em sua historia occupando uma posição que não foi ainda ultrapassada por seus continuadores.

Uma nuvem lendaria cérca hoje os nomes de ARRUDA CAMARA, CONCEIÇÃO VELLOSO, ALEXANDRE FERREIRA, JOSÉ BONIFACIO, ANTONIO DE NOLA, COELHO DE SEABRA, e outros. São estes os celebres naturalistas, os afamados sabios que a tradição aponta ao longe como o supremo esforço do genio do Brasil nas sciencias. E a tradição é justa, esses homens tiveram merito. Não estudaram no paiz, não se fizeram aqui, mas representaram o nome brasileiro na grande época da gestação de nossa independencia entre os portuguezes.

De ordinario se afigura a certa classe de historiadores que a emancipação do Brasil foi um negocio de intriga palaciana arranjada por Pedro I. O povo, a constituição organica da nação, o vigor do nosso desenvolvimento, nada disto apparece para esclarecer o drama, e aquella figura, que foi num sentido o perturbador do movimento nacional, surge como o

autor de uma obra secular. Não; o paiz estava constituido, estava disciplinado, forte, desenvolvido para se emancipar.

Entre as causas precursoras do movimento devem-se contar os sabios que ficaram citados. E se nas sciencias naturaes brilharam elles, nos estudos que têm por objecto o desenvolvimento das sociedades a acção de um Silva Lisboa, de um Hippolyto da Costa e de um Azeredo Coutinho não era menos meritoria.

Quando digo que uma lenda tradicional se apoderou dos nomes de nossos sabios dos fins do seculo XVIII, falo intencionalmente. Elles deixaram de ser directamente conhecidos pelos brasileiros.

Ninguem os lê hoje. D'alguns não ha trabalhos impressos, e os que existiram de outros não se encontram mais na circulação. São de difficil accesso.

A historia das sciencias, das artes e das letras no Brasil é um verdadeiro caminhar entre mortos. Tudo acaba completamente aqui. Desapparecem os homens e com elles os seus escriptos. Somente dos poetas uma ou outra composição destacada é parcamente lida. Dos mais nem uma palavra se lê. Duvido que actualmente haja uma duzia de brasileiros que tenham folheado os escriptos, já não digo de outros mais obscuros, mas de José Bonifacio, em quem se fala ahi diariamente... Em parte ha uma justificativa para o afastamento dos leitores das obras dos auctores nacionaes : é a falta de novas edições. Apesar dos embaraços e difficuldades, darei uma idéa do movimento scientifico levado a effeito por nós nos ultimos annos do seculo XVIII e começos do XIX.

« Nas sciencias, diz Varnhagen, alguns brasileiros ganharam celebridade nesta época : ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, o Humboldt brasileiro, em suas extensas viagens pelos sertões do Pará; JOSÉ BONIFACIO D'ANDRADA, viajando como mineralogista pela Europa, de igual modo que o naturalista MANOEL FERREIRA DA CAMARA e ANTONIO DE NOLA, ao depois lente em Coimbra; COELHO DE SEABRA, escrevendo tratados de chimica, além de muitas dissertações scientificas; CONCEIÇ O VELLOSO, trabalhando em sua grande *Flora Fluminensis* e deixando impressos muitos tratados compostos ou

traduzidos; José Vieira Couto, naturalista em Minas; Manoel Jacintho Nogueira da Gama, distinguindo-se em Coimbra nas mathematicas, do mesmo modo que Francisco Vilella Barbosa, vindo ambos a reger cadeiras dessas sciencias; Silva Feijó, naturalista empregado em explorações nas ilhas de Cabo Verde... » (1)

As principaes destas figuras é que demandam analyse.

Alexandre Rodrigues Ferreira era natural da Bahia, onde nasceu aos 27 de abril de 1756. Estudou em Coimbra direito e sciencias naturaes. Foi designado pelo governo portuguez para explorar o norte do Brasil, para onde partio em 1783. Percorreu a região amazonica, Matto Grosso e Goyaz. A viagem durou de 1783 a 1792.

Ferreira durante a sua derrota escreveu relações de viagem e tratados de botanica, ethnographia e zoologia. E' uma collecção immensa que ficou inedita até hoje, com excepção de alguns pequenos fragmentos publicados na *Revista do Instituto* e alguns excerptos na *Chorographia* do dr. Mello Moraes. Os principaes manuscriptos do illustre bahiano vêm a ser: *Observações geraes e particulares sobre a classe dos mamaes nos territorios do Amazonas, Rio Negro e Madeira; Memoria sobre as tartarugas; Memoria historica da ilha de Marajó; Memoria sobre as madeiras do Brasil; Diario da Viagem philosophica; Participação geral do Rio Negro e seu territorio...* A collecção dos trabalhos de Rodrigues Ferreira é enorme; o bahiano escreveu tanto como Buffon.

Revela espirito observador e notavel cultura para o seu tempo. A sciencia, porém, avançou sem os recursos accumulados por elle. Seus escriptos ficaram desconhecidos e improductivos. Ferreira é, pela incuria do povo a que pertenceu, um grande exemplo do trabalho nullificado. Causa realmente pena a quem folheia os seus manuscriptos, vêr tanto esforço, tanta fadiga desperdiçados, esterilisados.

Devemos publicar-lhe as obras como um exemplo, uma

(1) *Florilegio*, I, pag. 45. Varnhagen deu por companheiro a J. Bonifacio na viagem — *Manoel de Arruda Camara.* Ha equivoco. O companheiro de J. Bonifacio foi. *Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá.*

amostra do nosso vigor scientifico em fins do seculo XVIII, mesmo tendo a certeza de que suas idéas são hoje antiquadas. — Ferreira falleceu em 1815.

Suas doutrinas sobre botanica, zoologia e ethnographia eram um reflexo immediato do estado destes estudos cem annos antes de nós. Nada hoje adiantam. No que diz respeito, porém, a noticias locaes dos pontos do paiz que visitou, e, em menor escala, sobre costumes dos selvagens amazonicos, o sabio bahiano não foi ainda ultrapassado. Ouçamol-o sobre alguns costumes dos indios :

« Se se principia pela affeição conjugal, por este ser o primeiro de todos os affectos humanos, posso dizer que ao melindre e á ternura que, entre os povos civilisados, merece a mulher ao seu marido, não corresponde a dos americanos. A tapuya verdadeiramente não é mulher, mas sim escrava de seu marido. E' verdade que, na repartição do trabalho, a elle é que pertence roçar, caçar e pescar, pórem nada mais. A mulher é a que planta, se isto se pratica ; é a que colhe e a que transporta para a sua palhoça o cesto de mandioca á cabeça, e o filho, se o tem, ás costas, ou a um lado do corpo ; é a que prepara o beijú ou a farinha, a que espreme os vinhos para as suas bebidas, a que vae buscar e conduizir a agua, e, em uma palavra, a que tudo lhe faz, passando pelos empregos mais humilhantes. Os serviços pessoaes que o tapuya consagra áquella com quem quer casar, não são os meios para a conseguir. Isto só depende de elle a comprar a seus paes, quero dizer. de dar em troca d'ella o que elles desejam ; porque entre os gentios não ha moeda. Uns são monogamos e outros polygamos; se o paiz é fertil e abundante, de maneira que nenhum cuidado lhes dá o entretenimento de uma numerosa familia, se assim o pedem as suas instituições e costumes, usam de mais que uma mulher. Porém ellas não são geraes, nem para todos, nem para os da sua parentela. Porque, ainda que geralmente se diga que elles são frios para as mulheres, isto não procede tanto da falta de ciume, ou de appetite do coito, como da liberdade de o terem, quando e como o appetecem. Sabe-se que entre elles nem ha lei, nem religião, que os modere. Pelo contrario, o que elles logo tratam de esconder e recatar, em sentindo gente estranha, são as mulheres e as filhas, as quaes elles zelam, e guardam como as meninas dos seus olhos. E se alguns indios, depois de domesticados, as não fecham, tratando de bagatella a infidelidade conjugal, ou elles mesmos alliciados de dadivas e de

importunações entregam as mulheres, logo ao primeiro accesso de alguma crapula exprimem o seu resentimento e bem claramente dão a entender quanto n'elles domina o ardor da vingança. O que se diz, para prova de sua debilidade, que nem a mesma vehemencia do appetite do coito é n'elles tão grande como nos europeus, ainda os mais bem morigerados, eu o não confirmo nos que tenho visto. E' verdade que todos estes habitam nas margens dos rios, onde o céo é benigno, o terreno fertil, e a subsistencia abundante, e onde por conseguinte as paixões que excitam as necessidades, taes como a fome, a péste e a guerra, não enfraquecem ou distrahem aquella do amor. Talvez que esta seja a razão da diversidade das minhas observações, porque o certo é que quanto mais nutrido e folgado anda o corpo, tanto mais ardente se faz aquelle appetite. Sim, não é facil de se ver um indio empenhado em ganhar a affeição de sua amada, ou por diligencias assiduas, ou por caricias externas, e outras muitas d'essas demonstrações inventadas para esse fim pelos amantes civilisados. Porém tambem ellas, para com elles, nem necessitam de tantos serviços pessoaes, nem têm lá, de si para si, formado uma idéa de especialidade de favor que n'isso lhes façam. Se ellas têm amor pelas suas obras, e que o mostram, quero dizer, pelos serviços pessoaes que fazem, pela facilidade de condescenderem em tudo, quanto diz respeito ao tratamento corporal d'aquelle a quem se consagram, quer pelas suas maneiras externas, pelas correspondencias de obsequios, pelo riso de alegria, pelas lagrimas de tristeza e pelos gemidos de dôr, é raro que alguem possa julgar de seu affecto. Do amor dos paes a seus filhos, emquanto elles são pequenos e necessitam de seus soccoros, nenhum observador, que eu saiba, tem até agora duvidado. Porém este amor dura tanto como o de outro qualquer animal. Porque, em o filho chegando á idade de poder elle mesmo diligenciar o seu sustento, fica inteiramente absolvido o pai de tratar d'elle, e o filho senhor de si e de suas acções. Nunca jamais se ouve ao pai aconselhal-o, nunca louval-o, nunca reprehendel-o. Em uma mesma palhoça, que aliás não tem repartimento algum, estão irmãmente vivendo o pae, a mãe, os filhos, as filhas, as noras, e tudo quanto entre os povos civilisados se não faz sem grande recato, em ordem ao respeito e á decencia, elles sem resaibo algum de malicia, o praticam ao pé uns dos outros. D'onde vem que esta indifferença, com que se olham o pae e o filho, enfraquece muito aquella união e amor á sua familia que fazem o caracter permanente das familias civilisadas. As mães, logo que acabam de parir, lavam-se a si e a seus filhos. Em as filhas chegando á idade de lhes apontar o mens-

truo, logo pela primeira vez que são assistidas, a ceremonia de sua purificação é precedida de um banho lustral. A filha é retirada a um tendal levantado alguns pés acima da palhoça, ali a conservam seus paes pelo tempo que lhe dura o menstruo, fazendo-lhe fumo por baixo e addictando-a com caldos de farinha de mandioca. O que ainda hoje não deixa de se praticar occultamente em algumas das nossas povoações : aonde um dos effeitos da corrupção dos costumes, que na verdade passam de licenciosos, é o da prostituição das indias, muito antes de serem assistidas. Da idade de nove annos para cima principiam a prostituir-se, primeiramente com os chamados capitarizes, que são os indios rapazes de doze até dezeseis annos, e depois com os homens de todas as idades e condições. Do que se não dá muito ao commum de seus paes, por duas razões : 1ª porque para a pobreza em que vivem nunca deixam de ser lucrativos os seus disfarces : os brancos as sustentam, e vestem, tanto a ellas como a seus parentes ; os indios lhes fazem as roças e com isso lhes pagam ; 2ª porque por estarem prostituidas não perdem casamento, visto que aos olhos de um indio a honra deste genero é cousa bem insignificante. D'onde se segue : primeiro, que cedo principiam a parir e cedo acabam ; segundo que uma india de dezesete até vinte annos fica tão estragada nas forças e no aspecto e com a presença tão mortificada, como na Europa um mulher de trinta annos ; terceiro, enfraquecido e esgotado o pouco vigor nativo de sua constituição physica, por tão differentes causas, como são a dissipação de substancia, a debilidade dos alimentos, a frequencia dos deboches, o trabalho domestico e rural, os esforços dos partos e a criação dos filhos, com todos estes obstaculos da procreação entra logo a lutar a sua fecundidade, e de trinta annos para cima poucas indias parem. Com os escravos se os senhores são antropophagos, sabe-se qual é a sua conducta ; nunca jámais a submissão do vencido desarma a colera do vencedor; os mais humanos os reservam pàra os serviços domesticos, emquanto os não vendem áquelles que elles sabem que os compram. » (1)

Bem se vê que o dr. Alexandre Rodrigues Ferreira era um observador atilado. Seus escriptos estão cheios de notas ethnographicas, geographicas, zoologicas e botanicas de subido valor. Não se devem procurar idéas novas hoje em relatorios e informações ineditos ha mais de cem annos.

(1) *Chorographia do Imperio do Brasil*, pelo Dr. Mello Moraes (pai). Rio de Janeiro, 1859, tomo II, pag. 266 e seguintes.

O sabio bahiano, porém, estava na altura da sciencia de seu tempo; foi um trabalhador valente, e sua longa viagem pelo grande *Far-West* brasileiro foi uma das mais ousadas das emprehendidas na America do Sul. E' impossivel julgar dos seus trabalhos pelo que d'elles se acha publicado. *A Revista do Instituto Historico* deu apenas tres dos menos importantes : *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte pela coróa portugueza*, vol. III, pag. 363; *Descripção da gruta do Inferno*, vol. IV, pag. 163; *Viagem á gruta das Onças*, vol. XII, pag. 87.

Em perto de 200 paginas inseridas pelo dr. Mello Moraes no II vol. da *Chorographia do Imperio do Brasil* tem-se mais a apreciar. Foi um real serviço prestado ao infeliz viajante. (1)

Não era só nas sciencias naturaes vasta a erudição de Ferreira; suas leituras historicas eram amplas. A memoria sobre a *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte* é nutrida de factos e documentos. Entre os trabalhos consagrados aos selvagens em mais de um ponto põe elle em jogo as suas leituras e seu tino de analyse. E' um exemplo o capitulo intitulado — *Constituição politica dos indios*, reproduzido na *Chorographia* de Mello Moraes, vol. II, pag. 268 e seguintes.

O estylo do naturalista é sempre simples, por vezes energico :

« Ha quem pretenda, escreve elle sobre os indios, ha quem pretenda que da contextura de sua pelle e de sua constituição physica depende o serem elles menos sensiveis ás dôres do que nós. O certo é que por motivo de uma dôr se não ouve gemer um indio ; antes é capaz de soffrer a amputação de um braço ou de uma perna sem dar o menor suspiro. Não é que a elles lhes faltem ou os acenos ou vozes com que manifestarem ou os seus gestos, ou as suas dôres; mas é que elles mesmos, fóra dos transportes da crapula ou do tumulto das paixões não são homens que desperdicem palavras.

(1) Quem pensar ainda hoje que pequenos artigos bio-bibliographicos prestam para alguma cousa, pode sobre este sabio consultar o *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, pelo dr. A. V. A. Sacramento Blake e as *Notas Bibliographicas*, por Felix Ferreira. Nos *Annaes da Bibliotheca Nacional* ha um artigo por Valle Cabral que merece ser lido.

Costumados a pensar pouco tambem falam pouco; d'onde vem que o aspecto de um tapuya é o de um homem serio e melancolico. O seu mesmo falar é tão lento, como são lentas as suas cogitações; não se vê n'elles que prestem uma demasiada attenção ao que se lhes diz; com aquella mesma taciturnidade com que se deitam, com essa acordam, e, se não têm que fazer, n'ella perseveram dias inteiros. Quem não está costumado a communicar com franqueza os seus sentimentos, é naturalmente desconfiado, a ninguem abre seu coração, de ninguem se fia, e o seu caracter em todas as suas deliberações é o da reserva. O que bem o mostra a experiencia, porque para a execução de seus planos, por exemplo, para uma fuga, para uma sublevação, nada é capaz de abalar aquella inimitavel constancia, com que entre elles se guarda a insidiosa maxima de um impenetravel segredo e de uma refinada dissimulação. Andando ou trabalhando, se não são indios creados entre os brancos, não se lhes ouve cantar nem gemer:

Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso,
Por entre espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente,
E o trabalhador cantando
O trabalho menos sente.

Porém isto em tapuyas de nenhuma sorte se verifica; sendo que ou para a prosa ou para o verso não deixa de haver nas linguas sufficiente energia e propriedade. » (1)

Este modo de escrever dista immensamente dos desmantelos rhetoricos que em Lisboa ou no Rio de Janeiro os litteratos do tempo do nosso naturalista punham em pratica. A citação d'aquella bellissima estrophe das *Rimas* de Camões mostra que ao homem da sciencia não era estranha a boa litteratura poetica. Este pedaço sobre a melancolia dos indios é um traço de mestre em nossa caracteristica. Os brasileiros são um povo triste. A' melancolia, ao sentimenta-

(1) *Chorographia*, vol. II, pag. 270.

lismo tradicional do portuguez veio alliar-se a hypocondria do indio; e se os dous povos não produziram aqui uma nação de hystericos irremediaveis, é porque a elles juntou-se a mais alegre e expansiva das raças, aquella que está sempre prompta a mostrar seus bellos dentes : a raça africana. Aos pobres escravisados de ha bem pouco não devemos sómente o dinheiro que gastamos, devemos tambem o bocado de alegria que ainda existe n'este paiz abatido, e, ao que parece, precocemente decadente.

Mas qual é a figura de Alexandre Ferreira na litteratura brasileira? Eis o ponto capital e o mais difficil de elucidar. Não se póde dizer que o sabio bahiano fosse uma figura mediocre. Pelo contrario ; tinha grande talento de observação e grande cultura. Por outro lado, não se póde dizer que elle tenha contribuido directamente para o progresso da sciencia.

Ao serviço de um governo em grande parte inepto e mesquinho, accumulou uma immensa rima de manuscriptos que lá ficaram pelos archivos para pasto das traças, e os factos novos, as descobertas importantes ali reunidos permaneceram como não existentes e tiveram de ser produzidos de novo pela pleiada de viajantes estrangeiros que nos ultimos cem annos têm percorrido as regiões amazonicas. De Ferreira não se póde dizer que tivesse sido um homem mal comprehendido por seu tempo, como Lamarck, por exemplo. Foi um homem ignorado de seu tempo ; seus escriptos não foram lidos. Fóra do limitadissimo circulo official de Lisboa, ninguem sabia d'elles.

Não se lhe póde, portanto, fazer uma completa rehabilitação historica. Foi uma victima do seu meio e hoje é apenas uma curiosidade bibliographica. Vai n'isto immensa injustiça ; mas a historia não vive só de justiça ; gosta muito tambem da felicidade, da força, da victoria. Aquillo que não entra na circulação geral do organismo social, como elemento vivo, é esquecido, é eliminado. O sabio brasileiro não pôde vêr seus livros impressos fazerem o curso da Europa e pelo menos servirem de informação sobre a flora, a fauna e a ethnologia amazonica, tanto peor para elle ; mas, antes e acima de tudo, tanto peor para nós. A historia consignará

ao menos que elle trabalhou e não soubemos utilisar o seu trabalho.

O merito capital de Alexandre Ferreira é a sua immensa actividade, seu geito para accumular notas e observações. Seu maior defeito é a falta d'uma vista de conjuncto, a falta d'uma philosophia. Este vicio era, aliás, o de todos os sabios portuguezes e brasileiros de seu tempo. Vejamos outro.

José Bonifacio de Andrada e Silva é um dos typos mais complexos e mais interessantes da historia da America. Sabio, poeta, homem de Estado, o velho paulista apresenta-se hoje aureolado por uns e denegrido por outros. Apparece já envolto em uma lenda mythica e, com ter fallecido ha pouco mais de sessenta annos, já se vai tornando difficil apprehender-lhe a exacta, a verdadeira physionomia. Tendo a sua larga existencia dividida entre Portugal e Brasil, occupando-se ali de sciencia e aqui exclusivamente de politica, Andrada é a mais accentuada d'essas figuras de transição entre a colonia e o imperio. O que praticou em Portugal e o que fez no Brasil são como duas vidas distinctas, independentes uma da outra; por tal fórma que os brasileiros não mostram curiosidade pelos labores do sabio na antiga metropole, e os portuguezes não são grandes apreciadores dos feitos do revolucionario, que lhes arrancou a melhor de suas colonias. Os proprios escriptores contemporaneos que o têm estudado obedecem ainda a essa dupla tendencia.

Latino Coelho, notavel portuguez, traça em algumas paginas a noticia dos trabalhos do naturalista; Mello Moraes e Francisco da Veiga, brasileiros, cuja maior preoccupação não é o amor aos homens da Independencia, falam apenas do ministro de Pedro I...

E' mister acabar com este dualismo e levar a unidade á vida do velho patriota. Andrada foi uma natureza inteiriça, de um só molde, de uma só face, quaesquer que tenham sido os aspectos que deu á sua actividade. A curiosidade scientifica e o amor ás letras, juntos ao seu orgulho de brasileiro, e especialmente de paulista, foram os propulsores de sua vida, a que dão um sainete especial certa impetuosidade de

caracter e pronunciada tendencia para os palavrões da velha chalaça portugueza. Suas cartas ha pouco publicadas dirigidas a Drummond são o melhor dos documentos que lhe revelam a indole. Mais de sexagenario em 1824, desterrado em Bordeus, escrevia a miudo a seu amigo, desterrado como elle, e que se achava em Pariz, pedindo-lhe livros e revistas, enviando-lhe versos e adubando tudo isto de grossas palavras, pesadas pilherias de genuino estylo lusitano. Pouco importantes pela face politica, porque de pequena monta são as revelações que fazem, estas cartas têm a grande significação de attestar o caracter do homem. Alguns hão levado a mal o desabrimento da linguagem de Andrada referindo-se a Pedro I e á sua amante, a bella e caprichosa Domitilla, sem se lembrarem que era aquella a sua *maneira* habitual de falar, e sem reflectirem que outras não podiam ser as expressões de um homem ferido no seu orgulho, desdenhando em seus serviços, ingratamente opprimido por um principe leviano, estouvado, escravo das baixas intrigas de uma camarilha soez. Que os factos destaquem ao vivo a figura de José Bonifacio.

Nasceu elle em Santos, na provincia de S. Paulo, aos 13 de junho de 1765. (1) Aos dezoito annos, em 1783, embarcou para Portugal. Já n'esse tempo fazia versos o futuro mineralogista. De sua primeira mocidade passada no Brasil restam tres sonetos, que revelam certa valentia de sentimentos. N'um d'elles o poeta juvenil despede-se de sua amada, jurando-lhe eterna fidelidade :

« Adeus, fica-te em paz, Alcina amada,
Ah ! sem mim sê feliz, vive ditosa ;
Que contra meus prazeres invejosa,
A fortuna cruel se mostra irada.

Tão cedo não verei a delicada,
A linda face de jasmins e rosa,
O branco peito, a bocca graciosa
Onde os amores têm gentil morada.

(1) Esta, e não 1763, parece ser a data exacta do nascimento de J. Bonifacio. No seu livro de poesias diz que partira para Portugal em 1783, com 18 annos de idade.

Póde, meu bem, o fado impiamente,
Póde negar de te gozar a dita,
Póde de tua vista ter-me ausente ;

Mas apezar da misera desdita
De tão cruel partida, eternamente
N'esta minh'alma viverás escripta. »

Chegado a Portugal, José Bonifacio matriculou-se nas faculdades de philosophia e leis na universidade de Coimbra. Geralmente se repete que o estado da cultura era deploravel entre os portuguezes no ultimo quartel do seculo XVIII. E' uma d'essas declamações historicas espalhadas pelo romantismo em odio ao grande seculo de Diderot.

A verdade é que raramente, talvez, as sciencias tiveram tão valentes cultores, como então, em Portugal. Garantem esta asserção os nomes de Garção Stockler, João de Loureiro, Avellar Brotero e acima de todos os de Corrêa da Serra e João Antonio Monteiro. A estes juntava-se a pleiada de americanos de que Rodrigues Ferreira e Vilella Barbosa eram os mais salientes. Andrada não estava isolado; o meio era propicio para a curiosidade das sciencias. O proprio governo portuguez, mandando-o percorrer a Europa em viagem scientifica, fornece a prova de que as trevas que o cercavam não eram tão cerradamente espessas, como é de moda repetir.

A viagem de José Bonifacio, em companhia de Ferreira da Camara e Fragoso de Sequeira, começou em 1790 e durou dez annos. Dirigira-se elle a Paris onde cursara chimica e mineralogia, ouvindo Chaptal, Fourcroy, Jussieu e Haüy. Passou a Freyberg, onde ouvio Werner em oryctognosia ; Lempe em mathematicas puras e applicadas ; Köhler em legislação das minas ; Kotzsch em chimica mineral ; Freisleben em chimica pratica, e Lampadius em metallurgia. De Freiberg passou a visitar as minas do Tyrol, da Styria e da Carinthia. Desceu á Italia, onde ouvio Volta em Pavia. Em Padua examinou os montes Euganeos, refutando a theoria vulcanica de Ferber e Spallanzani. Frequentou Priestley no Inglaterra. Viajou nos paizes scandinavos, ouvindo Bergmann em Upsala e Abilgaard em Copenhague. Na Suecia dedicou-se a investigações

praticas de mineralogia, descobrindo quatro especies de mineraes novas a *Petalite*, a *Spodumène*, a *Scapolite*, e a *Kryolite*. As variedades — *Akantikone*, *Salite*, *Cocolite*, *Ictyophihalma*, *Indicolite*, *Aphrizite* e *Altochroite*, são devidas tambem ao nosso compatriota. (1)

Durante suas excursões pela Europa, José Bonifacio dirigio notas e communicações a revistas scientificas allemães e francezas; entre outras ao *Jornal das Minas*, ás *Actas da Sociedade de Historia Natural*, aos *Annaes de Chimica*, ao *Jornal de Physica*, de França; ao *Jornal de Chimica* de Scheerer, da Allemanha.

De volta a Portugal, Andrada foi nomeado lente de metallurgia em Coimbra, intendente geral das minas e metaes, director das obras do Mondego. Com a invasão dos francezes o celebre paulista poz-se á frente dos batalhões academicos, que sahiram ao encontro do inimigo. Logo após a invasão estrangeira, apparecendo disturbios no Porto, foi para ali enviado na qualidade de intendente de policia, e com tal energia se houve, que teve de ser demittido, por apaixonado e violento (2). Isto denota claramente o açodamento do paulista.

Os principaes escriptos seus impressos na Europa foram: *Sobre os diamantes do Brasil*, publicado em Paris; *Sobre as minas em Portugal; Sobre a nova mina da outra banda do Tejo; Sobre os veeiros e jazigos metalliferos de Traz-os-Montes; Viagem mineralogica pela provincia da Extremadura até Coimbra; Memoria sobre a minerographia da serra que decorre do monte de Santa Justa até Santa Comba; Viagem geognostica aos montes Euganeos; Instrucções praticas e economicas para os mestres e feitores das minas de ouro de desmonte e lavagem no Brasil; Plantio dos novos bosques em Portugal* e diversos discursos na *Academia das Sciencias de Lisboa*, tudo publicado na metropole.

Nestes trabalhos a aptidão do observador corre parelhas com a simplicidade de estylo do escriptor (3). Releva pon-

(1) Vid. *Elogio Historico de José Bonifacio de Andrada e Silva*, por J. M. Latino Coelho. Lisboa, 1877, *passim*.
(2) Idem, ibid.
(3) Latino Coelho, idem, ibid.

derar que Andrada em Portugal, antes e depois de sua viagem scientifica, não desprezou nunca os estudos litterarios e a poesia. Collaborou no *Reino da Estupidez* de Mello Franco, e muitos dos versos publicados em 1825 em Bordeus, foram escriptos nas margens do Mondego e do Tejo.

A especialidade scientifica de Andrada era a mineralogia e a chimica. Filiou-se na escola de Werner; era um empirista.

De volta ao Brasil em 1819, depois de uma ausencia de trinta e seis annos, foi residir em sua provincia, onde continuou os seus estudos predilectos, enviando para Europa algumas communicações a jornaes scientificos.

No anno seguinte rebenta a revolução no Porto; o Brasil agita-se; os liberaes victoriosos em Portugal instam pela volta de João VI, que nos deixa em 1821. As côrtes de Lisboa tentam reduzir este paiz ao antigo estado de colonia, escrava sem autonomia, e ordenam a volta do principe real D. Pedro, que ficára como logar-tenente de seu pai á frente do governo do Brasil. O povo do Rio de Janeiro manifesta o desejo de que o principe resista ás ordens da metropole, ficando entre nós. São enviados emissarios ás provincias, mais proximas, Minas e São Paulo, que adherem ao movimento. A juncta da ultima dessas provincias, de que era Andrada vice-presidente, dirige uma representação ao principe regente a 14 de dezembro de 1821. A commissão chega ao Rio a 16 de janeiro de 1822, depois do dia do *Fico;* mas já antes tinha chegado o officio do governo de S. Paulo avisando de que ao principe seria apresentada uma mensagem de adhesão. Estava iniciado o movimento da Independencia, e Andrada ia ter nelle parte conspicua.

A independencia do Brasil tem sido objecto de apreciações contradictorias, que todas parecem eivadas de um vicio qualquer. São preocupações systematicas. Uns attribuem-na a João VI; outros a Pedro I; estes a José Bonifacio; aquelles a José Clemente, Lêdo e Januario. Os primeiros argumentam assim: a abertura dos portos da colonia ás nações amigas, a elevação do paiz a reino unido a Portugal e Algarves, a residencia da côrte no Rio de Janeiro por treze annos, a creação

de escólas e academias, e cincoenta outros melhoramentos, praticados por João VI, factos todos do maximo alcance social e politico, prepararam e levaram implicitamente a effeito a independencia do Brasil. Este arrazoado tem grande fundo de verdade; ha, porém, uma simples consideração que lhe diminue as proporções. Foi a acção retrograda, impertinente e impolitica das côrtes portuguezas de 1820. O paiz teria sido reduzido ás antigas condições, se não fôra a resistencia dos patriotas brasileiros de 1822.

Os que se volvem para o 1.º Pedro raciocinam d'est'arte: o principe era energico e ambicioso, tomou a dianteira dos factos e fez a independencia para cingir a corôa de um grande imperio. Não fôra elle, o Brasil rastejaria annos e annos na sujeição... Não pretendo negar os serviços de Pedro I nem diminuir-lhe as proporções, já de si pouco elevadas. Este livro não é um dithyrambo, nem uma diatribe; forceja por ater-se á verdade historica. Pedro de Alcantara foi levado, depois de immensas hesitações, pela força dos acontecimentos; não teve a iniciativa; fez-nos apenas o favor de não resistir. Antes o tivesse tentado; porque os factos teriam tomado outro rumo e nossa emancipação teria sido mais limpa.

Os encomiastas de José Clemente e seus companheiros dão-lhes a preferencia, cotejando datas, mostrando que o dia do *Fico*, 9 de janeiro de 22, é anterior a 16 d'esse mez, que levou José Bonifacio ao ministerio. E' bom não esquecer, porém, que José Clemente era homem suspeito, portuguez de nascimento, adestrado em intrigas, falho de popularidade, espirito mediano e de vôo rasteiro. Seu papel é secundario. Identicas eram as circumstancias de seus inseparaveis companheiros. A despeito do discurso de José Clemente (14 de junho de 1841) e do de Diogo Feijó (21 de maio de 1832), dos artigos de Araújo Vianna (*Correio Official* de 28 de dezembro de 1833) e de Evaristo da Veiga (*Aurora Fluminense* de julho e agosto de 1831), a despeito de tudo isto, José Bonifacio é ainda a meus olhos o mais notavel agente de nossa emancipação, como individualidade, como typo representativo das aspirações nacionaes. A independencia foi a elaboração do

trabalho e do vigor de muitas gerações; foi uma obra popular; teve porém seus corypheus, e Andrada foi o maior d'elles. Os factos historicos não brotam do chão, como a herva dos campos; não descem tambem das nuvens, como as deidades da poesia. Elles são antes o vai-vem das paixões, o fluxo e refluxo das idéas; estas rompem dos cerebros, e poem-se ao serviço do braço dos que luctam e trabalham. Uma historia sem homens é como uma astronomia sem astros, uma physica sem corpos.

Não foi só nos dias da independencia e da constituinte que José Bonifacio teve de arcar com a chicana e a intriga dos partidos; mais tarde o odio de seus adversarios, não saciado com os seis annos de desterro do velho paulista, attingiu proporções maiores nos tempos da Regencia. D'ahi, a serie de escriptos contra o antigo ministro de Pedro I, oriundos de inimigos, e que têm servido de base ás publicações modernas. Os tempos de João VI e seu filho não podem ser bem comprehendidos sem o subsidio novo das *cartas* de Silvestre Pinheiro, em parte ultimamente publicadas; as *memorias* de Antonio de M. V. de Drummond; as *cartas* de José Bonifacio a este diplomata, e as ja conhecidas do 1.° imperador a seu pai.

Os Andradas eram intelligentes, altivos e ousados. Antonio Carlos tinha sido parte poderosa na revolução de 1817 em Pernambuco, e mais tarde valente deputado brasileiro ás côrtes de Lisboa; punha José Bonifacio a par dos successos da metropole e o estimulava a ajudar a independencia patria. Andrada entrou opportunamente na acção e foi o espirito organisador do genesis do novo imperio, desde que D. Pedro declarou ficar no Brasil até que foi coroado imperador, desde janeiro a dezembro de 1822. A 17 de julho do anno seguinte desceu do poder para não mais voltar a elle. Dissolvida a constituinte a 13 de novembro d'esse anno, foi deportado para a França. Em tudo isto andaram as paixões inconfessaveis dos partidos, e a bella Domitilla não foi estranha aos manejos que victimaram José Bonifacio. (1)

As idéas capitaes d'este homem de Estado eram : prepa-

(1) Vid. *Memorias de Drummond*, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*

rada a emancipação, organisar o paiz quasi federalmente, e applicar-se logo á solução dos dous magnos problemas, que tinham de ficar de fauces abertas aguardando uma resposta. Quero falar da colonisação, aproveitando o elemento indigena, e da emancipação dos escravos. Para isto escreveu elle duas memorias que apresentou á Constituinte : *Apontamentos para a civilisação dos indios bravos do imperio do Brasil*, e *Representação á Assembléa Constituinte do Brasil sobre a escravatura.* São dous pequenos escriptos de inestimavel valor; revelam o genio pratico do homem e sua opinião sobre o lado sombrio da vida social brasileira. Não foram aquilatados devidamente. Andrada antecipava-se sessenta annos á intelligencia nacional.

Tinha exacta intuição de nossa posição politica e ethnologica. Em 1820 já dizia a João VI :

> « *Illumina teus povos ;* dá socorro
> Prompto e seguro ao *indio* tosco, ao *negro*,
> Ao *pobre* desvalido ; — então riqueza
> Teus cofres encherá... » (1)

Tinha boas idéas sobre o homem selvagem ; mas illudia-se sobre o valor intellectual de nossos indios. « O homem primitivo, escreveu elle, nem é bom, nem é máu naturalmente ; é um mero automato, cujas molas podem ser postas em acção pelo exemplo, educação e beneficios. Se Catão nascêra entre os Satrapas da Persia, morreria ignorado entre a multidão de vis escravos. Newton se nascêra entre os Guaranys seria mais um bipede, que pesara sobre a superficie da terra; mas um Guarany creado por Newton talvez que occupasse o seu lugar. » (2) D'este ultimo asserto é licito duvidar.

O patriota indicou os meios praticos para chamar os selvagens a nós. Em referencia aos escravos foi ainda mais lucido.

(1) *Poesias de Americo Elisio*, edição de 1864, pag. 67.
(2) *Apontamentos para a civilisação dos indios*. Cito pelo autographo original que possúo por dadiva do Dr. Mello Moraes (pai.)

A *Representação á Assembléa Constituinte do Brasil sobre a escravatura* é a profissão de fé politica e social do velho sabio E' por ella que se conhecem os seus projectos, que se avalia de sua intuição; é por ella principalmente que nós ainda hoje o devemos amar. Andrada não era um especulador, um politico de occasião, vazio de idéas, ineficaz ; era um homem de crenças, tinha designios a realisar.

Depois de sessenta annos é que fomos começando a cumprir seus votos para a extincção da miseria secular :

«Como cidadão livre e deputado da nação, disse elle, dous objectos me parecem ser, fóra a Constituição, de maior interesse para a prosperidade futura do Imperio. O primeiro é um novo regulamento para promover a civilisação geral dos indios do Brasil, que farão com o andar do tempo inuteis os escravos ; o segundo uma nova lei sobre o commercio da escravatura e tratamento dos miseraveis captivos. Proponho-me mostrar a necessidade de abolir o trafico da escravatura, de melhorar a sorte dos actuaes captivos e de promover a sua progressiva emancipação... Cumpre progredir sem pavor na carreira da justiça e da regeneração politica, mas cumpre que sejamos precavidos e prudentes... Como poderá haver uma Constituição liberal e duradoura em um paiz continuamente habitado por uma multidão immensa de escravos brutaes e inimigos ? Comecemos desde já esta grande obra pela expiação de nossos crimes e peccados velhos... E' preciso que cessem de uma vez os roubos, incendios e guerras que fomentamos entre os selvagens d'Africa. E' preciso que não venham mais a nossos portos milhares e milhares de negros, que morriam abafados no porão de nossos navios, mais apinhados que fardos de fazenda. E' preciso que cessem de uma vez todas estas mortes e martyrios sem conto com que flagellavamos e flagellamos ainda esses desgraçados em nosso proprio territorio. E' tempo, e mais que tempo, que acabemos com trafico tão barbaro e carniceiro ; é tempo tambem que vamos acabando gradualmente até os ultimos vestigios da escravidão entre nós, para que venhamos a formar em poucas gerações uma nação homogenea, sem o que nunca seremos verdadeiramente livres, respeitaveis e felizes. E' da maior necessidade ir acabando tanta heterogeneidade physica e civil. Cuidemos, pois, desde já em combinar sabiamente tantos elementos discordes e contrarios, e em *amalgamar* tantos metaes diversos, para que sáia um todo homogeneo e compacto, que se não esfarelle ao pequeno toque de qualquer nova convulsão politica. Mas

que sciencia chimica, e que dexteridade não são precisas dos operadores de tão grande e difficil manipulação !... (1)

Era com taes meios que o ministro de Pedro I se propunha conservar *sem quebra a famosa peça inteiriça de architectura social*, segundo sua propria expressão referindo-se ao Brasil (2).

Deportado para França, estabeleceu residencia perto de Bordeus. Ahi publicou em 1825 um volume de versos, ***Poesias de Americo Elisio***, de que resta dizer umas palavras. A maior parte dos versos da pequena collecção foram escriptos em Portugal durante a longa permanencia de Andrada no reino. São poucos e desvairados versos, *farpados restos do traquete rôto*, como os denomina o auctor. José Bonifacio não era uma vocação poetica. Seus versos têm grande valor como documentos que servem para melhor firmar-lhe o caracter intellectual. A tendencia mais forte, o principio dirigente em seu talento era a curiosidade scientifica.

Esta levava-o ao estudo da natureza. Na poesia tal predisposição se manifestava tambem. Dahi, dous generos de composições em seu livro : versos originaes, onde a nota primordial é um pantheismo *naturalistico* e versos traduzidos daquelles auctores em que esta manifestação é mais nitida. E' por isto que elle tinha predilecção, entre os antigos por Pindaro, Hesiodo, Meleagro, Virgilio e o auctor do *Cantico dos canticos*. De todos estes traduzio fragmentos. Ia assim beber no Oriente, e especialmente no Oriente antigo, nas puras veias da eterna poesia. No mundo occidental Ossian, Young, Thompson lhe mereciam cultivo assiduo. Shakespeare, Byron, Walter-Scott, Gœthe e Schiller não lhe eram estranhos. José Bonifacio foi um dos homens mais instruidos que o Brasil tem possuido. Sua educação classica era forte e seus conhecimentos da litteratura ingleza e allemã eram vastos. Falava seis ou sete linguas.

E' explicavel pela sua prolongada permanencia na Europa. Quando me refiro ao monismo, ao naturalismo pantheistico

(1) *Representação sobre a Escravatura*, Edição de Paris, 1825. *In principio*.
(2) Drummond, *Memorias*, in *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

de seus versos, digo a verdade; não avanço apenas uma phrase. E' conhecido o escripto em que claramente presentiu o moderno principio da *unidade das forças physicas*. Já Latino Coeho citou esta passagem : « Razões assás fortes e varios experimentos me fazem crêr que fogo, luz, calorico e phlogistico são em si uma e mesma substancia, mas diversamente modificada e projectada. » Dissera Andrada. E' a intuição geral que reina em sua poesia. O poeta não desmente, nem se põe em antagonismo ao sabio.

Se a poesia moderna, desde Göthe, tem tres notas capitaes, a philosophica, de que o *Faust* é a expressão suprema, a nacional, de que *Hermann e Dorothéa* é o symbolo inexcedivel, e a oriental, especie de retorno ás impressões primitivas do paganismo, de que o *Divan* é a imagem brilhantissima, se a moderna poesia não é uma preoccupação frivola, se ao contrario é mais uma arma com que entramos nos combates do pensamento e nas incertezas do destino, elle não foi de certo extranha ao espirito de nosso compatriota.

O prazer do mundo, o sentimento da natureza, a tendencia moderna, renovada dos gregos, que leva a vêr a vida circulando pelo universo inteiro, sereno optimismo que assignala a actividade sem limites como a lei suprema da humanidade, reactivo contra a melancolia, essa molestia tambem moderna, fructo de uma civilisação demasiado complicada, o prazer do mundo, a intuição da actividade, de que Lessing e Göthe foram os grandes propugnadores, digo, não foram alheios ao pensamento de José Bonifacio.

Deparam-se-me em todo o livro e cito um só pedaço :

« Já o bando voador em meigos laços
Com mil lascivos namorados beijos
Impellido de amor se une ditoso ;
Laços gentis da provida natura !
No brando seio os zephyros travessos
Venus aquenta do nocturno frio.
Ella mesma distilla orvalho puro,
E com liquidas perolas borrifa
Os tenrinhos botões das novas rosas !
Oh ! alma do universo ! oh ! Venus bella !

Por ti respira tudo o que tem vida.
A um teu aceno só milhões de *seres*,
Já nos profundos reinos do oceano,
Já na face da terra, ou la nos ares
Renovam a cadeia do universo!
Tu viver fazes a *materia* inteira!
Todos quantos respiram, vivem, sentem,
Na terra e mar, nas regiões do vento,
Obedecem teus mandos, grande deusa! »

Isto não é uma vulgar de estafado classicismo, é antes uma convicção do naturalista, um preito á verdade das cousas, explanada e estabelecida desde os antigos. A aridez da mineralogia não suffocou os ardores, os enthusiasmos do poeta americano.

Não raras vezes o lyrismo de Andrada brotava valente e fogoso; animadas imagens sahiam-lhe espontaneamente:

« Desentrançadas as medeixas de oiro
Que ondeiam sobre o collo crystallino,
Meneando com graça o corpo airoso,
Inda mais bella que as Napéas bellas
Quando as arestas do ondejante trigo,
No folguedo nocturno,
Em rapida carreira apenas tocam,
Co'os olhos côr do céo, branda e serena,
Aqui de manhã vinba, aqui folgava
Conversar ás singelas co'a natura!...
Parece que a estou vendo
Qual zephyrinho meigo
Que as espigas açoita levemente;
Assim lhe vai tremendo o eburneo collo,
Assim os lacteos pomos buliçosos,
Docemente vacillam,
Quando entre as flôres nova flôr passeia!... »

Ha ahi um quer que seja da lascivia americana, posto que expressa por um academico. Quando ella é sentida por homens, petulantes de sensualidade, sem precauções para a occultarem, então assume as fórmas de um erotismo, que

tem poucos rivaes no mundo. Em algumas palavras o quadro torna-se completo, como este de Frei Bastos Baraúna:

« Os peitos da minha amada
Eu os beijei, eu os vi...
Eram de leite coalhado,
Não sei como os não bebi... »

A alvura, o tremor, a doçura do creme de leite de uns bellos seios nús, allucinavam o desregrado frade. Andrada não era d'essa tempera; mas não desmentia o seu paiz.

Encarando de frente esta figura, e resumindo as observações, parece-me que sobre ella poderei formular este juizo:

José Bonifacio foi um sabio, um espirito investigador, a quem faltou, como a Alexandre Ferreira, e como a todos os sabios portuguezes e brasileiros da época, o principio fecundante de uma philosophia vasta e comprehensiva. Deu o exemplo de um investigador quasi nullificado por um empirismo negativo. Como politico, entrou a geito em scena e a geito d'ella o retiraram os factos.

Prestou serviços, teve idéas e patriotismo; commetteu, porém, o grande erro de não preparar e realisar a nossa independencia sem o auxilio do desastrado filho de D. João VI. O tal grande presente que nos foi feito por José Clemente e seus adeptos, o intitulado dia do *Fico*, foi um principio perturbador, que José Bonifacio não pôde ou não quiz eliminar. Era uma consequencia da sua má educação politica adquirida em Portugal. Foi ainda um corollario de sua falta de cultura philosophica e historica.

O poeta era objectivista e lucido; não possuia larga imaginação, nem amplos recursos de fórma. Natureza séria mas pouco fecunda, abraçou da sciencia um dos ramos menos expostos ás grandes syntheses philosophicas, ou pelo menos, aceitou-o e n'elle trabalhou apenas levado por preoccupações praticas. Na politica impressionou-se tambem mais pelo lado meramente exterior dos acontecimentos. Bonacheirão, tinha a *verve* dos bons palestradores portuguezes, com suas graçolas burguezas; demasiado orgu-

lhoso, era capaz de assomos e violencias; satyrisava seus inimigos, e os que pôde mandou prender e deportar. Supponha-se muito acima do geral de seus compatriotas, no que não deixava de ter bastante razão. A sua vaidade de familia tocava quasi o delirio. Teve fraquezas, commetteu inconsequencias; em compensação nunca perdeu no meio dos soffrimentos e contrariedades a confiança em si proprio.

De resto, d'esta massa é que são feitos os grandes homens, e, sem ironia, elle foi um d'estes.

Fr. José Marianno da Conceição Velloso (1742-1811) fornece um bello exemplo da indifferença portugueza e brasileira pelos productos do espirito.

Este religioso foi quem primeiro fez a descripção systematica da flora de uma região do Brasil, famoso livro de que os nossos sabios conhecem sómente o titulo. A obra permaneceu inedita perto de quarenta annos, e, quando se lembraram de a publicar, já não passava quasi de uma antigualha.

Velloso era mineiro e fez seus estudos no Brasil. Quando partiu para Portugal, a convite do vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza, já não estava em idade de iniciar uma carreira scientifica na Europa. A sua obra capital, a *Flora Fluminense*, foi escripta no Rio de Janeiro e ficou prompta em 1790. N'este mesmo anno passou-se o nosso religioso para Lisboa, onde foi director da typographia do *Arco do Cégo.*

O frade naturalista, entre outros trabalhos, escreveu : *O Fazendeiro no Brasil, melhorado na economia rural dos generos já cultivados e de outros que se podem introduzir; Descripção de varios peixes do Brasil; Aviario brasilico ou galeria ornithologica das aves indigenas do Brasil*, e um *Diccionario Portuguez e Brasiliano.*

A grande obra, porém, é a que traz por titulo : *Flora Fluminensis seu descriptionum plantarum Præfectura Fluminensis sponte nascentium.* E' conhecida a historia exterior d'este livro. Mello Moraes na *Botanica Brasileira*, Felix Ferreira nas *Notas Bibliographicas á Exposição da Historia do Brasil* e Varnhagen no opusculo *Os Dois Vellosos*, conta-

ram-na por miudo. Varnhagen narra especialmente o episodio de St-Hilaire apoderar-se das chapas pertencentes ao livro de nosso botanista. Felix Ferreira, compilando Varnhagen, sem o citar, exprime-se assim :

« Em Lisboa havia fr. José Marianno procurado dar á estampa a sua obra *Flora*, á custa do Estado, e o governo portuguez parece não se recusára a isso, pois chegou-se a começar a gravura das estampas, conforme testemunha o seguinte trecho de uns papeis officiaes de Portugal : — No dia 29 de agosto de 1808, diz um officio dirigido pela administração da imprensa régia ao governo portuguez, pouco depois do meio-dia apresentou-se n'este estabelecimento Mr. Geofroy St-Hilaire com uma ordem de S. Exc. o Sr duque de Abrantes, datada de 1 de agosto, determinando que se entregassem 554 chapas pertencentes á *Flora do Rio de Janeiro*, de que era auctor fr. José Marianno da Conceição Velloso, as quaes se entregaram e levou comsigo na mesma sege em que veio. — Interrompida a publicação pela retirada do auctor para o Brasil, conservou-se a obra inedita por espaço de 35 annos, até que por ordem de D. Pedro I fez-se em Paris a impressão dos 11 volumes de estampas e na typographia nacional dos 7 de texto; mas ainda d'esta vez a obra de fr. Velloso não logrou ser publicada de todo. Os numerosos exemplares das estampas jazeram por muitos annos, nas lojas da secretaria da justiça, até que um personagem, muito conhecido no mundo scientifico, pediu-os e obtevê-os do Estado para..... fabricar com elles papelão!... E' certo que o Estado tambem por sua vez as utilisava na Academia das Bellas-Artes, para os alumnos esboçarem no reverso das folhas, que ahi se distribuiam em profusão. Assim se desbarataram esses exemplares que custaram aos cofres publicos algumas centenas de contos de réis! » (1)

A' historia da litteratura, como força social, importa muito o conhecimento do maior ou menor gráo de apoio que encontram os livros no espirito publico e especialmente da parte das classes dirigentes. Neste sentido, as tristes vicissitudes

(1) Felix Ferreira, *A Exposicão da Historia do Brasil, Notas Bibliographicas.*

por que passaram a *Flora Fluminensis* e outros livros nossos, já em tempos do primeiro e do segundo imperador, são um documento irrefragavel da nossa mesquinharia intellectual. Mello Moraes é ainda mais explicito sobre o ponto vertente :

« Tomando conta da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, Fr. Antonio de Arrabida encontrou ali o manuscripto da *Flora Fluminense.* Aconselhou ao governo imperial para o mandar imprimir, enviando a Paris os desenhos para serem lithographados na officina de Lasterie, como a mais conceituado do tempo. Emquanto se apromptavam em Paris as estampas, Arrabida fazia imprimir na Typographia Nacional o texto latino de 1825 a 1827. Em França montou-se uma repartição em que se dispendeu *um milhão de cruzados.* Acabada a obra, vieram para o Rio de Janeiro 500 exemplares, ficando em Paris 1,500, que, não sendo reclamados, foram dados a estranhos, e, depois, vendidos a um chapeleiro que fornecia barretinas para o exercito francez, sendo n'isto empregados.

Os 500 exemplares que vieram para o Rio de Janeiro foram parar ao saguão da secretaria da justiça, onde permaneceram, apodrecendo pela humidade, fazendo-se presente de alguns exemplares a uma ou outra pessoa, que os pedia. Ninguem subscreveu a obra do naturalista mineiro, á excepção do general Joaquim de Oliveira Alves. Do mesmo franciscano vieram para cá muitos exemplares da obra *O Fazendeiro no Brasil*, e d'outras impressas na Typographia do Arco do Cégo. Sendo repartidas por varias capitanias, afim de serem distribuidas pelos fazendeiros, nunca sahiram das secretarias dos governos, onde se inutilisaram. Por aviso do ministerio da fazenda de 18 de janeiro de 1836 mandou-se entregar ao da guerra todo o papel impresso que existia na Typographia Nacional para ser aproveitado em cartuxame. Entregou-se uma extraordinaria quantidade de arrobas de papel impresso, indo como inuteis a *Historia do Brasil* do Visconde de Cayrù, as *Memorias* do padre Luiz Gonçalves, os *Annaes do Rio de Janeiro* de Balthazar Lisboa, as *Memorias do Rio de Janeiro* de Monsenhor Pizarro, as de Fr. Leandro do Sacramento, sobre a cultura do chá, e outras obras

de merecimento impressas na Typographia Nacional de 1808 a 1836!

No dia 14 de janeiro de 1861 esta mesma typographia annunciou a venda em leilão de 2,950 arrobas de impressos, indo entre elles exemplares da *Flora Fluminense.* Finalmente, por outro aviso do governo imperial, mandaram-se vender como papel sujo os exemplares existentes ainda da grande obra de Velloso á fabrica de papel de Petropolis, cujo producto liquido não entrou para o thesouro, porque a fabrica falliu! » (1)

Em um paiz assim desmantelado no que diz respeito aos productos intellectuaes, em um paiz onde não existe o menor incentivo para a producção scientifica e litteraria, onde os auctores têm inimigos e maldizentes, mas não têm leitores, o manquejar das letras é phenomeno explicavel, e um systema completo de attenuantes deve vir em soccorro d'aquelles que escrevem. E' uma vasta classe de maniacos, eivados da molestia de escrever por escrever, sem a menor vantagem, antes assediados de difficuldades insuperaveis.

Mas venhamos ao principal, aos meritos de Conceição Velloso. O frade foi um autodidacta em sciencias naturaes; como todo o autodidacta, teve o defeito de suppôr muitas vezes que pisava em terreno incognito e que muitas cousas que via eram outras tantas novidades. Sectario do systema de Linneo como todos os botanicos do tempo, soffre em sua obra dos vicios inherentes á doutrina. Estava a par da sciencia da época, o que é altamente admiravel da parte de um homem segregado de todos os grandes centros cultos da Europa.

Se a sua obra fôra publicada em 1790, teria sido uma ingenissima contribuição para a botanica do Novo-Mundo. Mais nocivo do que o segregamento de Velloso, foi o tardio apparecimento de seu livro, depois dos trabalhos capitaes dos viajantes estrangeiros, que percorreram o Brasil de 1790 a 1825. O maior mal que se deparou ao desventurado botanico está em que o primeiro quarto do presente seculo foi justamente

(1) Mello Moraes (pai), *Botanica Brasileira*, pag. VIII e seguintes.

o cyclo do maior numero de viagens emprehendidas e realisadas por naturalistas europeus em terras do Brasil e em particular na provincia fluminense e suas limitrophes. St.-Hilaire, Martius, Sellow, Pohl, Mikan, Schott, Raddi, Langsdorff, Gaudichaud e tantos outros botanicos e colleccionadores formaram n'essa quadra collecções de muitos milhares de especies, innumeras das quaes tinham sido colhidas e determinadas por Velloso. Em nome dos direitos de prioridade que a sciencia preconisa e defende, alguns generos lhe pertencem, e, no tocante a estes generos, contamos que justiça se lhe ha de fazer. » São dignas e sentadas estas palavras do Dr. Ladisláo Netto. (1)

O sabio allemão Martius, a maior auctoridade européa sobre botanica do Brasil, attribuio a Velloso 392 especies, determinadas definitivamente em sua *Flora*, procedimento que devêra ser imitado pelo suisso de Candolle, que se metteu a ridicularisar certos equivocos do nosso botanista, sem lembrar-se do furto das 554 chapas realisado por Geoffroy St.-Hilaire, por ordem de Junot, chapas aproveitadas por seu parente Augusto St.-Hilaire em suas publicações sobre a flora do Brasil. (2)

E não foi sómente a fr. Velloso que o viajante francez deveu bons subsidios; Joaquim Velloso de Miranda e Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá não foram menos utilisados.

Um dos mais conspicuos talentos brasileiros nas sciencias naturaes foi esse VELLOSO de que falei por ultimo. Mais profundo do que o seu homonymo e patricio, escreveu menos do que elle; porém mais acertadamente.

(1) *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. V, 1881. Este volume traz o texto quasi completo da *Flora Fluminense* de Velloso.

Sobre este naturalista veja-se o trabalho exhaustivo do Dr. José de Saldanha da Gama, *Revista Trimensal do Instituto Historico* (4° trimestre de 1868). Saldanha da Gama estabelece 66 generos e 392 especies determinados pelo frade brasileiro, conservando 62 d'estas os proprios nomes dados por elle.

(2) Vid. *Os dois Vellosos*, botanicos brasileiros, pelo visconde de Porto Seguro, 1878. N'este escripto Varnhagen commette o errinho de suppôr que o duque de Abrantes era Soult.

O Dr. Joaquim Velloso de Miranda nasceu no arraial do Infeccionado em Minas, na primeira metade do seculo XVIII. Em 1772 matriculou-se no 1.º anno mathematico em Coimbra; em 1774 cursou o 2.º anno philosophico, obtendo o gráu de bacharel em junho de 1776, e dous annos mais tarde a borla de doutor. Publicou então o folheto : *Theses ex univera philosophia.* Era discipulo do celebre Vandelli. Em 1780 foi eleito socio correspondente da Academia Real das Sciencias. Partindo para Minas, fez d'ali muitas remessas de plantas de especies novas a seu mestre, que as aproveitou no escripto, impresso em 1788, *Flora Lusitaniæ et brasiliensis specimen.* « Vandelli, diz Varnhagen, não duvidou prestar homenagem aos serviços de Velloso de Miranda, propondo o nome de *Vellosia* para uma das plantas, o que excitou as iras e invejas do, aliás venerando velho botanico portuguez, jesuita João de Loureiro, celebre no mnudo pela sua flora da Cochinchina. Em um parecer apresentado á Academia Real das Sciencias de Lisboa fulminou Loureiro censuras contra a audacia de Vandelli e de Velloso, de haverem inventado nomes novos para os generos novos que faziam conhecer ao mundo scientifico. Taes eram, entre outros, por Velloso, citado por Vandelli, os da vellociacea *Barbacenia*, da violacea *Lavradia*, da acanthacea *Mendocia*, e pelo proprio Vandelli, por conta propria, os de *Lafoensia*, *Vismia* e *Vellosia*. O padre Loureiro, para fazer mais odiosa a censura, não duvidou asegurar que o ultimo nome fôra dado por Velloso, que não se esquecera de si proprio. E tal era a sua auctoridade no seio da Academia que esta só permittiu a reimpressão do trabalho de Vandelli no 1.º vol. de suas memorias, obrigando-se o auctor a eliminar d'elle todos os generos para os quaes eram propostos os nomes novos, já então aceitos pelos botanicos da Europa, e hoje de todo admittidos pela sciencia. » (1)

Velloso de Miranda enviou á Academia das Sciencias tres opusculos : *Brasiliensisem Plantarum fasciculus J. V. de M. demonstrat; Descriptio animalium quorundam Brasilien-*

(1) Porto-Seguro, *Os Dois Vellosos.*

sium; Plantarum quorundam Brasiliensium descriptio botanica. (1)

Varnhagen diz ter encontrado noticias de Velloso até o tempo da Conjuração Mineira (1789). Suppunha-o, talvez, perseguido e morto obscuramente.

Em um livro, publicado no Rio de Janeiro em 1819, *Instrucções para os viajantes e empregados nas colonias*, precedido de umas interessantes *Reflexões sobre a historia natural do Brasil*, lê-se : « O Dr. Joaquim Velloso de Miranda, lente que foi da faculdade de philosophia na universidade, *falecido ha uns dois annos em Minas, sua patria*, viajou muitos annos por ella á custa do Estado, fez grandes remessas para Portugal. » (2) O botanista deve ter fallecido entre 1816 e 1817.

Tão illustres como os dois Vellosos, foram os dois CAMARAS. E' mister não confundil-os.

Varnhagen, quasi sempre bem informado, elle que foi tão perspicaz em distinguir os primeiros, andou a baralhar os ultimos. No *Florilegio* escreveu : « José Bonifacio de Andrada, viajando como mineralogico pela Europa, do mesmo modo que o seu patricio, natural do Serro Frio, o naturalista Manoel de Arruda Camara. » Nem Arruda Camara viajou na Europa com José Bonifacio, nem era natural do Serro Frio. Isto se entende com Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá. (3)

A historia litteraria do Brasil, n'este ponto, não póde deixar de encerrar uma série de notas de caracter bibliographico. Estamos em face de uma porção de nomes, e d'um grande acervo de memorias e pequenos escriptos, todos de natureza pratica. Aqui não se acham em jogo doutrinas e theorias scientificas, principios philosophicos ; não se debatem essas ideias, que formam a trama superior das producções humanas. O que ha de interessante, o que é significativo aqui, é a existencia mesma d'esses espiritos praticos; é a actividade que elles desenvolveram nos ultimos decennios do seculo XVIII, e nos primeiros annos do XIX.

(1) Porto-Seguro, *Os Dois Vellosos*.
(2) *Instrucções para os viajantes*, pag. XXIX.
(3) Latino Coelho, no *Elogio de José Bonifacio*, chama erradamente a este mineiro — Manoel Ferreira de Araujo Camara.

Os escriptos d'esses homens constituem a base fundamental para o conhecimento das riquezas naturaes do Brasil e das tentativas feitas pela metropole para as utilisar.

Manoel de Arruda Camara (1752-1812), natural da Parahyba do Norte, professou no convento do Carmo de Goyanna em 1783; estudou philosophia e medicina em Portugal. Perseguido ali, por affeiçoado ás ideias da revolução de 89, passou-se á França, formando-se em medicina em Montpellier. Teve, vindo para o Brasil, commissões scientificas no Rio de Janeiro e em Pernambuco. (1)

Arruda Camara deixou impressos : *Aviso aos lavradores sobre a inutilidade da supposta fermentação de qualquer qualidade de grão...* (1792), *Memoria sobre as plantas de que se póde fzer a barrilha* (1795), *Memoria sobre a cultura dos algodoeiros e sobre o methodo de o escolher e ensaccar* (1799), *Discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins nas principaes provincias do Brasil* (1810), *Dissertação sobre as plantas do Brasil que podem dar linhos* (1810).

Camara deixou ineditos, que foram em parte publicados no *Patriota* (1813), no *Archivo Medico* (1845), e em parte aproveitados por Joaquim d'Almeida Pinto no seu *Diccionario de botanica brasileira* (2). Ha indicios de ter falecido depois de 1810, contra o que affirmam os seus biographos.

Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá (1762-1835) nasceu em Itacambirussú, na comarca do Serro Frio. Formou-se em leis e philosophia em Coimbra em 1788; percorreu a Europa com José Bonifacio durante oito ou dez annos; voltou ao Brasil no principio do XIX seculo, sendo nomeado em 1807 intendente dos diamantes em Minas, d'onde sahiu em 1823, eleito deputado á Constituinte. Foi senador e fal-

(1) *Memoria historica do clero pernambucano*, pelo padre Lino do Monte Carmello.

(2) Sobre Arruda Camara, vid. Lino do Monte Carmello — *Memoria historica do clero pernambucano*; Innocencio da Silva : *Diccionario bibliographico;* Mello Moraes — *Botanica Brasileira;* Valle Cabral — *Annaes da Imprensa Nacional;* e o grande *Catalogo da exposição de historia do Brasil*, nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. IX, t. 1 e 2.

leceu na Bahia em 1835. Escreveu : *Ensaio de descripção physica e economica da comarca dos Ilhéos ; Observações sobre o carvão de pedra que se encontra na freguezia da Carvoeira ; Memoria sobre as minas de chumbo e prata e sobre a fundição do ferro por um processo novo ; Memoria sobre a cultura e fabricação da farinha da araruta.* Escreveu tambem sobre a canella, o cacáo, o tabaco, e o algodão. Crê-se que deixou inedito um grande *Tratado de mineralogia do Brasil.* Este homem reclama attenção mais demorada. (1)

Camara é um dos mais distinctos representantes de sua vigorosa geração. Póde soffrer o parallelo com José Bonifacio. Tinham quasi a mesma idade, formaram-se no mesmo anno, viajaram juntos, dedicaram-se aos mesmos estudos ; foram ambos deputados e assignaram juntos o primitivo projecto de nossa constituição politica. Morreram os dois aos 73 annos.

O sabio mineiro sobrelevava ao paulista em actividade pratica, em energia de caracter, em solicitude pelo trabalho. Foi como administrador, como intendente dos diamantes em Minas, que deu toda a medida de suas aptidões. A elle se deveram a primeira fundição de ferro que existio no Brasil e innumeros melhoramentos da industria de minerar os diamantes. A pintura que homens como Martius, Spix, John Mawe, Eschwege e Saint-Hilaire nos deixaram da intelligencia, da actividade, dos conhecimentos e do caracter pessoal de Camara, é exacta e como não foi ainda feita de nenhum outro brasileiro. Falavra seis ou oito linguas, tinha prodigiosa leitura, mostrava-se em dia com os progressos das sciencias. Possuia em alto gráo o talento de conversar ; prestava-se a dar as mais completas informações aos viajantes estrangeiros ; em compensação aturdia-os com perguntas sobre o velho mundo. A acção scientifica deste homem, se não se estendeu por todo o paiz, porque elle escreveu pouco, foi efficaz e profunda em Minas. Camara foi

(1) Vid. sobre elle a excellente biographia escripta pelo Dr. J. Sigaud, n'a *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*, tomo IV, e as *Memorias do districto diamantino*, um dos melhores trabalhos de historia publicados no Brasil, pelo Dr. J. Felicio dos Santos.

um instigador valente do progresso no districto diamantino, por sua acção directa, por seu exemplo, pelas innovações que introduzio nas industrias locaes. E' este o maior titulo que lhe descubro e que lhe deve ficar consignado.

« Camara, diz Felicio dos Santos, era homem de estatura ordinaria, corpulento, robusto, vigoroso, de largas espádoas, porte altivo, andar firme e desembaraçado ; tinha as feições regulares, rosto bastante corado, labios grossos e sensuaes, olhar vivo e penetrante, testa larga e intelligente, cabellos bastos, grossos e negros, quasi sempre em desalinho. Nada mais difficil que descrever seu caracter moral, cheio de contradicções e incoherencias ; predominavam, porém, sempre as excellentes qualidades que adornavam-lhe o espirito e o dirigiam para o bem. Em certas circumstancias mostrava-se o homem despota, arrogante, altivo, orgulhoso, enfatuado ; em outras, o homem urbano, amavel, popular, descendo, — nesse tempo era propria a expressão — *descendo* a nivelar-se coma classe infima, convivendo com ella, esquecendo-se de sua posição e da authoridade de que estava revestido. Algumas vezes, mas raramente, colerico, vingativo, deshumano, inexoravel, sem compaixão ; outras vezes, o era quasi sempre, nisso consistia o fundo de seu caracter, humano, paciente, caridoso, indulgente, occultando muito cousa, ou fazendo occultar-se, para não ser obrigado ao extremo da punição. Dos sentimentos de Camara o que mais sobresahia era seu amor á patria : foi um verdadeiro brasileiro. Antes delle quasi que só os portuguezes obtinham empregos na administração diamantina ; muitas vezes já vinham de Portugal com recommandação da directoria ou da corôa para serem empregados. Camara sempre dava preferencia aos brasileiros : dahi a guerra encarniçada que soffreu durante todo o tempo de sua intendencia por parte do governo de Villa-Rica. Foi seu pensamento constante, seu maior empenho melhorar a sorte de seus patricios, já modificando na execução o *barbaro regimento diamantino*, já introduzindo reformas uteis, como sementes de civilisação que mais tarde haviam de fructificar. Foi geralmente respeitado e temido como um pequeno soberano, que governava o districto dia-

mantino com um poder absoluto. Uma vez tomada uma resolução, nem as leis vigentes serviam de pêas á realisação de seu pensamento.

Na administração da justiça não conhecia formalidades, era tudo rapido, expedito. » (1)

Bem se vê : o notavel intendente era homem de seu tempo ; fez parte dessa pleiada de sabios, poetas, litteratos, que tinham saude e força, actividade e patriotismo, boa gente que sabia viver, e só entregava-se á morte depois dos setenta e bem contados.

E' uma observação que assalta logo a quem estuda a historia da litteratura brasileira : a grande idade attingida pelos antigos escriptores.

Depois de 1840 as *mortes prematuras*, segundo a phrase consagrada, tornam-se mais e mais frequentes. (2)

A passagem de Ferreira da Camara para seu contemporaneo José Vieira Couto é natural. Eram patricios, ambos mineralogistas, residentes ambos no mesmo lugar, porém acerrimos inimigos.

A vida de Couto tem sido muito obscura. Varnhagen e Pereira da Silva o dão por filho do Rio de Janeiro, nascido em 1762 e fallecido na Ilha Terceira a 27 de maio de 1811. Innocencio da Silva os repete meio duvidoso e ajunta : « creio que ha nessas asserções alguma cousa que carece de rectificação. »

De certo, é tudo isto inexacto. Couto era mineiro, e natural do arraial do Tijuco. Estudou em Coimbra ainda em tempos

(1) Dr. Joaquim Felicio dos Santos, *Memorias do districto diamantino*, pag. 291.

(2) Para esclarecer este ponto, dou aqui pequena amostra de casos que me occorrem de momento. Claudio da Costa, Gonzaga, Arruda Camara, Rodrigues Ferreira, Velloso de Miranda, Conceição Velloso, João da Silva Feijó, Silva Alvarenga, São Carlos, Mello Franco, Januario Barbosa, Moraes Silva, Euzebio de Mattos e Botelho d'Oliveira, attingiram uns aos sessenta annos, e outros os ultrapassaram muito. José Bonifacio, Ferreira da Camara, Vilella Barbosa, Rocha Pitta, Gregorio de Mattos, Maricá, Pedra Branca, Brito de Lima, Cayrú, Balthazar Lisboa, Antonio Carlos, José Vieira Couto, Mont'Alverne, Abreu e Lima, São Felix, Pereira da Silva excederam largamente os setenta. Eloy-Ottoni, Antonio Joaquim de Mello e Moniz Tavares passaram dos oitenta. Velho da Silva dos noventa.

de José Bonifacio e Ferreira da Camara. Voltou muito antes delles ao Brasil, onde se achou envolvido em 1789 na *Inconfidencia*.. Em 1788 foi encarregado pelo governo portuguez de fazer exames mineralogicos em toda a comarca do Serro Frio. Em 1803 foi incumbido de examinar os nitreiros da Serra do Cabral; em 1821 ainda apparecia em luta com Camara contra quem escreveu nesse tempo um folheto. Não podia ter fallecido em 1811 na Ilha Terceira.

Valle Cabral, referindo-se a este ponto, escreve : « Trata-se de um José Joaquim Vieira Couto que não parece ser o nosso mineralogista. O author das *Reflexões sobre a historia natural do Brasil*, que precedem a *Instrucção para os empregados e viajantes nas colonias... impressa no Rio de Janeiro* em 1819, dando uma relação dos naturalistas nacionaes e estrangeiros que n'aquella época viajavam pelo Brasil, diz, relativamente a Couto, — José Vieira Couto, pensionario do Estado no Tijuco —; d'onde se infere que elle ainda existia em 1819 e de modo algum poderia ter ido parar desterrado á Ilha Terceira, para ali terminar a existencia. (1) » E quem era esse José Joaquim Vieira Couto, que o *Correio Brasiliense*, sempre tão bem esclarecido, affirma ter fallecido em 1811 nos Açores, depois de oito annos de prisão, sem crime, nem processo e nem sentença? Pereira da Silva e Varnhagen lêram a noticia do jornal de Hippolyto da Costa e applicaram erroneamente ao mineralogista o que dizia respeito a um seu irmão!... Valle Cabral não liquidou esse ponto final, que se deixa resolver perfeitamente pela historia local da patria dos dois mineiros. « No ultimo anno do seculo XVIII houve no Tijuco immensa agitação contra o governo terrivel do intendente João Ignacio do Amaral Silveira. Entre outras medidas, assentaram os tijuquenses em deputar uma pessoa revestida do caracter de procurador da comarca do Serro Frio, com o requerimento, que devia apresentar pessoalmente ao principe regente. Para esta commissão nomearam a José Joaquim Vieira Couto, irmão do Dr. Couto, que foi quem redigiu o requerimento. » (2).

(1) *Annaes da Imprensa Nacional*, por Alfredo do Valle Cabral, pag. 21.
(2) J. Felicio dos Santos, *Memorias do districto diamantino*, pag. 251.

Em Lisboa José Joaquim foi mettido nos carceres da Inquisição, como libertino e pedreiro-livre. N'essa occasião fôra preso tambem Hippolyto José da Costa. Este conseguiu escapar-se, e o procurador dos tijuquentes foi solto pelos francezes quando entraram em Lisbôa. Mais tarde, envolvido na setembrizada dos governadores do reino, foi mandado para a Ilha Terceira. (1)

O Dr. José Vieira Couto, nasceu aos 19 de agosto de 1752 no arraial do Tijuco, hoje cidade de Diamantina. Era filho legitimo do portuguez Manoel Vieira Couto e da paulista Thereza do Prado. Deixou de existir aos 15 de setembro de 1827 em sua fazenda do Gavião, distante dez leguas do Tijuco. A seu pedido foi sepultado debaixo de uma arvore ao pé da fazenda, e alguns annos depois seus restos mortaes foram exhumados e depositados na capella de N. S. do Carmo em Diamantina. (2)

O mineralogista escreveu : *Memoria sobre a capitania de Minas Geraes, seu territorio, clima e producções metallicas ; Viagem ao Indaiá ; Memoria sobre as minas do Abaeté ; Memoria sobre as Minas da capitania de Minas Geraes, suas descripções, ensaios e domicilio proprio ; Memoria sobre as minas de Cobalto da capitania de Minas Geraes ; Memoria sobre as salitreiras naturaes de Monte Rorigo.* (3)

Dos sabios de seu tempo foi Couto um dos que mais escreveram e em melhor estylo. Eis a descripção da Serra do Cabral que o mineralogista appellidou *Monte Rorigo* : « Não é d'essas serras pedregosas e escalvadas, como a mór parte das de Minas ; é toda formada d'uma terra vermelha, pesada, fertil, coberta de matas ou campinas, e por onde asperejam penedias; estas são de natureza calcarea, de um cinzento escuro, betadas em différentes sentidos de branco, e cujas betas são de materia espathosa. Estas rochas acham-se todas mais ou menos cobertas de stalactites,

(1) *Correio Braziliense*, vol. VI, pag. 705.

(2) Informacões de uma filha de Vieira Couto que me foram obtidas pelo Dr. J. Felicio dos Santos, o illustrado auctor das *Memorias Historicas do Districto Diamantino.*

(3) Vid. o *Catalogo da exposição de Histoıia do Brasil.*

assento natural do nitrato de potassa. No logar em que o rio Parauna divide a montanha, mostra-se ella mais desamparada de terra e mais cheia de rocha, e por isso abunda aqui mais o nitrato. Não obstante, porem, toda esta fragura e inclinação precipitosa, tal é a fertilidade da terra que o monte se mostra frondoso, verde-negro e cheio de viço. Causa maravilha vêr ao longe, como essas rochas, branqueadas de stalactites, sobrepujam e mostram-se por cima das cabeças das arvores, á maneira de velhos edificios, cahidos já em ruinas e de architectura gothica. As rochas examinadas de perto, são largas e espaçosas cavernas, que á primeira vista infundem enleio e respeito. No seu tecto as stalactites, umas representam roupas fluctuantes e de enormes grandezas, outras, grandes cachos de uvas; aqui pendem melões; ali variadas flôres; em suas paredes, em parte, se revelam e brotam docéis, pyramides, globos, colxões rolados, delicadas rendas, em parte, afundam grandes recameras, nichos; tudo curiosidades da natureza, obras suas fabricadas ao seu vagar no meio da confusão dos seculos, e pingo a pingo!

As stalactites — umas são duras, outras molles e esponjosas; aquellas pela maior parte occupam o tecto das cavernas, e estas as paredes e portas inferiores. Na massa e interior d'estas ultimas acham-se cavidades e como casinhas ou moldes, onde existiram fragmentos de madeiras que já o tempo consumiu; acham-se muitas conchas bem conservadas de vermes terrestres que ainda hoje abundam e pastam ao redor das mesmas cavernas; acham-se pedaços de stalactites, que foram despregados de seus logares e que ao depois foram envolvidos segunda vez na massa de outras mais modernas foraminados com ellas ».

A critica litteraria quasi nada tem a vêr com um homem destes, um cultor da mais impessoal das sciencias, a mineralogia. Consigna-se o trabalhor, dá-se conta de sua actividade, de sua intuição geral, e nada mais.

Uma historia pragmatica e exhaustiva da litteratura brasileira exigiria, no periodo e sobre o assumpto que se vae tratando, além das noticias que ficaram expostas, aponta-

mentos biographicos e algumas apreciações sobre vinte ou trinta authores mais. Seria arido e esteril. Não canso de profligar o sestro dos alistamentos de escriptores.

A historia procura a vida, a nota mobil, a intuição comprehensiva, a força agitadora. O mais é secundario.

Antonio de Nola, Vicente Coelho de Seabra, Joaquim d'Amorim Castro, Luiz José de Godoy Torres, Bernardino Antonio Gomes, José de Sá Bittencourt, Francisco de Mello Franco, Frei Leandro do Sacramento, João da Silva Feijó, João Manso Pereira, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, José da Costa Azevedo, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Francisco Vilella Barbosa, Balthazar da Silva Lisboa e outros, e mais outros, foram talvez tão illustres quanto Alexandre Ferreira ou José Bonifacio. Commental-os e critical-os é, porém, inutil; porque sua influencia, como sabios, foi pouco avultada, ou quasi nulla. (1)

Uma vista synthetica atirada sobre o desenvolvimento do Brasil, nos tempos a que me reporto, irá descobrir dous factos capitaes: o bem-estar economico da colonia e a aptidão dos brasileiros para a aprendizagem scientifica. O primeiro foi bastante positivo para deixar aos filhos de muitas familias o lazer preciso aos longos cursos das universidades europeas. E' crescido o numero de brasileiros que então estudaram ou viajaram no velho mundo. O segundo facto é tambem verdaderio.

Os brasileiros, como todo povo mestiçado e meridional, são de intelligencia dextra, facil, intuitiva. Possuem em alto grau o talento de aprender; a assimilição é-lhes prompta. Demasiado habeis para a acquisição das idéas simples e geraes, instruem-se sem esforço. A facilidade, porém, é contrastada pela superficialidade. Tal o motivo principal da falta que se lhes nota de concepções scientificas originaes e da irrecusavel mediania das suas ideias philosophicas. E n'isto não estamos sós; temos numerosos e bons companheiros.

(1) Martim Francisco, Vilella Barbosa e Balthazar Lisboa serão mais tarde apreciados, o primeiro como orador e publicista, o segundo como poeta, e o terceiro como historiador.

Durante os tempos coloniaes, pela natureza da cultura ministrada em Coimbra, nossa litteratura scientifica teve esse caracter pratico, empirico e fragmentario que o leitor apreciou nos trabalhos de nossos sabios.

Quando falo em *caracter pratico*, de fórma alguma insinúo a existencia de grandes homems *technicos* no Brasil. Não tivemos a alta sciencia consciente de si mesma, organisida n'um grande todo, forte, progressiva, capaz de applicar-se *praticamente* ás industrias. Só onde ha a robusta sciencia especulativa, é que existem tambem as poderosas applicações praticas. Assim na Allemanha, na Inglaterra ou em França. Nós tivemos a meia sciencia, a doutrinação feita em Portugal, sem largos vôos, terra-á-terra, sem ousadias, sem impulsos idealisadores e philosophicos, medrosa, acanhada, confinada entre o rei e a Inquisição. Se nos faltaram Bacon ou Descartes, tambem não tivemos Galileo ou Kepler, e, como seria uma extravagancia alçar tão alto as vistas, se não contamos Diderot, não possuimos tambem Broussais ; nem a synthese, nem o laboratorio ; nem philosophia, nem sciencia propriamente dita.

Nossa actividade, no dominio scientifico, exerceu-se de preferencia n'esse grupo de estudos descriptivos, que nas velhas classificações tinham o nome de historia natural, e hoje foram distribuidos pela chimica e pela biologia : — meneralogia, botanica e zoologia.

Em mathematicas nada produzimos além dos *Elementos de geometria* de Vilella Barbosa, ou poucos mais ; em astronomia, physica, chimica, em seus diversos ramos, fomos atacados de mutismo innegavel. Em biologia, não passamos das descripções exteriores ,da curiosidade negativa d'um dilettantismo mais ou menos esterilisante. Em philosophia cousa nenhuma. Em compensação colligimos alguns factos e fizemos algumas observações.

CAPITULO VII

Historiadores

« E' curioso, observa Otfried Müller, que um povo seja, como o povo grego, tão intelligente e tão culto e venha a experimentar tão tarde a necessidade de notar exactamente suas emprezas e destinos na paz e na guerra. » No Brasil é curioso o phenomeno contrario. Desde os mais remotos tempos — poesia e historia nunca faltaram aqui. Poesia superficial e lyrica, historia simples e facil, com a ingenuideda da chronica infantil. Desde os dois primeiros seculos da colonia, portuguezes e brasileiros foram tomados da paixão de escrever os successos das terras de Santa Cruz. Em toda a litteratura brasileira e americana em geral não existe leitura mais attrahente do que a dos escriptos de Gandavo, Nobrega, Anchieta, Cardim, Gabriel Soares, Vicente do Salvador, e commumente de todos os nossos chronistas dos primeiros cento e cincoenta annos depois da descoberta. Abre-se um intervallo, comprehendendo os primeiros annos do seculo XVIII e os ultimos do seculo XVII, em que reinou uma certa esterilidade, produzida pelo gongorismo e pelo máo gasto.

Depois surge uma outra phase de espontaneidade e força nativas em que a historia reapparece singela e attractiva. E' no vasto periodo de 1750 a 1830 com o impulso de homens como *Jaboatão*, *Pedro Taques*, *Roque Leme*, *Gaspar da Madre de Deus*, *Borges da Fonseca*, *Balthazar Lisboa*, *Pizarro*, *Gonzalves dos Santos* e *Ayres de Casal.* A estes podem-se bem juntar *Fernandes Pinheiro* (visconde de S. Leopoldo) e *Ignacio Accioli*, cujos primeiros escriptos prendem-se a esse grande periodo. Rocha Pitta fica entre as duas boas epocas do florecimento da historiographia, no tempo do gongorismo pesado e petulante.

De fr. *Thomaz da Encarnação* e do illustre *Silva Lisboa*,

nada ha n'este ponto a dizer; um, porque é mais propriamente publicista e politico do que historiador; o outro, porque, vivendo sempre em Portugal, escreveu um livro de historia ecclesiastica, evidentemente estranho ao desenvolvimento organico da litteratura brasileira. Os chronistas são os que primeiro cultivaram a prosa no Brasil. Só por este lado mereceriam um estudo especial na historia litteraria.

Descobre-se, porém, n'elles uma face ainda mais importante e caracteristica. Refiro-me a essa cadeia tradicional de que são os reprensentantes, a essa concretisação palpavel da alma nacional de que são os operarios, a esse espirito mobil do povo de que souberam apoderar-se para nol-o transmittir.

Sem ideial e sem tradições impossivel é formar-se um povo; sem poesia e sem historia não póde haver litteratura; poetas e historiadores são os sacerdotes activos e officiantes da alma de uma nacionalidade.

E' por isto que tributo a Vicente do Salvador o mesmo preito devido a Gregorio de Mattos; é por isso que ao lado de Durão, de Basilio, de Claudio, dos Alvarengas, devo agora assentar os seus iguaes no talento e no prestigio, que se chamaram Santa Maria Jaboatão, Pedro Taques e Balthazar Lisboa.

A alma brasileira, o espirito d'este paiz não palpita sómente nos *madrigaes* de Alvarenga ou no *Caramurú* de Durão; irradia-se tambem das paginas do *Novo Orbe* de Jaboatão, e da *Nobiliarchia Paulistana* de Taques.

E' este espirito antes de tudo que se deve procurar ao contacto dos velhos chronistas. Pelo lado dos factos e das noticias historicas, como repositorios dos acontecimentos, são de valor inestimavel, é certo, e por ahi são credores de alto apreço.

Para com elles, porém, é que se verifica exactamente aquelle caracter especial da critica moderna, que consiste em comprehender e explicar. Como fontes para a historia do Brasil estão eivados de equivocos, de erros, evidenciados por pesquizas recentes. O historiador contemporaneo para auxiliar-se d'elles teria de submettel-os aos rigorosos processos a que Niebuhr sujeitou Tito Livio.

Teria de examinar as fontes em que beberam suas narrativas; teria de confrontal-os com os documentos authenticos. Não é essa a missão do historiador litterario. A este interessam igualmente os erros e as verdades proclamados pelos chronistas.

Obrigado a perscrutar-lhes o espirito e a intuição, nada tem que vêr com o valor scientifico de suas affirmações.

O historiador litterario procura a psychologia de um espirito nas paginas do chronista e não faz a critica diplomatica dos textos. Esta pertence ao historiador propriamente dicto.

Um estudo aprofundado e completo dos chronistas brasileiros seria interessantissimo por mais de um titulo. Haveria muitas questões preliminares a propôr n'este assumpto. Até que ponto utilisaram-se uns dos outros; até que ponto representam a verdade dos factos; em que documentos e fontes se inspiraram; em que sentido comprehenderam e interpretaram os acontecimentos; estas seriam as theses a elucidar. Sómente a ultima é da alçada d'este livro.

As outras são-lhe estranhas. Vejamos as principaes figuras e comecemos pela mais antiga. (1)

Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão é digno de aturada leitura. D'elle restam alguns sermões, as memorias ineditas e a grande obra historica sob o titulo *Novo Orbe Seraphico Brasilico ou Chronica dos Frades Menores da Provincia do Brasil.*

D'esta obra a primeira parte em dois volumes foi publicada em Lisboa em 1761. No Rio de Janeiro fez-se uma nova edição em cinco volumes, comprehendendo a segunda parte inedita em 1858-62. A biographia do illustre franciscano é bem conhecida em seus traços geraes.

O que de positivo se sabe d'ella é o que consta da sua propria obra. O conego Fernandes Pinheiro parece não a ter lido com attenção para escrever estas palavras : « ...professou na ordem franciscana aos 12 de dezembro de 1717 devendo portanto ter nascido em 1700, ou talvez antes d'essa

(1) Em capitulos anteriores tratei de Frei Vicente do Salvador, de Pitta e d'outros chronistas da phase antecedente.

epoca. » Não satisfeito, o conego ajunta em nota : « O sr. Innocencio pensa que o nascimento de Jaboatão devera ter sido pelo anno de 1695, suppondo que professára aos vinte e dois. Ignoramos o fundamento da hypothese do illustrado bibliographo, sendo o nosso calculo baseado na idade canonica (17 annos) antes da qual não é licito professar nas ordens religiosas. (1)

Se o conego Pinheiro tivesse lido a obra do franciscano teria encontrado o fundamento da supposta *hypothese* de Innocencio da Silva. A' pag. 347 do 1° vol. lê-se : « *Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão*, natural d'este logar, freguezia de Santo Amaro, districto do Recife de Pernambuco, é filho d'esta provincia, que n'ella professou a doze de dezembro de 1717 no Convento de Santo Antonio de Paraguaçú das partes da Bahia *em idade de vinte e dous annos*. Concluidos os estudos no Convento da Bahia, ficou continuando o ministerio da predica pelo decurso de trinta annos, sendo do intermeio d'estes, mestre de noviços no Convento de Iguaraçu, gardião duas vezes em differentes tempos no da cidade da Parahyba, secretario no Capitulo do provincial Fr. Manoel de Jesus Maria até a sua Congregação, e n'ella prelado local para o Convento de S. Antonio da villa do Recife, definidor no Capitulo de 1755 e n'este nomeado para chronista da provincia. Na sua primeira idade teve genio e agudeza para a poesia, especialmente a vulgar, de que viu alguns applausos no estado de secular, e no religioso nos primeiros annos, em que apresentou algumas obras na Academia dos Esquecidos da Bahia, assim em abono dos seus presidentes, como em desempenho de assumptos poeticos; mas d'esta suave applicação o divertiram de todo os estudos sagrados, especialmente o da predica, do qual trabalho e applicação tem saido á luz... » Segue-se uma lista das obras Fr. Jaboatão, publicadas e ineditas.

São sermões e obras mysticas. *A Chronica da Provincia* ou *Novo Orbe Seraphico* é indicada como ainda inedita. (2)

A grande obra de Frei Jaboatão distingue-se pela simpli-

(1) *Resumo de Historia Litteraria*, t. 2°. pag. 415.
(2) Vol. 1°. pag. 347 e segg.

cidade do estylo e por qualidades intrinsecas consideraveis. D'esta categoria são por certo grande numero de tradições, lendas e noticias locaes sobre varios pontos do Brasil. São tambem de grande valor o capitulo onde dá conta dos estudos feitos nos conventos franciscanos desde sua fundação até meiados do seculo XVIII e o capitulo em que faz a resenha das obras escriptas pelos religiosos da ordem.

São documentos importantissimos por onde se pode penetrar no estado de cultura das congreçãoes religiosas do Brasil nos tempos coloniaes e em geral no estado da instrucção popular.

Jaboatão é um chronista sem pretenções, sem charlatanerias, sem attitudes rhetoricas.

Sua leitura é insipida algumas vezes pela insignificancia dos assumptos ; mas em geral é facil e attrahente.

Não escapou a diversas inexactidões de factos ; mas a sua boa fé era completa. Era um frade credulo, supersticioso, ingenuo e instruido a seu modo.

Se não tem a simplicidade inimitavel de Cardim, não possue tambem as arrogancias pedantescas de Pitta.

De todo o livro pode-se escolher um fragmento, que, por suas verdades e ainda mais por seus erros, é um excellente documento do estado dos conhecimentos geographicos e historicos dos brasileiros, ha pouco mais de um seculo.

Refiro-me á descripção do rio brasileiro por excellencia o imponente São Francisco.

Vale a pena ouvir o frade chronista.

Ouçamol-o :

« O rio de S. Francisco assim chamado, porque sem duvida em o dia do seraphico patriarcha foi entrado a primeira vez pelos nossos portuguezes, é um dos tres maiores, que regam e repartem a terra do Brasil, o do Pará para o norte, o do Prata para o sul, fazendo o grande circulo, ou circumferencia, que já fica notada, na descripção de ambos, e este de S. Francisco, cortando-o pelo meio e quasi sempre do pôr ao nascer do sol, ou do meio-dia para o nascente. Muitas e grandes notabilidades, ou famosos encarecimentos, por lhes não dar o nome de fabulas gentilicas, escreveram os primeiros, que passearam estes paizes, e terras do Brasil, umas exaggeradas pelo gentio, sempre no seu modo e no que tocava a esta sua patria

admirativo, outras accrescentadas pelos relatores, como é phrase nos que escrevem cousas novas, para as fazer mais recommendaveis, encarecel-as. E' sem duvida, que para este rio ser um dos mui celebrados, não só do Brasil, mas de outras partes do mundo, não lhe eram necessarias ficções poeticas; porque nas suas proprias e naturaes particularidades tem bastante materia para ser notado. E deixando de repetir o que elles contam da sua espantosa cachoeira, que com o estrondo da sua quèda atrôa por mais de uma legua os seus visinhos montes e campos; amedronta as féras, espanta as aves, salpica ou borrifa com as suas aguas por uma grande distancia os seus contornos e prohibe aos homens a sua visinhança e indagação; deixando o que disseram do medonho sumidouro, por onde, qual outro Alpheo, entrando todas as suas correntes, depois de andarem doze leguas por baixo da terra, resussitam ou renascem outra vez todas; o que affirmaram da sua origem na famosa lagôa, que se fórma das vertentes, que correm das serranias do Chili, da qual escreveram nasciam tambem os dous gigantes das aguas, o Pará e o Prata; o que fabularam das chamadas Amazonas, que tambem queriam fossem habitadoras algumas das suas margens; como o intentaram persuadir de outras nas do Grão-Pará; o que finalmente queriam persuadir, para ostentação das grandes riquezas, que reconcentravam nas entranhas das suas terras e corriam pelas madres de suas ribeiras, e era dizerem que as nações de tapuyas, que por esse rio de S. Francisco habitavam, se compunham com laminas de puro ouro. Deixando tudo isto, como relações menos certas, e pouco averiguadas então, o que agora vamos a dizer, é o que o tempo e a experiencia dos que, ou por terra ou por elle acima tem andado, consta por verdade e informação, especialmente de alguns religiosos desta provincia, que na deligencia das esmolas dos seus sertões e Minas, o viram e pizaram quasi todo. Por uma barra de duas leguas em altura de 10 gràos e um quarto entra no mar, intrometendo-se por cinco e abrindo caminho pelas salgadas do oceano as suas doces e arrebatadas correntes, que em tanta distancia affirmam os navegantes as chegam a gostar, especialmente em as suas annuaes inundações. Dá entrada por esta bocca a embarcações commùas de caravélas e barcos e se navega até á sua primeira cachoeira, aonde chamam *Porto do Jacaré*, e houve nos annos passados armazem para a fabrica do salitre, que depois se desvaneceu. Desta primeira cachoeira até a segunda, que chamam de Paulo Affonso, corre o rio por distancia de algumas trinta leguas; é no meio desta o celebrado sumidouro. Deu motivo a este engano a pouca indagação dos que primeiro o descobriram;

porque vendo o rio nas suas enchentes fazer na entrada deste logar um como remanso, ou lago e esconder-se logo por entre serranias, que lhe ficam adiante, e não apparecerem as suas aguas, senão d'ahi a doze leguas, entenderam corria todo por debaixo da terra. Mas è certo, como se vê agora pelos que se chegam mais ao perto das suas margens, corre todo por um estreito, ou canal, que entre as serranias de uma e outra parte se fórma. E' sem duvida, affirmam os que melhor discorrem, não ser possivel caminharem todas as aguas do rio por este estreito canal, e que é provavel que por debaixo d'aquellas serranias, ou pederneiras, ha cavernas, sumidouros e veredas mais extensas, por onde façam a sua carreira muitas dellas. A terra, que corre por cima destas serranias, é toda a raza, a que chamam taboleiros e por elles fazem o seu caminho os que sobem para os sertões e Minas, ou descem por elle abaixo. O que mais se deve notar, e todos admiram, e viu o padre definidor Fr. Francisco da Conceição Trigueiros, descendo das Minas por este caminho, é que fazendo o rio seu curso por entre as pederneiras da parte de cima, como 100 braças, com pouca differença, antes de chegar ao supposto sumidouro das serranias debaixo, faz a terra neste meio uma baixa, como valle, ou campina, com a mesma largura pela circumferencia de cada uma das partes e pelo meio desta, por outro canal tambem estreito, que terá de duas até quatro braças, e affirmam alguns, que se não fôra o temor ou tremor, que causa aos que a elle querem chegar, e o mesmo dizem do outro canal, que corre entre as serranias do supposto sumidouro, se poderiam tomar os váos destes dous canaes com um bom salto. E fóra disto, que sem duvida causa espanto e admiração, a faz ainda mais notavel, aos que chegam ao alto, que desce para este do valle, é verem as aguas do rio ao sahir das serranias de cima, encaminhadas todas ao principio, logo que cahem dos altos, por este canal da varge, se não vem mais, até que chegam ao principio das serranias debaixo, aonde apparecem outra vez, quando se vão a encanar pelo estreito, que chamam sumidouro, sem se poder averiguar o como se escondem e correm por este canal da varge, tanta multidão de agoas, sem as poder distinguir os que ao descer para a varge e primeiro alto estão vendo entrar da parte de cima e sahir pela debaixo, ver-se o canal, e não apparecer o rio, e só quando vai cheio, então cobre todo este valle. Da segunda cachoeira grande de Paulo Affonso, algumas dez ou doze leguas adiante, está a terceira, tambem grande, chamada da Boa-Vista ; e por toda esta distancia, por mais de quarenta leguas, desde a primeira do Jacaré até esta, se não póde navegar o rio com embarcação alguma, por

correr sempre por entre serras, pedras e despenhadeiros. Da Boa-Vista para cima, por mais de sessenta leguas, até a ultima cachoeira grande, que chamam do Sobrado, ainda se acham outras de menos nota, por entre as quaes com bastante perigo e pilotos destros já se navega o rio nas commùas embarcações de canoas. Desta ultima cachoeira até a barra do rio das Velhas, que das Minas Geraes se vem metter, pela parte do norte, neste de S. Francisco, já se navega com toda a sorte de embarcações, por mais de duzentas leguas, por ser todo limpo, e não haver nelle mais cachoeiras e serranias, que embaracem. Da mesma sorte é navegavel e limpo por mais de cem leguas até ás margens, correspondentes ás terras da villa do Pitangui, que fica em distancia do rio para a parte do mesmo norte, viagem de seis dias. E' o Pitangui outro rio, que entra tambem como o das Velhas neste de S. Francisco, e ainda com mais aguas do que este, e chamam á sua barra o *Pará*. Desta á Pedra furada vão mais de cincoenta leguas. E' esta *Pedra furada* um grande e largo penedo ou penedia, que toma o rio de uma a outra margem, formando uma como abobada, por entre a qual passa todo o rio e as suas aguas. D'aqui corre ainda do mesmo modo o rio por mais de vinte leguas até o que chamam Brejaes, ainda hoje impenetraveis; porque além da sua extensão, assim em longitude como em largura, são uns como pantanos ou alagadiços, que se não podem romper e vadear, e destes é que nasce, e esta é a fonte e origem do fomoso e grande rio S. Francisco, que para ultima circumstancia de ser em tudo notavel, quando se vê sahir destes seus Brejaes, ou berço, já é grande, caudaloso e navegavel. *Estas são as imaginadas vertentes das serranias do Chili, das quaes queriam os primitivos andantes destes paizes fazer nascedouro a este rio*, ficando ellas tão distantes desta sua nascença, que os de S. Paulo, Minas Geraes, e Pitangui, que querem passar para as novas da Natividade e Tocantins, o fazem por caminho de mais de tres mezes de viagem, pelas cabeceiras d'este nascimento do rio e seus brejaes, correndo entre estes e a nova estrada muitas e vastas serranias, nas fraldas das quaes se formam aquelles profundos e intrincados bréjos para esta parte das cabeceiras do rio, *e do mesmo caminho para as do reino do Perú, que são as que correspondem á nascença d'este rio ainda se lhe mette em meio outro meio mundo de terra*. Nem este rio de S. Francisco, na fórma em que os novos mappas assentam estas porções de terra do Brasil e Indias Occidentaes, podia trazer o seu nascimento das aguas e lagos das serranias do Chili; *porque entre as terras d'este reino, que fica na costa da outra parte da America e Indias de Castella e a parte da costa do nosso Brasil, que lhe corres-*

ponde, fica a dilatada provincia do Paraguay, por meio da qual atravessa o Rio da Prata ; o qual da sua barra, que fica na costa do Brasil, léste a oéste com a costa do reino do Chili, deixando este, vai cortando para o norte, por meio de todo o Paraguay, nos confins do qual e já em correspondencia do reino do Perú, tem sua origem ; e assim era necessario, que para o rio de S. Francisco nascer das aguas das serranias do Chili, deixasse de correr do poente, ou virem d'ali as suas e nascessem ao sul e atravessassem toda a provincia do Paraguay e o mesmo Rio da Prata, para poderem por este caminho trazer as suas aguas a nascente das referidas serranias do reino do Chili. Nem tampouco deixou de ser engano affirmar, que os outros dois rios do Pará e Prata, nasciam, como o de S. Francisco, d'estas mesmas aguas das sobreditas serranias do reino do Chili. O de S. Francisco e o da Prata, não, como fica mostrado ; e o do Pará muito menos ; *porque este, tendo a sua barra debaixo da linha, vai cortando a terra ao Oéste e buscando para nascer o centro da terra, que corresponde, ainda que em distancia grande, as do reino do Perú,* e para chegar a este, trazendo a nascença d'aquellas serranias do Chili, devia vir tocando do sul para o norte, atravessar tambem quasi todo o Paraguay e Rio da Prata, para buscar o centro da terra correspondente ás do Perú, como fica dito ; aonde se vêm hoje as suas vertentes pelos que as penetram e o mostram as taboas dos novos mappas. Conforme as assignaladas distancias de leguas, que deixamos medido, vem a ter o rio S. Francisco, com esta ou aquella differença, algumas quinhentas leguas de curso, sempre a terra, como o experimentam os que por elle acima navegam, do nascente para o meio-dia ou poente, com alguma pouca inclinação para o norte ; porque estes, que por elle acima sóbem, levam o sol, quasi sempre o peito esquerdo ao poente. São muitas e varias as correntes e rios que n'este de S. Francisco entram, e quasi todos da parte do norte e Pernambuco ; da parte da Bahia e sul são mui poucos e de nome só o que chamam das Velhas, o qual vindo da mesma parte do sul, atravessa as Minas-Geraes, caudaloso e navegavel, e n'estas entra no de S. Francisco, fazendo a sua barra com o mesmo nome do *Rio das Velhas*. Da parte do norte e Pernambuco, além dos muitos de menos nota, entram n'elle o que chamam *Pracatú*, das Minas-Novas do proprio nome e o do *Pajahú*, tambem abundante de aguas, que entra n'este de S. Francisco, junto á cachoeira da Bôa-Vista ; o rio que chamam Corrente, junto ao Santuario da Lapa ; e tambem entra n'elle o chamado Rio-Grande do Sul de Pernambuco, o qual na barra, que faz ao entrar n'este de S. Francisco, tem hoje a nova villa com o titulo

do mesmo Santo Patriarcha, uma das maiores e de mais concurso de povo e commercio, que se acham pelos sertões d'aquella ribeira.

A maior notabilidade das agoas, deste rio é a das suas enchentes fóra do tempo commum das invernadas ; porque nestas mostra que se não sastifaz com as que lhe communica o céo e participa dos mais rios que nelle entrão, pois, por muitas que sejão as de fóra, sempre se deixa ficar recluso nas suas margens, menos nas que são razas e espraiadas. As suas enchentes são pelo verão, umas commuas, que sempre excedem as que elle tem pelos invernos, mas não sahe com estas de todo fóra da mãe como dizem os naturaes. Alem destas cummuas do verão, tem algumas de tempos a tempos, notavelmente excessivas e damnozas, a que chamam diluvio grande. Este o lança fóra das suas balizas nas partes mais altas e nas baixas e razas o faz espraiar quatro e cinco legoas, e em outras mais, alagando campos, valles e ilhas e ás vezes com tanto impeto, violencia e pressa, que, não dando lugar a se retirarem os gados e animaes, que ha pelas fazendas das ilhas, tudo se affóga e perece, e não só os animaes de criação, mas até os bravios como onças, tigres, veados, e até as mesmas cobras, e tudo o que habita e vive pelas suas ilhas e ribeiras, ou se acolhe a ellas pelo verão, tudo acaba.

Os primitivos habitadores das suas margens prezumiam, e muitos ainda depois d'elles, que estas inundaçoens do rio erão proprias suas que por vir de mui longe, e de clima differente das suas nascenças, trazia delle estas agoas fóra do tempo, que as há no Brasil, e nestas partes por onde corre o rio para a costa do mar. Mas o certo é, como o vêem todos os que vão, e habitam as Minas-Geraes, que este diluvio de agoas entra no de S. Francisco, *e lhe sobrevem pelo Rio das Velhas, que atravessa as mesmas Minas, vindo das partes das Indias de Castella, e provincia do Paraguay.* Occorrem estas enchentes pelo verão no mez de setembro e seguintes, e muitas vezes tem variado e chegam abaixo pelo inverno, e entaõ se ajuntam com as que descem pelo Rio das Velhas ás do mesmo rio de S. Francisco, que vem dali para cima das suas vertentes, e para baixo se lhe ajuntam as dos mais rios, que nelle entram, e são por estas occurrencias mais damnozas as suas inundações. » (1)

Nestas curiosas paginas o rio de São Francisco apparece já descripto quasi exactamente como é na realidade. O chronista julga-se ainda na obrigação de provar não ser a origem do rio nas montanhas do *Reino do Chili...* Isto

(1) Jaboatão, 1º vol. pag. 380 e segg.

não o impede de attribuir-lhe por sua vez uma nascença inexacta. O mais interessante é a origem assignalada ao rio das Velhas, *que attravessa as Minas vindo das partes das Indias de Castella e provincia do Paraguay!*

Em sua deliciosa ingenuidade o *Novo Orbe Seraphico* é quasi sempre de uma leitura agradavel e compensadora. Jaboatão é a imagem mais perfeita do classico brasileiro, cujo estylo, sem ter ainda inteira independencia da prosa especifica dos portuguezes, já se lhe distingue bastante e já apresenta fórmas e meneios proprios.

Julgo-o superior a Pitta e a Pizarro.

PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME inaugourou entre nós as nobiliarchias e memorias de familia. Era paulista; nascido nos primeiros annos do seculo XVIII, falleceu em 1777 (1).

Tinha mais pratica dos documentos ineditos e authenticos do que seu contemporaneo Jaboatão.

Do annalista de S. Paulo restam uma pequena *Historia da capitania de S. Vicente desde a sua fundação em* 1531 e a *Nobiliarchia paulistana ou Genealogia des principaes familias de S. Paulo* (2).

A' primeira vista insignificantes estes trabalhos para quem especialmente n'elles procura idéas geraes e intuições philosophicas, são entretanto o irrecusavel testemunho da feição especial tomada no seculo XVIII pelos estudos historicos entre nós. Mostrar essa transformação é aqui o principal.

A historia da litteratura brasileira poderia ser feita em tom mais systematico do que o d'esta. Indicadas as condições ethnicas, apontado o sentido da evolução geral, descriptos os typos representativos das tendencias nacionaes, estaria completa a historia. Seria, porém, uma synthese em grande parte abstracta, com feições theorematicas, onde não se senteria viva e estuante a emoção dos talentos nem a indole irre-

(1) Cf. *Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos, e noticiosos da provincia de S. Paulo*, por Manoel Eufrasio de Azevedo Marques.

(2) Estes escriptos encontram-se na *Revista do Instituto Historico*. O primeiro no tomo IX em 1847; e o segundo começou no tomo XXXII em 1869.

quieta da alma popular. N'uma historia assim emprehendida e realisada, Pedro Taques com as suas longas genealogias pouco teria que vêr.

No mundo da realidade, porém, quando se procura a vida do povo, não em formulas, mas em factos positivos, o paulistano é talvez o mais significativo de nossos chronistas.

Que era antes d'elle a historia nacional? A enumeração dos reis da metropole e dos governadores da colonia, a biographia dos missionarios, a chronica das ordens monasticas.

Era uma historia exterior, decorativa e insignificante na sua pretenciosidade espectaculosa. Passava-se na rua, ao ar livre, é certo; porém mettida n'um palanque ou n'um coreto; não era no chão das praças no meio da onda popular.

A historia era tambem um genero de importação, vinha enfardada da metropole como a pimenta, a cebola e os queijos do *reino*...

Taques tirou-a do palanque, arrancou-lhe as capas, jogou-a na rua com a introducção de um novo elemento — o povo. Não era ainda o povo brasileiro em sua totalidade, era elle escolhido, representado, *nobiliarchisado* em suas principaes familias; mas era elle. O alcance é immenso.

Era a historia indigena, a historia com os elementos de cá, architectada com os nossos feitos e pela mão dos nossos homens. Não era mais uma historia da *America Portugueza*, boquiaberta diante dos governadores e vice-reis e recheiada de elogios aos monarchas da mãi-patria; era antes a descripção de um troço de *bandeirantes* a internarem-se pelos sertões de Goyaz.

Só em São Paulo se poderia effectuar uma tal transformação. Este é o valor de Pedro Taques e é o seu titulo de gloria. Nem essa evolução se fez de um salto; a lei do desenvolvimento que rege o universo tem as suas mais bellas applicações justamente nos productos do espirito humano.

Toda conquista da intelligencia é apenas um dos termos de uma serie indefinida, um corollario, um producto, ás vezes inconsciente, de forças que harmonicamente se desenrollam. A litteratura brasileira em sua pobreza não des-

mente a lei geral. Como se deu a evolução entre nós na poesia, na historia, na sciencia ?

Na poesia começamos por trechos descriptivos, passamos á satyra e mais tarde a um lyrismo mais variado e de indole mais subjectiva. A epopéa faltou-nos e faltar-nos-ha sempre. O *Uruguay*, o nosso melhor producto no genero, é um trecho lyrico em essencia com pretenções a poema. No theatro principiamos pelos autos religiosos na epoca de Anchieta; seguiu-se um grande periodo de mutismo até o seculo XIX, passando pelo momento episodico de Antonio José, que se desenvolveu na metropole. A phase dos autos foi meramente artificial e negativa, um recurso de predica nada mais. Seguiram-se duzentos annos de elaboração nacional; não havia povo e não poderia existir o theatro. Na phase romantica houve uma forte acção n'esse sentido cedo esvaecida; ficamos finalmente entregues á pura e exclusiva apreciação da litteratura dramatica estrangeira.

No romance o povo começou por apreciar os contos anonymos e as novellas de cordel, tudo importado com os colonisadores. Tivemos na especie uma producção original, o *Peregrino da America*. Só no seculo XIX esse genero novo, mesmo na Europa, chegou a ser produzido no paiz.

Nas artes tivemos sempre a musica de caracter lyrico, ligeiro, fugitivo e ameno, musica da rua, do povo, a par de uma outra mais grave e recatada, a musica de igreja.

E' uma vegetação ampla e variada, anonyma por assim dizer, similhante á poesia popular. Com o romantismo exprimiu-se ella pela alma de José Mauricio, que foi um precursor de Mesquita, Gurjão, Carlos Gomes e vinte outros.

Na pintura passamos do estylo religioso e meio convencional dos mestres do seculo XVIII para a maneira mais livre e ideialista dos mestres actuaes.

Nas sciencias principiamos pelas sciencias que Bain chama descriptivas, mineralogia, botanica, zoologia, e tambem dissemos algumas palavras em ethnographia, a dactar do mesmo seculo XVIII. Ainda hoje continuamos n'este terreno com um pouco mais de audacias e um pouco menos de perseverança.

E na historia? Foi o genero que não nos faltou jamais desde o dia da chegada de Cabral até hoje. Temos a pleiada portugueza e a brasileira; ambas se suppõem e se completam.

E o seculo XVI é um dos mais ricos em escriptos da especie. Cartas, annuas, relatorios, diarios, narrativas, biographias, descripções do paiz se encontram no primeiro seculo. Não se pode dizer por onde se começara. E' um erro asseverar que principiámos por descripções chorographicas e passámos ás biographias; é um erro dar a Gabriel Soares e a Cardim exclusivamente aquelle primeiro caracter, e mostral-os como anteriores a Anchieta. A verdade é que foram contemporaneos todos e Anchieta escreveu em ambos os generos. Comprehende-se que as primeiras participações enviadas do Brasil para Portugal deveriam ser de caracter puramente chorographico. Então não havia historia. Mas este periodo foi extremamente curto: trinta ou quarenta annos apenas. Depois de estabelecidas as capitanias, de erecto um governo regular na Bahia, de fundados os collegios dos jesuitas, a simples chorographia teve de ceder passagem ás narrativas historicas. Em Cardim e Gabriel Soares já a historia apparece ao lado da chorographia, como em Anchieta apparecem juntas as biographias, a historia e as descripções do paiz.

Após o primitivo periodo de um vasto syncretismo historico em que os diversos generos se confundiram, passamos, com Vicente do Salvador, Simão de Vasconcellos, Ravasco, Borges da Fonseca, Jaboatão, Pedro Taques, e outros, ao momento tambem complexo das memorias, das chronicas, das nobiliarchias, das historias parciaes de capitanias, de ordens monasticas, etc. Finalmente appareceram as historias mais ou menos geraes; e a chorographia surgiu de novo. O seculo de Ayres de Casal é tambem o seculo de Varnhagen.

São, pois, tres grandes periodos: as primeiras narrativas biographico-historico-chorographicas, das quaes são Anchieta e Gabriel Soares os principaes representantes; as chronicas e memorias e nobiliarchias de que Jaboatão e Taques têm o segredo; finalmente, os annaes, as historias, particu-

lares ou geraes, onde Balthazar Lisboa e Varnhagen se desenvolveram.

Capistrano de Abreu assignalou cinco periodos á nossa historiographia : as descripções chorographicas com Gandavo, Cardim e Gabriel Soraes á frente ; as biographias iniciadas por José de Anchieta e proseguidas por Pedro Rodrigues e Simão de Vasconcellos ; as chronicas monasticas com alguns jesuitas, Vicente do Salvador e Jaboatão ; as chronicas de capitanias e as nobiliarchias com Ravasco, Borges da Fonseca e Pedro Taques ; finalmente, a historia geral no seculo XIX. Eta classificação morphologica da historia entre nós é inexacta por mais de uma face. O primeiro e o segundo membros constituem uma phase unica ; o terceiro e o quarto reduzem-se tambem a um só periodo. Ha excesso de divisão.

Voltando a Pedro Taques, insisto n'um dos seus principaes distinctivos : a vasta leitura, a erudição pratica, o conhecimento positivo dos documentos historicos. Elle não teve a mania de copiar dos antecessores, molestia commum aos historiadores brasileiros antigos e modernos. Taques manuseou os archivos e cartorios ; era da familia dos benedictinos europeos.

Fiel ao meu methodo de dar a lêr de cada auctor um trecho typico, offereço de Taques o pedaço em que dá conta da fundação do Rio de Janeiro.

E' este :

« A cidade do Rio de Janeiro está em altura de vinte e tres gráos, e ainda antes de ser fundada em janeiro de 1567 por Mem de Sá, terceiro governador geral do estado do Brasil, os capitães móres governadores da capitania de S. Vicente concederam terras de sesmaria aos que quizeram povoar o dito Rio de Janeiro, que então só era habitado dos barbaros indios Tamoyos : assim se vê no cartorio da provedoria da fazenda de S. Paulo, nos livros de sesmarias tit. 1562 até 1580, nas pags. 29 v., 32, 35, 37, 39, 49 e 74 v. : no livro tit. 1602, até 1617, pag. 50 : no livro tit. 1622 até 1623, nas pag. 1, 22, e 23 : no livro tit. 1633 até 1638, nas pags. 12 e 13 v., 15, 16, 17, 20, 65 e 78 : no livro tit. 1638 até 1642, pag. 52, 55 v. Todas estas sesmarias provam que o Rio de Janeiro é da doação de Martim Affonso de Souza, por se achar dentro das leguas de sua demarcação. E' bem verdade que esta citade não foi fundata em nome do donatorio Martim

Affonso de Souza, mas sim no de el-rei D. Sebastião, em cujo reinado a conquistou Mem de Sá, quando segunda vez sahiu da Bahia contra o poder de Nicoláo Villegaignon, natural do reino de França, cavalleiro do habito de S. João do Hospital, bellicoso por natureza e por religião, que vagando com alguns navios armados á sua custa, buscava presas para saciar a cubiça: surgiu em Cabo Frio em 1554, onde introduzido com industria ou affabilidade achou nos gentios habitadores d'aquelle porto boa correspondencia e agrado. Soube que os Tamoyos da enseada do Rio de Janeiro e sua costa estavam em rija e porfiada guerra contra os portuguezes da capitania da villa de S. Vicente, e voltou para França com os seus navios carregados de páo brasil (droga importantissima entre as nações da Europa), que bastaria a recompensar-lhe as despezas da viagem. Prevenido com forças competentes voltou, e entrou na enseada do Rio de Janeiro com igual fortuna, promettendo aos Tamoyos defendel-os das armas dos moradores da capitania de S. Vicente: foram ouvidas do gentio as suas promessas, e recebido por elles com firme alliança, fortificou-se na mesma ilha que ficou tomando o nome de Villegaignon, que a pronunciação portugueza corrompeu pelo decurso do tempo em Vergalhão. Havia já quatro annos que estava na posse d'aquella porção de terra, dominando aquelles mares na confederação dos naturaes, menos barbaros com o seu trato, posto que mais indomitos que todos os indios do Brasil. Não podendo Mem de Sá reprimir o valor, nem perdoar a injuria que recebia a nação portugueza na dissimulação de uma offensa que já tocava mais na honra que no interesse da monarchia, determinou sahir contra os francezes e Tamoyos do Rio de Janeiro, e tendo mandado pedir soccorro de gente armada em canoas de guerra á capitania de S. Vicente, sahiu da Bahia no anno de 1560, e esperando de mar fóra os soccorros de S. Vicente, Santos e S. Paulo, tendo chegado as canoas de guerras com o general d'ellas Leodoro Ebano Pereira, entrou pela barra dentro; e começando a bater a fortaleza da ilha de Villegaignon (n'este tempo ausente em França), que estava natural e militarmente fortificada e defendida pelos francezes e Tamoyos, apezar de toda a resistencia foi ganhada por assalto, tendo sido de antes em tres successivos batida incessantemente da nossa artilheria, que não conseguiu effeito consideravel: os francezes nos seus bateis e os Tamoyos nas suas canôas, se salvaram penetrando o continente d'aquelle sertão. Destruida a fortaleza, e recolhida a sua artilheria, armas e munições ás nossas náos, sahiu a armada para a villa de S. Vicente, onde foi recebido o governador geral Mem de Sá, em triumpho, os soldados e mais pessoas

d'aquella expedição com muitos applausos. D'esta villa deu conta do successo o governador Mem de Sá em carta de 17 de junho do mesmo anno de 1560, á rainha D. Catharina, que governa o reino pela menor idade de seu neto el-rei D. Sebastião. Segunda vez tornou o mesmo governador geral Mem de Sá, sobre o Rio de Janeiro, tendo mandado a armada a cargo de seu sobrinho o capitão mór Estacio de Sá, que veiu com ella a S. Vicente para engrossar com o soccorro das canoas e soldados das villas de Santos e S. Paulo de Piratininga, onde se achou em pessoa o dito capitão mór Estacio de Sá e fez recrutas de famosos soldados, e provimento abudante de mantimentos e viveres, que recolheu para a armada surta no porto de Santos, de d'onde sahiu para a conquista do Rio de Janeiro, e chegou em principios de março de 1565, em que se deu o primeiro assalto ao inimigo: pelejou-se por uma e outra parte com força e valor, e parou o estrondo da multidão dos barbaros com perda nossa de um só soldado natural de Piratininga, ao qual ataram a um tronco onde perdeu a vida feito alvo de setfas. Foi continuando a guerra com varios assaltos e encontros dos inimigos, já mais poderosos com o soccorro de tres náos de francezes e bem artilhadas; porém faltando na Bahia as noticias ao governador Mem de Sá, sahiu em pessoa, e chegou a 18 de janeiro de 1567, trazendo comsigo ao Exm. bispo D. Pedro Leitão, e aos padres jesuitas Ignacio de Azevedo, Luiz da Grãa, provincial, e José de Anchieta, como escreve o padre mestre Simão de Vasconcellos na *Chronica da Companhia*, livro III. No proprio dia do invicto martyr S. Sebastião, do mesmo anno de 1567, foi atacada com ardor portuguez a resistencia que mostravam os inimigos francezes e Tamoyos; a sua disciplina aprendida com os francezes, e já de alguns annos praticada, fazia tão difficil o seu rendimento como constante a nossa porfia. Emfim ganhamos aos inimigos todas as suas forças, e estancias, deixando mortos innumeraveis gentios e muitos francezes e os que tomamos vivos foram pendurados para exemplo e terror. Em contemplação do santo martyr protector d'esta guerra e do rei, fundou-se a cidade com o nome de S. Sebastião, e o governador-geral Mem de Sá concedeu terras para rocio da cidade e patrimonio da camara no dia 16 de agosto de 1567, estando ainda no Rio de Janeiro, confirmando n'este despacho a data de legua e meia de rocio que em 16 de julho de 1565 havia concedido ao capitão-mór Estacio de Sá, o qual, acompanhado dos moradores e povoadores, foi ao lugar chamado Carioca, que era o termo da cidade, e fez dar posse d'esta legua e meia de rocio no dia 24 de julho de 1565 ao procurador da dita cidade João Proze sendo meirinho d'este acto Antonio Martins, por não haver

ainda n'este tempo tabellião que escrevesse o auto d'esta posse; e concedeu mais para termo da cidade seis leguas de terra em quadro: o que tudo fez o dito governador-geral Mem de Sá, por virtude de um capitulo do regimento que el-rei havia dado para se concederem as terras de sesmaria na Bahia, e pelo mesmo concedeu tambem terras a varias pessoas que quizeram ficar povoando a dita cidade. A' villa de S. Vicente se recolheu com a sua armada o governador Mem de Sá, e agradeceu aos moradores d'ella o muito que tinham obrado na expedição da guerra e conquista do Rio de Janeiro, e fornecido do necessario se recolheu para a Bahia no mesmo anno de 1567, acompanhado do Exm. bispo e do visitador-geral o padre Ignacio de Azevedo. » (1)

E' a conquista e a fundação do Rio de Janeiro. Ninguem as narrou tão por miudo em seus traços capitaes como Taques.

O historiador reivindicou para S. Paulo as melhores glorias do feito; a terra mesma onde foi edificada a capital fluminense é um pedaço da velha capitania de S. Vicente.

Pedro Taques tinha em alta escala o sentimento provinciano; antes de tudo era paulista.

Na vida brasileira em geral, litteraria e politicamente, deve-se assignalar a cada uma das provincias ou Estados o seu quinhão de trabalhos e glorias. A acção litteraria nem sempre tem sido igual á acção politica. A Bahia nos primeiros duzentos e cincoenta annos empunhou o sceptro n'uma e n'outra esphera.

Minas na Inconfidencia teve um momento de predominio intellectual. S. Paulo, tão notavelmente dotado pela face economica e politica, tão fortemente impulsivo na phase heroica dos Bandeirantes, não foi nos tempos coloniaes um grande centro de cultura, um fóco brilhante nas letras. Nos ultimos annos possuiu algumas geracões academicas de valor.

O mesmo se póde dizer de Pernambuco. Incontestavelmente o *primus inter pares* em nossa historia pela lucta significativa contra os hollandezes, a terra de Henrique Dias

(1) *Revista do Instituto*, tomo IX, 2ª edição, pag. 319 e seguintes.

não tem sido igualmente favorecida na sciencia e na litteratura.

Passou por um momento de grande iniciativa nos decennios de 1863 a 83, e isto acha-se agora sensivelmente reduzido.

O Maranhão, de tão alta importancia politica no periodo colonial, só no seculo XIX teve o seu instante de espansão espiritual.

O Rio de Janeiro, como provincia, e hoje Estado, como região determinada e influente, é e foi sempre de acção meramente negativa na politica e nas letras.

A acção collectiva de outras populações do paiz determina-se e define-se por si mesma. Bem myope será quem nos quatro seculos de nossa historia não descortinar o rastro deixado por bahianos, paulistas, pernambucanos, riograndenses do sul, mineiros, etc.

As gentes da provincia do Rio de Janeiro, indifferentes, pacatas, despidas de iniciativa, não tiveram nunca o seu dia em nossas luctas.

Apenas nos annos do imperio cercaram-se de escravos, produziram silenciosamente o café e forneceram á monarchia o melhor e o mais ingente das suas forças, os mais definidos dos seus chefes e directores.

O Rio de Janeiro, como cidade, como capital, possuiu sempre acção muito mais intensa e significativa. Não é mister vasculejar a memoria para proval-o. Desde o tempo dos ultimos vice-reis a cousa patenteou-se aos olhos de todos.

Uma circumstancia, porém, não deve ficar esquecida e vem a ser — a do predominio dos provincianos entre as figuras mais proeminentes nas lettras, nas artes e na politica no Rio de Janeiro. Silva Alvarenga, no tempo do conde de Rezende; Silva Lisboa, com João VI; José Bonifacio, Pedra Branca, Feijó, Alves Branco, Olinda, Bernardo de Vasconcellos, Maciel Monteiro, Odorico Mendes, com Pedro I e a Regencia; Paraná, Porto-Alegre, Paranhos, Alencar, Carlos Gomes, Victor Meirelles, Zacarias, Nabuco, Colegipe, Pedro Americo e outros muitos com Pedro II.

Ainda mais: quaesquer que sejam as circumstancias que tenham contribuido para um tal resultado, e estas circum-

stancias não são de difficil determinação, o Rio de Janeiro é para o Brasil um ponto central absorvente em todos os ramos da vida nacional.

Não é uma acção como a de Athenas na Grecia ou a de Roma na antiga Italia, a saber, uma nobre influencia exercida por um grande centro, onde naturalmente se fazia a suprema selecção do espirito do povo, sem que para isto se tivessem de apagar outros fócos de energia e cultura.

A acção do Rio de Janeiro tem sido asphixiante e negativa, tem sido sempre feita á custa da vida, da autonomia dos outros pontos cultos do paiz; tem sido a paga dolorosa e ingratissima da decadencia pasmosa de todo o norte e centro do Brasil. S. Sâlvador, S. Luiz, Recife e outras são a sombra do que já foram. Belém e S. Paulo, por um excesso immenso de seiva e de recursos naturaes das zonas em que repousam, têm podido escapar pela face material apenas.

Intellectualmente não offecerem estrada larga e desassombrada a seus filhos. E não é só a carreira intellectual que foi expellida das provincias; politica, economica e socialmente o provinciano acha-se quasi tolhido, mesmo depois da Republica.

Uma grande capital, até certo ponto absorvente, só é naturalmente justificavel quando é essencialmente productiva; quando n'um povo dado ella exerce funcções especiaes e elevadissimas, indispensaveis á vida da nação, e que não seriam produzidas em qualquer outra parte; quando, em uma palavra, é a verdadeira capital intellectual de um paiz.

Para tanto é essencial que ali esteja mais nitidamente do que em qualquer outro ponto representado o caracter, o espirito da nação. E' o que não acontece no Rio de Janeiro. E um só facto bastaria para proval-o de modo inconcusso sem o auxilio de outras considerações.

Em qualquer paiz antigo ou moderno, onde houve o phenomeno dos grandes centros de vida publica, estes exerciam a dupla funcção de desenvolver até o mais alto gráu as nobres faculdades dos homens de genio e de consagrar definitivamente a fama, a gloria que lhes era devida. Era por isso

que os mais notaveis talentos gregos iam a Athenas, e os allemães vão a Berlin ou a Vienna.

No Brasil nunca se deu isto assim. Ao Rio de Janeiro ninguem veio jámais aprender; um poeta, um artista, um critico, um escriptor nada aqui tem a aproveitar. O espirito geral é o mais futil; a cidade tem ares de uma feitoria estrangeira onde tudo é provisorio, onde todos tratam de ganhar a sua vida em constante desconfiança mutua. O provinciano jámais veio aqui para desenvolver o seu talento ou á procura da gloria; veio pedir *emprego*, tratando para isto de esvasiar a cabeça das idéias que possuia e de encher as algibeiras de *cartas de empenho*. E' o caso e quem pudér que o conteste.

Como quer que seja, e em todo caso, esse cortezanismo, esse parizismo nullificante é contrario ao desenvolvimento autonomico das provincias, e é opposto ao espirito bairrista de Pedro Taques. Para este, ainda que o não tivésse dito expressamente, o Brasil deveria ser uma especie de federação onde collaborassem as grandes regiões naturaes do paiz; e onde S. Paulo fizesse proeminente figura.

Taques tinha rasão e é este um titulo mais para ser apreciado. Tal me parece ser a indole geral de seu espirito. A leitura de suas duas obras fornece, alem d'isso, conhecimentos de detalhe altamente preciosos.

Inferior bastante ao genealogista paulistano é o seu patricio FR. GASPAR DA MADRE DE DEUS. Mais moço do que elle, falleceu vinte e tres annos depois em 1800 (1) Professou na ordem de S. Bento.

Este escriptor offerece uma questão bibliographica séria, que não tem sido agitada, e menos resolvida pelos especialistas. Os mais antigos noticiaristas que falam de Frei Gaspar dão-no como auctor de uma só obra, as *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*. Alguns modernos o apresentam como tendo escripto nada menos de quatro livros: —*Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente hoje*

(1) Cf. Azevedo Marques.—*Apontamentos Historicos*, etc. B. F. Ramiz Galvão.—*Apontamentos sobre a ordem benedictina no Brasil*. R. I. XXXV, 1872.

chamada de S. Paulo do Estado do Brasil;— Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil e das entradas das Religiões e suas fundações; Memorias sobre S. Vicente; e, finalmente, *Historia das Minas de S. Paulo e da expulsão dos jesuitas.*

D'estes trabalhos sómente os dois primeiros são authenticos. As *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente* appareceram em Lisbôa ainda em vida do auctor em 1797 na imprensa da Academia.

D'ellas tirou-se uma edição brasileira no Rio de Janeiro em 1847 na Typ. de Agostinho de Freitas Guimarães & C. E' uma obra de pouco tomo, contendo dois livros. Existe em manuscripto um terceiro na Bibliotheca Nacional; é a genuina continuação das *Memorias ;* é um codice authentico em letra do seculo XVIII.

A *Noticia dos annos em que se descobriu o Brasil* era manuscripto veridico offerecido ao Instituto Historico e publicado em sua Revista em o n. de 8 de janeiro 1841, tomo 2° da collecção geral. E' um pequeno escripto de não mui avultado prestimo.

As taes outras *Memorias* ou pretendita *Continuação das Memorias* não são de Fr. Gaspar. Originou-se a crença de o serem; porque, como taes, foram publicadas na Revista do Instituto pelo brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar. (1) E' uma cousa informe, sem ordem, nem valor, contendo paginas e paginas tiradas da *Historia de S. Vicente*, de Taques.

Ora, a verdadeira continuação da obra do benedictino acha-se, como disse, na Bibliotheca Nacional, e o illustre frade era bastante serio e assaz autorisado por pesquizas e indagações proprias para plagiar descaramente de seu contemporaneo pouco antes fallecido.

Tudo leva a crêr que o brigadeiro Tobias, homem incompetente, agarrou velhos papeis em S. Paulo, e entre elles algumas paginas de Taques, e enviou-os o Instituto, que os publicou sem mais exame.

Quanto á *Historia das Minas de S. Paulo*, manuscripto

(1) No 4° trimestre de 1861.

que foi parar ás mãos do visconde de S. Leopoldo, parece haver ahi tambem engano. Não vi o manuscripto; mas póde bem ser elle a mesma ***Historia das Minas*** de Pedro Taques.

Este escriptor deixou todas as suas obras ineditas em diversas cópias. D'ahi inevitavel tendencia para confundil-as com as de fr. Gaspar. Foram ambos paulistas, foram contemporaneos e occuparam-se ambos com a historia de sua terra.

Mas os dois trabalhos authenticos do frade escriptor distinguem-se bem dos productos de seu rival.

Frei Gaspar tem mais certo amaneirado litterario no estylo.

Taques é mais desalinhado e natural. Ambos fizeram indagações originaes, porém o genealogista conhecia melhor o seu assumpto.

Sob o ponto de vista ethnologico, base fundamental de nossa historia, um e outro são brancos radicalmente abrasi leirados pela hereditariedade de dois seculos de vida nacional, passada no paiz por seus avós.

Um e outro descendiam de velhas e primitivas familias portuguezas estabelecidas, desde os primeiros annos da descoberta, em S. Paulo. Foram brasileiros de boa seiva, indigenas pela indole do espirito e pelo amor profundo ao nosso paiz. Uma idéa do estylo de fr. Gaspar, vamos têl-a pela leitura do episodio de Amador Bueno.

O facto é typico. A velha ogeriza de portuguezes e hespanhoes na Europa estende-se e continúa n'America. Nossos males, soffremol-os em casa, e allianças ou uniões com hespanhoes de cá, regeitamol-as horrorisados. Eis o trecho do velho chronista:

« Chegando a S. Paulo a noticia de que Luiz Dias Leme havia acclamado rei na villa capital de S. Vicente ao serenissimo senhor duque de Bragança com o nome de D. João IV, por ordem e recommendação que para isso me dirigira em carta particular D. Jorge Mascarenhas, marquez de Montalvão e vice-rei do Brasil; foi esta inesperada novidade um golpe sensibilissimo aos hespanhoes, que se achavam estabelecidos e casados na dita villa de S. Paulo, para

onde tinham concorrido não só da Europa, mas tambem das Indias Occidentaes. Elles desejavam conservar as povoações de serra acima na obediencia de Castella; e não se atrevendo a manifestar seu intento por conhecerem que seriam victimas sacrificadas á colera dos paulistas, se lhes aconselhassem que permanecessem debaixo do aborrecido jugo hespanhol, resolveram entre si usar de artificio, esperando conseguir por meio da industria o que não haviam de alcançar, se fossem penetrados os seus designios.

Tinham por certo que a capitania de S. Vicente e quasi todo o sertão brasileiro, antes de muitos annos, tornariam a unir-se ás Indias de Hespanha, ou pela força das armas ou pela industria, se os paulistas cahissem no desaccordo de se desmembrarem de Portugal, erigindo um governo separado, qualquer que elle fosse, supposta a communicação que havia por diversos rios entre as villas de serra acima e as provincias do Prata e Paraguay. Com estas vistas, fingindo-se penetrados do amor do paiz onde estavam naturalisados, e do zelo do bem commum, propuzeram aos seus amigos, parentes, alliados e a outros, um meio, que lhes pareceu mais seguro para conseguirem os seus intentos: tal era o de elegerem um rei paulista; e ao mesmo tempo apontaram, como o mais digno da corôa, a Amador Bueno de Ribeira, em cuja pessoa, para não ser rejeitado pelos seus patricios, concorriam as circumstancias de ser de qualificada nobreza, e de muito respeito e autoridade pelos empregos publicos que havia occupado e ainda exercia, pela sua grande opulencia, pela roda de parentes e amigos e pelas allianças de seus nove filhos e filhas; duas das quaes estavam casadas com dois irmãos, fidalgos hespanhoes, D. João Matheus Rendon e D. Francisco Rendon de Quevedo, que tinham passado ao Brasil em 1625 militando na armada hespanhola destinada para a restauração da Bahia. Mas os hespanhoes em designarem a Amador Bueno de Ribeira se lisongeavam, que por ser filho de Bartholomeu Bueno de Ribeira, natural de Sevilha, produziria n'elle maior effeito o sangue de seus avós paternos, para vir a declarar-se vassallo de Hespanha, do que o herdado dos seus ascendentes maternos da nobre familia dos Pires, e o ter nascido em uma provincia portugueza, para haver de seguir o legitimo partido das outras do Brasil, reino e conquistas.

Valeram-se os hespanhoes de todos os argumentos possiveis para persuadirem aos paulistas e europeos pouco instruidos, que sem encargo de suas consciencias, nem faltarem á obrigação de honrados e fieis vassalos, podiam não reconhecer por soberano a um principe, a quem ainda não haviam jurado obediencia. Fomentavam ao mesmo tempo a vaidade dos ouvintes, exagerando o merecimento

dos paulistas e europeos principaes, e dizendo que as suas qualidades pessoaes e nobreza hereditaria os habilitavam para outros maiores imperios. Para os livrarem de temores lembraram os milhares de indios seus administrados e escravos, com que podiam levantar exercitos formidaveis de muitos mil combatentes, e a situação de S. Paulo, summamente defensavel e tão vantajosa n'esse tempo, que por haver para os portos do mar tão sómente a estrada de Paranapiacaba de qualidade muito má, bastaria lançarem-se pedras pela serra abaixo, para se retirarem derrotados os expugnadores.

Eram sinceros os moradores de S. Paulo, e ainda que fieis, bem poucos entre elles teriam a instrucção necessaria para conhecerem o direito incontestavel da serenissima casa de Bragança ao sceptro, e para perceberem os laços e as funestas desgraças em que aquellas machinações os iam precipitar. Além d'isso a plebe em toda parte é facil de mover-se, e de arrojar-se a excessos. Os hespanhoes conseguiram seduzil-a, e ajuntar um grande numero de pessoas de todas as classes, que, acclamando unanimemente por seu rei a Amador Bueno de Ribeira, concorreram cheios de alvoroço e de enthusiasmo á sua casa a congratular-se com elle.

Pasmou Amador Bueno de Ribeira quando ouviu semelhante proposição : elle detestou o insulto dos que a proferiram, e com rasões efficazes procurou dar-lhes a conhecer sua culpa e cega indiscreção Lembrou-lhes a obrigação que tinham de se conformarem com os votos de todo o reino, e a ignominia de sua patria, se se não reparasse a tempo, com voluntaria, e prompta obediencia, o desacerto de tão criminoso attentado. Mas a repugnancia do eleito augmenta a obstinação do povo ignorante : chegam a ameaçal-o com a morte, se não quizer empunhar o sceptro. Vendo-se nesta consternação o fiel vassalo, sahiu de sua casa furtivamente, e com a espada nua na mão para se defender, se necessario fosse, caminhou apressado para o mosteiro de S. Bento, onde intentava refugiar-se. Advertem os do concurso que havia sahido pela porta do quintal, e todos correm após elle gritando : *Viva Amador Bueno nosso rei :* ao que elle respondeu muitas vezes em voz alta : *Viva o Senhor D. João IV nosso rei e senhor pelo qual darei a vida.*

Chegando Amador Bueno de Ribeira ao mosteiro, entrou e fechou rapidamente as portas. Como os paulistas antigos veneravam summamente aos sacerdotes, principalmente aos regulares, nenhum insultou ao convento, e todos pararam da parte de fóra, insistindo porêm na sua indiscreta pretenção. Desceu á portaria o D. Abbade, acompanhado da sua communidade, e com attenções entreteve a

multidão em quanto Amador Bueno de Ribeira mandou chamar com pressa os ecclesiasticos mais respeitaveis, e alguns sujeitos dos principaes, que se não achavam no concurso. Vieram logo uns e outros, e todos unidos ao dito Bueno fizeram comprehender aos circumstantes que o reino pertencia á serenissima casa de Bragança, e que d'elle se acharia esta em posse pacifica desde o dia da morte do Cardeal rei D. Henrique, se a violencia dos monarchàs Hespanhoes não houvera suffocado o seu direito.

Nada mais foi preciso para se conduzirem aquelles fieis portuguezes como deviam : todos arrependidos do seu desaccordo foram cheios de gosto acclamar solemnemente o senhor D. João IV com magoa dos hespanhoes, os quaes, para não perderem as commodidades que tihain vindo procurar em S. Paulo, prestaram o juramento de fidelidade ao mesmo soberano. » (1)

E' a narrativa lendaria da recusa da corôa real por parte de Amador Bueno. Pedro Taques e fr. Gaspar foram os principaes formadores d'esse mytho historico.

Investigações recentes provaram o exagerado do facto e reduziram-no a proporções mais modestas. Para os brasileiros, porém, ficará sempre em pé a lenda pelo seu valor intrinseco, todo ideal.

Na historia ha duas ordens de phenomenos : o que se fez e o que se desejaria ter feito ; os factos e as lendas. Uns indicam o que materialmente se pôde conseguir e realisar ; as outras representam as reacções do espirito, a insubordinação do idéal, creando um mundo imaginario, um mundo artistico em pleno dominio da historia.

Como psychologia a lenda vale mais do que os factos estrictamente certos.

Por isso, falando de Gaspar da Madre de Deus, mostrei o trecho typico da lenda de Amador Bueno.

JOSÉ DE SOUZA AZEVEDO PIZARRO E ARAÚJO (1753 — 1830.) Foi filho do Rio de Janeiro e sacerdote, chegando ao gráu de monsenhor. E' conhecido tradicionalmente por Monsenhor Pizarro.

(1) *Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente*, edição de Lisbôa de 1797, pag. 130.

E' auctor de uma vasta compilação sob o titulo de *Memorias historicas do Rio de Janeiro e das provincias annexas á jurisdicção do vice-rei do Estado do Brasil.*

E' um formidavel cartapacio em dez volumes, publicados entre 1820 e 22.

Os elogios que tenho feito aos chronistas do Brasil, referentes especialmente aos quinhentistas e a um ou outro do seculo XVIII, não se applicam com justiça a monsenhor Pizarro.

N'este pode-se gabar certo amor ao trabalho e boa dóse de paciencia. Mas é só isto. A sua grande obra é um producto longo, pesado, informe, mal escripto e completamente alheio ao methodo.

Nem é uma narrativa historica firmada nas boas fontes, nem é uma simples collectanea de documentos; é uma e outra cousa atropelladamente. E' tal a ausencia de methodo que até a simples ordem chronologica não é respeitada.

Logo no 1° volume depois de dar no primeiro capitulo uma noticia da descoberta e fundação do Rio de Janeiro, passa no capitulo immediato o auctor a tratar da tomada da cidade por Duclerc e Duguay-Trouin no seculo XVIII...

De toda a obra o volume mais interessante é o 7,° onde descreve o estado d'esta capital em 1818 ou 19.

Pizarro é o verdadedeiro typo d'aquelles clerigos brasileiros dos fins do seculo XVIII.

Lido e instruido a seu modo, activo e trabalhador até certo ponto; intuição philosophica e sentimento artistico não teve nenhum.

Suas *Memorias* podem e devem ser lidas por quem andar á cata de factos e minudencias sobre certas localidades do paiz. Mais nada.

O estylo de Pizarro é monotono e pesadão. Quasi se não encontra um trecho onde o leitor se deleite das fadigas da jornada. E, todavia, leia-se a descripção do Passeio Publico d'esta cidade. E' no cap. 5° do vol. VII:

« Sendo certo que nos Estados deve o povo estar sempre occupado em cousa ou util ou deleitosa, para evitar a ociosidade e os vicios que vêm de mistura, com essas vistas, em meio do lugar chamado

Boqueirão da Ajuda, cujo seio se comprehende no espaço desde a ponta da Misericordia ou do Calabouço, até o monte de Nossa Senhora da Gloria, e por assás pantanoso não só criava insectos e mantinha grossa mosquitaria, mas occasionava a podridão da atmosphera, recolhendo as ondas impetuosas, que ali se espraiavam, erigiu com grande desvello e gosto o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza o aprazivel Passeio Publico. Murado todo com paredes firmes de pedra e cal entermeiadas de janellas, onde se collocaram assentos de cantaria, é defendida a sua entrada por uma porta ferrea, trabalhada soberbamente, sobre a qual se vê uma medalha em bronze dourado com a epigraphe seguinte: *Maria I et Petrus III Brasiliæ Regibus* 1783.

As ruas que o formozeam, delineadas com figuras differentes e ornadas por diversas arvores fructiferas do paiz, cujos ramos extensos e vistosissimos reparam a ardencia do sol ou a cahida das chuvas, fazem agradavel a situação, para ser frequentemente visitada, achando os hospedes em meio do lugar assentos de pedra lavrada, onde descancem, e de cada um dos lados da rua principal vistosas mezas tambem de pedra, cobertas de jasmins, que convidam os passeiantes a entreter em sociedades as horas de recreio. Nos mesmos sitios estão dois lagos construidos artificiosamente, no meio dos quaes se levantaram outros tantos obeliscos de pedra com as seguintes inscripções: *A' saudade do Rio* e *Ao amor do publico;* e fronteira a elles ficou a cascata, sobre que um fingido coqueiro, como plantado em pedregoso monte, onde pousam alguns passaros de bronze, mostrava o producto vegetal da sua classe. D'ali dois jacarés fabricados em bronze, parecendo recrear-se entrelaçados fóra do seu leito natural, soltam as aguas por canaes diversos para um alto tanque proximo, em que observam a perfeição de suas semelhanças. Duas escadas, erigidas a um e outro lado da cascata, dão entrada para o terraço avarandado e lageado de marmore, que paredes grossas defendem dos movimentos impetuosos do mar: e n'esse lugar aprazivel pela vista desempedida desde o longo da barra da cidade até o interior da enseada, se encontra detraz da cascata um genio figurado em marmore, que, despejando pela boca de uma tartaruga sustentada nas mãos, sobre um barril de pedra ordinaria as aguas industriosamente recebidas da cascata, diz aos sequiosos — *Sou util, inda brincando.*

Occupam o parapeito em roda do mesmo terraço varios alegretes com flores, que entermeiam differentes assentos de pedra commum e ornam alguns vasos de marmore; e duas casas ou pavilhões levantados em cada extremidade fazem mui brilhantemente a sua

perspectiva. Compunham as paredes interiores do que está para a parte da Lapa alguns quadros a pincel, representando as grossas armadas que em certa estação ancoraram n'este porto ; e revestiam o tecto escolhidas madreperolas, dispostas em festões de flores com a differença das côres que a natureza imprimiu no forro da carne dos mariscos. Ornavam as paredes da outra, para a parte de Santa Luzia, diversos painéis, em cujos pannos se debuxaram exactamente varias fabricas e officinas do Brasil ; e guarneciam o tecto delicadas pinturas de pennejado, formadas de plumages das aves, que faziam admirar a dexteridade dos executores de taes obras e muito mais a delicadeza do autor d'ellas desenhando-as com particularissima intelligencia. Duas figuras em fórma de obeliscos rematavam os pontos médios de cada uma das casas, em cujos angulos se haviam collocado outros tantos ananazes, que, sem dissemelhança dos produzidos pela terra, mostravam sua figura e particular perfeição. Illuminam annualmente este sitio nas horas nocturnas oito lampeões fixos no terraço e trabalhados com boa arte ; além dos quaes se conservavam outros muitos em duas casas construidas dentro do passeio para servirem ás illuminações por motivo de festividades régias. Em tempo muito posterior se levantou, ao lado direito da entrada, outra casa para servir ás lições de botanica.

Competaria sem duvida na grandeza este edificio com o de Lisboa, se fôra mais amplo o sitio; e comtudo, se aquelle lhe precede por isso e pelos enfeites arteficiosos dos arvoredos silvestres que o adornam, não é, portanto, mais bello. Porque no curto espaço em que este se construiu apparecem superiormente apraziveis o local e o bom gosto do trabalho interior, realçando-o mais a compostura natural das arvores sempre vestidas de folhagem e carregadas de fructo nas estações proprias. » (1)

Do tomo VIII em diante passa o auctor a tratar de outras capitanias além do Rio de Janeiro. Os conhecimentos do padre são alli mais exiguos ; os primeiros volumes são melhores.

Em uma palavra, e para dar a minha impressão total : as *Memorias do Rio de Janeiro* não passam de um repertorio de noticias para a nossa historia. Não são uma obra methodica e muito menos artisticamente feita.

(1) *Memorias Historicas do Rio de Janeiro,* Tomo VII, pag. 72; Rio de Janeiro.—1822.

Em peiores condições apparece o conego LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS (1764—1844)

Este padre publicou em 1825 em Lisboa umas *Memorias para servir á historia do reino do Brasil.*

A obra é dividida em tres partes correspondentes a tres epocas intituladas a *felicidade*, a *honra*, a *gloria do Brasil.* E' uma chronica dos tempos de D. João VI entre nós em estylo excessivamente elogiastico a esse monarcha. O livro é futil em sua quasi totalidade; tem um prestimo, todavia; e vem a ser o encerrar noticia minuciosa de todas as grandes festas publicas realisadas no Rio de Janeiro nos tempos intitulados do rei velho de 1808 a 1821.

Com a falta do padre Luiz Gonçalves ficariamos sem conhecer uma das faces mais caracteristicas do reinado de João VI n'este paiz. Foi um tempo de alegria e expansão festivas como nunca mais houve outro n'esta cidade. Annos do rei e dos principes, dias nacionaes, dias dos santos dos nomes da familia real, tudo eram pretextos para funcções e divertimentos.

Nada, porém, excedeu aos festejos realisados por occasião das nupcias da princeza D. Maria Thereza, por occasião do desembarque da princeza austriaca D. Maria Leopoldina, por occasião da acclamação de João VI, e para commemorar o casamento de D. Pedro de Alcantara. Foram festas exactamente reaes e principescas; havia então verdadeiro bem-estar na população, havia dinheiro e o enthusiasmo que elle sabe inspirar.

O povo tomava em tudo parte activissima, todas as classes se faziam representar. Era immensa a profusão de arcos triumphaes, templos gregos, obeliscos egypcios, carros emblematicos, illuminações, roupas de galla, danças, cavalhadas, folias de toda a especie.

As decorações eram feitas por Grandjean de Montigny, Debret, Marcos Ferrez, Luiz Xavier, Francisco das Chagas, e a musica era de Marcos Portugal, José Mauricio e gente d'esta altura.

As *Memorias* de Luiz Gonçalves são assim um excellente subsidio para o conhecimento da vida exterior, á arte decora-

tiva, as danças, as festas no Rio de Janeiro no primeiro quartel do seculo XIX. Infelizmente é só a face externa que apparece em toda a sua intensidade. Os auctores de novellas que quizerem estudar o tempo de D. João VI têm, todavia, ali um fecundo manancial; as descripções protahem-se por paginas e paginas.

E' impossivel reproduzil-as aqui senão n'um rapidissimo fragmento.

De todos os festejos escolherei um de cunho popular. Em outubro de 1818, por occasião do anniversario do principe real D. Pedro, festejou-se o seu casamento pouco antes realisado.

Foram as manifestações do senado da camara; porquanto as pompas por parte do governo haviam já tido lugar tempos antes no momento mesmo do consorcio. Foram tres ou quatro dias de delirante lufa-lufa; construiu-se uma immensa praça no vasto campo de Sant'Anna e ahi tiveram lugar os festejos.

Eis o que se deu no primeiro dia:

« Socegado o festivo alvoroço, que causou a chegada de Sua Magestade, começou logo o divertimento desta tarde, entrando pelo arco triumphal o magnifico e lindo carro d'America, cuja apparição encheo toda a praça de summo prazer, manifestado pelo geral acolhimento e applauso, que merecia a belleza, a perfeição e a riqueza, com que fôra construido. Formava este carro uma grandiosa concha de madre-pérola com trinta palmos de comprido, quinze de largo e quarenta de alto, conduzidas por dous hippocampos (cavallos marinhos), lançando agua pelas ventas, governados por Neptuno com o seu tridente na mão direita, as redeas de ouro na esquerda, indo sentado na volta da concha, que fazia a proa; uma rica e bem bordada capa lhe cobria os hombros e esta era de côr carmezim e ornada de ouro e prata; uma corôa de ouro lhe cingia a cabeça, symbolo do imperio do mar. Rematavam a mesma concha na parte superior dous golfinhos de ouro, que com as suas grandes caudas ajudavam uma bella tarja a ornar as armas reaes de ouro e prata, que estavam collocadas na popa da mesma concha: estes golfinhos tambem lançavam agua pelas ventas, por meio de quatro repuxos, que juntos aos dos mencionados hippocampos faziam uma muito engraçada vista, aguando a praça. Pendiam da popa tres grinaldas de

flores do paiz, feitas com muito artificio, e cada uma tinha dez palmos de comprido, as quaes rematavam com quatro pendões de tres palmos e meio. Em um pedestal de esmalte côr de pérola, que occupava o centro do carro, e todo revestido de flores, estava assentada ı America, ricamente ornada de uma opa de setim branco bordada le ouro, e orlada com um grande franjão do mesmo, tendo um nanto real de veludo carmiz bordado ricamente de ouro, e com coôa na cabeça do mesmo metal: sustentava na mão direita um esındarte com as armas do Reino-Unido, e com a esquerda como ıe depunha a aljava, settas, e arco. Esta carro representava rodar ıbre as aguas com rodas movediças, que giravam entre as ondas, ostrando fazer o seu movimento sobre o mar pelos mesmos ca.llos marinhos, que ião com as mãos sobre as ondas, que rodeavam ;arro. Tão rica como engenhosa peça foi executada por Sebastião Costa Maia e foi offerta dos officiaes de caldeireiro, latoeiro e tros, que trabalham em metaes.

'redeciam este magnifico carro vinte quatro indios com saioles pennas e cocar das mesmas, com os cabellos soltos e armados arco e flexas, os quaes, depois que o carro aguou a praça, gido em roda della e veio pousar defronte da real tribuna, formáı uma dança mui divertida, sendo todo o instrumental, que a gia, um unico assobio, a cujo som executáram muitas e diffees difficuldades, que merecêram os applausos de todos, e com cialidade dos estrangeiros, que viam pela primeira vez, como miniatura, os trages e costumes dos nossos selvagens, apesar ue não erão verdadeiros indios, os que formáram a dança menıda, mas sim rapazes desta cidade. Finda a dança se retirou :ro, junctamente com o seu sequito e logo entrou na praça a re dança dos ciganos, que se compunha de seis homens, e outantas mulheres vestidos todos com muita riqueza; pois tudo to apresentáram de ornato era veludo e ouro: precedia-os uma ı de musica instrumental; e sobre um estrado fronteiro ás pessoas executáram com muito garbo e perfeição varias danespanholas, que merecêram universal acceitação. Estas fo- unicas danças, que nesta primeira tarde tiveram a honra de ecer diante de Suas Magestades e Altezas Reaes; assim como o d'America foi o unico, que entrou na praça, por não dar para a entrada dos outros o brilhante festejo das cavalhadas,
ro se seguiu; mas não faltou para embellezar esta real pompa ınde numero de mascaras, tanto homens, como mulheres, que s com grande aceio giravam pela praça, formando grupos engraçados e prazenteiros, pela variedade dos seus vestidos

e comicas figuras, que alguns representavam; mas, logo que acabáram as danças referidas, os mascaras despejáram a praça e foram tomar assento no lugar, que lhes era destinado nas bancadas.

Limpa a praça comecáram a entrar por ella os criados da casa real, trazendo pelas redeas trinta e dous cavallos muitos formosos e bem ajaezados, cobertos de ricos telizes, como tambem apparecêram outros criados conduzindo varios carros em que vinham os caixões, que encerravam os necessarios aprestos para o uso dos cavalleiros nos torneios e justas, que se haviam de executar. Seguio-se pouco depois a brilhante entrada dos cavalleiros em numero de trinta e dous e em quatro secções, distinctas pelas côres dos seus vestidos, que erão de veludo primorosamente bordados de ouro e prata, e vinham montados em suberbos cavallos ricamente ajaezados; a primeira secção era verde, a segunda azul claro, ambas com bordadura de ouro nos vestidos, e formavam a primeira fila; a terceira secção era carmezim e a quarta azul ferrete, a bordadura era de prata e formavam ambas a segunda fila. Os pagens traziam vestidos colletes e saiotes de setim das respectivas côres dos seus amos e agoloados de ouro ou de prata, na conformidade dos mesmos, e traziam as lanças decontoadas, vindo ao lado dos cavalleiros. Dirigiram-se estes em direitura ao camarim e tribuna real, e feitas as devidas continencias a Suas Magestades e Altezas, se dirirgiam em duas filas e concorreram em passo grave em torno da praça, cortejando os espectadores e recebendo d'elles muitos e repetidos applausos. Findas as cortezias começaram as escaramuças, seguiram-se os torneios e outros diversos jogos muito brilhantes, que plenamente satisfizeram a publica espectação; desempenhando cada qual os preceitos da nobre arte de cavalleria, tão melindrosa como difficil, mereceram de Suas Magestades e Altezas signaes bem expressivos do seu contentamento e approvação. Como a noite se aproximava mais depressa do que todos desejavam, se deu fim ao divertimento d'esta tarde, soltando-se girandolas de fogos artificiaes; e se retiraram todos muito alegres e satisfeitos do que n'este lugar haviam presenciado. El-Rei Nosso Senhor passou para o salão interior com a real familia, onde o senado da camara offertou á Suas Magestades e Altezas um sumptuoso *desert*, cuja baixela era toda de ouro e prata. Entretanto a nossa curiosidade nos levará ao Real Theatro, onde em obsequio dos felicissimos annos do serenissimo senhor principe real se deu outro espectaculo de diverso genero, mas não menos digno de memoria pela sua magnificencia e belleza.

Demonstrava o Real Theatro uma decoração brilhantissima pela riqueza e numero de sua illuminação, e muito soberba pelo luzidis-

simo concurso da côrte e das pessoas mais distinctas de ambos os sexos, que alli se congregára para de novo applaudir e festejar o publico divertimento, que n'esta noite se consagrava primativamente á Sua Alteza Real por contar o vigesimo anno de sua preciosa existencia. Assim, depois que Suas Magestades e Altezas se retiraram da praça do curro, se dirigiram para o Real Theatro com o mesmo estado, com que haviam ido para a praça; e apparecendo El-Rei Nosso Senhor com a real familia, de novo se alvoroçou toda a assembléa e rompeu em novos vivas a Suas Magestades e Altezas, ás quaes se seguiu a representação de um elogio dramatico allusivo ao grande objecto do dia, e n'este drama entraram as quatro estações e o genio portuguez, que fazendo sensiveis as vantagens que o céu nos concedia com o felicissimo natal de Sua Alteza Real, desafiava a gratidão nacional. No fim do elogio viram-se em transparantes os retratos de Suas Magestades e dos Serenissimos Principe e Princeza Real, á cuja vista, levantando-se os espectadores, não puderam conter os applausos. Começou depois o drama intitulado *Camilla*, excellente musica da composição do famoso Paer. No fim do 2º acto se desempenhou uma bella dança e se concluiu o espectaculo com o 3º acto. » (1)

Como individualidade representativa do desenvolvimento brasileiro o padre Luiz Gonçalves é typo quasi negativo.

Sua obra principal é apenas curiosa, duplamente curiosa, como repositorio de descripções das festas da côrte bastardamente faustosa de João VI, e como documento do prurido de adoração régia de que soffriam muitos espiritos ainda em começos do seculo XIX.

E' curioso o parallelo que se póde fazer entre o Rio de Janeiro de 1590 por occasião da entrada do padre visitador acompanhado de Cardim e por este descripto e a cidade festivamente adornada em 1817 para receber a filha do imperador d'Austria, segundo a narrativa de Luiz Gonçalves. Dois seculos e pouco tinham-na mudado completamente em extensão e riqueza.

Politica e socialmente a transformação era ainda maior. O trabalho de quatro gerações tinha feito do Brasil um grande corpo autonomo, prompto para tomar sobre seus hombros o peso de seus proprios destinos e tinha feito de

(1) *Memorias Historicas*, 2º vol., pag. 308.

sua capital uma bella cidade intelligente e rica, ruidosa e mercantil.

Nada mais tenho a dizer sobre o padre Gonçalves. Ha alguma cousa peior do que a critica incompleta, é a critica desproporcionada e superabundante; o estalão da analyse é determinado pelo tamanho dos escriptores; ha auctores que se definem em tres palavras. A questão é saber encontral-as.

A' chronica submissa e decorativa do conego Luiz succedeu entre nós a historia mais desassombrada de BALTHAZAR DA SILVA LISBOA (1761—1840). Aquelle desfazia-se em louvaminhas ao rei e ao governo portuguez, este estygmatisou cruelmente logo no prologo de seus *Annaes* as duras perseguições soffridas da parte da metropole pelos brasileiros.

Balthazar Lisboa é, como seu irmão José da Silva Lisboa, um dos homens de maior merecimento que o Brasil tem possuido.

Era formado em direito; não ao gosto de alguns dos nossos actuaes bachareis, prototypos de pedanteria e ignorancia.

Balthazar era conhecedor notavel da jurisprudencia e forte cultivador da historia e das sciencias naturaes; a botanica em especial mereceu-lhe assiduos cuidados.

Sua biographia é conhecida.

Filho da Bahia, estudou em Coimbra direito e sciencias positivas. Foi juiz de fóra no Rio de Janeiro, ouvidor na comarca de Ilhéus, onde tambem exerceu o cargo de juiz conservador das matas. Mais tarde advogado no Rio de Janeiro e por ultimo lente na faculdade juridica de S. Paulo. Escreveu muito; algumas obras publicou e outras lhe ficaram ineditas.

Versam sobre suas tres especialidades — jurisprudencia, botanica e historia. As principaes são:

Discurso historico, politico e economico dos progressos e estado actual da philosophia natural portugueza, acompanhado de algumas reflexões sobre o estado do Brasil; Principios de physica vegetal; Riqueza do Brasil em madeiras

de construcções e carpintaria; Memoria topographica e economica da comarca dos Ilheus; Memoria ácerca da abertura de uma estrada pela costa, desde a villa de Vallença da Bahia, até ao Rio-Doce; Memoria sobre a provincia da Bahia, sua descoberta, povoação primaria e governo; Descripção das arvores de construcção pelos caracteres botanicos; Memorias sobre as matas da comarca dos Ilhéus, córtes das madeiras estabelecidos em diversos lugares; Apontamentos para a historia ecclesiastica do Rio de Janeiro. Outros muitos escriptos publicados ou ineditos ficaram do velho bahiano e entre elles o mais conhecido de todos sob o titulo de *Annaes do Rio de Janeiro*, em sete tomos, publicados em 1834 e 35. Balthazar é um dos mais authenticos exemplares d'aquelles homens estudiosos, activos e trabalhadores, que constituiram a legião de sabios brasileiros da valente geração do ultimo quartel do seculo XVIII.

Boas e vastas leituras, grandes conhecimentos praticos, nenhum sentimento artistco da fórma, mostravam elles. Até os proprios titulos de seus livros estão a denunciar esta nota que lhes faço.

Os dois irmãos Lisboas, afastando-se do grupo geral, vieram a occupar-se, um de estudos sociaes e outro de investigações historicas. E este é Balthazar.

Ora, a estreiteza da intuição historica em nossa raça é evidentissima.

A qualidade especial de sorprender a vida extincta das gerações mortas, de comprehendel-a em todos os seus detalhes e em seu complexo organismo, de fazel-a reviver n'alma e de reproduzil-a sem desfigural-a, nunca foi partilha de nós outros, descendentes da rude e pesada raça dos iberos.

E' certo que forte e grosseiro erro ethnographico decorou-nos do pomposo nome de latinos. Iberos celtisados somos nós e são-no os francezes, predominando entre estes o aryanismo celtico e entre nós o berberismo iberico.

A conquista latina, valente na cultura e na alteração linguistica, não mudou o fundo iberico das populações da peninsula e nós herdamos aquella grosseria do espirito e aquella incapacidade inventiva do berbere e do iberico.

A França mesma, que se diz latina em face dos germanos e gauleza diante dos latinos, a França que assume diversos papeis ethnographicos, conforme os inimigos da occasião, não tem em alto gráu o sentimento da historia, ainda que por este lado suas presumpções sejam, como no mais, verdadeiramente chegadas ao exaggero.

Para francezes não ha mais do que quatro maneiras de escrever a historia, quatro modos estes, que constituem outras tantas escolas, cujos supremos modelos acham-se em seu paiz.

A escola narrativa com Thiers á frente, a pinturesca dirigida por Agostinho Thierry, a philosophica sob o mando de Guizot e a symbolica personalisada em Michelet. Com todos os seus meritos, estas quatro claves não dão todas as notas que a historia tem vibrado de ha tempos a esta parte.

N'aquellas medidas não se poderiam conter os historiadores inglezes : — Macaulay, com o seu estylo incisivo, com seu senso philosophico, sua grande intuição politica ; Freemann, com sua erudição, seu forte sentimento ethnographico ; Carlyle, com seu estylo accidentado, seu *humour* crepitante, suas generalisações ousadas, sua philosophica energica ; Buckle, com seu doutrinarismo, suas indagações scientificas, suas demonstrações experimentaes.

Muito menos poderiam aquellas quatro paletas dar os tons variados, o colorido multiplice da historiographia geral e nacional alleman. A legião é immensa, a dactar do alvorecer dos estudos mythographicos, philologicos e historicos desde os ultimos annos do seculo XVIII.

Em tempos posteriores, Niebuhr, Otfried Müller, Curtius, Mommsen, Sybel, Zeller, Ranke, Gervinus, Gregorovius, Droysen constituem uma forte legião que levaram a historia em todas as direcções.

Nunca em tempo algum houve um tão profundo conhecimento e tão completa consciencia do passado. Os allemães foram os grandes obreiros d'essa transformação.

O velho Balthazar foi um contemporaneo de Herder e ainda mais de Wolf e Niebuhr ; estudou na Europa jurisprudencia

e sciencias naturaes, e que estreiteza de comprehensão historica!

Os *Annaes* são um apanhado mais methodico e mais original do que a obra de monsenhor Pizarro, seu espirito é mais liberal e independente do que o do livro do conego Luiz Gonçalves; mas estão ainda muito longe de ser uma verdadeira construcção historica.

Falta-lhes uma philosophia, falta-lhes uma doutrina theorica, falta-lhes a visualidade synthetisante, faltha-lhes o talento reproductivo, falta-lhes a imaginação animada. Ali não palpita a alma de um povo; ha um montão de factos mortos e sobrepostos uns aos outros.

O historiador conhece nossas riquezas naturaes, fala n'ellas, na uberdade do sólo, na suavidade do clima, refere-se variadamente á nossa fauna e á nossa flora; em seu livro apparecem as raças americanas, os negros, os colonos europeus; tudo, porém, por séstro descriptivo e sem um nexo causal.

D'ali não se tiram nenhumas consequencias; apparece tudo como elementos esparsos de uma construcção não realisada.

As idéas do auctor são mesmo antiquadas para seu tempo em certas questões. O livro é de 1834; mas conhece-se que foi quasi todo elaborado trinta annos antes. Póde-se bem conhecel-o, *verbi-gratia*, pelo capitulo em que discute a origem dos povos americanos. Lisboa nem ao menos formulou bem os dados d'esta questão.

Citarei, como amostra do estylo e das idéas do auctor, este pedaço dos *Annaes do Rio de Janeiro*, auferindo ao mesmo tempo o leitor a vantagem de conhecer o estado dos estudos americanos entre nós na primeira metade do seculo XIX.

O velho Balthazar resume toda a sciencia do tempo e para muita gente elle não foi ainda ultrapassado.

São, por outro lado, paginas de ouro sob o ponto de vista psychologico, porque revelam a arraigada preoccupação orthodoxa do escriptor bahiano.

Eil-as:

« Os Jesuitas e outros Missionarios que penetraram o interior

de tão vastos paizes, desde o Rio da Prata até o das Amazonas, jamais puderam descobrir algum monumento que confirmasse d'onde vieram os seus habitantes, e tanto mais é impossivel assignalal-o, não tendo os indigenas o uso de escrever, nem monumentos, ou hyeroglifos, que determinassem esta questão tão difficil, como é de saber porque povos se fez a passagem para este continente e mais porções da America meridional e septentrional ; não obstante serem os mais civilisados entre estes os peruvianos e mexicanos, com tudo jamais se acharam ao menos tradições oraes da origem de seu nascimento. E' por conseguinte temeridade assignalar-lhes alguma origem, havendo lido a obra do padre Gregorio Garcia, sobre a origem dos indios do novo mundo impressa em Valença de Hespanha em 1607, e a historia natural e moral das Indias pelo padre José da Costa. Uns attribuiram a origem aos europeus, outros aos africános, muitos outros aos asiaticos, varios aos scythas, aos tartaros, aos ethyopes, aos phenicios, aos carthaginezes, aos celtas, aos antigos gallos, suecos, dinamarquezes, inglezes, irlandezes e allemães. Outros com Gomara aos de Cananéa, expulsos de suas possessões pelos hebrêos no tempo de Josué, varios com Thevet suppuzeram a passagem para a America do Norte d'Asia, que os israelistas foram trazidos da Media pelo rei Salmanazar, isto é, desde a destruição do reino de Israel.

Grocio na sua obra sobre a origem dos americanos, publicada em 1642, suppoz provir dos povos da Europa e da Asia, affirmando que o isthmo de Panamá, que une a parte septentrional com a meridional, era considerado como uma barreira impenetravel, que separava os habitantes de uma parte da communicação da outra ; persuadiu-se que quasi toda a America septentrional, á excepção de Jucatan, fôra povoada pelos noruegas, que passaram por Islandia, Groelandia, Estotilandia e Noremberga : que os allemães seguiram aquelle exemplo, para repartirem entre si os paizes ferteis, tendo achado em Jucatan o uso da circumcisão, e até do baptismo ; que dos povoadores da America foram os nossos christãos da Ethyopia. Suppôz descendentes dos chinezes os peruvianos, por causa da semelhança, costumes, leis é outras vãs conjecturas, desmentidas por sábios viajantes e por Laet. Affirmou o padre Costa, que muito tempo viveu no Perú, e Garcilasso da Veiga sendo descendente por sua mãi do sangue dos Incas, que aquelles povos não conheceram caracteres nem algum genero de escriptura. Bastava a differença das côres entre os ethyopes que são negros e os habitantes de Jucatan que o não são, para provar-se que estes não provinham d'aquelles. Não tem força o dizer-se que os povos vindos da Ethyopia teriam mu-

dado de côr com o tempo, vivendo em um paiz menos ardente; vemos, é verdade, perderem algumas pessoas brancas alguma cousa da sua alvura natural nos paizes quentes, porém não ha exemplo de descendentes de pessoas negras se fazerem brancos em um paiz frio, segundo a expressão de Jeremias — *Si mutare potest ethyopes pelem suam, aut leopardus varietates potest.* Se póde o ethyope mudar a pelle e o leopardo a variedade das suas côres.

As notas equivocas de judaismo e christianismo do Jucatan ou em outras provincias, nada provam contra o testemunho dos missionarios e pessoas intelligentes que apenas descobriram em alguns idéas confusas da verdade da fé. E' absurdo dizer-se da falta de communicação por falta do Isthmo de Panamá, quando sem difficuldade os hespanhoes romperam essa chamada barreira impenetravel: tanto mais que á descoberta de Groeland, feita em 964 da era christã, já a America Septentrional tinha habitantes, vários seculos antes que ella pudesse receber povoadores da Noruéga. Não passa de tradição popular, que sendo a Hespanha invadida pelos mouros, sete bispos com muitos christãos se embarcáram na perseguição dos mahometanos, e que navegando á mercê das ondas e ventos, tomáram terra nas Antilhas, onde lançando fôgo aos navios se estabeleceram no paiz, edificando cada bispo a sua cidade, porque além de se não nomearem os bispos, não se faz crivel que com a não esperada vinda dos sarracenos se achassem logo juntos em um porto de mar os sete bispos, dispostos a partirem-se n'aquelles navios, com grande numero de christãos; o que não era possivel na afflicção geral serem avisados e ajuntarem-se tão prestemente para partirem. Se queimáran os navios, como fizeram passar este conhecimento á Europa, com a noticia das cidades edificadas? Então seria natural, se isto fosse verdade, acharem os hespanhoes, que se senhorearam d'esse paiz no fim do XV seculo, alguns christãos com o culto da religião, pois que desterrando-se os bispos por causa da sua fé, não deixariam de a propagar no paiz em que habitáram, o que os hespanhoes não encontráram.

Entre os contos fabulosos, é tida a opinião de Oviedo, que quiz persuadir serem as ilhas da America, as Hesperides tão formosas no louvor dos poetas. Aquella palavra Hesperides, significa um paiz occidental: os gregos chamáram Hesperides á Italia, porque ficava ao poente, assim como os romanos denominavam á Hespanha. Alguns, para explicar a origem dos americanos, quizeram que se realisasse n'elles a Atlantida de Platão, não duvidando com indesculpavel erro Paracelso sustentar de ter havido em cada hemispherio seu Adão, havendo Deus creado um unico, segundo o *Genesis* e

mandado depois o mesmo diluvio que crescesse e povoasse a terra, depois de haver lançado a sua benção. E' certo que seguida a confusão das linguas nas planicies de Sennaar, dividiu Deus os descendentes de Noé, e desde então se dispersáram por todo o mundo. Moysés nos disse que os filhos d'aquelle patriarcha partilharam entre si as ilhas das nações, consequentemente devia entrar n'essa partilha as terras da America.

Os argumentos sobre a difficuldade de se passar d'um continente a outro atravéz de profundos e vastissimos mares, sendo tão pouco conhecida a navegação, é de pouco peso, mesmo sem recorrer aos meios extraordinarios da Providencia ; pois sabemos que os netos de Noé, que povoáram muitas ilhas pela navegação, sem duvida o praticáram em algum ponto que fosse menos difficil, ou porque o mundo não tendo soffrido em suas leis physicas grandes mudanças, que depois dos tempos sobrevieram, incontestavelmente se comprova ter havido submersões de grandes paizes dentro d'aguas e surgindo outros não conhecidos antigamente. Podia aquella mesma mão que fez abrir as cataratas do céu, cobrindo de aguas toda a terra, salvando na arca a Noé com sua familia sobre o vasto mar, quando fez parar onde a Providencia quiz que chegasse, levar tambem habitantes á America, para serem novos propagadores e instituidores das nações, assim como chegáram ás extremidades da Asia, Africa, Europa e ás ilhas, tão distantes dos continentes firmes, porque não haviam de penetrar por toda a America, que sendo descoberta, foi vista povoada de homens racionaveis, mais ou menos ignorantes, ferozes, beneficos e até hospitaleiros? » (1)

Como bem se vê, o velho historiador reuniu ahi algumas das mais extravagantes hypotheses sobre a origem dos americanos.

Não lhe devemos por isso querer mal; porque, olhando-se bem de perto, os nossos americanistas officiaes não sahiram ainda hoje d'aquelle terreno.

José Feliciano Fernandes Pinheiro, visconde de S. Leopoldo (1774 — 1847). Politico e escriptor, este homem tem sido regularmente gabado entre nós. Um seu parente-o conego Pinheiro-e o barão Homem de Mello escreveram-lhe a biographia e encheram-no de elogios. São em boa parte merecidos.

(1) *Annaes do Rio de Janeiro*, Tomo I, pag. 121.

Não tenho a contar-lhe a vida; é bastante referir que, filho da provincia de S. Paulo, estudou direito em Coimbra, formando-se em 1799. Viveu algum tempo em Lisboa, onde, instigado por Conceição Velloso, fez algumas publicações nos primeiros annos do seculo XIX. Voltando ao Brasil, foi mais tarde eleito deputado ás côrtes portuguezas. Com a Independencia fez parte da constituinte e de assembléas posteriores; foi conselheiro de estado, ministro e senador. Figurou no reinado dos dois imperadores e na regencia. Não escreveu muito.

Não falando em duas ou tres traducções publicadas em Lisboa, em sua mocidade, escreveu uma dissertação sobre os limites meridionaes do Brasil, outra sobre a influencia do Instituto Historico, uma terceira sobre os dois irmãos Gusmões, finalmente os *Annaes da Provincia de S. Pedro.*

Deixou inedito um *Diario* de sua vida, publicado ha poucos annos na *Revista* do Instituto. Os dois ultimos escriptos sobrelevam aos primeiros.

A impressão que me ficou da leitura de S. Leopoldo define-se em poucas palavras.

Primeiramente elle é de nossos historiadores de seu tempo o que melhor sabia fazer um livro. Jaboatão, Taques, Pizarro, Balthazar e os outros escreveram obras pesadas, informes, desconchavadas, de leitura atribuladôra.

Se um livro póde-se equiparar a um edificio, se das mãos do escriptor sahem artisticos productos comparaveis aqui a um templo jonico, ali á uma igreja gothica, acolá a um palacio da Renascença; se aqui alguem constroe uma linda casinha de campo, ali outro levanta um chalet aristocratico, acolá um terceiro operoso e destro agglomera um vasto basar; se esta comparação é válida, os nossos velhos historiadores citados levantaram grandes armazens de grossas paredes e tectos chatos, ao gosto colonial, cheios de madeiras e outros grosseiros generos de exportação brasileira, e o visconde de S. Leopoldo construiu uma bella igrejinha da roça, n'uma antiga fazenda, bem dividida e asseiada, de paredes bem alvas, fachada regular com pretenções a estylo composito.

Nem isto é uma frivolidade; o modo como se constroe-

e edifica um livro, esse tino de disposição e agrupamento que os allemães denominaram « a capacidade architectonica em litteratura, » é muito para ser considerado, porque só por si dá a medida de um talento.

O velho S. Leopoldo revela-se um espirito ordeiro, claro, sem nebulosidades, sobrio; suas idéas, se não são profundas e originaes, mostram-se perfeitamente elaboradas. São filhas de uma reflexão methodica e serena.

Os *Annaes da Provincia de S. Pedro* são um bello livro; abrem-se por uma introducção geral e proseguem em dezasete capitulos, claros, concisos, perfeitamente legiveis.

O primeiro d'elles offerece um esboço geologico e geographico da provincia, ao gosto moderno, o que é altamente admiravel n'um livro publicado por brasileiro em 1819.

A obra é animada de bom patriotismo e de nobre espirito liberal.

S. Leopoldo foi politico e escriptor. Qual das duas feições teve n'elle mais valor?

Não sei quem disse uma vez ser Disraeli um temperamento litterario elevado á grande politica e Gladstone um temperamento de politico dilettantesando-se de vez em quando em litteratura.

Esta nota, pelo que posso por mim aquilatar, parece-me justa.

Pelo que diz respeito a São Leopoldo, é um tanto difficil mostrar o que n'elle predominou, se o litterato, se o politico. E a razão é simples; o nosso titular não era uma d'essas naturezas irrequietas e algum tanto desequilibradas, nas quaes uma tendencia qualquer salienta-se, avoluma-se e acaba por sobrepujar as outras. Só n'estas condições definem-se os genios e os grandes talentos. São Leopoldo era pelo contrario uma natureza placida e reflexiva, sem desequilibrio, mas tambem sem grande brilho e sem força.

N'elle o politico e o litterato, sem ser propriamente mediocres, são facetas de um mesmo temperamento, de um mesmo espirito socegado e morno. Nada de grandes audacias no politico, ou de fortes ideialisações no litterato.

Um homem intelligente e lido, foi elle; mas sobretudo

um homem apaziguado e feliz. Não houve ali uma faculdade que predominasse sobre as outras. Não foi um estadista de alto vôo, nem um historiador valente; não é approximavel nem a Disraeli, nem a Gladstone. Tambem não pode ser equiparado a Guizot. A este ninguem em bom juizo contestará os meritos de grande historiador; e, se como politico iguaes elogios não se lhe podem fazer, teve mesmo n'essa esphera uma vantagem incomparavel, a eloquencia. Francisco Guizot foi um dos mais distinctos oradores que têm existido. Era essencialmente o que faltava a Fernandes Pinhero; elle não era bom orador, segundo o testemunho de seus contemporaneos. Para mostrar mais intimamente a sua maneira, vou aprecial-o n'um trabalho não destinado ao publico, feito com todo o desalinho e deixado em simples notas.

Seja um trecho do *Diario* ou *Memorias* em que fala das sessões das celebres côrtes de Lisboa de 1821 e 22.

A cousa é duplamente interessante: revela o homem e dá uma amostra das impressões produzidas em Portugal pelos acontecimentos que fundaram nossa Independencia. Eis aqui:

« A sessão de 15 de abril de 1822 foi uma das mais tempestuosas do congresso de Lisboa. Rompeu nesse dia entre os deputados grande explosão de colera, com a noticia communicada em cartas do general Jorge de Avilez, da resolução ultima do principe de ficar no Brasil.

Entrando-se em debate sobre a materia, propôz Borges Carneiro o recurso extraordinario de *se chamarem as tropas de Montevidéo sobre o Rio, para castigar e obrigar o principe a cumprir o decreto das côrtes, que ordendra sua retirada do Brasil.*

Passou a combater esta moção o deputado Antonio Carlos, impugnando com vehemencia a proposição do antecedente orador, de que o principe vivia enganado pelos que o rodeavam no Brasil. Respondendo com a arrogancia e impetuosidade de seu genio, o animoso deputado paulista declarou, que os empregados, a que se alludia, eram tão honrados e dignos como os que estavam n'aquelle recinto. Levantou-se grande vozeria e tumulto nas galerias; foi o orador chamado á ordem, proferindo-se contra elle diversos insultos.

As deputações de S. Paulo e Pernambuco deram-se por aggrava-

das com esse facto, e deixaram de comparecer á sessão seguinte. Havendo eu apresentado o meu diploma á commissão de poderes, no intuito de tomar assento na sessão de 16, julguei dever retiral-o, duvidando fazer parte de um congresso que injuriava a um membro seu, como o havia sido o meu collega por S. Paulo.

Deixei, pois, de comparecer, e conservei-me retrahido emquanto duravam aquellas escandecidas discussões, as quaes se verão nos papeis do tempo.

Vozes singulares corriam então sobre os negocios publicos.

Dizia-se, que um partido votado á Hespanha, tendo visto cahir no congresso a moção de retirada das nossas tropas de Montevidéo, com o que esperava a devolução d'esta praca áquella potencia, obtivera entretanto, pela secretaria de Estado, a expedição de ordens para o abandono da mesma.

Na sessão de 27 de abril, prestei juramento e tomei assento no congresso. Discutiram-se varias materias, e entre ellas as relações commerciaes entre o Brasil e Portugal, servindo de base aos debates o projecto da respectiva commissão de 15 de março de 1822.

A's 2 horas passou-se á sessão secreta, a qual durou até ás 3 1/2. N'ella discutiu-se o parecer da commissão especial sobre a entregada praça de *Montevidéo* e da de *Olivença*, decidindo-se afinal, que a restituição d'esta era independente d'aquella; que não se approvava o parecer da commissão; que se deixava ao arbitrio do governo obrar a respeito de Montevidéo, como mais conveniente julgasse. Ponderou-se que por motivo da confiança publica, fazia-se indispensavel, que a questão de Montevidéo fosse tratada em debate publico; e, assim se vencendo, designou-se para esse fim a sessão de terça-feira immediata.

O general Pamplona apoiava com vehemencia o parecer da commissão, allegando razões e factos, de que sem duvida estava mal informado.

Indo eu essa tarde visitar o ministro de Estado Silvestre Pinheiro, incidentemente me disse que já sabia, que haviamos sahido muito tarde da sessão, por lh'o haver assim referido o mesmo general Pamplona, com quem havia estado. Observei no sobredito ministro mais retrahimento e menos agrado do que me mostrára a primeira vez, que me veiu visitar; pelo que alguma suspeita insinuou-se em meu espirito.

Na sessão de 29 de abril, tratou-se do artigo da constituição relativo ás eleições, discutindo-se se deveriam estas ser feitas por escrutinio secreto.

Na terça-feira, 30 de abril, abriu-se a sessão com grande expe-

ctação, achando-se as galerias apinhadas de povo. Na tribuna do corpo diplomatico notava-se a presença do embaixador da Hespanha. Havia curiosidade de saber-se noticias da Bahia, que tinham chegado por via de Gibraltar; mas o grande interesse da sessão concentrava-se na grave questão que prendia a attenção de todos: a *evacuação de Montevidéo.*

Não pude conter-me sobre um assumpto de tanto alcance para o Brasil, e por elle estreei no congresso, oppondo-me ao proposto abandono d'aquella praça á Hespanha.

Seguiu-se, na mesma sessão, renhido debate, motivado pelas participações recebidas de guerra civil e derramamento de sangue na Bahia; cuja discussão ficou ainda adiada.

Esta questão trouxe exaltamento de animo, e por amor d'ella deu-se a lamentavel occurrencia de correr sangue no mesmo palacio das côrtes.

Passando o deputádo pela Bahia Cypriano José Barata de Almeida por um dos corredores, em que se achava o marechal Luiz Paulino Pinto da França, deputado pela mesma provincia, falando em um circulo contra o brigadeiro que tinha recusado entregar o commando ao general Madeira, nomeado pelas côrtes; rompeu aquelle em maltratar ao referido marechal com palavras violentas e aggressivas, do que resultou desafiarem-se ambos. Refere o mesmo marechal, que Barata atraiçoadamente o empurrára, fazendo-lhe uma brecha sobre a sobrancelha e ferindo-o gravemente. Divulgou-se logo o facto com grande escandalo, o que muito me magoou por terse sobretudo passado esse triste acontecimento entre deputados brasileiros, sobre os quaes, em razão das rivalidades e exaltação do momento, todos têm a vista attenta.

Quinta-feira, 2 de maio, continuou a discussão sobre a entrega de Montevidéo, com assistencia de muito povo e do embaixador de Hespanha, prolongando-se os debates até ás 3 horas. Logo ao principio, arreceei-me do successo, pelo que conclui o meu discurso pedindo, que ao menos se sobrestivesse na evacuação de Montevidéo pelas nossas tropas. Afinal, posto a votos, foi o parecer da commissão regeitado por oitenta e quatro votos contra vinte e oito.

Em a sessão de 14 de maio, tratando-se dos artigos das relações commerciaes com o Brasil, propuz que fosse n'este reino admittidas as machinas, sem direitos alguns, pelo muito que favorecem o desenvolvimento da riqueza particular e publica. O congresso deliberou que a commissão de commercio me ouvisse sobre o assumpto; o que bastante estimei, porque na commissão especial melhor me poderia abrir sobre alguns proveitos ao Brasil, sem os choques re-

sultantes de debates publicos, que ás vezes se suscitam mais por ostentação do que com o fim de descobrir a verdade e acertar com o interesse legitimo.

Segunda-feira, 20, apresentaram os deputados da Bahia uma indicação, para que se suspendesse a expedição de tropas, annunciada para aquella provincia.

N'essa noite, reuniram-se os deputados brasileiros em club na casa de Lino Coutinho, desde as trindades até meia-noite, e ali se concertou a marcha, que se havia de seguir n'esse negocio: não quizeram comparecer á reunião os deputados do Rio, menos F. Vilella Barbosa.

Na sessão de terça-feira, debateu-se com animação a questão, a qual ainda ficou adiada para o dia immediato. A maior parte dos deputados adheriu á indicação dos deputados bahianos, e a subscreveu com suas assignaturas.

A sessão de 22 passou-se toda em grande agitação e tumulto. Motivou este facto logo em começo a apresentação de uma moção para serem recebidos com agrado os comprimentos do general Jorge de Avilez. Contra essa manifestação de apreço, manifestou-se opposição vehemente e decidida, allegando-se ser o proceder do general pelo menos equivoco, segundo a participação feita pelo principe real. A moção foi regeitada depois de longo e caloroso debate. Seguiu-se a discussão sobre a indicação dos deputados da Bahia, na qual appareceram o mesmo interesse e animação. O deputado Xavier Monteiro analysou passagens dos documentos e das representações de S. Paulo, prorogando-se a sessão até ás 4 1/2 da tarde. Afinal, foi a referida indicação regeitada, tendo a favor quarenta e quatro votos.

Borges de Barros, segundo o accordo anterior, declarou que voltaria sim á sessão por obediencia, mas não tornaria a falar : o mesmo protesto fizemos os deputados brasileiros, que entramos na combinação. Do correr da discussão patenteou-se, que a tropa ia para a Bahia com o fim de embaraçar a propagação das idéas e vistas do Rio pelo norte do Brasil: « *já os facciosos do Rio têm vistas sacrilegas sobre a costa da Africa,* » exclamaram os deputados, sustentadores do projecto; e Borges Carneiro ameaçou com violencia o Brasil, promettendo fazer seguir contra o mesmo uma expedição de *dez mil homens*. Não sei, se tudo apparecerá fielmente nos *Diarios*. A discussão, que tem havido, é de muito interesse.

Na sessão de 23, logo em começo, o deputado Custodio Gonçalves Ledo, por parte da camara do Rio, apresentou e fez distribuir na casa vários exemplares impressos de uma oração feita e recitada

no Rio de Janeiro por fr. Francisco de Sampaio. O deputado Castello-Branco oppôz-se com rigor a que se recebesse offerta de uma camara, que se tornára suspeita em seu proceder, e invocou o que na vespera se praticára com o general Avilez. Este discurso foi vivamente apoiado ; a discussão foi-se tornando acrimoniosa, até que levantou-se Xavier Monteiro, e metteu a ridiculo o negocio, fazendo diversão nos animos. Em toda esta discussão, manifestaram-se bem claros o odio e o rancor com que eramos olhados. Em verdade, á vista dos improperios e sarcasmos, atirados principalmente contra o Rio e contra S. Paulo, bem dolorosa é a nossa posição. A analyse, feita no congresso pelo sobredito deputado Xavier Monteiro, de trechos da certa do bispo e da representação da deputação de S. Paulo, mostrando suas innovações e excessos de linguagem, produiziram contra nós impressão muito desfavoravel. » (1)

E' uma pagina instructiva para o historiador. Por ella vê-se como se revolvia e agitava contra nós a velha ganancia lusitana. Não eram galeões aborrotados de ouro que chegavam ás praias do Tejo; não eram tambem navios com os porões cheios de condemnados para as masmorras... Eram brados de insubordinação que partiam da colonia ; era a perda das dilatadas terras de Sânta Cruz... Desnaturados Brasis! D'ahi a colera, o desepero e, finalmente, desfrute dos oradores do congresso contra nós, os filhos da antiga feitoria...

E' por ter feito a viagem da India e ter colonisado o Brasil que ha quatro seculos os portuguezes tomaram-se de incommensuravel orgulho. Nada, entretanto, revelou mais o seu espirito pouco fecundo do que os dois feitos que os encheram de vaidade. A sua passagem no Oriente foi uma devastação selvagem, indigna da civilisação do Renascimento. A colonisação do Brasil foi irregular e pessimamente dirigida. Uma vista inquiridora lançada sobre o Brasil actual, tendo-se em mente o problema da raça portugueza no Brasil, chegará a conclusões mui pouco lizongeiras sobre esse porvir. A carta ethnographica das actuaes populações deste paiz assignala quatro grandes zonas e em algumas dellas a influencia portugueza ou foi quasi nenhuma ou tende a ser supplantada. O paiz não foi todo e igualmente senhoreado pelos conquistadores.

(1) *Revista do Instituto Historico*, tomo XXXVII, parte 2ª; III trimestre, 1874.

Existe primeiramente a grande região do valle do Amazonas em sua extensão vastissima, onde o portuguez creou um ou outro nucleo de população, ficando a maxima parte das terras entregues aos selvagens, ou deshabitadas. A população actual do paiz em muitas e muitas dezenas de annos não será bastante numerosa para refluir por aquelles desertos e plantar ali o seu predominio.

Em futuro, talvez não muito remoto, populações européas de raça estrangeira, ou, por ventura, os excessos da população dos Estados Unidos, hão de encaminhar-se para aquella ubertosa terra, hão-de afastar os selvagens ou cruzar com elles, e formar ali uma ordem de cousas, onde o portuguez brilhará pela ausencia.

O mesmo mais ou menos acontecerá ao nosso longinquo *Far West* que não temos forças para colonisar, e que será provavelmente aproveitado pela gente que povoar de futuro o immenso valle amazonico.

A terceira região, comprehendendo as extremas zonas do sul, vae escapando cada vez mais á influencia portugueza com a enorme incorporação de colonos italianos e allemães. Dentro de dous ou tres seculos a lingua de Camões terá desapparcido talvez do Rio Grande, de Santa Catharina, do Paraná e parte de S. Paulo.

Resta finalmente, o Brasil intermedio, a região que vem do Maranhão ao Rio de Janeiro, com o S. Francisco ao centro, limitando-se por um lado no oceano e por outro nas cumiadas dos chapadões goyanos.

Este é e será ainda por muito tempo o Brasil portuguez. Mas em compensação que atrazo vai por ahi, que pobreza, que miseria!... Quantas cidades e villas em ruinas! E' na maxima parte a região aspera das seccas.

Ahi mesmo, porém, o portuguez não impera absolutamente. Bem longe disto; é a região onde se deu o maior mestiçamento com as duas raças inferiores, predominando o mulatismo n'uns pontos e o caboclismo n'outros.

E' a zona para onde não vêm immigrantes; é o paiz torrido, onde bem ao meio, a quem o percorre pela costa, se

depára arrimada ao S. Francisco, que preside a toda a região, Sergipe, minha patria.

E' o velho Brasil, o Brasil portuguez e historico. De duas, porém, uma : ou continuará a ficar sem a inoculação do elemento estrangeiro, e, n'este caso, definhará mais e mais, acabando finalmente pelo predominio de uma população igual á da republica de S. Domingos ; ou será o theatro de vastas immigrações européas, e, n'esta hypothese, ainda definhará, como na primeira, o elemento portuguez.

O futuro d'este elemento no Brasil depende da solução que tiver entre nós o problema da colonisação e da immigração.

Ora, este problema tem recebido aqui duas soluções contradictorias, igualmente nocivas : uma positiva e outra negativa de mais.

A positiva de mais tem imperado no sul, e consiste em encher a torto e a direito as regiões meridionaes de estrangeiros.

No fim de seis ou oito gerações, digo mal, no fim de quatro ou cinco, a serem realisados os sonhos de certos pretendentes vistosos e levianos, todo o sul do Brasil estará, além de outras causas naturaes, com uma enorme população estrangeira, totalmente diversa da do resto do paiz e a sua separação, a sua independencia será inevitavel.

A solução negativa em excesso é a levada a effeito para com todo o norte do paiz a contar do Espirito Santo para cima. Espiritos superficiaes e myopes espalharam por toda a parte o descredito do bello clima do norte e a sua mortalidade para o europeo.

O resultado tem sido o constante depauperamento das populações nortistas durante os derradeiros cem annos e a decadencia pasmosa de toda aquella enorme região. Se estes dois systemas contradictorios perdurarem, e forem levados ás suas ultimas consequencias, o futuro da raça portugueza será nullo no Brasil.

No sul será submergida pela onda estrangeira ; no norte definhará, morrerá de marasmo, desfigurada e abatida sob o affluxo superabundande do sangue das raças inferiores ; pois não se deve esquecer que os negros, indios e mestiços

d'essa região reunidos excedem de muito os brancos puros ou quasi puros. Mais tarde virão os estrangeiros desalojados pelo excesso de população da Europa e dos Estados-Unidos e farão para o norte o que os seus parentes já muito antes hão-de ter feito para o sul, isto é, virão em grandes levas e alastrarão o paiz e suavemente o engolirão.

N'um caso e n'outro o Brasil futuro será de uma outra raça que não a nossa, e o papel do povo portuguez n'esta terra terá sido simplesmente o do primeiro desbravador do terreno; terá sido o de uma população provisoria que veio limpar o caminho para outros.

E esta ideia, que me atravessa por vezes o espirito desde que estudo a historia de minha patria, é triste, é bem para impressionar.

Oxalá meditassem sobre ella os grandes e os poderosos do dia, aquelles que têm nas suas mãos os destinos do actual povo brasileiro!

Em todo o caso, e para salvar de futuro minha responsabilidade, ahi fica em rudes palavras esse desabafo ou esse brado de dôr.

E não haverá um meio de conjurar o perigo, não haverá um caminho intermedio entre aquellas duas soluções nocivas, uma para o sul e outra para o norte? Creio que sim.

Não sei até que ponto a historia é um producto da mecanica universal; não sei até que ponto é ella inconsciente e fatal e realisará os seus feitos independentemente dos calculos humanos. Não sei, pois, até que ponto o problema das emigrações e immigrações dos povos modernos seja uma cousa que se possa calcular e dirigir.

Mas, quer me parecer, que os assumptos politicos e sociaes não são assim tão mathematicos, mecanicos e physicos que nos escapem de todo. A politica tem mais proximos parentescos com a biologia, que é uma vizinha que lhe fica mais perto.

Parece-me que os bons calculos e as fortes propagandas podem dirigir as vontades das massas n'um sentido determinado e prestar na sciencia social o mesmo serviço das culturas e criações artificiaes na biologia.

Creio, assim, que seria possivel disciplinar e dirigir no Brasil o terrivel problema da immigração e colonisação estrangeira.

Seria possivel encaminhal-a methodicamente para todas as zonas do paiz, espalhal-a, diffundil-a, habilital-a a produzir novas populações que sejam absorvidas, encorporadas ás nossas populações nacionaes e assimiladas por ellas. Nada de hypertrophias por um lado e esgotamentos por outro.

Da viagem da India e da colonisação do Brasil, dizia eu, têm-se enthusiasmado por demais os portuguezes. A viagem do Oriente, confessam os proprios historiadores do reino, foi, com todo o seu merito, uma devastação de barbaros; a colonisação do Brasil, mostrei eu em traços rapidos e exactissimos, foi, com toda a sua constancia, uma cousa mal feita, mal dirigida, cheia de falhas e lacunas que reclamam muito geito e muita sabedoria para ser corregidas.

Os portuguezes no fim de tres seculos de dominio tinham esgotado suas melhores qualidades e quasi só exhibiam na colonia os seus defeitos. A revolta contra o seu dominio foi uma causa justa que devia triumphar. Por isso as coleras dos patriotas portuguezes de 1822 contra o Brasil são no fundo ridiculos desabafos de espiritos sem grandes vistas.

Borges Carneiro fez uma figura apoucada em face de Antonio Carlos. Isto mesmo se deprehende das *Memorias* de Fernandes Pinheiro.

Resta-me vêr dous homens de merito especial em nossa historiographia; são dous portuguezes, que vieram para nossa terra e abrasileiraram-se : Ayres de Casal e Ignacio Accioli. A este periodo pertencem tambem Antonio Ladisláo Monteiro Baena e Nicoláo Dreys que não reclamam analyse especial. Ayres de Casal é mais propriamente um corographo e por isso ficará para o fim.

IGNACIO ACCIOLI DE CERQUEIRA E SILVA. A biographia d'este escriptor é mal conhecida e pessimamente narrada por Innocencio da Silva e outros. Dão-no como nascido em 1808 em Coimbra. Parece errada similhante dacta; porque em 1822 acha-se Accioli implicado, no Pará, na Independencia do

Brasil, sendo preso e remettido para Lisboa, segundo elle proprio conta nas *Memorias historicas da Bahia.*

Não parece curial que um menino de quatorze annos se mettesse em taes façanhas.

Sabe-se positivamente que Accioli acompanhára ainda muito criança seu pai, o desembargador Miguel Joaquim de Cerqueira e Silva, para o Brasil; que residira muitos annos no Pará, passando-se depois para a Bahia e finalmente para o Rio de Janeiro; que viajára em moço pelo interior do paiz, fazendo por terra a viagem do Rio a Belém, como elle refere no prologo da *Corographia Paraense.*

Os annos mais fecundos de sua vida passara-os na Bahia, onde fez boa fortuna como advogado e publicou suas principaes obras.

Teve diversas condecorações e foi coronel do exercito. Já velho e cançado veiu residir no Rio de Janeiro, a convite do Dr. Mello Moraes, sendo então nomeado chronista do imperio. Ignacio Accioli foi homem muito estudioso e trabalhador.

Conhecia bem diversas linguas, sendo latinista eximio. Fez largos estudos sobre o Brasil; suas publicações sobre nosso paiz, um pouco desalinhadas na fórma, são amplos mananciaes onde ha muito a colher.

As principaes d'ellas são :

Corographia paraense ou descripção physica, historica e politica da provincia do Grão-Pará (1833); *Memorias historicas e politicas da provincia da Bahia* (1835-52); *Informação ou descripção topographica e politica do rio S. Francisco* (1847); *Dissertação historica, ethnographica e politica sobre as tribus aborigenes que habitavam a provincia da Bahia* (1848); *Ensaio corographico do imperio do Brasil* (1854).

Este ultimo trabalho já é publicado no Rio de Janeiro. Vem assignado de parceria com o Dr. Mello Moraes, pertencendo, porém, a Ignacio a parte principal.

O auctor dava-se por simples geographo e chronista; não tinha velleidades de historiador. Seu espirito era atilado e imparcial, seus conhecimentos regulares, suas leituras mais ou menos amplas.

O estylo era descuidado e de uma simplicidade attrahente. Em seus escriptos ha inegavelmente muitos erros historicos, geographicos e ethnographicos.

Accioli representa, porém, a média do senso historico dos portuguezes e brasileiros na primeira metade do seculo XIX.

As *Memorias da Bahia* são a principal das suas obras. A historia da Independencia por exemplo é alli excellentemente narrada.

Ainda uma vez pude conhecer que só dois homens, sob o ponto de vista militar, cumpriram bem o seu dever n'aquella conjunctura : o francez Pedro Labatut e o portuguez Madeira. Tambem são os dois unicos que ficaram populares, um em bem e outro em mal. De mais nenhum se lembra o povo.

Quem escrever a futura historia da Independencia do Brasil, terá em Ignacio Accioli um grande auxiliar. *A Dissertação ethnographica* sobre os indigenas da Bahia é tambem mui valiosa. E' n'aquelle genero semi-scientifico a que pertencem diversos estudos brasileiros sobre o assumpto e entre outros a celebrada memoria de Gonçalves Dias — *o Brasil e a Oceania.*

São preparações para productos mais serios e de mais rigoroso methodo. A *Corographia do Pará* é ainda um livro de merecimento, apezar de grandissimas lacunas.

Para amostra do estylo de Ignacio Accioli transcrevo aqui a narrativa do episodio dos *Palmares.*

E' este :

« Durante a primeira invasão dos hollandezes em Pernambuco, quarenta africanos, escravos de vários engenhos da villa de Porto-Calvo, por buscarem a liberdade, fugiram para o interior do continente d'aquella villa, acompanhados de várias escravas, e, munidos das armas que puderam adquirir, se estabeleceram no interior da terra firme, entre aquella villa e a de Atalaia, em 9º de latitude norte. Bem depressa se lhes reuniram outros muitos pretos e pardos, escravos e livres, que fugiam aos castigos publicos ou domesticos em que haviam incorrido ; assaltavam as fazendas vizinhas, d'onde á força conduziam comsigo outras escravas e o mais de que precisavam, e já poderosos em forças elegeram para chefe de sua republica a um dos mais valentes e esforçados, com o titulo de *Zombi*, tendo

além disso seus magistrados com os proprios titulos porque eram reconhecidos em Africa.

Consta que os crimes entre elles irremissivelmente punidos de morte, eram o homicidio, o roubo aos do estabelecimento e o adulterio : gozavam da liberdade os escravos que espontaneamente se lhes uniam, mas eram conservados no captiveiro os tomados por força, sendo aquelles castigados mais severamente que estes, quando tentavam voltar a seus primeiros senhores. Uma tanga lhes cobria a cintura, e, exceptuados os maioraes, que usavam da roupa que furtavam, aquella constituia toda a sua unica cobertura : sua religião era uma mistura de christianismo e paganismo, e pelo terror que incutiam nas suas correrias, muitos habitantes com elles fizeram liga, vendendo-lhes o armamento, fazendas e outros generos da Europa, de que elles precisavam, ficando assim confederados e livres de quaesquer violencias dos capitães da republica, para o que recebiam uma especie de salvo-conducto, representado em certas figuras, confederação aquella contra a qual não foram bastantes as penas impostas, por diversas ordens, pois que o perigo a que estavam expostas, fazia esquecer o castigo futuro.

Excedia a 20,000 pessoas o numero dos reunidos n'aquelle *mocambo*, metade dos quaes eram capazes de pegar em armas, e a povoação comprehendia mais de uma legua em circuito, tendo por muralha uma estacada de duas ordens de páus altos e lavrados nas quatro faces, da melhor e mais forte madeira que abunda n'aquelle districto, com tres portas á igual distancia, e sobre cada uma d'estas sua platafórma, guarnecida durante a paz, por duzentos homens, commandados por um official de valor além de outras fortificações : as casas no interior eram irregulares, differindo apenas a do *Zombi*, pelo seu tamanho e formato ; uma elevada collina no centro da povoação lhes servia de atalaia, d'onde descortinavam á longa distancia todos os aproches, dos que os quizessem atacar ; as aguas eram abundantes e uma lagôa lhes fornecia grande quantidade de pescado. A denomniação de *Palmares* proveiu de muitas palmeiras que os negros ali plantaram e além do recinto assim fortificado, tinham outros estabelecimentos de cultura nas immediações, estabelecimentos esses a que presidiam os mais valentes. O paulista Domingos Jorge Velho, exigido pelo governador de Pernambuco, Caetano de Mello e Castro, partiu de Piancó, onde estava com o seu corpo, que constava de 1,000 homens, pelo centro, de ordem de D. João de Lencastro ; atravessou o Urubú, pretendendo reconhecer os Palmares e ser o primeiro em bater os negros, mas no terceiro dia em que se allojára em Guaranhús, defronde dos Palmares, en-

tretidos os seus soldados em colher os fructos de um bananal pertencente aos d'aquella fortificação, foram improvisadamente atacados por um grupo dos sobreditos negros, perecendo n'este ataque mais de quatrocentas pessoas de ambos os partidos : não quiz Domingos Jorge tentar vingança, e, seguindo as ordens que recebeu de D. João de Lencastro, marchou para a villa de Porto-Calvo, que era o ponto designado para a reunião de outra força que devia chegar, mandada pelo governador de Pernambuco.

Constava esta expedição de 3,0.. homens, entre os quaes se contavam voluntariamente alistados muitos proprietarios, a quem os dos Palmares tinham causado grandes prejuizos, e era chefe d'essa força Bernardo Vieira de Mello, que tendo antes batido uma partida d'aquelles negros, em um choque que teve com elles, sahiu de sua fazenda denominada *Pindobas* e se foi offerecer ao governador com muitas pessoas que reuniu : de Alagôas, Penedo, S. Miguel, e Santa Luzia do norte, marchâram a incorporar-se aos de Pernambuco 1,500 homens, sob o commando do sargento-mór Sebastião Dias, e reunidos todos em Porto-Calvo, se lhes incorporâram tambem o respectivo alcaide-mór Christovão Luiz de Vasconcellos, o capitão Rodrigo de Barros Pimentel e o coronel Christovão da Rocha Barbosa.

D'ali marchâram para os Palmares, onde já se haviam recolhido os dos estabelecimentos exteriores d'aquella fortificação, depois de destruirem todas as plantações, cujos fructos conduiziram para o presidio, afim de que os seus contrarios não se pudessem d'elles servir. Bernardo Vieira atacou a porta central, Domingos Jorge a do lado direito e Sebastião Dias a do esquerdo ; a outros officiaes foram encarregados diversos pontos da estacada, onde se puzeram escadas, levadas por prevenção, mas quantos por ellas subiam foram victimas do valor dos negros, sendo rechassados com armas, flexas e até com agua fervendo.

Os sitiantes, conhecendo não poderem escalar a estacada, recorreram ao governador de Pernambuco, pedindo-lhe mais soldados e artilharia, sem a qual diziam ser impossivel poderem romper o intrincheiramento, e poucos dias depois da partida de seus correios, lhes chegâram os viveres que tinham exigido das villas de Alagôas, Penedo e S. Miguel : mas os negros, a quem já faltava a polvora, vendo da sua atalaia o consideravel reforço que chegava aos sitiantes, desanimâram : Sebastião Dias, á força de machados, conseguiu abrir a porta que lhe tocâra, acontecendo o mesmo a Bernardo Vieira, aos quaes logo se reuniu o paulista Domingos Jorge, apezar da distancia em que se achava no seu ponto ; todavia pequena resis-

tencia soffreram, porque o chefe *Zombi* e seus principaes companheiros, julgando infaillivel a sua captura, se precipitáram corajosamente do alto da collina, preferindo essa morte á escravidão, e os outros, rendendo-se entre o pranto e excessivos clamores, foram levados a Pernambuco, onde, tirados os quintos pertencentes á fazenda publica, se repartiram os restantes pelos chefes e soldados da expedição, conforme as prezas que fizeram quando entraram na fortificação em a qual nada de precioso se achou, superabundando sómente o armamento; e os escravos, de quem se temia que outra vez fugissem e se rebellassem, foram distribuidos por outras provincias, ficando apenas em Pernambuco as mulheres e crianças. » (1)

Ignacio Accioli é um dos mais nitidos exemplares dos portuguezes liberaes que abraçaram a causa da Independencia do Brasil e trabalharam por ella.

Eram homens intelligentes, capazes de comprehender a vantagem de separar a colonia da seiva embobrecida do velho tronco da metropole; capazes de comprehender nos povos americanos um renovamento, uma nova adaptação divergente do velho espirito europeo.

Eram portuguezes existentes no Brasil e conhecedores da vida propria d'este paiz.

A acção d'elles foi salutar e vantajosa ;serviu para fazer de nossa independencia uma questão de justiça, propria para interessar a todos os homems de intelligencia e coração. Serviu para levantar aquelle movimento politico acima de uma questão de classes ou de castas. Brancos, negros, mestiços, europeos ,todos tomaram parte no grande facto.

Investigações historicas recentes provaram a existencia no proprio Portugal de adeptos da independencia do Brasil filiados nos partidos revolucionarios europeos e em correspondencia com elles. O movimento de emancipação colonial americano, se teve em si proprio o seu impulso, não deixou por isso de dever algum apoio aos agitadores do velho mundo.

Independentemente d'esse auxilio secundario a America

(1) *Memorias historicas da provincia da Bahia*, vol. I, pag. 136 e seguintes.

teria levado por diante o seu direito e o seu valor. Antes que em 1789 o espirito politico liberal, anteriormente levado por Voltaire e Montesquieu da Inglaterra para a França, se formulasse na tão decantada declaração dos direitos do *homem*, esse espirito liberal e humanitario tinha feito um igual manifesto na *Constituição Federal* dos Estados Norte-Americanos.

A celebre declaração dos direitos do homem é uma copia do preambulo da constituição dos Estados-Unidos.

Toda a America, e com ella o Brasil, faria *da se;* não tinha necessidade de esperar e não esperou; principalmente n'aquelle tempo em que não tinha sido ainda inventada a grande origem, a matriz inexgotavel da banalidade hodierna, o pretencioso cosmopolitismo contemporaneo.

Esta mania igualisadora ainda não levantava afoitamente a cabeça.

Cada povo e cada continente devem ter a consciencia de seu destino e procurar n'uma differenciação cada vez mais crescente a harmonia do genero humano.

Se o progresso futuro tiver de ser feito á custa da diversidade, da variedade, da differenciação, do pittoresco, da originalidade das creações humanas, o diabo leve o progresso e traga os antigos dias do indigenismo, do nativismo, do particularismo das crenças e effusões. Que cousa miseravelmente banal não seria o mundo, se elle fosse feito segundo as ideias e os gostos dos nossos cosmopolitas — mirins!

Voto contra similhante chateza e acho digno de preitos todo e qualquer individuo que de algum modo tem contribuido para crear-nos uma physionomia á parte.

Ignacio Accioli amou este paiz, concorreu para arrancal-o da exploração politica de Portugal, estudou sua historia, descreveu algumas de suas provincias, analisou alguns dos seus primitivos povos selvagens, teve alma brasileira, e bem haja a elle por isso.

Se procuro bem definir o seu espirito, parece-me ter sido um homem intelligente, activo, disciplinado classicamente, possuindo a curiosidade da historia por ella mesma, pelo

gosto das suas narrativas, sem systematisação, sem philosophia, sem critica determinada. Conhecia muitos factos, tinha muito material na cabeça; porém não dispunha habilmente este ou prendia e concatenava bem aquelles.

E' um indicador, um simples *cicerone* da historia; mas um cicerone honesto e habil.

Manoel Ayres de Casal foi um padre portuguez residente longos annos no Brasil, onde deu-se com paixão ao estudo da geographia e da historia do paiz. Sua biographia é quasi completamente desconhecida.

Sabe-se apenas com certeza que, voltando para Portugal em 1821, fallecera pouco depois; que antes em 1817 publicou em dous volumes uma notavel obra sob o titulo de *Corographia Brasilica, ou relação historica e geographica do reino do Brasil.*

E' uma das mais consideraveis publicações do seculo XIX em tal genero de estudos n'este paiz.

D'este livro importantissimo tirou-se no Rio de Janeiro uma 2ª edição em 1833 (1) Os bibliographos falam erroneamente n'uma edição de 1845, que não passa de uma fraude de lirvreiro, consistente na simples mudança da pagina de rosto da edição de 1833 (2) Mas deixemos isto e vamos ao espirito do livro, que muitas fadigas e desgotos custou ao seu auctor.

A publicação da *Corographia Brasilica* em 1817, no anno da revolução de Pernambuco, é um facto symptomatico. O Brasil estava constituido, a Independencia ia ser um acontecimento impreterivel, e o paiz dava como que um balanço em si mesmo, descrevia-se, notava seus recursos, suas forças, seus elementos de vida e progresso. Alem d'este valor moral, o livro tem grande alcance scientifico sob o ponto de vista historico e geographico. Casal não se limitou a copiar os seus antecessores; fez pesquizas proprias e julgou com perfeito criterio muitos dos erros dos antigos corographos brasileiros e portuguezes.

(1) E' a edição que tenho agora em minha frente. A 1ª nunca a vi.

(2) Vide *Annaes da Imprensa Nacional*—por A. do Valle Cabral, pag. 136 e seguintes.

O livro é além d'isto notavel como retrato do Brasil nos começos do seculo XIX e como estimulo para estudos posteriores.

Antes de tudo releva notar que é um trabalho methodico e de leitura aprazivel; não é ao gosto dos velhos cartapacios massadores.

Começa por uma *Introducção* em que o auctor fala, do descobrimento da America, da sua grandeza, do desçobrimento do Brasil, da sua extensão, da fauna e da flora do paiz. A descorberta do continente e a questão das antigas tradições a seu respeito é tratada magistral e concisamente. E' superior á narrativa parallela de Varnhagen, e tem sido mina para plagiarios incorregiveis, bem como todo o resto do livro.

Passa depois á descripção minuciosa das provincias na ordem seguinte :

S. Pedro do sul, Paraná, Uruguay, Santa Catharina, S. Paulo, Matto-Grosso, Goyaz e Minas-Geraes. São as materias contidas no 1° volume.

No 2° volume prosegue n'esta disposição :

Rio de Janeiro, Espirito-Santo, Porto-Seguro, Bahia, Sergipe, Pernambuco, Parahyba, Rio-Grande do Norte, Ceará, Piauhy, Maranhão, Pará, Solimões e Guyanna. E' mais ou menos o quadro do Brasil actual.

Ha, comtudo, algumas observações a fazer. Desde que o auctor partiu do sul para o norte, deveria começar pela provincia do Uruguay, a *Cisplatina*, que então nos pertencia e não deixal-a para o terceiro lugar.

Não se póde bem descobrir a razão pela qual incluiu no Brasil a provincia que donominou *Paraná;* porque não é o nosso Estado moderno assim intitulado e que então não existia como provincia; é o territorio da actual republica do Paraguay, que não pertenceu jámais ao Brasil.

O mesmo não se póde dizer do Uruguay e da Guyanna franceza, descriptos com razão como nossos; porque effectivamente nos tempos de João VI as duas regiões foram incorporadas ao paiz.

Não poderia trazer as modernas provincias do Amazonas

e Paraná, limitando-se como fez, a descrevel-as como comarcas, uma do Pará e outra de S. Paulo.

Outro tanto não deveria fazer com Alagôas, que foi omittida, quando em 1817 já tinha certa independencia, pelo menos mais do que Porto-Seguro, que já estava de facto incluida na Bahia, e é descripta como provincia á parte. A proposito da descripção do paiz por Ayres de Casal, se poderia agitar a questão de saber até que ponto as provincias brasileiras, hoje Estados, correspondem ás antigas capitanias, quer as primitivas da divisão de D. João III, quer as creadas posteriormente.

Ver-se-hia que algumas das antigas capitanias correspon dem mais ou menos a provincias ou Estados de hoje, outras, por muito grandes, fraccionaram-se em diversas provincias, e, finalmente, algumas desappareceram, sendo, por pequenas e pouco expansivas, incorporadas a provincias visinhas.

Deixo aos especialistas este trabalho de confronto e limito-me a agitar uma questão historica mal comprehendida e erroneamente descripta por nossos auctores. Tomo os fundamentos da questão no proprio Ayres de Casal.

Geralmente se repete que a provincia da Bahia era a mais antiga do Brasil e corresponde á velha capitania da Bahia, doada a Francisco Pereira Coutinho; repete-se mais que a provincia de Sergipe era uma das mais novas, tendo sido antes uma comarca bahiana. Foi sempre o estribilho dos poderosos politicos da grande provincia para pizarem a sua pequena visinha.

Não póde haver maior erro ,e contra elle protestam todos os factos conhecidos da colonisação do Brasil. A verdade é outra e mui diversa.

A antiga provincia da Bahia, na maxima parte, contituiu-se absorvendo as terras das capitanias de Ilhéos e Porto-Seguro, que desappareceram da vida politica e administrativa. Tomando-se a sua capital como ponto de partida, vê-se historicamente que a poderosa provincia avançou para o sul; e para o norte não deu passo algum, antes recuou.

Não é tudo; de facto nunca existiu uma grande capitania da Bahia. Porquanto, na primeira divisão do Brasil effec-

tuada em 1534, couberam a Francisco Pereira Coutinho as terras que vão da Ponta do Padrão, hoje Santo Antonio da Barra, até ao rio S. Francisco. As terras ao sul da Ponta do Padrão foram dadas aos donatarios de Ilhéos e Porto-Seguro.

Ora, todos sabem que em 1548 a capitania passou aos dominios da corôa, que em 1590 tirou-lhe todas as terras desde o rio Itapicurú até ao S. Francisco, e constituiu com ellas a capitania de Sergipe de El-Rei, ficando exclusivamente para a insignificante e primitiva capitania da Bahia a pequena nesga de terra entre Santo Antonio da Barra, ponto proximo á cidade de S. Salvador da Bahia e o rio Itapicurú.

A conseqencia é que, se a provincia não tivesse se apoderado das terras do sul, pertencentes ás capitanias de Ilhéos e Porto-Seguro, e, já em nossos dias, engolido a zona entre o Itapicurú e o Rio Real, seria o menor e mais insignificante Estado de todo o Brasil.

Sergipe é, portanto, uma das mais antigas regiões autonomas do paiz; constituiu-se com a melhor parte das terras doadas a Francisco Pereira Coutinho, e logo tomadas pela corôa, e seu nome é que deveria figurar na historia designando a capitania concedida áquelle fidalgo.

Quando na segunda metade do seculo XVI os portuguezes colonisaram definitivamente aquella região, ella teve desde logo administração independente da Bahia. Não foi uma creação do imperio, como pensam alguns desconhecedores dos factos.

Antes da Independencia já Ayres de Casal a descrevia como governo á parte da Bahia.

Muitas questões como esta podem ser ventiladas a proposito de Ayres de Casal. Seu livro é muito abundante de factos e altamente instructivo.

Como amostra de sua *maneira* de escrever cito a pagina em que narra a descoberta e colonisação de Matto-Grosso. Disse elle :

« Tendo os Vicentistas (1) reduzido as nações Guanhanâ e Carijó, começaram logo a passar á outra banda do rio Paraná em busca d'outras igualmente puzillanimes e pouco numerosas.

(1) Os habitantes de S. Paulo, antiga capitania de S. Vicente.

Aleixo Garcia e um irmão ou filho, que acompanhados d'uma numerosa escolta de indios domesticos, havendo passado além do Paraguay, penetraram até á proximidade dos Andes no meiado do seculo XVI, foram os primeiros descobridores conhecidos da parte meridional d'esta vasta provincia ; e Manoel Corrêa, paulista como aquell'outros, passando além do Araguaya, o da parte septentrional muito tempo depois. Ignoramos os nomes dos outros sertanistas ou commandantes de bandeiras, que visitaram o paiz á busca dos indigenas até o anno de 1718, quando Antonio Pires de Campos, tambem paulista, subiu pelo rio Cuyabá em procura dos indios Cuchipós, que tinham uma aldêa no sitio onde hoje está a hermida de S. Gonçalo.

No anno seguinte Pascoal Moreira Cabral, seguindo-lhes os passos, subiu pelo rio Cuchipó-mirim, e á pouca distancia viu granetes d'ouro ; e deixando ali parte da comitiva para os aproveitar, continuou rio acima com os mais até o sitio chamado hoje Forquilha, onde apanhou alguns indios pequenos enfeitados com folhetas de ouro, á vista das quaes se certificou que o terreno era abundante d'este metal ; e procurando-o com cuidado, ajuntou uma porção consideravel.

Tornando aos companheiros, desceu com elles rio abaixo até a aldêa, que Antonio Pires havia visitado no anno antecedente ; onde cada qual mostrou o que tinha juntado. Uns acharam-se com 100 oitavas, outros com meia libra, outros com muito menor porção, mas geralmente contentes : sendo os mais aproveitados os que tinham acompanhado ao capitão Moreira, que trazia á sua conta libra e meia de ouro. Todos lamentavam a falta de instrumentos mineratorios, porque todo havia sido cavado á mão na areia. Começaram logo a edificar cabanas, e fazer sementeiras de mantimentos nas margens dos rios, resolvidos a persistir ali emquanto durasse o lucro.

Passadas algumas semanas, chegou ao novo arraial outra bandeira, que tinha ficado nas margens do rio de S. Lourenço ; e com a noticia do descobrimento determinou augmentar a povoação. Fazendo todos consulta sobre a actual circumstancia, determinaram enviar José Gabriel Antunes á cidade de S. Paulo com as amostras do ouro a noticiar o descoberto, e trazer do governador as ordens necessarias para o bem commum, e serviço de Sua Magestade : do que se lavrou um termo, em que se assignaram 22 homens, que tantos eram os que figuravam em a nascente povoação.

No mesmo dia da resolução, que foi a 8 de abril de 1719, elegeu o povo unanimemente ao capitão Pascoal Moreira Cabral por seu

guarda-mór regente até á chegada da ordem do governador de S. Paulo, revestindo-o de muita autoridade, e promettendo-lhe obediencia; do que se exarou outro termo, que servisse como d'ordenação até a vinda de José Gabriel, que gastou muitos mezes em chegar á capital, onde divulgada a riqueza do descobrimento, começou logo no anno seguinte a partir para elle grande numero de gente em varios comboios, dos quaes nenhum chegou a Cuyabá sem maior ou menor perda: havendo morrido muita gente no cáminho, uns de febres, outros de differentes desastres: desgraças que continuaram a experimentar-se annualmente, e tanto mais lastimosas, quanto mais importantes e numerosos eram os comboios: tudo por falta de bons praticos, de não se guardar a ordem devida na marcha, por desmazelo em não se acondicionar bem o mantitimento, por não levarem instrumentos de pescar, e armas de fogo para a caça, e defeza das feras e dos selvagens.

No mesmo anno se mudou o arraial para o lugar da Forquilha, onde Moreira tinha achado melhor pinta de ouro: e no seguinte, achando-se um Miguel Sutil, sorocabáno, em uma roça que estava principiando na margem do Cuyabá, dois carijós ou indios domesticos, que tinha mandado ao mato em procura de mel, lhe trouxeram á noite 23 folhetas de ouro, que pezaram 120 oitavas, dizendo que lhes parecia haver ainda mais no mato, onde tinham ido procurar colmêas. Na manhã seguinte se pôz a caminho o contente Sutil com um seu camarada europeu, chamado João Francisco, e por alcunha o *Barbado*, e toda a sua comitiva domestica, guiados pelos dois carijós para o sitio, onde tinham achado as folhetas, que era onde hoje está a villa de Cuyabá. O lugar onde se acha a hermida de Nossa Senhora do Rosario, é onde os carijós tinham apanhado as que levaram. Ali gastaram a maior parte do dia, apanhando com as mãos o que estava á vista ou mal cuberto : e recolhendo-se á tarde a seus ranchos, Sutil achou-se com meia arroba de ouro e *Barbado* com 400 e tantas oitavas.

Esta ventura, noticiada ao outro dia no arraial da Forquilha, fez mudal-o de improviso para o lugar onde os dois camaradas Sutil e *Barbado* haviam achado a mancha e onde se calculou que se tirára acima de 400 arrobas d'aquelle metal dentro n'um mez, sem que os soccavões excedessem á 4 braças de profundidade.

N'este mesmo anno chegou a S. Paulo o governador Rodrigo Cesar de Menezes, cujos primeiros cuidados foram a exacta arrecadação dos quintos reaes d'estas minerações. Com este intuito nomeou dois paulistas irmãos, de distincto nascimento e abastados, Lourenço Leme, com o cargo de procurador dos quintos e João Leme

com o posto de mestre de campo das mesmas minas : os quaes em razão da liberdade com que sempre triumpharam das leis á sombra de seus cabedaes, julgando-se agora mais authorisados para impunemente só consultarem seus caprichos, chegando ao arraial, começaram com violencias absurdas, até querendo expulsar das minerações tudo o que não fosse paulista : e porque o capellão declamou contra a injustiça, mandáram dar-lhe um tiro, que errando o alvo, matou um seu familiar : e por ciúmes que tinham de um Pedro Leite, mandáram insultal-o deshumanamente a tempo que estava ouvindo missa ! Estas e outras atrocidades fizeram reviver certos crimes que estavam como sepultados e obrigáram o general a expedir ordem para serem remettidos presos ; do que sendo avisados por um seu parente, se puzeram a salvo, de sorte que quando chegou o mestre de campo, Balthazar Ribeiro, para executar a ordem do governador, já os insolentes se achavam fortificados n'um lugar remoto com seus familiares, onde frustradamente foram atacados ; porque rompendo o cerco, depois de algumas mortes de parte á parte, fugiram para o sertão com grande numero dos seus : mas foram perseguidos até que Lourenço Leme foi morto com um tiro como uma féra e o irmão preso e remettido com o summario de seus crimes á cidade da Bahia, cuja relação o fez degolar em 1724.

A exorbitante quantidade dos quintos, que em 1723 chegou a S. Paulo juntamente com o preso João Leme, e certeza da morte do outro regulo irmão, deu um grande brado. Todos queriam ser mineiros do Cuyabá, ainda a troco das calamidades annexas á laboriosa e prolongadissima viagem.

De mais de 300 pessoas que em 1725 sahiram de S. Paulo com 20 e tantas canôas, só 2 homens brancos e 3 negros escapáram : todos os mais foram mortos ou prisioneiros n'um encontro que tiveram com uma armada indiana (e que se cuidou por muito tempo ser de payagoás) no rio Paraguay, defronte da embocadura do Harêz.

Os paulistas, posto que conheciam os payagoás pelos maiores marinheiros, não tinham ainda noticia de que esta nação possuisse tão numerosa armada. » (1)

Além de paginas narrativas, como esta, que ahi fica, existem na *Corographia Brasilica* paginas descriptivas de merito, como aquella em que trata da cidade da Bahia, a nossa *Soteropolis*, e boas paginas criticas. São d'este numero as em

(1) *Corographia Brasilica*, 1º vol., pag. 205 e seguintes; edição de 1833.

que discute os quatro notaveis successos dados na mesma Bahia, antes da fundação da capital, a saber : o naufragio de Diogo Alvares Corrêa, outro d'uma náo castelhana, o desembarque do donatario Francisco Pereira Coutinho, e o seu desgraçado fim. (1)

Uma vista geral atirada sobre os nossos historiadores da phase classica deixa uma impressão similhante a que fica dos nossos poetas e dos nossos sabios do mesmo periodo. Tudo obedece a uma só lei, a uma só rythmo evolutivo.

E' um mundo que se forma com suas linhas ainda incertas por um lado, e por outro já bem definidas. Tudo é ainda novo ; as preoccupações de um pensamento laborioso que se volve e torna a volver sobre si mesmo não se notam ainda. Tudo simples, superficial por vezes ; tudo, porém, enthusiastico e esperançoso.

E' uma infancia, achacada e triste um ou outro instante, alegre e expansiva muitas vezes. Qual uma vegetação, uniforme nos traços geraes que lhe imprimem a natureza do terreno e as condições do meio, e variada nas formas e nas côres das arvores e nos accidentes locaes, a intelligencia brasileira brota e cresce então por todos os lados, alastrando todos os dominios das ideias. Aqui eleva-se, acolá rasteja, além espande-se, mais adiante retrae-se ; mas por toda a parte mostra viço e vigor. Poesia epica, poesia lyrica, a satyra, a comedia, a historia, a sciencia, a eloquencia tiveram os seus cultores.

Na historia e na corographia houve typos mais altos e os houve mais baixos. Qualquer que seja o rigor que se queira exercer contra os nossos auctores do genero não poder-se-ha contestar que Pedro Taques e Ayres de Casal são dois cimos da mentalidade nacional na grande epoca que chamei de seu desenvolvimento autonomico.

(1) *Corographia Brasilica*, vol. 2º. pag. 79 e seguintes da edição de 1833.

CAPITULO VIII

Economistas, jurisconsultos, publicistas, oradores, linguistas, moralistas, biographos, theologos e litteratos

Já vimos passar ante nós poetas lyricos e epicos, satyricos e patrioticos, sacros e profanos; já vimos sabios e naturalistas, historiadores e artistas, e, todavia, ainda não está esgotada a grande época. Faltam alguns dos mais notaveis espiritos d'este paiz. Resta ainda vêr o que foi praticado nas relações economicas e juridicas, nas politicas e sociaes, e n'outros dominios da intelligencia.

Feito isto, ainda não estará findo o trabalho historico-litterario. Será preciso lançar as vistas sobre a historia da imprensa, especialmente na sua mais palpitante manifestação, o jornalismo, e sobre a historia da pedagogia, particularmente na parte referente aos livros de classes, os compendios das aulas.

O pessoal que se apresenta agora é bastante numeroso; é preciso dividil-o pelos assumptos de que se occuparam os que o compoem. Pode tambem soffrer uma divisão especial sob o ponto de vista chronologico. Figuram n'este capitulo escriptores que falleceram nos dias de D. João VI, outros que attingiram os tempos do primeiro imperador, alguns que chegaram á Regencia e, finalmente, não poucos que penetraram pelos annos posteriores á maioridade de D. Pedro II. Estes ultimos serão deixados na maxima parte para as paginas derradeiras d'este volume.

Prosposital e convictamente eliminarei do quadro um bem crescido numero de figuras.

Empregarei ainda n'este ponto o salutar processo de eliminação dos typos secundarios.

Por outro lado, os assumptos que se vão agora tratar são

tão variados e complexos, que o melhor será descrevel-os em fórma resumida e syncretica.

André João Antonil, *D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coitinho*, *José da Silva Lisboa*, *Hippolyto José da Costa Pereira*, *Evaristo Ferreira da Veiga*, *Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva*, *Martim Francisco Ribeiro de Andrada*, *Antonio de Moraes Silva*, *Marianno José Pereira da Fonseca*, *Antonio Joaquim de Mello*, *D. Romualdo Antonio de Seixas*, *D. Manoel do Monte Rodrigues de Araújo*, *Miguel do Sacramento Lopes Gama* — são os escriptores que reclamam agora attenção.

A economia politica, a jornalistica, a eloquencia parlamentar, a biographia, a theologia e a linguistica estão ahi representadas.

E' bem certo que, pelo que toca á jornalistica e á oratoria parlamentar, fôra possivel falar agora de *Antonio José do Amaral*, *Manoel Ferreira de Araujo Guimarães*, *José Saturnino da Costa Pereira*, *Joaquim Gonçalves Ledo*, *Antonio Vasconcellos Menezes de Drummond*, *Francisco Gé de Acayaba Montezuma*, *Cypriano José Barata de Almeiada*, *Francisco Moniz Tavares*, *Manoel Alves Branco*, *Bernardo Pereira de Vasconcellos*, *José Joaquim Carneiro de Campos e José Ignacio de Abreu e Lima*.

Ha uma consideração que os elimina d'este quadro : aquelles que pela dacta rigorosa de seu desenvolvimento prendem-se a este periodo não possùem elevado merito ; os que são verdadeiramente notaveis começaram apenas na Regencia, vindo só posteriormente a dar toda a medida de seu valor.

A este periodo e a este assumpto prende-se tambem uma das mais lendarias figuras da politica brasileira, *Antonio Ferreira França*.

Em um capitulo anterior foram vistos os que entre nós trataram das sciencias da naturesa, agora é a vez dos que se occuparam com as sciencias do homem.

Não sei se ainda é possivel falar n'essas duas especies de sciencias. Ha hoje em dia uma tal tendencia a vêr no universo inteiro não sei que pavorosa unidade, onde tudo se emaranha

e confunde, onde todas as divisas estão apagadas; onde o physico e o biologico, o inorganico e o organico, o inconsciente e o consciente, o natural e o social entram n'uma só e mesma categoria; onde tudo se resolve em força e massa, ou molecula e movimento, que jà vai sendo perigoso usar de certas formulas da antiga linguagem.

Nasceu isso de certos exaggeros do seculo XIX, o qual apezar de ter sido, como elle mesmo suppunha, o seculo por excellencia, o grande seculo, e seculo impeccavel, tambem teve seus disparates e não pequenos...

Pode-se dizer d'elle o que Ivan Tourguenieff disse de sua patria : « Na Russia dois e dois são quatro, porém com mais brilho e altivez do que em qualquer outra parte ». Foi o que se deu com o famoso seculo; esbogalhou-se e atordôou o mundo inteiro para dizer as cousas mais simples que os outros seculos disséram calma e suavemente. E não foi só isto, a metade do seculo se volveu contra a outra metade, e ainda mais, cada decennio contra o decennio anterior; porque cada um d'elles suppoz ter dito cousas de que os outros nem por sonho cogitaram!...

Tudo foi *novo*, *novissimo*, tudo, segundo o adagio, cahiu das nuvens por descuido. Só se ouvia falar na sciencia nova, na arte nova, no direito novo, na politica nova, na moral nova, no sentimento novo, no caracter novo...

E o pobre seculo não percebia que laborava assim na mais arraigada contradicção intrinseca; porquanto se tudo o que existe, segundo uma verdade evidentissima e estimada do proprio seculo, está sujeito ao desenvolvimento, á evolução, ao desdobramento indefinido, e é um resultado d'esse mesmo movimento, nada existe de novo; tudo o que parece *novo* é apenas resultado de *velhos* antecentes, *velhissimas* premissas.

O seculo gabou-se de ter inteiramente renovado as sciencias da natureza e as sciencias do homem e da sociedade. Não houve tal; elle apenas desenvolveu as boas tendencias que os grandes obreiros dos tempos anteriores lhe transmittiram.

Para mim dois grandes factos têm presidido ao desenvol-

vimento das sciencias nos tempos modernos : o emprego do methodo inductivo em todas as sciencias que occupam as series além da mathematica, e a applicação da idéa, da noção de evolução, categorisada em lei geral para todo o universo.

O seculo XIX mais do que os outros apoderou-se d'essas duas alavancas do pensamento. Elle, porém, não as creou ; achou-as formuladas e teve o bom senso de apoderar-se d'ellas. Como é facil explicar, as duas grandes conquistas, das quaes a segunda é uma consequencia mesma da primeira, applicaram-se ás sciencias physicas e naturaes antes de se applicarem ás sciencias chamadas moraes.

Firmal-as definitivamente no terreno d'estas ultimas foi obra dos ultimos tempos, sem que, todavia, se possa com justiça contestar á Inglaterra a gloria de tel-o tentado desde os tempos de Bacon e sempre assim procedido pelos orgãos de Hobbes, Locke, Adam Smith, Malthus e Bentham, até os seus grandes pensadores dos derradeiros tempos. O methodo inductivo é essencialmente experimental, demanda sobretudo tempo e mais tempo para chegar a firmar as leis que regulam os factos.

A antiguidade é perfeitamente desculpavel de não ter ahi chegado á perfeição. Esta pôde ella attingil-a na arte, na mathematica, na philosophia geral, em tudo aquillo em summa que não dependia das experiencias accumuladas de gerações sobre gerações.

Com o alvorecer, porém, da época moderna, sob a direcção de Bacon, de Galileu, de Leibnitz, o espirito humano encaminhou-se pela estrada do *a posteriori* e as sciencias physicas e naturaes começaram a mudar de aspecto. Com ellas foram-se a pouco e pouco modificando as sciencias do homem, as velhas sciencias moraes.

Este impulso, lei rythmica de sua evolução, alastrou todos os dominios do espirito e chegou até o XIX seculo que teve bastante juizo para não se oppôr ao movimento e antes entrar n'elle e dirigil-o.

A differença capital e unica existente entre a esthetica, a moral e o direito antigos e a esthetica, a moral e o direito modernos é apenas uma simples inversão de vista ; os antigos

fizeram-nos de cima para baixo, nós modernos fazemo-los de baixo para cima. Os antigos estavam no absoluto, no *a priori* e deduziam regras e preceitos ; nós modernos nos collocamos no relativo, no *a posteriori* e induzimos as leis que devem regular estas producções do espirito.

Juntamos a tudo isso a concepção de que nada ha estavel, de que tudo se desenvolve. Eis a differença das duas intuições.

Os antigos, tendo chegado a fazer uma idéa do bello, uma idéa do justo e uma idéa do bem, suppuzeram-nas eternas, absolutas, innatas ao espirito humano ; constituiam ellas, com a idéa da verdade infinita, — as bases fundamentaes da razão universal.

Acima d'ellas nada havia ; eram as cumiadas inaccessiveis da intelligencia humana ; eram como principios, como leis, como axiomas incondicionaes da razão.

E as sciencias que se occupam do bello, do justo, e do bem, que poderiam fazer senão partir d'essas fontes axiomaticas e deduzir consequencias, isto é, accommodar os factos multiplices e variadissimos, os feitos innumeros da humanidade no terreno das artes, do direito e da moral á meia duzia de regras sagradas?

Veiu o estudo, veiu a experiencia, vieram os tempos com sua caudal de factos e mostraram a formação lenta, gradual das suppostas verdades intuitivas e absolutamente innatas e sua posição relativa ao maior ou menor progresso das diversas porções em que tem estado dividido o genero humano.

Existe sim sempre um ideal do bem, da justiça e do bello, ideal formado progressivamente pelo homem, ideal tambem regido pela lei da evolução, ideal que foi feito, que vai sempre recuando á medida que o progresso avança; ideal que está adiante ; ideal que não foi embutido com todas as peças no cerebro do homem.

Mas de uma fórma ou de outra é sempre um ideal e a bem pouco se reduz a barulhada da arte nova, da moral nova, do direito novo. Uma simples differença no modo de explicar um producto do espirito humano...

N'este ponto, entretanto, avultam dois exaggeros de nossos

dias, um quanto ao tempo e outro quanto á natureza da reforma. Quanto ao tempo, outro não é o exaggero, senão a presumpção de que tudo isto é uma assombrosa novidade que brotou inesperadamente hontem mesmo da cabeça de não sei que afortunado do pensamento.

A verdade é que aos conhecedores da historia intellectual da humanidade os fios das novas reformas não occultam os pontos de onde partiram.

A exaggeração, quanto ao significado mesmo das ideias novas, está na má comprehensão d'ellas, na confusão que fazem alguns espiritos de cousas diversas entre si.

Este veso infeliz manifesta-se por muitos symptomas e especialmente pela linguagem de que se servem alguns levianos, que julgam estar a sciencia n'uma terminologia barbara tomada de emprestimo.

A questão é que os grandes pensadores que por um trabalho secular descobriram o fecundo principio da unidade das forças physicas, e os grandes philosophos que estabeleceram a correlação entre os phenomenos physicos e os phenomenos mentaes, intellectuaes e moraes do homem, jamais confundiram uma pedra com um cerebro, um punhado de terra com uma ideia, uma arvore com uma instituição religiosa, um polipo com um codigo juridico, etc.

Todos os grandes espiritos têm o que Renan chama o talento da *nuance*, todos distinguem a gradação infinita dos phenomenos e nunca andam a baralhar as cousas. Isto era proprio do velho materialismo, do myope materialismo do seculo XVIII, digno de ser combatido pelo velho espiritualismo dos phantasistas de todos os tempos.

Este espiritualismo entendia que, para salvar os principios moraes e religiosos, a vida ideal da humanidade, precisava de atufar-se nas vagas phantasmagorias transcendentaes e crêar a entidade gnomica da alma; e o velho materialismo, no seu desespero para mostrar a inexistencia d'essa entidade mysteriosa, estrebuchava ao ponto de negar tudo que se lhe approximava e parecia d'ella depender, negava simplesmente toda a vida moral do homem. Eram duas metaphysicas terriveis que se degladiavam implacaveis.

Os dois velhos systemas devem ser enterrados. Hoje comprehende-se a hypothese de uma doutrina unitaria na qual a substancia cosmica, por evoluções e integrações especiaes, produza todos os grandes factos, todas as grandes verdades que o antigo espiritualismo proclamava e o seu inimigo negava sem criterio.

Será isto um naturalismo idealista, mas é o unico possivel; é compativel com todas as grandes verdades moraes, sem a crêação mythologica da alma, diversa da substancia universal.

Sendo assim, é positivamente certo que o atomo ou atomos, a molecula ou moleculas em que se concentram em nós o pensamento e todas as actividades psychicas — é ou são bem differentes dos mais atomos ou moleculas esparsos pelo universo; suas relações são outras, sua enérgia, sua marcha evolutiva outras. E' a esta materia em sua integração suprema que alguns antigos chamavam espirito ou alma em sentido especifico.

Cada uma d'estas unidades é um foco de acção, de enérgia individual e nativa.

Regem-se todas em sentido geral pelas leis da mecanica universal; mas têm vida e actividades proprias. Podemos crer na liberdade como um producto da materia; onde quer que apparece esta integrada de forma a produzir o pensamento, produz tambem a liberdade que é uma formula do discernimento.

Não se deve aceitar, portanto, a opinião d'aquelles que tratam os phenomenos sociaes pelo mesmo modo porque tratariam de um problema de mineralogia, a crystallisação de uma rocha, por exemplo.

E esta tendencia é hoje muito commum; revela-se especialmente na linguagem com que cobrem os phenomenos sociaes tomada ás sciencias mathematicas, physicas e naturaes. Expressões, legitimas quando empregadas n'aquillo para que foram creadas, assumem um caracter pronunciado de metaphorismo, quando levadas a assumptos a que mal se applicam.

Nos fins do seculo XVIII e primeiros decennios do XIX

mór abuso foi feito com expressões da mathematica e da physica. A tendencia agora é para os termos da biologia.

Toda e qualquer theoria social envolve e implica uma questão de philosophia e devem-se firmar bem os principios que se vão mover no estudo dos nossos publicistas.

A philosophia tem tido e continuará a ter uma dupla funcção : é uma synthese das sciencias particulares e é uma indagação sobre aquillo que jamais constituiu uma sciencia particular, a saber, a origem e a natureza intrinsica e final do universo.

N'um e n'outro sentido todos os systemas philosophicos se reduzem a quatro correntes principaes : o monismo, o dualismo, o positivismo e o criticismo naturalistico e evolutivo.

Darei uma rapidissima idéa das quatro grandes direcções.

O monismo é das mais antigas manifestações da intelligencia philosophica na humanidade. Ha muitas interpretações diversas do monismo ; ha monismos idealistas e os ha materialistas.

Para bem vêr isto, é bastante dizer que o Buddhismo é monista, como é o a philosophia de Democrito; que as doutrinas mais divergentes, como as dos Jonios e as dos Eleatas; como a de Fichte e a de Schopenhauer, como a de Hegel e a de Haeckel, são monisticas, isto é, explicam tódo o assombroso desenvolvimento do universo, appellando para um só ente, uma só substancia que evolue eternamente.

Ha monismos teleologistas, como o de Hartmann, e monomismos mecanistas, como o de Büchner.

A presumpção absoluta do monismo, quando fala dogmadicamente, está em suppor que sabe e explica tão perfeitamente a origem de tudo, como o meu leitor sabe que vae agora percorrendo esta pagina .

No principio, isto é, na eternidade, o ente unico se poz em movimento e d'ahi proveio o mundo e toda a sua infinita extensão.

As duvidas começam quando se trata de determinar qual seja esse ser unico, pae do monismo. Os Eleatas chamavam-n'o o *Um;* mas quem é o Um ? Será o ether ? será o car-

bono ? será o atomo ? será uma massa qualquer ? será o numero ? será a força ? será a Idéia ? será o Eu ? será a Vontade ? será o Inconsciente ?

Todos estes entes e muitos outros têm sido chamados para representar o ponto de partida, a grande origem do universo.

Em qualquer de suas formas, o monismo crê ter espancado todas as duvidas da razão humana e resolvido para todo o sempre os enygmas do universo. *Scimus* — é a sua divisa.

O dualismo é aquelle systema que assignala ao mundo uma causa, uma origem fora d'elle.

O universo constitue uma serie de phenomenos mais ou menos transitorios, não póde ter em si mesmo a sua origem e a sua explicação.

Esses phenomenos são todos relativos, e, não podendo a intelligencia humana prescindir de uma causa absoluta, ou iremos dar á materia todos os caracteres do necessario, do infinito, do absoluto, o que implica contradicção, ou havemos de lhe assignalar uma causa transcendente e a ella superior.

E' tambem este um thema que tem dado lugar a centenas de variações. Platão, Aristoteles, São Thomaz, Descartes, Leibnitz, Locke e tantos outros, todas as religiões, especialmente as oriundas das raças semiticas são dualistas.

Ha dualismos mecanistas ; mas a mór parte das vezes o dualismo é teleologico.

Presume haver resolvido a questão terrivel das origens. *Scimus* — é tambem a divisa de seus sectarios.

Este systema é tão antigo quanto o outro.

Desde os tempos da velha Grecia levantou-se uma reacção contra essa inquirição das causas primeiras e finaes, acoimando-a de phantastica e perturbadora da paz dos espiritos.

Esta philosophia tem tido diversas formulas. O positivismo de nossos dias é a mais completa incarnação d'essa tendencia.

E' uma philosophia resignada e simples, que não sae do

dominio dos factos, abandonando, como insensatas, as questões de origens.

Ignorabimus — é a sua divisa, no tocante a esse assumpto.

Ao lado d'estes systemas levanta-se o *criticismo evolucionista* ou *evolucionismo critico*, ou *agnosticismo*, inaugurado por Immanuel Kant, a primeira organisação philosophica de todos os tempos.

Eu bem sei que este juizo sobre o merecimento philosophico do pensador de Kœnigsberg vae chocar um bom numero de brasileiros e portuguezes que só o conhecem de nome, ou pela leitura do livro de Cousin a seu respeito.

Entre nós é ainda vulgarissimo o velho preconceito de considerar Kant como o typo do philosopho excentrico e phantastico, imbuido de chimeras.

E' um grave erro, desfeito completamente pela critica historica, que afoitamente estudou as obras do grande homem e proclamou que voltar a elle é em grande parte progredir. *Man muss auf Kant zuriickgegangen werden*, diz o tempo actual, e com muita razão.

O estudo aprofundado de Kant indicou positivamente que elle domina o pensamento moderno nas principaes correntes de suas ideias.

Em cosmogonia impera ainda hoje a celebre hypothese dos gazes, formulada pelo philosopho e posta em calculo por Laplace.

Em philosophia geral o *agnosticismo*, tão esplendidamente acceito e desenvolvido por Herbert Spencer, e tomado da *Critica da Razão Pura*, é a lei predominante.

Em esthetica ,o principio adoptado pelo darwinismo e por toda a escola evolucionista, de ser o bello um livre jogo de nossa imaginação e de nosso entendimento, é um ponto de vista aprendido na *Critica do Juizo*.

Em moral a fecundissima ideia de ser ella independente de nossas concepções metaphysicas e religiosas é ainda puro kantismo, e é ensinada na *Critica da Razão Pratica*.

E para que os teimosos que nunca se deram ao trabalho de estudar, não venham a suppôr que vae no que fica dito uma exageração, transcreve-se aqui a opinião de Edmond

Scherer, um dos espiritos mais cultos dos tempos modernos, o igual de Taine e Renan, segundo Sainte-Beuve, o elegante e profundo critico, segundo Laurent. Scherer, que tambem é pouco lido no Brasil, assim se exprime : « Não sinto inclinação alguma para desconhecer o que houve de original e até de fecundo na philosophia de Comte. A melhor prova do poder d'este escriptor é a infiltração inconsciente e universal de algumas de suas ideias através de todas as camadas do pensamento moderno. E' preciso, porém, igualmente dizer que o melhor de sua doutrina não lhe pertence exclusivamente, e que as porções essenciaes e permanentes de seu ensino acham-se mescladas a concepções problematicas ou pereciveis. A força da philosophia positiva está completamente n'esse principio denominado hoje na Inglaterra o *agnosticismo*, o qual consiste em eliminar das investigações scientificas as questões que outr'ora occuparam um tão importante logar na historia do pensamento humano e que por sua propria natureza não são susceptiveis de uma solução. Littré declara com razão que o proprio nome bem o indica só por si que o principio e fim das cousas não podem cahir debaixo da experiencia. Elle poderia ter ido mais longe, mais ao fundo, e mostrar a contradicção interna que encerra qualquer uma das noções da metaphysica ; mas Littré e Comte parecem não ter conhecido a critica tão decisiva quanto subtil a que Kant submetteu os antigos elementos philosophicos. Kant é o verdadeiro pae do agnosticismo»

O naturalismo critico hodierno, posto ao par da sciencia corrente, é em suas linhas capitaes o kantismo rejuvenescido, que se pode chamar evolucionismo agnosticista.

As ideas fundamentaes da doutrina, confirmadas implicitamente por todos os grandes systemas posteriores, são : a idea mesma de submetter a uma critica a intelligencia humana e determinar as condições do conhecimento ; a distincção primaria entre os elementos objectivos e subjectivos do pensamento, indicando que os nossos juizos levam para as cousas certos dados inherentes á nossa propria constituição intellectual, certos moldes de que não nos podemos desfazer ; a explanação positiva da força e fundamento do conhe-

cimento mecanico e experimental e das lacunas e cantradicções do conhecimento extra-experimental e metaphysico, ou a distincção entre o cognoscivel e o problematico e indeterminado.

O primeiro é o objecto da sciencia; o segundo constitue sempre o assumpto das religiões e das metaphysicas. O primeiro rola sobre problemas que vão tendo com o progresso soluções positivas e demonstradas; o segundo agita-se sobre questões insoluveis scientificamente.

A differença capital entre o positivismo de Comte e o criticismo realista e evolucionista de Kant, aceito fundamentalmente por Spencer, é que o primeiro considera a metaphysica futil ou perniciosa, e prohibe qualquer entrada do pensamento por esse lado, e o segundo considera-a contradictoria como sciencia, mas legitima como manifestação de tendencias inherentes á natureza humana.

Seus problemas são insoluveis, mas são indestructiveis.

Fazem parte da constituição da razão e, sob uma forma ou sob outra, hão de apparecer sempre.

Wir wissen und wir werden wissen, é a legenda dessa philosophia enthusiastica e viril.

Se não tem os desanimos do positivismo, não possue as affoitezas irreflectidas das affirmações gratuitas do monismo ou do dualismo dogmaticos.

Os problemas sobre que estes dois systemas tão sem ceremonia se decidem em tom absoluto, são d'aquelles que Kant considerou insoluveis scientificamente.

O materialismo, que é uma das formas do monismo, é tão metaphysico quanto o espiritualismo, que é uma das formas do dualismo.

São formulas estreitas de questões mal comprehendidas; podem até consiliar-se, como disse um pouco atraz; mas sempre hypotheticamente.

Uma das questões resolvidas preremptoriamente pelos metaphysicos é a de saber — se o universo obedece a uma teleologia ou a um desenvolvimento mecanico.

Esta questão é complicadissima, é insoluvel scientificamente para Kant.

Os dois principaes partidos em que se acham divididos os metaphysicos, apresenta cada um a sua solução. São entre si contradictorias.

O universo não obedece a plano nenhum, desenvolve-se mecanica e disteleologicamente; o universo obedece a um plano, a uma finalidade ,a uma teleologia.

Para que tamanha segurança n'uma materia de sua natureza extra-scientifica?

Podem-se até conciliar os dois partidos. Porque não poderá ser o mecanismo, real ou apparente, do universo o resultado de um plano? Não são inconsiliaveis as duas cousas; nada mais mecanico do que uma machina e nada mais teleologico. Acredito no que se pode chamar a intuiçãa teleo — mecanista do universo.

Estas observações não vêm aqui a esmo.

Trata-se n'este capitulo das complicadissimas sciencias do homem e da sociedade, previne-se ao leitor que applique a estas sciencias os methodos das sciencias naturaes, sim; porque em boa logica não existem outros; porém não confunda uma sciencia mais complexa com uma menos complicada.

Previna-se contra os exaggeros da nova metaphysica que pretende levar a tudo suas vistas violentamente systematicas.

A sociologia, posto já seja uma sciencia, e ainda que venha muito a progredir, não poderá jamais ser tratada mathematicamente.

Já Kant no final da *Critica da Razão Pratica* havia indicado os grandes progressos da moral e da sciencia social, sem cahir nos exaggeros hoje em voga e já presentidos por elle.

« A queda d'uma pedra, disse o philosopho, o movimento d'uma funda, decompostos em seus elementos e nas forças que n'elles se manifestam ,e mathematicamente estutados, produiziram emfim este conhecimento claro e immutuavel do systema do mundo que se espera sempre augmentar por novas observações, mas que não se receia vêr jamais destruido.

Este exemplo deve estimular-nos a seguir o mesmo caminho no estudo das disposições moraes de nossa natureza, fazendo-nos esperar o mesmo resultado.

Nós temos, por assim dizer, na mão exemplos de juizos moraes da razão. Decompendo-os em seus conceitos elementares, e, *visto que o methodo mathematico é aqui inapplicavel*, procedendo ao modo do chimico, isto é, procurando, por ensaios reiterados sobre a razão commum, obter a separação do empirico e do racional que se podem achar n'estes exemplos, poder-se-ha mostral-os extremes de mescla e tornar patente o que cada um póde fazer em separado.

Serão assim prevenidos, por um lado, os erros naturaes a um jüizo ainda rude e mal exercitado, por outro, essas extravagancias que similhantes as dos sectarios da pedra philosophal, excluindo toda investigação methodica e todo conhecimento da natureza, promettem-nos thesouros imaginarios e fazem-nos perder os verdadeiros. »

Estas memoraveis palavras nem sempre foram attendidas pelos escriptores dos derradeiros tempos.

Em mythographia, linguistica, esthetica e critica litteraria, por exemplo, as ousadias dos reformadores foram alem do permittido.

Os mythos foram considerados todos imposições, por assim dizer, da natureza ambiente, especialmente do aspecto do ceu, e toda e qualquer ficção primitiva foi peremptoriamente considerada um fragmento de astronomia infantil.

Este abuso de Max-Müller e A. Kühn vae já sendo corregido.

A linguagem foi tão ao pé da letra considerada um organismo, com sua vida propria, com suas evoluções tão determinadas e independentes, que parecia affastada de todo do homem e a elle imposta, como um estado no estado, e sem relações com a sua psychologia.

Os máos discipulos de Schleicher chegaram a este ponto. Felizmente a escola de Brugmann levanta-se forte contra taes pretenções, mostrando o papel da analogia, gerada pela vontade humana, na linguagem.

Em esthetica e critica o bello, o ideal, as producções artisticas e litterarias, foram tratados por um systema inteiramente mecanico, foram considerados fataes, impostos á intelligencia humana por não sei que poder da natureza externa.

E' mais que tempo de reagir contra esse *tainismo* exorbitante, deixando-lhe apenas o que elle tiver de verdadeiro.

As individualidades humanas não são pontos mecanicos no espaço; são, ao contrario, centros de energia, de creação, de força e vigor.

A arte é ainda e será sempre, segundo o velho Schopenhauer, a região da liberdade, isto é, de todas as regiões do pensamento — aquella em que com maior autonomia se affirma uma intelligencia de selecção.

Insisto para ser bem comprehendido : o que repillo nas sciencias sociaes, é a pretenção de tratal-as deductivamente, quer pelo modo como o faziam os ideologos do seculo XVIII quer pelo modo como o pretendem hoje os que, á maneira de Quetelet, lhes querem impingir os processos mathematicos.

Quanto aos processos experimentaes e á transformação por elles operada na sociologia, acho-me de accordo e o proclamei n'este paiz desde 1869 e 70.

Fui o primeiro a fazel-o e aproveito a occasião para consignal-o de uma vez.

Eis como então caracterisei as sciencias moraes em geral :

« Aquelles que formam ideia exacta das evoluções do pensamento humano, sabem que a lei de seu desenvolvimento é um agente de transformações. Todas as sciencias avançam n'essa translação; umas agem sobre as outras, e é d'este modo que as *moraes* experimentam sempre o impulso provindo das *physicas e naturaes*. Uma vez que tenham estas ultimas revelado alguma verdade nova, cumpre áquellas modificar suas concepções.

E' sabida a revolução que fez no mundo philosophico a descoberta das verdadeiras leis do universo. A propria historia, que é o receptaculo supremo de todas as marchas triumphaes das idéas, modifica-se tambem por ellas. »

Eis como caracterisei a critica : « Todos os espiritos pensadores e reflectidos que attentam sobre os destinos humanos volvem-se para um novo principio, que ora os abala : é a critica scientifica. Ella por certo não é creação d'este seculo; como não é de nenhum outro; todos os seculos intelligentes a possuiram. Applicada, porém, a todas as manifestações do pensamento : religião, mythologia, historia, politica, artes... com o caracter de imparcialidade e a disposição de amiga franca e sincera, é obra do espirito contemporaneo. Sabe-se que essa tendencia foi inoculada no mundo philosophico por Kant; da philosophia passou á religião e á historia. E' que o illustre criticista havia retalhado a intelligencia humana, pezando-a com a realidade nua e simples. Mas a philosophia allemã não é a unica responsavel pelo pensamento de nossa época : a philologia dos orientalistas, o positivismo de Comte e o evolucionismo de Spencer, são tambem co-auctores. Imprimiram-lhe o caracter que mais a distingue : o estudo dos factos e a abstracção das causas transcendentaes. »

Eis como ainda n'aquelle mesmo anno de 1870, quando todo o Brasil estava inteiramente atufado no ultra-romantismo descabellado e bombastico de Victor Hugo decadente, eu definia o espirito da poesia em particular e das artes em geral : « E' uma verdade já muito repetida que a poesia e a arte sempre trazem o cunho dos tempos que atravessam.

Qual o cunho do nosso? Reconhecem todos : — o espirito preparado pela critica scientifica e pelo criticismo philosophico.

Dista muito do scepticismo romantico, achaque mental, peccaminosa paralisação no caminho da realidade. As ideias mostram hoje uma attitude mais segura, uma altivez mais nobre, que deve inspirar todas as concepções desinteressadas. A poesia não deve furtar-se a esta feição : d'este modo será cosmopolita, porque ha de ser humana; será crente, porque acreditará no futuro.

E' evidente que aquelle que ainda hoje intenta alentar-se de vulgaridades já gastas, ou desconhece a primeira palavra da época em que vive, ou só póde nutrir-se do que já está morto, não tem vigor bastante para ser de seu tempo.

A poesia não é uma sombra misantropica, sem alegrias, sem esperanças, que não quer assistir ás luctas, ás glorias do seculo. Não é uma força que vae perdendo a vida, que não anda, que vae morrer, que desespera de si. Como tudo, ella é forçada a seguir o fóco d'onde se desentranha, a onda que a leva.

Este foco, esta onda são o homem; se este não cança, a poesia não deve parar. A poesia vive comnosco, palpita no seio da humanidade, é um dos seus predicamentos immanentes. O homem interior reforma-se com as evoluções da historia, e novas inspirações mostram-se no seio da litteratura. Na vasta obra da poesia e da arte transformadas pela sciencia e pelas novas inclinações da cultura contemporanea, todos os assumptos têm o direito de apresentar-se.

Nem será sua caracteristica especial; a questão não é de *numero*, e sim de *vistas*.

A poesia e a arte devem pelas transformações scientificas moldar suas creações; e a poesia sobretudo não escapa a esta necessidade; é a que mais se lhe deve accommodar.

Se a intuição nova espancou da sciencia o sobrenatural, indicando o caracter e a seriação de todas as crenças humanas; se collocou-o em região inaccessivel ao pensamento, quando mostrou as leis da evolução historica, não deve a poesia ser obstinada em conservar suas velhas phantasias. As artes, dando ás cousas seu inteiro rigor, não se formam por si; dependem de um material estranho que lhes fornece a vida: — o espirito do tempo.

Todos os systemas e todas as aspirações do coração possuiram, a seu tempo, sua poesia exclusiva, escutaram seus sonhadores dilectos.

No seculo XIX, segundo predominios mais ou menos definidos, o ideialismo teve Gœthe; o mysticismo Lamartine; o sensualismo Musset; o scepticismo Byron; o espiritualismo Hugo; o pantheismo Quinet; o materialismo Werner.

Se é certo que os systemas, com suas contradicções e falsos incentivos, têm uma flôr intima que inspira, porque não podel-o-ha a intuição de hoje, que é mais vasta; porque não poderá inspirar?

Pretender com suspiros de fingidas ou mesquinhas paixões, ou com gracejos de affectado humorismo, figurar aos olhos da humanidade, profundamente anhelhante, o quadro de seus progressos e vicissitudes, de suas certezas e duvidas, é querer só levar o peso mais leve d'essa mysteriosa predestinação que se chama a poesia.

Ella é sempre um consolo ao espirito humano; ao lado das necessidades caladas pela sciencia, de mistura com as realidades possuidas, aquelle deixa sentir a vaga que o assoberba, o enygma que deve entender. Esta é a missão do poeta.

Corre a seu cargo a divida de mitigar mysterios. E' na lucta pungente que está a vida, na febre de avançar que se acha a poesia.

Póde-se repetir, com o philosopho, falando da *caça* infatigavel dos guerreiros no paraiso de Odin : é a actividade heroica em sua fórma mais brutal, mas é a vida, isto é, a busca incessante de um ideal que nos escapa sempre. »

Quatro annos mais tarde, em março de 1875, no acto solemne d'uma defesa de theses, que se tórnou celebre pelo resultado a que chegou, indicava eu assim a moderna transformação do direito : « A doutrina do direito, pelo seu lado scientifico e dirigente em alto gráo, vae muito descurada entre nós.

Não temos um philosopho, um sabio synthetisador do direito ; não existe um só livro brasileiro, onde o dogma juridico se levante a aquella altura de principios, a aquella serenidade de leis que deve reinar na esphera dos estudos elevados.

A sciencia juridica não póde ser uma instituição da intelligencia anormal e extravagante, sem relações com o movimento geral e harmonico de todas as manifestações mentaes. Não é *inviolavel e sagrada*, como certas entidades por ella creadas. Deve tambem receber a investigação, a contra-prova das verdadeiras sciencias.

Como todas as grandes crêações da humanidade, o direito não se desenvolve á parte e em separado ; mas por ellas e no meio d'ellas.

Deve, pois, indagar do seu estado e ajustar-se por elle.

Acantoado lá com a sua vaidade n'uma Babel de textos decrepitos, o legista retrogrado se julga senhor das fontes da vida, porque delicia-se nas paginas da um codice morrinhento.

E' uma triste figura! O lavor da larga intuição lhe escapa.

A sciencia não está n'um montão de factos incoherentes sem nexo e sem lei. Vive nas vistas do complexo, na concepção vasta e geral do grande todo.

O direito, que é de um lado a prosa, torna-se na lucta por uma ideia a poesia, porque o combate pelo direito é, em verdade, a poesia do caracter : — disse o allemão von Ibering.

E' uma grande e nobre verdade. Este insigne romanista trouxe a ideia de luta para a effectividade do direito. Não posso deixar de notar n'esse facto uma invasão do espirito *darwiniano* na jurisprudencia. E' o amplexo das sciencias naturaes rejuvenecendo as velhas noções. »

Bem se vê que não sou suspeito ; quero o grande progresso das sciencias sociaes, sem que deseje que ellas se barbarisem, perdendo sua indole especifica.

N'este espirito vejam-se os nossos escriptores atraz enumerados.

ANDRÉ JOÃO ANTONIL. E' o pseudonymo de João Antonio Andreoni, como o demonstrou Capistrano de Abreu.

Apparece esse nome firmando um livro impresso em 1711 sob o titulo — *Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas.*

O livro foi prohibido de circular pelo governo portuguez. Em 1800 Frei Conceição Velloso reimprimiu parte d'elle e em 1837 foi no Rio de Janeiro reeditado em totalidade.

Divide-se em quatro partes sub-divididas em capitulos. A primeira parte trata da cultura da canna e fabrico do assucar; a segunda da cultura e manipulação do tabaco ; a terceira das minas de ouro e prata e, finalmente, a quarta da criação dos gados.

O livro foi, como disse, impresso pel primeira vez em 1711. Deveria ter sido escripto nos primeiros annos do seculo XVIII ;

representa pois a experiencia sobre cousas do Brasil adquirida por seu auctor nos ultimos annos do seculo anterior.

Quero deduzir d'esta consideração que o livro de Antonil é o espelho fiel do Brasil economico após dois seculos do seu descobrimento.

Por este lado é documento de valor prodigioso. O livro contem elementos estatisticos de grandissimo alcance e habilita a reconstruir a historia economica do Brasil. A impressão geral que me ficou da leitura de Antonil é que o Brasil de 1699 ou 1700, sob o ponto de vista de suas principaes industrias do norte e do interior, estava ja quasi tão completamente constituido, como hoje. Era juntar-se ao livro um capitulo sobre a cultura do café nas provincias do Rio, São Paulo e parte de Minas, e um capitulo sobre a extracção da gomma elastica no Pará e Amazonas, e estaria representado o Brasil agricola e economico, sob os seus principaes aspectos actuaes!

Não é uma obra de theoria; o que lhe faz justamente o merito é ser um livro pratico e meramente descriptivo. De todos os modos de encarar a historia um dos mais validos e importantes é sem duvida aquelle que mostra a ligação, e, posso dizer, a subordinação dos phenomenos sociaes e politicos aos factos economicos. A economia politica não é, como dizia o venerando Alberto Lange, a *systematica do egoismo;* é ao contrario a systematisação de nobres impulsos da actividade humana.

No seu trabalho, para assegurar-se vida facil e commoda sobre este planeta, o homem emprega o melhor de suas forças e é só após o estimulo produzido pela riqueza em todo o organismo de uma nação que n'ella se despertam os instinctos ideaes e artisticos.

Só quando estivermos habilitados a reconstruir nossa historia economica por miudo, desde 1500 até hoje, é que poderemos escrever a historia politica. Antes d'isto é divagar mais ou menos ao acaso.

Quem emprehender tal trabalho ha-de encontrar-se com o livro de Antonil e ha-de reconhecer o merecimnto que elle encerra.

Para ter uma idea da maneira d'este classico leia-se o roteiro do caminho da villa de São Paulo para as Minas Geraes e para o Rio das Velhas.

E' o cap. X da 3.ª parte. E' assim :

« Gastam commummente os paulistas desde a villa de S. Paulo até as Minas Geraes dos Cataguás pelo menos dois mezes ; porque não marcham de sol a sol, mas até ao meio-dia ; e quando muito até uma ou duas horas da tarde : assim para se arrancharem, como para terem tempo de descançar ou de buscar alguma caça ou peixe aonde o ha, mel de páu ou outro qualquer mantimento. E d'esta sorte aturam com tão grande trabalho.

O roteiro do seu caminho desde a villa de S. Paulo até a serra de Itatiaya, aonde se divide em dois ; um para as minas do Caité ou ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, e do Ouro-Preto ; e outro para as minas do Rio das Velhas ; é o seguinte em que se apontam os pousos e paragens do dito caminho, com as distancias que têm e os dias que pouco mais ou menos se gastam de uma estalagem para outra, em que os ministros pousam, e se é necessario descançam e se refazem do que hão mister e hoje se acha em taes paragens.

No primeiro dia sahindo da villa de S. Paulo vão ordinariamente pousar em Nossa Senhora da Penha, por ser (como elles dizem) o primeiro arranco de casa : e não são mais que duas leguas.

D'ahi vão á aldêa de Tacuaquisetuba, caminho de um dia.

Gastam da dita aldêa até a villa de Mogi, dois dias.

De Mogi vão ás Larangeiras, caminhando quatro ou cinco dias até o jantar.

Das Larangeiras até a villa de Jacarehy, um dia até ás tres horas.

De Jacarehy até a villa de Taubaté, dois dias até ao jantar.

De Taubaté á Pindamonhangaba, freguezia de Nossa Senhora da Conceição, dia e meio.

De Pindamonhangaba até a villa de Guaratinguetá, cinco ou seis dias até ao jantar.

Do Guaratinguetá até o porto de Guaipacaré, aonde ficam as roças de Bento Rodrigues, dois dias até ao jantar.

D'estas roças até ao pé da serra afamada de Amantiqueira, pelas cinco serras muito altas, que parecem os primeiros morros, que o ouro tem no caminho, para que não cheguem lá os mineiros, gastam-se tres dias até ao jantar.

D'aqui começam a passar o ribeiro, que chamam Passa-Vinte, porque vinte vezes se passa ; e sóbe as serras sobreditas : para passar as quaes, se descarregam as cavalgaduras, pelos grandes riscos

dos despenhadeiros que se encontram: e assim gastam dois dias em passar com grande difficuldade estas serras; e d'ahi se descobrem muitas e apraziveis arvores de pinhões, que a seu tempo dão abundancia d'elles para o sustento dos mineiros, como tambem porcos montezes, aráras e papagaios.

Logo passando outro ribeiro, que chamam Passa-Trinta, porque trinta e mais vezes se passa, se vai aos Pinheiros: logar assim chamado por ser o principio d'elles; e aqui ha roças de milho, abobo-ras e feijão, que são as lavouras feitas pelos descobridores das minas e por outros que por ahi querem voltar. E só d'isto constam aquellas, e outras roças nos caminhos e paragens das minas: e quando muito, tem de mais algumas batatas. Porém em algumas d'ellas hoje, acham-se criação de porcos domesticos, gallinhas e frangões, que vendem por alto preço aos passageiros, levantando-o tanto mais, quanto é maior a necessidade dos que passam. E d'ahi vem o dizerem, que todo o que passou a serra da Amantiqueira, ahi deixou dependurada ou sepultada a consciencia.

Dos Pinheiros se vai á estalagem do Rio-Verde, em oito dias, pouco mais ou menos, até ao jantar, e esta estalagem tem muitas roças e vendas de cousas comestiveis, sem lhe faltar o regalo de doces.

D'ahi caminhando tres ou quatro dias pouco mais ou menos, até ao jantar, se dá na afamada Boa-Vista; a quem bem se deu este nome, pelo que se descobre d'aquelle monte, que parece um mundo-novo, muito alegre: tudo campo bem estendido e todo regado de ribeirões, uns maiores que outros e todos com seu mato, que vai fazendo sombra com muito palmito que se come e mel de páu medicinal e gostoso. Tem este campo seus altos e baixos; porém moderados: e por elle se caminha com alegria; porque têm os olhos que vêr e contemplar na perspectiva do Monte-Caxambú, que se levanta ás nuvens com admiravel altura.

Da Boa-Vista se vai á estalagem chamada Ubay, aonde tambem ha roças, e serão oito dias de caminho moderado até ao jantar.

Do Ubay, em tres ou quatro dias vão ao Ingay.

Do Ingay, em quatro ou cinco dias se vai ao Rio-Grande; o qual quando está cheio, causa medo pela violencia com que corre, mas tem muito peixe e porto com canôas, e quem passar paga tres vintens e tem perto suas roças.

Do Rio-Grande se vai em cinco dias ao Rio das Mortes; assim chamado pelas que n'elle se fizeram: e esta é a principal estalagem aonde os passageiros se refazem, por chegarem já muito faltos de mantimentos. E n'este rio, nos ribeiros e corregos, que n'elle dão,

ha muito ouro, e muito se tem tirado e tira: e o lugar é muito alegre e capaz de se fazer n'elle morada estavel, se não fosse tão longe do mar.

D'esta estalagem vão em seis ou oito dias ás plantações de Garcia Rodrigues.

E d'aqui em dois dias chegam á serra de Itatiaya.

D'esta serra seguem-se dois caminhos: um que vai a dar nas Minas Geraes do Ribeirão de Nossa Senhora do Carmo, e do Ouro-Preto; e outro, que vai a dar nas minas do Rio das Velhas: cada um d'elles de seis dias de viagem. E d'esta serra tambem começam as roçarias de milho e feijão a perder-se de vista, d'onde se provém os que assistem e lavram nas minas. »

A leitura de Antonil, alem dos meritos que mostrei, tem mais este outro de nos indicar as primeiras povoações estabelecidas no interior do paiz.

Ha poucos livros do Brasil colonial tão dignos de ser consultados como este, de que dei rapida noticia.

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coitinho — (1743-1821). Natural de Campos dos Goytacases, na provincia do Rio de Janeiro, foi um homem illustre por sua alta posição na Igreja, e ainda mais por suas letras.

Dado a estudos sociaes e economicos, publicou n'este ramo alguns trabalhos dos quaes o mais notavel é o *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias* publicado pela primeira vez em 1794 e reimpresso em 1816.

O bispo Azeredo Coitinho e o visconde de Cayrú são os creadores dos estudos commerciaes e economicos em Portugal e no Brasil.

Azeredo Coitinho assume um certo caracter pratico e prevídente.

Seus livros são como uma serie de conselhos para o desenvolvimento do commercio e da riqueza de Portugal e mais especialmente do nosso paiz.

E' essa a nota principal e typica do *Discurso sobre o estado actual das minas do Brasil*, da *Analyse sobre a justiça do commercio do resgate dos escravos da Costa d'Africa* e especialmente do *Ensaio economico.*

Aqui as ideas capitaes do bispo escriptor são: aproveitar os innumeros gados do Brasil desperdiçados pela carestia do sal, acabando com o monopolio e privilegio do commercio d'este pela Fazenda Real; desenvolver a marinha mercante da metropole e da colonia; activar a industria da pesca; aproveitar n'esta o elemento indigena como meio de civilisal-o; utilisar a nossa riqueza florestal; encorajar as manufacturas, menos as de luxo, etc. Algumas d'estas ideias são justas e bem expostas; outras reclamariam muitos reparos, se as tivesse de discutir e não simplesmente de expôr.

E' d'este numero a defeza da escravidão dos negros africanos, feita pelo illustre bispo em flagrante opposição a seu tão lucido espirito.

E' tambem em parte contestavel a refutação feita ao *systema dos climas* de Montesquieu.

Para combater um exagero, cahio Coitinho no exagero opposto.

Lembro este ponto em que o nosso auctor não tem inteiramente razão; porque na França mesma elle despertou a attenção.

Um dos escriptores da *Decada Philosophica* assim se exprimiu a respeito :

« Je me plais à vous communiquer le V° chapitre de l'ouvrage de l'évêque de Fernambouc, qui doit intéresser tous les philosophes, et surtout ceux de la nation française. L'auteur y combat le système de Montesquieu sur l'influence des climats, avec une chaleur que semble lui donner la certitude qu'il a de son opinion, appuyée à la vérité de faits constants qui paraissent avoir échappé à l'esprit observateur de Montesquieu.

Je n'oserai pas prononcer entre les deux opinions; mais comme l'objet dont il s'agit est plein d'intérêt, tant sous le rapport de son importance en lui-même, que sous celui de l'ouvrage le plus philosophique peut-être dont s'honore la littérature française, je désirerais consulter les savants français sur cette contestation, pour être à même d'ajouter à ma traduction une réfutation de l'opinion de l'évêque de Fernambouc, dans le cas où on trouverait des armes pour la

combattre victorieusement. J'avouerai volontiers que mes connaissances sont insuffisantes. »

Estas palavras foram escriptas em 1794 quando o livro appareceu pela primeira vez.

O escriptor francez exaggerou as forças da refutação de Azeredo Coitinho. A questão foi por elle e Montesquieu mal formulada. Reduziram-na a um simples cotejo entre climas quentes e climas frios.

Montesquieu, obedecendo ainda a velhos erros sobre os climas da zona torrida, pintados com côres horrorosas e como incompativeis com a vida, cahiu em alguns equivocos a respeito d'elles.

O nosso bispo retroucou-lhe, endeosando os climas quentes diante dos gelidos horrores das regiões proximas aos pólos.

Em rigor, tanto da these como de sua refutação, nasce claramente a verdade da influencia mesologica sobre as especies vivas.

A questão não é de comparação entre climas extremos, nem de decidir o que é mais agradavel se o frio ou o calor; o facto é diverso.

A verdade é que, frios ou quentes, os climas influem nas raças sobre que actuam; a verdade é que, posto sejam habitaveis e habitadas todas as regiões de nosso globo, todas ellas não são igualmente favoraveis ao desenvolvimento de nossa especie.

Devo resumir o meu juizo sobre Azeredo Coitinho.

Era um d'esses espiritos liberaes, curiosos e activos, tão communs entre os povos do meio-dia da Europa em fins do seculo XVIII.

N'elle ha duas correntes que se cruzam, sem conflictos apparentes; mas desaccordes perfeitamente no fundo.

De um lado, o espirito do tempo que o leva a estudar os factos sociaes e a philosophar sobre elles; de outro, o velho espirito conservador, tradicional e latino, consolidado n'elle por sua educação e caracter sacerdotal.

D'ahi certo desequilibrio, que constitue um interessante estudo de psychologia. Defendia, por exemplo, a liberdade do commercio e justificava a escravidão dos negros...

Não se deve por isto querer mal ao velho bispo.

Não devem espantar as idéas ha mais de um seculo sustentadas pelo filho de antigos colonos de Campos.

A indole interior de seu espirito era liberal. Conhece-se por muitas de suas paginas e esta é uma d'ellas :

« Os escriptores que do fundo dos seus gabinetes presumem dar leis ao mundo, sem muitas vezes tratarem de perto os povos de que falam, nem conhecerem os seus costumes, nem as suas paixões ; dizem, que é necessario introduzir ambição nos indios da America para os fazer entrar no commercio das gentes. Isso é suppor, que elles não tem ambição; é um engano. Elles têm virtudes, têm vicios, são cheios de ambição como nós ; ou esta se entenda pelo excessivo desejo da gloria, e da honra, ou pelo nimio desejo dos bens. Elles em fim são homens, e isto basta.

Pelo que pertence aos bens : supposto aquelles indios necessitam de poucas coisas, com tudo essas de que elles necessitam, assim como facas, machados, contas de vidro, e de outras bagatelas de que já fazem o seu luxo, elles procuram com tanta diligencia como os povos civilisados ; por onde se faz evidente, que elles conservam, assim como nós, o germen das paixões e da ambição. Nada mais falta do que a arte de fazer fermentar aquelle germen, e dar calor ás suas paixões para as desenvolver do embrião em que ainda se conservam. Isto é o que até agora não tenho visto tratado por algum escriptor. E' mais facil dar regras geraes, do que sabel-as applicar ás circumstancias.

Para se civilisarem os indios do Brasil se tem ja feito algumas tentativas, mas até agora de balde ; talvez pelo pouco conhecimento que se tem daquelles povos. Um dos meios de que se tem usado foi de reduzir as suas pobres aldeias em villas, e tirar do meio delles os vereadores, os almotacés, etc., e fazer com que elles governem uns aos outros. Isto é querer principiar por onde as nações civilisadas acabam : a arte de bem governar é a mais sublime de quantas os homens têm inventado.

O indio selvagem creado sempre no meio de uma liberdade absoluta, sem mais necessidades do que aquellas que elle em poucas horas satisfaz com o seu braço, educado sem alguma dependencia uns dos outros, e que por isso se tratam todos de igual a igual, não se acommoda tão de repente com as idéas de obedecer ao seu semelhante, e este não tem mesmo a coragem de o mandar. E' necessario aprender da natureza, que não faz as suas obras por salto; ella produz maravilhas por um progresso infinito.

O outro meio de que se tem usado, ainda parece peior do que o primeiro. Dá-se um chamado director a uma povoação de indios dispersos, sem idéas algumas de utilidades relativas : a estes povos, aos quaes se deveria dar por mestre de sua educação um sabio de uma sã philosophia, e de uma meditação profunda ; se dá pela maior parte um homem inhabil, que de nada serve na sociedade civilisada; e que só se vai aproveitar da substancia d'aquelles miseraveis, aos quaes trata como verdadeiro despota, e os faz trabalhar como bestas de carga.

Outros directores, ainda que mais habeis, não obram comtudo melhor ; principiam logo a educal-os nas sciencias e nas artes proprias dos povos civilisados ; mas como nem os filhos, nem ainda os pais percebem o fim e as utilidades para que os querem levar, nem tem ao redor de si objectos, que lhes excitem a curiosidade e o desejo de saber; augmentam á sua molleza e inercia mais aquelle gráu de fastio e de aborrecimento, que naturalmente attaca um principiante, quando não é dirigido por uma mão habil e prudente.

Aquelles indios, olhando para si, e vendo que vivem e que existem sem dependencia d'aquellas sciencias, ou se persuadem que é uma loucura e extravagancia das nações civilisadas, ou que é mais um tormento inventado por ellas, para os opprimir e flagellar: elles são os mesmos que persuadem a seus filhos que fujam e que não aprendam.

Conheço que algumas vezes do meio d'aquelles filhos sahem alguns muito habeis e que aprendem com facilidade aquillo que se lhes ensina. Mas isto só prova, que elles são capazes de uma boa educação ; mas não que o methodo até agora praticado tenha sido o melhor e o mais proprio : o estado da infancia em que se acham aquelles povos ha mais de dois seculos faz vêr esta verdade.

Um director, luctando sempre com a repugnancia dos filhos e dos pais, necessariamente ha de ir pouco a pouco afrouxando e perdendo aquella primeira actividade, que o pôz nas esperanças de poder conseguir d'elles alguma cousa. Só o amor terno de uma mãi e a constancia de um pai cheios d'aquelle fogo abrazador, que só a natureza sabe gerar, é que os póde fazer incansaveis em procurar o bem e a felicidade de seus filhos ; é necessario principiar primeiro pela educação dos pais.

O homem é sugeito a necessidades e a paixões : estas são maiores ou menores á proporção das idéas provenientes dos objectos que o cercam ou das que adquire pela educação. Entre estes affectos ou paixões, ha sempre alguma ou algumas que sobresahem e excedem

ás outras com mais força e actividade : estas são as que fórmam e constituem o caracter proprio do sujeito, assim como tambem o particular das nações.

A arte de pôr em acção a machina de cada individuo, consiste em pesquizar qual é a sua paixão mais forte e dominante. Achada ella, póde-se dizer que está descoberto o segredo e a mola real do seu movimento. Aquelle que tiver a vista aguda e penetrante, e um tacto fino e delicado para distinguir as paixões dos homens, os poderá conduzir sem duvida por cima das maiores difficuldades. O homem e ainda o bruto, levado por força, está sempre em uma continua lucta e resistencia : levado porém pelo caminho da sua paixão, elle segue voluntariamente e muitas vezes corre mesmo adiante d'aquelle que o conduz sem jámais temer, nem ainda os horrores da morte.

O indio selvagem entre a raça dos homens parece amphibio, parece feito para as aguas; é naturalmente inclinado á pesca por necessidade e por gosto. Esta é a sua paixão dominante, e por consequencia a mola real do seu movimento : é por esta parte que se deve fazer trabalhar a sua machina em beneficio commum d'elle e de toda a sociedade.

O indio apezar da sua inclinação pela pesca, encontra comtudo uma certa difficuldade em saciar a sua paixão : o methodo vagaroso e tardio, com que elle pela falta de industria faz a sua pesca, o aparta muitas vezes d'aquillo mesmo de que elle gosta, apenas contente com o pouco de que se nutre.

Mas logo que elle vir a facilidade com que o homem industrioso arma rêdes, fórma laços, e que de uma vez colhe milhares de peixes ; este espectaculo maravilhoso, que de um só golpe de vista debaixo da sua rude comprehensão, o encherá de alegria e de enthusiasmo : elle irá, mesmo sem ser rogado, lançar-se no meio da colheita e da abundancia.

Este arrebatamento de gosto o irá insensivelmente attrahindo e convidando a viver, e communicar-se com os homens d'aquella profissão, que para elle se representa extraordinaria. Esta communicação lhe fará vêr a differença do homem selvagem e a do civilisado : pouco a pouco se irá domesticando e conhecendo, que o homem é capaz de mais e mais commodidades.

Logo que elle vir que aquelle superfluo que elle até então lançava ás aves e ás féras, pelo beneficio do sal se conserva e lhe serve de meio para adquirir as commodidades de que elle fôr gostando ; a sua paixão irá crescendo e á proporção obrigando-o a fazer-se mais e

mais habil : elle já não quererá ser um simples marinheiro, quererá logo ser um mestre e senhor de uma rêde.

Elle quererá saber quanto toca a cada um dos companheiros, e por consequencia se verá na necessidade de aprender a arithmetica para com toda a facilidade saber dividir : quanto elle fôr adiantando o seu commercio, tanto ha de ir augmentando a sua communicação, não só com as pessoas presentes, mas tambem com as ausentes. D'aqui virá logo a necessidade de saber ler e escrever ; e quando elle já não esteja em idade de aprender, elle fará que seus filhos suppram a sua falta. Da mesma sorte a camiza, o chapéu, a vestia, o calção, o sapato, que elle até então desprezava como cousas superfluas e mesmo como um fardo pezado e enfadonho para com elle romper os matos e as brenhas, se lhe irão fazendo uteis e necessarios ; já não será preciso que os pais persuadam estas utilidades a seus filhos, bastará que os filhos olhem para seus pais.

Esta concurrencia de necessidades, e de utilidades relativas, os irá gradualmente ensinando a obedecer, e a mandar; então elles entenderão as idéas daquelles, que até agora tem inutilmente trabalhado para os civilizar. A experiencia lhes fará ver, que a mesma conservação do individuo, e as commodidades da vida são incompativeis com uma liberdade absoluta, e com uma independencia sem limites. Elles conhecerão que é necessario perder alguma parte da liberdade absoluta, para gozar de outras muitas partes de uma maior liberdade relativa.

Destes povos civilizados pela pescaria sahirão marinheiros habeis para a navegação daquella costa, e do commercio reciproco de umas para outras colonias. Nas pequenas embarções daquelle commercio se formarão marinheiros intrepidos e atrevidos, capazes de arrostar-se com as maiores tormentas : elles formarão em fim uma marinhagem escolhida.

Os indios do Brasil são muito habeis principalmente para tudo o que é de imitação, ou de manufactura ; e ainda mesmo para tudo o que pede força, e agilidade : para a agricultura porem, ou para o trabalho continuo de rasgar a terra, parecem ter os indios uma repugnancia invencivel. A natureza por uma parte subministrando-lhes com mão larga o de que elles necessitam, e pela outra parte a inconstancia dos tempos, e das estações, o vagar que comsigo traz a agricultura desde a sua plantação até á sua colheita os lança mesmo na indolencia, e na preguiça.

Elles não tem a paciencia de esperar, querem logo do trabalho do dia colher o fructo á noite, e por isso a pescaria, e a marinha será

para elles uma manufactura immensa. Delles além de habeis marinheiros e pilotos, sahirão muitos artifices para o serviço da marinha, carpinteiros, calafates, ferreiros, etc., e d'esta sorte aquelle indio selvagem, que até agora nem para si prestava, atravessará os mares, virá um dia beijar aquella benefica mão, que o tirou da indigencia, que por meio do sal o fez pescador, marinheiro, mestre, piloto, artifice, commerciante; em uma palavra, um cidadão e um membro util á sociedade. »

Este pedaço sobre a possibilidade de civilisar os indios mostra a boa e facil intuição de Azeredo Coitinho sobre os factos sociaes.

Sua idéa relativa á maneira de aproveitar o elemento selvagem d'este paiz é mais profunda do que a de José Bonifacio.

Azeredo teve a comprehensão da impossibilidade e inefficacia de arrancar o indio do seu estado intellectual e social atrazado para um estado superior e grandemente distante.

O indio não poderá jámais ser tirado de sua posição de caçador para a de agricultor e industrial.

O mesmo não se poderá dizer da pesca, actividade similar á da caça.

Os povos caçadores, se o permitte a região em que habitam ,são tambem pescadores; a pesca é a caça n'agua.

Interessados n'esse meio de viver e levados habilmente, poderiam, segundo os votos do velho bispo campista, ser os caboclos mais facilmente encorporados ás nossas massas populares e proletarias.

Poderia destacar das obras d'este auctor mais uma ou outra idéa e analysal-a detidamente.

Seria render preito sem motivo serio e plausivel á certa especie de critica, que suppõe só ter dado a conhecer um escriptor quando á sua conta accumula paginas e mais paginas, quasi sempre desnecessarias.

Como ultima palavra sobre Azeredo Coitinho, direi que seu *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas colonias* contem idéas que por infelicidade não foram realisadas e que seriam ainda hoje de altissimo proveito, se

fossem postas em pratica, tanto em Portugal como no Brasil. (1)

José da Silva Lisboa, visconde de Cayrù (1756—1835). E' um dos typos mais significativos dos tempos que vão de 1750 a 1830 no Brasil.

Só por si elle enche essa epoca; outros foram os poetas, os naturalistas, os revolucionarios do tempo; elle foi o theorista politico.

Sua longa existencia divide-se quasi igualmente pelos dois seculos: quarenta e quatro annos no seculo XVIII, trinta e cinco no XIX.

Nascido em 1756, aos desaseis annos, em 1772, partiu para Lisboa a estudar preparatorios; em 1774 matriculou-se na Universidade de Coimbra. No Collegio das Artes d'essa cidade tirou em 1778 as cadeiras de grego e hebraico. Em 1779 formou-se em direito canonico e philosophico. Regressando logo para o Brasil, achou-se n'esse mesmo anno leccionando philosophia e grego na Bahia, sua patria. O agitadissimo periodo da Revolução e do Imperio em França, passou-o nosso publicista em sua terra natal desde 1779 a 1808, fazendo apenas em 1797—1798 uma pequena estada em Lisboa, provavelmente para imprimir sua grande obra *Principios de Direito Mercantil*, cujo primeiro tratado appareceu n'esse tempo na capital portugueza.

N'esta cidade obteve Silva Lisboa a jubilação de professor, e immediatamente voltou á Bahia, despachado deputado e secretario da mesa da inspecção.

Em 1808, passando pela antiga capital brasileira o rei D. João VI, Silva Lisboa aconselhou-o a abrir ao commercio das nações amigas os portos do Brasil.

O rei trouxe o publicista comsigo para o Rio de Janeiro, confiando-lhe a missão de propagar a economia politica.

Lisboa nunca mais sahiu d'esta cidade, onde falleceu em 1835, tendo tomado parte activissima nas luctas da independencia e do primeiro reinado, e sendo senador do imperio desde 1826.

(1) Sobre este sabio brasileiro, veja-se a biographia publicada no tomo I da *Revista do Instituto* por Januario da Cunha Barbosa.

Não pretendo traçar uma biographia (1); e sim penetrar quanto possivel, na vida espiritual do escriptor.

O Brasil dos primeiros annos do seculo XIX era, como hoje, extensissimo de territorio e tinha a pequena população de tres milhões de habitantes.

A população livre das cidades e do interior dividia-se em duas classes bem distinctas : um proletariado manso e satisfeito pela facilidade da vida, e a burguezia abastada, ordeira e realista.

Gozava esta do redito sufficiente para enviar filhos á Europa a seguirem os cursos universitarios.

Vivos, intelligentes, faziam os rapazes brasileiros boa figura no reino, e d'elles sahiram esses homens notaveis, que vieram a ser a honra e a gloria do Brasil nos aureos tempos da independencia.

Preparados uns em sciencias naturaes e outros em jurisprudencia, no que tocava aos assumptos politicos e sociaes, tinham quasi todos a alma aberta á boa influencia das idéas liberaes que se iam espalhando no tempo.

Comquanto, sob este aspecto, possam dividir-se em dois grupos, os mais conservadores e os mais avançados, a distancia entre elles não era demasiado grande. Ao contrario era bem curta. Em rigor no Brasil nunca existiram partidos politicos parfeitamente extremados. E' uma observação que sae da historia e impõe-se por si mesma.

Tomem-se as epocas de maior agitação : os revolucionarios brasileiros são sempre como placidos e meigos aprendizes de seus mestres europeus.

Caneca, Paes de Andrade, Nicolau Vergueiro, Cypriano Barata, Bento Gonçalves, Diogo Feijó, Benedicto Ottoni, Nunes Machado... são ingenuas crianças diante da galeria franceza e russa. Em compensação nunca possuimos o typo perfeito, sombrio, tetrico do despota e do absolutista em regra. Os nossos chefes conservadores mais accusados de

(1) A biographia do visconde de Cayrú foi escripta por seu filho Bento da Silva Lisboa e publicada em 1839 na *Revista do Instituto*. Em 1881 Valle Cabral publicou o minucioso trabalho *Vida e escriptos de José da Silva Lisboa*.

rigor ferrenho — são candidas e delicadas donzellas diante dos exemplares do velho mundo.

Cayrú representa perfeitamente a média das agitações e impetos brasileiros, e representa-a com brilho.

Passou toda a sua vida politica a combater os excessos de um e outro lado; absolutistas e revolucionarios tiveram-no por inimigo.

As condições de sua vida e de sua cultura explicam facilmente o facto.

De todos os nossos homens illustres de sua epoca Silva Lisboa foi aquelle que menos tempo viveu em Portugal. Seis ou sete annos e não mais. Estudou ali a lingua ingleza e veio para o Brasil residir n'uma capital de provincia. Nem ficou junto á côrte, o que seria um mal, nem foi inutilisar-se n'alguma aldeia dos sertões, o que seria ainda mais deploravel. Ficou n'esse meio termo util aos estudiosos, e entrou a ler especialmente os livros inglezes de politica e economia nacional. Adquiriu assim esse espirito liberal ; mas liberal de factos e não de palavras, esse espirito utilitario e pratico, indispensavel á marcha social dos povos.

Depois de bem preparado é que Silva Lisboa atirou-se á lucta. Elle, como escriptor, não teve precocidades fatuas e comprometedoras ; só depois dos quarenta e dois annos publicou sua primeira obra.

Em compensação os ultimos tempos de sua vida foram demasiado cheios. Sua actividade escriptorial pertence toda ao seculo XIX. Nos trinta e cinco annos que n'elle viveu escreveu mais de trinta e cinco volumes.

Não é auctor de systema philosophico, scientifico ou social novo ; seu grande titulo é haver sido o primeiro a pregar entre nós as theorias inglezas sobre o commercio livre, a industria livre, sobre a economia politica, sobre o governo representativo e vinte outras materias connexas.

Como magistrado, como director dos estudos, como deputado da junta do commercio, como director da imprensa nacional, como senador do imperio, este homem procurou realisar as ideias propagadas em seus escriptos e prestou

relevantissimos serviços ao Brasil. Deve ser duplamente estudado, em seus actos e em seus escriptos.

O complexo de sua intuição é especialmente organisado pela influencia das ideias de Adam Smith, Bentham, Malthus e Ricardo. A estes junta-se especial e preponderantemente Edmond Burke.

Indicarei por forma synoptica os serviços publicos prestados por elle.

Foi quem estimulou João VI a abrir ao commercio universal os portos brasileiros.

Quando esta medida foi violentamente atacada, foi elle quem a defendeu por escriptos e a fez triumphar.

Foi quem primeiro trataduziu em lingua portugueza o Direito mercantil; quem despertou entre nós a attenção para os assumptos de economia politica, quem doutrinou os principios do governo representativo; quem formulou o primeiro projecto de Codigo do Commercio e o Regimento dos Consules. Isto, quanto aos serviços publicos e directos.

As obras de Silva Lisboa dividem-se em tres categorias: pamphletos politicos, estudos de direito mercantil e economia nacional, escriptos de religião e moral.

A *Historia dos principaes successos politicos do imperio do Brasil* entra perfeitamente na primeira categoria.

Esta comprehende varios escriptos de grande valor para o tempo. O auctor ia acompanhando os principaes acontecimentos dos reinados de João 6° e Pedro 1°, defendendo e elucidando a causa brasileira, contra os inimigos internos e externos. Tomados em sua totalidade, similhantes escriptos são um commentario excellente da nossa historia nos primeiros trinta annos de seculo XIX.

O *Conciliador do Reino-Unido*, o *Bem da ordem*, a *Reclamação do Brasil*, a *Causa do Brasil no juizo dos governos e estadistas da Europa*, a *Herocidade brasileira*, a *Atalaia* e vinte outos são d'essa especie.

A ideia capital de todos elles é a defesa da independencia do Brasil e do governo constitucional representativo.

N'esse intuito Lisboa atacou tanto as Côrtes portuguezas como, por exemplo, os revolucionarios pernambucanos de

1824. Feria á direita e á esquerda com decidida e inabalavel coragem.

Os *Principios de direito mercantil e leis de marinha*, os *Principios de economia politica* e os *Estudos do bem commun e economia politica* são, no segundo genero, as obras principaes do velho bahiano, e de todas quantas escreveu as merecedoras de mais ardentes gabos. N'ellas com perfeita lucidez são expostas as ideias capitaes do liberalismo economico de Inglaterra no tempo de Malthus e Ricardo.

Da terceira e ultima classe de escriptos de Cayrú a *Constituição moral e deveres do cidadão* vem a ser o livro capital.

O complexo das ideias n'este é a de um catholico liberalisante; é a doutrina tradicional do christianismo ampliada pelo influxo dos auctores britannicos.

Os meritos capitaes de Silva Lisboa como escriptor são a simplicidade da forma e o conhecimento exacto que mostrava das doutrinas que adoptava e expunha. O defeito principal é certo atropello, certa falta de ordem e de gosto na confecção dos volumes. Todos elles são sobrecarregados de divisões, sub-divisões, appendices, supplementos, explicações, etc. A leitura de Cayrú é hoje em grande parte fatigante.

Será, porém, sempre consultado pelo historiador dos tres primeiros decennios do XIX seculo entre nós; será sempre lembrado como patriota e erudito e mais ainda como encorajante exemplo da constancia, da coragem e do vigor intellectual. Silva Lisboa dos sessenta aos oitenta annos é que publicou a mór parte de suas obras; por isso ficará como o symbolo do enthusiasta e do trabalhador da velha tempera.

Eis aqui um topico em que fala de seus planos e designios em economia politica:

« Para se animar o verdadeiro espirito commercial já em 1804 dei á luz em Lisboa um compendio de *Principios de Economia Politica*, como parte dos *Principios de Direito Mercantil*, conforme ao promettido; ahi annunciando tenção de offerecer obra mais ampla, se o publico désse acceite e favor a esse esboço dos systemas economicos dos escriptores que até então erão reputados os coryphêos de tão interessante litteratura. Como esta porém d'ahi em diante teve grandes avanços, pelos numerosos escriptos dados á luz em Inglaterra

e França, que são os estados havidos pelos mais rivaes da Europa, e que ostentam honorifica emulação nos estudos do bem-commum ; e tambem pelos memoraveis diplomas dos gabinetes e senados de nações maritimas, que tem convertido a attenção dos sabios e estadistas para este ramo dos conhecimentos humanos, de cujos progressos racionavelmente se espera o estabelecimento do melhor *systema social*, e a civilisação geral : submetto á indulgencia da nação a compilação, que fiz do que achei de mais instructivo, e menos problematico, no que até agora se tem offerecido á discussão da republica das letras, na esperança de servir de subsidio aos que não tiverem a opportunidade de consultar as obras originaes, que indicarei para os que se resolverem a aprofundar a sciencia. Recommendo porém com preferencia os escriptores inglezes nesta materia ; não só porque nesta nação ha mais imparcial tribunal da opinião publica, sendo livre dizer-se o *pro* e *contra*, e, no conflicto das animosidades politicas e litterarias dos outros paizes, a verdade pode surgir mais acrisolada, e prevalecer ; senão tambem porque até esta preferencia é hoje quasi geralmente reconhecida, por ser o paiz de mais extenção de estudos do bem-commum.

Vali-me com preferencia das doutrinas de *Smith*, *Malthus*, *Ricardo*, que sobresahem, como escriptores originaes, profundos, e didacticos, e que se podem intitular os *triumviros da economia politica ;* por terem elevado a dignidade de sciencia esta litteratura, e contribuido para o seu progresso com rapidez, e maior numero de principios exactos, mostrando os erros das antecedentes opiniões communs. *Smith* a carecterizou como um *ramo da sciencia do legislador e homem de estado. Malthus* affirma ser a unica sciencia de que talvez se possa dizer, que a ignorancia dos seus capitaes aphorismos não é só privação de bem, mas grande e positivo mal. *Ricardo* se propôz resolver o que chama *principal problema* da importante sciencia da economia politica, o determinar as leis, que, nos differentes estados da sociedade, progressivo, estacionario, ou retrogado, regulam a distribuição dos productos da terra, segundo as proporções que competem ás suas differentes classes, a titulo de salario, proveito, e renda. Todos estes insignes mestres fazem vêr, que, na ordem social, nada é vago e arbitrario, e tudo depende de leis constituidas pela intelligencia infinita, que ligou o physico ao moral, e segurou a observancia das mesmas leis por immutaveis sancções de miseria ou felicidade, vida ou morte, dos individuos ou estados.

Ainda que procurei a *boa razão* em quaesquer obras das nações letradas, comtudo ingenuamente confesso a minha predilecção,

(bem que autorisada) ás dos escriptores da nação amiga e alliada da corôa portugueza, na materia presente. Para satisfazer aos cordatos, direi em apologia, que tenho por excusa (se é necessaria) o imparcial juizo da celebre *Staël*, admirada escriptora da Europa neste seculo, que, fazendo justiça aos famosos autores da espirituosa nação franceza, apregoou a preeminencia dos da judiciosa nação ingleza, nas doutrinas que mais interessão á sociedade civil ; assim dizendo na sua obra de 1812 *Da litteratura considerada nas suas relações com as instituições sociaes* : « Os inglezes se tem adiantado nas sciencias philosophicas, como na industria commercial, com ajuda da paciencia e do tempo : o espirito de calculo que regulariza na sua applicação as combinações abstractas ; a moralidade, que é a mais experimental de todas as idéas humanas ; o interesse do commercio ; o amor da liberdade ordenada ; tem sempre dirigido os inglezes a *resultados praticos*. Que obras tem emprehendido para servir utilmente aos homens ; para educação dos meninos ; para allivio dos necessitados ; *para a economia politica*, legislação criminal, e sciencias moraes! Que philosophia nas especulações! Que respeito á experiencia na escolha dos meios ! Raras vezes ha na França quem se lisongêie de influir por bons escriptos sobre as instituições de seu paiz : somente se cuida em ostentar engenho, até nas discussões mais sérias. Ainda um systema verdadeiro é exagerado em paradoxos, etc. »

Nestes estudos fiz particular empenho de examinar um dos mais importantes problemas de economia politica, indicado por Smith logo na *Introducção* da sua obra, mas não desenvolvido por elle, nem, até o presente, pelos seguintes economistas, sendo aliás de uma consequencia que vai além de todo o calculo : a saber : « se para a riqueza e prosperidade das nações mais contribue, e em que proporções, a *quantidade do trabalho*, ou a *quantidade da intelligencia* na animação e direcção da geral industria ! » Isto é ainda um *desideratum* na republica das letras.

Intento mostrar, que o officio de economista deve ser, não o carregar a sociedade de trabalhos mecanicos, braçaes, e penosos ; mas inquirir os efficazes meios de os alliviar indefinidamente, pelo estudo das leis e obras do Creador, substituindo o *trabalho da natureza* ao trabalho da humanidade ; a fim de que a natureza seja a *principal obreira* nos estados cultos, cooperando cada individuo, com o seu especial talento e exercicio das faculdades do espirito e corpo, em conhecer e applicar as potencias e vias com que ella opéra na producção, fórma, e transferencia das cousas visiveis, valendo-se dellas em seu beneficio, para assegurar a necessaria e con-

veniente copia dos bens da vida ; a fim de *terem os homens a maior riqueza possivel, com o menor trabalho possivel.*

Este probema é digno de se meditar, e se fazer diligencia de se resolver, para se estabelecer o *principio transcendente* da economia politica. Elle não é de simples curiosidade especulativa, mas de summa importancia pratica. Se todos os governos se convencessem, que a intelligencia nas operações da sociedade é quasi *tudo* para o acerto, e influxo na boa ordem dos povos, e na riqueza e potencia dos estados, seriam incessantemente desvelados na educação nacional, para propagar as luzes das artes e sciencias, que habilitam a todas as classes á util cooperação social, tendo cada vez mais, em ajuda de suas tarefas, o auxilio da natureza, para subministrar-lhes os mais poderosos e perfeitos agentes e instrumentos do trabalho necessario. Assim se reconhecerá, que a economia politica é verdadeiramente *physica social* e *dynamica civil*, fundando-se a relativa civilisação, e opulencia dos paizes, no seu comparativo calculo de emprego das forças do espirito e corpo na industria nacional.

Esta theoria é com especialidade interessante nesta parte do Mundo Novo ; pois, ainda que a natureza seja benigna aos habitantes dos tropicos, ajudando muito ao trabalhador com a fertilidade da terra, e frescura das virações ; comtudo, estando na região do sol, não lhes dá a robustez corporal dos paizes frios, em que os homens melhor supportam os trabalhos duros. Cumpre-lhes pois adquirir superiores forças intellectuaes, para usarem mais do *imperio do animo* que do *serviço do corpo*, tendo sempre por si a natural obreira, para os supprimentos e gozos da vida. Além disto tem poucos braços para o immenso territorio : convem valerem-se dos engenhos, não olhando, como até agora, para Africa, mas constantemente para Europa, a mãi dos grandes varões, que fundaram as colonias d'America, e que tem pela providencia indissoluveis laços de união politica e mercantil, para mutua dependencia de suas producções, na admiravel distribuição com que o creador variou os climas e dons de sua ineffavel bondade, a fim do bem-commum de todas as partes da terra. » (1)

Já nos dias do visconde de Cayrú o publico brasileiro, desnorteado pelos charlatães do tempo, tinha certa indisposição contra os grandes trabalhadores intellectuaes.

No Brasil o homem de letras tem merito, não pelo que faz, mas por aquillo que problematicamente poderia ter feito. E'

(1) *Estudos de Bem Commum e Economia Politica*, prologo.

assim que do litterato bohemio, que nada faz, nada produz, e nada vale, se diz : *é um grande talento, um verdadeiro genio, é pena ser tão vadio...*

Do verdadeiro e genuino temperamento litterario e artistico, illustrado, productivo, do espirito que vive realmente absorvido no mundo das ideias, é vulgarissimo dizer-se : *nem por isso, não tem lá esses talentos... é trabalhador !* E' uma precaução tomada pelo *bas fond* da litteratura.

Cayrú não escapou a esse máo sestro publico ; em seu tempo notaram-lhe em mal a fecundidade intellectual.

O proprio José Bonifacio, que foi seu inimigo por causa de Pedro I°, de quem aliás quiz mais tarde a restauração, fez-lhe aquella censura :

> « O mesmo quer fazer Silvio, — o Corcunda —
> Fracção de gente, charlatão idoso,
> Que abocanha no grego, inglez, hebraico ;
> Mas sabe bem a lingua de cabinda
> E o patrio bororó e mais o moiro...
> E que escreve folhetos a milhares
> Que ninguem lê, porque ninguem entende,
> Por mais que lhes dê titulos diversos : »

São versos do *Sonho*, perdido poema comico de Andrada.

Uma cousa haveria a ponderar a este ultimo : é verdade que ninguem lê os trabalhos de José da Silva Lisboa, não porque sejam inintelligiveis ; pela mesma razão porque ninguem lê os de José Bonifacio de Andrada e Silva...

Uma questão de indole nacional.

HIPPOLYTO JOSÈ DA COSTA PEREIRA FURTADO DE MENDONÇA (1774-1823) é o jornalista mais notavel do Brasil e Portugal no primeiro quartel do seculo XIX.

Formou-se em leis e philosophia em Coimbra nos fins do seculo XVIII. Em 1798 fez aos Estados-Unidos uma viagem por incumbencia do governo portuguez e em 1801 uma á Inglaterra a serviço do mesmo. De volta ao reino no anno seguinte, foi preso por ordem da Inquisição, dizem uns ; por ordem do ministro D. Rodrigo de Souza Coitinho, dizem outros.

Partisse do tremendo tribunal ou do mesquinho ministro a ordem, o effeito foi o mesmissimo e o insigne brasileiro jazeu até 1805 nos carceres, d'onde fugiu com auxilio da maçoneria. Estabeleceu-se em Londres, onde publicou de 1808 a 1823 o *Correio Brasiliense*, revista mensal consagrada á defeza das instituições livres em Portugal e da independencia do Brasil.

O nosso esciptor publicou diversas traducções e pequenos trabalhos avulsos ; todos ficaram no esquecimento diante do *Correio Brasiliense.*

Hippolyto, morto aos quarenta e nove annos, é uma nitida encarnação do talento brasileiro de boa seiva, agil, activo, enthusiasta, amante das ideias livres e capaz de luctar por ellas.

Sahido aos vinte e dous ou vinte e tres annos da Universidade, passou pela maravilhosa escola das viagens ; elle, que já conhecia o Brasil e Portugal, visitou os Estados-Unidos, o Canadá e a Inglaterra. Nas plagas em que florescem a liberdade, o trabalho e a sciencia, sustentados pelos fortes pulsos da raça britannica, transfigurou-se seu espirito ; aprendeu a ser livre e a respeitar o pensamento alheio. Estava perdido ; não podia mais agradar a politicagem corrupta de Portugal. Todos ali o odiaram : ministros, rei, inquisição, povo, todos, Portugal inteiro personificado em José Agostinho de Macedo, tudo votou-lhe odio...

Foi um duello desigual travado entre o moço publicista e a velha carcôma o velho caruncho lusitano durante vinte annos.

Ao tempo em que fugia o rei para o Brasil, fazia em Londres o patriota sahir o seu jornal.

Os actos da regencia de Lisboa e os actos do governo do Rio de Janeiro eram passo a passo discutidos, analysados na folha de Londres em sentido liberal.

Este era o trabalho principal do moço jornalista.

As paginas do periodico vinham tambem sempre cheias de noticias e esclarecimentos sobre a politica e acontecimentos da Europa e da America transcriptos das folhas do tempo. Era o trabalho secundario do publicista.

Hippolyto era espirito mais livre e desabusado do que o visconde de Cayrú. Este foi o theorista academico da independencia e do governo brasileiro; aquelle representou o momento agitador, mobil, propagandista, jornalistico. Tinha mais facilidade de escrever; seu estylo era mais correntio, menos sobrecarregado de torneios academicos e citações classicas.

E' um homem illustre e a quem o Brasil muito deve, por seu patriotismo, sua defeza de nossas liberdades, suas previsões, seus conselhos.

Foi um elemento de differenciação, de lucta, de opposição entre brasileiros e portuguezes em nome de sãos principios, em nome da justiça e da liberdade.

O encarcerado de Lisboa era uma affirmação tão poderosa do Brasil, quanto o foram os perseguidos da Inconfidencia e de 1817.

Ainda hoje sua acção de jornalista indefesso e puro é um estimulo e uma lição. Aquelles que procuram n'uma litteratura sómente a poesia e as creações artisticas não são talvez os mais proprios para comprehender uma vida e uma obra como as de Hippolyto.

Quem, porém, reflectir que n'uma vida humana bem equilibrada ha sempre uma unidade superior a que tendem todos os factos e aspirações particulares, e que na vida de um politico ha sempre um ideal a que se elevam todos os esforços do luctador, ha-de comprehender que vai n'isto uma poesia, uma certa creação artistica, que é a vida mesma do publicista.

Hippolyto fez tambem o seu poema, e de assumpto nacional. Cada um dos cantos d'esse poema é cada um dos bons artigos em que sua coragem civica arrostava as coleras da metropole apoucada em prol dos direitos do Brasil. Ainda hoje seria possivel d'entre a massa enorme do *Correio Brasiliense* escolher vinte ou trinta d'esses artigos decisivos, publical-os em livro, e ter assim á mão o escorço do poema do grande homem.

Por mais longa e talvez fastidiosa que possa tornar-se esta exposição não roubo ao meu leitor o ensejo raro de lêr um

bom artigo jornalistico de Hippolyto, escripto ha perto de cem annos. E' do *Correio Brasiliense* de junho de 1809 :

« Entre uma massa enorme de leis e decretos que recebi do Brasil, n'este e no mez passado, ha dois que me attrahiram particularmente a attenção : um é datado do Rio de Janeiro em 28 de junho de 1808, e estabelece a policia d'aquella cidade, imitando a de Lisboa, o outro é precisamente da mesma data, e regula o importantissimo ramo das finanças. Comecemos por este.

Esta lei revive de algum modo as vedorias que foram tão justamente abolidas em Portugal, e faz uma complicação de administrações, que junto ao confuso da enunciação, e á omissão de muitas providencias essenciaes, fazem esta lei verdadeiramente incapaz de promover o bem d'este importante ramo da administração publica. Deixando, porém, o que diz respeito á enunciação e arranjo da lei, que se attribue a um certo Targini, que nem portuguez sabe, e praza a Deus que não houvesse mais nada a dizer contra elle, limitar-me-hei em tanto quanto couber no espaço, a mostrar providencias que se deram e não são boas, e providencias que se omittiram e eram essenciaes. 1º No titulo IV, em que se tracta das sahidas do erario, complica no § 11, os regulamentos das despezas da casa real, até mesmo os compradores, etc., com os pagamentos do thesouro publico ; quando taes despezas só devem entrar em uma addição, por exemplo ; tanto ao thesoureiro da casa real, pelo decreto tal, o resto é da competencia do mordomo-mór e dos mais officiaes da casa, a quem isto compete, e tem seus regimentos proprios. No § 3 se faz outra vez a mesma confusão com as thesourarias da marinha, militar, etc., de maneira que se vê manifestamente o desejo de accumular influencia n'esta repartição, seguindo-se d'aqui que o chefe da repartição não póde attenter a tudo, e os sub-officiaes, em seu nome, podem commetter os abusos que quizerem ; porque as providencias do § 4º do titulo IV, nunca serão bastantes para fazer que não haja balanços nas mãos do thesoureiro, o que se verificará mui facilmente no caso do § 12 do mesmo titulo IV. O chamado conselho de Fazenda é instituição inteiramente escusada, e só uma imitação cêga do estabelecimento de Lisboa faria renovar este pezado fardel na administração das finanças do Brasil. 2º Quanto ás medidas que se omittiram ; eu diria d'este lei, em geral, que se ommittiu estabelecer um plano de finanças para o Brasil, mas tomando a lei tal qual está, não vejo que se determine o modo do pagamento e receita nas differentes partes do Brasil, nem da correspondencia dos collectores das rendas publicas nas differentes capitanias com o

erario. E' verdade que manda remetter contas ao presidente (tit. V), mas é um homem só capaz de tratar esta immensa correspondencia ? Deveria lembrar-se quem traçou a lei, que o Brasil é um immenso territorio. O thesoureiro a quem dão o nome de geral, não o é de facto, porque não póde receber nem cobrar cousa alguma no Rio, Bahia, Pernambuco, e tudo ao mesmo tempo ; a ramificação, pois, d'esta administração, pelas differentes partes do Brasil, era o ponto mais importante, e justamente o que esqueceu.

Não me permittindo o espaço d'este papel entrar n'isto mais em miudo, passarei á lei da policia. *Infandum renovare dolorem.* A lei do estabelecimento da policia, em Portugal, que é datada de 25 de junho de 1760, foi uma das que firmou mais o despotismo odioso do governo, durante o ministerio do marquez de Pombal, e deu o ultimo golpe á liberdade civil dos portuguezes, arruinou os fundamentos da jurisprudencia criminal patria e deu origem ao systema terrorista, que o máu caracter dos intendentes de policia fez ainda mais odioso aos povos. O marquez de Pombal poderia talvez desculpar aquelles procedimentos arbitrarios, com a necessidade de calcar aos pés uma facção, que se oppunha a todos os melhoramentos uteis que elle meditava ; mas póde com muita razão duvidar-se qual dos males seria maior, se estar a nação privada dos melhoramentos que elle introduziu; se possuil-os, vendo anniquiliada a liberdade civil do cidadão ; porque nenhum beneficio (nem talvez a vida) compensa a liberdade. *Libertas pro nullo venditur auro ;* se lê ainda hoje em caracteres de ouro na frente de muitas casas, outr'ora habitadas pelos antigos romanos. Quando, pois, vejo agora introduzido no Brasil aquelle systema de policia, sem que existam nenhumas das circumstancias que o fariam desculpavel (se é que póde ter desculpa) no tempo de Pombal ; não me póde lembrar outro motivo, senão o ser esta medida aconselhada por algum rabula intromettido em politicas, e adoptada por algum ministro, que não havendo tido jámais a practica de observar os paizes do mundo, onde se póde aprender a sciencia do governo, nem ao menos quer ter o trabalho de estudar a historia do seu paiz e comparar as épochas felizes da nação com os tempos desgraçados, para lhe descobrir os motivos.

Nem o monarcha, nem o povo, podem ter algum interesse, em que a administração da justiça seja violada, a liberdade do cidadão attacada, nem pessoa alguma punida, sem as formalidades das leis. Quem pois tem interesse nos processos arbitrarios, chamados de policia? Ministros ingnorantes, ou máos, e *validos, odiozos á nação:* porque se o governo pratica alguma acção reprehensivel, o mostrar-

lhe os deffeitos é fazer um serviço essencial ao soberano. Mas o ministro, que, por se descobrir o erro na medida que delle procede, fica desacreditado, convem-lhe punir arbitrariamente toda a pessoa, que suspeita ser capaz de lhe descobrir as faltas e desculpa-se com o soberano, dizendo que atacam a soberania, censurando as medidas do governo ; e ao abrigo do escudo real atira o ministro as setas, e se lhe retorquem, grita que são rebeldes os que o atacam, pois perdem o respeito á authoridade suprema com que elle se cobre....

A injustiça com que Portugal e Hespanha trataram sempre as suas colonias é agora a causa de sua ruina ; porque, prohibindo no Brasil (por exemplo) as manufacturas, as artes, as sciencias, e o commercio estrangeiro, ficaram estas colonias reduzidas a trabalharem como escravas para a metropole; a qual, descançando inteiramente no ouro que lhe traziam seus escravos, desprezou a sua propria industria ; falta-lhe agora a colonia, e acha-se Portugal reduzido á mendicidade, natural castigo de sua injustiça ; porque Portugal aterrou os mouros de Africa, descubrio o Brasil, e fez respeitar suas Quinas nas mais remotas partes do Oriente, sem ter o ouro de suas colonias. Este systema infeliz é levado ainda agora para o Brasil, tanto, quanto as cousas o permittem. Conceda-se-me o apontar alguns factos, pois me é preciso provar a minha proposição.

Chega a Côrte ao Rio de Janeiro, e entram a deitar fóra de suas casas os proprietarios, para acommodar aquelles, que la iam buscar um asylo ; e extende-se isto até para a acommodação de negociantes estrangeiros, que lá vão somente por buscar seus lucros. Estabelece-se uma complicadissima administração de finanças, nomeiam-se para muitos officios, creados de novo, pessoas (que não especifico porque desejo evitar personalidades) odiosas á nação. Continuam a empregar-se nos governos das capitanias, e villas uns poucos de militares, quasi todos de patentes baixas, e de taes qualidades que a alguns delles, em Portugal, não se confiaria o governo da menor aldeia. E' este o modo de adquirir a affeição dos povos ao seu governo ?

Até aqui atribuiam-se, no Brasil, aos Governadores os vexames, que elles praticavam, e suppunha-se por uma hypothese verosimil, que a Côrte, pela distancia em que se achava, não sabia delles. Agora que a Côrte la está como é possivel deixar de imputar directamente ao secretario da guerra o conservar governadores taes como é, por exemplo, o do Maranhão, cujos despotismos tem despovoado aquella cidade. E quando este homem for mudado, se lhe não derem um castigo exemplar a quem se imputarão os males que

elle fez, senão a quem deixou de os punir ? Esta consideração é mui seria ! E não deixo de esperar que se lhe preste a attenção que sua importancia merece ; ao menos nesta repartição, onde se acha um dos homens mais capazes que ha no Brasil.

O unico remedio, que desde a mais remota antiguidade se tem achado, para que os homens não abusem do poder que tem, é limitar-lho. Conceder a um individuo poderes sem restricção, como tem os *despotas* chamados governadores do Brasil, e suppor que não empregarão esse poder em satisfazer as suas paixões, é suppor uma contradicção na natureza humana. Baste pois o que tenho dicto (e mais disse do que desejava) para mostrar : 1º que os europeos que foram para o Brasil governar aquella vasta região não tem olhado para os interesses daquelle paiz com a attenção que elles mereciam : 2º que vista a meditada alteração no governo da America hespanhola é do maior interesse para os mesmos que governam no Brasil, o cuidar em estabelecer planos e systemas, que não somente sejam tendentes ao bem do povo, mas que tragam comsigo o caracter da convicção e da evidencia ; que nunca se acha na violencia, nem nas medidas arbitrarias, nem em querer perpetuar a ignorancia dos povos. Passarei agora á segunda parte, do que me propuz, e para o que não sinto tanta repugnancia em explicar-me ; e é indicar as mudanças que se fazem necessarias no governo do Brasil.

Em primeiro logar a divisão do territorio em *provincias*, abolindo os capitães generaes, ou *governos militares*, é cousa de immediata necessidade ; porque a continuarem taes governos, será o Brasil administrado como a Persia, por satrapas militares, a peior das formas de governo, que a imaginação do homem póde inventar. Sobre isto havia muito a dizer ; mas como me não posso lisongear de vêr um transito do pessimo para o optimo, contento-me com observar, que a divisão do Brasil em provincias e comarcas, dando ás *camaras* os mesmos direitos que tinham em Portugal, não pode offender a ninguem, e é o mais moderado, que podem ser os meus desejos. E aqui não seria máo lembrar, que se deixassem de planos para adquirir mais territorio ; e quando desejem estender os limites do Brasil até o rio da Prata, para evitar disputas de vizinhos contiguos, nesse caso, não principiem por intrigar ; façam proposições mutuamente vantajosas aos hespanhoes, cêdam, por exemplo, o territorio ao norte do Amazonas ; portando-se com a sinceridade que deve caracterizar todos os negocios nacionaes, de que se espera bom rezultado, e serão bem succedidos. Omitto de proposito reflectir sobre o modo porque este projecto se encetou no Rio de Janeiro, porque, como já disse, o meu fim é fazer bem aos meus compatriotas,

e não ridicularizar os homens a quem está confiada a sorte do Brasil: bastam que saibam, que um caso impresvisto me trouxe ás mãos os documentos necessarios para fazer uma clara ideia dessa transacção.

Depois da divisão do territorio, e extincção do governo dos *Bachás* nas capitanias, deve seguir-se promover a população, o que lhes será mui facil se souberem attrahir emigrados de todas as partes da Europa; para o que é necessario segurar-lhes a liberdade pessoal, e o direito de propriedade; um só exemplo da violação arbitraria destes direitos amedrontaria mais gente, da que para la quizera ir, do que seriam uteis todas as promessas feitas em papel. Nisto só deve haver uma limitação e é arranjar de maneira as leis de naturalisação, que só depois de uma racionavelmente longa residencia possam os novos concidadãos gozar dos plenos direitos de naturaes.

Segue-se a introducção das sciencias. Neste artigo nem um só passo se tem dado ainda no Brasil. Não apparece o menor intento de estabelecer universidades, collegios, ou outros estabelecimentos similhantes; e sem isto é quasi impossivel que o estado tenha homens capazes de governar; e se os ha é impossivel conhece-los.

Passo a passo, com taes medidas, seria preciso restituir ás camaras, unicas corporações populares no Brasil, aquelles direitos de que sempre gozaram as camaras em Portugal e que formam a baze das Côrtes; instituição importante, cujo desuso fez marchar a nação rapidamente á sua destruição. Um povo, para obrar com energia, é necessario que sinta a sua existencia politica; que tenha voto mais ou menos directo nos negocios da nação. O povo, que não goza isto, facilmente se reduz a um rebanho de carneiros, incapazes de obrar acções grandes, e até de defender a patria. Os exemplos são tantos, *debaixo dos olhos*, que não nomeio nenhum ». (1)

N'estas paginas acham-se esparsas ideas sobre policia, finanças, justiça administrativa, divisão e governo das provincias, liberdades municipaes, colonisação e grande naturalisação.

A propria politica exterior vê-se ali consignada nos dous pontos mais serios que ella tem assumido n'este paiz: a posse das terras no extremo sul e no extremo norte.

Hippolyto commetteu o gravissimo erro de aconselhar a cessão da região ao norte do Amazonas. Quanto ao mais, suas

(1) *Correio Brasiliense;* vol. 2.° pag. 637.

vistas eram largas e descortinavam largo ambito pelo futuro a dentro.

Todas as grandes doutrinas que em todos os tempos fizeram um alto e vasto conceito da *humanidade*, fizeram-no tambem da *patria*. A ideia de humanidade não apagou jamais a ideia de patria ; ao contrario fundou-se sempre n'ella. Ainda hoje vê-se n'um dos mais notaveis systemas philosophicos do XIX seculo, o positivismo, um valente exemplo de tão importante verdade.

O velho Hippolyto seguia este caminho, avançava por esta estrada ; era da raça dos bons patriotas e grandes pensadores. Queria sim o concurso das actividades estrangeiras igualmente para todo o paiz e queria-o em ordem e acertadamente ; não aspirava pela invasão e nem o consumia a vontade de ver o povo brasileiro substituido por outro no solo desbravado, afeiçoado por nossos maiores. Em politica e em materia social o valor de uma ideia avalia-se pelos resultados que obtem e pela resistencia que oppõe aos embates do tempo e das tendencias contrarias.

A' esta luz considerada a ideia de Hippolyto sobre o concurso estrangeiro n'este paiz, ella é de forte quilate e grandissimo valor. Sempre que os nossos governos, dando ouvidos a gananciosos e a mal intencionados, têm-se afastado d'aquella trilha, fazendo-se mercadores de immigrantes, têm errado em claro. A verdade é e deverá ser sempre esta : o paiz ahi está aberto a todas as actividades ; quem quizer e puder vir n'elle trabalhar que venha ; não encontrará tropeços ; conte com a liberdade e igualdade civil desfructadas pelos naturaes ; mas é só isto : direitos politicos competem sómente a aquelles que por longa residencia e decidido amor ao paiz tenham-se realmente nacionalisado.

Rios e mais rios de dinheiro, milhares e milhares de contos de réis atirados fóra atraz da immigração, nunca e nunca. E' o caso de invocar a protecção posthuma de Hippolyto. (1)

(1) Sobre o grande patriarcha do jornalismo brasileiro—vide de Innocencio da Silva — o *Diccionario Bibliographico*, e do Barão Homem de Mello —um artigo na *Revista do Instituto Historico*, Tomo XXV, Parte segunda, pag. 203 e sg.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1773-1845) tinha em alto gráo todas as virtudes e todos os defeitos da sua familia.

Quando falo em familia Andrada, não quero de modo algum commungar na mesa dos que ainda hoje laboram na superstição de suppôr n'aquelles paulistas uma especie de *direito divino ao genio e ao talento.*

Tambem não quero pensar com os que julgam esses estimaveis santistas um punhado de ambiciosos vulgares. Para o grosso dos espiritos obtusos todos os factos e todos os homens têm uma face principal, boa ou má, conforme o pesado criterio do observador anda bem ou mal humorado.

A familia Andrada. cuja decadencia é hoje vista pelos mais myopes, teve apenas um homem eminente — José Bonifacio, e tres homens meritorios — Antonio Carlos, Martim Francisco e José Bonifacio — o moço.

Antonio Carlos tinha de bom, com a sua familia, certa alegria nativa, certo enthusiasmo, certo arrebatamento de caracter, e algum ardor pelas ideias liberaes.

Tinha de máo, ainda com a sua familia, a vaidade do talento pretencioso, a fatuidade do espirito mal disciplinado.

Os Andradas, como os Silvas Lisboas, eram d'esses brancos puros, apenas mestiçados moralmente, que representam a classe principal, o centro de acção fundamental, a *élite* de nossa sociedade no que ella tem de superior : a burguezia limpa, filha de antigos negociantes portuguezes. Alguns recenciadores phantasticos de nosso povo vivem ahi a calcular presumpções sobre elle, como se entre nós existissem sómente, alem dos extrangeiros, os indios, os negros e os mestiços. São phantasias ethnographicas faceis e futeis na sua facilidade. Esquecem a população branca, a representante directa da antiga colonisação, população que se nacionalisou e sempre forneceu, em grande parte, o que de mais distincto possuimos nas letras, na politica, no clero, na magistratura, na administração, na armada, nos postos superiores do exercito, em todas as mais fortes manifestações da vida politica em summa.

Esquecer isto é fundar pretenções para fins individuaes.

Antonio Carlos tinha pronunciado typo de portuguez. Era de boa altura e compleição forte, physionomia aberta, alegre, communicativa; *bon viveur*, conversador, garrulo, excellente comedor.

Não era servil, seu orgulho ao contrario preservou-o sempre da baixeza. Tambem não obedecia a um norte certo em politica e no mais.

Por indole era liberal; porque era alegre e tinta boa saude; mas se os accidentes do caminho lhe eram adversos e os seus alliados naturaes o contrariavam, não duvidava, ainda por orgulho, pôr-se de harmonia com os contrarios.

Tinha a sêde do mando e nunca poude ser governo em tempos do primeiro imperador; só o poude ser já velho e cançado nos dias da maioridade do segundo monarcha.

Esta exclusão da sorte foi a origem do máo humor que assumiu por vezes seu temperamento arrebatado; mas em essencia perfeitamente equilibrado.

Isto explica a enorme cadeia de suas contradicções.

Sim; porque eu não quero esconder que Antonio Carlos na politica brasileira representou os mais contrarios papeis e foi o mestre emerito de nossos politicos cata-ventos.

De resto, a pureza de seu caracter, pelo lado de interesses mesquinhos, está historicamente a cima de toda a suspeita.

Sua honestidade era uma das formas de seu abençoado orgulho.

De sua primeira mocidade nada consta de notavel; era filho de Santos; estudou direito em Coimbra; ainda em Portugal fez algumas traducções de opusculos inglezes.

Esta circumstancia deve aqui ficar determinadamente consignada : quasi todos os illustres brasileiros d'aquelle tempo, formados em Portugal, estudaram e cultivaram a litteratura ingleza. Muitos traduziram até opusculos e obras d'aquella fonte em vulgar. E' o caso de Silva Lisboa, Hippolyto da Costa, Moraes Silva, Fernandes Pinheiro, Antonio Carlos, Conceição Velloso e vinte outros.

A influencia do pensamento britannico sobre a geração

nacional do principio do XIX seculo é, portanto, evidentissima.

Mais tarde é que passamos á imitação franceza que nos tem desmantelado quasi inteiramente.

De volta ao Brasil e depois de ter occupado um logar de justiça em Santos, era Antonio Carlos ouvidor em Olinda, quando se deu a mais notavel e significativa de todas as revoluções do Brasil, a revolução de 1817 em Pernambuco.

Antonio Carlos tomou parte no movimento.

Estava iniciada sua carreira politica; principiava a serie de seus serviços e de suas contradicções.

Foi do numero dos revoltosos e renegou mais tarde a revolução.

Eleito deputado ás côrtes de 1820 em Lisboa, representou bem este paiz.

Bateu-se com os mais notaveis oradores e politicos da assembléa.

Crescendo ali mais e mais a opposição contra os direitos do Brasil que as côrtes tentavam privar de garantias e reduzir, como d'antes, a simples condição de colonia, Antonio Carlos commandou o exodo dos deputados brasileiros para Plymouth, onde lavraram o celebre protesto á Europa e ao mundo.

A passagem de Antonio Carlos pelas côrtes portuguezas é a lauda de sua vida inteiramente escripta em caracteres correctos, nitidos e puros; não ha uma só mancha.

Tambem é por onde começou a lenda brilhante que ainda hoje circunda a fronte do patriota.

De volta de novo á patria, foi eleito deputado á nossa Constituinte. Emquanto o poder coube em partilha a seus irmãos, elle foi na assembléa um elemento de ordem e de vida. Depois que, bastante estolidamente, Pedro 1.° demittiu o ministerio dos Andradas, o que só devera ter praticado depois de ter elle feito passar na camara o projecto de constituição, o deputado páulista foi, na assembléa, um obstruccionista intranzigente e perturbador, e na imprensa, pelo *Tamoyo*, um guerrilheiro implacavel. E' deportado em 1823 pelo imperador

e em 1828 volta e faz-se seu amigo. Em 1832 acha-se em lucta com o partido liberal, faz-se reaccionario, faz-se restaurador!...

E' então que o partido triumphante no 7 de abril de 1831 cobre a seu irmão mais velho e a elle e a todos os seus amigos dos mais grosseiros baldões. Jose Bonifacio é deposto da tutela do imperador; os serviços dos Andradas systematicamente, completamente negados. Ainda bem; alguns annos mais tarde, Antonio Carlos alliava-se a essa mesma gente que o perseguira e punha-se á testa da mais humilde, microscopica e estolida de todas as evoluções de nossa politica: a revolução da maioridade.

Foi então ministro, e bem pouco tempo depois apeado do poder. Era uma lição terrivel infligida a elle pelo menino, que acabava de sentar no throno, o filho do monarcha ingrato que o atirara banido fora da patria por seis longos annos.

Antonio Carlos figura n'esta historia por seu talento de orador.

Outros foram os doutrinadores, os organisadores, os theoristas de nossa independencia e de nossa infancia de nação; elle foi o porta-voz. Nas Côrtes e na Constituinte erguia-se sem receios e sem rebuço, desabusado e valente. Attirava aos quatro ventos o seu pensamento em voz alta, quasi em gritos, ousadamente, irritantemente.

Era um convencido e um enthusiasta. N'esses momentos era inteiriço, d'uma só peça; nada via diante de si senão a sua paixão.

Diziam todos que o ouviram que era magestoso e fluente na tribuna; tinha alguma cousa de athletico e impunha instinctivamente respeito.

Seus discursos foram todos mal tomados e não podem servir de documento exacto, pela forma em que hoje se acham, de seu talento de orador.

O estylo é algum tanto declamatorio; mas ha sinceridade n'aquella declamação.

Aqui está uma amostra d'elle no pequeno discurso pronunciado na penultima sessão da Constituinte sobre o espanca-

mento do cidadão David Pamplona por uns officiaes portuguezes :

« Sr. presidente, assás desagradavel me é ter de dizer hoje cousas que não sejam muito em decóro da assembleia.

Na ultima sessão casos se passaram, que me obrigaram a perguntar a mim mesmo : *ubinam gentium sumus* ? E' no Brasil, é no seio da assembleia geral constituinte do Brasil que eu ergo a minha voz ?

Como, Sr. presidente, lê-se um ultrage feito ao nome brasileiro na pessoa do cidadão David Pamplona, e nenhum signal de marcada desapprovação apparece no seio do ajuntamento dos representantes nacionaes ?

Diz até um representante nacional que elle mesmo se não acha seguro, e nenhuma mostra de indignação dão os illustres deputados ?

Morno silencio da morte, filho da coacção, pêa as linguas ; ou o sorriso, ainda mais criminoso, da indifferença salpica os semblantes.

Justo céo ! E somos nós representantes ? de quem ? da nação brasileira não póde ser.

Quando se perde a dignidade, desapparece tambem a nacionalidade. Não, não somos nada, se estupidos vemos, sem os remediar, os ultrages que fazem ao nobre povo do Brasil, estrangeiros que adoptamos nacionaes, e que assalariamos para nos cobrirem de baldões.

Como disse pois a commissão que o caso devia remetter-se ao póder judiciario, e que não era da nossa competencia ? Foi elle simples violação de um direito individual, ou antes um ataque feito a toda a nação ?

Foi o cidadão ultrajado e espancado por ter offendido os individuos aggressores, ou foi por ser brasileiro, e ter aferro e afinco á independencia do seu paiz, e não amar o bando de inimigos, que por descuido nosso se têm apoderado das nossas forças ? Os cabellos se me eriçam, o sangue ferve-me em borbotões, á vista do infando attentado, e quasi machinalmente grito : vingança !

Se não podemos salvar a honra brasileira, se é incapacidade, e não traição do governo, quem acoroçoa os scelerados assassinos, digamos ao illudido povo, que em nós se fia : Brasileiros, nós não vos podemos assegurar a honra e vida ; tomai vós mesmos a defesa da vossa honra e direitos offendidos.

Mas será isto proprio de homens, que estão em a nossa situação ?

Não por certo; ao menos eu trabalharei, emquanto tiver vida, por corresponder á confiança, que em mim poz o brioso povo brasileiro.

Poderei ser assassinado; não é novo que os defensores do povo sejam victimas do seu patriotismo; mas meu sangue gritará vingança, e eu passarei á posteridade como o vingador da dignidade do Brasil. E que mais póde desejar ainda o mais ambicioso dos homens?

Ainda é tempo, Sr. presidente, de prevenirmos o mal, emquanto volcão não arrebenta; desapprove-se o parecer da commissão; reconheça-se a natureza publica e aggravante do ataque feito ao povo do Brasil; punam-se os temerarios, que ousáram ultrajal-o abusando da sua bondade; não pullúam mais com a sua impura presença o sagrado solo da liberdade, da honra, e do brio; renegue-os o imperio, e os expulse de seu seio.

Isto insta, Sr. presidente, os assassinios repetem-se; ainda antehontem foi atacado por impios rufiões um brasileiro de Pernambuco, Francisco Antonio Soares. Se a espada da justiça se não desembainha, se toda a força nacional não esmaga os *Encelados*, que querem fazer-nos guerra por traições nocturnas, somos a zombaria do mundo, e cumpre-nos abandonar os logares que enxovalhamos com a nossa gestão. Eu mando á mesa a minha emenda:

« Diga-se ao governo que apezar de parecer o caso proposto de interesse individual, como pela sua natureza e circumstancias, seja atacante da dignidade do povo brasileiro, faça inquirir delle, e que, verificados os autores, a assembléa o autoriza para expulsar do territorio do imperio os que o pulluiram. »

Conhece-se bem por estas palavras o desassombro com que falava diante do poder o deputado paulista.

Travada a lucta entre a assembléa e o imperador, este dissolveu-a, e, entre outros, deportou Antonio Carlos.

N'aquelle tempo ainda não havia certa decantada *orientação moderna* no Brasil e os homens tinham a simplicidade de saber o que queriam, e a tolice de soffrer por suas ideias.

A passagem de Antonio Carlos para MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA (1776-1844) é logica e natural.

Martim é um meio termo entre os seus dois irmãos. Nem tão ilustre sabio como José Bonifacio, nem tão notavel orador como Antonio Carlos.

Era mais calmo, mais equilibrado, mais integro.

Em Martim Francisco ha a distinguir entre o politico e o homem de letras e sciencia.

Como politico, sua vida acha-se intimamente ligada á de seus irmãos. Foi um dos propugnadores da Independencia, fez parte do ministerio de José Bonifacio em 1822, foi deputado á constituinte ; soffreu o exilio de 1823 a 29 ; foi em 1840 ministro no gabinete de Antonio Carlos.

Nas letras tem o direito de entrar na historia por seus discursos parlamentares e por seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de São Paulo em* 1805.

Este interessante escripto, alem de seu valor scientifico, é de grande merecimento, como documento ethnologico-social, e amostra do estylo e do espirito caustico de Martim Francisco.

O auctor descreve com toda a independencia de apreciação as populações de certas zonas de sua provincia, e, d'est'arte, seu *Diario* é um espelho fiel de certa porção do povo brasileiro em principios do XIX seculo.

E' escripto que deve ser lido em sua integra. (1)

Como orador, Martim era mais calmo e mais correcto do que seu irmão; não lhe tinha as audacias e impetuosidades; por isso não era tão temido e tão admirado. Em compensação era mais sensato.

Pode-se fazer um parallelo, citando o pequeno discurso de Martim Francisco sobre a mesma questão do boticario David Pamplona.

Logo depois de Antonio Carlos, levantou-se e disse :

« Legisladores ! trata-se de um dos maiores attentados ; de um attentado, que ataca a segurança e dignidade nacional, e indirectamente o systema politico por nós adoptado e jurado.

Quando se fez a leitura de semelhante atrocidade, um silencio de gelo foi nossa unica resposta, e o justo receio de iguaes insultos á nossa representação, nem se quer fez assomarem em nossos rostos os naturaes sentimentos de horror e indignação...

Dar-se-ha caso, que submergidos na escuridão das trevas, tememos encarar a luz ? Que amamentados com o leite impuro do des-

(1) *Revista do Instituto*, Tomo IX, pag. 527.

potismo, amemos ainda seus ferros e suas cadêas ? Ou que vergados sob o pezo de novas oppressões, emmudecemos de susto, e não sabemos deitar mão da trombeta da verdade, e com ella bradar aos povos : sois trahidos ! Todavia não antecipemos juizos ; não tiremos ainda consequencias ; consideremos o facto por todas as suas faces, com todas as circumstancias e accessorios, que o acompanharam, e aggravaram ; então poderemos classificar a natureza do crime ou crimes commettidos.

Disse-se que semelhante attentado estava no caso dos crimes ordinarios, e era filho dos abuzos da imprensa : examinemol-o. Na noite do dia tal, erão 7 para as 8 horas, foi atacado em sua botica no largo e ao pé da guarda da Carioca, o boticario David Pamplona, pelo sargento-mór Lapa, e capitão Moreira, e horrivelmente espancado.

E porque ? Por ser brasileiro resoluto. Por quem ? Por perjuros, que menoscabando a religião do juramento, e cobertos com o manto postiço e emprestado de brasileirismo, pagam o beneficio de os havermos incorporado á nossa nação, com repetidas traições, e persuadidos talvez de impunidade, cevam seu odio contra nós, derramando o nosso sangue, e sollapando indirectamente as bases da nossa independencia.

Infames ! Assim agradecem o ar que respiram, o alimento que os nutre, a casa que os abriga, e o honorifico encargo de nossos defensores, a que indiscretamente os elevamos ! Que fatalidade, brasileiros ! Vivem entre nós estes monstros e vivem para nos devorar ! Note-se que a guarda não acudiu estando proxima, e devemos crer que teve ordem para isso ; que não houve abuso de imprensa, houve sim culpa de ser brasileiro e resoluto.

Grande Deus ! E' crime amar o Brasil, ser n'elle nascido, e pugnar pela sua independencia e pelas suas leis ! Ainda vivem, ainda supportamos em nosso seio semelhantes feras !... »

Estas palavras são tambem algum tanto declamatorias; mas denunciam consciente e agitado amor da patria. Offerecem ensejo a uma nota n'este sentido; porque a historia litteraria deve especialmente ser uma exposição psychologica do espirito nacional.

Sob o ponto de vista do amor e do enthusiasmo por nosso paiz, deu-se no espirito publico ha bem pouco tempo a esta parte uma revira-volta subita e contradictoria que merece ser estudada.

Eu assisti a essa mutação, conheço-lhe os antecedentes, contribui em parte para ella e posso hoje estigmatisar-lhe os excessos. Refiro-me ao pavoroso pessimismo, á verdadeira brasiliophobia, que se apoderou de todos nós.

Quando comecei a estudar o Brasil e a escrever sobre elle, o mais satisfeito e inconsciente optimismo embalava todos os espiritos brasileiros sobre o nosso paiz. Tudo eram grandezas e maravilhas.

Nosso céu era o mais brilhante, nosso solo o mais fertil, nossas montanhas as mais altaneiras, nossas florestas as mais seculares, nossas minas as mais abundantes, nossos productos os mais preciosos, nossos rios os mais gigantescos, nosso clima o mais ameno... estavamos no *terreal paraiso descoberto.*

No mundo social era o mesmissimo : o monarcha era o mais sabio, os estadistas os mais engenhosos, os soldados os mais valentes, os litteratos os mais talentosos, as moças as mais bellas, o futuro o mais risonho... Era uma toadilha costumeira e superficial, tanto que se desmoronou facilmente.

Não é que os primeiros a opporem-se a similhante beatitude banal e estupidificante não soffressem enorme guerra e tremendissimos apodos.

Fui d'esse numero e ainda hoje sou uma especie de reprobo para os patriotas pedantes e desvairados.

Agora a nota geral que domina o espirito publico é a de um pessimismo intolerante, malevolo e estupidissimo nos seus desregrados exaggeros.

Agora tudo entre nós é detestavel : a terra é esteril, o céu inclemente, o clima mortifero, os rios leitos seccos, as producções grosseiras, o povo barbaro, a sociedade viciada, os politicos velhacos, os estadistas uns idiotas, a mociade desencaminhada, os litteratos ineptos, as moças umas feiarronas... Tndo ruim, tudo pessimo.

Esta subita transformação, esta facilidade de adorar os contrarios indica um povo ainda não disciplinado, ainda não constituido, sem consciencia positiva de seus destinos, ainda não de posse de um grande ideal.

Ainda não presentimos que o sombrio problema de nosso futuro não é cousa que se resolva com o simples falar bem ou mal a nosso respeito.

Precisamos de amor, de coragem, de abnegação, de dignidade, de espirito de justiça, de actividade bem dirigida, de enthusiasmo consciente pelas nobres causas e elevadas idéas, de idolatria pelo trabalho, de autonomia de pensamento e caracter....

E' do que precisamos nós e não de nos amuar ahi para um canto, como velhos desilludidos e decrepitos, a dizer mal do mundo interiro, a resmungar esconjuros sobre a vida em peso.

Nada de levianas fofices e alteironas vaidades; nada tambem de desalentos feminis, de caducos desanimos.

Soerga-se o espirito nacional; levante-se pelo trabalho e pela consciencia do dever cumprido. Esta terra vale bem que nós a amenos; nosso povo póde bem ter o seu quinhão na historia.

Tenhamos o justo enthusiasmo que possuiram os velhos Andradas.

Evaristo Ferreira da Veiga (1799 — 1837) apparece hoje como o homem representativo do patriotismo e da honestidade politica. E' um typo lendario e mal estudado. N'elle a acção do caracter tem sido tomada por energia das ideas e o individuo elevado á categoria de grandissimo pensador politico, notabilissimo jornalista e irresistivel orador.

Tudo isto é mais ou menos inexacto e só deve ser acceito a beneficio de inventario. Não é preciso, segundo o costume popular, trepar Evaristo da Veiga em cima de pernas postiças para elle parecer alto; ainda mostrando-o em sua altura normal, é sempre bem visivel e distinctamente consideravel.

E' necessario consideral-o em seu tempo, no meio de seus companheiros de luctas, para bem vêr o que elle representava de singular, o que symbolisava com seus feitos. Estudado por um modo uni-lateral e exclusivista, do ponto de vista absolutista, ou do ponto de vista radical, elle sae condemnado.

E' mistér mais largueza de intuição para bem apreciel-o.

No meio dos homens notaveis do primeiro reinado e da regencia, entre os que figuraram distinctamente e notavelmente influiram, elle teve certas notas que foram só d'elle: era o mais novo, o que não tinha tradições, o que não possuia titulos academicos, o que appareceu mais inesperada e mais rapidamente, o que morreu mais moço, mais a tempo e mais a geito; foi o que nunca sahiu do Brasil. Estas circumstancias têm mais valor do que á primeira vista póde parecer. Para bem comprehendel-o basta comparar Evaristo aos seus amigos ou adversarios.

Os Andradas, os Silvas Lisboas, os Ferreiras Franças, os Vilellas Barbozas, os Carneiros de Campos e outros na politica do tempo entraram levados por prestigio de familia, entraram quasi *nobres*, entraram quasi *par droit de naissance*, e suas ideas representavam o doutrinarismo academico, lettrado, abstracto da Universidade de Coimbra.

Elle não; elle sahia sem titulos nenhuns do fundo de uma loja de livros; representava o individualismo persistente e honesto, pertinace e calmo. Bem como na ordem litteraria era preciso que individuos sahidos do povo, e inspirados no seu sentir, levantassem o brado contra o academicismo classico, assim na esphera social era mistér que um homem, sahido do povo, em nome da simples justiça e bom senso do mesmo povo, se fizesse adorado deste, désse batalha aos poderosos do dia e desmantelasse as malhas do velho classismo politico.

Este é o significado theorico da acção social e politica de Evaristo e tanto basta para dar-lhe importancia immensa.

Ha uma outra consideração a juntar, que vem completar esta nota: a arma de que se serviu e o rumo que deu á sua doutrinação foram os mais poderosos e acertados para o tempo; a arma foi um jornal e o rumo o liberalismo da Carta.

D'est'arte, elle é um dos mais elevados dos velhos representantes do jornalismo no Brasil, é mesmo o mais distincto como força, actividade e coherencia, depois de Hippolyto; e é um dos mestres de nosso constitucionalismo liberal. Hip-

polyto foi o propagandista da Independencia, Evaristo foi o doutrinador da revolução de 31, e das reformas constitucionaes de 34; foi o publicista da Regencia.

Sua biographia não deve ser perdida de vista para ser elle bem comprehendido. Nascendo no fim do ultimo anno do seculo XVIII, quando os Andradas já eram homens feitos, passou rapidamente pela vida e morreu ainda antes d'elles.

Quando os homens da revolução emancipadora do Brasil contribuiam para a obra commum por seus feitos, elle, rapaz de vinte annos, contribuia com versos, offerecia canções.

O *hymno da independencia* é uma d'ellas.

De repente, nos ultimos dias de 1827, o obscuro livreiro atira aos quatro ventos o seu jornal, a sua *Aurora Fluminense.*

Era a primeira manifestação séria do jornalismo indigena. (1)

O *Correio Brasilenso* seria a primeira, se não fôra publicado no estrangeiro.

A folha fluminense, em todo caso, seguia a larga intuição de Hippolyto.

O jornalismo era ainda então planta quasi exotica entre nós. Durante os tres seculos coloniaes não se publicara no Brasil um só jornal ou periodico, nem mesmo um livro, um folheto qualquer. Não havia typographias.

As proprias puplicações hollandezas do tempo, dactadas do Recife, eram feitas na Europa. Com a vinda de João 6.° é que se estabeleceu a Imprensa Regia e foram apparecendo outras officinas typographicas na côrte e nas provincias. Dactam d'ahi os primeiros passos do jornalismo no Brasil.

Nos dias da independencia e do primeiro imperador tomou elle certo incremento. Eram, porem, tempos de grandissima agitação, os partidos agrediam-se terrivelmente, e a linguagem jornalistica era a linguagem grosseira de espiritos bulhentos que se insultavam. Nada de doutrina e de apreciação calma de principios.

(1) Assim me exprimindo, não quero mostrar que ignoro a existencia da *Gazeta do Rio de Janeiro*, do *Patriota*, do *Reverbero Constitucional*, etc.

Evaristo seguiu caminho diverso; seu jornal era placido, delicado, mas correcto e firme, romo seu caracter.

Durante os ultimos tres annos e meio do reinado de Pedro 1.° a *Aurora* fez-lhe assidua opposição; o principe descia em popularidade e o jornalista subia. Começou a ser procurado pelos liberaes do tempo e começou a influir pelo modo original da conversação, das palestras. Ha espiritos estimulantes e communicativos que distribuem ideas e enthusiasmo com os outros.

Espiritos assim influem ás vezes mais por seu contacto pessoal do que por seus escriptos.

Conta-se de M. de Stael que ella era imaginosa, eloquente e inspirada sempre mesmo em seus livros; mas onde era irresistivel, embriagadora, despoticamente triumphante, inegualavel de graca, espirito, intelligencia, era em suas incomparaveis conversações. Quem uma vez a ouvia, ficava para sempre *sous le charme.*

Evaristo não tinha por certo igual prestigio, não se elevava tão alto; mas possuia habilidade e talento e sympathia bastantes para fazer espontaneamente de sua casa o ponto de reunião dos primeiros espiritos da epoca: os mais velhos como Diogo Feijó, Vergueiro, Honorio Hermeto, Bernardo de Vasconcellos, Alencar, José Custodio, Paula Souza, Odorico Mendes e Antonio José do Amaral, e os moços, ainda estudantes, como Gonçalves de Magalhães, Salles Torres Homem, José Maria do Amaral, Felix Martins e outros que vieram mais tarde a ser contados entre os mais notaveis brasileiros. (1)

Logo após o 7 de abril, Evaristo, feito o homem da ordem, da paz e da moderação, cohibiu os excessos populares e influiu na formação da regencia provisoria. Era monarchista

(1) Ha ahi muita gente que vive a confundir o velho Antonio José do Amaral, redactor da *Astréa*, com José Maria do Amaral, ultimamente fallecido e filho d'aquelle.

Quando a *Astréa* começou em 1826, José Maria do Amaral tinha 14 annos de idade, e quando o jornal acabou em 1832, tinha 20 annos e era simples estudante. Só mais tarde entrou em relações com Evaristo da Veiga, muito popular entre os moços do tempo. Só nos meiados da Regencia escreveu José Maria do Amaral seus primeiros artigos jornalisticos, que passaram plenamente despercebidos. N'esse tempo elle não era ainda republicano.

convicto e sincero e por isso não ajudou a causa republicana.

Durante a Regencia até 1837 Evaristo foi influencia politica de primeira ordem e influencia benefica.

Nunca foi governo e morreu pobre; não se serviu jámais da imprensa para obter propinas, privilegios, concessões, boas negociatas em umma. Tambem não se serviu do cargo de deputado e da influencia pessoal ante o governo para fazer concurrencia ao thezouro nacional...

Recto e justo, foi a incarnação do espirito liberal e democratico moderado no Brasil, como Armand Carrel foi a mais nitida representação do republicanismo aristocratico e cavalheiresco em França.

Em 1831 entre o moço jornalista e o velho Antonio Carlos agitou-se acalorado debate sobre o caracter do governo exercido pelos Andradas em 1822. D'esta memoravel polemica leiam-se uns trechos de Evaristo, como nota de seu estylo e de suas ideias. A' primeira resposta do notavel paulista, elle retrucou assim:

« Reconhecemos, com o Sr. Antonio Carlos, a nossa mocidade e inexperiencia, e como elle bem disse na Assemblea Constituinte, se estivessemos nos tempos e sob a doutrina de Pithagoras, apenas seriamos admittidos a ouvir o mestre, e a jurarmos nas suas palavras; mas a verdade é que esses tempos passaram e que a juventude de hoje não é justo titulo para silencio obrigado. Se isto foi um melhoramento, se foi antes uma nociva depravação da especie, o Sr. Antonio Carlos que o decida.

Quanto a desconfiarmos da sinceridade humana, pela nossa mesma mocidade, somos antes induzidos a acreditar facilmente e não sabemos como essa arguição se casa com a de inexperiencia que pouco depois nos parece ser dirigida. Mas é essa tal ou qual experiencia que temos, e não a atmosphera contagiada que respiramos, quem nos obriga a comparar o presente com o passado, as palavras sonoras de que alguns são hoje prodigos, com a conducta que tiveram quando estavam no poder, quando faziam despovoar, por exemplo, uma cidade inteira, para vingarem as suas injurias, quando ordenavam que se procedesse a devassa em todo o imperio, contra os que duvidassem da constitucionalidade dos ministros, etc.

Eis donde nasceram no nosso animo juvenil certos preconceitos, e não de prejuizos do partido a que pertençamos. Todo o respeito e consideração que tributamos á erudição e talentos brilhantes do Sr.

Antonio Carlos Ribeiro de Andrada não nos impedirá de sustentarmos o que dissemos quanto ás vacillações que uma nimia severidade póde encontrar em sua conducta politica. Sejam testemunhas os diarios da assembléa constituinte ; a maneira dura e acerba porque em seus discursos eram tratados os deputados de uma opposição timida ; emquanto pessoas de sua familia estavam no timão dos negocios, a apotheose da autoridade divinal do recente monarcha, que ahi se lê a cada pagina ; e a metamorphose rapida com que desde a demissão do ministerio de 1822, mudada a posição politica, mudou tambem a linguagem de quem só curava então de pôr embaraços ao governo e de hostilisal-o por um modo, nem sempre dictado pela razão fria, ou pelo desejo de constituir fortemente a monarchia constitucional.

E' certo que o nosso illustre correspondente nos declara fazer pouco apreço das fórmas que mudam com o tempo, clima, costumes, etc. ; e os tempos e costumes tinham então deixado de ser os mesmos.

Passando ao credo politico do Sr. Antonio Carlos e dos desejos que manifesta, de que se não altere a Constituição actual, confessaremos que seguimos com pouca differença as suas opiniões, e as manifestamos altamente pela nossa folha ; porém, depois d'isso as circumstancias de uma revolução mudáram muito a face politica do Brasil ; o grito da reforma da Constituição tornou-se geral, e nós não vemos hoje a possibilidade de resistir a este voto, talvez menos prudente, mas muito expresso, e soando a um tempo de todos os pontos do Imperio.

O que resta aos amigos da patria é trabalhar para que isso se obtenha pelos meios legaes, marcados na lei fundamental do Estado, e para que as reformas sejam sensatas e em harmonia com as necessidades do povo, posição e verdadeiros interesses do Brasil.

Quanto a nós, não podemos agourar d'essa mudança os beneficios que alguns phantaziam ; receiamos mesmo os seus inconvenientes, mas não achamos animo bastantemente fórte, individuo rodeado de tal prestigio, que nas circumstancias em que está o Brasil, possa fazer que a sua voz seja ouvida acima da da população quasi toda, e conseguir que suas opiniões triumphem sobre aquellas, que tanto se têm generalisado e a que o silencio de uns, as tergiversações de outros deram ascendente irresistivel. O Sr. Antonio Carlos pensará talvez de diverso modo, talvez conheça esses genios superiores ; mas quem poderá ser juiz n'esta materia ? O tempo e os acontecimentos.

O nosso correspondente não pretende tirar a força ao governo,

antes o julga rodeado de muitos estorvos e embaraços ; mas pessoas que suppomos do mesmo credo politico que elle apresenta e que lhe pertencem por laços muito estreitos, têm-se esforçado, por accrescentar a esse governo novas difficuldades para diminuir-lhe a força legal.

Ora privam a regencia do jus de dissolver a camara, ora pretendem reduzir de um golpe a força armada a seis mil homens ; e o lado de que na camara fazem parte, distingue-se por uma violencia contra o poder, que tente a prival-o dessa consideração, que já tantas circumstancias concorrem a afastar do pé d'elle.

Como explicaremos semelhante contradicção ? Como, senão pelas paixões, que muitas vezes exercem a sua maligna influencia nos espiritos mais transcendentes, nas cabeças mais bem formadas ? A colera e o despeito não podem occultar-se nos corações em que se abrigam.

O credo do partido que nos rege, diz o Sr. Antonio Carlos, supponho constar das proposições contrarias. Isto é, os homens que estão no governo, querem a dissolução do nexo que une as provincias do Brasil entre si ; não julgam que só a monarchia constitucional seja capaz de conseguir a união do Brasil, e desejam que se afrouxem as molas do regimen social, reformando-se a Constituição existente.

Tornaremos em resposta ao nosso illustre correspondente : alguns dos homens que foram eleitos para a regencia, ao menos aquelle que tendo sido alvo constante de quasi todos os tiros, soffreu exactamente as accusações contrarias a que ora lhe dirige o Sr. Antonio Carlos. Essas mesmas accusações têm sido feitas, não ao partido, mas á opinião que partilhamos, e a que se faz hoje guerra pelos dous extremos oppostos.

Não será isto prova bastante de que essa opinião tem adoptado o termo médio ? De que ella não pretende que a força do poder degenere em despotismo, e nem que sua debilidade abra caminho á anarchia ?

Terminaremos, agradecendo ao nosso illustre correspondente o haver-se dignado de responder às nossas succintas reflexões da folha de 6 do corrente ; e esperamos que continue a dar ao publico os seus pensamentos, exprimidos com aquella dignidade que é propria do homem decente e illustrado, e que o Sr. Antonio Carlos guardou ; pois não seremos iniquos, retorquindo-lhe com a arguição injusta que nos faz de que faltamos ao decoro que se deve ao publico. » (1)

(1) *Aurora Fluminense*, de 11 de julho de 1831.

Em Evaristo da Veiga não existem doutrinas e ideas novas a aproveitar. D'elle serve ainda hoje o exemplo. A integridade do caracter funccionou utilmente n'este homem como força social e politica e funccionou utilmente para este paiz.

Sei bem que existe uma escola de philosophia da historia que não attribue a menor influencia ao caracter e ás qualidades moraes dos individuos e das nações na marcha dos acontecimentos e do progresso humano. Attribue toda a força e toda iniciativa ao poder das ideas, ao valor intellectual dos homems.

E' simplesmente um erro. A historia dos individuos e das nações todos os dias está ahi a desmentir similhante doutrina no que ella tem de exaggerado. Evaristo, com ter menos talento e intrucção que muitos dos seus companheiros, influiu muito mais na historia nacional do que todos elles.

ANTONIO DE MORAES SILVA (1757-1824) é o celebrado lexicographo brasileiro, ainda hoje o mais distincto da lingua portugueza.

Ha vinte modos de escrever a historia intellectual de um povo.

Pode-se tomar a forma narrativa e simplesmente expositiva ; podem-se tomar certas ideas ou tendencias peculiares a esse povo e assistir á evolução d'essas notas typicas ; póde-se apreciar o desenvolvimento espiritual do povo em suas relações com o movimento extrangeiro ; póde-se tomar por guia o movimento economico, ou o movimento politico em suas relações com a vida mental ; póde-se tomar por base fundamental o conflicto de raças e tendencias diversas ; emfim, póde-se tomar um criterio qualquer e seguir com elle.

Um criterio que seria grandemente instructivo havia de ser o linguistico. Assistir ao desenvoltivimento normal da lingua, suas transformações e alterações naturaes, physiologicas por assim dizer, seria a base do processo. Acompanhar esse movimento no povo e nos escriptores, seria immensamente interessante.

Um dos symptomas seguros que existem da fraca originalidade e pequena constituição intima do povo brasileiro é a pobreza de sua acção sobre a lingua portugueza.

Assim me exprimindo, não quero contestar certo numero de modificações que tem soffrido a lingua nas provincias; nem quero tomar por criterio do seu estado entre nós a certos pedantes de má morte e detestavel condição aqui do Rio de Janeiro, que fazem garbo de *lusitanismo* no falar.

A lingua tem-se modificado entre nós, não tanto como fôra de esperar do conflicto de tres raças diversas n'um meio novo, diante de necessidades novas e da affluencia estrangeira.

Mas a cousa ha-de vir : as tendencias dialectaes e alteradoras da linguagem hão-de desenvolver-se e influir energicamente.

Teremos então o nosso dialecto proprio, falado por um povo numeroso e culto.

Desde os tempos coloniaes a sabença reinól, incapaz de comprehender que a lingua é a primeira manifestação activa de um povo e segue em seu desenvolvimento uma marcha fatal, entrou a tomar seu quinhãozinho de pilheria com os brasileiros por cousa da pronuncia e meneio da linguagem.

Antonio de Moraes foi uma das victimas dos gracejos portucalenses...

Quando residiu no reino, foi chasqueado por sua maneira de falar.

Para se vingar intentou mostrar que sabia mais a lingua do que aquelles que debicavam d'elle, estudando os classicos e escrevendo o diccionario.

Este sahiu publicado em Lisboa em 1789.

Moraes tinha a intuição do caracter mobil e progressivo das linguas vivas e esta idea vem consignada em seu prefacio : « Estes não caírão na pedantaria de se sojugarem a uma idade classica, o que seria absurdo em uma lingua viva, e mais agora que nos imos enriquecendo de ideyas filosoficas, e de noções relativas ao Commercio, Artes, Manufacturas ,á Sciencia Politica, e Economica, e a um sem numero de ramos de saber, e erudição, cada um dos quaes

faz um vulto em Diccionarios peculiares de qualquer d'elles. »

Apreciado do ponto de vista do progresso moderno em linguistica, hoje que estão classificadas as principaes raças e linguas do mundo ,hoje que o grupo indo-europêo é conhecido nos seus mais intrincados problemas, e a ramificação romanica em seus ultimos detalhes, o *Diccionario da Lingua Portugueza* é uma livro atrazado.

Attendendo-se á sciencia do seculo XVIII em Portugal, é ainda hoje o melhor que possuimos no genero; porque ainda não foi ultrapassado em claresa e senso nas definições, exemplos dos classicos e copia do termos do Brasil.

Antonio de Moraes recebeu perseguições da Inquisição em Portugal, emigrou para a Inglaterra, onde estudou a lingua e a rica litteratura do paiz.

Isto foi-lhe de incalculavel vantagem para a confecção de seu diccionario.

Alem de alguns pequenos trabalhos, tradusiu do inglez uma historia de Portugal.

Os ultimos annos de sua vida passou-os em Pernambuco, onde não quiz tomar parte na revolução de 1817, apezar de honrado pelo governo republicano e nomeado para certos cargos.

Um lexicographo, como força intellectual, é uma força conservadora. Desciplinador e photographista da lingua n'um dado momento, como que a immobilisa um instante. Mas esse trabalho é conveniente, é indispensavel. Os elementos dynamicos da lingaguem continuam sempre a sua acção e o progresso é assim sempre uma realidade. Não se regateiem a Moraes Silva os louvres de que elle devia ser exigente.

MARIANNO JOSÈ PEREIRA DA FONSECA, marquez de Maricá, (1773-1848) é talvez o primeiro moralista da lingua portugueza, cuja litteratura é pauperrima no genero.

Povo sem grandes finezas de analyse psychologica, apto apenas para contemplações exteriores, falta-nos a nota subjectiva, e falta-nos esse dom divinatorio, delicado e percu-

ciente, para penetrarmos nos recessos e profundezas d'alma humana e trazer de lá thezouros desconhecidos. Por isso as maximas dos nossos moralistas são muitas vezes a aphoristica da banalidade e dos logares communs.

O Marquez de Maricá em parte escapou a essa lei geral. Em sua collecção podem-se catar alguns conceitos profundos, exactos e verdadeiramente observados.

Marianno da Fonseca era fluminense e fez parte da mocidade enthusiastica perseguida em 1794 pelo Conde de Resende, vice-rei do Brasil. Com a independencia do paiz tomou parte na politica e chegou a ministro de Estado e senador no tempo do primeiro imperador. Depois do 7 de abril recolheu-se de todo á vida privada. Em 1837 publicou a sua primeira collecção de maximas; em 39 a segunda; em 41 outra; em 44 e 46 ainda outras. Em 1848, já proximo á morte, confiou as ultimas á redacção do *Iris*, precedendo-as d'estas palavras :

« Depois de impressos varios volumes das minhas *Maximas*, continúo a escrever, sem esperança de poder publicar o pouco que da minha penna sahir. Sinto-me ir morrendo; e não só na dissolução physica, tambem na espantosa esterilidade do meu espirito, reconheço, sem horror, a approximação do meu ultimo dia.

Escrevo pois para distrahir-me sómente. Já me é vedado o ler: e vivendo a sós com as minhas meditações, idéas me occorrem que não me parecem indignas de ser escriptas.

Em 13 annos, e 6 volumes, tenho publicade mais de 4,000 artigos, com o titulo de *Maximas*, *Pensamentos* e *Reflexões*. Affigurou-se-me ser esta uma missão que de Deus recebêra, e comecei a desempenhal-a, no periodo da mais plena madureza da minha intelligencia. Foi o objecto das minhas vigilias, desde a idade de 60 até os 73 annos completos. Comigo levo á cova muitas idéas, para que não suppuz madura a geração actual, porque tambem para as idéas a questão de opportunidade é vital; perdem-se por temporãs, como por serodias : o ponto é conhecer a terra onde a semente é lançada. Todavia os homens superiores que me lêrem me comprehenderão sem duvida; e quando a roda dos tempos houver vol-

vido mais um ou dous seculos, tornar-se-hão axiomas os principios que hoje a minha propria censura proscreve da publicidade.

Procurei ser util á humanidade ; e nem a fórma de que revesti os meus pensamentos é das menos proprias para alcançar tal fim. Concebi eu a minha missão ? Dentro da minha campa o ouvirei do echo da posteridade. »

Não nos illudamos com o valor de maximas e annexins e formemos uma ideia exacta d'esse genero de escriptos.

A sciencia social e a sciencia moral, comquanto devam obedecer a leis geraes naturalisticas, estas leis não estão ainda definitivamente todas descobertas e formuladas. Existem ahi, é certo, quarenta ou cincoenta systemas de sociologia e moral pretenciosos e quasi todos insignificantes em sua pretenciosidade ; mas isto não é a verdade definitiva.

As maximas dos moralistas, mesmo as dos mais illustres, um Montaigne, um Labruyère, um Larochefoucauld, um Pascal, não passam de pequenas syntheses provisorias, problematicas, hypotheticas.

Inda mais é isto exacto, quando o moralista philosopho não é um homem de vasta cultura e um espirito profundamente original. E' o caso do nosso Maricá. Este nunca tocou a trivialidade completa e em compensação jámais attingiu os altos cimos do pensamento. E' um velho companheiro amoravel, religioso, sensato, perspicaz, atilado ; mas sem esses deslumbramentos, esses lampejos inesperados dos homens de genio.

Sua maneira e seu espirito eram assim :

« Uns homens sobem por leves como os vapores e gazes, outros como os projectis pela força do engendo e dos talentos.

Ha muitos homens que se queixam da ingratidão humana para se inculcarem bemfeitores infelizes, ou se dispensarem de ser bemfazentes e caridosos.

Ninguem considera a sua ventura superior ao seu merito, mas todos se queixam das injustiças dos homens e da fortuna.

Mudamos de paixões, mas não vivemos sem ellas.

Quando o povo não acredita na probidade, a immoralidade é geral.

A maledicencia é uma occupação e lenitivo para os descontentes.

Como o espaço comprehende todos os corpos, a ambição abrange todas as paixões.

Um seculo censura o outro seculo, como em nossa vida uma idade condemna a outra idade.

A victoria de uma facção politica é ordinariamente o principio da sua decadencia pelos abusos que a acompanham.

Os tufões levantam aos ares os corpos leves e insignificantes, e prostram em terra os graves e volumosos : as revoluções politicas produzem algumas vezes os mesmos effeitos.

O homem que cala e ouve não dissipa o que sabe, e aprende o que ignora.

Na fermentação dos povos como na dos liquidos, as escumas e impurezas sobrenadam e ficam de cima, por mais ou menos tempo, até que descem ou se evaporam.

O pai de familia é sensivel em muitas pessoas : soffre e goza simultaneamente em muitas existencias e individualidades.

Os que mais blasonam de honra e probidade são como os poltrões que se inculcam de valentes.

A philosophia, quando não extingue, dilúe o patriotismo.

Para bem falar, não é o saber que falta a muitas pessoas, mas a protervia e a filaucia da ignorancia.

Devemos tratar os homens com a mesma cautela, resguardo e desconfiança, de que usamos em colher as rosas.

A nossa vida é quasi toda um sonho, e sonhamos acordados mais vezes do que dormindo.

Ter privança com os que governam é contrahir responsabilidade no mal que fazem, sem partilhar o louvor do bem que operam.

A lisonja é o mel que adoça todos os incommodos azedumes e importunidades dos empregos eminentes.

Os anarchistas são como os jogadores infelizes ou inhabeis, que, baralhando muito as cartas, ou mudando de baralhos, esperam melhorar de fortuna e condição.

Não haveria historia mais insipida e insignificante que a dos homens, se todos tivessem juizo.

O estudo confere sciencia, mas a meditação originalidade.

Ha pessoas que não podem elevar-se a lugares eminentes sem entontecer ou desatinar.

Ha muitos homens que para escaparem de si mesmos importunam aos outros com visitas.

A civilisação moderna é devida mais á derrubada de erros antigos accumulados, que á descoberta de verdades novas.

Os arrufos entre amantes podem ser renovações de amor, mas entre os amigos são deteriorações da amizade.

Ninguem é mais adulado que os tyrannos : o medo faz mais lisongeiros que o amor.

As idéas novas são para muita gente como as fructas verdes que travam na boca.

Ha opiniões perseguidas que se podem comparar com as arvores decotadas que vegetam depois com mais vigor e profusão.

Os espiritos methodicos são ordinariamente os menos sublimes e transcendentes.

Os eventos extraordinarios não deixam de ser naturaes, assim como um feto monstruoso não deixa de ser producto da natureza.

A bravura é taciturna, mas a cobardia garrulenta.

Renhimos quasi sempre porque não definimos.

A falsa sciencia não augmenta o nosso saber, aggrava a nossa ignorancia.

O erro maximo dos philosophos foi pretender sempre que os povos philosophassem.

Os tolos passam muitas vezes por accesso a velhacos, e procuram neste predicamento indemnisar-se com usura das perdas que soffreram no primeiro estado.

O homem que despreza a opinião publica é muito tolo ou muito sabio.

Os erros circulam entre os homens como as moedas de cobre, as verdades como os dobrões de ouro.

E' bem singular o imperio que têm os velhacos sobre os tolos : o seu ascendente irresistivel é comparavel á fasciuação das serpentes para com os animaes que lhes servem de alimento.

Ninguem mente tanto nem mais do que a historia.

A liberdade que nunca é sufficiente para os máos é sempre sobeja para os bons.

Os homens em sociedade são como as pedras em uma abobada, resistem e se ajudam simultaneamente.

A mysantropia é a satyra da especie humana.

O enthusiasmo é um genero de loucura que conduz algumas vezes ao heroismo, e muitas outras a grandes crimes e malfeitorias.

Os homens, por não desagradar aos máos de que se temem, abandonam muitas vezes os bons a quem respeitam. » (1)

Não ha ahi a nota melancholica do scepticismo de Pascal, a bonhomia zombeteira de Montaigne e ainda menos a profundeza dilacerante do pessimismo de Schopenhauer. Maricá era calmo e tranquillo; bom velho conceituoso, que agrada, sem deixar profunda impressão.

MIGUEL DO SACRAMENTO LOPES GAMA (1791-1852). Natural de Pernambuco, foi frade benedictino e mais tarde secularisou-se. Desde 1820 tomou parte assidua no pulpito, no magisterio e na politica pernambucana. Occupou varios cargos e empregos e chegou a deputado á assembléa geral.

Limito-me a estes apontamentos; porque tenho pressa de designar a nota litteraria em Lopes Gama. O padre pernambucano deixou sermões, traducções diversas de obras religiosas e politicas, livros didacticos e escriptos satyricos.

Estes ultimos são os que possuem certo merito.

São : *A Columneida*, *Codigo criminal pratico da semi-republica de Passamão na Oceania*, *A Pharpeleida*, *O philosopho provinciano na côrte a seu compadre na provincia*, e, finalmente, *O Carapuceiro.*

A *Columneida* é uma satyra em versos, em fórma de poema, ao partido absolutista de Pernambuco intitulado a *Columna.* O *Codigo Criminal pratico* é uma satyra em prosa a certos politicos do tempo. A *Pharpeleida* tem a forma de poema comico-satyrico. O *philosopho provinciano* são artigos folhetinisticos publicados na *Mormota* do Rio de Janeiro sobre os costumes desta capital em 1852.

O *Carapuceiro* foi um pequeno semanario satyrico, é a publicação typica do padre Miguel. O illustre escriptor tomou o nome de sua folha e ficou denominado o *Carapuceiro.*

O padre Lopes Gama não é um satyrico em regra ao gosto

(1) *Collecção Completa das Maximas, Pensamentos e Reflexões* do Marquez de Maricá, edição de E e H. Laemmert, Rio de Janeiro, 1850.

de Juvenal; tambem não é um comico ao gosto de Cervantes ou de Beaumarchais; tão pouco é um humorista ao geito de Swift, Sterne, ou Carlyle.

E' apenas um homem de espirito, o que no Brasil se chama um homem engraçado.

Um *homem engraçado* para o nosso povo é aquelle que possue certo chiste no falar, sabe casos, anecdotas e apropositos para tudo, e, quando não os sabe, inventa-os; emfim é o homem que engatilha e despara sua pilheria nas occasiões opportunas.

O padre pernambucano estava n'este caso, e tinha n'isso merito. Sua acção não deixou de ser proveitosa, censurando abusos e desvios dos costumes do tempo.

Leia-se um trecho do *Carapuceiro*, e seja aquelle em que fala da *Sociedade Philo-pansa*. E' este :

« Eu já disse, (e é uma verdade que se está mettendo pelos olhos) que estamos na epocha das sociedades; e é tal o furor por estas reuniões, que me asseverâram já as haver installadas até em lojas, e botequins. E' de avertir, que uma grande parte dessas sociedades tem ordinariamente o prenome de *Philo*, nome grego que quer dizer *amigo*; e por isso uma dedicada a musica, denomina-se *Philo-Harmonica;* outra que tracta de negocios da Patria, *Philo-Patria*, etc.

Acaba de installar-se a sociedade *Philo-Pansa*, que vem a ser a sociedade dos amigos da pansa, por outra, dos apaixonados de encher bem o bandulho.

Foi numeroso o concurso para o acto solemne da installação, no fim da qual houve lautissima e variada comezaina.

Bellos lombos de porco de forno ainda rechinando, e com profusão o Feitoria, o Madeira, o Bordeaux e o espumoso saltão Champagne.

Foi eleito presidente por acclamação um heroe, que tem dado provas sobejas da insaciabilidade do seu appetite, sujeito que come por sobre-meza, depois de bem jantado, 640 tapiocas de côco!

O Vice-Presidente é um famoso regalão, de pansa volumosa, que parece que só existe para comer. Os dous secretarios são, pouco mais ou menos, do mesmo jaez bons patuscos, o perdidos por encher a tripa.

. . . .

Os socios tambem usam de *insignias symbolicas*, como dizem que uzam os *Maçons*, com a differença que as destes são do officio de pedreiro, e as d'aquelles tiradas todas dos utensilios da cosinha, e da meza ; por isso o Presidente traz pendente do pescoço um fornozinho de metal; os secretarios usam de grelhas; uns apresentam caçarolas, outros frigideiras, espetos, panellas, copos e garrafas, o que tudo offerece mui agradavel perspectiva.

Os *Philo-Pansas* são absolutamente extranhos a objectos de Politica.........

O que immediatemente lhes interessa é o preço da carne, do peixe, da farinha, do pão, da manteiga, etc., etc. e preferem muito uma ceia de boas postas de cavala frita com farofa, e o competente *roxo* empurradôr á Oração de Cicero *pro Ligario* ou *pro Lege Manilia*, ao discurso de Demosthenes *pro Coronide*....., etc.

Na sala da Sociedade estam os retratos dos maiores regalões de que faz menção a Historia. Sobre a cabeça do Presidente está pendurado o retrato de Epicuro ; de uma parte o de Apricio, d'outra o de Lucullo e tambem de Horacio, que era insigne gastronomo e apaixonado da vinhaça. Alli, por um artigo expresso dos Est. declara-se guerra de morte a Broussais, e ao seu systema, de maneira que, se adoece algum socio e consta, que poz bichas, ainda que fosse nos calcanhares, que esteve no uso de raiz de althea, e xarope gommoso e só se alimentava com agua de assucar, ou de arroz, e caldinhos de pintainho, é immediatamente riscado da Sociedade com infamia ; porque ainda na mais valente indigestão tem decidido a mesma Sociedade que o verdadeiro *Philo-pansa* nunca se deve divorciar do pirãozinho, e mais da carne ; finalmente, a regra geral é trazer mais ou menos irritada a membrana mucosa. Em desconto de tantos regalos os Philo-pansas têm assentado de não chegarem á idade avançada, acabando quasi todos de apoplexia.

Os socios não se tratam por seus nomes de baptismo; porem sim, pelos nomes dos petiscos de que mais gostam ; e assim um se chama irmão *Podim*, outro irmão *Pastel;* este *Frigideira*, aquelle *Feijoada*, etc. (1)

Ha muitas maneiras de ter espirito, muitos modos de ter

(1) *O Carapuceiro*, n. 42 de 9 de setembro de 1837.

graça, e Lopes Gama tinha o seu particular. Era um padre crente e religioso, sem ser acanhado e retrogrado.

Em politica era doutrinario, obedecia ao liberalismo de Constant e Guizot nos bons tempos. Não era profundo; porém não era banal. Sua pilheria não trazia o riso franco e formidavel de Rabelais; nem o travor melancholico de Thomaz Hood, por exemplo; mas era folgazan e bem humorada.

O padre Miguel era bem equilibrado; homem alto, bem disposto, de boa saude. Ainda quando fosse dotado de originaes qualidades humoristicas, a pequena sociedade brasileira, maximé na provincia e no principio do XIX seculo, não lhe poderia offerecer fortes estimulos para desenvolvel-as. Suas facecias ,suas gaiatices estiveram n'altura de seu meio, e já não é pouco. (1)

CAPITULO IX

Ultimos poetas classicos

As palavras *classico* e *classismo* são fórmulas vazias do pedantismo critico.

Vagas, incertas, indeterminadas, servem de rotulo ás mais exoticas mercadorias; designam, ás vezes, cousas contrarias e repugnantes entre si. Chamam-se classicos os autores antigos, e é esta uma das fórmas da adoração exagerada e perniciosa dos modernos pela civilisação greco-romana. Appelidam-se classicos os poetas e escriptores filiados no periodo da *Renascença;* porque, diz-se, elles voltaram aos intuitos e aos sentimentos antigos. Dá-se esse titulo mais especialmente a certa ordem de sujeitos que no seculo XVI estamparam em

(1) Vide, *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*, por F. A. Pereira da Costa, 1882.

nossa lingua os pesados torneios latinizantes. Os francezes consideram assim os ecriptores do *aureo seculo do grande rei.* Os allemães têm n'essa conta os que entre elles reagiram contra a influencia franceza. Lessing e Gœthe, dous romanticos em Pariz, são dous classicos além do Rheno. No Brasil a designação generica de *classicos*, dada aos poetas que floresceram entre 1600 e 1830, involve e incapa mais de um erro de apreciação.

O cohecimento meudo dos factos litterarios fórça necessariamante a distincções. No seculo XVII e grande parte do XVIII a influencia preponderante no Brasil nas lettras foi a hespanhola. A decadente· nação iberica era então a primeira do mundo. Nas armas, na vida maritima e commercial, na politica, nas letras — a Hespanha atravessava o cyclo mais nobre de sua evolução. A Renascença ali, no sentido de uma imitação, de uma cópia de antiguidade, é um immenso erro, uma mentira critica.

A litteratura hespanhola, especialmente no lyrismo e no theatro, tinha as côres espontaneas de uma producção indigena e local. Cervantes, Lope de Vega e Calderon, o proprio Gongora, são rebentos naturaes do sólo hespanhol. O classismo no sentido francez, á maneira de Boileau e Racine, só appareceu ali, quando levou por companheira a decadencia.

Os nossos mais antigos poetas beberam n'aquella fonte; Gregorio de Mattos foi o maior d'elles. Mais tarde a maneira classica, o que havia de facticio e inerte na imitação dos antigos, a bancarrota de *Renascença*, chegou desvirtuadamente até nós, por intermedio de portuguezes e francezes. E' na phase que vai de 1750 a 1830. Ainda ahi é preciso distinguir dous momentos principaes : — o mineiro e o post-mineiro. A um referem-se algumas das notas mais brilhantes e intensas da poesia brasileira : — o *Uruguay*, as *Cartas Chilenas*, as *Lyras* de Gonzaga, os *Madrigaes* de Alvarenga, os *Sonetos* de Claudio. Ao segundo periodo pertence um grupo, um amontoado de versejadores medianos, onde apenas se podem distinguir com valor um Natividade Saldanha, um Eloy Ottoni, um Pedra-Branca, e um ou outro mais de certo merecimento.

A *Inconfidencia* é como barreira entre os dous grupos.

Seja qual fôr a sua razão historica, o facto é incontestavel.

O periodo que estudo agora na historia da litteratura brasileira é do mais alto interesse pelos problemas politicos e sociaes que se lhe prendem ; mas é incontestavel que a ultima phase do classismo entre nós, sob o ponto de vista meramente litterario, é de uma fraqueza pasmosa. Deve-se prender este facto a causas mais geraes.

Qualquer que seja o juizo que se formar possa sobre o seculo XVIII, e este juizo é para mim muito elevado, porque descubro n'essa época as forças latentes que vieram a produzir as mais bellas conquistas de nosso tempo, não é menos verdade que, sob mais de um aspecto, o seculo XVIII foi um seculo pobre e negativo. A antiguidade, que já tinha feito a sua primeira bancarrota nos seculos IV e V, fez a segunda nos seculos XVII e XVIII. Isto demanda uma explicação e eu a dou. Ha duas correntes de opiniões sobre os meritos e vantagens da antiguidade e da idade-média.

São ambas superficiaes, ambas lacunosas ; resentem-se ambas de preoccupações interessadas, e têm os defeitos inherentes ás apreciações panegyristas.

Para uns, os mais energicos impulsos da intelligencia e do coração humano tiveram entrada e exercicio na cultura antiga. A Grecia havia creado as sciencias e as artes, Roma architectára o direito!... Que mais faltava? Nada. O christianismo suffocou tudo isto, e, com os seus alliados, os barbaros, fez descer sobre o espirito humano a *noite immensa* da idade-média. Desgraçado producto da intelligencia semitica, posto ao serviço dos barbaros aryanos, a religião dos papas constitue uma granda lacuna, uma brecha enorme na marcha ascendente da humanidade.

Tudo muito bem dito ; vá que seja ; apenas é conveniente não occultar os germens latentes de decrepitude que espontaneamente deram por terra com a patria grega antes que o christianismo lá penetrasse, e tambem a desorganisação intima, subjectiva do espirito romano, que esphacelava o colosso latino, antes mesmo que os barbaros tivessem trans-

posto as fronteiras. Para os adoradores do ideal antigo a idade-média é simplesmente um horror, uma época pavorosa; a *Renascença* — um prodigio, a segunda maturidade do espirito humano. E' igualmente legitimo este enthusiasmo, com a condição somente de não esquecerem a esterilidade, a aridez, a miseria em que desandou afinal o espirito classico, especialmente entre os povos novo-latinos.

Os outros, os panegyristas da idéa contraria, amaldiçoam o paganismo greco-romano, declamam ingenuamente sobre as maravilhas catholicas ; a idade-média é o tempo aureo da humanidade, a reação romantica o maior feito de nosso tempo... Um tecido de illusões, nada mais. A verdade é outra.

Cada època deve valer pelos principios activos, pelos germens progressivos de que é portadora. Descobrir esses germens, estabelecer esses principios, é a missão imparcial e doutrinaria da historia. O resto não passa de monomanias mais ou menos innocentes e inefficazes.

E' licito, portanto, dizer que Antiguidade, Idade-média, Renascença, Reforma, Revolução, Romantismo, não passam de phases do desenvolvimento humano, todas ellas cheias de vantagens e erros, de boas idéas e grandes disparates. Pelo que nos diz respeito mais de perto, a época dos classicos teve sociologicamente a funcção de preparar-nos a independencia, trouxe-nos até certo ponto nas letras a consciencia de nós mesmos, e este é o seu lado util e progressivo. Foi em grandissima parte um tempo de imitação servil, de cópia de modelos estranhos, de estirilidade, e é esta a sua face malefica e ingrata. Já se provaram em capitulos anteriores alguns dos fructos mais sasonados do tempo. Remecha-se agora o rebutalho.

Qual uma vegetação damninha, a imitação franceza, o classismo a Boileau, que principiou a murchar na Allemanha desde 1750, foi justamente nesse tempo que alastrou pelo Brasil, prolongando-se até 1830, quizera eu dizer, mas é forçoso leval-o até 1850, ou mesmo até após. Em plena renovação romantica ainda os troncos annosos do velho classismo se deixaram vêr, e ainda hoje tropeçámos nelles a cada passo.

O primeiro cuidado do historiador é dividir o grande pessoal que o cerca neste momento. Descubro tres grupos de typos que devem ser separados : poetas *classicos* pelas idéas e pelo periodo em que viveram ; poetas retardatarios, *classicos* pela intuição e não pelo tempo em que floresceram; finalmente, poetas *de transição* entre as duas phases litterarias.

Nos tres grupos ha individuos de algum merito e outros sem merecimento algum.

Entre os que formam as duas primeiras classes indicarei : *Antonio José Gomes da Costa*, *Manoel Ferreira de Araujo Guimarães*, *Luiz Rodrigues Ferreira*, *Gaspar José de Mattos Pimentel*, *Antonio José de Paiva Guedes de Andrade*, *Vicente da Costa Jacques*, *Frei Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna*, *Bernardo Avelino Ferreira de Souza*, *Paulo José de Mello Azevedo e Brito*, *Manoel Caetano de Almeida e Albuquerque*, *D. Angela do Amaral Rangel*, *D. Beatriz F. de Assis Brandão*, *Ladisláo dos Santos Titara*, *Manoel Alves Branco*, *Antonio Joaquim de Mello*, *João Gualberto Ferreira dos Santos Reis*, *Francisco Vilella Barbosa* e *Domingos Borges de Barros*.

Eis ahi uma grande lista de nomes obscuros. O leitor não se atormente ; só dos dous ultimos darei uma analyse especial ; os outros não a merecem. (1)

FRANCISCO VILELLA BARBOSA (1769 — 1846) era filho do Rio de Janeiro. Estudou mathematicas em Coimbra, formando-se em 1796 ; foi professor na Academia Real de Marinha e

(1) Esta lista poderia ser augmentada com os nomes de Santa Ursula Rodovalho, Francisco da Candelaria, Joaquim das Santas Virgens Salazar, Bernardo de S. Gonçalo, Ignacio das Mercês Malta, Ignacio de Santa Rosalia, Raymumdo Penafort da Annunciação, Antonio das Neves, Dionysio de Santa Pulcheria, Francisco de Santa Eulalia, se estes frades franciscanos, companheiros de S. Carlos, tivessem merito litterario. Juntem-se a elles os nomes dos obscuros poetas ja lembrados em capitulos anteriores e ter-se-á idéa da enorme cohorte de versejadores que o seculo XVIII legou ao seculo XIX.

Tal o caso de Antonio Mendes Bordallo, João Pereira da Silva, Joaquim José da Silva. José Gomes da Gosta Gadelha, Francisco de Mello Franco, Domingos Vidal Barbosa, Bartholomeu Antonio Cordovil, Manoel Joaquim Ribeiro, Joaquim José Lisboa, padre Manoel de Souza Magalhães, José Ignacio da Silva Costa, Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, J. J. de Seixas Brandão, Luíz Paulino Pinta da França e padre Silverio da Paraopeba.

deputado ás cortes de Lisboa. Sua carreira scientifica e litteraria passou-se em Portugal. No Brasil foi meramente politico. Escreveu pouco. Os ***Elementos de geometria***, o ***Discurso historico***, recitado na sessão da Academia das sciencias de 24 de Junho 1821, os ***Poemas***, a celebre ***Cantata á primavera***, são as suas obras principaes.

Vilella Barbosa foi um professor mediano, um poeta secundario e um politico sem talentos salientes.

Um mediocre bem equilibrado é o que parece ter sido a quem o estuda. Alguns historiadores mal informados suppozeram-n'o um prototypo de patriotismo, um dos mais illustres factores de nossa emancipação politica. « Logo que Vilella Barbosa, diz F. Wolf, teve conhecimento da declaração da independencia do Brasil, renunciou ao seu lugar de deputado e demittiu-se do posto de major de engenheiros, dando maior apreço ao dever que o attrahia á patria do que aos empregos vantajosos que exercia. »

A verdade é que o futuro marquez de Paranaguá, durante os annos 1821 e 22, os mais agitados no Brasil, deixou-se ficar tranquillamente em Portugal, e só partiu para o Rio de Janeiro em missão secreta do governo portuguez contra a independencia nacional. As *Memorias* do conselheiro Drummond tiram a limpo este ponto. « Vilella Barbosa, lê-se nas alludidas Memorias, não se distinguiu nas cortes senão pela opposição que fez aos projectos da separação do Brasil e pela defesa da justiça com que Portugal o pertendia tyrannisar. Chegou ao excesso de dizer em um discurso que tinha vergonhade ter nascido no Brasil, e que era tal a sua raiva que estava prompto, posto que velho, a marchar, ainda que fosse a nado com a espada na bocca, para castigar os degenerados brasileiros que queriam a separação. A chegada de um tal individuo ao Rio de Janeiro deu cuidado aos homens que se desvelavam pela causa publica.

Os cuidados subiram de ponto logo que se soube que o imperador o havia recebido affectuosamente e que os zangões absolutistas o rodeavam com admiração. Houve suspeitas de que fôra mandado expressamente, munido de cartas para o imperador e outras pessoas, para tratar da *união*...

Estas suspeitas eram, porém, vagas, e José Bonifacio as recusava como improvaveis, porque não conhecia no individuo nenhuma das qualidades que são necessarias para emprehender um projecto de tanto arrojo, emquanto que Antonio Carlos pendia para as acreditar como muito provaveis, porque dizia elle, que da duplicidade do caracter de Vilella Barbosa tudo se devêra esperar.

Eu quisera que fôra antes devido ás circumstancias em que elle casualmente se achou, do que a um proposito deliberado com más intenções; o que resultou de sua viagem ao Rio de Janeiro. Infelizmente não posso já seguir esta minha vontade, porque em Lisboa Manoel José Maria da Costa e Sá, na confidencia da amisade, certificou-me o contrario e mostrou-me cartas de Vilella Barbosa escriptas no Rio de Janeiro, dando conta das entrevistas que tivera com o imperador, José Egydio (barão de Santo Amaro), Luiz José de Carvalho e Mello e outros, que me tiraram todas as duvidas que eu queria nutrir a respeito ». (1)

A transcripção é dura, mas indispensavel para desfazer as illusões de Fernando Wolf sobre Vilella : «....il n'hésita pas à s'embarquer en juin 1822 pour le Brésil, où il n'avait aucun moyen d'existence assuré. Ce *patriotisme si désintéressé* fut récompensé par l'accueil cordial que Vilella Barbosa reçut à Rio-Janeiro... » (2)

Barbosa distava dos patriotas mineiros pelo caracter e pelo talento. Foi um medalhão do primeiro reinado e um poeta imitador das banalidades rhetoricas do classismo portuguez.

Tem direito a figurar na historia da litteratura brasileira, porque não foi de todo inaccessivel aos encantos do lyrismo. Eis uma prova :

« Bella rosa,
Que vaidosa
Vaes ornar o niveo seio
Que faz todo o meu enleio,

(1) *Gazetta Litteraria*, de 13 de junho de 1884 pag. 289. Estas *Memorias* de Drummond, a principio publicadas em fragmentos na citada *Gazetta Litteraria*, acham-se hoje integralmente nos *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

(2) Histoire de la Littérature Brésilienne, pag. 106.

Se malino
Teu destino
Quer que as bellas companheiras
Mais não vejas nas roseiras,
Outras rosas
Mais mimosas
Tu verás nas lindas faces
Sempre frescas e vivaces.

Vai, oh rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
Nesse altar que um céo resume.

Ah! consente,
Que um ardente
Beijo imprima nesta folha;
Toma-o antes que eu te colha.
Quando a bella
Vires, e ella
Te beijar, seus labios logo
Sintam delle todo o fogo.
Mas já Flora,
Triste chora!
Mais os seus jardins não ornas,
Mais aos seus jardins não tornas.

Vai, oh! rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
Nesse altar que um ceo resume.

Lá no meio
Desse seio
Tens teu throno qual convinha,
Pois das flóres és rainha.
Porém tremo
Todo, e temo
Que um rival tenha a lembrança
De ir roubar-te por vingança.
Um espinho
Teu damninho
Lhe reserva então, e prompta
Fere a mão que assim te affronta.

Vai oh! rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
Nesse altar que um céu resume.

Se ao ferires
Tu sentires
Que seu seio não palpita,
Tem por certa a tua dita:
Se se enfada,
Magoada
Morre logo; pois receio
Morras fora do seu seio;
Desta sorte
Com a morte
Tens ao menos a ventura
De ter nelle a sepultura.

Vai, oh rosa
Venturosa,
Exhalar o teu perfume
Nesse altar que um céo resume. »

Ha ahi uma certa delicadeza, uma certa doçura de tintas que agrada.

Nas poesias de Paranaguá ha notas assim suaves nas peças ligeiras.

A afamada *Cantata á Primavera* é no seu conjuncto prosaica.

Um ou outro verso lyrico e ameno aqui e ali e nada mais.

O marquez de Paranaguá não é para ser desprezado; não foi um patriota arrojado e impetuoso, esteve muito longe de ser um herói, como parecia suppôr o litterato de Vienna que citei. Mas existem attenuantes para modificar a impressão deprimente que possa deixar a leitura das palavras de Menezes de Drummond, tambem citadas.

Tudo leva a crêr que o velho professor era um homem de bôa fé, um homem que obedecia a convicções proprias em seus actos no conflicto levantando entre o Brasil e Portugal em 1822. Seu proceder posterior entre nós foi correcto.

Os factos poderam mais do que elle e forçaram-no a con-

ter-se na senda da contra-revolução. Como poeta não passa talvez de uma curiosidade.

A quem julga os poetas de um ponto de vista nacional, Paranaguá mostra-se quasi negativo. E' certo que este criterio diante do cosmopolitismo hodierno vae perdendo cada vez mais o seu valor. Mas ha um limite em que deve esbarrar a tendencia moderna do nivelamento, e é aquelle que é imposto pela propria natureza das cousas e pela propria indole do homem. Ha não pequena dóse de banalidade n'esse cosmopolitismo, n'esse humanitarismo palavroso e pedantesco que faz as delicias dos lyristas anemicos dos tempos actuaes.

A variedade na unidade, em poesia, com em politica, em sociologia, como nas artes, é a tendencia espontanea dos diversos povos. O nacionalismo tem uma razão para existir; o nivelamento absoluto é a inercia e a morte.

Ainda hoje não são sem motivo as palavras de um velho critico europeu : « nas grandes obras, nos altos productos do espirito, devem se achar os elementos que salvam da morte as sociedades e as litteraturas : — a noção nitida da justiça e da moralidade, — o amor ardente e reflectido do paiz natal. » Não sei se á esta luz os escriptos de Vilella Barbosa sustentam bem a lucta contra o esquecimento.

Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra Branca, (1779 — 1855), foi poeta de mais alto vôo do que o marquez de Paranaguá. Sua biographia nada offerece de original.

Formou-se em jurisprudencia em Coimbra ; entreteve relações amistosas com Felinto Elysio, Bocage, José Agostinho de Macedo e outros poetas portuguezes do fins do seculo XVIII.

Fez uma primeira viagem a Pariz em 1806. Em 1811, de volta á Bahia, sua terra natal, foi preso e remettido para o Rio de Janeiro.

Este incidente tem sido attribuido ás suas idéas liberaes.

Em 1820 foi eleito deputado ás cortes de Lisboa, nas quaes fez regular figura. Quatro annos mais tarde esteve de novo em Pariz, onde publicou uma primeira collecção de poesias.

A attitude politica de Pedra Branca, depois da emancipação do Brasil, não é bem conhecida.

Em 1824 José Bonifacio queixava-se d'elle em cartas dirigidas a Menezes de Drummond, criticava-lhe o caracter e appellidava-o epigrammaticamente de *Pedra parda*! Parece que Borges de Barros era para o velho Andrada um mestiço disfarçado, erguido a nobre pelo primeiro imperador.

O visconde tornou-se um homem do paço; fez muitas viagens á Europa e morreu senador em 1855. Passa por ter sido um grande galanteador, e seus versos o provam até certo ponto. Suas obras principaes são — *Poesias offerecidas ás senhoras brasileiras por um bahiano*, as *Novas poesias offerecidas*, etc., e o poemeto *Os tumulos*.

Ha quatro notas em tudo isto: didacticismo, satyra, elegia e lyrismo subjectivista. As duas primeiras são pouco intensas, surdas, quasi nullas. As duas ultimas são mais limpidas, mais sonoras, mais fortes.

A leitura d'este e d'outros poetas brasileiros de seu tempo causa uma impressão displicente aos espiritos audaciosos. E' penoso ver homens que entraram plenamente pelo XIX seculo a dentro, que assistiram á revolução franceza, á independencia das nações americanas, ás guerras colossaes de Bonaparte, á effervescencia litteraria da Restauração, ao desenvolvimento dos estudos historicos, ao renascimento das tradições populares, á embriaguez do romantismo n'Allemanha, na Inglaterra e em França; homens que nasceram ainda depois de Lessing, de Gœthe, de Schiller, de Byron, de Walter Scott, de Stael, de Chateaubriand; é penoso vêl-os arrumar para ahi umas estrophes rachiticas e inviaveis, gaguejar uns versos recheados de quanta semsaboria se depara no poeirento classicismo europêo.

Tal é o caso de um Pedra Branca, fallecido em 1855, de um Alves Branco, em igual anno, de um Antonio Joaquim de Mello, dezoito annos ainda mais tarde.

Estes individuos testemunham um emperramento mental que deve ter uma razão psychologica. Depois dos trinta annos, disse Taine, o homem póde ampliar e fortalecer suas idéas, mas difficilmente as reformará. Ha talvez n'este asserto uma dóse de exaggero; no Brasil, porém, o dicto do philosopho parece ter toda a applicação.

Apezar da sua mobilidade de americano e meridional, Borges de Barros, que estivera em Pariz dos vinte e tres aos vinte e sete annos, que voltára lá aos quarenta, demorando-se largamente, não perdeu a velha intuição de Coimbra, foi inaccessivel ao espirito innovador que o assaltava por todos os lados !

Um arcade americano, um mestiço grecificado a falar em *nymphas*, em *nereidas*, em *dryadas*, em *Flora*, a molestar a gente com o *bando de Cupidinhos*, com o *Menino e a sua aljava*, tudo isto mecanicamente, sem a comprehensão dos mythos, sem vida, sem personalidade, como uma taboada, ou como uma *lenga-lenga* de velha, tem alguma cousa de chocante.

E' como vêr um negro conservador, aristocrata e monarchista.

A litteratura dos Estados-Unidos não passou por essa anomalia, não teve um periodo classico, um tempo de imitação servil dos antigos.

Quando ali despontou o instincto litterario, a vida real o attrahio logo. Com toda a nossa infatuação de povo intelligente, e apezar do dicto banal de José de Alencar — *de ser o Brasil Athenas e os Estados-Unidos Tyro ou Carthago* — somos muito inferiores aos anglo-americanos em litteratura e no mais.

Voltemos ao poeta hahiano. Os seus versos didacticos e satyricos são fraquissimos.

Conselhos insulsos a amigos e a cançada apologia do campo, em odio á vida das cidades, fornecem-lhe o thema de epistolas massadoras.

A intuição philosophica e social do poeta era acanhada; este defeito é a partilha commum dos mestiços brasileiros.

Habilidade artistica, vibrações lyricas não lhes faltam; rigor e profundeza de pensamento, genio creador, nenhum ainda os revelou por emquanto.

Eis até onde se elevava Pedra Branca :

« Povoação, commercio, artes, sciencias
Mudam, mudando de cultura a terra.
Dos imperios a sorte está no arado,

Não consiste na lança a força d'elles.
Lagrimas banham da victoria o carro,
O triumpho em segredo o heróe prantêa,
Luto succede da victoria aos vivas.
Essa arte deixa que natura enluta,
Abraça a outra que natura adorna :
Gloria, prazeres, paz, ventura encontra
Quem das côrtes fugindo, o arado abraça »

Simplesmente falso e trivial.

O homem repetiu ahi apenas a rhetorica de seu tempo : o endeosamento futil do viver campesino, sem força, sem originalidade. Nos versos do poeta, que, seja dito de passagem, foi o primeiro a faltar á sua regra *de deixar as côrtes pelo arado*, ha como que o prenuncio de nossa *essencialidade agricola*, tão decantada pelos parlementares *esclavagistas*. Esta palavra recorda-me que devo render preito aos sentimentos humanitarios de Pedra Branca :

« Do mesquinho captivo a sorte illudo,
E de cuidados, de attenções em premio,
Do captiveiro disfarçando o tedio,
O homem que comprei, ha de querer-me :
D'elle amado hei de ser, se ha, qual nos nossos,
A gratidão no coração do escravo.
Tenho affeição do pai, se o filho afago,
Tenho a do enfermo que aligero as dôres,
A justiça, o respeito me grangêa,
E já como em familia vivo entr'elles. »

Nas proprias peças didacticas o bahiano é de longe em longe feliz, quando se deixa arrebatar no vôo lyrico. Ex. :

« O tronco annoso, o ancião do bosque,
Para saudar-me, os velhos ramos curva ;
A' sombra sua foi que os mal seguros
Primeiros passos ensaiei na infancia...
Dizei-me, oh brenhas, arvores frondosas,
Dos meus primeiros gostos que fizestes ? »

As melhores producções d'este poeta são alguns trechos lyricos e a elegia — *Os tumulos*.

Bellos versos e bellos pensamentos acham-se esparsos aqui e ali neste poemeto, em que o velho visconde prantêa a morte da esposa e do filho. — Leiam-se alguns trechos :

« Esfriou nos meus labios o sorriso...
Myrtos, ornai amantes venturosos,
Em torno a mim cyprestes mil negrejem.
Um ai alheio o misero consola,
Ninguem um ai me dà, ninguem me escuta!
E compaixão procuro ?... anhelo a morte :
A morte é refrigerio da desgraça,
E para o justo a noite de um bom dia,
A morte espanta só quando pensada...
Memoria, o que és tu ? bem ou tormento ?
Porque lembras a dôr, sem dar-lhe allivio,
E o prazer porque, se mais não torna ?
Rodage intellectual do pensamento,
A despeito de nós, ou marcha ou pára ;
Dá-lhe impulso, invisivel movimento.
Potencia d'alma, é no teu crepusculo
Onde antigas lembraças vão perder-se...
Saudade esperançosa que disfarças
Os prazeres d'ausencia e a morte illudes,
Que fingida doçura dás ás lagrimas,
Que n'um ai, n'um suspiro dás allivio,
Que desenhas aos olhos da memoria
Meigos abraços, sitios deliciosos,
Os sitios onde bem vivemos juntos,
Onde tranquillos, bonançosos dias,
Passavam como o limpido Jacuipe,
Sitios amigos que commigo choram,
Tão alegres então, hoje tão tristes,
Sitios que o nascimento aformoseam,
Arvores que plantamos esperando
Gósar de vossa sombra, vossos fructos,
Tão frondosas estaes, e onde está elle !...
Saudade, triste enlevo da ternura,
Deixa correr meu pranto, não me roubes,
Fagueiras illusões, deixa-as commigo.
Não as tires de mim, são meu sustento ;
Ralam-me o coração, e eu gosto d'ellas,
Dão-me frio prazer, mas não se apagam...

Vem magia da vida, vem saudade,
Com teu segredo de amimar chorando.

. . . .

Do velho pae e do viuvo esposo
O frio adeus perfume de esperança. »

Os *Tumulos* são dignos de leitura; o sentimento n'elles é real, a poesia é verdadeira, o verso doce e espontaneo. Não ha n'esse hymno á morte os impetos, as turbulencias pessimistas do *Requiem* de Dranmor; ha uma poesia resignada, crente e limpida.

A morte espanta só quando pensada, disse o poeta. Isto faz lembrar a idéa de Sainte-Beuve: « la mort elle-même semble moins pénible à supporter que la pensée de la mort. La plupart des gens meurent assez aisément, à condition de ne pas trop s'en apercevoir et de n'y pas songer... » O encontro do poeta com o primeiro critico francez é honroso para o brasileiro.

Um traço mais : o lyrismo predominava em Pedra Branca; já o disse e é a verdade.

Não é ainda um lyrismo desassombrado, petulante, cheio de audacias; é um lyrismo suave e manso ao sabor popular.

Ha nos versos do poeta certa graça, certa doçura que os leitores devem apreciar; a volupia transparece em mais de um ensejo :

« Acusais, lindos cabellos,
Linda mão que vos cortou,
E de vossos companheiros
Para sempre vos privou.

D'aquella com quem me vistes
Ser tão feliz, tão ditoso,
Só vós me restais : de nós
Qual é menos venturoso?

De Marilia a fronte ornastes,
Pousais no meu coração,
Se perdestes na ventura,
Ganhastes na estimação.

Sobre o meu peito assim juntos,
Junto a Marilia andareis,
E emquanto o peito existir,
Sobr'elle repousareis. »

Ainda hoje algumas poesias lyricas de Pedra Branca são lidas com prazer. Deste numero são as dedicadas á *Flor Saudade* e ao *Beija-Flôr*, que muitos sabem de côr.

CAPITULO X

Poetas de transição entre classicos e romanticos

Se a historia da litteratura brasileira fosse um simples amontoado de noticias biographicas e a citação de alguns trechos poeticos, ella estaria feita no *Parnaso* de Cunha Barbosa ou no *Florilegio* de Varnhagen.

Mas se a propria historia politica vai já attendendo mais ao caracter psychologico dos povos do que aos factos meramente exteriores, e, por assim dizer, materiaes, ainda mais a historia litteraria deve ter por missão penetrar no ideal das nações para sorprender-lhes a vida subjectiva.

Se, em quatro seculos de convivencia com a civilisação occidental, o povo brasileiro, na esphera da arte e das creações intellectuaes, não tivesse feito mais do que plagiar, copiar sem criterio os modelos europeus; se um caracter novo, se uma nova feição nacional não viesse siquer despontando, o povo brasileiro seria um producto artificial, cêdo condemnado á morte, e não valeria a pena escrever-lhe a historia.

A quem percorre, é certo, uma d'essas anthologias de nos-

sos poetas, um d'esses parnasos ahi publicados, se depara o ainda incerto valor de nossas producções.

Considerada, porém, a vida do paiz em sua totalidade, na sua lida de quatrocentos annos, quando se percorre o estadio já trilhado, e apreciam-se os resultados obtidos, uma idéa mais auspiciosa acode ao espirito.

Um immenso paiz descoberto e colonisado ; duas raças barbaras senhoreadas por uma raça superior ; populações novas formadas ; invasões estrangeiras repellidas ; commercio, industria, autonomia politica, certos impulsos originaes; tudo isto repercutiu no espirito do povo e habilitou-o a ter tambem um caracter proprio. As canções populares e as notas mais vívidas de nosso lyrismo fornecem a prova.

A primeira época de nossa litteratura (1500—1750), a que chamei o periodo de formação, apresenta em esboço os mais apreciados themas da esthesia patria : — a natureza e o espectaculo das raças selvagens.

A segunda época, o grande periodo de nosso desenvolvimento autonomico (1750—1830), é a da elaboração da independencia politica e da actividade litteraria e scientifica.

Tivemos tambem então o nosso proto-romantismo nas producções dos poetas mineiros.

Nos primeiros quarenta annos do seculo XIX os acontecimentos politicos precipitaram-se. Estada de João VI no Brasil, independencia, reinado do 1° imperador, abdicação, revoluções da regencia, tudo executou-se em trinta e dous annos (1808—1840).

Os homens do tempo de D. João foram os mesmos que trabalharam com Pedro I e em grande parte figuraram na regencia.

E se os tempos do filho de D. Maria I e os tempos do 1° imperador executaram a dissolução do regimen colonial, como se tem por habito dizer, o periodo regencial executou, na esphera litteraria, a dissolução do regimen classico.

A rotina critica entre nós estabeleceu que o romantismo surgio no Brasil em 1836 com a publicação dos *Suspiros Poeticos* de Magalhães.

A verdade é que já antes tiveramos o proto-romantismo dos poetas mineiros, e já tínhamos sido visitados pelo romantismo politico de que a *Constituição do Imperio* foi um excellente specimen. A verdade é que antes de Magalhães diversos poetas haviam abraçado os principios da nova escola, especialmente entre os estudantes de Olinda e S. Paulo desde 1829.

Maciel Monteiro, *Candido de Araujo Vianna*, *Odorico Mendes*, *Moniz Barreto*, *Barros Falcão*, *Augusto de Queiroga*, seu irmão *Salomé*, *Bernardino Ribeiro*, *Firmino Silva*, *Alvaro de Macedo* e *José Maria do Amaral* são algum tanto anteriores a Magalhães.

São estes os poetas que chamarei de transição. A elles pódem ligar-se *Antonio Felix Martins*, *José Maria Velho da Silva*, *João Capistrano Bandeira de Mello*, *D. Delfina da Cunha* e o portuguez *José Soares de Azevedo* (1).

Apreciarei em globo os principaes d'estes poetas e escriptores.

Todos elles escreveram pouco, e alguns não deixaram livros publicados. E' o caso, entre outros, do mais illustre de todos — Maciel Monteiro. E' o que se vae vêr a começar por este.

ANTONIO PERIGRINO MACIEL MONTEIRO (1804 — 1868) — era pernambucano.

Politico, orador, diplomata, foi, antes e acima de tudo, uma organisação artistica, um poeta.

Infelizmente não são muitos os documentos por onde possa ser apreciado (2).

E' muito difficil esteriotypar a physionomia litteraria de um homem de quem se lê apenas meia duzia de producções ligeiras.

Tanto quanto é possivel fazel-o, Maciel Monteiro parece

(1) Não falo de Paula Brito, por demasiado mediocre como poeta.

(2) Não faço biographia propriamente dita; este trabalho deixo-o aos escriptores do genero. Veja-se no *Anno Biographico*, de J. Manoel de Macedo, no *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, de V. A. Sacramento Blake e no *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*,— de F. A. Pereira da Costa—a biographia do poeta

ter sido um epicurista, um homem dos salões, um enamorado, um *causeur* de talento.

Não tinha a *gauchérie* propria dos homens do norte do Brasil; era alegre, espirituoso, delicado, de maneiras galantes, um *conquistador*. Tal a fama que deixou. Não tenho documentos para estudal-o por esta face; consta que achou-se no Recife, no Rio e Lisboa envolvido em muitas e interessantes intrigas amorosas.

Não tenho documentos; e, quando os tivesse, não os utilisaria; porque neste assumpto só têm valor aquelles factos que se prendem ao desenvolvimento e ao viver litterario.

O estudo dos salões europeos, cujos comparsas eram homens de talento ou de genio e damas de alta cultura, o estudo de taes salões, que foram verdadeiros focos de vida politica e litteraria, tem um alto alcance para a historia intellectual.

No Brasil, onde as letras são uma superfetação em grande parte, e onde os salões podem brilhar pelo doce fulgor dos olhos das bellas, mas não brilham de certo pela originalidade das ideas, um tal estudo é escusado e ridiculo.

Oh! os salões dos tempos de Pedro I e da regencia!

Deveriam, como os de hoje, singularisar-se, quando muito, por algum namoro lubrico e burguez.

Por este lado pode-se deixar em paz o barão de Itamaracá.

Foi essa tendencia pelo salonismo e pelas aventuras amorosas o defeito e a vantagem do seu talento.

O defeito, porque foi isso que o impedio de ser um trabalhador activo, um espirito serio e profundo, um factor em nosso desenvolvimento.

A vantagem, porque foi essa inclinação que o conservou sempre em excitação sentimental e em eretismo lyrico.

Todos, ou quasi todos os seus versos foram feitos a suas namoradas, a suas amantes.

D'elles reçuma a sensualidade, a sêde do goso.

Não são paixões profundas, innocentes e sinceras; são anhelos, solicitações de um galanteador.

Falam mais á imaginação de que ao sentimento.

São versos de um orador e de um diplomata, são versos de um D. Juan de talento.

Eil-o a solicitar :

« Formosa, qual pincel em tela fina
Debuxar jámais póde, ou nunca ousara ;
Formosa, qual jámais desabrochara
Em primavera rosa purpurina;

Formosa, qual se a propria mão divina
Lhe alinhara o contorno e a forma rara ;
Formosa, qual jámais no céo brilhara
Astro gentil, estrella peregrina ;

Formosa, qual se a natureza e a arte,
Dando as mãos em seus dons, em seus lavores
Jamais soube imitar no todo, ou parte ;

Mulher celeste, oh ! anjo de primores !
Quem póde ver-te, sem querer amar-te !
Quem póde amar-te, sem morrer de amores ! »

E' bello isto e é sincero, d'essa sinceridade do namorado consistente em ardores e protestos; é o orgasmo crepitante do meridional.

Ali era a ancia de possuir a mulher amada ; agora é o sentimento de deixal-a, de perdel-a.

Não saciado, ao poeta punge a recordação do deleite esvaecido :

« Ella foi-se !... E com ella foi minh'alma
N'aza veloz da briza susurrante,
Que, ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vae distante !

Voava a briza, no atrevido rapto
Frisava do oceano a face lisa ;
Eu que a brisa acalmar tentava insano,
Com meus suspiros alentava a brisa.

— No horisonte esconder-se annuviado
Eu a vi ; e dous pontos luminosos
Apenas onde ella ia me mostravam :
Eram elles seus olhos lacrimosos !

Pouco e pouco empanou-se a luz confusa,
Que me sorria lá dos olhos seus;
E d'além ondulando uma aura amiga
Aos meus ouvidos repetiu — adeus!

Nada mais via eu, nem mesmo um raio
Fulgir a furto d'esperança bella;
Mas meus olhos illusos descobriram
N'uma amavel visão a imagem d'ella.

Esvaiu-se a visão, qual nuvem aurea
Ao bafejar da vespertina aragem;
Se aos olhos eu perdia a imagem sua,
No meu peito eu achava a sua imagem.

Ella foi-se!... E com ella foi minh'alma
Na aza veloz da briza susurrante,
Que, ufana do thesouro que levava,
Ia... corria... e como vai distante! »

Vê-se que se está em pleno lyrismo romantico.

Maciel Monteiro assistiu em Pariz, de 1822 a 1829, quando ali cursava a Escola de Medicina, as luctas das novas doutrinas litterarias.

E' provavel que desde então escrevesse versos.

Em 1830 já se achava de volta no Brasil, e tomou logo depois parte nas agitações politicas do periodo regencial. Foi deputado e ministro n'essa época. Um homem d'esses, testemunha das mutações litterarias operadas em França no terceiro decennio do XIX seculo, não esperava, para ter a nova intuição, que Magalhães, espirito muito mais tardio, classico emperrado ainda em 1832, nas *Poesias Avulsas*, fosse á Europa e enviasse d'ali os *Suspiros Poeticos* em 1836.

E' certo que grande cópia dos escriptos de Maciel Monteiro, e dos outros poetas que inclúo n'este capitulo, é posterior a este ultimo anno.

Mas importa não perder de vista que n'esse tempo as linhas dirigentes do pensar de todos elles já estavam assentadas.

Os cyclos litterarios são como circumferencias que se

tocam. Os operarios de uma época alcançam os obreiros da época seguinte e collaboram com elles. As datas aqui não têm o significado rigoroso que podem ter em outros assumptos.

E' possivel que todos os versos que restam do poeta pernambucano sejam mais recentes, sejam ulteriores aos *Suspiros*. E, todavia, tudo leva a induzir que o lyrista do norte nada deveu ao visconde de Araguaya. Sua antecedencia no velho mundo, e, acima de tudo, a indole de seu estylo, e a natureza de seu talento são a prova. Eil-o ainda no ardor de namorado :

« Se eu fôra a flôr querida, a flôr mais bella
De quantas brilham no matiz, na gala ;
Se o meu perfume fôra mais suave
Que esse que a rosa no Oriente exhala ;

Se em volta a mim os zephyros traidores
Susurrando viessem bafejar-me,
E com molles blandicias, brandos mimos
Tentassem da minh'haste arrebatar-me ;

Se o vario beija-flôr tão feiticeiro,
Deprezando uma a uma as demais flores,
Em meu virginio, delicado seio
Depozesse seus beijos, seus amores ;

N'um vaso de esmeralda eu não quizera
Os aposentos decorar brilhantes
Do soberbo Nababo de Golconda,
Que piza em per'las, topa nos diamantes.

Tão pouco eu cubiçára ornar o seio
D'essa joven britanica princeza ;
Em quem o brilho do diadema augusto
Luz menos que os encantos da belleza.

Pousar, senhora, fôra o meu desejo
Em vossa fronte tão serena e bella,
E fazer que em seu vôo o tempo rapido
A aza impura não ouse roçar n'ella.

Como um raio da vossa formosura
Reflectiria em mim seu fogo santo!
Como a fragrancia dos cabellos vossos
Déra a minha fragancia novo encanto!

Ahi como vaidosa eu ostentára
Todo o meu esplendor. E qual rainha
N'um throno de ouro ousara disputar-me
Minh'alta condição, e a gloria minha?

Mas já que a flôr não sou appetecida
(Que o não consentem fados meus adversos)
Não recuseis, senhora, a flor silvestre
Que o bardo vos off'rece n'estes versos. »

Dos escriptos d'este poeta exhala-se o calor, a vida, o enthusiasmo de uma natureza robusta e sadia.

Era um homem de festas, um homem de prazeres, um espirito pagão, para quem a poesia era riso e flôres, um instrumento de notas alegres e vívidas.

Nada de melancolia, nada de prantos, nada da molestia commum aos romanticos — a monomania da tristeza.

A poesia, como a praticava Maciel Monteiro, a poesia, como effusão momentanea, como producto de occasião, não raro transforma-se n'um artefacto de encommenda, um manjarzinho de banquete. Mandam-se buscar versos para a festa, como amendoas e doces para a mesa. Não ha duvida; isto acontece especialmente com certa classe de espiritos mediocres, dotados da habilidade mechanica de versejar, e dotados de bastante desfaçatez para polluir a arte em adulações por atacado.

Houve ahi muitos d'estes menestreis de patuscadas e jantares.

Não é desta especie de poesia que falo. Refiro-me áquella que é uma festa do espirito, uma exuberancia d'alma, um trasbordamento de certas naturezas ricamente dotadas. O barão de Itamaracá era d'este numero. Tinha os exaggeros dos lyristas por indole :

« .Genio! Genio!... inda mais! Supremo esforço
Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo!

E's um anjo ou mulher, tu que nos roubas
Do culto o amor, o extasis do pasmo?

Na pujança do vôo a aguia soberba
Tenta o céu devassar, exhausta pára:
Nas azas do lyrismo, tu de Jehóva
Ao templo chegas, e te prostras n'ara.

Ahi, c'roada de fulgente aureola,
No concerto dos anjos te misturas;
E se cantas na terra, são teus hymnos
Harmonias que ouviste nas alturas.

Ahi aspiras o lustral perfume,
Que das urnas sagradas se evapora:
Eis porque tua voz parece ungida
Dos olores da flor que orvalha a aurora.

Ahi do coração na harpa animada
As cordas descobriste de ouro estreme,
Que, se vibram de amor, atêam n'alma
Paixão que goza e soffre, canta e geme.

Ahi o idioma typico aprendeste,
Que entendem todos e que tudo exprime:
E' assim teu olhar o verbo vivo,
E' teu gesto a linguagem mais sublime.

Mysterio augusto que do eterno ao *fiat*
Surgiste qual visão que attrahe, fascina;
Se da mulher teu corpo veste a fórma,
Arde no genio teu chamma divina.

Mulher, ou anjo! Cumpre a missão tua!
Seja a crença deleite, a fé doçura:
Toda a terra ame ao céu nos seus prodigios,
Adore o Creador na creatura. »

Poeta de talento objectivista, era para esperar que Maciel Monteiro se deixasse captivar pelo mundo exterior e decantasse, como tantos outros, a naturezà do Brasil.

Não foi assim.

No mundo exterior o que o encantava era a sociedade e especialmente a sociedade das mulheres.

Sua musa eram as fórmas correctas, os contornos abundantes, as curvas graciosas dos corpos femininos.

Um saráo, um baile davam-lhe febre e eram a sua fonte de Aganipe.

Perfumado e correcto, atirava-se aos salões á cata de suas deidades; chamavam-no *o doutor cheiroso.*

Para dar largas ás suas tendencias, jogou-se á carreira diplomatica, fertilissima *Ilha dos Amores*, onde não aprôam Gamas, porém ancoram de vez certos poetas madraços e certos politicos sensualistas.

Itamaracá dizia — « já ter as mãos callejadas de levantar vestidos de sêda! »

Este dicto, por ventura apocrypho, corrente na tradição, é caracteristico.

Qualquer que seja, leitor, a tua seriedade, fingida ou verdadeira, não poderás contestar o bom gosto do poeta diplomata...

Uma cousa é para notar-se.

Sendo Maciel Monteiro um poeta erotico, seus canticos não descem nunca á licenciosidade ou grosseria de linguagem de que usam muitos de seus pares.

Ao contrario gostava de involver de imagens ethereas as suas amantes. Requintava de delicadezas e arrastava-as n'uma especie de volupia sobre-natural e supra-sensivel. E' a mystica do amor e do galanteio.

Eis aqui:

« Ao nascerdes, senhora, um astro novo
Vos inundou de luz, que inda hoje ensina,
No fogo desses vossos olhos bellos,
Vossa origem divina.

O ar, que respirastes sobre a terra,
Foi um sopro de Deus embalsamado
Entre as flôres gentis que vos ornavam
O berço abençoado

Ao ver-vos sua igual no empyreo os anjos
Hymnos de amor cantaram nesse dia;
E o que se escuta, se falaes, é o écho
Da angelica harmonia.

Gerada para o céo, que o céo sómente
Da crêação a pompa e o brilho encerra,
Das mãos do creador vos escapastes,
Cahistes cá na terra.

Um anjo vos seguiu para guardar-vos;
E quaes gemeos um no outro retratado,
Quem póde distinguìr o anjo que guarda
Do anjo que é guardado?

Só um raio do céo arde perenne
Sem que o tempo lhe apague o fulgor santo!
Por isso os vossos dons são sempre os mesmos,
O mesmo o vosso encanto.

Em vós é tudo eterno. E se na fronte
(Tão bella sempre em tempos tão diversos!)
Uma c'rôa murchar-vos, é de certo
A c'rôa dos meos versos.

Dos meus versos! Ah! Não! Que inextinguivel
E' o incenso queimado á divindade:
E ao canto que inspiraes, vós daes, senhora,
Vossa immortalidade. »

De tudo que foi citado é facil conclüir que o poeta pernambucano foi entre nós um dos predecessores do lyrismo hugoano, que mais tarde inspirou uma escola inteira de poetas.

Certa limpidez de phrase, certo arrojo de metaphoras insinuam-se por seus versos doce e suavemente.

E insisti em notar as bellezas do lyrismo d'este poeta provinciano; porque sempre tem sido elle posto á margem pelos myrmidões que no Rio de Janeiro se têm occupado com a vida litteraria do paiz. Excepção feita da litteratagem fluminense e de alguns felizes da velha escola marahense,

todos os espiritos de valor das provincias, maximé do norte, têm sido cuidadosamente deixados no esquecimento.

Pessimo systema de fomentar a união das provincias ou Estados, que vêem preteridos das honrarias da fama tantos dos seus mais illustres filhos...

Voltemos ao nosso poeta. Elle tinha tambem seus dias de passageira magoa. Escreveu isto (1) :

« Mais uma vez o astro soberano
Seus dominios correu no firmamento;
Hoje assente em seu throno, eil-o que espalha
Graças de luz ao vosso nascimento.

Balançando-se n'haste voluptuosas,
Quão linda gala trajam hoje as flôres!
Dir-se-ia, para gloria de enfeitar-vos,
Que orvalhou-as na aurora a mão de amores

As aves que na selva a alva saudam
Com seus molles cantares á porfia,
O perfume nas rosas aspirando
Os ares embalsamam de harmonia.

O sol tem mais fulgor, a flor mais mimos,
A ave mais doçura em seu trinado...
Ah! como a crêação dobrou seu fausto
N'esse dia, senhora, abençoado!

Tudo, tudo obedece á voz do Eterno
Rendendo cultos á belleza tanta!
Só o bardo na lyra, envolta em crepe,
Se emprehende cantar, geme, não canta!

Muda a lyra, na qual sagrei outr'ora
Tantos hymnos de amor á formosura;
Se do prazer dedilho as cordas d'ouro,
Vibrar a corda sinto d'amargura.

(1) As poesias que cito d'este escriptor vêm colligidas pela mor parte, nas *Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, de A. J. de Mello, de pags. 56 a 64, do 1.º vol.

Mas já que em vosso gyneceo risonho
Não póde o canto meu ser hoje ouvido,
Dai, senhora, que aos échos da alegria
Ao menos se misture um meu gemido.

Ah! se em pomposo altar a divindade
Incenso, flores, canticos aceita,
O orar do infeliz tambem acolhe
E as lagrimas do afflicto não regeita.

A mesma urna que no tabernaculo
Recebe o ouro farto da opulencia,
Tambem, modesta aos votos de humildade,
A oblação recolhe da indigencia.

Pequeno é meu tributo: eil-o qual posso,
Qual me é dado pagar-vos reverente:
Não é dom opimo do opulento,
E' sim a escassa offrenda do indigente. »

Nem todos os amores lhe correram suaves; teve tambem suas luctas, suas tragedias intimas. Ha d'elle poesias que o denunciam claramente.

Ardentissimas fagulhas d'um lyrismo brilhante, esses versos trazem á vista o coração magoado do grande sonhador.

Tal foi o poeta. Deixemol-o de parte.

Maciel Monteiro era conservador em politica e foi deputado durante muitos annos. Sua fama de orador ainda hoje perdura. Encaremol-o rapidamente por esta face.

Antes de tudo, leia-se um trecho e seja um pedaço do celebre discurso pronunciado na camara dos deputados a 10 de junho de 1851. O orador tratou do trafico de africanos, da amnistia aos revolucionarios de 1848 em Pernambuco e das relações do imperio com a Republica Argentina. Ouçamol-o sobre o trafico. Preparava-se a lei de Euzebio e Maciel Monteiro disse isto :

«Senhores! Nas circumstancias gravissimas em que este anno se reuniram as camaras legislativas; quando esta tem de proferir um voto de approvação ou de reprovação ácerca da politica do governo; reputo um dever indeclinavel da parte de todos os represen-

tantes que costumam occupar a tribuna em taes occasiões, o explicarem-se com clareza ácerca dos negocios publicos ; porque entendo que é da somma de todas as adhesões explicitas, de todos os testemunhos de confiança, francamente manifestados em favor do governo, que derivam os elementos de força, os principios de vitalidade em que o governo do paiz se deve apoiar para proseguir na politica que tem encetado, se por ventura essa politica merecer o assentimento, os suffragios do parlamento brasileiro. A camara não estranhará sem duvida ouvir-me mais uma vez asseverar que estou de accordo com a politica do governo em todos os pontos substanciaes ; que venho aqui hoje professar os mesmos principios que sempre professei, manter as mesmas allianças que sempre tive. Sou, é verdade, um veterano, um invalido, que, arredado dos arraiaes em que o conflicto se atêa com furor e com impeto, guarda fielmente as portas de um hospital, vivendo das suas antigas glorias ; mas um veterano, um invalido que não abandona as suas bandeiras, essas bandeiras que o guiaram tantas vezes ao combate em defesa da monarchia, das instituições, da ordem e da liberdade regrada. Ainda quando, porém, eu não estivera de perfeita conformidade com a politica do governo, um facto avulta n'essa politica de tamanha magnitude, de tanto alcance, que, em consideração a esse facto, eu não poderia deixar de vir hoje prestar ao governo do meu paiz o meu apoio, meu concurso. Quero falar, senhores, da extincção do trafico.

Nunca me apaixonei, nunca me inflammei nas declamações fervidas do abbade Reynal, de Gregoire e de outros negrophilos ; mas sempre detestei a escravidão ; a minha natureza como que se revolta á sombra de qualquer jugo. Entretanto, entranto na carreira publica, não só por tal motivo, como pelo compromisso que o paiz tinha contraido em virtude do tratado de 1826, e em reverencia a lei de 1831, sempre me reputei abolicionista, sempre entendi que esse tratado devia ser fielmente cumprido, que essa lei devia ser rigorosamente executada ; e quando os successos do meu paiz, antes do que o meu fraco merito, me levaram aos conselhos da coroa, procurei por todos os meios ao meu alcance tornar uma realidade esse tratado e essa lei. Quem compulsar os documentos da secretaria dos negocios estrangeiros nessa época achará alguns vestigios que provam a opinião que acabei de estabelecer. Com effeito, o gabinete de então já previa os males que deviam resultar da continuação desse commercio illegal e anti-christão, e já nesse tempo se procurou dar garantias a repressão, tornar essa repressão cada vez mais vigorosa. Pelo juizo da commissão mixta estabelecida então

no imperio, as regras do processo não estavam claramente definidas, havia duvidas a respeito das questões de embargos; todas estas duvidas foram resolvidas pelo ministerio de então de modo que o julgamento dos criminosos tornou-se mais seguro e effectivo.

Esta opinião, senhores, que eu professava, era tambem compartida por outros; o paiz tambem tinha, por assim dizer, o instincto da abolição; esse sentimento continuava a elaborar-se no animo de todos os homens pensadores. Elles viam que o futuro do paiz se achava compromettido pela continuação do trafico, sobretudo nos tres ultimos annos que precederam ao de 1848; todos foram conhecendo que o trabalho escravo não podia coexistir cõm o trabalho livre, e emquanto o trafico fosse tolerado, debalde aquelle poderia ser substituido por este: tão absurda alliança foi reputada impossivel; e todos aquelles que olhavam para o Brasil, não como uma vasta colonia, mas como um paiz que tinha um futuro, uma civilisação a esperar, professavam a opinião de que o trafico devia ser abolido, devia cessar.

Senhores, assim como no deserto Moysés, batendo no rochedo, fez jorrar a agua, o ministerio comprehendendo sabiamente os sentimentos abolicionistas que dominavam na grande maioria dos brasileiros, com um leve aceno fez saltar de todos os espiritos essa opinião, fez brotar esses sentimentos; o governo resolveu pois um problema, que qualquer, que meditar friamente em todas as suas difficuldades e embaraços, não poderá deixar de reconhecer como uma empreza verdadeiramente gigantesca, um serviço feito ao paiz de extraordinaria transcendencia bem que fosse secundado e acompanhado pela opinião sã e patriotica dos seus alliados e do paiz. E' um serviço que ha de ser apreciado na posteridade em gráu mais subido do que aqui o posso apreciar.

Senhores, eu reputo uma das mais bellas glorias da côr politica á que pertenço a abolição do trafico, é por essa razão que dou desde já o meu assentimento á emenda substitutiva do meu amigo o nobre deputado por S. Paulo, onde o pensamento que acabei de exprimir se acha consignado expressamente.

Sr. presidente, em todo o paiz regido pelas fórmas representativas, onde os principios e sómente os principios dão lugar a luctas parlamentares; em um paiz onde as crenças, as opiniões, são unicamente o ponto de dissidencia entre os differentes partidos; em um paiz tal me persuado que a nobre opposição, que tanto zelo mostrou na sessão passada, que tanto fervor patenteou em prol da extincção do trafico, viria, depois dos grandes resultados obtidos pelo governo e pelo paiz, congrassar-se comnosco; prescindiria

de todas as outras razões, que pudessem separal-a de nós, para effectivamente firmar uma feliz alliança entre os dous lados d'esta camara.

A nobre opposição na sessão precedente hasteou, como a camara se lembrará, a bandeira anti-africana; a nobre opposição exprobou ao governo do paiz a sua tibieza, a sua indifferença a respeito do trafico; a nobre opposição estabeleceu então compromissos comnosco, que não podem hoje ser rotos por ella, e pareceria que se o trafico fosse extincto as principaes difficuldades estariam aplainadas em bem da causa publica e dos verdadeiros interesses do paiz. Porém, senhores, qual é o comportamento da nobre opposição na sessão actual? Censura ella o governo na questão do trafico, affirmando que elle está mal com a Inglaterra e mal com o commercio. Esta proposição do nobre deputado pelo Pará exigiria alguma explicação, alguma elucidação da sua parte.

O governo do Brasil está mal com a Inglaterra, diz o nobre deputado. E' isto um crime na opinião do nobre deputado; mas não será ás vezes um merito, não será ás vezes uma gloria para qualquer governo o não estar em boas relações com outro governo? Será porque o gabinete imperial disse que se resignava a toda especie de calamidade antes que expôr os direitos mais essenciaes da soberania á usurpação estrangeira, e entregar o dominio das nossas costas á Inglaterra, que o governo imperial não está bem com a Inglaterra? Será porque o governo imperial não entrega o paiz de braços atados a uma ou outra potencia que em verdade não merece as suas boas graças? O nobre deputado não se serviu de demonstrar esta proposição; mas elle, que por vezes a emittiu, deve ter fundamentos mui sabios para apoial-a. O nobre deputado parece estar no segredo daquelle gabinete; se assim é, eu o conjuro para que nos revele as combinações desse gabinete, afim de evitar alguma calamidade que nos esteja imminente; eu conjuro ao nobre deputado para que o faça quanto antes, e que emfim salve por esta vez o imperio da Santa-Cruz.

Mas o nobre deputado disse tambem que o governo está mal com o commercio! De que commercio quereis vós falar, Sr. deputado pelo Pará? Será por ventura dos traficantes que não dão o seu apoio ao governo? Mas vós não dissestes ao paiz que este governo havia subido ao poder pela escada dos traficantes? Explicai-vos; de que lado estão os traficantes? Estão hoje do vosso lado? Se os traficantes não apoiam o governo que sustentamos, qual é o perigo que d'ahi resulta? E porque inculpar ao governo pela falta de tal apoio? Se, pois, os homens que têm feito esse commercio anti-chris-

tão e immoral, se, pois, os homens que têm tantas vezes querido arrastar o paiz a comprometimentos tão sérios, tão deploraveis, não dão o seu apoio ao governo actual...

UM SR. DEPUTADO : — Gloria ao governo!

O SR. MACIEL MONTEIRO : — Sim, tal antagonismo é uma gloria para o governo actual.

Se não é porém o commercio da costa d'Africa que não dá o seu apoio ao governo, se é outro commercio, vós avançais uma proposição radicalmente inexacta, manifestamente absurda. Com quem póde estar bem o commercio?

Em que parte do mundo o commercio sympatisou senão com idéas de ordem, de conservação, de estabilidade? Em que parte do mundo os interesses do commercio abandonaram os principios conservadores, abandonáram todas as idéas de legalidade, para procurar a protecção da agitação e das innovações?

Eu quizera que o nobre deputado ainda nesse ponto se explicasse.

E' pois, Sr. presidente, uma inexactidão, é mesmo irracional dizer-se que o commercio do paiz não está bem com o governo, que tem por mandato sustentar a monarchia, as instituições e a paz publica, e que se acha em boa convivencia com pensamentos de innovação, com idéas subversivas da ordem.

Senhores, tenho demonstrado que as observações apresentadas na casa pelo nobre deputado do Pará para diminuir os creditos do governo e a sua popularidade, quanto á questão do trafico, não assentam em fundamento algum, nem em factos averiguados. Sem embargo, direi que o ministerio não tem percorrido neste importante assumpto senão metade do caminho: que tem diante de si uma empreza ardua que deve realizar.

Esta empreza é a substituição dos braços escravos pelos braços livres; esta empreza é a colonisação.

Attenda bem o governo para esta grande necessidade do paiz, empregue todos os meios ao seu alcance para estabelecer entre nós o trabalho livre, para ennobrecer este trabalho, para povoar o Brasil, não de africanos, mas de colonos que virão a ser depois outros tantos industriosos, outros tantos membros da grande associação brasileira. Esta empreza o ministerio deve ter em vista, e eu espero que elle a realizará.

Sr. presidente, não me parece que o gabinete britannico deva estar desgostoso do governo imperial, como foi aqui affirmado. Se se quizer julgar das cousas, ou das relações das duas corôas, pelos factos que são patentes, conhecer-se-ha que nesta parte o gabinete britannico parece ter-se muito approximado do governo imperial;

ao menos é a primeira vez que se diz officialmente no parlamento britannico que as medidas empregadas pelo governo imperial na importantissima questão do trafico parecem efficazes e o serão.

Esta declaração tão categorica da rainha da Inglaterra deve assegurar ao governo que nesta parte a benevolencia do gabinete de S. James não lhe será negada.

Cabe aqui, senhores, lembrar ao governo imperial (e não será isto senão uma recommendação) que, visto ter elle procurado cumprir tão sincera e effectivamente da sua parte todas as estipulações contidas no tratado de 1826; visto ter elle conseguido extinguir o trafico na sua quasi totalidade, se não descuide tambem de reclamar do governo inglez o cumprimento das suas obrigações estipuladas em tratados anteriores.

A camara sabe que pelo tratado de 1815 o trafico foi abolido ao norte do Equador; a camara sabe tambem que presas foram feitas e julgadas illegaes, isto é, julgadas más pela commissão mixta da Serra Leôa; entretanto, casos ha em que, apezar dos julgamentos terminantes dessa commissão mixta, apezar de ter-se adjudicado a necessaria somma para indemnisação, nessa parte o governo inglez não tem cumprido o seu dever.

Não me refiro a apresamentos feitos depois do bill de lord Aberdeen, refiro-me a apresamentos verificados quando o commercio de africanos estava sómente abolido ao norte do Equador; algumas embarcações, e entre outras uma de um digno cidadão de minha provincia, foram apresadas e levadas á Serra Leôa, julgadas màs presas, e até o presente não se realisou ainda tal indemnisação; ficando assim esses capitaes retidos em poder do governo inglez, com manifesta infracção do direito internacional, e contra todos os dictames da justiça universal.

Eu quizera que o governo imperial, que hoje tem tanto direito de reclamar energicamente da parte da Inglaterra o cumprimento de seus deveres neste ponto, visto que tão religiosamente tem cumprido os seus, não se descuidasse de sustentar como lhe cumpre os interesses brasileiros, assim despojados tyranicamente da sua propriedade; é tempo, senhores, de fazer cessar tão inqualificavel abuso da força contra os interesses brasileiros.

E' preciso notar que a mór parte desses apresamentos datão de 1824 ou 1825, é pois chegada a occasião dessas reclamações terem uma solução. »

E'este o estylo do orador.

Dizem que o parlamentar pernambucano tinha bella pre-

sença, voz sonora, gesto animado, fluencia de dicção na tribuna. Eu o creio bem. Faço apenas uma restricção : faltava-lhe a força.

O espirito humano é tão rico de qualidades, tão variado em suas manifestações, quer individual, quer collectivamente, que se torna impossivel definir um povo ou individuo em uma simples formula de critica. Esta verdade geralmente enunciada, e sempre esquecida na pratica, tem toda applicação, falando-se de oradores.

Existem cem maneiras de exercer a oratoria com vantagem e talento. Ha os discursadores que improvisam e os que o não podem fazer ; ha os logicos e ha os tumultuarios ; os imaginosos e os sóbrios ; os vehementes e os placidos ; os insinuantes e os arrebatadores ; os que têm a habilidade e os que possuem a energia........ que sei eu ? ha lugar para todos os estylos. E entre elles, qual foi o exercido por Maciel Monteiro ? Os que o não ouviram teem para julgal-o apenas o texto mais ou menos desfigurado dos seus discursos.

Parece ter sido o illustre pernambucano um orador facil, delicado, maneiroso.

Não revelava jámais paixão, fervorosos impetos d'alma, nem grandes recursos de sciencia e poderosos auxilios de analyse. Nunca se elevou á grande eloquencia, como nunca attingio a grande arte, á immorredoura poesia.

Era um gracioso individualista, um *dilettante* da tribuna, um *virtuose* da politica.

Era conservador por arte, por equilibrio de temperamento. Nada queria, nem se atirava á cousa alguma que lhe alterasse a placidez da vida e o perturbasse na marcha dos seus amores. Era um improvisador amavel e amado por todos.

Durante vinte annos (1833—1853) com pequenos intervallos, desde os tempos proximos á abdicação do primeiro imperador até a guerra de Rosas, esteve no parlamento. Foi presente a muitas das mais tempestuosas sessões da camara e foi collega dos nossos mais distinctos oradores e homens d'Estado.

E' licito dizer que a eloquencia de Maciel Monteiro, se não

era facilmente derrotada pelos seus adversarios, não alcançou, por sua vez, grandes victorias.

Novas idéas, novos planos de governo, novos horisontes politicos e sociaes não foram abertos ao povo brasileiro aos golpes de eloquencia do deputado pernambucano.

E' este o signal inconcusso dos grandes oradores, o signal irrecusavel de sua força. Não o distingo em Maciel Monteiro, e creio não errar preferindo o poeta ao parlamentar. Não lhe conheço um só discurso que seja verdadeiramente superior, e algumas das suas poesias eroticas são das melhores da lingua portugueza. Natureza artistica, alliada a uma voluptuosidade intensissima, era verdadeiramente um poeta.

Bem differente de Maciel Monteiro foi — Candido José de Araujo Vianna, marquez de Sapucahy (1793—1875). Magistrado, administrador, politico, era pacato, moderado, timido em demasia.

Escreveu muito pouco. Em prosa seu trabalho principal é o celebre artigo inserto no *Correio Official* de 28 de setembro de 1833, contestando os serviços de José Bonifacio á nossa independencia politica; em poesia os decantados versos á memoria de sua filha. O artigo póde ser indicado como um dos mais limpos trechos do jornalismo politico do tempo; é mediocre sem ter as grosserias e declamações então tanto em voga. (1) Araujo Vianna era ministro quando o escreveu, por occasião de ser deposto o velho Andrada do cargo de tutor do imperador.

E' uma peça sem grande prestimo litterario e de pouco alcance historico.

Os versos são singelos e delicadissimos. Por elles é que esse politico tem um logar n'este livro.

O velho mineiro tinha uma filha, que havia plantado um canteirinho de violetas; antes que estas desabrochassem, morreu a moça. Sobre o seu tumulo foi o poeta depôr as primeiras flôres, quando abriram, e escreveu estes versos:

(1) Vem transcripto no *Primeiro Reinado* de L. F. da Veiga.

« Da planta que mais presavas,
Que era, filha, os teus amores,
Venho de pranto orvalhadas
Trazer-te as primeiras flores...

Em vez de afagar-te o seio
D'enfeitar-te as lindas tranças
Perfumarão esta lousa
Do jazigo em que descanças.

Ja lhes falta aquelle viço
Que o teu disvello lhes dava..
Gelou-se a mão protectora
Que tão fagueira as regava...

Desgraçadas violetas,
A fim prematuro correm...
Pobres flores !... tambem sentem !
Tambem de saudade morrem ! »

E' uma cousa caprichosa a poesia. Tres ou quatro notas singelas tocam as fibras d'alma; e quantas vezes vastas composições pretenciosas deixam-nos de todo indifferentes! O velho poeta em quatro quadrinhas em estylo popular disse mais do que Magalhães em todo o volume dos *Mysterios e Canticos Funebres*, consagrados á memoria de seus filhos. N'estes a metaphysica e a sciencia intervêm e nos atiram em especulações abstractas. Nos versinhos de Araujo Vianna a simplicidade da linguagem deixa vêr em toda a força a verdade do sentimento. A boa poesia é assim transparente e limpida em sua espontaneidade.

A primeira vista parecerá desarrosoada a inserção do velho mineiro n'uma historia litteraria, só por aquellas quadrinhas, deixando-se de lado outros versos originaes ou traduzidos, que ficaram d'elle. A quem conhecer a pobreza real da poesia elegiaca em Portugal e Brasil, o absurdo não parecerá tamanho. Tres se me antolham em todo o lyrismo brasileiro as peças elegiacas de valor e nas quaes um sentimento real e positivo côa atravez da simplicidade da forma. Tres são ellas

e a poucas quadrinhas de indole popular se reduzem. Podem aqui ser estampadas como estudo comparativo. Representam o pensamento da morte em tres phases diversas da litteratura brasileira. Por uma coincidencia singular são escriptas no mesmo metro e referem-se todas a moças prematuramente arrancadas á vida.

Araujo Vianna, como classico e christão, levou sua offerenda ao tumulo, como a levaria a um altar, e falou á filha, como a uma sombra querida, invisivel, que ali o escutasse. A segunda composição, a que me refiro, é o trecho da poesia *Saudade Branca* em que Laurindo Rabello prantêou a morte de sua irman, intelligente poetisa, que enlouquecera e morrera de amor.

A historia d'esta desgraçada moça é conhecida; morreu-lhe inesperadamente o noivo, e ella, perdida a razão, acompanhou-o ao tumulo. Laurindo estava na Bahia, fazendo o curso de medicina, e, ao chegar-lhe a noticia do fallecimento da irman, escreveu estes versos :

« Que tens, mimosa saudade ?
Assim branca quem te fez ?
Quem te poz tão desmaiada,
Minha flôr ? Que pallidez !

Quem sabe... (Oh ! meu Deus não seja,
Não seja esta idéa vã !)
Se em ti não foi transformada
A alma de minha irman ? !

« Minh'alma é toda saudades ;
« De saudades morrerei... »
Disse-me, quando a minh'alma
Em saudades lhe deixei :

E agora esta saudade
Tão triste e pallida... assim
Como a saudade que geme
Por ella dentro de mim !...

A namorar-me os sentidos!
A fascinar-me a razão!...
Julgo que sinto a voz della
Falar-me no coroção!

Exulta, minh'alma, exulta!...
Aos meus labios, flôr louçan!
No meu peito... Toma um beijo...
Outro beijo, minha irman!...

Outro beijo, que estes beijos
Não t'os prohibe o pudor;
Sou teu irmão, não te mancham
Os beijos do meu amor.

Fala um pouco. Se almas podem
Em flores se transformar,
Sendo almas encantadas,
As flôres podem falar!

E não falas?... não respondes?...
Oh! crueis enganos meus!
Saudade, porque me illudes?
Minha irman! Meu Deus! meu Deus!

Minha irman! minha ventura,
Esperança, encanto meu!
E' teu irmão quem te chama!...
Responde!... Fala!... Sou eu!... »

E' este o trecho; de toda a poesia escolhi estas dez quadrinhas delicadissimas; as que precedem e as que seguem podem bem ser excluidas; não são tão valentes. Nas transcriptas estão bem retratados o talento e o pezar do poeta proletario e soffredor, que viu seu irmão assassinado, sua irman louca e morta. Ahi está o homem ainda crente e meio phantastico; ahi está o delirio do romantismo; mas o delirio sincero; crenças e duvidas travam-se n'alma do poeta.

A terceira poesia são os versos por Tobias Barreto gravados no tumulo de D. Hermina de Araujo, mulher do Dr. Altino de Araujo. Peregrina pela belleza e pelas virtudes,

morreu esta creatura celeste aos dezoito annos, deixando um filhinho.

A elegia é assim :

« Teve a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor !...
Eis aqui o que eu quizera
Que me explicasseis, Senhor : —

Para provar que não somos
Todos mais que sombra e pó,
Será mister morrer moça,
Deixando o filhindo só ?...

Vós sabeis que ha só no mundo
Um ente que nos quer bem,
E' nossa mãi, — ella morre,
E o orphão grita... por quem ?...

Ora, Senhor !... perdoai-me,
Não comprehendo isto assim : —
Viver e morrer tão cedo,
Sem um mister, sem um fim ;

Passar como uma aura leve,
Ou como um sonho de amor,
Ter a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flôr !... »

Aqui ha desalento e rebeldia ao mesmo tempo ; uma certa resignação cheia de amargor, a nullidade da vida esmagada pela cegueira estupida da morte. Tudo sem declamações, sem dissertações e commentarios theoricos.

MANOEL ODORICO MENDES, (1799 — 1864) politico, jornalista, litterato, poeta, foi o patriarcha da escola maranhense na litteratura brasileira. Os seus pares foram Sotero dos Reis, Francisco Lisboa, Gonçalves Dias, Henriques Leal, Trajano Galvão, José Pereira da Silva, Franco de Sá e Gentil Homem de Almeida Braga.

Quando falo em escola maranhense não quero dizer que

as mesmas ideias, as mesmas doutrinas, um corpo systematico de opiniões, tivessem brotado ali e sido architectadas por aquelles obreiros. O laço que os prende é terem nascido na mesma terra e vivido quasi todos no mesmo tempo.

Se entre Odorico e Sotero ha igual enthusiasmo pelas letras classicas, entre elles e Franco de Sá ou Gentil Homem as intuições são mui differentes. Gonçalves Dias na poesia e Francisco Lisboa na historia occupam uma posição á parte.

Em Odorico Mendes parece-me sobrepujar o patriota ao litterato. Desde 1824 atirou-se ao jornalismo e á politica activa. No Maranhão e no Rio de Janeiro foi um dos homens mãis influentes do periodo regencial e tinha sido um dos preparadores do Sete de abril. Estava na côrte n'esse tempo e foi um dos organisadores da regencia provisoria. Não entra em meu plano escrever a historia dos governos regenciaes, nem mesmo fazer o biographia do poeta maranhense. Este ultimo trabalho foi magistralmente levado a effeito por J. Francisco Lisboa e A. Henriques Leal. (1)

O decennio que vai de 1830 a 40, é a certos respeitos a época mais valorosa e memoravel da historia do Brasil. Nunca tivemos tanta audacia e nunca mostramos tão bom senso. Nunca houve tanta indisciplina, nem tanta energia e desprendimento. A velha colonia com João VI e Pedro I tinha apenas mudado de senhor; o portuguez ainda imperava; a regencia trouxe-nos a posse e a consciencia de nós mesmos.

Os partidos agitaram-se, as provincias abalaram-se, as revoluções surgiram. A imprensa multiplicou-se como por enconto, os clubs e associações tomaram vida e vigor desconhecidos; republicanos, monarchistas, restauradores, federalistas, moderados, exaltados todos combateram-se com vehemencia. A *carta* foi revista e modificada; a escravidão abalada com a extincção do trafico; as facções por toda a parte debelladas; o espirito militar e separatista comprimido.

N'este meio achou-se Odorico Mendes e representou bem o seu papel; foi um liberal sincero e activo em politica. Em

(1) J, F. Lisbôa, *Obras*, vol. IV, pag. 491; A. H, Leal. *Pantheon Maranhense*, vol. I, pag. 3 a 99.

litteratura e arte o maranhense era um classico, um espirito conservador. Isto demanda explicação. O nosso escriptor não póde ser considerado um representante do espirito do seculo XVIII; não descubro n'elle os fios rosados da corrente voltairiana e encyclopedista. Não é tambem um homem representativo do espirito da Restauração. Não diviso n'elle os fios louros dos influxos renovadores, o sôpro popular, o renascimento das tendencias nacionalistas, que constituem a gloria do romantismo. Intellectualmente Odorico ficou sendo um discipulo da universidade de Coimbra, um genuino representante do falso classismo portuguez de 1820.

Atirado de chofre na vida publica, faltou-lhe o tempo para engolphar-se no tumulto das renovações litterarias. Sua carreira nas letras, iniciada em Portugal em 1816, foi interrompida em 1824. Quando, mais tarde, voltou a ella, achou-se com os elementos antigamente colhidos, achou-se um classico atrazado. Em politica facil lhe foi seguir a intuição liberalisante da época.

Restam do escriptor maranhense artigos de jornal, raras poesias avulsas, as traducções da *Merope* e do *Tancredo* de Voltaire, das *Bucolicas*, *Georgicas* e *Eneida* de Virgilio, da *Iliada* e *Odysséa* de Homero.

A's traducções dos dois poetas antigos deve principalmente Odrico a fama que o cerca. Parece-me ir n'isto grande abuso. Como erudito, o melhor trabalho do nosso auctor é o opusculo sobre o *Palmeirim de Inglaterra;* como poeta, o mimoso *Hymno á Tarde.*

Pelo primeiro d'estes escriptos Odorico tomou parte, ao lado de Caetano Lopes de Moura e Francisco Adolpho Varnhagen, nas contribuicções brasileiras para o estudo da litteratura popular da peninsula hespanica. Pelo *Hymno á Tarde* tomou lugar entre os bons poetas; porque aquelles versos são os ultimos raios da tarde da velha escola, são o canto do cysne do classismo.

O opusculo ácerca do *Palmeirim* é um escripto technico, de caracter erudito e circumscripto a um ponto problematico da historia litteraria de Portugal. E' obra de certo valor e demasiado especialista para ser aqui analysada

O *Hymno à Tarde*, se me é permittido expor uma impressão individual, nunca o pude lêr sem boa e saudosa emoção.

O poeta estava longe de seu paiz, de seu lar, de seus parentes ; trouxe á memoria o viver passado, as scenas de sua terra os encantos de sua infancia, os contos á lareira, as saudades de seus amores, e escreveu estes versos, onde circula um não sei que de vago e dôce, que bem parece a essencia mesma da poesia :

« Que hora amavel ! Espiram os favonios ;
Transmonta o sol ; o rio s'espreguiça ;
E, a cinzenta alcatifa desdobrando
Pelas azues diaphanas campinas,
Na carroça de chumbo assoma a tarde...
Salve, moça tão meiga e socegada ;
Salve, formosa virgem pudibunda,
Que insinúas co'os olhos doce affecto,
Não criminosa abrazadora chamma !
Em ti repousa a triste humana prole
Do trabalhado dia, nem já lavra
Juiz severo a barbara sentença,
Que ha de a fraqueza conduzir ao tumulo.
Lasso o colono, mal avista ao longe
A irmã da noite, côa-lhe nos membros
Placido allivio : — posta a dura enxada,
Limpa o suor que em bagas vae cahindo...
Que ventura ! A mulher o espera anciosa
Co'os filhindos em braço e já deslembra
O homem dos campos a diurna lida ;
Com entranhas de pai ledo abençôa
A progenie gentil que a olho pula.
Não vês como o phantasma do silencio
Erra, e pára o bulicio dos viventes ?
Só quebra esta mudez o pastor simples,
Que, trazendo o rebanho dos pastios,
Com a suspirosa frauta ameiga os bosques...
Feliz ! que nunca o ruido dos banquetes
Do estrangeiro escutou, nem alta noite
Foi a porta bater de alheio alvergue.
Acha no humilde colmo os seus penates,
Como acha o grande em soberbões palacios.

Ali tambem no ouvido lhe estremecem
De mãi, de amigo os maviosos nomes ;
Conviva dos festins da natureza,
Vê perfazerem-se as funcções mais altas :
— O homem nascer, morrer, e deixar prantos...
Agora ia entre prados, após Laura,
O ardido vate magoando as cordas ;
E a selvatica virgem, recolhendo
A grave dôr christã, que a assoberbava,
Do mancebo cedia á paixão nobre,
Grande e sublime, como os troncos do ermo...
Ai ! misera Atalá !... mas rasga o fogo,
E o sino sôa pelas brenhas broncas.
Tarde, serena e pura, que lembranças
Não nos vens despertar no seio d'alma ?
Amiga terna, dize-me, onde colhes
O balsamo que esparges nas feridas
Do coração ? Que apenas dás rebate,
Cola-se a dôr ; só geras no imo peito
Mansa melancolia, qual ressumbra
Em quem sob os seus pés tem visto as flôres
Irem murchando, e a treva do infortunio
Ante os olhos medonha condençar-se.
Longe dos patrios lares, quem não sente
Os arrebóes da tarde contemplando
Um subito alvoroço ? Então pendiamos
Dos contos arroubados que verteram
Propicios deoses nos maternos labios ;
E branda mão apercebia o berço
Em que ternos vagidos affagava
Infausto annuncio de vindouras penas.
Sobre o poial sentada a fiel serva
Que vezes atentei chamando ao pouso
A ave tão util que arrebanha os filhos,
E adeja e canta, e pressurosa acode !
Co'a turba de innocentes companheiros,
Agora sobre a encosta da collina,
A casta lua como mãi saudavamos,
E supplicando que nos fosse amparo,
Em jubilosa grita o ar rompiamos.
Mas da puericia o genio prazenteiro
Já transpôz a montanha ; e com seus risos

Recentes gerações vai bafejando.
A quem ficou a angustia, que moderas
Oh! compassiva tarde? Olha-te o escravo,
Sopeia em si os agros pezadumes:
Ao som dos ferros o instrumento rude
Tange, bem como em Africa adorada,
Quando (tão livre!) o filho do deserto
Lá te aguardava; e o écho da floresta,
Da ave o gorgeio, o trepido regato,
Zunindo os ventos, murmurando as sombras,
Tudo, em cadencia harmonica, lhe rouba
A alma em magico sonho embevecida.
Não mais, oh musa, basta; que da noite
Os pardos horisontes se tingiram,
E me pesa e carrega a escuridade.
Oh! venha a feliz éra que da patria,
N'essas fecundas, dilatadas veigas,
Tu mais suave a lyra me temperes:
Da singela Eponina acompanhado,
Na escura gruta que nos cava o tempo,
Hei-de ao valle ensinar canções mellifluas.
Nos lindos olhos, nos mimosos beiços,
Nos alvos pomos, no ademan altivo,
Irei tomar as côres que retratem
Da natureza os intimos segredos.
Do ardor da esposa; do sorrir da filha;
Do rio que espontaneo se offerece;
Da terra que dá fructo sem o arado;
Da arvore agreste que na densa grenha
Abriga da pendente tempestade,
A sobre-olhar aprenderei haveres,
A fazer boa sombra ao peregrino,
A dar quartel a errado viandante.
Lá estendendo pelos livres ares
Longas vistas, nas dobras do futuro,
Entreverei o derradeiro dia...
Venha; que acha os despojos do homem justo.
Oh esperança, toma-me em teus braços;
Com a imagem da patria me consola! » (1)

Fôra possivel estabelecer comparações entre este e tantos

(1) *Minerva Brasiliense*, n. 12—de 15 de abril de 1844, pag. 367.

outros hymnos á tarde existentes em todas as litteraturas. O poeta maranhense não se sahiria mal do confronto. Entre nós bastante é lembrar a *Tarde* de Aureliano Lessa inferior aos versos de Odorico e o *Hymno á Tarde* de Bernardo Guimarães tambem mais fraco.

Quanto ás traducções de Virgilio e Homero tentadas pelo poeta, a maior severidade seria pouca ainda para condemnal-as. Ali tudo é falso, contrafeito, extravagante, impossivel. São verdadeiras monstruosidades. Nas traducções dos monumentos das letras classicas existem tres grandes questões a considerar : ha o lado scientifico propriamente dito, isto é, os problemas de philologia, mytographia, etc. que se prendem á cultura greco-romana ; ha a face linguistica, o maior ou menor conhecimento das linguas e da respectiva litteratura ; ha, finalmente, o prisma artistico, o talento, a capacidade poetica do traductor. O primeiro aspecto do problema foi pouco da alçada de Odorico; o segundo elle o conheceu; o terceiro faltou-lhe completamente.

Esta ultima face é que interessa assignalar. Em rigor as traducções em verso são verdadeiros jogos de paciencia inutilmente gasta. A poesia não se traslada sem perder a mór parte de sua essencia. Nas melhores condições a traducção poetica é sempre grandemente falsa. Essas melhores condições vêm a ser a posse por parte do traductor de grande talento poetico e de certo estado subjectivo em que sinta e reproduza em si, como obra propria e espontanea, a obra que traduz. A traducção deve revelar-se na leitura como trabalho autonomo e independente, somo se fôra producto original e assim primitivamente escripto. E' o que não se nota nas traducções de Odorico. Asperas, prosaicas, obscuras, assaltam o leitor aquellas paginas como flagellos.

O traductor atirou-se á faina sem emoção, sem enthusiasmo e munido de um systema preconcebido. O preconceito era a monomania de não exceder o numero de versos feitos por Virgilio e Homéro para provar a ideia pueril de ser a lingua portugueza tão concisa quanto o latim e o grego. Para obter este resultado esdruxulo e extravagante o maranhense torturou phrases, inventou termos, fez transposições barbaras e

periodos obscuros, jungiu archaismos a neologismos, latinisou e grecificou palavras e proposições, o diabo! N'um portuguez macarronico abafou, evaporou toda a poesia de Virgilio e Homéro.

E' abrir ao acaso e tropeçar a gente na peior das affectações, a affectação grammatiqueira, purista e pseudo-classica :

« Com taes razões lhe atiça o interno incendio,
O animo dubio alenta e o pudor solta,
Logo, em busca da paz, delubros correm ;
A Lieu e Phebo ovelhas matam bimas
E a legifera Ceres, mais que a todos
A' dos nós conjugaes fautora Juno.
Taça na dextra, a pulchra Dido mesma
De branca almalha pelos cornos verte-a,
Ou passêa ante os deuses e aras pingues ;
Sagra o dia a oblações ; consulta, as rezes
Pelos peitos abertas respirantes
Entranhas, congoxosa. Ai ! nescios vates !
Delubros, votos, á paixão que montam ?
Roe as medullas molle flamma, a chaga
No amago vive tacita. A rainha
Arde insana, infeliz vaguêa as ruas.
Qual cerva a quem de sibilante setta
O pastor, a atirar nos Cressios bosques,
Varou de longe incauta : ignaro a farpa
Volatil prega e deixa ; ella na fuga
Discorre as selvas e Dictéas matas ;
A lethal frecha ao lado se lhe aferra. »

(*Eneida*, IV, 55.)

« Fóra de si, da nova amarga acceso
Consta que supplicante alçara as palmas :
— Soberano, a quem brinda a Maura gente,
Banqueteada em marchetados leitos,
Reparas n'isto, ó padre ? ou com medonho
Troar, cegos fuzis, retortos raios,
Nos assustas em vão ? Mulher, que errante
Para exigua cidade em nossa extrema
Nesga foreira merca e ara uma praia,
Rejeitou-me e em senhor admitte Enéas !

E esse Paris, mandando uns semiviros,
Guedelha madida em Meonia mitra
Sob o mento enlaçada, o furto logra:
Templos encher-te, fomentar nos baste
Um oco nome! »

(*Eneida*, — IV, 220.)

Tu não menos, Caieta ama de Eneas,
Nossas praias morrendo eternizaste;
Guarda o lugar teu nome e se isto é gloria,
Na magna Hesperia os ossos te assignala.
O pio alumno, exequias celebradas,
Tumulo erguido, assim que os mares jazem,
A velejar prosegue e o porto larga.
Auras á noite aspiram, nem seu curso
Candida a lua nega; o ponto esplende
Ao tremulo clarão. Circèas terras
Costeam-se, onde lucos inaccessos
Com aturado canto a rica filha
Do sol atrôa, e nos soberbos tectos,
Odoro cedro em luz noctura queima,
Corre com pente arguto as finas têas!
Dali gemidos a se ouvir, e as iras
De horrentes leões cadêas recusando
E a deshoras rugindo, e nos presepes
Ursos raivar, sanhùdos grunhir cerdos,
E enormes vultos ulular de lobos;
Que a seva deusa, com potentes hervas,
De homens os transvestira em brutas féras,
Porque arribada o encanto a boa gente
Não padeça, nem toque as diras plagas,
Favoravel Neptuno encheu-lhe as velas,
E dos fervidos vaos a impelliu fóra.
Ja na arraiada roxeava o pégo,
Fulgia em rosea biga a ruiva Aurora:
Acalma o vento, nem se quer bajefa,
E tonsas luctam pás no lento marmore. »

(*Eneida*, VII, in principio.)

E' este o tom; simplesmente pedantesco e massudo. Este genero de traducções é que forneceu tão engraçados debiques a Rabelais.

A traducção da Iliada é cincoenta vezes peior : *os crinitos Graios*, *a clavi-argentea espada*, *os bronzeados bucos*, *as falripas*, *as adargadas hostes*, *os hastados socios de topete hirsuto*, *olhi-cerulea-crini-pulchra déa*, *a predadora Pallas pulchri-coma*, *os ungui-sonos cavallos*, *a crocea aurora*, *os solipedes*, *o urbi-frago Pellidis*, *a nuncia procelipede*, *a rija-eri-aguda lança*, *o vellocipede Achilles*, *a olhi-taurea Juno*, *o infrugifero ar*, *os Acheus amplo-comados*, e similhantes pragas atordoam por toda a parte.

Na traducção da *Iliada* ha versos assim :

« Do vertice do Olympo, mui gozosa,
Acerrimo o cunhado e irmão pugnando
A Auri-thronia descobre, e no da summo
Multi-mamante a Jupiter sentado,
Consorte aborrecido ; como o engane
A olhi-taurea cogita augusta Juno... »

N'este estylo esvaeceu-se de todo a poesia do velho Homéro As traducções de Odorico Mendes são injustificaveis ; este homem, aliás talentoso e illustrado, foi victima de um systema absurdo. Sirva-nos o exemplo e evitemol-o.

Francisco Moniz Barreto (1804-1868) reclama agora a attenção. Aos dezoito annos alistou-se como voluntario nos batalhões patrioticos da independencia. Já n'esse tempo era o que sempre foi, a mais assombrosa personalisação do talento improvisatorio que o Brasil tem possuido. Fez a campanha da Cisplatina, residiu no Rio de Janeiro até 1838. O resto da existencia, passou-o na Bahia, sua terra natal.

Nos dois ultimos decennios de sua vida, foi ali o centro de um movimento litterario assàs consideravel. Em torno do velho repentista figuraram Agrario de Menezes, Augusto de Mendonça, Junqueira Freire, Pessoa da Silva, Rodrigues da Costa, Gualberto dos Passos, Laurindo Rabello e muitos outros poetas de talento.

Moniz Barreto publicou em 1855, sob o nome de *Classicos e Romanticos*, dois volumes de poesias. O titulo da obra indica bem nitidamente que elle proprio se considerava um es-

pirito de transição entre as duas escolas litterarias. O livro não tem grande valor ; encerra as poesias *meditadas* e *escriptas* pelo poeta; são as suas composições mais fracas.

O que assignala a Moniz Barreto um lugar unico em nossa litteratura é o seu talento de repentista.

O defeito capital da critica moderna, defeito que bem prova não ter ella ainda se constituido em verdadeira sciencia, é a mania de cada critico, levado por suas predilecções, defender e justificar aquillo que lhe agrada e condenmar aquillo que lhe perturba os calculos e as predisposições. D'ahi o disparate de pretender cada critico reduzir a um só principio, a uma só força, á uma só face, o genio artistico e litterario. Cada qual vem com a sua receita e quer impingil-a como unica e infallivel.

Acontece ainda hoje com a critica o que se dava com a economia politica em meiados do seculo XIX. Diante da anarchia das discussões sobre valor, trabalho, preço, capital...........
Augusto Comte foi levado a lavrar sentença condemnatoria contra a sciencia economica. Pedro Proudhon fez mais, escreveu a interessante satyra intitulada — *Systema das contradicções economicas*. Assim, poder-se-hia escrever tambem um *Systema das contradicções litterarias e artisticas da critica*.

Ainda hoje ha quem se arrepelle e arrufe, discutindo com a maior seriedade d'este mundo meia duzia de theses antitheticas, verdadeiras charadas pedantescas, fatuas e inuteis. E' a escolastica da critica. Assim como a velha ontologia medieval discursava eternamente sobre *finito* e *infinito*, *relativo* e *absoluto*, *fórma* e *substancia* e quejandos problemasinhos futeis, agora a critica litteraria atufou-se improbamente na verbiagem perniciosa de saber se a arte deve ser — *pessoal* ou *impessoal*, *nacional* ou *cosmopolitica*, *ideal* ou *real*, *phantasista* ou *scientifica*, *individualista* ou *social*, *serena* ou *militante*, se consiste no *fundo* ou na *fórma* e outras antinomias e dicotomias parvas.

E não ha conter a turba dos discursadores. Em vão se lhes brada que a mór parte d'essas dicotomias são apparentes, que são facêtas de um mesmo facto, que é impossivel

amordaçar n'uma formula a variedade indefinida dos temperamentos artisticos; que a arte será pessoal ou impessoal conforme os meios, as epocas ,as organisações dos individuos, conforme elle chamar-se Byron — *o poeta da pessoa* ou Göthe — *o poeta do universo.* (1) Em vão se lhes demonstra que a poesia será nacional ou cosmopolitica, segundo a maior ou menor tenção da fibra patriotica ou das aspirações humanas, conforme o momento historico e attenta a indole da individualidade, se ella se chamar Camões — o poeta do patriotismo, ou Dante — o poeta da humanidade. Em vão se lhes grita que já se sabe o que se pode dizer pró e contra cada um d'aquelles pontos de vista; que todos elles afinal são justificaveis quando correspondem á verdade, quando são a expressão natural das individualidades que representam. Nada tem levantado tanta poeira com a estafada these da *poesia scientifica.* Os partidos do ponto de vista contrario a essa pretenção moderna pintam arte e sciencia como cousas antinomicas, *inimigas inconsiliaveis*, correspondentes a tendencias e factos psychologicos diversos no espirito humano. Têm fins, methodos e evolução de todo separados; são cousas *qui hurlent de se trouver ensemble...* Os outros redargúem, mostrando que os grandes poetas estiveram sempre na altura da sciencia de seu tempo; que a sciencia abre horisontes novos que provocam emoções novas aproveitadas pela arte; que são duas *amigas intimas*, que em nosso tempo devem andar de braço-dado, sob pêna de morrer mingoada e triste a mais fraquinha d'ellas, a arte... De um lado e d'outro ha erro. Em vão se lhes atrôa os ouvidos indicando a verdade de todos os tempos, a verdade definitivamente provada: a poesia aproveita apenas a intuição geral preparada pela sciencia.

Esta, modificando nossa concepção do mundo e da humanidade, produz fatalmente uma nova representação das cousas. Os allemães exprimem bem isto com os termos *Weltbegriff* — ideia, concepção do mundo, e *Weltvorstellung* — imagem, representação do mundo, ambos preparando a visualidade, a intuição, a maneira de sentir e pensar sobre o

(1) Expressão de Taine na *Historia da Litteratura Ingleza.*

mundo — *Weltanschauung*. Esta intuição é pura e simplesmente o que a sciencia pode prestar á poesia, e o presta necessaria e fatalmente. Quanto ao mais, quanto a uma poesia scientifica em sentido restricto e technico, é um desarranjo mental d'alguns mediocres, uma galanteria exactamente equivalente ao disparate de uma sciencia imaginativa e sentimental!...

E' a banalidade em verso, mas a banalidade massuda, pesadona, pondo-se a rimar systemas e theorias, pela mesma forma como os Flammarions e Jacolliots encobrem a curteza de sua cultura n'um palavreado petulante e desvairado. Taes ideias não me occorem a êsmo. Vêm a proposito do phenomeno psychologico perfeitamente observavel em Moniz Barreto: a diversidade de sua poesia quando elle a improvisava e quando elle a meditava e escrevia friamente. Se n'um mesmo individuo a faculdade emocionista e esthetica tem maior ou menor amplitude e intensidade conforme as occasiões e as tendencias naturaes do talento, e se o valor artistico está na razão directa do enhusiasmo, da paixão, da sinceridade, quero dizer, da fatalidade do sentimento, e na inversa da serenidade, da quietação, da frieza, da impersonalidade do espirito de analyse, de pesquiza raciocinada, segue-se que arte e sciencia são duas cousas distinctas, duas manifestações primeiras e irreductiveis do espirito humano. Consorcial-as em absoluto é produzir esses entes hybridos, teratologicos, què são a vergonha da litteratura do nosso tempo, pobres aleijões, que nem interessam ao raciocinio nem ao coração, nem aos sabios e nem ás verdadeiras almas poeticas.

Se alguem na litteratura universal mereceu jamais o nome de poeta philosopho e sabio, esse alguem é Göthe. Mas a sua grandeza, a sua superioridade unica está no equilibrio perfeito de suas faculdades excepcionaes. Göthe poeta nunca fez sciencia na arte; Göthe sabio nunca estragou sua intuição admiravel de naturalista e philosopho com phantasias aereas. Para a região da poesia elle levava apenas a sua poderosa visão genial de pensador profundo. E' por isso que *Erlkoenig*, *Der Fischer*, *der Kœnig in Thule*, *Mignon*, *Der Saenger* tem

sido e serão sempre os modelos impereciveis do *Lied*, e os dois *prologos* do *Faust* os modelos inexcedidos até hoje da poesia philosophica.

O phenomeno psychologico da improvisação em Moniz Barreto para ser bem comprehendido reclama o conhecimento do estado da poesia classica na Bahia nos primeiros cincoenta annos do XIX seculo. Tem-se feito ao repentista bahiano a censura de tractar a poesia como cousa festiva e de occasião. A arguição é insensata. O poeta tractou a sua arte justamente como seu temperamento e seu meio lhe ordenavam que a tractasse. Até os começos do XIX seculo a Bahia foi a cidade mais importante do Brasil. Ainda hoje sob mais de um aspecto nenhuma lhe disputa a primasia. Uma serie de circumstancias preparou esse resultado.

Durante quasi tres seculos foi o centro do governo; ali estabeleceu-se a nata da sociedade portugueza que veio residir na colonia; ali existiram os melhores collegios e seminarios, teve a Igreja e tiveram as ordens religiosas seus melhores representantes; ali deu-se o maior influxo de sangue do africano e não pequeno do indigena; ali foi o mais forte emporio do nosso commercio, a praça mais rica do paiz. Em nenhuma outra parte os diversos elementos que constituiram o nosso povo, se amalgamaram tão fortemente e produziram tão de prompto esse espirito peculiar que é o mais genuinamente brasileiro. Terra de festas, desde as de Igreja, com suas novenas e procissões, até as patrioticas ,com seus palanques e passeiatas; terra de sambas, com seus capadocios tocadores de viola e violão e cantadores de modinhas; terra das danças quentes e animadas como o inimitavel *bahiano;* dos bons quitutes, da boa cozinha; terra em que as classes populares tiveram sempre a vida mais folgada, ajudadas pelo clima e pela doçura dos costumes, a Bahia foi, por outro lado, a terra onde se desenvolveram Vieira, Gregorio de Mattos, Pitta, Cayrú, Cypriano Barata, Romualdo de Seixas, e muitos dos mais notaveis dos nossos estadistas.

Uma habil alliança entre o espirito das classes populares e o das classes mais elevadas influiu poderosamente no caracter dos bahianos.

Os outros provincianos não têm como elles a habilidade de ajudarem-se e triumpharem das difficuldades. Em todas as provincias, e especialmente na Capital, são sempre os preferidos; provocam até ciumes por isto. Em sua terra são senhores absolutos: « O Brasil é dos *brasileiros* e a Bahia dos *bahianos*. » E' ditado popular.

No sul do Brasil os nortistas são todos como se fossem filhos d'aquella provincia. « Tomára que já venha o *minuano* para acabar com estes *bahianos* » diz o gaúcho rio-grandense contra os nortistas que lhe fazem concurrencia lá na *patria*. O que deve ficar consignado é que na Bahia foram sempre muito vulgares aquellas festas em que a poesia podia tomar uma parte mais ou menos activa. Isto ajudou o espirito expansivo da população; ainda hoje a Bahia é a terra mais alegre do Brasil e as bahianas as mais espirituosas de nossas patricias.

Moniz Barreto desenvolveu natural e facilmente os germens poderosos de seu talento para os improvisos.

Sua poesia foi sim uma poesia de festas, fugace como o enthusiasmo de um momento. Na Bahia o velho costume classico dos oiteiros e certames poeticos achou sólo adequado e prosperou.

A poesia, como effusão festiva em natalicios, baptisados, casamentos, etc., prosperou tambem. E' cousa hoje fóra dos nossos habitos, e por isso a condemnamos. Será porém necessario condemnar a mór porção do lyrismo grego, por exemplo.

Basta lêr a monumental *Historia da Litteratura Grega*, de Otfried Müller, para ter-se a prova completa de ter sido a melhor parte do lyrismo hellenico de cantos nascidos n'aquelles actos e festas sociaes ou particulares.

Ha duzentas maneiras de poetar, e não vejo a razão porque se ha-de justificar o individuo esguio e pallido que se entrega á mania de encerrar-se n'um quarto, á luz mortiça de uma véla, a quebrar a cabeça alinhando alexandrinos, e condemnar o temperamento vibractil que n'um festim toma-se de enthusiasmo e traduz esse estado emocional em versos. O essencial é que estes revelem talento.

Nos de Moniz Barreto ha essa revelação. Era verdadeiramente admiravel no acto solemne de improvisar. Não se estorcia e arranhava como Bocage. Ouvido o mote, o poeta, que era um homem de altivo porte e physionomia sympathica, alguns momentos depois erguia-se, empallidecia fortemente e brotavam-lhe dos labios em declamação accentuada, nitida e nervosa, os versos correntes e limpidos como se fôram decorados. N'essa superexcitação especial o suor aljofrava-lhe a fronte; mas a serenidade apparente era perfeita.

Uma vez improvisados uns versos nunca mais os esquecia. Ouçamol-o em algumas glozas assim produzidas. Vai uma:

« Vêr... e do que se vê logo abrazado
Sentir o coração de um fogo ardente,
De prazer um suspiro de repente
Exhalar, e após elle um ai magoado.

Aquillo que não foi inda logrado,
Nem o será talvez, lograr na mente;
Do rosto a côr mudar continuamente,
Ser feliz e ser logo desgraçado;

Desejar tanto mais quão mais se prive
Calmar o ardor que pelas veias corre,
Já querer, já buscar que elle se active;

O que isto é, a todos nós occorre:
— Isto é amor, e d'este amor se vive;
Isto é amor, e d'este amor se morre. »

Bello soneto; e o seguinte não o desmerece:

« Se nos olhos da bella Eleonora
Não abrazasse o coração e a mente,
Poeta-rei da italiana gente
Tasso, o martyr de amor, certo não fora.

Se á fiel Catharina encantadora
Não votasse Camões amor ardente,
Não soára ainda hoje a tuba ingente
Das lusitanas glorias redemptora.

Poeta, dar-te o sceptro da harmonia
Só podem mago collo de alabastro,
Bocca que te abra o céo, quando se ria.

Ama, qual amou Pedro a linda Castro;
Amor é lume santo da poesia,
Poeta sem amor é céo sem astro. »

Ou ainda:

« Morre no prado a flor; a ave nos ares
Ao tiro morre de arcabuz certeiro;
Morre do dia o esplendido luzeiro;
Morrem as vagas nos quietos mares;

Morrem os gostos; morrem os pezares;
Morre occulto na terra o vil dinheiro;
D'encontro ao peito, que as apara inteiro,
Morrem as settas dos crueis azares;

Morre a luz; morre o amor; morre a beldade;
Na virgem morre a candida innocencia;
Morre a pompa, o poder; morre a amizade.

E', de morte synonimo a existencia;
No mundo é só perenne a sã verdade;
Só não morre a virtude, a intelligencia. »

Finalmente:

« E' seu rosto gentil, sua figura,
Da creação archetypo mimoso;
Quanto vemos de bello e magestoso
Resume-se na sua formosura.

Estrella que em céu limpido fulgura,
Rosa aberta em vergel delicioso,
Não tem o encanto do seu talhe airoso,
De seus olhos a luz serena e pura.

N'ella, contra a artistica affouteza,
Contra o pincel dos homens um sarcasmo
Quiz ao mundo atirar a natureza.

E o mundo inteiro estremeceu de pasmo,
Quando rara sahiu sua belleza
Das mãos de Deus no ardor do enthusiasmo. »

A verdade do improviso em Moniz Barreto é um facto authentico, presenciado por innumeras pessoas na Bahia. Aqui vae o testemunho de um jornal do tempo, trasladado quasi pelas mesmas palavras. Achava-se o poeta em caza do consul portuguez, onde igualmente estava Emilia das Neves, a talentosa artista, tão applaudida em nossos theatros. Conversava-se, quando o poeta, batendo aquellas palmas, que já no tempo de Bocage annunciavam os improvisos, compoz derepente este bellissimo soneto :

« Por sabios e poetas sublimado
Teu nome illustre pelo orbe voa ;
Outra Rachel no portuguez tablado,
Outra Ristori a fama te apregoa,

Ao teu poder magnetico, prostrado,
O mais rude auditorio se agrilhoa :
Despir-te a fronte da immortal coroa
Não póde o tempo, não consegue o fado.

De actriz o teu condão é sem segundo ;
Na scena, a cada instante, uma victoria
Sabes das almas conquistar no fundo.

Impéra, Emilia ! E' teu dominio — a historia ;
Teu solio — o palco ; tua côrte — o mundo ;
Teu sceptro — o drama ; teu diadema — a gloria. »

Ouvindo estes versos, tão valentemente inspirados, Emilia das Neves cedeu a um impulso natural e correu a abraçar o poeta, retribuindo-lhe a fineza com a expressão mais agradavel a uma fronte anciã, com um beijo. Foi o mesmo que abrir uma nova fonte de improvisos ; sem se deter um minuto, o poeta produziu as seguintes quadras faceiras e graciosas :

« Como, sendo tu das *Neves*,
Musa, que vieste aqui,
Assim queima o peito á gente
Um beijo dado por ti ?!

O que na face me deste,
Que accendeu-me o coração,
Não foi osculo de — *neves*,
Foi um beijo de *volcão*.

Neves — tenho eu na cabeça,
Do tempo pelos vaivens ;
Tu és só *Neves* no nome,
Té nos labios *fogo* tens.

Beijando não és — das *Neves;*
Do *sol*, Emilia, tu és ;
Como *neves* se derretem
Os corações a teus pés.

O meu, que — *neve* — já era,
Ao toque do beijo teu,
Todo arder senti na chamma,
Que da face lhe desceu.

Errou quem o sobrenome
De — *Neves* — te poz, actriz,
Que és das *lavas*, não das — *neves*,
Minh'alma, accesa, me diz.

Chamem-te embora — das *Neves;* —
Vesuvio — te hei de eu chamar,
Emquanto a impressão do beijo,
Que me déste conservar.

Oh ! se de irmã esse beijo
Produzio tamanho ardor,
Que incendio não promovera,
Se fôra um beijo de amor !...

Não te chames mais — das *Neves*,
Mulher, que abrasas assim ;
Chama-te antes das *Luzes*,
E não te esqueças de mim.

Se me promettes, Emilia,
De hora em hora um beijo igual,
Por sobre *neves* ou *fogo*
Dou comigo em Portugal. »

E' o testemunho insuspeito e irrecusavel de um jornal coevo do repentista. O talento, o dom improvisatorio depurou-se-lhe ainda mais com o crescer dos annos.

Os exemplos citados são eloquentes.

Muitos outros podera adduzir, se os que ahi ficam ainda não bastassem para dar uma vantajosissima ideia da força e do estylo poetico do repentista bahiano, illustre progenitor de uma familia de artistas, onde se contam um musico, como Moniz Barreto Filho e um poeta e orador, como Rozendo Moniz. (1)

Passemos a outro.

João de Barros Falcão de Albuquerque Marnhão (1807-1882). Foi um typo singular este. Idealista, phantastico, alimentou-se de chimeras durante sessenta annos.

Descendente de uma das mais antigas e illustres familias pernambucanas ,nasceu Barros Falcão em 1807, ao que presumo. Espirito mobil e enthusiasta, os movimentos revolucionarios de 17 e 24 deixaram n'elle uma impressão indelevel. A republica tornou-se para o joven irrequieto um sonho de todos os momentos.

Era um ideal platonico alliado por elle ao seu ideal artistico. Poeta e republicano desde o tempos da puericia, poeta e republicano sem rebuço desde os tempos do primeiro imperador, que duas terriveis condições para tornal-o infeliz ! E elle o foi... Posto em lucta com o seu meio, repellido de todas as posições, ludibriado, escarnecido, tornou-se uma notabilidade das ruas, um andarilho, a mais antiga e authentica manifestação do *bohemio* litterario entre nós. Não bebia, não caloteava, nem tinha outros maos vezos

(1) Os quatro primeiros sonetos que citei do repentista Moniz foram-me fornecidos por meu collega—o Dr. Rozendo. Este talentoso poeta publicou um interessante e aprofundado estudo sobre seu illustre pai.

adquiridos pelos individuos, que, como elle, acham-se em desesperada lucta com aquelles que os cercam.

Vicios, se os tinha, seriam de outra natureza ; era celibatario e vivia isolado. Pregava a republica, as reformas sociaes e politicas em um tom de convicção tão sincera e com uma eloquencia tão sentida, tão comunicativa, que deixava impressionados os conservadores e burguezes do Recife. Resolveram perdel-o définitivamente ; cobriram-no por toda a parte de ridiculo ; apellidaram-no de — *Barros Volcão*. Assim o denominaram constantemente desde 1831. Chegou a levar vaias publicas. Acabou louco. Vi-o muitas vezes no seu declinio. Curvo, envelhecido, macilento, já monomaniaco, tinha ainda raptos felicissimos.

Barros Volcão escreveu muitos versos de delicadissimo gosto romantico. Nunca foram publicados ; elle os recitava com certa difficuldade a quem muito lh'o rogava. Onde não se fazia rogar era no terreno da politica. Ahi estava sempre prompto a borbulhar em satyras e doestos ferinos.

De seus versos romanticos nada posso adiantar senão que eram de um lyrismo facil et brilhante. A seguinte quadrinha póde servir le amostra :

Se além do infinito, anjo celeste,
Eu podesse crêar um paraizo,
Teria a luz do sol n'estes teus olhos,
E a aurora do amor n'um teu sorriso !... »

Dos seus tempos de transição existem producções de merito de que a seguinte é um interessante exemplo :

« Da razão é lei sublime
Que se ame com singeleza ;
O que manda a natureza
Não se póde chamar crime.
O céu mesmo é quem imprime
Nos peitos esse almo ardor...
Longe o fanatico horror
Que a tantos povos illude !
Não é crime, antes virtude,
O crime que causa amor.

Quem terna paixão reprime
Esse sim, esse é culpado;
Mas amar e ser amado
Não se póde chamar crime.
Quem de perpetrar se exime
Terno crime seductor?...
O animal, a planta, a flor
Vivem de amorosa lida:
E' crime que nos dá vida
O crime que causa amor.

Systema que nos opprime
Chama delicto a innocencia;
Mas amor, de um Deus essencia,
Não se póde chamar crime.
Sigamos a lei sublime
Do supremo creador,
Gosemos o puro ardor
Que a natureza nos deu;
Se é crime, é crime do céu
O crime que causa amor.

Na voz da razão se exprime
A luminosa verdade:
Sacra lei da divindade,
Não se póde chamar crime.
« Humanos, eia! — segui-me »
Nos diz celeste mentor:
Crime dos céus é melhor
Do que as virtudes da terra;
E' crime que gloria encerra
O crime que causa amor.

São versos popularissimos em Pernambuco. Ha n'elles o começo da transformação do lyrismo rhetorico da velha poesia para o lyrismo pessoal e mais verdadeiro dos novos tempos.

O poeta deixou de sua phase classica um peqeno volume publicado em 1840 no Recife.

O livro compõe-se de uma silva de quadrinhas octosyllabas e de algumas epistolas em verso branco. Duas notas capitaes descubro ali : certa habilidade lyrica e certo des-

arranjo, um desequilibrio precursor do desmantelo futuro.

Esta ultima tendencia manifesta-se n'alguns exageros, como este :

« Quantas vezes beber ardente anhelo
De todas as serpentes os venenos,
E raivoso subir aos céos brilhantes,
Denodado apagar a luz de Phebo!
Esteril desespero! Inuteis dôres! »

Ou esta visão apocalyptica de louco :

« Perdendo da razão o eterno lume,
Vejo sempre Neptuno exasperado
Açoitando as estrellas scintillantes,
Em continua borrasca o mar fervendo,
E de um sorvo engulir milhões de mundos! »

A effusão lyrica apparece principalmente nas quadrinhas que se lêem no livro. O poeta começa lembrando os encantos de sua amada. Descreve-a ao sabor classico :

Em vastos jardins se ajuntem
As flores que o mundo tem ;
Quanto excede em brilho, em graças
A belleza de meu bem!

Que novo céo de alegria
E' seu rosto, tão formoso!
Não se sustem as estrellas
Ao seu olhar magestoso.

Bem poucos instantes brilha
Formosa aurora engraçada ;
Porém quanto excede á aurora
O esplendor da minha amada!

Ah! que vividas delicias
De seus labios se desatam,
E, serpejando entre elles,
Meus sentidos arrebatam!

No tom da frauta suave,
Por entre purpureos cravos,
A sua voz maviosa
Sai mais doce do que os favos. »

Não ha n'isto profundeza, apenas certa graça infantil.

O mesmo quando o poeta se lastima des rigores de sua amante. O tom é igual :

Cessai, lagrimas, um pouco,
De borbulhar e correr ;
Vou perguntar á Fortuna
Qual meu destino ha-de ser...

Nos ais que derramo afflicto
A minha alma se evapora ;
Nem mais meu peito respira,
Tyranna chamma o devora. »

No espirito desequilibrado do poeta as emoções tomavam aspectos exaggerados. Eis como phantasiava um beijo :

O' Beijo encantador, maravilhoso,
Se não houvéra um Deus, tu o formaras,
E c'o elle a terra, os céos e a Natureza.
Quando, entregue ao silencio deleitoso,
Eu contemplo, meu bem, os teus encantos,
O suave prazer, que sinto n'alma,
Mil tormentos produz, que não se extinguem.
O' Beijo seductor ! Beijo divino !
De ti procedem meus prazeres todos ;
Tua ausencia retrata-me da morte
O pavoroso horror, que gera infernos ;
Eterniza-se a vida e o Amor comtigo,
Sem ti o proprio céo volvera ao nada.
Vem, vem, querido Beijo, enlevo d'alma,
Restituir do amante a paz e a vida.
Formosa Tirse, minha Divindade,
Tu és o meu prazer, e o meu tormento.
Teu rosto encantador, dos céos imagem,
Os delirios d'Amor transforma em raios.

Que sobre o coração chovem de chofre.
O meu peito, meu sangue, as minhas fibras
No veneno engolfados do teu Beijo
Inda sentem seu fogo e seus transportes ;
E, apezar dos tormentos que os flagelam,
Minha alma, toda Amor, ternura toda,
De teu Beijo o veneno inda suppõe,
Ser mais doce, que o nectar deleitoso !... »

As melhores producções de Barros Falcão estão irremediavelmente perpidas. Este martyr do ridiculo está condemnado a fazer figura apoucada em nossa historia litteraria. O imperialismo burguez, que nos devorou, inutilisou-o para tudo. Depois de tel-o aniquilado, lançava mão d'elle como argumento a seu favor. « Qual republica no Brasil !... Só se fôr a republica de Barros Falcão e Borges da Fonseca !... » Era a voz geral ainda ha poucos annos.

O imperalismo enganou-se ; ajudada pelos erros d'elle, a ideia republicana progrediu e foi alastrando o paiz. Os Barros Falcões e Borges da Fonseca se contaram depois aos milhares. Apenas é licito dizer que nem todos os de hoje têm talvez a sinceridade do velho Barros, victimado por suas convicções. Elle merece uma rehabilitação, e sejam as palavras aqui consagradas á sua memoria o começo d'essa justiça posthuma.

Se Barros Falcão e Maciel Monteiro deram lustre a Pernambuco, em São Paulo um grupo de moços levantava-se valente. Augusto de Queiroga, João Salomé, Bernardino Ribeiro e Firmino Rodrigues Silva foram os iniciadores do movimento litterario na Faculdade juridica do sul. Foram dignos companheiros do mais tarde celebrado jornalista Justiniano José da Rocha.

Alguns poucos escriptos deixaram; mas offerecem optima opportunidade para o estudo da intuição litteraria dos moços brasileiros nos primeiros annos da regencia. De Augusto de Queiroga, Bernardino Ribeiro e Firmino Silva restam raras poesias e artigos jornalisticos d'aquelle tempo. De João Salomé Queiroga existem tres volumes impressos.

Vejamol-os.

ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA era mineiro; sua biographia é obscura. Crê-se que nascera em 1812 ou 1813. Morreu em 1855 em Diamantina ,onde deixou grande fama de orador e poeta.

Marca no XIX seculo na poesia brasileira a erupção do nativismo local, popular e sertanejo.

Seu irmão ultrapassou-o n'este sentido. A critica vê-se reduzida a tres ou quatro peças poeticas para aquilatar da intelligencia de Antonio Augusto.

E' impossivel comprehender e definir cabalmente um talento com tão diminutos elementos. A melhor das composições publicadas do poeta mineiro é uma *Lyra ao Sabiá;* é a melhor como documento da esthesia do auctor. Este revela-se um lyrista de indole objectivista e placida, sem grandes effusões, sem grandes ideas e sem grandes creações.

Tem sua ponta de rhetorico ; maneja bem o verso ; é habil e delicado :

« Tudo é silencio no bosque !
Que solitaria mansão !
Sabiá, cantando amores,
 Só povoa a solidão,
Em debil ramo, saudoso
Descanta, geme e suspira...
Ah ! junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
Teu canto melodioso...

Tua musica suave
E' doce como a lembrança
Que em desabrida tormenta
Fórma o nota da bonança :
Dize, tu cantas zeloso ?
Ou feliz amor te inspira ?
Ah ! junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
Teu canto melodioso...

Livrem-te os céos do ciúme,
Meu querido passarinho ;
E que a tua amante ingrata
Te menospreze o carinho.
Mas tu não cantas queixoso,
Amor teus versos inspira.
Ah ! junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
Teu canto melodioso...

Que accento que escuto agora !
Repete-o por piedade,
Alenta meu peito amante,
Mitiga minha saudade ;
Esse nome harmonioso
De novo estes ares fira !
Ah ! junta, cantor plumoso,
Junta aos sons da minha lyra
Teu canto melodioso »

E n'este estylo e tom prosegue a canção. Não lhe descubro grande valor esthetico ; seu valor é psychologico ; revela uma indole e indica um momento historico. O nativismo de Antonio Augusto foi o inspirador do de João Salomé e este é um precursor de Juvenal Galeno. Essa intuição será bem comprehendida no estudo do poeta mineiro ultimo citado.

Avistemo-nos com elle.

João Salomé Queiroga nasceu em 1810 ou 1811 ; morreu depois de 1880. Não seguiu o exemplo de seu irmão, que não publicou um só livro ; elle publicou tres : — duas collecções de poesias e um romance.

São publicações serodias e tardias; mas têm prestimo; são de 1870 e 73 ; porém encerram versos de 1829. O prologo do *Canhenho de Poesias Brasileiras* seria o prefacio de *Cromwel* do romantismo brasileiro, se fosse bem escripto e publicado opportunamente. Não appareceu a tempo ; é, comtudo, a fiel exposição do momento litterario entre nós em 1830. Salomé Queiroga foi bom mineiro, não mudou ;

foi sempre o mesmo; o que escreveu em 1870, podel-o-hia ter escripto quaranta annos antes.

E' indispensavel mostral-o; manuseando as provas: « Cerca de quarenta annos estão n'este volume; a descripção de um grande e continuado dia de festa, com pequenos intervallos de soffrimentos. A rosa tambem tem espinhos. Menino travesso a correr atrás de borboletas que nunca chega a apanhar, mas divertindo-se com isso: eis a historia de minha vida poetica... O desejo de metrificar despertou-se em mim em o anno de 1828 na cidade de S. Paulo. Ali se achavam reunidos, além de estudantes de differentes pontos do Brasil, alguns e não poucos, que voltaram de Coimbra para continuar seus estudos na Academia Juridica que se acabava de installar. Moços enthusiastas entretinham-se em palestras politicas e poeticas... Por esse tempo fundou-se uma associação litteraria, denominada *Sociedade Philomatica*, da qual coube-me a honra de ser um dos instituidores.

Foram socios d'ella, além de outros, os Srs. Fernandes Torres, Carneiro de Campos e Cerqueira, então lentes benemeritos da Academia... Em 1829 o corpo academico resolveu passar o dia de 7 setembro nas margens do legendario Ypiranga em festas ao anniversario do maior dia do Brasil.

Dos tres irmãos Queirogas o mais velho foi escolhido para fazer e recitar o discurso, panegyrico ao grande dia. E'-me impossivel descrever a impressão causada por aquella patriotica locução, principalmente quando, finalisando o orador, convidou a beijarem a terra da Independencia em homenagem ao inapreciavel beneficio que nos havia legado.

Foi uma explosão de bravos unisonos repetidos por mais de seiscentas boccas. Foi tal ou enthusiasmo que até eu animei-me a repetir perante aquelle respeitavel e illustrado auditorio um soneto que havia feito, minha primeira producção poetica, que só por essa razão a conservo e agora dou ao prelo. Em São Paulo compuz alguns versos eroticos. Nunca animei-me a publical-os; era justo este receio, pela comparação que então fazia com os versos de outros companheiros, entre os quaes sobresahiam Francisco Ber-

nardino Ribeiro e meu irmão Antonio Augusto de Queiroga que eram commigo os tres membros da commissão de critica da *Sociedade Philomatica...* Este seculo laborioso, forte e creador quer que a poesia seja religiosa, fecunda, agricultora, operaria e fraternal. Passou felizmente o tempo em que os poetas punham todo o seu cuidado em metrificar, de mistura com suas paixões e sentimentos, a risonha crença dos gregos. Era chegada a época dos brasileiros abjurarem essa religião, que haviamos herdado da metropole; ella estava sobre modo arraigada em nossos animos e costumes e bem tem custado os primeiros ensaios para essa feliz regeneração. » (1)

A historia consiste em comprehender; busque-se a comprehensão d'este trecho. O poeta começa por comparar-se a uma borboleta; sua poesia é-lhe um divertimento. O nosso mineiro tem razão; é essa uma das explicações da arte. No principio do XIX seculo ainda a decadencia da poesia franceza não tinha espalhado pelo mundo ser a arte uma obsessão morbida, inquieta, dolorosa. Ainda havia alguma serenidade nos espiritos e os poetas não se suppunham uns condemnados, uns forçados do soffrimento.

A bella explicação da arte formulada pela escola darwiniana e spencerista, como um prazer, um desprendimento necessario e saudavel da força accumulada, um jôgo, um brinco do corpo e do espirito, coaduna-se perfeitamente com o pensar e sentir do velho poeta mineiro.

Passa depois, no fragmento citado, a fornecer uns dados pessoaes e a indicação de seus feitos em S. Paulo, terminando por dizer que já ali, em 1828 e 1829, os poetas iam deixando de parte as *decrepitas ficções da mythologia grega* e volvendo as vistas para as scenas do paiz natal.

Esta revelação tem o valor de um facto historico. Assiste-se aos primeiros clarões do grande dia do romantismo e vê-se o modo como principiava elle a ser comprehendido. Para muitos espiritos então, e ainda hoje, o romantismo foi pura e exclusivamente o abandono das ficções classicas. E' uma explicação superficial e nociva, incapaz de esclarecer

(1) Do *Canhenho de Poesias Brasileiras.*

a indole e os impulsos da litteratura no seculo XIX. Discutir-se-ha isto em logar mais apropriado.

E' necessario, por outro lado, e agora mesmo, dizer que se o romantismo não esteve simplesmente no esquecimento da mythologia pagan, o nacionalismo não está especialmente na escolha de um assumpto patrio. O thema póde não sêr local e indigena, e sêl-o o espirito da obra.

Na grande tarefa, no rabalho secular da formação de um typo, de um caracter nacional, quando a litteratura começa a intervir n'este problema bio-sociologico, ella parte sempre do mais simples e concreto. E' natural; é impossivel até começar senão por ahi. O primeiro passo é partir do facto material de um assumpto local; a alma virá depois.

Em Salomé Queiroga havia já um pouco d'essa alma. O espirito de opposição á litteratura européa, elle o teve. A despreoccupação do purismo linguistico, elle a possuiu tambem conscientemente.

São palavras suas: « Dizem-me que sou accusado por deturpar a linguagem portugueza. Mais de uma vez tenho escripto que compondo para o povo de meu paiz; faço estudo, e direi garbo, de escrever em linguagem brasileira; se isto é deturpar a lingua portugueza, devo ser excommungado pelos phariseus luso-brasileiros. Escrevo em nosso idioma, que é *luso-bundo-guarany*....... Desgraçadamente existem ainda alguns escriptores brasileiros que se aferram á velha estrada portugueza. São dignos de lastima; nós devemos olhar para diante.

Estou persuadido de que as questões de fórma já foram todas encetadas entre nós. A fórma é cousa muito mais absoluta do que se pensa. E' um erro crêr, por exemplo, que um mesmo pensamento póde ser escripto de muitas maneiras, que uma mesma idéa póde ter muitas fórmas.

Uma idéa não tem senão uma fórma que lhe é propria, que é sua fórma excellente, completa, rigorosa, essencial, sua fórma preferida, que rompre sempre em globo com ella do cerebro do homem de genio. Assim nos grandes poetas, nada mais inseparavel, mais adherente, mais consubstancial que a idéa e a sua expressão. Matai a forma que mata-

reis a idéa...... Portanto, julgo que a arte que quizer viver deve começar por impor-se a si propria as questões de fórma, de linguagem, de estylo...... Nossa linguagem que tem sido até pouco tempo só portugueza, vai-se refazendo com os novos escriptores e para o futuro ella será outra bem diversa.

O gosto nacional é o grande acontecimento do fim d'este seculo, elle vai se apoderando de tudo, faz erupção por toda parte e tudo inunda.

Pintura, poesia, musica, todas as artes, todos os estudos, todas as ideias vão sendo levantadas pela benefica corrente do progresso; a lingua é uma das primeiras cousas de que ella se apodera. Em um momento enche-se e transborda de neologismos. Seu velho terreno portuguez desapparece debaixo de um montão sonoro e sympathico de vocabulos compostos de portuguez, bunda e guarany. Esta lingua nova é bella, ornada, agradavel, copiosa e inexgotavel em formas... E' uma lingua branda, elastica, agil, facil em atar e desatar a vontade todas as phantasiàs do periodo; uma lingua toda chamalotada de figuras e de accidentes pittorescos, uma lingua nova, sem sestro algum máo, que toma maravilhosamente a forma da ideia e que attrahe pela graça de estylo. E' uma lingua cheia de mudanças, de propriedades elegantes, de caprichos agradaveis, commoda e natural para a escripta; dando a todos os escriptores, ainda os mais vulgares, toda sorte de expressões felizes, as quaes fazem parte de seu fundo natural.» (1)

O poeta mineiro teve a intuição da evolução litteraria do Brasil; a indole das raças, a acção do meio deveriam forçosamente modificar a mentalidade brasileira. Outros assumptos e outra linguagem deveriam iniciar-se em nossa litteratura.

A lingua, considerada incontestavelmente a primeira actividade intellectual do homem e que serve de base a todas as outras, a lingua tem sido a primeira a ir se modificando entre nós.

Salomé Queiroga não foi um grande poeta; mas é um poeta apreciavel. Não passou de certa mediana; não teve

(1) Dos *Arremedos*—(*Lendas e Cantigas Populares*.)

a força, o calor, a lucidez dos artistas de boa seiva; porém possuiu o instincto local e popular. Esta é sua qualidade principal.

Todas as suas impressões e todas as suas producções traziam o sainete d'esse estado emocional. Por indole e educação, por gostos e tendencias, as fórmas de sua phantasia eram as fórmas do meio sertanejo de Minas. N'esta provincia a vida das cidades, não tendo a rudeza e grosseria dos altos sertões do norte, não chegaram ainda a esse abastardamento do caracter nacional que se nota nas grandes cidades da costa, especilmente no Rio de Janeiro.

Ali ha cultura litteraria cercada por todos os lados pelo espirito popular. Queiroga é comparavel a uma d'essas arvores medianas da flora indigena. Não assombra pelo porte gigantesco e pelo bracejamento apoplectico das ramagens; em compensação tem as fórmas, a seiva e os perfumes de um producto das selvas patrias. Seu maior defeito é certo humorismo semsaborão, proprio do mineiro, que o poeta espalhava em quasi todas as suas composições.

Em seus livros destacam-se quatro especies de lyrismos: pessoal, popular, lendario e satyrico. O estylo geral é um só. Em tudo predomina aquella nota especial que assignalei.

No lyrismo pessoal a singeleza e o tom placido predominam.

D'este genero podem-se citar, por exemplo, os versos — *A Izabel*, mulher do poeta:

« Mulher, meu anjo da guarda,
Meu thezouro, meu encanto,
Porque te amo inda agora,
Como outr'ora te amei tanto?

Porque meu peito cansado
E já da vida na tarde,
Por teu amor, ainda anceia
Na chamma d'amor em que arde? etc. » (1)

(1 *Canhenho*, pag. 126

E' uma poesia extensa, onde se lêem versos de um naturalismo familiar, como este :

« Mesmo cá distante eu vejo
Teus afagos, teus carinhos,
Matar do pae a saudade
Pensando os tenros filhinhos.

Qual cordeirinho, que brinca
Com a agua, que está bebendo,
Em teus braços reclinado
O Salinhos estou vendo,

A desfolhar melindroso
Com os labios, com a mãosinha
O tenro botão mimoso
De tua doce maminha.

Com simples gesto chamado
O traquino Salomé
Aprender sob teus dedos
A sciencia do A. B. C. etc. »

No que pertence ao lyrismo individual e amoroso deve-se ter muito cuidado com o velho Salomé. Grande porção de suas poesias são copiadas. Só das *Contemplações* de Victor Hugo encontrei as seguintes plagiadas: *La Coccinelle; Vieille Chanson du Jeune temps; Elle était déchaussée, elle était décoiffée; Mes vers fuiraient doux et frêles; Hier au soir; Nous allions au verger cueillir des bigarreaux; Je respire où tu palpites.*

São sete peças lyricas das mais bellas do poeta francez passadas deturpadamente para a lingua portugueza.

O plagiato n'uma litteratura deve ser notado como estudo das indoles e como prova da predilecção dos auctores. Não deixa, pois, de ter interesse apreciar o modo como o poeta brasileiro apoderou-se dos versos estranhos.

Não é mister transcrever as peças todas. A cópia foi completa, havendo apenas a substitução em alguns casos de

nomes locaes brasileiros aos nomes francezes. Ahi vão os versos da *Coccinelle :*

« Elle me dit : « Quelque chose
« Me tourmente. » Et j'aperçus
Son cou de neige, et, dessus,
Un petit insecte rose.

J'aurais dû — mais, sage ou fou,
A' seize ans, on est farouche —
Voir le baiser sur sa bouche
Plus que l'insecte à son cou.

On eût dit un coquillage ;
Dos rose et taché de noir.
Les fauvettes pour nous voir
Se penchaient dans le feuillage.

Sa bouche fraîche était là :
Je me courbai sur la belle,
Et je pris la coccinelle ;
Mais le baiser s'envola.

« Fils, apprends comme on me nomme. »
Dit l'insecte du ciel bleu,
Les bêtes sont au bon Dieu ;
Mais la bêtise est à l'homme. »

Queiroga tomou esta situação como se tendo dado com elle e escreveu assim a sua *Jatahy :*

« Ai ! meu Deus ! » Grita Chiquinha,
E mostra com a mãosinha
Morbido colo a alvejar :
Era a jatahy dourada,
Que pela alvura enganada,
Fôra alvos jasmins libar.

Quatorze annos fazia,
E sabio ou louco eu veria
Na idade em que se é cruel :
Em vez da maldita abelha
Nos labios, como scentelha
Um beijo vertendo mel

Qual cardial se revia,
Na bella purpura em que ardia
Parecia dizer — sim —
Em seu raminho pousado
E de lá bem debruçado
A olhar só para mim.

Nem cardial, e nem rosa
Na bocca fresca e mimosa,
Me souberam instigar;
Tirei d'alfombra nevada
A jatahy perfumada
E vi o beijo voar.

E a abelha dizer : « Mofino,
Meu nome é besta — eu te ensino
A lição p'ra outra vez.
São de Deus propriedade
As bestas, e a bestidade
E' do homem, como vês. »

São os versos de Hugo entremeiados de algumas dissonancias mineiras. Ainda mais :

Mes vers fuiraient, doux et frêles,
Vers votre jardin si beau,
Si mes vers avaient des ailes,
Des ailes comme l'oiseau ?

Ils voleraient, étincelles,
Vers votre foyer qui rit,
Si mes vers avaient des ailes,
Des ailes comme l'esprit.

Près de vous, purs et fidèles,
Ils accourraient nuit et jour,
Si mes vers avaient des ailes,
Des ailes comme l'amour. »

O mineiro tomou isto como dirigido á sua namorada e desandou-lhe a *Aza de Amor:*

O meu verso fraco e doce
Fôra a teu jardim, yayá,
Se meu verso allado fosse
Como o terno sabiá.

Fôra em chispas coruscantes
A teu risonho aposento,
Se tivesse azas brilhantes,
Azas como o pensamento.

Junto a ti a noite e o dia
Puro sempre em tua casa,
Fiel meu verso estaria
Se qual amor tivesse aza. »

Isto é positivo ; e devemos continuar, pois o attentado é aqui perfeitamente manifesto :

« Hier, le vent du soir, dont le souffle caresse,
Nous apportait l'odeur des fleurs qui s'ouvrent tard ;
La nuit tombait ; l'oiseau dormait dans l'ombre épaisse.
Le printemps embaumait, moins que votre jeunesse ;
Les astres rayonnaient, moins que votre regard.
Moi, je parlais tout bas. C'est l'heure solennelle
Où l'âme aime à chanter son hymne le plus doux.
Voyant la nuit si pure, et vous voyant si belle !
J'ai dit aux astres d'or : Versez le ciel sur elle !
Et j'ai dit à vos yeux : Versez l'amour sur nous. »

Contra este esplendido trecho da lyrica européa Queiroga arranjou a *Supplica*, dirigida a uma certa Lalá :

« A brisa da noite ali derramava
O cheiro das flores ; a lua era cheia ;
De luz e de aromas Lalá se inundava
Sósinha na horta sentada n'areia ;

E d'ella transuda louçan mocidade
Um cheiro mais grato que o cheiro das flores,
Seus olhos suaves me dão claridade,
Maior que a dos astros com seus mil fulgores.

Baixinho eu falava. Solemne essa hora
Suspira a nossa alma dulcissimo canto,
Em extase immenso no céu ella adora
De Deus a grandeza escripta em seu manto.

A noite é tão pura, Lalá é tão bella !
Aos astros da noite eu disse por fim :
Vertei assim puro o céu sobre ella,
Seus olhos que vertam amor sobre mim. »

O poeta mineiro teve o cuidado de antedactar suas composições; o livro francez é de 1856. *Supplica* traz a dacta de 1839. *Pitanga doce* vem com a dacta de 1834. Esta ultima é assim :

« Ao quintal qu'era distante
Nós fomos colher pitangas ;
Yayá, cansada, anhelante,
Collo nú, braços sem mangas.

Alvo lyrio avelludado
D'esses membros era a tez,
Porém de mais brilho ornado
Mais alvura e morbidez ;

N'elles meus olhos ardentes
Eu fixei absorto logo,
Ella a rir-se mostra os dentes
Entre dois labios de fogo.

E entre esses dentes d'esmalte
Toma a fruta, e os labios fecha,
Que presto e avido a assalte
Com peijo e delicias deixa.

Mas quando a meus labios veio
O sacrificio do peijo,
Ella treme com receio,
Dá-me a pitanga e o beijo.

Foi um momento divino
Cheio d'extase e de medo,
Que me dizia — malino,
Goza bem, porém, segredo. »

Agora Victor Hugo :

« Nous allions au verger cueillir des bigarreaux.
Avec ses beaux bras blancs en marbre de Paros,
Elle montait dans l'arbre et courbait une branche ;
Les feuilles frissonnaient au vent ; sa gorge blanche,
O Virgile, ondoyait dans l'ombre et le soleil ;
Ses petits doigts allaient chercher le fruit vermeil,

Semblable au feu qu'on voit dans le buisson, qui flambe,
Je montais derrière elle ; elle montrait sa jambe,
Et disait : « Taisez-vous ! » à mes regards ardents ;
Et chantait. Par moments, entre ses belles dents,
Pareille, aux chansons près, à Diane farouche ;
Penchée, elle m'offrait la cerise à sa bouche ;
Et ma bouche riait, et venait s'y poser,
Et laissait la cerise et prenait le baiser. »

A influencia estrangeira, especialmente franceza, é infelizmente uma grande força no caminhar de nossa litteratura. E essa influencia não se tem feito sentir sómente na adopção das doutrinas scientificas, philosophicas e litterarias. Tem chegado ao triste recurso do plagio vergonhoso.

A natureza d'este livro não permitte levar por diante o parallelo. Apenas incluirei aqui mais um especimen, que é um grande perigo para o historiador. A quem anda á cata de producções lyricas brasileiras, de verdadeiro estylo romantico, anteriores a 1836, e se depara uma bonita poesia como a *Saudade murcha em flôr*, dactada de S. Paulo em setembro de 1831, a descoberta parece inestimavel. Além d'isto, a scena pintada parece tão ingenua, tão espontanea, tão real, que fica-se a formar um alto conceito do talento do lyrista brasileiro. E, todavia, a dacta é falsa e não passa tudo de uma copia !

Eil-a :

« Fomos passeiar eu e Rosa
Na matta que guard'amores,
Eu falava em muita cousa ;
Sobre as arvores e flôres !...

Mas de gelo parecia ; —
Que contraste entre nós dois!
De Rosa o olhar ardia,
A perguntar-me — « Depois ? — »

Agua pura ali corria
Sobre musgos de velludo,
A natureza sorria
A dormir no mato surdo.

Tirou Rosa o sapatinho
Com ar de ingenua candura,
Poz n'agua o lindo pésinho,
Eu não vi do pé a alvura. —

O orvalho perolas dava,
Dava sombra o jatobá,
A araponga me trinava,
Rosa ouvia o sabiá.

Eu de quinze annos, severo;
Ella de vinte, a me olhar;
Sabiá dizia « quero — »
E araponga « ide ouzar »

Ella ergueu-se nos pesinhos,
Colheu um maracujá,
Que mãos! que braços alvinhos!
E nada disso eu vi lá...

Pela matta a acompanhava
Sem saber que lhe dizia;
Ella ás vezes suspirava,
Outras vezes me sorria.

Eu só vi que ella era bella
Ao sahir da mata virgem,
Só então!... — absorto a vel-a
Em estatica vertigem!

De amargo pejo os signaes
Eu vi nas faces de Rosa
« Não pensemos n'isto mais — »
Balbuciou-me chorosa.

Por mais que o tempo incessante
Sobre mim venha pesar,
Esse transe a todo instante
Vem meu peito magoar. »

Parece ser isto uma recordação da primeira mocidade; julga-se que o poeta, na facilidade do viver dos sertões, esteve com uma d'essas aves selvagens nas mãos, e deixou-a soltar-se por descuido... A scena era bem possivel. Rosa,

a joven mineira, esvelta e sadia, embrenhada na mata, suspirava por enlanguecer na molle alfombra, á frescura deleitosa, que se evapora das ramagens das arvores collossaes... Desfaz-se illusão; são versos francezes adaptados ao nosso meio :

« Je ne songeais pas à Rose ;
Rose au bois vint avec moi ;
Nous parlions de quelque chose,
Mais je ne sais plus de quoi.

J'étais froid comme les marbres ;
Je marchais à pas distraits ;
Je parlais des fleurs, des arbres ;
Son œil semblait dire : « Après ? »

La rosée offrait ses perles,
Le taillis ses parasols ;
J'allais ; j'écoutais les merles,
Et Rose les rossignols.

Moi, seize ans, et l'air morose ;
Elle vingt ; ses yeux brillaient,
Les rossignols chantaient Rose,
Et les merles me sifflaient.

Rose, droite sur ses hanches,
Leva son beau bras tremblant
Pour prendre une mûre aux branches ;
Je ne vis pas son bras blanc.

Une eau courait, fraîche et creuse
Sur les mousses de velours ;
Et la nature amoureuse
Dormait dans les grands bois sourds.

Rose défit sa chaussure,
Et mit, d'un air ingénu,
Son petit pied dans l'eau pure ;
Je ne vis pas son pied nu.

Je ne savais que lui dire ;
Je la suivais dans le bois,
La voyant parfois sourire
Et soupirer quelquefois.

Je ne vis qu'elle était belle
Qu'en sortant des grands bois sourds.
« Soit ; n'y pensons plus ! » dit-elle.
Depuis, j'y pense toujours. »

João Salomé mudou o titulo e a ordem das estrophes do original. Fez o mesmo ao nome dos passaros.

Pelo que se acaba de expôr não se queira desdenhar do poeta mineiro. Estas visitas a Victor Hugo podem ser desculpadas.

No lyrismo popular Queiroga teve algum merito; até certo ponto é estimavel.

Não é que se deva considerar verdadeira a solução por elle dada ao nosso nacionalismo litterario.

Similhante solução consiste em suppor um dever da litteratura patria o afferrar-se ella exclusivamente á descripção de typos e scenas das classes mais grosseiras e atrazadas do nosso povo : o caipira, o matuto, o tabaréo, o garimpeiro, o vaqueiro, o sertanejo, os typos incultos da roça em summa. Temos tido o *indianismo* e o *negrismo ;* entendeu elle que devemos ter tambem o *matutismo.*

Não ha nisso incoveniente ; em litteratura toda é licito, uma vez que seja espontaneo e tenha o cunho do talento. O que se deve é não dar ao *matutismo* mais valor do que elle tem na realidade, isto é, o de uma poesia inferior e local, mais ou menos apreciavel, segundo releva mais ou menos inspiração.

Queiroga escreveu diversas poesias d'esse genero. São preferiveis aquellas em que relatou algumas lendas e tradições. O *irmão Lourenço* e o *Menino Diabo* são d'esta especie.

São de simples caracter popular e descriptivo a *Negra*, o *Retrato da Capichaba*, a *Mulata*, e a *Lavadeira do Lucas*. Devem ser lidas ainda hoje; são anteriores ás de Juvenal Galeno e no mesmo tom.

Como satyrico era de uma mediocridade consummada o mineiro. Nem força, nem graça.

Francisco Bernardino ribeiro. Na serie de nossos poetas e escriptores mortos em verdes annos occupa este um logar conspicuo. Falleceu antes dos vinte e tres annos e teve tempo de estudar preparatorios, formar-se em direito, defender theses para o gráo de doutor, fazer concurso, tirar uma cadeira na Faculdade de S. Paulo, e escrever artigos e poesias pelos jornales !... Foi uma vida curta e demasiado cheia. Eis aqui as dactas principaes : nasceu aos 12 de julho de 1814; mtriculou-se em São Paulo no Curso juridico em março de 1830 ; publicou a *Voz Paulistana* em 1831 ; formou-se em 1834 ; teve o gráo de doutor em 35, foi nomeado lente em 36; falleceu no Rio de Janeiro a 15 de junho de 37. Era um talento serio, inclinado aos estudos politicos e juridicos; cheio de gravidade, não possuia a descuidosa e ardente imaginação de um grande poeta. Suas poesias são mediocres; declamatorias em essencia, falta-lhes o sentimento artistico. Em poesia não occultava suas preoccupações doutrinarias. O fragmento seguinte põe a descoberto seus gostos, suas leituras predilectas na poesia e revela a intuição dominante em São Paulo em 1831. O poeta escreve a um companheiro :

« Mas não comeces, Montaury, como usa
Gente de Lysia : — quadras namoradas,
Insipidas canções, cruéis idylios,
Magro soneto, cartezans bucolicas
São todo o esmero dos trovistas nossos.
Imita o Anglo excelso, o Gallo astuto,
E fitando na gloria audazes vistas,
Canta a nobre virtude, acções preclaras,
Amor de patria, destemidos feitos ;
Na lyra entôa não ouvidas vozes,
Sublime inspiração do estro divino.
Ou se o mundo real, tudo o que existe,
Te não esperta a mente, inflamma o espirito,
Da longa phantasia os campos ara ;
Cria dourados palacios, frescas sombras,
Apraziveis regatos, verdes campos,
Jardins amenos, deleitosos bosques ;
Ahi rindo do mundo e das desgraças,
Que rebentam da terra, a par dos fructos,

Abre teu coração a novos seres,
E novas sensações gratas acolhe;
Zomba de invejas, de ambições, de fastos.
D'essa alma, que affeições doces formaram,
Verte rios de gosto, de delicias,
E de sensibilidade amavel, terna;
Esmalta o universo das bellezas
Em que a mente borbulha; não, não percas
O germen que plantara a natureza.
Ahi tens o bello, o encantador Ovidio,
Que te dirija o passo, ahi tens o Ariosto,
Byron, Sterne, Garrett, honra dos Lusos;
Segue seus traços, colhe seus exemplos,
São d'aureas ficções mestres peritos.
Oh! como ideiam n'alma mil venturas,
Glorias sem conto, innumeras delicias!
Oh! como abandonando, estes martyrios,
Que no mundo real nos atormentam,
Buscam benignos, placidos prazeres,
A que Urania gentil só nos convida! »

Ribeiro foi um verdadeiro espirito de transição entre as duas escolas classica e romantica. O fragmento que se acaba de lêr o revela; elle paira entre as ficções antigas e as ousadias modernas.

Manda o seu companheiro fugir da imitação portugueza; mas aconselha-o que tome outros guias, soffra outros jugos.

Bem como na ordem social tivemos a escravidão, na esphera da litteratura temos sido um povo de servos. Os nossos mais ousados talentos, se nos aconselham o abandono da imitação dos portuguezes, instigam-nos, por outro lado, á macaqueação franceza; se nos bradam contra francezes, é para nos atirarem a inglezes ou allemães!

Tudo isto é nocivo, tudo é um máo aconselhar. Devemos estudar as litteraturas antigas e modernas da Europa como um recurso de cultura, como um estimulo para o espirito; porque alli estão os grandes monumentos da intelligencia humana. Tão sómente isto; não devemos imitar ninguem. Sejámos brasileiros; tiremos de nós mesmos um espirito, um genio, um caracter litterario. Anteponho este

conselho ao de Bernardino Ribeiro. Da Europa, especialmente da Inglaterra e da Allemanha, a cultura geral e nada mais. A alma deve ser nossa, deve ser americana.

E se não podermos passar de imitadores, de copistas, melhor é deixarmos de escrever.

Os versos citados do poeta fluminense denunciam sua theoria da arte. Elle incitava o amigo a occupar-se com os grandes e *destemidos feitos*, as *acções preclaras* que encontrasse no *mundo real*, e, se isto o não encantasse, *espertasse* e *incendesse* a mente, *arando* os campos da phantasia.

O poeta era um sectario do ideialismo em litteratura. Comprehende-se; era a doutrina mais corrente em 1830. E que não o fosse; tudo é justificavel em poesia.

Sob o ponto de vista do objecto a tres se podem reduzir as theorias sobre a arte. Uns entendem dever ser ella uma representação, uma copia da realidade; outros crêem dever fazer ella uma escolha, uma selecção na realidade; os restantes dão-lhe por obrigação phantasiar, crêar um mundo mais vasto e superior ao mundo real. Estas tres tendencias são tão antigas quanto o homem. Nenhuma d'ellas morreu ainda. Mudam de aspecto conforme a indole das épocas, e no fundo subsistem inalteraveis. Predomina esta ou aquella, n'este ou n'aquelle tempo, sem que a contraria deixe de existir a seu lado. Em o XIX seculo as tres formulas travaram renhidissimas luctas no dominio de todasas artes, e ainda recentemente encontrou cada uma abrigo e defesa nas obras de tres grandes espiritos e constituiu cada qual a manifestação esthetica de tres grandes escolas.

A doutrina da realidade pura, do documente humano authentico e vivo, é a formula suprema do materialismo n'arte. Ninguem a defendeu melhor do que Zola nos seus livros de critica.

A natureza, a realidade, o facto material e physiologico o jogo physico dos apparelhos organicos, a marcha fatal dos temperamentos, eis a base, a origem, os meios e o fim da arte. Fóra d'ahi impera o capricho, o acaso, a phantasia, o erro; não ha mais um criterio; começam os dominios interminos da falsidade.

Asegunda doutrina é no fundo a excellente theoria da arte formulada por Kant e desenvolvida por A. Comte e defendida em grande parte por H. Taine. Os factos concretos e isolados nada são, se d'elles não se tiram relações abstractas. A arte deve conciliar a verdade com a belleza; e a realidade crúa, no meio de suas imperfeições, não nos revela jámais a belleza plenamente realisada. Tirar dos factos concretos o typo ideal, o modelo supremo e inattingivel é o fim da arte. Fazer a selecção do ideial através do real, eis a grande tentação do genio.

Nem é isto uma obra phantastica, quando a propria natureza é a primeira a estabelcer infinitas gradações, quer no mundo physico, quer no mundo moral.

A terceira theoria teve um defensor admiravel no audacioso Schopenhauer, e Deos sabe quantas chispas de genio elle desprendeu de si para illuminal-a. A realidade é grosseira, mortificante e miseravel; o homem sempre e em todos os momentos, collectiva e individualmente, forceja por libertar-se da pressão incommoda e aviltante a que se sente condemnado. O mundo da arte é a região encantada da liberdade; ella é tanto mais perfeita, quanto mais nos affasta da realidade triste e mesquinha da vida. A arte é uma audaciosa corrigenda, que o homem, Prometteu encadeado, impõe ao mundo feio e deprimente a que o prendera um destino cruel. Achamos acanhada a realidade e sonhamos um mundo melhor.

Bem se vê que esta doutrina é mui susceptivel de defeza. Bernardino Ribeiro, sem o saber, compartilhava da theoria do famoso philosopho de Francfort.

Do moço poeta e escriptor restam alguns pequenos trabalhos em prosa de que devo dar uma ideia. Dentre fragmentos litterarios, politicos e juridicos, prefiro destacar a *lição de abertura* do curso de Direito Criminal, pronunciada em abril de 1836.

Dá uma noção do estylo e das ideias do moço professor e serve de amostra da concepção do direito penal entre nós na primeira metade do seculo XIX.

O *mestrinho*, assim o appellidavam, abriu a sua aula com este discurso :

«Chamado para conduzir-vos no estudo do direito penal brasileiro, cumpre-me, senhores, attrahir vossa attenção para a materia que vai ser o assumpto de minhas prelecções e de vossa meditação, e dest'arte interessar-vos no desenvolvimento das altas questões da jurisprudencia criminal.

Vastas, importantissimas são sem duvida estas questões ; ellas abrangem a sociedade inteira, e a sociedade vive, senhores, e prospera, porque em todos os seculos e em todos os paizes uma solução qualquer lhes tem sido dada. Correi os olhos pelo espectaculo immenso que vos offerece o mundo do homem, reflecti em todas as portentosas producções do genio altivo da humanidade, prescrutai os segredos dos seculos, revolvei os depositos preciosos que umas ás outras as gerações transmittem, e dizei-me depois que scena ha'hi mais augusta, solemne e magestosa, que espectaculo ha'hi mais grandioso do que esse, que apresenta o exercicio da justiça humana ! Não é o homem a subjugar a natureza, não é a intelligencia dominando a força, não é a liberdade que submette automatos ; é o homem que subjuga outro homem, é a intelligencia dominando vontades, é a liberdade a submetter paixões, em fim é a justiça governando a terra; a justiça, a mais gloriosa das ideias do homem, a mais soberba de suas concepções, o mais alto de seus pensamentos, porque seu typo é a Divindade !

Filha primogenita da razão humana, inseparavel companheira da religião, a justiça, senhores, virgem errante nas florestas, ajudou a levantar a choupana do barbaro, e a tenda pastoril do nomade ; menos perturbada depois sentou-se á porta do pastor e do agricola, e guardou-lhes o rebanho e a seára. Eil-a que abandona os desertos, reúne os homens, eleva as cidades, constitue os estados, e em premio lá lhe atiram a toga dos consules, aqui o diadema dos Cesares, ali o sceptro dos reis, acolá a marraque dos caciques ; entra e dicta leis no areopago, senta-se na cadeira curul, preside aos comicios, óra no senado, suas palavras são escriptas, e suas palavras são o oraculo das nações. Ella é a lei.

Mas que, senhores ! Terá a justiça governado por si só a terra ? Não : a justiça tem inimigos, assim como tudo o que é grande e maravilhoso no homem ; as paixões armam-se contra ella com todas as forças do genio da maldade ; os crimes tambem aspiram ao sceptro. Pois bem, n'esse conflicto atroz, em que a humanidade periga, arme-

se tambem a justiça, rodêie-se de forças, levante o cutelo vingador do crime, constitua-se penalidade. E o que é a penalidade senão a mesma justiça ladeada de todo o cortejo das forças sociaes ?

Senhores ! o homem é o maior inimigo do homem ; cumpre desarmal-o para viver com elle ; a pena é esse pacto singular que liga o homem social ao barbaro, a condição essencial da sociedade humana, a garantia sagrada de sua existencia. Aboli em uma sociedade qualquer o systema penal, desarmai a autoridade, e tereis dest'arte quebrado o talisman mysterioso, que converte o egoismo interesseiro em virtudes sociaes, e totalmente aniquilado a sagrada influencia das leis.

Mas eu vos disse que a justiça é uma concepção da intelligencia humana, que a penalidade é um systema. Toda a concepção tem uma historia, todo o systema tem uma theoria ; não ha mesmo um só facto na natureza que o homem não possa sujeitar ao dominio da intelligencia : a justiça penal não póde ser exceptuada, ha de forçosamente ter uma historia e uma theoria.

Sua historia senhores, sua historia é como todas as outras, é a narração do progresso das faculdades humanas ; agora continuo e accelerado, d'ahi a pouco incerto, expirando quasi, depois revivendo, qual a phenix do deserto, cheio de brilho e de esperanças.

Deixemos de parte a Grecia e o Oriente : o mundo oriental e o grego têm mais existencia para nós nas recordações da memoria e nas illusões magicas da phantasia, do que em beneficios reaes que nos hajam legado. Dracon com a inflexibilidade de suas leis de ferro que a nada se amoldavam, que puniam igualmente toda a sorte de crimes mostrou que não conhecia o coração humano, e decretou, sem o querer, a impunidade dos delictos menos graves. Lycurgo, suas leis, sua republica fórmam uma anomalia historica, que não teve modelo, que ainda não teve cópia, que não a terá sem duvida, porque o governo monacal de Lacedemonia nenhuma semelhança tem com as sociedades de agora. As leis de Solon são as mais celebres da Grecia ; o philosopho de Athenas conheceu melhor os homens, procurou proporcionar as penas aos delictos, foi mais humano ; todavia, nem nas leis de Solon, nem nos escriptos dos sabios gregos se encontra uma doutrina penal.

A legislação n'esses tempos, e mesmo até muito depois, foi a partilha da erudição, um ramo de litteratura e de bellas-letras, mas não uma sciencia : moral, religião, justiça, tudo estava confundido ; nenhum determinado limite, nenhuma discriminação fixa, nenhuma fórma regular de processo, nenhuma theoria scientifica ; tudo caprichoso, tudo á mercê do legislador ou das facções do momento.

Apezar do impulso immenso que teve no mundo romano a sciencia governativa, apezar dos preciosos cabedaes legados em seus codigos á legislação civil dos povos vindouros, apezar da necessidade urgente que sentio o povo rei de bem governar tantas nações diversas, e de fazer respeitar no orbe a dignidade do cidadão romano, ainda assim a penalidade pouco teve que apurar nesse ultimo cadinho da humanidade antiga. A mesma confusão lavrava; as theorias pouco se adiantaram; a jurisprudencia penal não teve um codigo seu, que a independentisasse dos outros ramos da sciencia social, além disso penas atrozes ou desproporcionaes se applicavam; acções socialmente innocentes foram punidas; falsas relações moraes foram arbitrariamente estabelecidas pelo poder: todavia, o processo melhorou, um proceder franco e nobre, digno da magnanimidade romana, presidio ás investigações da justiça, e a humanidade, aliás atropellada no furor das batalhas, não gemeu sob a suave protecção das leis do imperio.

Ella guardou-se para gemer nessa época posterior de calamidades, em que a heresia foi o primeiro dos crimes, a tortura a mais segura das provas, e a roda o mais suave dos castigos. A razão perturba-se ao comtemplar tantos horrores accumulados nessas eras em que o fanatismo invadiu os tribunaes, em que milhares de *processos-monstros* se intentaram, em que milhares de victimas compraram nas labaredas a liberdade das crenças!

Eu falo, senhores, dessa época singular, em que por um extraordinario contraste estavam com crimes e desgraças envoltos todos os elementos da civilisação moderna, dessa època de fermentação, unica na historia em que as tradições do imperio, os sentimentos do barbaro, e as esperanças de uma religião nascente deviam amalgamados produzir alguma cousa nova, alguma cousa, senhores, que se resentisse das tradições do imperio, dos sentimentos do barbaro, e das esperanças brilhantes do christianismo! Dess'arte, senhores, a media idade nada mais foi do que um vasto laboratorio onde religião, philosophia, direito, tudo devia depurar-se para reapparecer com feições diversas, animadas com toda a força esperançosa da mocidade; ella não foi senão o campo immenso em que o génio da humanidade fez as experiencias do futuro.

Assim, por isso que tudo se achava confundido e em elaboração, o christianismo se elevou entre os povos da media idade como uma potencia vaga, indefinida por abranger a sociedade inteira, perigosa e formidavel por unir os poderes do seculo aos recursos inexhauriveis da crença, por calcar a cruz da tiara sobre a usurpada corôa dos reis; de outra parte a escolastica baralhou todas as ideias

philosophicas, constituio-se a sciencia do poder da igreja, o phantasma amedrontador do espirito humano; a legislação desenvolveu todos os furores do fanatismo e da ignorancia e o apoio do sacerdocio foi o braço secular do Vaticano.

Mas, senhores, a elaboração foi vasta, seus resultados foram extraordinarios ; e assim como o christianismo devia reapparecer mais brilhante, menos usurpador, tendo só por abrigo e imperio o sanctuario da consciencia ; assim como a escolastica devia converter-se em philosophia, e deixar ao espirito toda elevação e hardimento de suas concepções, assim tambem mais illustrada, mais humana, menos caprichosa devia surgir a legislação no meio da sociedade moderna, sem penas atrozes, delictos imaginarios, fórmas de processos barbaras, torturas nas provas e fogo nos supplicios. Era preciso que a humanidade atravessasse nove seculos, que Bysancio baqueasse ante o alfange mahometano, para que tamanhos resultados se conseguissem, para que a sociedade nova se declarasse emancipada. Ideias, philosophia, religião, tudo soffreu, como devia, uma reforma total, e a Europa dentro em pequeno prazo não se reconheceu a si mesma. Todavia, o systema penal de quasi todos os paizes ia ainda conservando os habitos de sua antiga ferocidade : lêde o liv. 5.º desse codigo que Philippe III deo á nação portugueza, e vêde como ainda no seculo XVII a jurisprudencia penal vacillava incerta e sem bases fixas. Só a Inglaterra, apezar da barbaridade de seus estatutos penaes, repousava sua segurança no bom senso de seu povo, e nas garantias que até hoje lhe offerece essa instituição preciosa que guarda a liberdade dos Inglezes, o jury, planta que talvez myrrhe em outros climas, mas que ao menos é a mais frondosa e abrigadora dos campos de Albion. Mas emfim a philosophia moderna devia tambem regenerar a sciencia da legislação. Montesquieu propoz a discussão, e as questões sociaes foram dadas para a ordem do dia da Europa. Todavia no *Espirito das leis* a synthese suffocou a analyse ; o genio vasto de Montesquieu tinha apenas pairado sobre as summidades da sciencia, não tinha descido aos pormenores da especulação penal. Cumpria observar as monstruosidades do processo antigo e extirpal-as ; cumpria dissecar a acção do homem para relacional-a com os interesses sociaes, e ainda mais cumpria ir arrancar ao coração humano o segredo do delicto, pesal-o, combinal-o, e fórmar a escala completa dos gráos da penalidade. Realizar esse pensamento, o unico regenerador da sciencia, estava reservado ao genio brilhante da Italia. Beccaria foi seu primeiro interprete. O pequeno tratado dos *Delictos e das penas*, senhores, é um monumento ; ali se inscreveram os programmas de legis-

lação futura, ali se apontaram as necessidades que tinha creado o seculo da philosophia.

Vede o espantoso effeito que produziu esse livro : Voltaire faz-lhe o commentario, Diderot, d'Alembert, Hume, Frederico, os Encyclopedistas todos o elevam ás nuvens; Beccaria absorveu por um momento a attenção da Europa. Mas senhores, o livro de Beccaria, como vos disse, é apenas um programma. As questões ali mencionadas, e outras ainda não apontadas deviam ter largo desenvolvimento. Filangieri, Pastoret, Brissot, Pagano, são os grandes homens da sciencia ; elles prepararam essa opinião publica que devia ir dominar na assembléa constituinte da França revolucionada, essa opinião formidavel diante da qual foram por terra as columnas gothicas do edificio antigo, essa opinião emfim que já tinha sido escutada pelo rei de Sardenha, pelo grão duque de Toscana, e por Catharina — a grande. E com effeito, senhores, essa opinião dominou na França ; o codigo de 1791 é na verdade um fructo d'essa epoca, feito com todo o enthusiasmo do bem, com toda a inexperiencia do mal : os legisladores eram os ardentes conquistadores da Bastilha ! Além d'isso elles desconheceram a gradação completa das penas ; foi o maior de seus erros. Mas no entretanto lá se elevava na Gran-Bretanha um homem que por si vale Filangieri, Brissot, Pastoret, e a assembléa constituinte. Esse homem, senhores, é Jeremias Bentham. Theorias novas e as mais completas que temos, nomenclatura riquissima, unidade scientifica, intimo relacionamento com as outras partes da jurisprudencia, tudo devemos a este celebre jurisconsulto. Restaurador do grande principio da *utilidade*, o philosopho inglez nem por isso compromette a certeza de suas doutrinas.

E' bello na verdade vel-o com a perspicacia immensa de seu genio, com a valentia de sua dialetica, examinar os elementos de um delicto, ou a natureza de uma pena ; é então que elle alardeia os recursos infinitos de sua intelligencia.

Foi elle quem nos deu noções claras dessa, ha tanto apregoada, mas nunca cumprida proporção dos delictos com as penas ; foi elle emfim quem completou a theoria da prevenção dos crimes. Estudai-o, pois, que pela maior parte suas obras servirão de base para as prelecções desta cadeira.

Depois de Bentham as nações estão habilitadas para legislar ; as ideias de Bentham são até hoje as balisas da sciencia. Os redactores do Codigo Penal de Napoleão, Fodéra, Rossi, Lucas e Bavoux, esclarecem certos pontos, e quanta luz não derramam sobre os progressos da penalidade ! mas não formaram systema novo nem theoria

especial. Foi nessas mesmas ideias que se baseou o codigo penal francez; nas mesmas theorias se baseou o nosso codigo, que podemos com ufania chamar em alguns respeitos a ultima expressão da penalidade moderna.

Vindo por ultimo, podendo aproveitar todos os esforços dos sabios europeus, promulgado em um paiz sem castas, sem privilegios, onde nenhumas antecipações, nenhuns preconceitos se oppunham ao dominio de todo o trabalho dos seculos, o *ultimatum* das esperanças da humanidade.

Mas faltou-lhe um dado, faltou essa experiencia sem a qual não ha perfeição. E como legislar para um povo sem saber seus usos e costumes, suas ideias e sentimentos? Como acertar em uma legislação nova sem um compromisso com o passado?

Sim, senhores, o passado era medonho; era a media idade no seculo XIX; o presente constituiu-se summamente sereno, sobretudo para um povo que ainda tem tantos habitos de barbaridade, legado fatal de seus antepassados. A experiencia, porém, vem vindo com o tempo e reformas se elaboram no seio da representação nacional.

Oxalá possam ellas conseguir o grande fim de nossos trabalhos, conciliar o amor ao homem com o horror á impunidade! Até aqui a historia, senhores. Mas eu vos disse que ha tambem uma theoria. Poder-vos-hei eu, porém, neste momento fazer á theoria o mesmo que fiz á historia? Não. O estadio deste discurso é summamente curto.

A theoria é vasta, porque ella é a razão de todos os factos; e demais esse vai ser o objecto de nossos estudos em todo este anno.

Então é que vos guiarei no estudo profundo da natureza do crime e dos seus autores; então vos mostrarei quaes as circumstancias que absolvem o delinquente, quaes as que denunciam a perversidade, quaes emfim as que elevam ou abatem o thermometro dos crimes. Então exporei a bella theoria das satisfações, e vos conduzirei ao intrincado e triste labyrintho das penas; depois indicarei suas diversas applicações, e por fim entraremos no oceano do processo criminal, tão vasto e tão agitado, cujas margens oppostas talvez não possámos divisar. Basta: eu vos tenho offerecido os dados precisos para julgardes da importancia da sciencia. Cumpre agora que fale de mim e de vós: mas que vos direi eu de mim? Vós todos me conheceis; ainda hontem vosso companheiro, elevado hoje ao magisterio, não tive ainda tempo de sazonar minhas idéas: urge confessal-o, e, com toda a singeleza d'alma, um dissabor me acompanha no meio de jovens tão esperançosos, é a consciencia que tenho de minha debilidade intellectual, a desconfiança que nutro de minha

idade, a convicção em que estou de que nunca poderei satisfazer á sinceridade de meus desejos, e aos ardentes votos que faço pelos progressos de vossa illustração.

Que direi de vós ?

Certo de vossos principios de honra, fiado em vosso antecedente procedimento, só vos recommendo uma cousa, porque essa nunca se recommenda demasiado : — o estudo.

Convencei-vos de que só pelo aturado estudo é que se chega á perfeição, porque o estudo é a chave do sanctuario da sciencia ; e lembrai-vos emfim das palavras de um celebre professor : « *só pelo exercicio varonil do pensamento é que a mocidade póde subir á altura dos destinos do seculo* XIX. » (1)

Com todos os seus defeitos, e apezar d'elles, este discurso tem valor, como producção de um moço de vinte e dois annos. E' muito superior ao afamado discurso de Alvares de Azevedo, pronunciado onze annos mais tarde em S. Paulo mesmo, e que principia pelas palavras :

« Quando lá da mãi-patria da civilisação moderna... etc. »

Em Bernardino Ribeiro a faculdade predominante era a reflexão ; Alvares de Azevedo era mais poeta.

Bernardino teria dado um grande professor e provavelmente um notavel escriptor politico.

Suas faculdades eram d'aquellas que demandam o tempo para enriquecer-se e prosperar.

Azevedo fez bem em morrer cedo ; a sua melhor poesia foi sua morte mesma. Se continuasse a viver, ter-se-ia desmantelado irremediavelmente ao galopear tumultuario de seu seculo.

Sua poesia sentimental e aerea não resistiria aos embates do tempo. Producto enfermiço, deveria durar um momento, e assim aconteceu.

Eis porque prantear a morte de Ribeiro é explicavel, e lastimar o prematuro fim de Azevedo é um contrasenso.

O discurso do *mestrinho* tem defeitos, disse eu, e é verdade.

Aquelles erros sobre a evolução do direito na Grecia, a que elle nega influencia no mundo occidental, aquella

(1) *Minerva Brasiliense*, pag. 583.

incomprehensão de Lycurgo e do genio politico dos Dorios, para não falar nas vistas estreitas sobre Roma e a idade media, são imperdoaveis.

A concepção mesma da pena como um pacto era já em 1836 um atrazo. Mas ha clareza, ordem e boa exposição no discurso; anima-o um sopro liberal bastante intenso; ha, apezar das imitações, certa elaboração propria, conhece-se que se está ouvindo um espirito pensador.

Ainda hoje os lentes das nossas faculdades juridicas, com excepção de muito poucos, não attingem aquella altura.

Firmino Rodrigues Silva (1816-1879). A litteratura do Brasil é em grande parte, na maxima parte, uma collaboração de vadios, ou de infecundos.

Nas paginas de sua historia ha de figurar sempre e sempre um grande numero de sujeitos que deixaram tres ou quatro poesias, tres ou quatro artigos de prosa, e nada mais.

Entre nós ha tal poeta, cujo titulo de benemerencia é uma só poesia. Odorico Mendes é o poeta do *Hymno á Tarde ;* Rodrigues Silva é o poeta da nenia *Nictheroy.* Como riscar este homem de nossa historia litteraria, se sua producção *maitresse* é um dos mais saborosos fructos da poesia nacional ?

Firmino Rodrigues Silva era fluminense, nasceu no anno de 1816. Estudou direito em S. Paulo, formando-se em 1837. Atirou-se á politica, foi jornalista de algum merito, ainda que inferor a Justiniano da Rocha. Era conservador e acabou senador do imperio.

Não dispunha do talento oratorio e talvez por isso deixou de representar saliente papel na alta politica. Quando estudante em S. Paulo escreveu muitas poesias, que foram parar em mãos d'estranhos e perderam-se.

Resta a celebrada nenia ao fallecimento de Bernardino Ribeiro. Traz a dacta de S. Paulo em 15 de setembro de 1837.

Eil-a aqui :

« Nictheroy , Nictheroy, que é do sorriso
Donoso da ventura, que teus labios
Outr'ora enfeitiçava ? Côr de jambo,

Pelo sól destes céos enrubecido,
Já não são tuas faces, nem teus olhos
Lampejam de alegria. Que é da c'rôa
De madresilva, de cecens e rozas,
Que a fronte engrinaldava? Eil-a de rojo
Trespassada de pranto, e as flôres murchas
Mirradas pelo sopro do infortunio.
Uns ais tão doloridos, tão magoados,
Quaes só podem gemer dôres maternas,
Deshumanos pungindo os seis d'alma,
Franzem-te os labios co'o sorrir d'angustias.
De teus formosos olhos se desatam
Dois arroios de lagrimas; tu choras,
Desventurada mãi, a perda infausta
Do filho teu amado, e que outro filho
Mais sincero chorar ha merecido?
Da noite o furação prostrou tremendo
Audaz jequitibá, que inda na infancia
Co'a cima excelsa devassava as nuvens!
Eu o vi pelos raios matutinos
Do sol apenas nado auri-tingido,
Inda sepulta em trevas a floresta!
Eu o vi, e asylou-me a sua sombra...
Honra do valle, inveja das montanhas,
Para que no Eden fosses transplantado
Cobiçosos os anjos te roubaram;
Que no valle das lagrimas não vinga
Planta que é do céo. Foi em teu seio
Que tambem, Nictheroy, meus olhos viram
Pela primeira vez a côr dos bosques,
E o azul dos céos e o verde-mar das aguas;
Tambem sou filho teu, oh minha patria,
E o melhor dos amigos hei perdido,
Da minha guarda o anjo... eia, deixemos
Amargurado pranto deslisar-se
Por faces onde o riso só folgara.
Que elle mitigue dor que não tem cura!
Eu disse; e magestosa e bella ergueu-se
A princeza do valle... eil-a que os olhos
Crava nos céos e aos céos as mãos levanta;
De tanta desventura enternecida
A viração da tarde parecia

Com ella suspirar, gemer-lhe em torno,
As luzidias tranças espargindo-lhe
Pelo moreno collo tão formoso;
O sol já descambava p'ra o occidente,
E em cima das montanhas semelhando
Um cirio acceso pela mão dos seculos
A fronte illuminava-lhe: dirieis
Que da maternidade o genio augusto,
Ante do Eterno as aras magestosas,
Que a natureza por si mesma erguera,
Sobrepondo a montanhas altos serros,
Lenitivo a seus males implorava.
— Oh! que mais lhe restava no infortunio,
Senão volver p'ra o céo olhos maternos,
Para o céo, derradeiro, unico abrigo
Onde a esperança de vel-o se acoitava!
Mais infeliz que Agar pelo deserto,
Nem ao menos podia consolal-a
Um magico lampejo de esperança,
Nem ao menos dizer entre suspiros,
Lagrimas: Não verei morrer meu filho...
Ralado o peito de amarguras cento,
Ouvi que ella dizia:
— Oh! meu filho,
Entre milhares, filho mais prezado,
Oh! meu anjo, porque me abandonaste?
Ainda hontem pendente de meio seio
Com sorrisos aos beijos respondias
Que amor de mãi nos labios te arroiava.
De mil aromas perfumada a brisa
Embalava teu berço na palmeira,
E as rosas das campinas desfolhavam-se,
Porque teu vimeo leito amaciassem;
Oh! de meus filhos, filho mais presado,
Oh! meu anjo, porque de abandonaste?
Ao donoso raiar da juventude
Vi-o mais bello do que o sol de julho,
Que, desfeita a neblina, alto resplende!
De loiro mel os labios borrifou-lhe
Mimosa jatahy; branca açucena
Mais candida não era que seu peito,
Puro como os desejos da innocencia!

Ingenua sympathia lhe esparzira
Um não sei que de amavel no semblante,
Que vêl-o era presal-o ; a fronte augusta
Trahia o genio que alma lhe incendia...
Oh ! de meus filhos ufania e gloria,
Oh ! meu anjo, porque me abandonaste ?
Nunca mais o verei ? meu Deos, a morte
Pode dos braços arrancar maternos
O filho amado ?... nunca ; mas que é d'elle,
Que é feito do condor que o vôo ardido
Arrojava por cima d'estes Andes ?
Dos céos nas sendas transviou-se acaso ?
. . . . Ai ! quão triste,
Quão sózinha deixou-me na floresta,
Gemendo de saudades !... Vem, meu filho,
Consolo de meus males, minha esp'rança ;
Oh ! meu anjo, porque me abandonaste ?
Tal como o rouco som das rôtas vagas
Que contra as penedias bramam furias,
Confuso borborinho ao longe echoa
De gente que aproxima : Eil-os meus filhos,
Seus semblantes são pallidos, o genio
Lampeja nos seus olhos sintillantes.
— Marchai avante, prole de esperança,
A' gloria, á gloria que o futuro é nosso...
Mas que é delle ? não vai na vossa frente...
Oh ! que é feito do rei da mocidade,
Tupá, Tupá, ó numen de meus pais ?
Qual magestoso Chimborazo esbelto,
Alcantilado collo d'entre os picos
Dos desvairados Andes, oh ! meu filho,
Em meio dessas turmas avultavas.
Inda altaneiro affronta o rei dos montes
Da tempestade as furias que eu embalde
Por deshumanos valles, bosques, grutas
Desp'rançada te busco, e só responde
Rouca voz do deserto aos meus clamores,
Que vai echos no valle reboando...
O' sol brilhante, ó numen de meus pais,
O' Tupá, ó Tupá que mal te hei feito ?
Não guiarei a turma das donzellas,
Quando chorêas rapidas tecendo,

Por princeza dos jogos me acclamarem.
— Minhas irmãs, eu lhes direi, deixai-me
Na soidão lamentar minhas desgraças.
Sem dó, nem compaixão, roubou-me a morte
Do meu cocar a penna, mais mimosa,
A joia peregrina de meu cinto,
O lyrio mais formoso das campinas,
O lume de meus olhos! Oh! meu filho,
Inda canta a araponga, e o rio volve
Na ruiva areia a lobrega corrente;
Inda retouca a larangeira a coma
Verde-negra de flores alvejantes,
E tu já não existes! — Sol brilhante,
Numen de meus pais, que é do meu filho?
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
Primeiro volverãõ sec'los e seculos
Que outra palmeira tão gentil se ostente
Nestas florestas altas, gigantescas!
A tempestade se erguerá bramindo
Nessa dos Orgãos serrania immensa,
E, ai de mim! não terei onde asylar-me!
Nas brenhas silvarão mosqueadas serpes,
E, ai de mim! não terei quem me defenda!...
... Como estalaram tantas esperanças
Em um momento de dôr? — Eia, dizei-m'o,
Erguidas serras, broncas penedias...
O' numen de meus pais, ó sol brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito?
Não póde mais dizer... por d'entre as matas
Como um sonho, ligeira a vi sumir-se.
E o ôco som das vagas nos cachopos,
E o sibillo dos ventos nas florestas,
E o echo d'estes valles, das montanhas,
A modo qu'em um côro magestoso
Inda as ultimas queixas repetiam:
O' numen de meus pais, ó sól brilhante,
O' Tupá, ó Tupá, que mal te hei feito? » (1)

Esta poesia é uma das mais authenticas manifestações do genio brasileiro. Ha ahi uma tão profunda alliança entre as crenças christans e as tradições indigenas, e essa alliança se

(1) *Minerva Brasiliense.*

traduz tão espontaneamente diante da natureza americana, que ahi influe tambem como actora, que é impossivel desconhecer que se está diante de um producto *sui generis*, que a musa europea seria incapaz de produzir.

Aquella personalisação da natureza tropical sob as fórmas de uma *selvagem* que chora um filho *civilisado;* aquelle prantear *fetichista* por um *christão* ; aquelles appelos a *Deus* e aquellas supplicas a *Tupá*, tão naturaes, tão intimamente ligadas, mostram bem nitidamente que no espirito de Rodrigues Silva tinham-se fundido as duas almas de que em grande parte descendem os brasileiros.

O poeta era um d'esses *mestiços moraes* de que falei a proposito de Gregorio de Mattos. O nosso romantismo nacionalista foi estimulado, entre outras causas, por esses magestosos versos.

Gonçalves Dias já encontrou mesmo em seu tempo o caminho aberto. Como força differenciadora em nossa evolução litteraria Firmino Silva pesa mais com aquelles poucos versos, do que algumas duzias de certos paspalhões com seus indigestos cartapacios.

E' certamente d'esta ultima classe a *Festa de Baldo* de ALVARO TEIXEIRA DE MACEDO. (1807—1849).

A vida d'este poeta e diplomata corre por ahi bem contada. (1) A *Festa de Baldo* mereceu grandes elogios de Varnhagen, Wolf, Antonio Joaquim de Mello, Pereira da Costa e muitos outros. Creio não haver motivo para tamanho enthusiasmo.

Como espelho de um espirito e como retrato de uma épocha, o livro é de uma mediocridade pavorosa. Como documento psychologico e como documento social, os dous maiores criterios da historia litteraria, o poema é sem prestimo. O auctor se revela um espirito de pouca imaginação, sem recursos de fórma, sem espirito atilado de analyse, sem a força humoristica e satyrica dos bons poetas do genero comico.

(1) *Diccionario Biographico de Pernambucanos Celebres*, por F. A. Pereira da Costa, Recife, 1882.

O enredo do poema é desengonçado, cheio de enormes falas dos personagens, quasi tudo de uma futilidade pasmosa.

As situações são falsissimas. Trata-se de uma mulher, apresentada como séria, que briga com o marido, e foge de casa, por lhe não querer este consentir n'um banquete que ella desejava dar aos amigos no dia anniversario do casamento de ambos. Sem esforço o pai da heroina arranca o consentimento do birrento marido, e, tal é a alegria do desfrucfavel casal, que, ao apresentar-se-lhes no dia da festa um grupo de amigos para os saudar, o homem fica em tal alvoroço, que em vez do bonet, ou barrete, ou gorro, põe na cabeça uma cesta de costuras, e a mulher em vez de tomar um vestido apparece metida no chambre do paspalhão do consorte!

Simplesmente semsaborão é isto :

« E assim dizendo Cleto, pressuroso,
Confuso, cheio de transporte, tira
Do leito uma coberta em que se involve,
E de cima da mesa, por engano,
Em lugar do casquete que procura,
Apalpa da consorte uma cestinha,
Contendo alguns novellos e cadarços,
Varios trapos, aparas de costura,
Pondo tudo, sem ver, sobre a cabeça.
Dona Clara, tambem nestes enganos
Cahindo, pelo enlevo de sua alma,
Os hombros vai cobrir c'o largo chambre
Do agitado escrivão que o não achára.
Ambos, assim, compostos, se apresentam
A' janella do quarto, sobranceiros
Ao grupo musical que os esperava. »

Isto é o velho genero *ennuyeux*, é a poesia prosaica.

N'uma litteratura mais rica, nem se faria menção de producto tão negativo como a *Festa de Baldo.*

As scenas, costumes e typos populares são falsos e friamente pintados. Nenhuma figura tem relevo ; nem o vigario, nem o mascate, nem o escrivão, nem o mestre-escola.

As censuras politicas profusamente espalhadas em todo

o poema tem o ar de uma impertinencia burgueza, superficial e monotona.

Ex :

« Em pequenas distancias, a pé firme,
Varios grupos ficaram reunidos,
Conversando entre si devidamente
Se o thema contemplado era sciencia,
Ou arte rasoavel, definida,
Aquelles que falavam pareciam
Circumspectos, civis, e comedidos,
Ouvindo com attenção; e cortezia,
Cedendo, quando a força do argumento
Continha convicções bem ponderadas.
Se o assumpto, porem, era politica,
Vaidosa profissão de certa gente,
Que se occupa do Estado, e do Governo,
Não sei que geringonça de máo toque
Se ouvia proferir de muitos labios,
E não sei duvidoso como pinte
O complexo de phrases e sentenças,
Dos grandes palavrões, da muita audacia,
Dos ares, e donaires de tal gente.
Gente, que tanto fala, e pouco escuta,
Gente, que escuta mais do que devera,
Gente, que mais esquece, do que lembra,
Gente inconstante e má que aos povos hoje,
Umas vezes dá cr'oa soberana,
E mil outras condemna a vil desprezo ;
Gente, que até dos thronos vai fazendo
Náos de viagem, das rainhas fusos,
E dos reis seus discip'los de oratoria!
Gente, emfim, que p'ra tudo é convidada,
E que Baldo pedio fosse ao festejo. »

De todo o poema é este arrazoado plebeo contra a politica o fragmento mais digno de ser citado. Decididamente havemos sido infelizes no genero humoristico e satyrico.

A sociedade e a raça fornecem a explicação. Quanto á ultima, apezar de Almeida Garrett haver ingenuamente dito ser o povo portuguez o mais espirituoso da Europa, não passa

isto, creio eu, de uma pretenção. O facto veridico é que Portugal nunca possuiu um grande poeta satyrico, um grande poeta comico, um grande poeta humorista.

Quanto á sociedade, não tem ella ainda aquella complicação, aquella trama enrediça de interesses que hajam inspirado as grandes tensões do espirito, os dissabores publicos, as luctas pungentes e tambem o riso reflexo e o escarneo como producto espontaneo do meio moral.

Alvaro de Macedo perdeu o tempo ; seu livro tem vicio de origem ; é de um rachitismo inviavel.

José Maria do Amaral. Nascido em 1812, foi diplomata e monarchista conservador, e muito mais tarde republicano estremado. Este illustre velho, fallecido em 1885, espalhou o seu pensamento por diversos jornaes e periodicos. Desde os tempos da Regencia foi mais ou menos assiduo na imprensa; o *Correio Mercantil*, o *Correio Nacional*, o *Espectador da America do Sul*, a *Opinião Liberal*, o *Jornal da Tarde*, o *Globo*, publicaram artigos seus. Além de jornalista politico, foi poeta. Não deixou livros impressos.

Homem de espirito inquieto e paixões ardentes, passou por muitas tempestades.

O que havia de tumultuario em sua alma tomou a fórma de paixão politica. D'ahi certa animação de seu estylo na prosa dos artigos jornalisticos. O que n'elle havia de doce e amoravel exhalou-se n'um lyrismo suave e meigo.

Educado pelo soffrimento real e positivo, sua melancolia foi verdadeira e digna de respeito. *Mœstus sed placidus*, este titulo de um soneto seu, póde ser tomado por sua divisa. Ha todas as provas de que o velho era sincero, quando falava em suas tristezas :

« Tristezas de minha alma tão sentidas,
Que sois doces memorias do passado,
Do tempo já vivido, e tão lembrado,
Inda me daes as horas já perdidas !.

Horas de tanto bem, tão bem vividas,
Quando vivi feliz e descuidado,
Sejam ao coração desenganado
Sonhos que enganem dores tão gemidas.

Tem hoje o meu viver tal agonia,
Que é doçura a tristeza da saudade,
E a saudade do tempo é poesia.

Flores da quadra sois da mocidade,
Minha velhice em vós se refugia,
Tristezas de minh'alma em soledade... »

Como expressão da melancolia verdadeira este soneto é um dos mais estimaveis documentos em lingua portugueza.

No poeta fala a *poesia do passado*, a saudade, a restitituir-lhe as *horas já perdidas.*

José Maria do Amaral passou por diversas phases e atravessou diversas doutrinas. Homem estudioso, acompanhou mais ou menos o movimento de seu tempo, e as suas velhas crenças esboroaram-se. Mas, como em certas circumstancias atrozes do homem desapparecem todas as douraduras que a civilisação lhe sobrepoz e de subito surgem os instintos puramente selvagens, em certas naturezas desnudadas pelo scepticismo brotam de um sôpro, de quando em vez, as velhas e primitivas crenças.

E' isto assim, sobre tudo n'aquelles para os quaes a poesia é a recordação de um mundo esvaecido.

O seguinte soneto é uma prova eloquente deste facto :

« São n'esta vida certas as tristezas,
Teve-as o proprio Christo, e teve dôres !...
Duram sorrisos o que duram flôres...
Mundo, que és tu?... Caminho de incertezas.

Em peito humilde, e em peito de princesas
Nascem magoas tão cheias de rigores
Que a mão da morte então é mão de amores
Mirrando as almas de taes dores presas.

De quantas mortes d'alma não morreste
Na morte atroz do filho teu divino,
O' virgem pura, que de dôr viveste !

Virgem ! seja de fé a ti um hymno
A dôr de um pai afflicto ; tu soffreste,
Seja a teus pés bemdicto o meu destino. »

Este brado de dôr foi arrancado ao poeta pela morte de uma filha que se afogára.

E' a mesma situação de Victor Hugo em algumas poesias das *Contemplações*.

Os seguintes versos exprimem ainda o mesmo sentimento :

« Passaste como a estrella matutina,
Que se some na luz pura da aurora ;
Da vida só viveste aquella hora
Em que a existencia em flôr luz sem neblina.

Vêr-te e perder-te ! De tão triste sina
Não passa a magoa em mim, antes peióra ;
Sem vêr-te já, minh'alma inda te adora
Em triste culto que a saudade ensina.

Não vivo aqui ; a vida em ti só ponho,
Na fé, de Christo filha, a dôr abrigo,
Futuro em ti no céo vejo risonho !

N'este mundo, meu mundo é teu jazigo ;
Dizem que a vida é triste e falaz sonho,
Se é sonho a vida, sonharei comtigo. »

Amaral é a antithese de Maciel Monteiro. Este era essencialmente aristocrata ; procurou a diplomacia em meio da vida para divertir-se, e n'ella morreu. Talentoso ; mas frivolo. Aquelle foi diplomata no principio de sua carreira ; retirado e *un peu farouche*, foi no fim da vida um republicano ardente. Pouco brilhante, porem sincero. Vivia pela subjectividade.

Mesmo em pinturas da natureza exterior apparecem-lhe as preoccupações intimas, a vida do espirito.

Eis como descreve uma das scenas mais fulgentes de toda a terra, uma *Manhan em Petropolis :*

« Que dourada manhan, que luz mimosa
Envernisa dos campos a verdura !
Que aura cheirosa e cheia de brandura !
Será, quem sabe, o respirar da rosa?

Doura-se em luz a serra magestosa,
Das flôres leva a Deus a essencia pura:
Dos passaros nos sons com que doçura,
Canta a floresta antiphona maviosa!

D'alma em ternura a ti sobem louvores,
Bemdicto Creador da natureza!
Quem vê sem te adorar tantos primores?

Que humano rosto em si tem tal belleza?
De qual belleza nascem mais amores?
E quaes amores têm tanta grandeza? »

Poucas litteraturas são tão ferteis em productos de falsa tristeza, de sentimentalismo affectado como a brasileira.

E' a razão pela qual um punhado de poesias que nos ficaram de José Maria do Amaral constituem uma região a parte em nossas letras. No meio d'uma multidão de carpideiras pedantemente desgrenhadas, surge a figura verdadeiramente sentida, pungentemente convicta do velho soffredor.

Eis como responde a um amigo que lhe dirigira uns versos enthusiasticos :

Se voz christan em tom harmonioso
Dos mortos á mansão seu hymno envia,
Rompe talvez da morte a lethargia,
O espectro acorda quasi esperançoso!

Do teu benigno metro, tão piedoso
Minha descrença ouviu a melodia;
A fé quasi sorriu quando te ouvia!
Deu ao mundo um olhar quasi saudoso!

Desertas ruinas onde reina a calma
Têm na tristeza graça e têm doçura
Se ao pè lhes nasce esbelta e verde palma:

Assim teu canto de christan doçura
E', nos ermos sombrios de minh'alma,
Rosa que enfeita velha sepultura!... »

Aqui a solidão d'alma do poeta já é quasi completa e a voz amiga é como prece em ara abandonada, flôr silvestre em

bronca sepultura. No *Desengano* assiste-se ao desfolhar de suas esperanças, ao anoitecer de suas crenças, ao desmoronamento de suas phantasias :

« Uma por uma, da existencia as flores,
Se a existencia que temos é florida,
Uma por uma, no correr da vida,
Fanadas vi sem viço e vi sem côres.

Sonhos mundanos, sois enganadores,
Alma que vos sonhou, geme illudida,
Existencia, de flores tão despida,
Que te fica senão tristeza e dores ?

Do mundo as illusões perdi funestas,
Ao noitejar da idade, em amargura,
Esperança christã, só tu me restas !

Fujo comtigo d'esta vida impura,
Nas crenças que tão mystica me emprestas
Transponho antes da morte a sepultura. »

E' triste e, comtudo, o poeta ainda então se alimentava do mysticismo christão.

O despedaçar das crenças prosegue, ainda que não chegue a um termo radical. O leitor acompanhe-me n'esta viagem a través de um espirito. A viagem é dolorosa, porém instructiva. Em *Tristeza amarga* dá-se um passo mais.

O poeta, apezar de sua antiga esperança, vê diante de si a figura gelida e pavorosa do nada eterno, e apezar do seu *animo forte*, segundo sua propria expressão, sente-se amargamente apavorado :

« Não chames sonhos a tristeza e dores
Do coração que chora a mocidade,
Na tarde triste da tristonha idade,
Que é tronco sêcco onde morreram flores.

Sonhos não são ; nem são já sonhadores
Os que da vida sabem a verdade ;
Dor pungente e real é a saudade
Do tempo em que de nós fomos senhores.

Nossos não somos já, senão da morte,
Quando entre o mundo está e a sepultura
Em phase derradeira, a nossa sorte ;

Quem póde então lembrar, sem amargura,
Tenha embora o vigor do animo forte,
Que vai da vida a luz ser noite escura ! »

Amaral passou os ultimos annos de sua atribulada existencia na mais angustiosa das situações do espirito. Romantico idealista, religioso e crente por indole e educação, viveu feliz no começo de sua carreira. Mais tarde graves desgostos intimos assediaram-no. Todo ideialista, ferido de morte n'aquellas crenças e predilecções que são como a carne e os ossos de sua propria vida, ou aferra-se cada vez mais em sua intuição, ou precipita-se n'esse estado de vacillação, n'essa lucta de duas almas que se combatem, n'esse cambalear constante, que constitue a forma mais pavorosa do scepticismo. Romper de uma vez com o passado, riscal-o da memoria, apagal-o do sangue, amputal-o da vida é quasi um impossivel. Raros o terão conseguido; e Amaral não foi d'este numero.

Uma outra circumstancia veio complicar-lhe ainda mais a situação psychologica : depois de velho, depois de mais de sessenta annos de christianismo ideialista, Amaral foi abalado pelo sopro violento das ideias positivas. Já ferido no côto d'aza de suas phantasias pelos desgostos intimos, ainda mais perturbado ficou. Assediado de duvidas, mergulhado em desespero mental morreu o pobre velho.

No *A que vim ?* acha-se pintada essa situação :

Quando triste me ponho a cogitar
Na vida cujo sol se me vai por,
Procuro em vão da juventude a flor
Que secca se esfolhou sem fructo dar.

Tento de balde o enigma decifrar,
Que em nós compoz de nosso ser o autor ;
Nosso viver tão cheio de amargor
Que gloria ou bem a Deus póde prestar ?

Da morte o somno eterno vou dormir;
Se d'elle em melhor mundo não me erguer,
Acabo sem saber me definir.

Que vim fazer no mundo? Vim viver;
O que é viver? affirmo sem mentir
Que é rir, gemer, brigar para morrer. »

Não morreu como christão nem tão pouco morreu como materialista. Acabou envolto em duvidas e desillusões.

Angustiosa situação em verdade.

Se eu quizesse filiar o espirito do nosso democrata como poeta no espirito de alguem, esse havia de ser o velho inconfidente Claudio da Costa. Ha n'estes dous homens alguns pontos de contacto na vida e pelo lado mental similhanças profundas. Em ambos a poesia lyrica é uma revivicencia de uma qualidade ethnica; em ambos o lyrismo tem aquella forma e aquelle sabor do velho lyrismo portuguez de bom quilate.

Amaral não exerceu uma influencia profunda na poesia brasileira, porque, passando os melhores annos de sua vida fóra do paiz, muito poucas publicações litterarias fez entre nós. Elle poderia ter sido o genuino introductor do romantismo no Brasil. Nenhum dos poetas nacionaes de seu tempo teve em mais alto gráo aquella doçura, aquella delicadeza de impressões, nem aquelle vago do pensamento e aquella embriaguez do desconhecido extravasados em linguagem ondulante e caprichosa, ninguem mais do que elle teve aqui esse distinctivo romantico.

Foi um digno companheiro de Garrett; e d'este poeta ficou-lhe, qual monodia d'estranhos mundos, esse prazer das solidões selvagens da natureza e especialmente das vastidões interminas do mar...

« Longe por esse azul dos vastos mares,
Na soidão melancholica das aguas,
Ouvi gemer a lamentosa alcyone,
E com ella gemeu minha saudade. »

Assim disse o poeta portuguez n'estes versos dos mais

bellos de nossa lingoa ; o poeta brasileiro tem alguma cousa de similhante na *ouvertura* do poema *Zeroni :*

« Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma,
No inquieto balouçar de inquietas ondas
Vamos da vida sacudir os nojos.
Solta o velame, nauta, aos sôpros d'alva,
Acima o ferro, ao horisonte a prôa.

Leva-me longe a errar por essas aguas,
Abre-me a vastidão que as brisas correm,
Quero entornar minh'alma em tanto espaço,
Quero em tanta grandeza engrandecel-a.
Nem patria o bardo tem nem tem amores ;
Canta como alcião, como elle vôa
De vaga em vaga ás bordas do infinito,
De brisa em brisa esfolha a vida em hymnos.
A' terra um só adeus, partamos, nauta,
Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

Longe d'aqui, bem longe, a estranhos climas
Levai-me, ó brisas, revelai-me a terra.
Desponta a vida, e a luz de tal aurora
Do mundo as vistas doure ao bardo errante.
D'entre mares e céos sôlta nos ermos
Aprenda a mente os sonhos do infinito...
Que vale a vida aqui ? E' dor ou tedio ;
E' doce sonho a dôr quando adormece
Ninada ao brando susurrar das ondas.
Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma.

Amo a tristeza immensa desses mares,
Que as chiméras sublima da existencia,
Se de nobres paixões são flôres puras.
Quero na pia enorme do oceano,
N'essas aguas sem fim, sombra dos céus,
Padrinho Deus, a solidão madrinha,
Baptismo excelso dar na fé dos bardos,
A' mystica visão que occulto n'alma.

Salve, prefacio augusto do infinito,
Coetaneas do cahos, aguas sagradas,
Que o verbo creador a Deus ouvistes,
Quando da mente lhe nascia o mundo!
Tu, magno vate de tristezas magnas,
Das procellas do céu cantor sublime,
Velho oceano, rei das solitudes,
Nos ermos teus abriga, em ti sublima,
Esta tão grande dôr, que em ti só cabe!
Berço onde vida e penas me nasceram,
Serras patrias, adeus! Partamos, nauta,
Aos mares outra vez, vamos aos mares,
Nas vagas embalar os sonhos d'alma. »

N'um paiz, como este, onde a affoiteza das ideias e a embriguez da liberdade são partilha da primeira mocidade, são um fructo da *quadra academica*, o exemplo de José Maria do Armaral, depois de velho, atirar as cartas em cima da mesa e mostrar todo o seu jogo, não é phenomeno vulgar. O ancião revolucionario actuou como força no seio da democracia brasileira. Sua figura tende a tornar-se cada vez mais accentuada, e desde hoje se pode definitivamente affirmar que o poeta occupa um logar de honra em nossa historia litteraria. O jornalista não foi tão illustre.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

LIVRO I

Factores da Litteratura Brasileira

LIVRO II

Primeira epoca, ou periodo de formação (1500-1750)

LIVRO III

Segunda epoca, ou periodo de desenvolvimento autonomico (1750-1830)